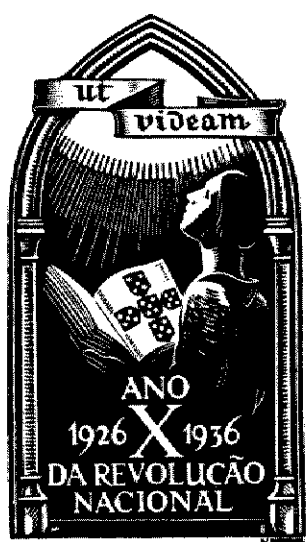


1426

1426

REVISTA LUSITANA

enc. 280 (Pedro)



REVISTA LUSITANA

Archivo de estudos philologicos e ethnologicos
relativos a Portugal

PUBLICADO

com a collaboração dos especialistas portugueses
e a de alguns estrangeiros

POR

J. LEITE DE VASCONCELLOS

Professor do Curso de bibliothecario-archivista
e Conservador da Bibliotheca Nacional de Lisboa

VOL. VII

LISBOA
ANTIGA CASA BERTRAND



PORTO

Typographia A. F. Vasconcellos, Successores

Rua de São Noronha, 54

OBSERVAÇÕES

SOBRE

ALGUNS TEXTOS LYRICOS DA ANTIGA POESIA PENINSULAR

I

O «ROMANCE DE LOPE DE MOROS»

Aos escassos restos da antiga litteratura peninsular que os românicos conheciam, veio juntar-se inopinadamente em 1887 um curto poemeto castelhano, a mais de um respeito interessante.

Esse texto archaico, composto de 259 versos octonarios, muitissimo irregulares, com rimas pareadas, na maioria consoantes, conservado num ms. parisiense do sec. XIII, e talvez da sua primeira metade, foi logo publicado pelo chefe dos hispanistas francezes ¹.

A edição de Morel-Fatio é critica. Acompanhada de uma introdução e um fac-simile, tem numerosas e importantes notas, relativas em parte aos assumptos, em parte ás difficuldades da leitura e ao estado de deturpação em que o texto se acha, infelizmente ². E desde então para cá tem continuado a occupar especialistas de varias nações. Só Portugal, de todos os paises romanicos talvez aquelle a quem mais de perto tocam algumas das questões por elle suscitadas, ainda não contribuiu com estudo algum á sua justa apreciação.

Curioso como documento archaico e pelo valor artistico, é-o muito mais por duas particularidades. I.º Quanto á fórma, por certos cambiantes dialectaes da linguagem que caracterizam o clérigo que o ideou, ou o copista cujo treslado possuímos, como aragonês, na opinião

¹ Não me occupo de um opusculo em prosa (paraphrase do *Decalogo*) que se acha no mesmo manuscrito, e foi publicado conjuntamente com o *Romance*.

² *Romania* XVI, 364—382: *Textes Castellans Inédits du XIII^e siècle* — I. Poème d'amour. — II. Débat du vin et de l'eau, en vers. — III. Les dix commandements avec commentaire à l'usage des confesseurs.

quasi consentanea dos criticos. 2.º Quanto ao assumpto, pelo peregrino ou cerebrino enlace de dois themas completamente diversos e desconexos, sendo um, predilecto dos trovadores aristocratas do Occidente, e o outro, um thema vulgar e internacional da poesia profana de goliardos e jograes. Uma idyllica scena de amor cortêsão, cheia de suave e elegante lyrismo; e um *Conflictus* realista, disputa vehemente de praça publica ou taberna, entre duas entidades abstractas que são a Agua e o Vinho.

Eis a trama, na sua pureza:

Num preambulo (v. 1-10) o poeta dirige-se a um auditorio, antes positivo do que ideal, define o argumento como *razon d'amor*, e faz a sua apresentação. Sem indicar o seu nome, recommenda-se como escolar, de boa estirpe, que adquiriu finas maneiras palacianas, viajando lá fóra, na Italia, França e Allemanha. Em seguida, o que «sempre donas amou» narra — fallando na 1.ª pessoa — uma sua aventura, gabando-se, sem franqueza cynica, da paixão que havia inspirado, de longe, a uma bella dama, graças á sua *expertise* cortesan e liberalidade, mas especialmente ás artes de ler, cantar, e trovar que cultivava. Da escripta — tão essencial para a remessa das cartas e cantigas que acompanhavam os presentes — nada diz. E para que? se já havia manifestado o seu officio de *clerigo vagante*?

Na estação primaveril acha-se num vergel florido.

En el mes d'abril, depues yantar,
Estava so un olivar (v. 11-12).

Chegado a uma fonte, deleitado pela frescura do sitio e pelo cheiro das rosas, prepara-se a cantar — *de fin amor* — não sei se compondo uma canção nova, ou entoando outra velha. (37-55). Eis senão quando vê assomar uma dama que se dirige ao sitio onde está. Colhendo flores, exhala os seus sentimentos em versos sonoros, repassados de ternura, e descobre os segredos do seu coração a nós... e ao poeta escondido (56-78).

Ay meu amigo,
Si me veré yamas contigo? (79)

Namorada e com saudades do nosso clerigo e poeta, que nunca avisára, tem ciúmes de outra donzella que lhe quer bem,

Mas s'io te vies' una vegada,
A plan, me queryes por amada (96-97).

O poeta levanta-se e conduz a dama á sombra da oliveira. Segue uma conversa intima entre os dois (98-184). As alfaias galantes que trazem sobre si — uma cinta bordada que a senhora mandára ao escolar, em troca de um anel, umas luvas, um capello ou sombreiro, e um col-

lar (ou coral?) que esse lhe havia enviado por um mensageiro ¹ — levam ao reconhecimento mutuo dos dois amantes, e a uma explosão ingenua de jubilo da parte da dama:

Dios sen[n]or, a ti loa[do]
Quant connozco meu amado!
Agora é tod[o] bien [connigo]
Quant connozco meu amigo! (130-133).

O idyllie acaba um pouco abruptamente com a saída da dama e o desespero do escolar:

Deque ² la vi fuera del uerto
Por poco non fuy muerto. (146-147).

Como se vê, omitti neste resumo uma parte: os versos 13 a 36. Mettido entre o preambulo e a aventura, immediato ao distico descriptivo, ha um trecho em que se falla de dois vasos, suspensos ou antes pousados numa arvore fruteira, aparentemente no mesmo horto em que se passa a entrevista entre o clerigo e sua namorada, e ahí collocados pela dona do horto, em beneficio do amante por quem esperava ou ansiava! Um, de prata, cheio de vinho; outro, cheio de agua.

No fim (149-162), depois de a dama se ter retirado (e note-se bem, sem que o gentil par tenha apagado a sua sêde com os refrescos que estavam ao seu alcance) torna a fallar dos yasos. O clerigo tenciona dormir, sendo estorvado no seu intento por uma pomba que se aproxima da fonte e entorna a taça de agua sobre a de vinho, desastre que provoca a briga entre os dois liquidos (163-262). Esta Segunda Parte da obra principia:

Aquis copiença a denostar
El vino y el agua a ma[l]levar ³,

e consiste numa tenção, controversia, disputa, altercação, conflicto, de-nuesto, litigio, pleito — ou o que quer que seja — pequeno drama, finalmente, entre cujas componentes o escolar mette apenas, de longe em longe, um traço de união, *mas nunca na 1.^a pessoa*.

No fim ha um remate duplo, em castelhano e em latim, ambos de teor convencional. O primeiro diz:

Mi rrazon aqui la fino
E mandat nos dar vino —

¹ Naquelle epoca, os jograes serviam de *Trotaconventos*.

² No ms. ha *queque*.

³ A respeito do verbo *mallevar*, corrigido por Morel Fatio para *ma[u]levar*, veja-se mais abaixo a nota relativa ao verso 164.

pedido expresso no sec. XIII mais de uma vez por poetas, *joculatores*, copistas, e pre-leitores ¹. O segundo contém um nome:

Qui me scripsit scribat,
Semper cum Domino bibat.
Lupus me fecit de Moros ².

Como a moldura que enquadra as duas scenas é uma só, sendo absolutamente igual o estylo, a linguagem, o methodo de ambas, não é facil reconhecer os logares onde ha sutura.

A disparidade entre os assumptos, tão caprichosamente fundidos, levou Morel-Fatio a partir o texto em dois. Conservou todavia intactas no logar indicado, como se formassem partes integrantes do gracioso idyllio, as duas passagens alludidas sobre os vasos de agua e vinho. D'este modo, o Idyllio conclue, na impressão, com o verso

Vertios el agua sobrel v[i]no,

e fica sendo a parte mais extensa (1-162).

A essa primeira metade deu o titulo *Poema d'Amor*. A' contenda entre os liquidos personificados (163-262, contando o *explicit*) chamou *Debate entre o Vinho e a Agua* ³. A denominação foi escolhida por ser usual em varios outros poemas medievaes de clerigos «vagantes», em latim e francês, os quaes elle compara com o texto hespanhol, por apresentarem muitos traços em commum, embora nenhum se possa designar como modelo directo do poeta peninsular ⁴.

¹ Morel-Fatio cita o *explicit* do *Poema del Cid*: *Dat nos del vino si non tenedes dineros*, e um verso do clerigo Gonçalo de Berceo, em que declara merecedor de um vaso de vino a sua prosa sobre San Domingos de Silos (estr. 2). Na excellente edição de R. Menendez Pidal os ultimos versos do *Poema de Cid*, tratados com reactivos, dizem:

En este logar se acaba esta Razon. (R = rr).
Quien escriuió este libro del Dios parayso, amen!
Per abbat le escriuió en el mes de mayo,
En era de mill e CCXLV años; (el) el Romanz
Es leydo, dat nos del vino; si non tenedes dineros, echad
[A]la vnos peños, que bien vos lo dar(ar)an sobrelos.

² Desde já direi que taes remates em latim são em geral obra do scriba. Confira-se no ms. de Berceo a clausula *Hic liber est scriptus Qui scripsit sit benedictus*. No fim do *Libro de Alexandre*, do mesmo Berceo: *Finito libro reddatur sena magistro*, depois de uma estrophe inteira em castelhano, acrescentada pelo copista Johan Lorenzo, clerigo, natural de Astorga. No fim do *Libro de buen amor* do Arcipreste de Hita: *Laus tibi Xpriste. Quem liber explicit iste—Alfonso peratinen*. No fim do *Libro de los Reyes de Oriente*: *Finito libro sit laus gloria Christi*.

³ Foi pena que em vez de numerar os versos de 1 a 262 (ou antes 263) o editor começasse a contar novamente os do Poemetto II. — Entre 65 e 66 (228) deixou de contar o verso incompleto *Por Dios dixo el vino*.

⁴ As composições utilizadas são as seguintes, por ordem chronologica:

1.º *Confictus Vini et Aquae*, impresso por E. Du Méril, *Poésies Inédites du*

Quanto ao idyllio, nota o facto innegavel que o auctor conhecia e imitava livremente *pastorelas* de trovadores do Sul e Norte da França. Não aventa conjecturas sobre o imitador. Apenas estabelece que a obra bi-partida foi composta ou tresladada por um navarro-aragonês, quer isso fosse na península, quer no Meio-dia da França, onde foram escriptos os Sermões em latim que formam o conteúdo principal do MS. Parisiense n.º 3.576.

Em duvida sobre as intenções do auctor, classifica a sua estranha miscellanea como combinação voluntariosa de dois modelos estrangeiros, executada por um poeta pouco experto que não sabia bem como havia de proceder; e considera o incidente dos vasos e da pomba como thema de transição por elle inventado.

*

Pouco depois, D. Marcelino Menendez y Pelayo tornou conhecida em Hespanha a Parte I, reproduzindo-a, á testa da sua *Antologia* ¹, sob a epigrapha *Aventura amorosa*, de um Anonymo do seculo XIII. Cingindo-se ao parecer do primeiro editor, cujas correções e interpretações adopta ², não exclue naturalmente os dois trechos que encaixam o Idyllio no Debate. Nas palavras sobre a importancia litteraria d'est'ultimo ha porém novidades ³. Se o predecessor, impressionado com a gentileza lyrica do poemeto e notando o sabor mais proven-

Moyen Age, Paris, 1854. — Está tambem na notavel collecção dos *Carmina Burana*, p. 232 do vol. XVI das publicações de Stuttgart.

2.º *Disputoison du vin et de l'eau*, publicada por Jubinal, *Nouveau Recueil de contes, dits, fabliaux*, vol. I, 293 (1839), e tambem por Thomas Wright, *The latin poems commonly attributed to Walter Mapes*, p. 299 (Londres, 1841).

3.º *Débat du vin et de l'eau*, por Pierre Jarnac, publ. por A. de Montaiglon, *Recueil de poésies françoises du XV^e et XVI^e siècles*. T. IV. p. 103.

4.º Uma poesia popular, collhida no Forez por M. V. Smith. — *Romania* XV, 596.

5.º *Pleito y desafio que tuvo el agua con el vino* — copiado por Wright, 306, sobre um *Pliego suelto* do sec. XVIII, citado por Duran no *Romancero I* p. XCII.

Os dois que citei em primeiro logar são antigos; o poema latino é de principios do sec. XIII, o francês de fins do mesmo seculo.

A. Morel-Fatio deixou de mencionar outro poema, que se lê na collecção de Wright (p. 87): *Goliæ dialogus inter aquam et vinum*, talvez de proposito, porque se affasta um pouco do typo commun. A scena passa-se no ceo deante do tribunal divino; os litigantes são *Thetis* e *Lyxus* (Baccho), que vence, graças a um verso biblico, por elle habilmente allegado.

¹ *Antologia de Poetas Líricos castellanos*, vol. I, 1890.

² A reprodução não sabiu livre de erros. A bella obra teria prestimo superior, se um philologo como Menendez Pidal se tivesse encarregado da revisão dos textos. Eis a lista dos erros: 20, *huerto* por *uerto* — 26, *Nu(n)ca* por *Nu(n)cas* — 34, *non fuese* por *nom fuese* — 35, *vestiduras* por *vistiduras* — 36, *non* por *nom* — 38, *Nu(n)ca omne* por *Nu(n)ca fue omne* — 41, *E passadas* por *C. pasadas* — i por y — 60, *Frene* por *Frune* — 84, *homme* por *homme* — 94, *querryes* por *queryes* — 100, *non* por *no* — 119, *Est coral* por *es coral* — 143, *camiare* por *camiare*.

³ Vol. II, p. XXVIII (1891).

çal ou português do que castelhano que o distingue, o havia tratado de «especie de pastorela», o critico peninsular avança mais. Segundo esse, é «graciosa pastorela», e a composição mais antiga «estricta-mente lyrica» do Parnaso castelhano. Nella vê manifesto o influxo de um provençal do ultimo tempo; muito mais todavia a de seus discipulos gallegos, cujo idioma o anonymo auctor mistura caprichosamente com o castelhano. D'esta these lingüistica que merece séria attenção tratarei no fim do artigo. Quanto a Giraldo Riquier de Narbona, o protegido de Alfonso o Sabio, devo dizer que, a discreta e elegante aventura pessoal que narra em seis pastorelas, não pôde ter actua-do sobre o nosso escolar, se o apographo parisiense pertencer real-mente á 1.^a metade do sec. XIII, — porque fôram executadas de 1260 a 1282.

*

Ernesto Monaci, o terceiro editor, não se deu por satisfeito com o procedimento «arbitrario» de Morel-Fatio ¹. Declarando perfeita a fusão, e indissolúvel o nexó entre as duas scenas que se passam no mesmo horto, tornou a uni-las ². Foi elle quem lhes deu o nome com-mum *Romance de Lope de Moros*. *Romance*, por se tratar de uma nar-rativa rimada em versos octonarios, e talvez tambem por causa da semelhança de assumpto e de caracter com os *sons d'amour* da Fran-ça do Norte, a que é costume dar o titulo de *Romance* ³. De *Lope de Moros*, por causa do *explicit* ⁴. Avido de produzir novidades, esse es-colar namorado resolveu, de caso pensado, divertir o seu publico hes-panhol pela combinação anomala de um thema cortesão com outro jo-gralesco.

*

O successor immediato applaudiu a junção e aceitou o titulo proposto por Monaci. Mas na sua chrestomathia italiana ⁵ admittiu apenas a Parte 1, como Menendez y Pelayo, seguindo o texto de Mo-rel-Fatio com ligeiras modificações de punctuação e orthographia. Não descobrindo todavia no texto effeito algum humoristico, nem tão pouco expressões que patenteiem o proposito de innovar, Egidio Gorra põe de lado tal interpretação e regressa á opinião primeira. Suppõe

¹ De Menendez y Pelayo não falla. Talvez por que a *Antologia* ainda não chegára ás suas mãos.

² *Testi basso-latini e volgari della Spagna*, col. 39 — 43, Roma 1891. — Não tenho á vista esta importante publicação.

³ Vid. Karl Bartsch, *Altfranzösische Pastourelle*, Leipzig 1870, especial-mente o Livro Primeiro: *Romances anonymos* (N.º I-LV) e de auctores conheci-dos (N.º LVI — LXXI).

⁴ Prefiro a forma medieval *Lopo*. — *Lope*, abstrahido do patronymico *Lo-pez*, é forma muito posterior ao sec. XIII.

⁵ Egidio Gorra, *Lingua e Letteratura Spagnuola delle origini*, Milano 1898, p. 217.

que um auctor boçal, tendo deante de si dois originaes estrangeiros que lhe agradaram e pareceram dignos de tradução, procedeu á união de ambos (*supraposizione*), sem plano fixo nem intuito artistico, e sem se importar, pouco ou muito, com as disparidades do conteúdo.

*

No seu conciso «Summario de Literatura Hespanhola»¹ Gottfried Baist afasta-se, um tanto, dos juizos emitidos. Não dá o nome Lopo de Moros ao auctor castelhano, o qual, a seu vêr, documentou bastante independencia, assaz malgeitosa embora². Parece pensar que a junção dos motivos não foi realizada por esse, mas já o fôra pelo desconhecido mestre e guia estrangeiro que imitou. Emprega o vocabulo *Romance* para caracterizar a Parte I. Desejando, porém, marcar no proprio titulo da obra a sua duplicidade, propõe: *Razon de amor y Denuesto del vino y del agua*, em harmonia com os versos iniciais:

Qui triste tiene su corazon
Benga oyr esta razon;
Odrá razon acabada
Feyta d'amor e bien rymada

e tambem, quanto á segunda parte, com o principio do *Conflictus* que copiei a p. 3.³

*

Ultimamente mais um italiano, discipulo do benemerito Antonio Restori, estudou novamente e com particular afincio o problema. Segundo Giuseppe Petraglione, cuja dissertação merece os louros a que visava, as censuras dirigidas contra o escolar trecentista não o attingem. Quem merece os epithetos de boçal, ignorante, malgeitoso, simplorio, pouco claro (e mais, a censura de pretencioso) é o copista, a quem devemos o manuscripto parisiense. O texto que esse apresenta em tão lastimavel estado de deturpação não é obra de primeira mão, mas antes um trabalho retocado, um *raffazonamento*. Não só o modelo francês ou latino, mas tambem o original castelhano constava de dois poemets absolutamente independentes. Obras porventura de um só auctor. Assim o faz crêr não só a analogia nos quadros que desenha, no metro, na linguagem e no estylo, mas tambem a repetição de um verso inteiro (34 e 71) e de varias rimas⁴.

Um copista, mais provavelmente peninsular do que francês, en-

¹ Groeber's *Grundriss*, (vol. IIb, p. 401, § 20), 1897.

² *Unbeholfene Selbständigkeit*.

³ O verbo *denostar* está repetido no verso 175. O vinho diz á agua: Calat! yo e vos no nos *denostemos*.

⁴ *Que nom* (respectivamente *que nol'*) *fiziese mal la siesta*. A este respeito Petraglione não se pronuncia decididamente.

contrando os textos em fragmentos soltos, desordenados, de pergaminho, escriptos pelo mesmo punho, talvez sem solução de continuidade e sem epigraphie alguma, imaginou ter deante de si trechos de uma única composição. Já sabemos que tanto o *Idyllio* como o *Debate* se passam num jardim (*horto* v. 143 e 151), á sombra de arvores fruteiras, e que o proprio poeta se apresenta como protagonista da primeira e testemunha da segunda metade. De boa fé, o copista tentou estabelecer no seu treslado o nexu que julgava perdido. Para o conseguir supprimiu alguns versos (o inicio e o remate de um dos dois poemetos); modificou os que não se harmonizavam com a sua concepção; intercalou outros, inconsciente ou indifferente contra certas incongruencias e inverosimilhanças que originava, ou deixava subsistir.

A principal consiste na successão illogica dos actos do clérigo namorado. Cansado pela calma, estende-se na relva (*sem vestiduras*¹ não terá talvez significação tão radical como imagina o joven auctor). De repente está ao pé de uma fonte². Só depois da partida da dama resolve novamente dormir, quando a pomba o estorva.

De outra contradicção, ainda não mencionada, fallarei ao expôr as minhas ideias.

Petraglione não diz se considera *Lupus de Moros* como auctor ou como amanuense. Regeitando como generico em demasia o titulo *Romance*, escolhe para o primeiro poemeto o de *Razon d'amor*, encontrando se assim com G. Baist³. Para o segundo propõe o de *Entencion del Agua con el Vino*, baseando-se no verso *si comygo tuvieres entencion* (230).

Na sua impressão integral pretende fazer o que o amanuense trecentista não soube ou não quis emprehender: restabelecer o estado primitivo de ambas as composições, intento que consegue, ou julga ter conseguido, de modo muito simples. Recorta da Parte I os dois fragmentos relativos aos vasos e á pomba (13-36 e 148-162), junta-os e colloca-os á testa da Parte II. Eis tudo.

D'esse modo a narrativa epico-lyrica consta de 121 versos: dez, de preambulo (1-10); o resto, romance (37-147). Entre ambos falta, na sua opinião, apenas uma curta passagem descriptiva, semelhante á que serve de introdução ao *Debate* (11-12), i. é um distico com indicação do logar e do tempo.

O *Dialogo* entre a *Agua* e o *Vinho*, tambem quasi completo, abrange 131 versos (ou 128, a não contarmos o *explicit* em latim). Nos versos 11-36 o poeta conta o seu passeio, descobre as taças na rama-

¹ Maestro Gonzalvo de Berceo, indo em romaria e descansando num prado, tambem despiu o habito: *Descargué mi ropiella por iacer mas vicioso* (Mil. 6).

² O auctor omitta, á maneira dos poetas populares, o movel das acções. E' facil imaginar, porém, que a sede o fez caminhar. Tanto mais que já dissera, ao fallar da agua contida no vaso: *Beviere d'ela de grado. Mas ovi miedo que era encantado*.

³ Não cita o douto allemão, nem tão pouco Menendez y Pelayo.

gem de uma arvore, ao pé de uma fonte, e deita-se á sombra para dormir a sesta; de 148 a 151 refere a chegada da pomba; 159-263 contêm o pleito. Também nesta Parte II o critico italiano verifica uma só lacuna entre 151 e 159. Não se arrisca a preenchê-la com os versos que sobejam (152-158), porque os julga irremediavelmente deturpados pelo copista. Os verdadeiros deviam contudo ter sido semelhantes, expondo (em um distico, ou em dois ou tres) os movimentos da pomba.

Quanto ao duplo remate com que acabava a obra combinada, conserva-o no seu lugar. Estranho que não o partisse também ao meio e deslocasse a parte castelhana. O distico

 Mi rrazon aqui la fino:
 Mandad nos dar vino!

era um final excellente para a *Razon de amor*, visto que o auctor havia incitado no principio o seu auditorio a vir escutar a sua aprazivel narração metrica:

 Qui triste tiene su coraçõ
 Benga oyr esta razon...

fiel também neste particular a um uso de Vagantes e Jograes ¹.

Acho justa a these ou hypothese do sr. Petraglione. Tenho mesmo de dizer que emitti, de passagem e summariamente, conjectura identica em duas das numerosas *Postillas* aos Cancioneiros archaicos que estão em via de publicação ². Afasto-me, contudo, do seu modo de tratar e interpretar o texto, em mais de um pormenor. A favor da separação original dos dois poemetos elle podia ter allegado ainda varias considerações secundarias. Se realmente o Preambulo dissesse respeito a ambos, era provavel que nelle se fallasse só da *Razão de Amor?* e não do *Conflictio entre a Agua e o Vinho*, tão apto, ou mais, para alegrar corações tristes, do que o colloquio amoroso?

Se ninguém acredita que o modelo directo, por ora ignoto, em francês, provençal ou latim, já apresentava o extravagante encaixe da Pastorela no Debate ³, não será injustiça suspeitar que o clerigo pe-

¹ Morel-Fatio já chamou a attenção para o principio de entra narrativa em disticos octonarios, traduzida do francês: *Oyt varones huna razon En que non ha si verdad non.* — Confirma-se ainda o principio da *Disputa del Alma y el Cuerpo*: *Si queredes oir lo que vos quiero dizir, Diré vos lo que vi etc.*

² Na *Zeitschrift* de Groeber, vol. XXV e XXVI. E' na *Randglosse* XXIV sobre as *Serranilhas*, e na VIII sobre os versos hispanicos de Bonifacio Calvo que me refiro ao «*Romance de Lopo de Meiro*».

³ Digo ninguém. Mas talvez me engane. Já indiquei que Baist parece supôr que o original estrangeiro já apresentava a amorpha ou disforme fusão. *Es ist sehr beachtenswert dass bei einer kaum zu verkennenden Freiheit der Behandlung doch die fremdartige Uniform beibehalten wird.* — Ou *Uniform* referir-se ha apenas á falta de estrophes lyricas?

ninsular, o qual na opinião de todos não traduziu servilmente mas antes imitou com notavel liberdade e elegancia, dêsse um passo tão desastrado?

Um verdadeiro artista, embora de modesta convergadura, querendo combinar os dois themas, não teria antes contado com graça singela, como os dois namorados apagaram juntos a sua sede á sombra do *mançanar*, misturando a agua e o vinho das taças milagrosas? Ou digo heresias?

Quem duvida que na primeira metade do sec. XIII um versificador peninsular escusava de procurar novidades peregrinas? Não será de rigor concluir da enorme penuria litteraria da época que toda a obra metrica, amena, devia ser grata e merecer applausos da parte do publico que na praça publica a ouvia cantar ou recitar? Todas as narrativas versificadas em disticos pareados que restam do sec. XIII, são... duas, e essas sacras. Em disputas ha uma, tambem sacra ¹. Em aventuras de amor, á laia de pastorela, a de que tratamos, é a unica.

Com respeito a um copista mercenario, a supposição de elle ter unido dois assumptos incompatíveis por sua natureza, e de ter modificado obras alheias, sem escrúpulo nem respeito ao amor, é aceitavel em theoria. Muito mais no caso especial que nos occupa.

Expurgada dos elementos estranhos, o caracter idyllico da *Razon de Amor* resalta com maior clareza. As contradicções desaparecem.

Quanto ao *Debate*, não é impossivel ter constado apenas da parte dramatica, precedida de um distico como introdução ². Melhor fica porém, precedido da introdução narrativa. E como o auctor toma a palavra varias vezes, ainda que não seja senão para ligeiras explicações sobre *Don Vîno* e *Don'Agua* (v. 35, 56, 87 e 101 ³), é de supprôr que tambem a tomasse a principio, escolhendo para assumpto o passeio primaveril que abrange as linhas 10 (resp. 12) a 36. Introduções d'essas eram quasi de rigor entre os cultores medievaes da lyrica mundana, tanto entre os que constituíam a alegre classe dos Goliardos, Clerigos vagantes, e Escolares jograes, que poetavam em latim e francês *Écloqas*, *Poemas de aventuras*, *Contos*, *Dits*, *Fableaux*, como entre os cavalleiros-trovadores que versificavam em vulgar *sons d'amour*, romances e pastorelas ⁴. Estas principiavam por via

¹ É a afamada *Disputa del Alma y el Cuerpo*, dada a conhecer pelo Marquês de Pidal (1856), impressa em segunda edição na *Zeitschrift* II, 60 (1878), e ultimamente por Menendez Pidal, em esmerada impressão fac-simile na *Revista de Archivos* (vol. IV, 1900). Sobre o thema internacional, muito em voga na península, durante a idade-media e ainda em nossos dias, veja-se, além das obras citadas, Wolf, *Studien* 59 ss, e Wright 95 — 106 e 321 — 349, onde o leitor encontra as redacções latinas e a francesa que serviram de modelos ao antigo adaptador hespanhol.

² Não é licito considerar como epigraphe os versos *Aquis copiença* etc., embora posteriormente nas *Folhas volantes* muito romance apparecesse acompanhado da rubrica: *Aqui comiença*.

³ Não metto em conta os versos 131-132 pela razão acima indicada.

⁴ A moldura em que era praxe engastar o *Dialogus inter corpus et animam* era a da Visão ou do Sonho.

de regra, exactamente como o texto hespanhol, com uma descrição do logar (bosque, vergel, jardim, prado) e da estação, caracterizando Abril e Maio como tempo das rosas, dos amores, de aventuras cavalleirescas e tambem do maior fervor poetico: *En avril au tens novel — En mai quant rose est florie — C'est en mai en moi deste — L'autre jor les un boschel — L'autrier contre le tens pascour — L'autrier aloie pensant — Hier matin me chevauchois — L'autrier un lundi matin*, e assim em deante, variando ligeiramente — *cum gratia, in infinitum*.

Com relação aos Conflictos, Rixas, Certames entre entidades abstractas ou reaes, basta lembrar dois exemplos: 1) a alacre controversia sobre as virtudes do verão e inverno (*Conflictus veris et hiemis*)¹, cantada ao desafio por dois pastores, considerada como exemplar mais antigo do genero, da era de Carlos Magno — e inspirada directamente nos cantos pastoris de Vergilio, (Ecl. vii e iii); 2) a gentil discussão entre duas damas, Phillis e Flora, sobre as vantagens de ter um amante cavalleiro (*miles*) ou escolar (*clericus*)². A prova de que para as disputas entre agua e vinho tambem havia uma moldura convencional e typica: a do passeio, é de resto ministrada por uma poesia popular franceza, já citada em *Nota*. O curto *Débat*, ainda hoje cantado no Forez, principia:

En me promenant tout le long d'un ruisseau
J'entends le vin et l'eau qui se disaient contraires³.

*

Passo á revisão critica da reconstrucção de Petraglione. Achando dignas de applauso muitas das suas modificações, considero outras, infelizes ou desnecessarias. Tão viciado está, porém, o treslado, que mesmo depois das numerosas correcções de Morel-Fatio e do critico italiano, ainda restam bastantes pontos escuros; e restarão, se não arriscarmos algumas modificações incisivas. Está claro que não tenho o phantastico plano de endireitar tudo. Nem pretendo construir versos correctos, de syllabas contadas e rimas puras. Só onde tudo — sentido, metro e rima — está deficiente, não hesito em apontar como inaceitaveis disticos incompletos, i. é octonarios desirmanados, com doze syllabas ou mais⁴.

¹ A respeito da obra attribuida ao escolar Dodo, discipulo de Alcuino, consulte-se Alex. Riese, *Anthologia Latina*, II 145 e 687. Vid. Ebert, *Allgemeine Geschichte der Litteratur des Mittelalters*, vol. II, 67, (1880). — A redacção franceza (*Estrif de l'iver et de l'esté*), lê-se em Jubinal II, 40.

² *Altercatio Phyllidis et Florae* em Wright, 258; *Carmina Burana*, 155.

³ Os interlocutores são portanto: a agua do regato e a videira plantada á margem.

⁴ Os disticos que tenho como incompletos são: um unico (16), de 62, no Poemeto I; sete, de 72, no Poemeto II (17, 31, 40, 43, 52, 57, 60, 61).

Começo pela contradicção ou confusão estranha que Petraglio-ne não tentou explicar e neutralizar. Lopo de Moros — dou esse nome ao remodelador que escreveu o texto parisiense — não contente com baralhar oliveiras (12 e 105: *olivar*) e macieiras (13, 27 e 30: *mançanar*) metteu no milagroso horto ainda uma romanzeira (154 e 158: *malgranar*), para a qual muda, parece, os vasos com agua e vinho, ou pelo menos o primeiro. O reconstructor eliminou est'ultima arvore (e com razão, posto que não fosse necessario empregar processo tão radical como o simples córte do respectivo trecho 152-158), para assim se livrar não só d'ella, mas ainda de um terceiro vaso que causa sérios embaraços. Deixou porém a oliveira e a macieira cumprirem juntas o seu papel providencial em ambos os poemetos, quando para o horto de amor chegava plenamente a arvore da paz; e para palco da rixa, a fatal arvore paradisiaca do peccado.

Os vasos figuram a principio na macieira, incontestavelmente, embora a descripção seja pouco clara:

Entre cimas d'un mançanar
Un vaso de plata vi estar...
Arriba del mançanar
Otro vaso vi estar,
Pleno era d'un agua fryda
Que en el mançanar se nacia ¹.

Igualmente certo, que o colloquio amoroso teve logar á sombra de uma oliveira:

Junniemos ambos em par
E posamos so ell olivar (105).

Para que então tirar do seu logar os versos iniciaes supracitados:

En el mes de abril depues yantar
Estava so un olivar...

collocando-os no horto do Debate, *que sem elles ficava livre da oliveira?* ²

¹ Veja-se a nota 32. *Mançanar* podia aqui ser *collectivo*.

² Na realidade não são vulgares os olivais abertos em que crescem macieiras, nem oliveiras dentro de pomares cercados. Mas que importa isso? A paisagem que o poeta desenha é de phantasia; talvez, mesmo, um jardim encantado, com arvores de onde brotam fontes, e em cima das quaes pairam taças milagrosas como a do San Graal. De peso é apenas o facto que as diversas castas de arvores e igualmente os diversos vasos da redacção combinada fazem confusão. E tambem que nas Pastorelas francesas, nos Conflictos e nas Aventuras é, por via de regra, uma só arvore (pinheiro, oliveira, avelleira) que serve de marca e ponto de reunião. *Les un pin verdoyant — De sous la codroie — Lex l'ombre d'un olivier — C'est la jus desos l'olive*, etc.

Para lá os reconduzo, na fê que assim fica completa e pura a *Razon de Amor*¹.

Resta o *malgranar*. A passagem omitida por Petraglione está mal legível e muito estragada (mas não irremediavelmente, como logo mostrarei). Por isso supponho que ha erro, quer de escrita, de Lopo de Moros, quer de leitura, de Morel-Fatio (*ly* por *g*, ou *ng*)², não só porque assim o exige o sentido, mas também porque desconheço aquelle derivado (aliás correcto) de *malgrano*³.

Agora outras minucias.

I, 7⁴. Nunca encontrei em textos hespanhoes o vocabulo *tryança* (do prov. *tryar*, *triar* = escolher). A emenda *cryança* de Morel-Fatio é obvia. Satisfaz quanto ao sentido (criação, educação) e paleographicamente (*t* por *c*).

55-56. Falta um verso com rima em *-or*. Talvez *en loor de la mia sennor* ou *alabando la mia sennor*. — Dois disticos seguidos de consonancia igual occorrem umas seis ou sette vezes no nosso texto. (Disticos 12 e 13, 15 e 16 do Poemeto 1; 1 e 2, 6 e 7, 30 e 31, 36 e 37, 70 e 71 do Poemeto n).

61. A emenda *ma[n]çana* não é indispensavel. Temos *maçana* p. ex. no *Poema del Cid* 3178 e em *Berceo*, *Milagros* 113, 246 (ib. 164 *mazanedo*). O português e o gallego ainda hoje conservam *maçan*, apesar de em geral favorecerem a nasalização de syllabas que principiam com *m*.

80. MS. *aamare*. — Petraglione *c'amaré*. Ignoro o que isso significa. — O sentido exige *t'amaré*. — E *A oy?* — Será a interjeição usada

¹ Não nego que para ligar com o verso (37) *Plegué a una fuente perenal*, melhor quadraria um verbo de movimento: *andava eo (ou por) un olivar* — tomando nós aqui *olivar* em sentido colectivo de bosque, como é uso em português. Do escolar trecentista não podemos, todavia, exigir tanta logica e tal lisura. Basta que não haja incongruencias grossas. — *In einem Olivenwald war ich, An eine Quelle kam ich* — é estylo da poesia popular.

² Desconheço *malgranar* e *maçanar*.

³ O nome usual da arvore que dá as romans (*melum granatum*) era antigamente na peninsula: *melgrado*, *milgrado*, *malgrado*, no territorio gallaico-português; *milgrano*, *malgrano*, *mingrano*, no territorio leonês (vid. *Berceo*, *Milagros* 4 e 39, *Domingos* 675. O da fruta era *milgrana* (*Domingos* 675 e 689), mas também *malgranada* (Mil. 39). Não me lembro de ter encontrado derivados em *-ar*, *-al* — ou *era* (*-eira*). Modernamente, desde o sec. XV, em toda a Hespanha prevalece *granado*, *granada*. *Magrana*, *migrana*, subsistem só com significação derivada; em Valência é nome de uma dança popular; em Elche designa uma cupula moveida de theatro, laranja ou meia-laranja divisivel, em gomos. *Minglana*, em Aragão é nome da fruta. Em Portugal *roman*, *romanzeira* substituiram as formações antigas. *Mingrã* (*méligrã*), *mirgã*, *margã* conservaram-se na provincia de Tras-os-Montes e Beira-Baixa; *milgrada*, *meirgada*, *mirgada*, nas mesmas regiões. Para designar a arvore temos *minglanera* (em Aragão); *melgradeira* e *mirgadeira* nas alludidas regiões portuguezas, i. é nas villas de Ligares, Mogadouro, Lagoaça, S. Margarida. Vid. *Rev. Lus.* II, 250; IV, 188; V, 97.

⁴ A numeração é a do texto combinado, de 1 a 262 resp. 263, como o leitor a encontra na edição de Morel-Fatio (até 162), na de Petraglione e na minha, entre parentheses. A ordem é a conjectural, que introduzi na nova impressão.

na *Chanson de Roland* e na Gesta de maldizer do CV? — Ou haverá engano no *a*? Será elle um *d* traçado, abreviatura de *des*? *Des oy e siempre t'amaré*?

91. Ponho *buena*, em lugar de *bona*, sem hesitar, olhando para a rima *dueña* — para mais versos (88 e II, 41 e 102) onde o escrevente copiou *buena*, e para *puerto, uerto, muerto, puesto, vuestro, puedes, cuerpo*, etc.

93. [Que] *por ti pierde su sen*?

100. Porventura: *pero sé que se me conocía*?

109. Cf. 79, 96, 100, 131 e 133. Por vagas que sejam todas estas indicações, o poeta nos dá a entender que o escolar e a dama se amavam de longe. Julgo inadmissível a hypothese de Morel-Fatio que pensa apenas em uma longa ausencia (*les deux amants ne s'étaient jamais vus ou s'étaient perdus de vue depuis fort longtemps*), sustentada por Petraglione, que os diz *divisi da molto tempo*.

115. Na edição de Morel-Fatio lê-se *barva punniente(s)*. Gorra e Petraglione põe *barva punniente[s]*. Mas a mudança de parentese talvez seja erro de caixa?

130. Não me lembra ter lido a fórmula: *a ti loado*. E' porém possível que exista. Confirma-se *loado a Deus* no Canc. Vat. 1118. Morel-Fatio propõe: *seyas loado*.

133. Para as rimas estarem na ordem do costume é preciso trocar as de 136 e 137, e collocar 138 antes de 139.

146. Nunca encontrei *queque* no sentido de *de que (des que)* — fóra o exemplo de Berceo, bem se vê.

258-259. Repito o que disse mais acima. O remate jogava bem com a introdução.

II. Quanto ao primeiro distico, já expliquei porque, a meu vêr, o *olivar* pertence de direito, exclusivamente, á Aventura de amor. O amanuense, ao juntar os dois poemetos havia de supprimir forçosamente uma das introduções, se como é provavel, eram quasi iguaes. Qualquer variante serviria hoje, contanto que, sem fallar do olival, evocasse no 1.º verso a estação das rosas, e no 2.º um jardim, vergel, bosque, huerto. E' facil inventá-la. *En maio de calor muerto* — *passeava por un uerto* — *En el mes d'abril, depues yantar* — *estava dentro de un pomar*. Na duvida, mais vale porém repetir os versos 11 e 12.

17. *Cubierto*. Não com tampa, visto que a agua se mistura com o vinho. *Coberto* (ou encoberto) apenas pela ramagem densa e fresca da macieira.

19-26. Estes quatro disticos fallam um tanto contra a ideia de Petraglione, que patrocina. Mas não é improvavel que sejam accrescentos postigos do remodelador, que desejava estabelecer certo nexos ideal entre a *Aventura* e a *Tenção*. Em todo o caso, quem as inventou, traductor ou amanuense, quis suggerir ao publico a vaga suspeita da identidade entre a dona do escolar e a dona do horto que, á espera do amigo, lhe havia preparado os dois refrescos. — Nesta supposição ponho-as em griffo. Cortando-as, não se nota salto algum. O distico 4.º está em intimo contacto com o 9.º

24. O Ms. tem *mana*. Morel-Fatio, depois de propôr *viana* (= *vianda*), decide-se por *manana* (= *manmana*). Petraglione não concorda. Segundo elle (tambem na opinião de Monaci), *mana* póde correr. Em que sentido? *Maña*, na significação usual, não serve. — Se lermos *mano*, tudo fica claro. «Wer von solchem Weine zur Hand hätte, so oft er speist, und zwar Tag für Tag, der würde nimmer erkranken».

27-30. Aqui está o busilis. De duas uma. O jardim é milagroso, a taça paira nas alturas, — como a do Sangraal, a agua brota da macieira, o poeta não a quer beber, receando estivesse encantada. Ou então devemos lêr: *arriba nel mançanar*, entendendo que o vaso, pousado nas mais altas ramas da arvore, estava cheio de agua haurida numa fonte que nascia¹ no pomar (*mançanar* colectivo em sentido), differente da *perenal* da Aventura.

33. *Prado* no sentido de *relva*, *relvado* (*Rasen*).

149. *Mas una palomil*[*l*]a vi [venir]?²

152-158. Eis o trecho mais intrincado do Poemeto, omittido por Petraglione.

En la fuente quiso entra[r] 152
 Mas quando a mi vido estar
 Eutros en la del malgranar.
 Un vaso avi'ali dorado
 Tray al pie atado.
 En la fuent quiso entra[r]
 Quando a mi vido estar en el malgranar.

Numa nota Morel-Fatio diz: «La leçon que j'ai adoptée n'est pas sûre; *vaso* en tout cas est fort douteux. Au reste ces derniers vers du petit poème ont beaucoup souffert et la répétition (*En la fuente quiso entrar* v. 157, 118) de l'idée déjà exprimée plus haut (v. 152, 153) indique assez que le texte est ici complètement corrompu». — Petraglione faz as seguintes reflexões: «I vv. 152-158 rappresentano uno sforzo evidente per richiamare alla memoria del lettore cose che egli ha dovuto certo dimenticare (*la fuente, el vaso, el malgranar*)² e furono forse introdotti in luogo di altri che non ci sono pervenuti. — Inoltre il copista avrebbe dovuto diffidare non solo della memoria del lettore, ma anche della propria; giacchè mentrichè vv. 10-36 si parla di «un vaso de plata» e di un «otro vaso» senza alcuna determinazione, egli qui mette in iscena un vaso «dorado» di cui prima non s'è fatto alcun cenno. E poi, perchè la colomba versi «el agua sobre el vino» é indispensabile che il vaso dell' acqua si trovi collocato in altro che non quello del vino (come precisamente è detto ne' vv. 10-36); qui invece ci si presenta a piè del melograno. Si aggiungano a tutto ciò alcuni punti oscuri e alcune inutili ripetizioni conte-

¹ *Se nacia* não é, de resto, paleographicamente seguro, A 152-158.

² Alto lá! O *malgranar* occorre aqui pela primeira vez.

nute nel passo, e si veda se non è il caso di ritenere interpolati i vv. 152-156, e forse sostituiti a qualche distico che legava meglio il v. 151 col. 159».

Fixemos em primeiro logar que Petraglione pensa em um terceiro vaso que se achava atado ao pé de um *malgranar* (significação que eu não daria ao verso *Trayal pie atado*, mesmo se acreditasse no terceiro vaso). E depois vejamos se subtilmente, com a ponta dos dedos, desmaranhamos a meada, reconstruindo a scena, e conservando o trecho como parte do trabalho do verdadeiro auctor.¹

O copista, distraído, apressado, sonolento, ou não sei como, enganou-se, e muito, isso é certo. Temos tres versos repetidos, e mal repetidos, com algumas variantes; um verso omisso, por causa da consoante repetida (*ar*) em dois disticos seguidos; uma palavra importante tão mal traçada que a sua leitura é duvidosa. Além d'isso supponho, como sabem, que *malgranar* tambem é leitura ou escrita erronea por *mançanar*.

A proposição *entros en la del mançanar* deve preceder de perto a outra: *quando en el vaso fue entrada*. Risquemo-la portanto onde foi primeiro lançada por descuido (vv. 152 a 154), e sirvamo-nos d'ella apenas para completar os disticos 17 e 18, lendo

En la fuente quiso entra[r]
[Para en el agua se bannar]².
Quando a mi vido estar
Entros en la del ma[nç]anar.

Ou: *Entrous[e] en el mançanar* (158).

Em qual *fonte*? Estou disposta a responder: na do mançanar, a que se allude vagamente no distico 10.º, e não na *perenal* do Poemeto I, ao pé da qual se passa a *Aventura*. Estranho todavia que o vocabulo *fonte* não se empregue no Poemeto II senão nesta passagem deturpada³.

E qual *la*? a fonte? ou a agua da fonte, contida no vaso? Evidentemente est'ultima⁴. E como a intervenção tem alguma cousa de mysterioso ou caprichoso, não seria de admirar se, como em tantos contos infantis, a pomba, encantada ou não, viesse marcada com um

¹ Na *Aventura* ha poucos erros, comparados com os que defiguram o *Debate*.

² Não proponho *para dell agua tomar*. Ninguém entra na agua, só para beber.

³ Este ponto fica duvidoso. Se os *Poemetos* perfazem uma só obra, é por isso a fonte *perenal*, em que devemos pensar, suppondo-a a pequena distancia da macieira.

⁴ Haverá trocadilho? É sabido que *fuente* serve tambem para designar uma taça ou vasilha um pouco ampla.

signal; p. ex. com um *lazo* dourado que lhe prendesse um dos pés, dificultando-lhe assim os movimentos, a ponto de ella entornar a agua?

Estou a adivinhar, bem o sei; mas no caminho escorregadio, traçado por Petraglione, não passamos sem isso. *Lazo* por *vaso* vae bem ¹. O que não satisfaz é o verbo *Aria'li?* ou *via-li?* — ou *vi-lhe?*

Depois de tantos tratos, o passo da pomba diria:

14. Por verdad, quisieram adormir,
Mas una palomil[i]a vi [venir].
15. Tan bla[n]ca era como la nien del puerto,
Volando viene por medio del uerto.
16. Un lazo (a)via-li dorado
[que] traya'l pie atado.
17. En la fuente quiso entra[r]
[Para en ell agna se bannar].
18. Mas quando a mi vido estar,
Entros[e] en el mançanar.
19. Quando en el vaso fue entrada
E fue toda esfryada
20. Ela que quiso ex[ir] festino,
Vertios el agua sobrel v[i]no.

164. Não sei como Morel-Fatio e os mais editores entendem esse verso. Eu conservo a lição *malevar* e entendo *mal-levar*, antigo synonymo de *maltrager* (maltratar), muito usado em textos archaicos. Veja-se p. ex. no *Cancioneiro Colocci-Brancuti* a cantiga 1509, e *Chronica Troyana* I, pag. 41.

167. *Agua, [tien]es mala man[n]a.*

174. No fac-simile de Morel-Fatio creio reconhecer *aonttar*.

183. Duvido que haja em textos archaicos participios perfeitos sem *d*, á maneira andaluza. Por isso ponho *perdi[d]o*. E como no distico 31 falta um verso, ou parte de um, tento a leitura:

30. No es homne tan senado
Que de ti se á fartado
31. Que no aya [mal su grado]
Perdid[o] el seso y el rrecabdo.

185. O MS. *bierua nos ueno*. Morel-Fatio, na pista de um verbo desconhecido *bervar*, imprimiu *bierva[t] vos [b]ueno*. — Acho preferivel

¹ De modo algum perfilho a ideia de Petraglione, que *vaso* seja a unica lição «logicamente possível». Antes logicamente impossivel.

a interpretação de Petraglione: *bierva vos veno!* Tomo *bierva* no sentido de *locuêla*, e cito Berceo, S. Lorenzo 92: *la su vierba vana*. — E' um modo de dizer com ironia: como sois eloquente!

200. O copista saltou da primeira metade de um distico ao meio do immediato. Faltando a rima, não vejo modo de propôr uma conjectura plausivel. Imprimamos antes:

40. Que grant tiempo á que... ¹

41. Que vnestra madre serye ardu[a]
ssi non fuesse por mi ajuda.

204. Tambem aqui noto um salto. Falta a rima que corresponde a *uego*. Supponhamos:

43. Agua [*que te calles te ruego*];
Enti[en]do que lo dizes por *uego*.

210. Neste lugar creio que é sómente o verbo que o copista deixou de tresladar, e não um distico, conforme suspeitava o editor francês.

E io [*derribo* ou *venço*] a muchos valientes,
47. E si farya a quantos en el mundo son,
si bivo fuese, [*nismo a*] Sanson.

221. Apparentemente, não ha verso desirmanado. Mas separando os dois octonarios, contados por um só, sempre carecemos de um verso complementar:

52. E si antes duna pasada
[*Que el tuviere dada*]
53. No cayere en el lodo
Dios sodes de tod [en t]odo.

228. Morel-Fatio imprime as palavras *Por Dios, dixo el vino*, conforme já deixei dicto, como se as tivesse em conta de rubrica em prosa, o que não pôde ser. O segundo verso do distico em *-ino* ficou no tinteiro, e talvez a allocução usual *agua*, ou *don agua*, que ponho entre parentheses.

¹ No fac-simile leio: *q̄ grāt tiēpaq̄ q̄ uḡa*.

234. O distico 60 está incompleto, sendo excessivamente longo o verso immediato. Podiamos lêr, mudando a ordem das palavras:

60. Tu sueles cal[i]es e cal[1]ejas mondar
Y por tantos de lixos andar,
61. [Y por tantos] de lugares
Do leixas tus senales.

230. *Lixosos panos*. Cf. 233.

241. *E a mi parece-me preferivel*.

250. Como se entende *Do fazem?* Será: *Onde fazem* (com orthographia portuguesa)? — Não pôde ser *faze-m(e)*, como dizem é *dize-m(e)* nos versos 110 e 114 e *quisieram, quisiera-m(e)* 148.

253. O Ms. traz *alaunt*. Pensando num verso muito discutido do *Poema del Cid* em que alguns editores julgam haver descoberto uma interjecção *Allavad*, Morel-Fatio imprimiu *Alavat!* E Petraglione adoptando a ideia, pôz *Alavat!* — Desde que Menendez Pidal, na sua esmerada edição paleographica, fixou a leitura do verso *Allabado-sse-yan los yfantes de Carrion* (2824) — leitura que está em harmonia com outros anteriores (2755 *Por los montes do yuan ellos yuanse alabando* e 2763 *Alabando yuan los yfantes de Carrion*)¹ — a extravagante exclamação não mais devia surgir em escriptos sérios. — Ignoro se no *Debate* tambem se trata de algum tempo de *alabar*. — Talvez *alaba-te!* dicto com ironia, como mais acima a exclamação: *bierva vos veno!* Mas que havemos de fazer com o resto? *Oydo é algo: que en cristianismo...*? Duvido.

255. O que introduzido por Morel-Fatio é bem preciso².

*

Para comprehender estas minhas observações é indispensavel ter presentes os textos. E como em Portugal os assignantes das Revistas scientificas estrangeiras, em que os Poemetos foram publicados, se

¹ «El copista *Allabados sean*; el corrector puso tilde sobre la tercera *a y una y* sobre la *e*; el verso estaba repasado con tinta borradora y las ediciones leyeron *Allavades sean*».

² Considero erratas (além de I 89 *punniente*) I 92 *Esta*, em vez de *Estas*; II 6 *vermejo*, por *vermeio*; 16 *enfermerya* por *enfermaria*; 63 *vermeja* por *vermeia*; 76 *che*, por *que*; 76 *juego* por *juogo*; 108 *De* por *Do*. Divergencias voluntarias serão I 58 *homme* por *homne*, original *home*; 70 *s'io*; 79 *el* por *ell*; 108 *gran* por *grant*. No systema de acentuação, discutivel como sempre, acho curioso que deixasse de distinguir á (= ha) *sé*, *dé* de *a*, *se*, *de*, quem acentua *sí*, *tí*, *alí*, *aquí*, *así*, *naçí*, *connoçí*, *odí*; *seré*, *amaré*, *plegué*; *odrá*, *connoçió*, *enbió*, *dió*, *miró*, *amó*, *moró*; *amaria*, *axia*, *villanias*, *yxia*, *sabia*; e mesmo *clérigo*, *fágola*, *digámos*.

contam pelos dedos das mãos, resolvi imprimi-los de novo, realizando a reconstrução no sentido exposto.

Numerando os disticos (de 1 a 63; e recomeçando, de 1 a 72), indico entre parentheses a successão dos versos tal como estão no codice parisiense, de modo que torne bem patentes as deslocações a que procedi. Os meus accrescentos vão em grifo ¹.

Na orthographia afasto-me do systema usual apenas quanto a *nn* e *ll*. Escrevo *n[n]* e *l[l]* nas palavras que exigem os sons *nh* e *lh*, em castelhano, aragonês e português ². Por causa das formas dialectaes conservo *n* e *l*, onde uma das tres linguas as admite (p. ex. em *pano*, *senal*, *enganar*, *cabelo*, *calar*) ³.

I

Razon d'amor

1. Qui triste tiene su coraçon
Benga oyr esta razon;
2. Odra razon acabada,
Feyta d'amor e bien rymada.
3. Un escolar la rrimo (5)
Que sie[m]pre duen[n]as amo,
4. Mas sie[m]pre ovo cryança, ⁴
En Aleinania y en Fra[n]çia;
5. Moro mucho en Lombardia
Por aprender cortesia. (10)
6. En el mes dabril depues yantar (12)
Estava so un olivar.
7. Plegue a una fuente perenal, (37)
Nu[n]ca fué omne que viesse tall:
8. Tan grant virtud en si avia,
Que de la frydor que d'i yxia (40)

¹ O leitor já ficou informado de que Morel-Fatio numerou os versos de 1 a 162, e novamente de 1 a 100; e que Petraglione os numerou de dois em dois (de 1 a 121 e novamente de 1 a 135), pondo, como eu, entre parentheses a successão original.

² Sendo aragonês o auctor ou o copista, devemos estranhar a falta de *ny*. A de *nh*, *lh* não pôde surprehender, mesmo se ambos estavam afeitos á lingua gal-laico-portuguesa, como penso, porque no sec. xiii essas graphias ainda não eram usuaes.

³ *Duena* pôde estar por *dueña*, mas tambem por *dona*. A primeira hypothese é a mais verosimil.

⁴ *Me. cryança*.

9. .C. pasadas a derredor
Non sintryades la calor.
10. Todas yervas que bien olien
La fuent cerca si las tenie:
11. Y es la salvia, y sson [l]as rrosas, (45)
Y el liryo e las violas;
12. Otras tantas yervas y avia
Que sol no[m]bra[r] no las sabria.
13. Mas ell olor que d'i yxia
A omne muerto rressuçetarya. (50)
14. Prys del agua un bocado
E fuy todo esfryado;
15. En mi mano prys una flor,
Sabet, non toda la peyor,
16. E quis cantar de fin amor; (55)
[En loor de la mia senyor]
17. Mas vi venir una doncela.
Pues naci, non vi tan bella.
18. Bla[n]ca era e bermeia,
Cabelos cortos sobrell oreia.
19. Errente bla[n]ca e loçana, (60)
Cara fresca como maçana,
20. Naryz egual e dereyta,
Nunca viestes tan bien feyta;
21. Oios negros e rridientes,
Boca a rrazon e bla[n]cos dientes. (65)
22. Labros vermeios non muy delgados,
Por verdat bien mesurados;
23. Por la çentura, delgada,
Bien esta[n]t e mesurada.
24. El manto e su brial (70)
De xamet era que non d'al;
25. Un so[m]brero tien en la tiesta
Que nol fiziese mal la siesta;
26. Unas luvras tien en la mano,
Sabet, non ielas dió vilano. (75)
27. D[e] las flores viene tomando
En alta voz d'amor cantando,
28. E decía: «Ay, meu amigo,
«Si me vere yamas contigo!
29. «[Des] oy et sempre t'amare (80)
«Quanto que biva sere!
30. «Porque eres escolar
«Quisquiere te devria mas amar.
31. «Nunqua odi de homne deçir,
«Que tanta bona manera ovo en si. (85)

32. «Mas amaria contigo estar
«Que toda Espan[n]a mandar;
33. «Mas d'una cosa so cuitada:
«E' miedo de seder enganada;
34. «Que dizen que otra duen[n]a, (90)
«Cortesa e bela e b[ue]na
35. «Te quiere tan gran ben
«[Que] por ti pierde su sen,
36. «E por eso é pavor
«Que a esa quieras maior;
37. «Mas s'io te vies una vegada,
«A plan me queryes por amada».
38. Quant la mia sen[n]or esto dizia,
Sabet, a mi non vidia;
39. Pero sé que si me con[n]oçia,
Que de mi non foyrya.
40. Yo non fiz aqui como vilano;
Levem e prisla por la mano.
41. Junniemos amos em par
E posamos so el olivar. (105)
42. Dixle yo: «Dezit, la mia sen[n]or,
«Si supiestes nu[n]ca d'amor».
43. Diz ella: «A plan, con grant amor ando,
«Mas non connozco mi amado;
44. «Pero dizem un su mesaiero (110)
«Qu'es clerygo e non cavaleiro,
45. «Sabe mui[t]o de trovar,
«De leyer e de cantar;
46. «Dizem que es de buenas yentes,
«Mancebo barva punniente(s)». (115)
47. — «Por Dios, que digades, la mia sen[n]or,
«Que donas tenedes de la su amor?»
48. — «Estas luvax y es capiello,
«Es coral y est aniello
49. «Enbio a mi es meu amigo, (120)
«Que por la su amor trayo commigo».
50. Yo connoçi luego las alfayas
Que yo ielas avia embiadas.
51. Ela connoçio una mi çi[n]ta man a mano,
Qu'ela la fiziera con la su mano. (125)
52. Toliós el manto de los o[m]bros,
Besóme la boca e por los oïos;
53. Tan gran sabor de mi avia,
Sol fablar non me podia:
54. «Dios sen[n]or, a ti loado (130)
«Quant con[n]ozco meu amado!

55. «Agora é tod bien [commigo]
«Quant con[n]ozco meo amigo».
56. Una gran pieça ali estando,
De nuestro amor ementando, (135)
57. Elam dixo: «De tornar,
«Si a vos non fuese en pesar,
58. «Oram serya, el mio sen[n]or». ¹
Yol dix: «Yt, la mia sen[n]or,
59. «Pues que yr queredes, (140)
«Mas de mi amor pensat, fe que deveades».
60. Elam dixo: «Bien seguro seyt de mi amor,
«No vos camiaré por un emperador».
61. La mia sen[n]or se va privado,
Dexa a mi desconortado. (145)
62. Deque la vi fuera del uerto,
Por poco non fuy muerto.
63. *Mi rrazon aquí la fino.* (259)
E mandat-nos dur vino. (260)

II

Entençion del agua con el vino

1. [En el mes d'abril, depues yantar, (11)
Estava so un olivar];
2. Entre çimas d'un mançanar
Un vaso de plata vi estar:
3. Pleno era d'un claro vino (15)
Que era vermeio e fino,
4. Cubierto era de tal mesura
No lo tocás la calentura.
5. *(Una duen[n]a lo y ovo puesto,*
Que era sen[n]ora del uerto, (20)
Que, quan su amigo viniese,
D'aquel vino a beber le diesse.

¹ Ms. Elam dixo el mio señor
oram serya de tornar
si a vos non fuese en pesar.

7. *Qui de tal vino oviesse*
En la mano ¹ *quan comiesse,*
8. *E d'ello oviesse cada dia.* (25)
Nu[n]cas mas enfermarga).
9. Arriba del [ou nel] mançanar
 Otro vaso vi estar,
10. Pleno era d'un agua fryda
 Que en el mançanar se naçia. (30)
11. Beviera d'ela de grado,
 Mas ovi miedo que era encantado.
12. Sobre un prado pus mi tiesta
 Que nom fiziese mal la siesta:
13. Parti de mi las vistiduras (35)
 Que nom fizies mal la calentura.
14. Por verdat quisieram adormir, (148)
 Mas una palomil[l]a vi [venir]
15. Tan bla[n]ca era como la nien del puerto,
 Volando viene por medio del uerto.
16. *Un lazo (a)ria-li dorado*
[Que] traya 'l pie atado;
17. *En la fuente quiso entra[r]* (155)
[Para en ell agua se banñar]
18. *Mas quando a mi rido estar*
Entros[s] en el mançanar.
19. Quando en el vaso fue entrada,
 E fue toda bien esfryada. (160)
20. Ela que quiso ex[ir] festino,
 Vertios el agua sobrel v[i]no.
21. Aquis copiença a denostar
 El vino y el agua a ma[l-]levar.
22. El vino faulo primero: (165)
 —Mucho m'es venido mal compan[n]ero
23. Agua, [tien]les mala man[n]a;
 No queria áver la tu compan[n]a;
24. Que quando te legas a buen vino
 Fazeslo feble e mesquino. (170)
25. —Don vino, fe que devezes,
 Por quales bondades que vos avedes
26. A vos queredes alabar.
 E a mi queredes aonttar? ²
27. Calat, yo e vos no nos denostemos. (175)
 Que vuestras mannas bien las sabemos;

¹ Ma: mana.² MF.: aviltar.

28. Bien sabemos que recabdo dades
En la cabeça do entrades.
29. Los buenos vos precian poco,
Que del sabio fagedes loco; (180)
30. No es homne tan senado,
Que de ti se á fartado,
31. Que no aya [*mal su grado*]
Perdi[d]o el sseso y el rrecabdo.
32. El vino con san[n]a pieno
Dixo: —Don agua, bierva vos veno! (185)
33. Suzia, desberconçada.
Salit buscar otra posada;
34. Que podedes a Dios jurar
Que nu[n]ca entrastes en tal lugar:
35. Antes amaryella e astrosa, (190)
Agora vermeia e fermosa.
36. —Don vino, que y ganades
En villanias que digades?
37. Pero si vos ent apagades,
Digamos vos las verdades: (195)
38. Que no a homne que no lo sepa
Que fillo sodes de la çepa,
39. Y por verdat vos digo
Que non sodes pora comigo;
40. Que grant tiempo a que .. (200)
41. Vuestra madre serye ar dnd[a]
Ssi non fuesse por mi aiuda;
42. Mas quando ve que le van cortar,
Plora e fagola levar.
43. — Agua, [*que te calles te ruego*]
Enti[en]do que lo dizes por iuego.
44. Por verdat, plaçem de coraçon (205)
Porque somos en est[a] rrazon;
45. Ca en esto que dizes puedes entender
Como es grant el mio poder:
46. Ca veyes que no é manos ni piedes,
E io [*derribo*] a muchos valientes, (210)
47. E si farya a quantos en el mundo [son];
Si bivo fuese, [*mismo a*] Sanson.
48. E dexemos todo lo al:
La mesa si[n] mi nada non val. —
49. El agua iaze muerta rridiendo (215)
De lo qu' el vino está diziendo.
50. —Don vino, si vos dé Dios salut,
Que vos me fagades agora una virtud:

51. Fartad bien un villano,
No lo prenda ni[n]guno de la mano, (220)
52. E si, antes d'una pasada
[*Que el tuviere dada*]
53. No cayere en el lodo,
Dios sodes de tod [en t]odo.
54. E si esto fazedes,
Otorgo que vençuda m'avedes:
55. En una bla[n]ca paret (225)
V. kandelas ponet,
56. E si el beudo non dixiere que son .C.
De quanto digo de todo miento.
57. — Por Dios, [*don'agua*] dixo el vino,
58. Mucho somos en buena rrazon, (230)
Si comygo tuviere entencion.
59. Quieres que te diga agora una cosa?
No sé rres tan lixosa:
60. Tu sueles cal[i]les e cal[i]ejas mondar
Y por tantos de lixos andar
61. [*Y por tantos*] de lugares (235)
Do leixas tus senales,
62. E sueles lavar pies e manos,
E limpiar muchos lixos[os] panos,
63. E sueles tanto andar con polvo mesclada
Fasta qu'en lo[do] eres tornada, (240)
64. [E a] ¹ mi siempre me tienen ornado,
Dentro en buena[s] cubas condesado.
65. E contar t'ê otras mis man[n]as,
Mas temo que luego te asan[n]as:
66. Yo fago al ciego veyer, (245)
Y al coxo correr,
67. Y al mudo faubla[r],
Y al enfermo organar,
68. Así co[m] dize en el scripto
Do fazem el cuerpo de Jesu Cristo. (250)
69. — Así, don vino, por carydad,
Que tanta sabedes de divinidat!
70. Alava-t[e]! oydo é algo ²: en cristianismo,
Que de agua fazen el batismo,
71. E los [que] de agua fueren bantizados ³ (255)
Fillos de Dios seran clamados,

¹ Ms: Ca.

² Ms: Alavut io y algo e en cristianismo.

³ Ms: E dize Dios que los de agua etc:

72. E llos que de agua non fueren bautizados
Fillos de Dios non sera[n] clamados. (258)

Qui me scripsit scribat, (261)
Semper cum Domino bibat.
Lupus me fecit de Moros.

*

Para concluir, mais duas palavras sobre a importancia litteraria do *Debate* e da *Aventura*, o logar que lhes compete na historia da poesia medieval da península, e sobre as formas dialectaes.

Quanto ao *Debate* não ha controversia. Tudo está dito. O escolar hispanico, *discipulus Golias*, como quasi todos os clérigos e jograes que cultivaram a poesia profana, imitou com desembaraço um modelo estrangeiro, desconhecido, que pelo assumpto podia proceder de fonte latina. A forma metrica accusa, porém, influencia franceza como em todas as mais narrativas rimadas, escriptas em octonarios *pareados*, que existem em Hespanha ¹, quer sejam de character sagrado como a *Vida de Santa Maria Egypciaca* e o *Libre dels tres reys d'Orient* ², quer didacticas como a *Disputa del Alma y el Cuerpo* ³, quer amenas como o *Debate entre Don Agua y Don Vino* ⁴.

Estas ultimas duas composições são — já o disse — os unicos exemplos archaicos que subsistem em hespanhol do genero dialogistico, derivado dos Certames pastoris da antiguidade classica. ⁵ Mas como dos seculos posteriores restam varias redacções dos mesmos themas tradicionaes, e de outros diversos, tanto na litteratura erudita como na vulgar ⁶, é de crêr que os clérigos vagantes do sec. XIII

¹ Em geral ellas accusam essa proveniencia tambem pela linguagem — caso que não se dá com os Poemetos.

² Ambos se acham na collecção de Sanchez-Pidal-Janer (Ed. Rivadeneyra).

³ Esta muito archaica *Disputa*, talvez seja do sec. XII.

⁴ Podia mencionar ainda certa *Controbadura dos Judeus*, que faz parte do *Duelo de la Virgen de Berceo*. Mas sendo francamente lyrica, um verdadeiro *cantar de refram*, pertence a outra categoria. Uma *Cantiga de ciegos* do Arcipreste de Hita, tambem em disticos, é do seculo immediato.

⁵ G. Baist trata de ambas no paragrapho destinado a *traducções do francês e do provençal*. Gaston Paris occupa se do *Débat* francês no capitulo: *Littérature purement descriptive et plaisante* (§ 110); e da *Disputaison entre le Corps et l'Âme* num dos paragraphos dedicados a *Littérature Dramatique* (§ 155).

⁶ Do seculo XV subsistem duas redacções da *Disputa entre Cuerpo y Alma* (*Zeitschrift I*). O sec. XVI produziu dois *Pliegos* obscenos, conservados no Cancioneiro de Buias. No sec. XVIII ha alguns romances vulgares de controversia: além da já citada entre a *Agua* e o *Vinho*, outra entre *Riqueza* e *Pobreza*; *Dia* e *Noite*, *Trigo* e *Dinheiro* (Duran, *Romancero* n.º 1343 — 1354).

levaram á península mais numerosas amostras, burlescas e sérias, hoje perdidas.

E em Portugal?

Bem queria acompanhar este artigo com algumas informações sobre o *Conflictus* na litteratura portugueza (culto, vulgar e popular) e se possível fosse, com algum especimen, pois o assumpto é virgem: nas principaes obras de consulta não ha palavra alguma a respeito d'este país ¹. No curto espaço de tempo que lhe dediquei, não me foi, contudo, possível descobrir colloquio algum, satirico ou didactico.

Registarei apenas o titulo de duas obras inéditas, caso ainda subsistam). Um dialogo de Luisa Sigaa era, de certo, estylizado com elegancia: *De Vita Rustica et Urbana*. Outro *Entre um gallo e outro animal*, considerado heterodoxo, e por isso prohibido, era obra de Pereira Marramaque, amigo intimo de Sá de Miranda. Mas ambos talvez se approximassem mais dos Colloquios em prosa de Erasmo, tão em voga no sec. xvi e que serviram de modelo a varios cultores do genero: João de Barros ², Francisco de Moraes ³ e D. Francisco Manoel de Mello ⁴.

Notarei mais que me lembra ter encontrado na litteratura de cordel junto a *Testamentos*, *Almoedas*, *Porquê*s, *Núncas*, *Arrenegos*, um *Romance de briga entre um Cego e um Corcovado*, mais narrativo do que dramatico ⁵.

Nem deixarei de acrescentar que entre os versos de um cantor popular, ainda vivo, ⁶ que mal acabam de sahir do prélo, muitos parecem o eco remoto de uma tradição antiga, outr'ora abundante. Temos dialogos entre um Rico e um Pobre, Juiz e Orphão, Inquilino e Senhorio, Cirurgião e Ferreiro, Engeitado e Mãe, Igreja e Taberna, Pescadores e Patrões, Patrões e Operarios, Socialistas e Conservadores, Pescadores e Camponeses, Pescador e Peixe, Pescador e Mar, Pinheiro e Rachador, Boers e Ingleses. Seculo novo e velho. Mas dialogos tão rudimentares, que cada interlocutor recita uma poesia inteira, a qual consta invariavelmente de um Mote de quatro versos octonarios, e de quatro decimas de glosa! ⁷

¹ Veja-se Ebert, *Allgemeine Geschichte der lateinischen Litteratur des Mittelalters*, vol. II, p. 60-70; Groeber, *Latéinische Litteratur em Grundriss* II § 64, 252, 281-283 e 285; Groeber, *Französische Litteratur* ib. 207; Selbach, *Streitgedicht* 1886 p. 20 § e 32; G. Paris, *Littérature française au Moyen Age*, § 110 e 155.

² No Dialogo ethico entre a Razão, o Tempo, a Vontade e o Entendimento a que deu o titulo de Mercadoria Espiritual (*Thopica pnenma*).

³ Os interlocutores dos três Colloquios que escrevem são: *Fidalgo e Escudeiro*; *Cavalleiro e Doutor* (o *Miles* e *Clericus* do *Conflictus* entre Phillide e Flora); *Regateira e Moço de Estribeira*.

⁴ Refiro-me aos *Apologos Dialogaes*, imitação engenhosa de Quevedo e Bocalino.

⁵ Nas *Miscellaneas da Bibliotheca da Ajuda*.

⁶ *Versos do Cantador de Setubal*, Antonio Eusebio (Calafate), Lisboa 1901.

⁷ Os que citei, nem de longe são os únicos.

Para incitar os folkloristas nacionaes a publicarem os *Conflictos*¹ que porventura conheçam, darei em nota a lista dos themas principais da Idade Média², e ainda lhes recordarei mais uma vez que Portugal tambem teve outr'ora os seus clérigos jograes e trovadores, e mesmo bastantes *Goliardos*, se fôr licito allegar como prova documental a legislação canonica e civil³.

A *Aventura*, essa é unica no seu genero.

Castella cultivava a prosa, o poema epico, e além d'isso a poesia devota e didactica. A poesia lyrica da peninsula inteira (com exclusão dos territorios catalães de lingua-d'oe) era gallaico-portuguesa, durante todo o sec. XIII e a primeira metade do sec. XIV. Aqui temos, porém, uma poesia trecentista que sahe fóra do quadro. Redigida em castelhano é, não «estricamente lyrica», como foi chamada pelo auctor da *Antologia* (uma vez, que não era destinada ao canto, nem tão pouco fora escripta em estrophes artisticas), mas epico-lyrica. Um traço de união portanto entre as duas litteraturas, como muito bem disse o mesmo escriptor.

Que esse traço de união seja afrancesado, não póde admirar. O sec. XIII é a época da absoluta hegemonia espirital da França. Franceses eram os cantares de gesta, imitados pelos castelhanos; francees o verso alexandrino dos poemas sacros; franceza pelo menos metade das formas lyricas, cultivadas pelos trovadores occidentaes. E o nosso auctor que cita a França como um dos centros onde aprendeu a cortesia, era com certeza conhecedor da sua litteratura.

Sem negar a difficuldade que ha em distinguir a influencia provençal da franceza, apontei como muito parecidos, no andamento e caracter geral⁴, os esbeltos *sans d'amour*, romances e pastorelas do Norte da França⁵ e quanto á forma os igualmente apraziveis *dits*,

¹ Não me refiro ás *Conversas de Namorados*, nem ao *Dialogo* (ou *Xacara*) da *Pastorinha*.

² Além dos *Colloquios* entre a Agua e o Vinho, Inverno e Verão, Corpo e Alma, Phillide e Flora (a respeito de cavalleiros e doutores), já mencionados no texto e em Nota, ha em latim outros muitos, apraziveis como o *Conflictus Rosae et Lilii* (Dümmler, *Poetae aevi Carolini*, 1880, III 230), *Rosae et Violae* (Heilig, *Archiv* 90, 152); mysticos como a *Disputatio inter cor et oculum* (Wright 93), ou didacticos como *Conflictus Ovis et Lini* (Haupt XI 215). Em francees ha: *Bataille de karesme et de charnage*; *Estrif du denier et de la brebis*.

Na Inglaterra, onde o genero esteve muito em voga, ha dialogos entre a Vida e a Morte, Homem e Mulher, Mocho e Rouxinol e diversos outros animaes.

³ Nas *Ord. Aff.* III 15, 18, ha decretos contra o Goliardo que ha em costume «almoçar, jantar, merendar, ou beber na taverna». Ali mesmo e em varias *Constituições Synodaes*, encontram-se ordenações contra os clérigos-jograes.

⁴ Cá como lá temos o passeio do poeta, o encontro com a amada; a conversa amorosa, e como condimento cantigas entoadas pela dama. Traços peculiares são: o estado de *escolar* do amante, e o amor a distancia, graças a cartas, recados e presentes.

⁵ As verdadeiras pastorelas, tanto as francesas e provençaes como as portuguezas, estão redigidas em versos de syllabas contadas, e estrophes de *mestria*, i. é tripartidas com rimas enlaçadas.

fableaux, romans d'aventure. Prefiro mesmo o título «aventura á moda de pastorela» ¹ (*pastourellenartiges Liebesabenteuer*).

Mas nem por isso lhe nego as feições peculiares e o espirito mais gallaico-português do que castelhano, já notado por outros.

Reconheço-o no facto de a amada do escolar ser donzella, a *dona-virgo* dos trovadores. Na preponderancia do elemento feminino ². No parallelismo, incompleto embora, de alguns dos versos cantados pela donzella ³. Na rima alternante *amado* e *amigo*, que constitue, como é notorio, um dos característicos dos *cantares de amigo*. No caracter vago e velado das declarações de amor. Na delicadeza discreta, assaz incolor, com que o auctor, chegado ao ponto decisivo, conclue abruptamente o seu romance.

*

A' luz d'estes factos é que devemos encarar agora o problema linguistico.

Duas auctoridades classificaram como navarro-aragonesas as cambiantes dialectaes do texto, em duvida se os haviam de attribuir ao poeta ou ao amanuense. O unico que reconheceu ou suspeitou no idioma elementos gallaico-portuguezes foi um peninsular: o mesmo Menendez y Pelayo que definiu tão acertadamente o caracter dos Poemetos.

Tal divergencia de opinião não tem nada de estranho. Alguns dos traços em que o aragonês segue caminho diverso do castelhano, approximam-no dos dialectos do Norte e Noroeste. Em frente de textos curtos, só levemente tingidos de aragonês como os Poemetos, a decisão é difficil, de mais a mais sendo elles de orthographia pouco curada.

Tão difficil que certos *descordos* polyglottas de trovadores provençaes, com estrophes em romance peninsular, corrompido pelos copistas e talvez incorrecto *ab-initio*, suscitaram a mesma questão. Igualmente as poesias intercaladas em uma das *Cronicas Troyanas*. E ainda no sec. xv, o problema surge novamente nas obras de Santa-Fé e mais

¹ Os que lhe deram o titulo de *Romance* talvez quisessem acentuar o caracter francês.

² Da bocca da dama sahem 42 versos, alguns cantados, e todos penetrados de lyrismo. O amante profere poucas palavras: duas perguntas e uma resposta.

³ Distico 54 e 55. — Rhythmicamente as partes lyricas não se destacam da parte narrativa. Como os versos são muito incorrectos, é difficil formar opinião. Ainda assim, um distico (47) lembra imperativamente o *rhythm* das muinheiras gallegas:

*Por Dios que digades, la mia sen[n]or,
Que donas tenedes de la su amor.*

aragoneses que seguiram o ramo dos trovadores occidentaes. De todas essas composições occupar-me-hei em artigos posteriores ¹. Aqui me restrinjo aos Poemetos.

Nelles ha vocabulos, expressões, fórmulas verbaes que occorrem a cada passo nas cantigas dos trovadores gallaico-portugueses: *razon* e *entencion* ², *manto* e *brial*, *emiente* e *ementar*, *mal-levar*, *manamano*, *ser en pesar*; *pris*, *connozco*; os adverbios *sol*, *festino*, *privado*, *a plan*; *senhor* de genero feminino ³, *sen*, *ren*, *barra punniente* ⁴, *fé que deve-des* ⁵, etc. Mas, claro, nenhuma d'ellas é exclusivamente portuguesa. Todas eram communs á poesia peninsular, e em parte a toda a poesia romanica.

Muitas fórmulas ha que são puramente aragonesas. Com *d* entre vogaes *seder* (I v. 89), *vidia* (99), *rridiendo* (53), *rridentes* (64), *pie-des* (47), *fryda* (29), *frydores* (40), *odi* (84); *creder*, *odir*, *ode* (na prosa); com *pl* *cl* latim *plegué* (37), *pleno* (15, 22, 29), *plora* (41), *clamados* (93, 95). E *nieu* por *nieve* ⁶.

Outras tanto podem ser portugesas como aragonesas: *feyto* (4, 63), *dereyto* (62), *muito* (112), *fillo* (II 35, 93, 95), *dito*, *ollo*, *muller* na prosa cujo caracter dialectal é um pouco mais pronunciado; *meu* (78, 120, 131, 133 *meo*); *sen* (na prosa).

Varias apparentam fórmula occidental. Mas talvez apenas pela falta de um til sobre *n*, ou por outros lapsos de copista, como ommissão de um *l* ou *i*: *vilano* (75, 102), *enganado* (87), *puno* (75), *senal* (236), *ali* (139), *ela* (31, 125, 136), *bela* (91), *donçela* (56), *cavaleiro* (102, 111), *cabelos* (59), *tolió* (126); *sempre* (80) ⁷, *ben* (92), *perdimento* na prosa, *as rosas* (45).

O mesmo vale de *bona* (85, 91), *commigo*, *sen* (por *sin*), *mester*, *fer*, e formas e graphias frequentes em textos archaicos, conservados em treslados de copistas leoneses, gallegos ou portugueses.

Mas que dizer da orthographia *em* (104) (II 87) e *fazem*? ⁸

¹ Conto analyzar em artigos posteriores os versos intercalados na *Cronica Troyana*. (II); Os de *Macias*, o *Namorado*, (ed. Rennert) (III); O *Cancioneiro Gallego-Castelhano*, colleccionado por Henry R. Lang.

² *Tençon* e *entencion*, no sentido de *briga* e *canção de briga*, em dialogo, occorrem no Cancioneiro da Vaticana 14, 826, 868, 1021 e 1022.

³ V. 98, 106, 116, 139, 144.

⁴ Temos *barra pungente* nas Cantigas de S. Maria, de Alfonso o Sabio (CM 355 e 392), nas *Eglogas* de Bernardim Ribeiro e Camões; mas tambem no *Poema de Alexandre*, de Berceo (1143 e 1244).

⁵ De passagem seja dicto que é preciso introduzir esta formula no *Libre dels tres Reys d'Orient* v. 23, onde os editores imprimiram: *ase que deve-des*. Cf. Alex. 688: *por la fé que deve-des*.

⁶ Com relação a *Dieos*, considerado como forma de transição de *Deus* para *Dios* eu penso num lapso de escrita de quem, empregando por via de costume *Deus*, havia de escrever *Dios*. O mesmo vale de *diu* (*dió deu*), *tennieu* (*tenniu tingu gall*). Esperemos por mais exemplos.

⁷ Petraglione conservou esta forma dialectal; Morel-Fatio, um tanto menos consequente, conservou *sempre*, mas emendou *b(e)n*.

⁸ *Dizem* (114 e 110) é *dize-m(e)* como *no(m)* (34 e 36) é *no-m*.

As rimas nada decidem, segundo a opinião dos outros criticos. Como em lugar de consoantes mais de uma vez occorrem assoantes, tanto serve *ciento miento*, como serviria *cento mengo*. Mas *capiello, aniello* e *decir si* que em portuguez davam *capelo, anel, dizer si* sempre mostram que não houve redacção portuguesa ¹. Tal conjectura não teria base alguma.

Como explicar então o enigma?

Apenas posso esboçar uma resposta, em fôrma dubitativa, perguntando se por ventura o auctor, originario de Aragão e escolar-vagante, seria, como tantos outros clérigos-trovadores e clérigos-jograes de todas as provincias hispanicas, acostumado a compôr versos lyricos em gallaico-portuguez? ²

De Aragão vieram poetas em Portugal, e em portuguez, além de D. Pedro de Aragão, meio-irmão da Rainha Santa, o clérigo Martim Moxa. Estevam da Guarda, o jogral Caldeirom ³.

Esse polyglottismo (note-se bem, exclusivamente romanico) não tem nada de surpreendente no seculo em que *Ramon Vidal* e *Raimbaut de Vaqueiras* se ensaiaram em portuguez, e um genovês como *Bonifacio Calvo* versificava na corte de Castella em gallaico-portuguez e compunha um descordo em quatro idiomas.

Attribuindo as fôrmas dialectaes não ao auctor mas a um amanuense, acostumado a tresladar cantigas de amor, cantares de amigo e dizeres de escarnho, nada ganhariamos, pois restariam inexplicadas as importantes feições gallaico-portuguesas a que acima me referi. A elle devemos, salvo erro, apenas a combinação malgeitosa de dois textos originariamente separados ⁴.

¹ *Exo* por *eso*, e *getan* (= *gritan*) são formações mais catalanas que gallegas.

² Parece-me injustificada a reluctancia dos philologos em acreditarem na mistura *involuntaria* de formas linguisticas em obras litterarias. A poesia de Alfonso XI *En un tiempo cogi flores*, ideada em castelhano, mas intermeada de galleguismos; tudo quanto de lyrico se escreveu na peninsula de 1350 a 1450; as obras castelhanas de auctores portuguezes assim como a propria experiencia: impõe opinião contraria.

³ D'elles me occupo na ed. do Cancioneiro da Ajuda e nas *Randglossen*.

⁴ O nome *Lopo* era muito usado no Nordeste da peninsula.

DIALECTOS ALGARVIOS

(LINGUAGEM DO BÀRLAVENTO)

Dá-se no Algarve o nome de *Bàrlavento* àquella parte da provincia que demora ao occidente e o de *Sótavento* á que lhe fica em posição adversa. Com quanto a minha colheita tenha tido por área principalmente a cidade de Lagos e seus contornos, factos aponto que sahem fóra deste recinto e se encontrão em povoações que se estendem até Faro, razão esta porque classifiquei a linguagem popular de que vou occupar-me como não exclusiva desta porção minima da provincia algarvia.

Escusado é encarecer o estudo das fallas locais, porque a sua importancia tem sido evidenciada por muitos philologos, entre elles pelo sr. Leite de Vasconcellos, que, com uma paciencia de verdadeiro benedictino, se tem dedicado a estes assuntos, prestando assim não pequenos serviços á glottologia geral e em especial á portuguesa. Com effeito, estudando a linguagem do povo, vamos surprehender, por assim dizer em flagrante, a evolução soffrida pelo latim vulgar, até se transformar na lingua portuguesa e achar na maneira como elle trata a lingua culta a explicação dessa transformação. Poisque foi o povo inculto e analfabeto que, por modificações successivas, mas inconscientes e fataes, converteu a lingua do Lacio na que ora fallamos, deve tambem ser nelle que nos cumpre ir procurar o modo de ser desse phenomeno linguistico. Desejando, pois, contribuir, no acanhado limite das minhas debeis forças para o estudo da nossa tão bella e rica lingua, escrevi os apontamentos que vão seguir-se. Longe de mim a presunção de ter esgotado todos os factos philologicos observaveis nesta parte do Algarve, já porque muitos terão passado despercebidos á minha observação, já porque outros, por falta de sufficiente pratica, os não terei notado; são apenas notas soltas que poderão porventura aproveitar a quem, melhor preparado, venha algum dia a occupar-se desenvolvidamente deste assumpto.

No estudo da linguagem de que se trata, devemos naturalmente encara-la sob os tres aspectos: *phonetico*, *morphologico* e *syntatico*. É o que passo a fazer, começando pela

Phonologia ou descripção dos sons

Vogaes oraes

Na seguinte exposição dos sons vogaes e consoantes tomo para comparação a pronuncia da capital, que vem descrita no excellento trabalho do distincto philologo e romanista, sr. A. R. Gonçalves Vianna, intitulado *Pronuncia normal portuguesa*, e a da gente inculta desta parte da provincia, apontando as divergencias que entre uma e outra se dão. Assim:

a pronuncia-se como em Lisboa, excepto quando seguido de consoante nasal, caso em que sôa sempre *am* ou *ã*: ex: *râmo*, *câma*, *cânada*, *pânella*, *jânella*, etc.

e tem os mesmos valores que na capital do reino, excepto se está antes de consoante palatal ou junto a *i*, formando o ditongo *ei*, caso em que se pronuncia fechado (e não *a* ou *ai*, como em Lisboa); ex.: *sêja*, *cerêja*, *abêlha*, *concêlho*, *fêcho*, *lê* ou *lêi*¹ etc., ou quando seguida de consoante nasal, e ainda atono inicial em que sôa tambem fechado: ex.: *entender*, *ensenaar*, *êrmão*, *Êmila*, *Ênaço*, *êcoar* (*echoar*), *êzame* (ou *enzame* = *exame*); ou final, em que, quando não seguido doutra palavra e em emphase, se ouve geralmente um *i* attenuado: ex.: *montê*, *fontê*, *pontê*, *arvê* (*arvore*), *salvê* (*salve*), *arvê* etc., e a mais um som bastante forte e guttural² que se ouve, por exemplo, em *dê rêj* (*dez rêis*), *êra* (verbo e substantivo), *dêr* etc.

Obs. Em Bordeira, povoação do concelho de Aljezur, em certos casos que ainda me não foi possivel estudar, existe um *e* de valor intermedio entre *e* e *a* e que se me afigura assemelhar-se ao *ö* allemão; representa-lo-ei, como o sr. Gonçalves Vianna, por *a*: ex.: *daçêma* (*decima*).

i sôa como em Lisboa, excepto se é atono inicial ou está seguido de consoante nasal, porque então vale de *e* fechado: ex.: *êroi* (*heroe*), *êrmão* (*irmão*), *entrar*, *êmenso* (*immenso*), *entrudo*, etc. (vide: *e*).

o pronuncia-se como em Lisboa, excepto se é final atono, caso em que geralmente sôa como *u* tão attenuado que por vezes parece ouvir-se um *e* surdo.

u tem os mesmos valores que em Lisboa, excepto quando atono e principalmente no fim das palavras em que sôa muito attenuado (vide *o*) ou atono inicial, caso em que se pronuncia fechado, como em *ôrêlha*, *ôvêlha*, *ôlhar*, *ôlvêra* (*oliveira*), *ôrina*, *ôfano* (*ufano*), *oivar* (*uivar*), *ôrrar* (*urrar*), *ôsar*, *ôsado* (*usar*, *usado*), *ôrtiga*, *ôsurairo* (*usurario*) etc., e a mais um som muito parecido com o *u* francês, mas isto só no concelho da Villa do Bispo: ex.: *rua*, *lunêta*, etc.

¹ Pelo signal *˘* indico a vogal attenuada ou a syllaba breve nos dactylicos.

² Noto-o pelo accentto grave (˘), assim como pelo agudo (ˆ) o geralmente chamado aberto de *pé*, *sé*, *fê*, etc., que a meu vêr, melhor se denominaria *médio*, isto é, de som em parte fechado, em parte aberto.

INFLUENCIAS A QUE ESTÃO SUJEITAS AS VOGAES ORAES

Reduzem-se a duas as influencias a que estão sujeitas as vogaes oraes: 1.^a *nasalização*, que se dá quando se achão em contacto com uma consoante nasal, quer esta venha antes, quer depois: ex.: *cânada*, *Jânico*, *ânhada*, *mûto* (*muito*), *mêsa* (*mesa*), *câma*, *pêna*, *mão*, *cômo*, *pînha*, *lûme*, etc.; 2.^a *guturalização*, que se dá, sempre que a vogal se acha seguida de liquida: ex.: *salva*, *caldo*, *bello*, *alma*, *pulga*, *ôlvêra*, *pardo*, *arrê*, *garfo*, etc.

Vogaes nasaes

São de duas especies as vogaes nasaes: ou *nasaes* propriamente ditas ou *nasaladas*. Pertencem á primeira classe as que de sua natureza são proferidas pelo nariz; fazem parte da segunda as que devem a sua nasalidade á consoante nasal *m*, *n* ou *nh*, com que se achão em contacto, como acabamos de vêr ¹. A differença que ha entre umas e outras é que nas primeiras o som nasal é completo, nas segundas attenuado. Nas da primeira classe devem ainda distinguir-se as que estão dentro da palavra das que se achão no fim, porquanto aquellas conservão sempre o som nasal, e estas tendem a attenuá-lo, chegando por vezes a perde-lo, se a vogal é *e* ou *i*: ex.: *onñ* (*ontem*), *homñ* (*homem*), *carnája* (*carnagem*), *imája* ou *ômája* (*imagem*). Quanto ao som das vogaes nasaes ou nasaladas, quer sejam iniciaes, mediaes ou finaes, pôde ser *aberto*, como em *jantâmos* ² *fazêmos* (*fizemos*) ou *semi-aberto*, isto é, medio entre aquelle e o fechado, como em *jantar*, *santar* (*sentar*), *prantar*, *pentar*, *ensenar*, *contar*, *ajontar*, etc., ou *fechado*, como em *amâmos*, *câmpo*, *câma*, *virgêm*, *bêbêm*, *cômêm*, *tragôm*, *digôm*, etc., e divergem da pronuncia da capital em que *em* ou *en* finaes se pronunciação *ê* (e não *ai*) e *en* inicial atona sôa *ê* e não *î*, como acontece em Lisboa.

Ditongos

O dialecto algarvio comprehende os seguintes ditongos: *ai*, *êi*, *ôî*, *ui*, *ai*, *êi*, *ôî*, *ui*, *ai*, *êi*, *ôî*, *ui*, e *âô*, os quaes apenas se fazem ouvir, quando isolados, isto é, não seguidos de consoante, quer na mesma palavra, quer na seguinte, caso em que tendem a condensar-se, como veremos adiante.

ALTERAÇÕES A QUE ESTÃO SUJEITAS AS VOGAES E OS DITONGOS

Vogaes oraes

a tonico muda-se por vezes (mas raras) em *ê*: ex.: *barrêca*, *engrêto*, *quetêrra*, *matrêca*, etc. ³

¹ Cf. Leite de Vasconcellos, *Dial. alemt.*, viii, § 7.

² No preterito do indicativo.

³ Este mesmo phenomeno, mas com muito mais extensão, encontrou-o o sr. Leite de Vasconcellos na linguagem d'Avis. Vide *Dial. alemt.*, ix.

a atono tende a converter-se em e: ex.: côvedo ¹ (*covado*), chemar, velado (*vallado*), reção, jenella, Bâtezar (*Balthazar*), estemênha (*estamenha*), escade, sêjes (*sejas*), etc.

Obs. I. Esta mudança do a atono para e é, na maioria dos casos, proveniente de dissimilação, como em *velado*, *reção*, *chemar*, etc.

Obs. II. Em *encórestia* (*eucharistia*) deu-se a troca excepcional do a em o, talvez sob a influencia de *cór*.

e atono tende a mudar-se em a, mórmente se está em contacto com liquida, e cabe, se é inicial e se lhe segue um s impuro: ² ex.: a) *Jasus*, *Aljasus* ³, *catadral*, *manancolia* ⁴ (*melancolia*), *piadade*, *açanar*, *malafico* (*maleficio*), *navoêro* (*nevoeiro*), *çarol*, *Farnandes*, *rabuscar*, *rabânha*, *armão* (tambem *êrmão*), *saria*, *cararão* (*quererão*), *estabalce-mento* (*estabelecimento*), *arramatar*, etc.; b) *scarado* (pr. *xcarado*), *smagar* (pr. *jmagar*), *Stêvo* (pr. *xtêvo*), *sprito* (pr. *xprito*), etc.

Obs. I. Esta troca do e por a, com excepção dos nomes em que entra r, podem, na maioria dos casos, explicar-se por assimilação, como *catadral*, *manancolia*, *malafico*, etc.

Obs. II. Não é rara tambem a troca do e por i, o que se me afigura devido a affectação, se bem que em escritores antigos se encontra v. g. a fôrma *milhor*: ex.: *piquenino*, *piquenallo*, *piquenito*, *milhor*, *mimento* (de *memento*, de *momento*, assimilação), *mimoira*, etc.

i atono muda-se em e surdo: ex.: *fecava*, *alemal* ⁵, *adevenhar*, *tesse*, *quesesse*, *bâtezar*, *aleforme*, etc.

Obs. *Mil* em proclise com *reís* muda-se em *mêl* (que se ouve mais frequentemente do que *mî*, cuja evolução deve ter sido a seguinte: *mîl rêj* > *mîr rêj* (ass.), *mî rêj*) e d'aquí para *mal*.

o atono tende a converter-se em a ou e, quando seguido de o ou u: ex.: a) *racio*, *sacôrro*, *acagular*, *cagulo*, *catoria*, *catorêllo*, *salão* ou *selão* ⁶, *escamongado* (pr. *xcamongado*), etc.; b) *fetura*, *sepôr*, *estepôr* ou *estapôr* (pr. *xt.*), *testão* ⁷, etc.

Obs. I. Esta mudança do o atono em a ou e é, como no a, devida a dissimilação: $o(u) - o(u) = a$ ou $e - o(u)$.

Obs. II. Em *áratoiro* por *oratoiro* deu-se visível influencia de *ara*. Cfr. *pedra d'ara* (a do altar).

¹ Esta fôrma é a representante directo do latim *chibitus*.

² Chama-se s impuro o s seguido de consoante que fôrma syllaba com elle.

³ Influencia de *Jesus*. Em vez de *Aljasus* tambem se ouve *Al'zar*. (*Aljezur*).

⁴ Nesta palavra deu-se assimilação do l ao m antecedente: m... l > m... n.

⁵ A troca do n em l é devida a dissimilação. Compare-se *alma* (*anima*).

⁶ Ha, na freguesia de Bensafrim, deste concelho (Lagos), um sitio a que chamão *Salão* ou *Selão das minas*; julgo ser um augmentativo de *sôlo* (*chão*).

⁷ A fôrma *testão* é aliás identica á originaria italiana *testone* (de *testa* = cabeça, por terem as moedas a cabeça do rei gravada). A mesma palavra, em enclise com *dois*, *tres* perde o primeiro t, sem duvida por dissimilação, ouvindo-se a cada passo *dôxtonj*, *trêxtonj* (*dois testões*, *tres* etc.).

Vogaes nasaes

ã atono (raras vezes tonico) tende a mudar para *ẽ*: ex.: *lember*, *empáro*, *emparar*, *jentar*, *engrínha* ¹, *endorínha*, *endãime*, *entiga*, *endar*, *enzol*, *criença*, etc.

ẽ tonico ou atono tende a converter-se em *ã*: ex.: *lanço*, *antretremanto*, *amandoa* ², *assantar-se*, *santar*, *antão* (ou *atão* por dissimilação: *ã... ã = a — ã*), *antre* (archaico) etc.

Obs. Como o *e* oral, tambem o *ẽ* nasal se muda por vezes em *ĩ*: ex.: *alinterna* (de *lenterna* = *lanterna*), *Limtéjo* (a par de *Lentejo* = *Alentejo*), *avingar* (a par de *avençar* (de *avancar*), que é a fôrma mais frequente).

ĩ atono muda-se em *ẽ*: ex.: *empossivel* ou *empossivle*, *enfusa*, *encólco* (*incognito*), *prencipo*, *prencés* (*principe*), *engrêto*, *enzestã* (*indigestão*), *ventem*, *entêro*, *brençar*, etc.

õ nalguns casos, mas raros, converte-se em *ã*: ex.: *sãmos*, *estãmo* ou *estambo* (*estomago*), *lambrigas*, *pantapé*, etc.

Obs. O *a* de *sãmos* é devido a analogia com *estamos*; os de *estãmo* ou *estambo* e *pantapé* podem explicar-se por assimilação: ex.: *o... a = a... a*.

ũ atono tende a converter-se em *õ* ou *ê*: ex.: a) *fondura*, *ontar*, *ajontar*, *escamongar*, *escamongado*, etc.; b) *embigo*, *enguento*, etc.

Obs. Como se vê, as transformações soffridas pelas vogaes nasaes *ã*, *ẽ*, *ĩ*, *õ*, (*ũ*) são identicas ás que se dão nas oraes, e, tambem como nestas, podem, em muitos casos, explicar-se por dissimilação: assim *emparar*, *jentar*, *endar*, *fondura*, *enguento*.

Ditongos

Os ditongos, tanto oraes, como nasaes, tendem a simplificar-se, reduzindo-se a vogaes, quando seguidos de consoante, quer na mesma palavra, quer por effeito de proclise. Assim:

ai ou *ae*, quando seguido de *s* ou *x*, perde ora o *i* ora o *s*: ex.: *más* ³ (*mais*), *vás* (*rais*), *pombás*, *favás*, *cásquer* (*quaesquer*), *cuás* (*pr. kuáj*), de *quais*, de *quasi*, *caxa*, *baxo*, *mai nada*, (*mais nada*), etc.

Obs. Provem esta redução do facto de serem *i*, *s* e *x* palataes. *ei* condensa-se em *é* (*e* fechado): ex.: *pêto*, *acêfar*, *pêxe*, *fêto*, *quêjo*, *carpentêro*, *prêra* (*pereira*), *amêxêra*, *penêra*, *papêra*, etc.

Obs. I. A condensação do *ei* em *é* dá-se mesmo antes de vogal e isolado, isto é, sem ser seguido doutra palavra, pelo menos, se o *i* se faz ouvir, é dum modo quasi imperceptivel: ex.: *cêa*, *mêa*, *fêa*, *têa*, *pêa*, *corrêa*, *candêa*, *rê*, *sê* ou *mêa*, *fêa*, *rêi*, *sêi*.

Obs. II. O *é* proveniente da redução do ditongo *ei* toma nalguns

¹ Ha junto a Ferragudo (concelho de Lagoa) uma praia que o povo chama da *Engrínha*. Julgo ser diminutivo de *angra*.

² Colhi em Estoy (Faro) estes tres vocabulos.

³ D'aqui a fôrma *má lo* (= *mais o*), v. g. na phrase: o *António má-la Francisca*. Vide *Grammatica* do sr. Epiphanio, 6.ª ed., pag. 29.

casos um som medio entre o aberto e o fechado, igual ao da palavra sé, v. g.: ex.: *mantéga, véga, téma, atémar*, etc.

Obs. III. *Rês* (ou melhor *rêj*), plural de *real*, não offerece excepção á regra, visto que o singular é *rê*.

Obs. IV. Da condensação do *ei* em *ê* provém o *e* fechado de *égreja, êzame, Ênés*, e *Ênaço*¹, que têm origem nas fórmās: *eigreja* (V. Viterbo s. v.), *eizame* (*aizame* se diz em Lisboa), **Einés*, **Eincio*, de *ecclesia, examen* (= *ecsamen*), *Agnes* e *Ignatius*, nas quaes, segundo a sua tendencia, a guttural produziu um *i*, pelo que tambem se diz *igrêja, izame, Inés* e *Inacio*.

ea (ou *ia*) final atono reduz-se a *a*, excepto se a tónica é *a*, *o* ou *u*, que então esta attrahe o *e* ou *i*, formando os ditongos *ai, oi, ui*: ex.: *a) fêma* (*femea*), *gêmo* (*gemo*), *Ôfêma* (*Eufemia*), *Êmila*, *famila*, etc.; *b) Ênaça*, *escada* (de *escadea*), *âisa* (*ansia*), *gloira*, *atoira* (*historia*), *duiza* (*duzia*), etc.

Obs. Esta attracção que se torna evidente, quando a tónica é uma vogal diferente de *e* ou *i*, está encoberta, se é alguma destas, pois *fêma, Êmila, família*, estão por *feema, Emila*, etc. Pronúncias como *arrudia* (*arruda*), *facia* (*face*), são affectadas.

eo (ou *io*) final, quando tónico, em proclise, perde o *o*; quando atono, reduz-se a *o*, excepto se a tónica é *a* ou *o*, que então attrae o *e*, formando os ditongos *ai, oi*: ex.: *a) fugi logo* (*fugiu logo*), *parti já* (*partiu já*), etc.; *b) remêdo*, *prencipo*, *prêmo* (*premio*), *sito* (*sítio*), etc.; *c) paito*, *sacldairo* (*sacrario*), *repaíro* (de **repareo*), *almaíro*, *contraíro*, *Provesóiro* (*Provisório*, *appellido*) etc.

Obs. I. Esta redução do *io* final a *i*, quando em proclise, dava-se já no português archaico, porquanto na *Demanda do santo Graal* occorrem graphias como estas: *parti-se, feri-lhe*, as quaes correspondem a *partio-se ferio-lhe*. Vide Cornu, *Die ptg. Sprache*, § 332, Anmerkungen: pret. perfeito.—Cf. tambem Leite de Vasconcellos, *Dial. alem.*, viii, § 20.

Obs. II. Vide a observação ao ditongo *ea* (*ia*).

oa final atono tende a reduzir-se a *a*: ex.: *nóda* (*nodoa*), *néva* (*nevoa*), *táva* (*taboa*), *abença* (*abençoa*), etc.

Obs. Como nos ditongos *ea* (*ia*), *eo* (*io*), tambem a redução do *oa* a *a* se explica, a meu vêr, pela attracção do *o* pela tónica, estando, pois, aquellas fórmās por *nooda, neova, taova* ou *neuva, tauva*, etc. Vide ditongos *eu* e *au*.

oi, quando seguido de *s*, perde ora este, ora o *i*: ex.: *pôĩ bem* (pois bem), *bôs* (pr. *bôj*), *dôs* (*dôj*), *pôs* (*pôz*), etc.

Obs. Vide a obs. ao ditongo *ai*. Nos pluraes dos nomes em *oi*, o *o* conserva o mesmo som que tem no singular, isto é, aberto: ex.: *caracós* (*caracôj*), *lençós* (*lençôj*), *farós* (*farôj*), etc.

ui tende a reduzir-se a *u*: ex.: *cudar, cudado, mûto*, etc.

¹ Note-se que esta palavra não é popular, o que mostra o -cio.

Obs. A mesma redução se deu em *cutello* da lingua escrita, que está pelo archaico *cuitello*, do lat. *cultellu*.

au tende a reduzir-se a *a* aberto: ex.: *ámento*, *átôr*, *átoridade*, *Pálo*, *Agusto*, *pázáda*, *pázinho*, *mázão* (aug. de mau), *má rapaz*, *má óme* (mau homem), *má vasilha*, etc.

Obs. I. O ditongo *au* foi diferentemente tratado em *cantela*, *pautá*, *causar*, *causa*, *pausa*. *Panda*, *cauda*, *aula*, *flauta*, *Laura*, *Paula*: os quaes se transformaram respectivamente em *cuitela*, *pátua*, *acúsuar*, *cásua*, *pásua*, *Pádua*, *cádua*, *álua*, *flátua* (tambem *flaita* de **flaita*). *Lárua*, *Pálua*, fórmass estas que contradizem a natural tendencia de reduzir os proparoxytonos a paroxytonos, embora se possam considerar de duas syllabas. A primeira fórma explica-a o sr. Leite de Vasconcellos (*Dial. alemteij.*, viii, § 20, e) como resultante de **cuautela*. Virão as outras tambem de fórmass como *pautua*, *acausuar*, *causua*, *pausua*, *caudua*, etc.?

Obs. II. Em *ao* (prep. *a* + art. *o*) deu-se provavelmente assimilação de *ao* (*au*) a *ou* (= *ô*): ex.: *vô ô pôço*, *dá iss' ô Antoino* (Vide *ua*, obs. I).

eu condensa-se em *e* semi-aberto ou medio (*é*): ex.: *adês* (*adeus*), *mê Dês* (*meu Deus*), *té páz*, *sê marido*, *é quêro* (*eu quero*), *chapé bázo*, etc.

Obs. I. Ainda quando seguido de vogal, dá-se a condensação: ex.: *mê âmo* (*meu âmo*), *té avô*, *chapé alto*, etc.

Obs. II. Em *Ófima* (*Eufemia*), *Ófraisá*, *Ofraiso* deu-se a troca do *eu* em *ô*, como em *Ólaia*, *Ólalha*, *Óvaia* de *Eulalia* (Vide Cornu: *Die ptg. Sprache*, § 40).

ou condensa-se em *o* fechado (*ô*): ex.: *pôço*, *matô*, *passô*, *vô*, *ôvir*, *ôvido*, *grô*, *papô*, *ôtro*, *rôbar*, etc.

Obs. I. A condensação do *ou* em *ô* dá-se ainda antes de vogal e isolado; pelo menos, se o *u* se pronuncia, é tão attenuado que se não percebe: ex.: *pisô a cóbra*, *mandô-o passear*, *estô* (pr. *xiô*), *passô*, *tapô*, *amô*, etc.

Obs. II. Como na lingua escrita, dá-se por vezes a troca do *ou* em *oi*: ex.: *ceroilas*, *cenoira*, etc.

Obs. III. Em *rôbar*, *ô* (conj. *ou*), *tócar*, *tocado*, *ósservar*¹ e talvez outros nomes que agora me não occorrem o *ô* passou de fechado a medio, isto é, de som intermedio entre o *o* aberto e o fechado (Vide tambem a obs. II ao ditongo *ei*).

ua tende a reduzir-se a *o* surdo (*u*): ex.: *Godiãna*, *corenta*, *corentôna*, *coresma*, *gorir* (*guarir*), *gorita*, etc.

Obs. I. Dá-se aqui, no dizer do sr. Leite de Vasconcellos (*Dial. alemteij.*, viii, § 20, g), assimilação do *a* ao *u* donde *uu* e depois, por condensação, *u* ou *o*, sendo a seguinte a série de transfor-

¹ O latim *observare*, pela vocalização do *b* (comp. *austinado*) deu *ouservar* que existe em gallego e aqui tambem.

mações: *Guadiana* > *Gundiana* > *Gudiana*. A par de *Gudiãna* (que é mais popular) também se ouve *Gôdiana*, como *Jôquim*, *côldade*¹, *côr-tinho*, *côrtel*, *côdril* em que o *o* surdo passou para fechado (Vid. Obs. III). *Joaquim* também sôa *Jequim*, a meu vêr, por influencia da palatal.

Obs. II. Em *cal* (*qual*), *catôrze* e *caderno* (a meu vêr, do adj. latino *quaternu* e não de *quaternio* como indica o Dicionário do sr. Coelho, pois neste caso devíamos admittir que a palavra vinha do nominativo e ainda assim devia dar *cadernho*, — compare-se *linha*, *pinha*, *pinho*, *senhor*, etc., de *linea*, *pineia*, *pineu*, *seniore* —; do accusativo *daria cadernho*, *cásquer* ou *cázequer* (*quaesquer*) e *continamente* do adj. *contina* = *continua* foi o *u* absorvido pelo *a*, como o foi pelo *e* em *Manêl*. Em *Manolito* ou *Manolinho* deu-se a mesma absorpção que na forma archaica *moesteiro*, hoje *mosteiro*, de *monasteriu*.

Obs. III. Esta redução de *ua* a *o* surdo deu-se também na palavra arabe *wadi*, que significa *rio*, como se vê dos seguintes nomes: *Odemira* (villa alentejana), *Odelouca* (ribeira no Algarve), *Odeleite*, *Odeseixe* (pr. *Odecixe* ou, por assimilação, *Odexixe*), *Odeuzere* (povoações algarvias²) e o archaico *Odiãna*, hoje *Guadiana*, nos quaes o *o* inicial tem na bôca do povo o som surdo (*u*); a pessoas de maior ou menor instrucção é que tenho ouvido pronuncia-lo umas vezes aberto, outras fechado.

ão condensa-se em *ã*, quando tónico, e tende a reduzir-se a *o* surdo, quando atónico: ex.: *a) enzești* (*indigestão*), *nã sê* (a par de *na sê* = *não sei*), *vã nove*, *Jã das Donas*³, *sã vinte* (a par de *son vinte*), *mãs* (*mãos*), *grãs* (*grãos*), etc.; *b) órfo* (*orfão*), *orgo*, *órego* ou *ôrego*, *Xtero* (*Estevão*), etc.⁴

Obs. I. A condensação do *ão* em *ã* dá-se ainda quando seguido de vogal: ex.: *vã á missa* (a par de *von á missa*), *nã ha nada* (a par de *n'ha nada*), *sã amigos* (a par de *son etc.*), etc.

Obs. II. Na terceira pessoa do plural dos verbos (indicativo presente, preterito imperfeito, perfeito, mais que perfeito e condicional da 1.^a conjugação; preterito imperfeito (do indicativo), perfeito, mais que perfeito, condicional e conjunctivo da 2.^a e 3.^a) troca-se o *ão* por *õ*, por analogia com o preterito (em português archaico *om*, do latim *unt*) e ás vezes também por *em*, como em *fõrem* (*fôrdão* ou *fõron*), *fugem* (*fujão* ou *fujon*), *trôxêrem* (*trouxerão* ou *trouxeron*), *viêrem* (*vierão* ou *vieron*), etc.

õe condensa-se em *õ*, se se lhe segue *s*: ex.: *cabêtos* (pr. *cabe-*

¹ Também *coldade* (*culidade*).

² E' escusado advertir que todas estas povoações têm a banha-las rios, mais ou menos caudalosos.

³ Assim chama o povo a um sitio que fica a poucos kilometros de Portimão. Dizem-me que de documentos antigos consta ser o seu verdadeiro nome *chão das Donas*.

⁴ Em gallego também *orfo*, *orgos*, etc., como *cal* e *cando* (Vide dith. *ua* e *uã*).

tôj = *capitães*), *fêjôs* (*fêjôj* = *feijões*), *botôs* (*botôj*), *coraçôs* (*coraçôj*), etc.

Obs. Vide o que se disse na observação ao ditongo *ai*.

uã tende a reduzir-se a *ô*: ex.: *conde* (*quando*), *conte* (*quanto*), *contia* (*quantia*), *contedade* (*quantidade*), etc.

Obs. Ao lado de *conde* e *conte* (*quanto*) onve se também *cando* e *cante*, como sempre *Jânito* ou *Jânico*. Vide obs. II ao dit. *ua*.

OBSERVAÇÃO GERAL ÀS VOGAES E DITONGOS

I. A vogal nasal *ɜ̃*, quando final, isto é, sem estar seguida dontra palavra, e em emphase, recebe um *z*, depois de si, dizendo-se *bẽz*, *trẽz*, *ventẽz*, etc.

II. Nos ditongos *eu*, *in*, *au*, *ão*, quando isolados, isto é, não seguidos dontra palavra, faz-se ouvir o *h*.

III. Nas terminações *-elho*, *-a*, *-ejo*, *-a*, o *e* pronuncia-se fechado; nas *-enho*, *-a*, tem um som intermedio entre o fechado e o aberto: ex.: a) *joêlho*, *artêlho*, *abêlha*, *ôrêjo* (a par de *ôrêjo* = *horta*), *poêjo*, *va-rêjo*, *cangrêjo*, etc.; b) *têlho*, *vêlho*, *serrêlho*, etc.

SORTE DAS VOGAES ATONAS PRETÓNICAS OU POSTÓNICAS

Como já o fez a lingua culta em relação ao latim, também o dialecto algarvio tende a reduzir as palavras daquella e por isso, emquanto a vogal tónica persiste quasi sempre intacta, a atona está sujeita a varias modificações que vão desde a sua transformação até ao completo desaparecimento. Assim:

A vogal pretonica inicial, quando não protegida por consoante, tende a cair: ex.: *Zabel* (*Isabel*), *Zedôiro* (de *Isidorio* por *Isidôro*), *çotêa* (*açotea*), *petêso* (*epitáfio*), *rôr* (*orror* = *horror*). *Mila*¹, *Naiça*¹ (*Emília*, *Ignácia*), *xtá* (a par de *tá*), *xpêra* (a par de *pêra*) e mais palavras em que o *e* se acha seguido de *s* *impuro*².

A vogal posta immediatamente antes da tónica tende também a desaparecer: ex.: *ôlvêra* (*oliveira*), *prêra*, *drêto*, *sprito*, *podrá*, *côldade* (ou *coldade*), *vrandá* (*varanda*), *tramêla*, *crôa*, *alvraçado*, etc.

Obs. Na maioria dos casos a queda da vogal é motivada pela formação de grupos consonantae, como em *drêto*, *prêra*, *vrandá*, *tramêla*, *crôa*, etc.

A vogal immediata á tónica tende igualmente a desaparecer, excepto se aquella é *e* ou *i* e esta *a*, *o*, ou *u*, que então junta se a ella, formando os ditongos *ai*, *oi*, *ui*: ex.: a) *drêre* ou *arve* (dissimilação), *tíra*, *nóda*, *nêra*, *abença* (*abenção*), *cantro*, *colca* (*colica*), *córla* (*colera*), *puero*, etc.; b) *paito*, *campanairo*, *sacrairo* (de *sacrarío* por dissimilação), *Cus-tóida*, *glôira*, *xtôira*, *dãza*, etc.

¹ Estas duas palavras só em enclise: ex.: *ti Mila*, *ti Naiça*.

² Vide vogaes oraes: *e*.

Obs. I. Também aqui, por vezes, a queda da vogal, como em *cantro*, *pucro*, etc., é proveniente da formação de grupos consonantais.

Obs. II. A redução chega até a affectar quasi toda a parte metatónica da palavra, como se vê em *prita*, *trôpo*, *relampo*, etc., por *prítica*, *trôpego*, *relampago*, etc.

Dá-se frequentemente o phenomeno inverso do mencionado, ajuntando-se a vogal *a* a palavras que originariamente a não têm, quer no principio (*prothese*) quer no meio (*epenthese*): ex.: a) *arrã* (*rã*), *agarrafa*, *apôvoar*, *arrecção*, *acásuar*, *acêfar*, *acêfa*, *ametade* (a par de *amê-tad* e *mê-tade* ¹), *atêmar* (ao lado de *atêmar* ²), *alemburar*, *aceprêste*, *acelêrna* (a par de *celêrna*), *aprencípio* (a par de *aprencepío* = principio), *assabão*, *anôzes*, *anêspras* (*nesperas*), etc.; b) *maramello*, *maramelêro*, *marafim*, *marafado*, etc.

O costume que tem a gente do norte e centro do reino, e em certo modo a do extremo sul, de, para evitar o hiato, collocar um *i* entre dois *aa* abertos, dizendo, por exemplo, *á-i-ágoa*, *á-i-áula*, também o notará no dialecto algarvio, como o sr. Leite de Vasconcellos observou na linguagem do Alandroal e outras partes ³, quem attentar cuidadosamente em phrases como estas: *ór' i êssa* (*ora-ê êssa*), *ê-ê-ando* (= *eu ando*), *ê-ê-aquêlle*, *ê-ê-a Maria*, em que se conhece perfeitamente um *i*, embora attenuado e por consequencia não tanto audível como o em uso nas fallas do norte.

Consoantes

PRONUNCIA

As consoantes, no dialecto algarvio, pronunciação se como em Lisboa (vide o já citado livro do sr. G. Vianna, *Pronuncia normal portugueza*, pag. 68); apenas ácerca do *s* e *z* finais de syllaba observarei que têm umas vezes o som de *x*, outras o de *j*, e outras ainda um intermedio entre estas consoantes, não podendo, a meu vêr, formular-se, a tal respeito, uma regra certa. João de Deus, que, como se sabe, era algarvio, dava-lhes, no caso sujeito, o som de *x*; não se deve, porém, considerar isso como lei geral, porquanto, embora se ouça frequentemente um *x* bem distincto, com igual frequencia se percebe também um *j* bastante claro. Talvez até seja este ultimo som o mais ouvido e em uso, a ajuizar de dissimilações como estas: *rezisto* e *enzestã*, por *registo* e *indigestão*, nas quaes se procurou evitar o encontro de sons identicos *g(j)*... *sj(j)*. As mesmas consoantes *s* e *z*, quando se achão seguidas de palavras que comecem por *x*, *j* ou *r*, são, na linguagem corrente, absorvidas por estas ⁴, deixando por consequencia de ouvir-se: ex.: *dô xtôj* (*dô stôs* = *dois tostões*), *trê jarros* (*tres jarros*), *trê ratas*, *fã já* (*faz* (= *faze*) *já*), *trá xocolate* (*traz* (= *traze*) *chocolate*, *fã rancho* (*faz rancho*), etc.

¹ Vide Leite de Vasconcellos, *Dial. alamt.*, xii a. v. *mê-tade*.

² Vide atrás ditongo *ei*, obs. II.

³ Vide os seus *Dial. alamt.*, viii, 25, d.

⁴ E' que *s*, *x*, *j* e *z* são palataes; quando a palavra termina em *s* e a seguinte começa por *r*, dá-se a assimilação.

TRANSFORMAÇÕES

B e *V*, como na lingua escrita, trocáo-se por vezes entre si: ex.: *casabêque* (*casaveque*), *lavarêda*, *brêbe* ¹, *barrer*, *bassôira*, *livra*, *hâvel*, *bája* ou *báge*, *bêspira* (*vespera*), *abêspira* (*vespa*), *roda*, *bapor*, *rengala*, *aranar* (a par de *abanar* e *embanar*), etc.

Obs. I. Em *Almofêra* (*Albufeira*), *mômecêta* ou *mômecê* (*vossemecê*) trocaram o *b* e *v* por *m*, troca não desconhecida da lingua culta, como se pôde vêr em Cornu, *Die portug. Sprache*. § 188.

Obs. II. Em *ôservar* ou *ouservar* (como em gallego), que sóa *ôservar* ou *ôsservar*, *assaluto* ou *âssoluto*, *âstinado* e *desâstinado* vocalizou-se o *b*, produzindo os ditongos *ou* e *au*, os quaes segundo a sua tendencia, se condensaram em *ô* ou *ó* (vide dit. *ou* e obs. III) e *â* (vide dit. *au*), mas em *sotil*, de *subtil*, affigura-se-me ter-se dado a assimilação do *b* ao *t*, como em *tamen* por *tambem*. Den-se o contrario na locução prepositiva *acîma* ou *em cîma*, onde se intercalou um *b*, dizendo-se *acimba* (ou mais frequentemente *cimba*) e *em cimba*.

L, quando precedido de *a*, *cahe*, ás vezes, no dialecto algarvio: ex.: *Amofêra* (*Albufeira*), *âma coisa* (*alguma coisa*), *Bâtezar* (*Balthazar*), etc.

Obs. A queda do *l* em *Amofêra* e *âma* provém, a meu vêr, da sua assimilação ao *m* seguinte. Em *Bâtezar* deu-se primeiro a vocalização do *l* e depois redução normal do *au* a *á*. Vide *Phonologia*, dit. *au*.

M inicial ou medial, como já vimos, nasaliza por vezes a vogal com que está em contacto: ex.: *mûto* (*multo*), *mêsa*, *âmêtolia* (a par de *âmêtia*), *mâjor*, *câma*, *râmo*, *âmar*, *cîma*, *pômo*, etc.

Obs. Como as labiaes *b* e *v* se trocáo ás vezes com *a*, também labial, *m*, assim casos ha em que esta se troca com a primeira daquellas: ex.: *besarânda* (*musarânda*), *blancia* ². Vide Cornu, *Die ptg. Sprache*, § 169.

No grupo *m'r m'l*, como já succedeu na lingua escrita, intercala-se um *b*: ex.: *numbro* (tambem *numbaro*, por influencia de *numero*), *cambra* (*camara*), *combro* (*cómore*), *combrão* (aug. de *combro*), *sembla* (*sémola* (especie de massa) de *simila*, que deu o português *sénca*), *tumblo* (*tumulo*), etc.

N inicial ou medial, conforme já notamos, tende a nasalar a vogal com que se acha em contacto: ex.: *nôte* (*noite*), *cânada*, *nûca*, *pânella*, *Jânico*, *fînha*, *vênho*, etc.

Obs. I. Devido á tendencia que a linguagem popular tem para nasalar a vogal inicial atona da palavra (quando não a suprime), principalmente se é *e* ou *i* e se se acha isolada, isto é, formando syllaba só por si, é que se encontrão fórmias como estas: *engrêja* (*igrêja* ou *êgrêja*), *encôlmia*, *encôlmezar*, *enzáto* (*exacto*), *enzâme*, *endiôta* ou *in-*

¹ Na locução adverbial *em breve* (assimilação).

² Dissimilação: *mã besarânda* (*uma musaranha*), *mã blancia* (*uma melancia*).

diota, *engnorar* ou *ingnorar*, *ondespois* (*despois* = ao *despois*), *encóres-tia*, *ontredias* (outro dia), *êl-rê* ¹, etc. Ao contrario o *n* ou *m* finais (e tambem, mas raramente, mediaes) cahem por vezes, como em *onte* (arch. *oôte* ou *oonte* ou *oôte* = *ontem*), *home* (arch. *ome*), *ômôja* (tambem archaico), *órija* (*origem*), *bôja* (*vagem*), *mujô* (*mugem*), *orde* (*ordem*), *Francisco* (*Francisco*), *sapatia* (*sympathia*) ² etc.

N inicial e intervocalico muda-se por vezes em *l* ou *d*, quando, na palavra, já existe outro som nasal (dissimilação): ex.: *linho* (*ninho*), *alemal*, *atomear* (*a* + arch. *lomear* de *nominare*), *malina* (*maninha*), *Jerolmo* (*Jerônimo*), *encolmia*, *aleforme*, *denhum* (*nenhum*), *onde passado* (*anno passado*). etc.

Obs. Em *lulla* (*nulla*), que se ouve na phrase *êlção lulla*, *manancolia*, etc., deu-se pelo contrario a assimilação.

R e S. Como na lingua escripta, dão-se tambem no dialecto algarvio a metathese e epenthes do *r* e *s* ³: ex.: a) metathese: *libradade* ou *libardade*, *cravão*, *crapentêro*, *drôba*, *drôbo*, *dromir*, *triato*, *vrido* ⁴, *sastefazer* (tambem *xtefazer*, de *sestefazer* > *estefazer* ⁵), *strãmontar*, *strapor*, etc.; b) epenthes: *lêcre* (*leque*), *âção* (*ação*), *âsca* (*asca* = *asco*), *listra*, *chêfre*, *bifre*, *abéspra* (*a* + *vespa*), *estrâlo*, *verrusga* ⁶ (*ver-ruga*), etc.

X medial não desenvolve vogal, como noutros dialectos do país: ex.: *báro* (*baixo*), *gráxa*, *cáxa*, *copaxo*, etc.

A assimilação e a dissimilação, como por mais duma vez se tem visto, exercem muito frequentemente a sua influencia, quer sobre as vogaes, quer sobre as consoantes. Eis alguns exemplos nestas ultimas: a) assimilação: *manancolia*, *lulla*, *chachóla*, *Zuzé* (ao lado de *Zé*), etc.; b) dissimilação: *âlerêdo* (*arvoredo*), *atão*, *barimbar* ⁷ (*marimbar*), *Bernaldo*, *denhum*, *pânica*, *raledade* (*ruridade*), *sólver* (*sorver*), *rezisto*, *enzestã*, *sacclairo*, etc.

O *z* prosthetico, que o sr. Leite de Vasconcellos observou na linguagem do Peral e noutras fallas do país, tambem é usado no dialecto algarvio, mas o seu emprego, a meu vêr, quasi que se limita ás canções. Recordo-me de, em creança, ter lido, numa folha d'aquí, uns versos que imitavam uma conversa entre camponios, dos quaes só me occorrem os seguintes:

¹ E' provavel que nalguns d'estes termos, como *ontredias*, *engrêja*, a nasalição seja devida a um *n* (= *no*) que os precederia, equivalendo a *nêgrêja*, *noutro dia*. Depois de escrever isto, vi que a mesma explicação de *ontre* dá o sr. Leite de Vasconcellos nos seus *Dial. alerm.*, xii, s. v. *ontrodia*.

² A ajuizar as formas como *sabucus* e *sambucus* parece que igual fenomeno se dava tambem no latim.

³ Deu-se na lingua escripta a metathese do *s* em *beijo*, *queijo*, *cervêja*, *cajão*, etc., nos quaes o *j* representa o *s* originario.

⁴ Para formar os grupos *br*, *cr*, *dr*, *tr*, *vr*.

⁵ Sr. Leite de Vasconcellos, *Dial. interam.*, iv, s. v.

⁶ Talvez influencia de *rusga*.

⁷ Tambem se pôde explicar por assimilação ao *b*.

*Fui um dia z-á cedade
i vi lá um papelucho
que p'lo nome era o diairo, etc.*

Morphologia

Substantivos e adjectivos. — Os substantivos e adjectivos que, antes do *o* final, têm no singular o fechado (*ó*), conservão-no no plural: assim *mólhos, fólhos, póços, óssos, óvos* (a par de *ócos*), *gulóços, gostóços, medróços, formóços*, etc. No substantivo *porco* dá-se um facto notável, que é ter no singular o aberto e fechado no plural, dizendo-se *um pórcó, dois pórcos*. Quando adjectivo, *porco* segue a regra dos nomes com o fechado no singular. *Réis* (que se pronuncia *rij*) faz no singular *rê*, emquanto o plural de *pê* é *pês*. *Mão* faz no plural *mãs*, como *grão, grãs*, pela regra que o ditongo *ão*, quando tónico, se condensa em *ã*, antes de consoante. A par de *mãs*, também se ouvem *mâses*, e de *rês, rêses* (*réis*), como sempre *môses, pôses, avôses, alemúses* (ao lado de *alemãj*), *felhóses, chapêses*, etc. E' que, sem duvida, o povo considera singulares os pluraes régulares *mós, pós*, etc. *Mentira* e *verdade* são frequentemente empregados no plural, em vez do singular, ouvindo-se a cada passo: *isso é mentiras* ou *não é verdades*. O plural dos nomes em *ão* é, na sua quasi totalidade, em *ões*. Quanto ao genero, divergem do da lingua escrita *dó, aneurisma* (que o povo pronuncia *nórisma*), *sentôma* (symptoma) e *seslêma*¹. *Pardal* faz no feminino *pardala*. Os adjectivos *moço, moça*, são considerados verdadeiros substantivos synonymos de *rapaz, rapariga*; para os reforçar, ajuntão lhes *macho* ou *femea*. Por analogia com outros nomes proprios terminados em *s* (ou mais propriamente *z*), como *Fernandez, Henriquez*, diz se o *Farias, o Palos, o Gracias, o Mineiros, a Mathildes*, etc.²

Numeraes. — Diz-se *óito*, mas *dezóito* e *vint'óito*. A razão da divergencia está em que *dezóito* e *vint'óito* são formados pela intercalação da preposição *a* entre *dez* ou *vinte* e *oito*, resultando d'ahi *a + o = ó*. Para o comprovar temos as pronuncias *vint'a um, vint'a dois*³.

Pronomes. — Devido ás condensações dos ditongos *eu* e *ua*, tomão os pronomes pessoaes e possessivos as fórmãs seguintes: *é, mē, tē, sē, tu, su*, no singular e *mês, tês, sês, tús e sus*, no plural⁴. *Minha*, em proclise, rednz-se, como noutras partes, a *nha* ou *inha*, dizendo-se, por exemplo: *ó nha mãe* ou *ó inha mãe*.

¹ *Hora* e *ocasião*, quando precedidos do artigo *um*, parecem masculinos pela apocope regular da vogal final de *uma*, sendo eguaes a *ũ(a)hora* e *ũ(a)ocasião*. Vide *Estudos de Philologia Mirandesa* do sr. Leite de Vasconcellos, vol. 1, p. 348.

² Cf. Leite de Vasconcellos, *Dial. extremenhos*, 1, p. 11, nota.

³ Vide a critica do mesmo auctor ás *Lições de linguagem* do sr. Candido de Figueiredo, pag. 28.

⁴ Cfr. espanhol *tu, su* e *tus, sus*.

O pronome da terceira pessoa do singular *lhe* é sempre *le*. No tratamento é muito vulgar o emprego de *compadre*, *mano* e *tio*, ainda mesmo que não exista parentesco algum entre os interlocutores; *mano*, porém, é mais usado pela classe marítima e *tio* (que em proclise toma a forma *ti*, ainda antes de vogal), quando se dirigem a pessoa de idade. Em lugar de *qual* e *qualquer*, tenho ouvido muitas vezes, tratando-se do numero singular, empregar *cáze* ou *küáze* e *cázequêr* (a par de *cáj* e *cájquêr*), embora estas formas estejam pelos pluraes *quaes* e *quaesquer*.

Artigos. — O artigo indefinido *ũa*, quando em proclise, perde a vogal inicial: ex.: *mã coisa*, *vã comprar mã blancia*.

Verbos. — Os verbos da primeira conjugação, na 1.^a pessoa do plural do presente do indicativo, em vez de *amos* acabão por vezes em *êmos*¹ e, na 1.^a pessoa do singular do preterito, terminão invariavelmente em *i*, por analogia com os das outras conjugações; assim diz-se: *xtêmos* (*estamos*) *paguêmos* (*pagamos*), *lvti*, *pari*, *ami*, *di*, *endi*, *abafi*, *tapí*, etc. A 2.^a pessoa do singular deste ultimo, á simillhança da do plural, toma um *s*, que, sob influencia da dissimilação, faz desaparecer o *s* que precede o *t*: ex.: *fazêtes*, *tróvétes*, *fôtes*, etc. Os imperativos dos verbos terminados no infinitivo em *zer* ou *zir* perdem, como em todo o país, creio eu, o *e* final, dizendo-se *faz*, *traz*, *conduz*, etc., em vez de *faze*, *traze*, *conduze*, etc.

As terceiras pessoas do plural dos tempos indicados atrás (obs. II ao ditongo *ão*) terminão geralmente em *om* e tambem (com menos frequencia e quasi que só no preterito) em *em*.

A primeira pessoa do plural do presente do conjunctivo, quando composta de tres syllabas, é dactylica, isto é, tem o accento na antepenultima, dizendo-se: *sájãmos*, *tênhãmos*, *vêjãmos*, *hájãmos*, etc., por analogia com a primeira do singular que tem o accento na mesma syllaba.

Sou, *vou*, *dou*, *estou* são *sô*, *vô*, *dô*, *xtô* ou *tô* (vide Phon. dit. *ou*) mas, embora com muito menos frequencia, tambem se ouve, como nas Cabanas da Conceição de Tavira (vide *Dial. algarvios* do sr. Leite de Vasconcellos, III, § 17-e) *sôm*, *vôm* (donde *vômos*, na primeira pessoa do plural) e talvez tambem *dôm*, *xtôm* ou *tôm*.

OBSERVAÇÕES SOBRE ALGUNS VERBOS EM ESPECIAL

abrir. Este verbo na 1.^a pessoa do indicativo (presente) e nas tres do singular e 3.^a do plural do conjunctivo faz *aibro*, *aibra*, *aibras*, *aibra*, *aibrom*, de **aprio* etc., em vez de *aperio* etc. Vide Cornu, *Die portug. Sprache*, § 111.

adoecer. Este verbo faz no preterito *adocé*² ou *adôicé* (= *adoeceu*).

¹ A par da desinencia regular *âmos*, entende-se.

² Sobre o *o* (= *u*) de *adocé* (por *adocé* = *adoeceu*) compare-se a pronuncia *posia*, que tenho ouvido por *poêia*.

adquirir. Nas 2.^a e 3.^a pessoas do singular e 3.^a do plural do presente do indicativo faz este verbo *adquêres*, *adquêre* e *adquêrem* por analogia com o verbo *querer*.

beneficiar. Conjugá-se este verbo como *cear* e assim diz-se *benefecêio*, etc.

caber. No indicativo faz este verbo *cábo* e no conjunctivo *cába*, *cábas*, *cába* e *cábom*, por analogia com *sába*, *sábas*, *sába* e *sabom* (*saiba*, etc.). O preterito é *cube*, como *sube* e *truve*, a par de *trove*¹ e *trusse*.

competir. Na 3.^a pessoa do preterito diz-se *competeu*, por analogia com *metteu* e outros verbos da 2.^a conjugação.

considerar. Diz-se no indicativo e imperativo: *considro*, *as*, *a*, *om*, *considra*, como no conjunctivo *considre*, *es*, *e*, *em*. E' que o infinitivo é propriamente *considrar*. Compare-se *aggreidir*, *aggrido*.

dormir. Como o infinitivo d'este verbo é *drumir* (metathese), faz regularmente no indicativo, imperativo e conjunctivo *drumo*, *drómes*, *e*, *drumimos*, *drómem*, *dróme*, *druma*, *as*, *a*, *om*.

entretêr. Neste verbo perden-se a noção do verbo *ter*, conjugando-se por isso regularmente no imperfeito do indicativo, no perfeito e tempos derivados da sua raiz. Diz-se, pois, *entretia*, *entreti*, *entretesse* e *entretêr*.

esperar. O imperativo d'este verbo, quando em proclise, é frequentemente *pêra*. Compare-se também *tá* e *tadinho*, etc., por *está* e *coitadinho*, etc. Vide sr. Leite de Vasconcellos, *Dial. Alent.*, xii, s. v. *pêràhi*.

estar. Neste verbo, quando proclítico, a par das formas *xtás*, *xtá*, *xtâmos* (a par de *xtêmos*), *xtom*, *xtava*, etc., *xtive*, etc., *xtêja*, etc., usão-se também estas: *tás*, *ta*, *tâmos*, *tom*, *tava*, etc., *tive*, etc., *têja*, *xtêjes* ou *têjes*, *xtêje* ou *têje* e *têjom*.

fazer. Este verbo, por analogia com os regulares da mesma conjugação, e influencia do infinitivo, faz no preterito *fazi*² (mais frequentemente *fiz*), *fazêtes*, *fazêu*³ (mais vezes *fez*), *fazêmos* e *fazêrom*, como também *fazêsse* e *fazêr* por *fizesse* e *fizer*.

ir. Este verbo faz aqui no indicativo *vom* ou mais frequentemente *vô*, *vás*, *vã*, *vômos* e *von*; no conjunctivo *vânha* e *vânhon*, enquanto noutras partes, como Estoy (Faro) etc.,³ *vãia*, (*vã*) e *vãion* (*vão*). No imperf. do indicativo já tenho ouvido *inha*⁴, como em gallego.

haver. No mais que perfeito do indicativo, imperfeito e futuro do subjunctivo diz-se *havêra*, *havêsse* e *havêr*, por influencia do infinitivo *haver*. O mesmo succede aos verbos *caber*, *saber* e outros. Por analogia com o verbo *vêr*, o particípio é *havisto*.

¹ Esta forma, analogica com *jouve*, *houve*, ouve-se principalmente na gente do campo, em geral mais conservadora.

² Principalmente na linguagem infantil (analogia).

³ Vide *Dial. algarvios* do sr. Leite de Vasconcellos, iii, 17, f.

⁴ Cf. Leite de Vasconcellos, in *Rev. Lusit.*, iv, 46.

Quando o verbo *haver* é seguido da preposição *de*, ou considerão as duas palavras como formando uma só, pospondo-lhes a respectiva desinencia, nas 2.^a pessoa do singular e 3.^a do plural, ou, na 3.^a do plural, ajuntão a cada uma das palavras a terminação nasal, dizendo *hâdes* e *hâdem* ou *handem*¹. No presente impessoal ouve-se por vezes *hã*².

luzir. Este verbo faz nas 3.^{as} pessoas do indicativo (presente) *lôze*, *lôzem*, por analogia com os que têm no infinitivo um *o* surdo (=u), na primeira syllaba, como *cobrir*, *comer*, etc.

ouvir. O particípio d'este verbo é, como o de *haver*, *óvisto*. Na 1.^a pessoa do indicativo, como em todo o conjunctivo, muda-se o ditongo ou em oi.

olhar. Este verbo conserva o *o* fechado (ó) em todas as suas flexões.

ser. Este verbo faz nas 2.^a e 3.^a pessoas do singular do conjunctivo (presente) *sêjes* e *sêje*. A 1.^a pessoa do plural do indicativo (presente) é *sâmos*, por analogia com *estâmos* e na 3.^a do mesmo numero e tempo, a par de *sã* (assim sempre em proclise), usa-se o archaico *som*.

valer. No presente do conjunctivo diz-se *vala* por *valha*, a meu vêr, sob influencia de *vales*, etc.

vir. No pret. perfeito deste verbo tenho ouvido *vinha* (1.^a pessoa) e *venhêron* (3.^a pessoa)³.

viver. No indicativo (presente) d'este verbo, diz-se *vêves*, *vêve*, *vêvem*, como no conjunctivo *vêva*, etc., (a par de *viva*). Nas pessoas e tempos em que a primeira syllaba não é accentuada diz-se: *vevia*, *revi*, *veverê*, *veveria*, *vevêsse* e *vevêr*, em harmonia com a tendencia do *i* atono.

Adverbios. — A alguns adverbios terminados em *ente* ajunta o dialecto algarvio, como outros, um *s* paragogico e assim diz *sómentes*, *prncepalmentes* ou só *palmentes*. E' muito frequente o uso de *àvonde* ou *àvondê* (o latim *abunde*), como o da locução adverbial *malmentinhos*, synonyma de *ao de leve*. A par de *ahi*, tambem se usa o archaico *i*: ex.: *fugem* (*fujão*), *qu'í vêm êlle*; *já í vôm* ou *vó* (pronuncia-se *jã* *i vôm* ou *vó* para evitar o hiato), *hã í álma máché de cascas* (= *ha ahi alguma mãocheia de cascas*), *p'r í alem* etc. Em vez de *antes de ontem* ou *anteontem*, diz-se *ont'ontê*, que, a meu vêr tanto pôde ser o arch. *onte* (que se emprega de preferencia a *ontem*) duplicado, como provir da assimilação da syllaba *an* de *ante* á inicial de *onte*. A locução adverbial *em pé* é substituida por *dempê* (= *de + em + pé*).

Então toma a fórma *antão* (vide *Phon.*: *vogaes nasaes*, *ã*) ou *atão*. Não, em proclise, segundo a tendencia do ditongo *ão* para se reduzir

¹ Vide Cornu *Die ptg. Sprache*, § 152 (nota).

² *hã* é alguma *máchê* (mão cheia) de fãvãj — acabo de ouvir.

³ Parece-me ter encontrado estas formas tambem em livros gallegos, mas não o posso agora confirmar por não ter tomado nota dos logares.

a *a* (vide *Phon.*: *dît. ão*), transforma-se em *nã* e também em *ná*, sem nasal: ex.: *nã sê* (*não sei*), *n'hai nada* (*não ha nada*), *nã digas*. O antigo adverbio *acá* só se usa com a preposição *para*, dizendo-se: *p'r dâc* (*para acá*: *a + a = â*)¹.

Preposições. — *Até* toma as formas *bentê*, *entê* ou *intê*, das quaes a primeira é composta da preposição *até* e do adverbio reforçativo *bem*²; as outras, a meu vêr, ou provêm do nasalamento do *a*, em virtude da já notada tendencia popular para nasalar a vogal inicial isolada, sendo a seguinte a sua evolução: *atê* > *antê* > *entê* (vide *Phon.*: *vogaes nasaes*: *â*), ou *intê* provém ou da junção das preposições latinas *in + tenus*³.

Em lugar de *desde* (de *de + ex + de*), usa-se *dêsna* ou *dênes*. O nosso antigo grammatico Fernão d'Oliveira cita já a forma *dêsne*, a qual, segundo o sr. Leite de Vasconcellos (*Dial. extrem.*, I, pag. 16, nota) provém, por assimilação de *n* a *d*, d'outra usada pelos saloios, *desnde*, que, por sua vez, vem do latim *de + (e)x + (i)nde*, sendo a seguinte a sua evolução: *de ex inde* > *desnde* > *desne* > **dêne* > *dênes*. O a final da forma algarvia *dêsna* é devido talvez a dissimilação. A locução *ao depois* ou melhor *ao despois* (synonima de *pouco antes*, *pouco ha*, *inda ha pouco*) converte-se em *ôspôs* (pr. *ôjpoš*), *ôspos* (pr. *ôjpoš*) e *ondespos* (pr. *ondxpoš*), formas estas das quaes *ôspôs* resulta, me parece, da condensação do ditongo *ao* em *o* e troca do *des* por *es* (compare-se *esfallecido*, *escurado* por *desfallecido*, *descurado*) e *ondespos* de *n'* (= *no*) *odespos*, nasalando o *n* o *o* seguinte, como em *nunca* (*nuca*), *nonjo* (*nojo*) etc.

Conjunções. — A par de *que*, também se usa frequentemente a forma archaica *cá* (o latim *quam*): ex.: *tu sahj m'j cá êlle* (*tu sabes mais etc.*). Quando a *cá* se segue o artigo *o* ou *a*, funde-se este com a vogal d'aquella particula, produzindo assim *cô*, *câ*: ex.: *O Manêl ê mai (mais) rico cô Zê*. *A Zêfa (Joséfa) ê mai vêlha câ Francisca*.

Mas também se ouve *quô*, *quã* = *que + a + o* ou *a*. Vide a explicação que d'este facto linguístico dá o sr. Leite de Vasconcellos nos seus *Dial. alemt.*, vin, 37-b.

Como noutras partes do país, usa-se a conjunção adversativa archaica *mais* (que se pronuncia *mâj*), em vez de *mas*, que nunca tenho ouvido empregar ao povo, e em lugar de *ou*, diz-se *ó*, por exemplo: *quêres ixto ó aquillo, tráz ó lèra*, etc.

A locução comparativa *bem como* sóa *become* (i. é, *bêrume* com accento na antepenultima) em que o *bem* perden a nasal, talvez por dissimilação, e *como* tomou a forma arch. *come*, que aliás é a *mais* em voga.

Interjeições. — Para pedir soccorro, usa-se a phrase interjectiva

¹ Vide *Dial. algarvios* do sr. Leite de Vasconcellos, III, 18.

² Compare-se o adverbio *cá* na locução *ê cá* (*eu cá*), como reforço ao pronome, e o latim *egomet*. Vide Leite de Vasconcellos, *Dial. alemt.*, II, 12, b.

³ Vide sr. Leite de Vasconcellos, *Dial. extrem.*, pag. 16 (nota 1).

àque ¹ *dêl-rê* (*aqui d'el-rei*), para chamar *ô*, a que se ajunta *mon* ou *mô* (vide *Vocabulário*), para lastimar-se *áh* ou *ái*, e, como resposta, é frequentíssimo o emprego de *nhôra* (*senhora*), embora se responda a homens.

Etymologia ou formação das palavras. — Os diminutivos tomão em geral as desinencias -inho ou -zinho, -êco, -ico, -ito, -lhôte ou -ôte, -álho, -ucho e até -err-ico, antepondo-se lhes o *n* originario, quando a palavra primitiva termina em *ão*: ex.: *flôrinha*, *medalhinha*, *mocinho*, *pázinho*, *mázinho*, *burrinho* ou *burrêco* ou *burrico*, *canêco* ou *cânito*, *mo-chêco* ou *mocito*, *botânito*, *Jânito* ou *Jânico*, *amegalthôte*, *felhôte*, *burrálho* (a par de *burrinho*, etc.). *pequenálho* ou *pequerrucho* ou *pequerrico*. O diminutivo de *pouco* é *pôcachinho* ² ou *pôquechinho*. Os augmentativos acabão geralmente, como na lingua escripta, em *ão*; assim diz-se *mázão* (*mau* + *z* + *ão*), *chapêrão*, *vasêrão* (= *chape* (= *chapel* com queda do *l* por ser intervocalico?) ou *vâso* + *eir* + *ão*).

Os superlativos, á simillhança dos da lingua culta, tomão a desinencia -issimo, que se junta immediatamente ao positivo, sem que este soffra qualquer alteração: ex.: *capazissemô*, *ameguissemô*, *enteguissemô*, etc. *Grande* faz *grandessissimo* com duplicação do suffixo. Cf. sr. Leite de Vasconcellos, *Philol. Mir.*, 1, § 186. Note-se, porém, que o povo tem pouca predilecção por estes superlativos eruditos, prefere quasi sempre o uso da periphrase com *muito* ou *bem*. (Compare-se o francês: *bien aimable*, v. g.).

O prefixo *es-* muda-se por vezes em *des-* e vice-versa, dizendo-se, por exemplo: *desplecação*, *desplecar*, *esfallecido*, *escarado*, etc.

O nome proprio *Guadiana*, que sôa *Gudiãna*, tem o genero feminino, em virtude da sua terminação, segundo o sr. Leite de Vasconcellos, e *Sant'Iago* pronuncia o povo *Santiãgoa*, por influencia de *àgoa*, dizendo, por exemplo, o *mês de Sant'lãgoa* (o de *Julho*).

Syntaxe

Ao contrario da lingua escrita, que no caso d'algum dos pronomes *isto*, *isso*, *aquillo* ser seguido do verbo *ser* e d'um substantivo do plural, faz concordar o verbo com o nome predicativo, o dialecto algarvio põe o verbo no numero do sujeito, dizendo, por exemplo: *aquillo é coisas*, *isso é mentiras*, etc.

O verbo impessoal é muitas vezes precedido do pronome *eu*; assim ouve-se: *é (eu) convem-me*; *é parece-me*.

Como no geral do Alentejo, omitt-se sempre a palavra *casa*, em phrases como esta: *vô à do ti Zê*; *fuí à do mestre Jerolmo*. Já em latim se dava tambem a omissão da palavra *templum* junto d'um genitivo, dizendo-se: *ventum erat ad Vestae*, em vez de *ad aedem* ou *tem-*

¹ Sobre a particula archaica *àque*. Vide Lang, C. D. Dinis, v. 1176 e obs.

² Vide sr. Leite de Vasconcellos, *Dial. alent.*, viii, 37.

plum Vestae. Em grego não era só a ideia de *templo*, era também a de *casa*, que se podia omitir com as preposições *ἐν*, *ἐκ*, ou *ἐξ* e o genitivo ¹.

O colectivo *gente* admite duas accepções: ou equivale a *nós*, e então pede o verbo na primeira pessoa do plural, ou toma-se d'um modo indeterminado, como o *on* dos francezes, e requer o verbo na 3.^a do singular: ex.: *a gente nã podêmos fazer isso; n'ê senhor a gente de dezer nada; a gente nã sabia disso*. E' como se se dissesse: *não se é senhor*, etc., *não se sabia*, etc. Quando na oração ha dois sujeitos, um da 2.^a e outro da 3.^a pessoa do singular, o verbo, em vez de se empregar na 2.^a do plural, é d'uso pô-lo na 3.^a: ex.: *xtemarê (estimareî) que tu e a tua melhêr xtêjon (estejão) bons*. E' que, sem duvida, se omitta *vossemecês* ou *vocês*, palavras estas que requerem o verbo na 3.^a pessoa ².

Sempre que o segundo termo da comparação é algum dos pronomes *eu* ou *tu* e está precedido da particula archaica *cá*, usão-se as fórmas *mim* ou *ti*: ex.: *A Maria é mai (mais) vêlha cá mim; é (eu) ténho menos cá ti*.

Em lugar de «muitas vezes», diz-se *mûltas das vêzes* ou *mûltissemas das vezes*, como também *á propia (propria) da hora*, por no mesmo instante, na occasião precisa.

Como na lingua archaica e ainda na linguagem corrente, é frequentissimo o emprego do gerundio precedido da preposição *em*; além d'esta também tenho ouvido empregar *de*: ex.: *em fazendo* ou *em de fazendo*; *em apparecendo* ou *em d'apparecendo*. Se o gerundio tem por sujeito o pronome *tu*, toma a desinencia da 2.^a pessoa: ex.: *em tu comendos*; *em tu estandos*, etc.

O tratamento aqui em uso é o da 3.^a pessoa. E' talvez por esta razão que nalguns romances tradicionaes, depois do pronome *vós*, se encontra o verbo na 3.^a pessoa do singular: ex.: *pelos signaes que vós me dá*.

O povo em geral só emprega do infinitivo a forma impessoal, dizendo, por exemplo: *O' mé paí já era tempo de vós me dar um marido*.

Em comparações, quando o segundo termo é algum dos pronomes pessoaes, em vez dos casos sujeitos, usão-se os complementos, precedidos ou da particula archaica *cá* ou de *coma*: ex.: *O Manêl sabe máj (= mais) cá mim*. *O Antônio é coma mim*. *A Maria tem mênos édade cá ti*. *E' (eu) sô (sou) máj rico ca elle*. *Tam bom es tu coma elle*, etc.

Obs. Esta construcção é muito frequente nos escriptores antigos. Vide H. Lang, *Cancioneiro de D. Denis*, pag. 129, nota 66.

¹ Vide Madvig, *Syntaxe da lingua grega*, § 47, obs. 2, e o sr. Leite de Vasconcellos, *Sub-diat. alant.*, pag. 19 e o *Grão de penhado*, 3.^a ed., pag. 97-98.

² Vide a *Grammatica portuguesa* do sr. Epiphânio Dias, 6.^a ed., pag. 82, ob.

Segundo a classificação do sr. Leite de Vasconcellos (*Sur le dialecte portugais de Macao*), constitue o *algarvio* um dos sub-dialectos do *Dialecto Meridional* (o fallado desde o Mondego até o Guadiana) e, como tal, afóra uma ou outra especialidade, tem os mesmos caracteres geraes que extremão os seus irmãos, os sub-dialectos *extremenho* e *alemtejano*, dos restantes dialectos e sub-dialectos fallados no país, isto sem contar os phenomenos que lhe são communs com outros dialectos, o que aliás acontece a todos, como ramos d'uma mesma arvore que se chama a *lingua portuguesa*, e se observa tambem nesta, relativamente ás suas irmãs, as restantes linguas romanicas, o que não podia deixar de succeder, trazendo todas a sua origem da *lingua latina*.

Texto

O Conde de Lamãha ou a Condensa ¹

1. O' mé paï, já era tempo
de vój me dar um marido,
por vergõha nã no pèço
de bõa vontade le digo.
5. Filha, na cõrte nã acho
quem voj sirva de marido,
só o conde de Lamãha...
elle tem melhêr e filhoj.
— Com êsse mêm'ê qu'ê quêro,
10. com êsse mêm'ê qu'ê q'ria;
mandi-o (o) mé pai chamar
pãra jentar cá um dia;
fãlle-l'õ mé pai d'amõrej,
senã é le fallaria.
15. Criádõj e méj criádõj,
os qu'xtom ô mé mandado,
chamem conde de Lamãha,
quí a palatço é chamado.
— A's ordej de rial senhor,
20. órdej de rial senhõria,
êl-rê voj manda chamar
í raínlha dõna Maria.
— Ind'agõra vim da cõrte,
êl-rê nã me quij fallar,
25. agõra qu'xtô em casa
é que manda chamar,
ô me quêr fazer mercêj.
ô me quêr mandar matar.
Monta-se no sé'cavallo,

¹ Vide *Revista Lusitana*, vi, pag. 151 onde publiquei este e outros romances.

30. claro cūm'o o próp̃o dia,
chêg'á porta do palaiço:
— Que quêr vossa senhória?
O arrojar dâj cadêras,
o rê logo le dezia:
35. — Quêro que mátx condensa,
p'râ casar com mīnha filha.
— Isso nâ faç'ê, senhor,
qu'ell'á morte nâ mer'cia:
mandarêi-a par' á serra,
40. quí as fêras a tragariom.
— Cála-ti, ó conde Cravo,
nâ te pōnhaj á profia,
quí hádes matar a condensa,
p'ra casar com mīnha filha
45. — Isso nâ faç'ê, senhór,
qu'ell'á morte nâ mer'cia,
mandarêi-a pôr num convento,
qu'ella nem sel nem lua v'ria
— Cála-ti, ó conde Cravo,
50. nâ te pōnhaj á profia,
quí hádes matar a condensa,
p'ra casar com mīnha filha.
— Isso nâ faç'ê, senhor,
quí ell'á mortê nâ mer'cia,
55. dêtarêi a da tôrr'em baxo ¹,
quí ell'árrebertaria.
— Cála-ti, ó conde Cravo,
nâ te pōnhaj á profia,
quí hádes matar a condensa,
60. antes dūm' *Avê-Maria*;
se chêgue péla manhem,
n'há de chegar ô mê-dia,
hadej trazer-m'a cabêça,
nêsta dôirada bacia.
65. Ind'o conde p'r'a sua casa,
mūto chêio di agonia,
mandô fechar sêj portâj,
côisa que nunca fazia,
mandô vejtir sêj criádoj,
70. de prêto, á *moirania*.
— Conta-m'lá, mé bom conde,
mīnha doce compānhia,
conta-m'a tua trestêza,
cūme contaj d'alegria.

¹ E' alteração minha. Cf. original.

75. Nã voj conto, ó condensa,
quĩ acuàso mūt'agonia.
— Conta-m'là, mé bom conde,
mĩnha doce compãnhia,
conta m'a tna trestéza,
80. cūme contaj d'alegria.
Mandó pôr a sua mēsa,
que logo le contaria.
A mēsa já era poxta,
nem um nem outro comia,
85. quĩ aj lãlgremaj èrom tantas
que p'la mēsa corriom.
— Conta-m'là, mé bom conde,
mĩnha doce compãnhia,
conta-m'a tua trestéza,
90. cūme contaj d'alegria.
Mandó fazer a sua câma,
que logo le contaria;
a câma já era fêta,
nem um nem ôtro drumia,
95. quĩ aj lãlgremaj èrom tantas
que p'la câma corriom.
— Conta-m'là, mé bom conde,
mĩnha doce compãnhia,
conta-m'a tua trestéza,
100. cūme contaj d'alegria.
— Pój è êl-rê de Manròquĩ,
i raĩnha doña Maria,
que quèr que t'è māt'a ti,
p'ra casar com sua filha.
105. — Càla-t'là, mé bom conde,
p'ra tudo remèd'hav'ria:
mandaraj-mê pâr'à sèrra,
que aj fèraj me tragariom.
— Cūme pód'iss'assim sèr,
110. s'è já isso le dezia?
— Càla-t'là, mé bom conde,
mĩnha doce compãnhia:
mandaraj-mĩ p'r'um convento,
qu'è nem sol, nem lua v'ria.
115. — Cūme pód'iss'assim sèr,
s'è já isso le dezia?
— Càla-t'là, mé bom conde,
mĩnha doce compãnhia,
dèta-me da tôrr'em báxo ¹,

¹ Veja-se a obs. ao verso 55.

120. qu'è lóg'arrebentaria.
— Cūme pód'iss'assim sêr,
s'è já isso le dezia?
quêr, se chéguej p'la manhem
que nã chéguej ô mê-dia,
125. quêr que le mand'a cabeça,
nêsta maldita bacia.
— Pôj'é um favôr te pêço,
só um favôr te pedia:
nã me mátx c'um punhal,
130. qu'è uso de tyrânnia,
mâta-me c'uma toalha,
qu'è uso de fedalguia.
Dá-mi âquêlle tentêro,
dã-m'âquêlla xerevanina,
135. quêro xerevêr a *mi madre*
a dejgrâça da sua filha.
Dá-mi âquêlle menino.
quêro-le dar de mamar.
— Mãma, filho, mãma, filho,
140. êxte lêt'agoniâdo,
qu'inda hõje tu tenj mãe,
i amanhã xtarà no adro.
Mãma, filho, mãma, filho,
êxte lête d'agonia,
145. qu'í amanhã já tenj madràjta
de mãj alta senhória.
As resonj qui êrom ditas,
criâdoj qu'â porta batiom;
si a condensa n'êra morta,
150. qu'êllej mêm'a matariom.
— A condensa nã è morta,
mã já xtã nêsses alcancej.
— Ê vej pêç'a Dês, Senhôr,
mãj à Sâgrâda Maria,
155. qu'êl rê nã viv'un'hora,
nem a sua filh'un dia.
Aj resonj qui êrom ditaj,
oj sînoj se dobrariom.
— Quem morré, quem nã morréũ,
160. quem morré, quem morraria?
— Morré êl-rê de Manrôqui
i prencêsa sua filha;
qu'riom dexmanchar casãj,
ma cõisa que Dês na qu'ria.

CANTIGAS GEOGRAPHICAS

(Conclusão)

Borda d'Agua, Borda d'Agua,
Borda d'Agua, Santarem:
Mais vale uma Borda d'Agua
Que quanto Lisboa tem.

O' Serpa, melhor das villas.
Tambem... d'algumas cidades:
Quem me dêra já lá ir
Para matar as saudades.

Adeus, aldeia da Serra,
Boa terra, melhor gente:
Dá de comer a quem passa,
Se tem dinheiro corrente.

Se tu me quizeras bem,
Tu me vieras fallar;
Fôras-me vêr a Silvares
Com tenção de me lograr.

Adeus, logar de Silvalde,
Adeus, pinhal da Bemposta:
Lembre-te a minha consciencia,
Deus te lembrará da vossa.

Viva o ouro, viva a prata,
Viva a pedra do annel:
Viva quem tem seus amores
Lá na villa de Souzel.

O' Taboão, ó Idanha,
O' Mesura, ó Juncal,
O' Brites d'Alem-do-Rio,
Meu corpo lá vae parar.

Eu tenho uma casa em Tancos,
Alicerees na Marinha,
As paredes em Alverca
E os telhados na Barquinha.

Tavarede, limão verde,
Buarcos, panella velha.
Figueira, barquinho d'ouro,
Onde o meu amor navega.

A Terceira veste sêda,
Sam Miguel o chamalote,
O Pico... panno da terra,
O Fayal... de toda, a sorte.

Na Terceira... são alferes,
Em Sam Jorge... capitães,
No Pico... são picarotos,
No Fayal... finos ladrões.

Eu son da Villa da Feira,
Passei pela Villa-Flôr:
Minha linda cantadeira,
Has de ser o meu amor.

O' Toledo, ó Toledo,
Ribeiras que deita ao mar:
O' maldita freguesia,
Eu não quero lá tornar.

Meu amor, que estás em Tua,
Que sou tua, sabes bem;
Não te esqueças lá de mim.
Lembra te sempre, ó meu bem.

Meu amor, que estás em Tua,
Manda-me de lá sabão,
Para lavar uma mágua,
Que trago no coração.

Adeus, villa de Trancoso,
Adeus, ó mastro real.
Adeus, Senhora da Fresta,
Rainha de Portugal.

Vós dizeis que viva Ulle,
Viva tambem Oliveira:
Viva tambem uma rosa
De Sam João da Madeira.

Aldeia de Vaíamonte,
Lá no fundo... moro eu:
Já não é de hoje, nem de hontem,
Que o meu coração é teu.

O' Valença, praça de armas,
Onde se dão muitos tiros:
Onde estás, ó meu amor,
Que não ouves meus suspiros?

Anda cá, meu bem amado,
Que eu sem ti não sou ninguém:
Foste nascido em Vallada,
Baptisado em Santarem.

O' relógio de Valverde,
Dá depressa o meio dia,
Pra despegar do trabalho
Meu amor, minha alegria.

O' relógio de Valverde,
Já não dás o meio dia:
Já não morre por amores
Quem por amores morria.

O' relógio de Valverde,
Peço-te por caridade,
Que dês meio-dia cedo,
A meia-noite mais tarde.

Queres saber onde eu moro?
Onde é a minha freguesia?
Nasci e moro em Veiros,
Ao pé de Santa Luzia.

Nos barraes da Villariça
Anda o meu amor lavrando;
Encostado ao arado
Anda lagrimas chorando.

Quando vou p'r'a minha terra,
Passo pela Villa Fria:
Se me este agora quisesse,
Eu então já o não queria.

Adens, villa de Vianna,
Cercadinha de olivaeis:
Adens, ó largo da Praça,
Sepultura de meus ais.

O' cidade de Vianna,
O' Vianna do Bugio,
Cahiste da ponte abaixo,
Foste beber agua ao rio.

Adens, ó Villa Boim,
Faço-te pouca assistencia:
Meu amor, por 'môr de mim,
Não percas conveniencia.

Adeus, Villa de Ferreira,
Com sua estrada real:
Tambem a fonte dos bicos,
Que é da terra a principal.

Adeus, Villa de Ferreira,
Que é terra da providencia:
Tem no meio a estrada nova,
Onde passa a diligencia.

Villa Franca, Villa Franca,
Cinco bicas a correr:
Quem não vae a Villa Franca
Não sabe que ha de morrer.

Villa Franca, Villa Franca,
Tem a correr cinco bicas:
Quem não vae a Villa Franca
Não vê boas raparigas.

Eu não quero mais amar,
Que o amar já me aborrece;
Que eu trago em Villa Nova
Quem por mim penas padece.

Villa Nova já foi villa,
Agora é um chiqueiro:
Quem quiser moças bonitas
Vá ao Rio de Janeiro.

Villa Nova, Villa Nova,
Villa Nova da Rainha.
Se eu fosse filha do rei.
Já Villa Nova era minha.

O' Villa Real alegre,
Provincia de Tras-os-Montes,
No dia que te não vejo
Meus olhos são duas fontes.

O' Villa Real alegre,
Ninguem te quer mais do que eu;
Basta tu seres a terra
Em que o meu amor nasceu.

Perguntaes-me d'onde eu sou,
D'onde é o meu natural?
Sou de Ribeira de Pena,
Termo de Villa Real.

Aquella Villa Viçosa
E' difficil de subir;
Quem lá tem os seus amores,
Que ha de fazer senão ir?

Villa Viçosa me chama,
Borba me diz: — não vás lá:
Não sei que faça ao sentido,
Que tanta volta me dá.

A lua, enquanto é nova,
Vira as pontas a Visen:
Nesse coração, menina.
Ninguem entra senão eu.

O Algarve é pae do figo
E a Beira é mãe da couve:
Eu hei-de fallar contigo,
Teu pae é mouco, não ouve.

Nos altos da Catalunha
Eu ouvi prégear um frade:
— As mulheres, de cento, é uma
Que aos homens fallam verdade.

Ai, lé, ai, lé,
Serra da Estrella:
Trago uma demanda
E hei-de vencê-la.

O' alta Serra da Estrella,
Onde se tece a cambraia,
Se d'esta me vejo livre,
Não temas que nontra caia.

A ribeira da Orada
Vae passar a Sam Miguel:
A moça, que é sossegada,
Tem rapazes quantos quer.

Perguntas-me aonde moro?
— Minha terra é Serzedo,
Terra de muito ramalho,
Onde canta o cuco cedo.

Quem tem amores não dorme,
Quem os não tem não suspira:
Que farei eu que os tenho
Na cidade de Tavira...

Senhorá da Boa Nova.
Que estás proximo de Terena:
Mal empregada Senhora
Numa villa tam pequena.

Doe-me a barriga com fome,
O cachaco com doença,
As pernas me tremelicam
Como os sinos de Valença.

Quando o sol deixar de dar
Na terra de Valle de Freixo,
Então te direi, menina,
A razão porque te deixo.

Adens, adeus, ó Vinhô,
O' Vinhô, adeus, adeus,
Eu cá não levo saudades
Senão do menino Deus.

Hei-de ir a Vinhô, hei-de ir,
Que tenho lá promettido,
Ou a pé, ou a cavallo,
Ou a nado pelo rio.

Lindo lugar é Vinhô,
Que ao longe parece villa;
Tem Sam João á entrada,
Sam Lourenço á sahida.

Se passares por Vinhô,
Tira o teu chapen á cruz;
Que o Menino é mordomo
Da bandeira de Jesus.

Se passares por Vinhô,
Tira o teu chapen ao sino;
Que o meu amor é mordomo.
Da bandeira do Menino.

Dizes que tenho amores
No caminho de Viseu:
Tu não tens nada com isso;
Se os tenho, bem haja eu!

Não ha terra como a minha,
Nem um logar como o meu,
Nem cidade como o Porto,
Nem sé como a de Viseu.

J. C.

DOCUMENTOS ANTIGOS DA BEIRA

CARTORIO DE FERREIRA DE AVES (*Ferreira d'Aaves*)

Num país de tendencias tão centralizadoras e de individualismo politico tão escasso como Portugal, os dialectos nunca tiveram occasião de formar litteratura propriamente dita. Não sabemos ainda hoje se nos documentos portuguezes que temos em abundancia desde o seculo xii, existirão elementos para o estudo dialectologico de Portugal. O que se póde observar facilmente, ao examinar documentos dum cartorio qualquer, é a differença orthographica dum seculo para outro; e, levando o exame á totalidade dos cartorios do reino, encontrar a permanencia mais numas regiões do que noutras de certos archaismos.

O mosteiro de Santa Eufemia de Ferreira de Aves foi fundado no sec. xi e terminou a sua existencia no sec. xix.

Num maço de 76 documentos em perganinho e papel pertencente áquelle mosteiro e que actualmente se guarda no Archivo Nacional, no gabinete do Inspector dos Archivos, encontrei cinco cartas em portuguez que destoam na orthographia da mais geralmente usada no sec. xiii. Todas as cinco forão escritas na região que fica entre as serras da Senhora da Lapa e da Estrella. Tem de commum com o livro 1.º de Doações de D. Affonso iii e Inquisições de 1255 publicadas nos *Portugaliae Monumenta Historica* o emprego do *l* (*li*) ou *ll* com o valor de *lh* e do *n* com o de *nh*.

Junto ainda aqui um sexto documento interessantissimo pela linguaagem, que me abstenho de estudar na ignorancia em que estou do local onde foi escrito. Tambem fazia parte do cartorio de Ferreira de Aves; mas, vindo para o Archivo Nacional em occasião diversa dos outros documentos, conserva-se hoje em local tambem differente.

Vejamos cada um dos cinco documentos separadamente:

I.—O que neste documento se torna mais notavel é a transformação do *o* atono em *u* nas seguintes palavras: *Commenda*, *Rodríguez*, *du*, *muler*, *au* (a par de *ao*), *anu* e *anno*, *agelu*, *muesteyro* (a par de *moesteyro*), *damingez*, *rugadu*, *Suciro*. O *o* tonico tambem soffre alteração em *fuy* (por *foi*), *dña* (dona), *capñ* (capão), *quinhñ* (quinhão), *tudas* (todas), *móórdumu* (mórdomo), *Vila bña* (Villa boa), *sum* (são). Temos ainda a suppressão do *u* em *qu* nas seguintes palavras: *agela*, *gada* (a par de *quada*) e *qñ*.

O *lh* (*muler*) e *nh* ainda não são empregados.

As vogaes dobradas são accentuadas unicamente quando ha nasal: *nñp*, *ññ*, *perléecas* (a par de *perleecas*). Comtudo apparece *uñer*. Ha duplicação do signal nasal em *cñm*, *dña* e *Johaniñes* (Johan Iñes).

Entre *sega* (seja), *ganciro* (janeiro) e *Migeel* (Miguel), dum lado e *aiades* do outro, ha confusão.

Em *Sampha* apparece ç na graphia *ch*. *Ermessen* é o nome feminino *Ermesinda* (Ermenswintha) ¹.

II.—Differe do anterior na constancia do *o* de que nos dá só um exemplo contrario: *dubre* (verbo *dubrar*). Tambem nos dá *Ofemca*, ao passo que o anterior tem *Onfemca*. A transformação do *ao* em *ou* encontra-se em documentos de outras regiões. O *lh* não é empregado (*filio*, *alear*); mas já o *nh* era conhecido (*componha*). Pela existencia do *nh* e do *h* em *hu* (*hū*), em *nha* e em *hy* (*hi*) vê-se haver já certa tendencia a adoptar a orthographia chancellar. As vogaes reunidas da mesma especie são accentuadas: *negññ*, *uñér*, *móóds*; ha excepção em *Mñedijz*. O *e* no principio da palavra recebe um accento ás vezes: a conjuncção é (como em hespanhol), *ñsembra*, *ñnpazar*, *ñn*. Ha confusão entre o *i* (*j*) e o *g*: *seia*, *Juizes*, *Joanes*, *algñ*, *nñgññ*, *Rodriges*. O ç (ou melhor s) em lugar do z é talvez mais de caracter calligraphico. Temos ainda estas fôrmas interessantes: *Paveco* (Pacheco), *prophio* (proprio) e *Beyto* (Benedictus).

¹ O nome godo *Recheswinthus*, deve traduzir-se *Recesindo*.

III. — Este documento offerece-nos um exemplo notavel da ignorancia do latim. O *nh* é desconhecido ou não empregado em *Comuenda*, *vina*, *Monesteiro* (a par de *Moesteiro*) *dineiros*. Temos *Mén* e *Oufemea*. Existe a confusão de *seia* e *domingiz*. O *o* passa a *u* em *Rodrigiz* (a par de *Rodrigo*), *dubrados* e *pasquela* (Paschoela). Em vez de *çapateiro* apparece *sapateiro*.

IV. — Não conhece este documento *nh* (*ũa*, *vino*, *gauei a*) nem o *li* (*fillo*). Em *firmidoe*, *tendos*, *nij* e *diros* (dinheiros) não existe o signal de nasal. *Termio* e *mia* não substituem ainda o *i* pelo *h*.

Encontramos agora uma fôrma curiosa que pôde causar duvidas na sua pronuncia. Vem a ser *dunha* (*de unha*) ao lado de *hũa*. De *una* precede *ũa*. Em português antigo e em gallego houve sempre difficuldade em indicar a nasalidade. Como havia o habito de notar o desaparecimento de uma letra com o *h* temos *uha* primeiro, depois *ũa*, e por fim *unha* (*un-ha*). Não se manteve este uso provavelmente por causar confusões, mas o *h* conservou-se inutilmente no artigo até quasi aos nossos tempos. A par de *cum* temos *cũ*. *Agades* é *hajades*. *Cadãno* está em opposição a *ueer*. Nas seguintes palavras está o *z* por *ç*: *uêzizô*, *fûzo*, *Aparizo*, *prezio*, *fuzades*, *Marzo*. Nos outros documentos temos encontrado *Oufemea* e *Ofemea*, neste está *Eufemea*. *Est* apparece esporadicamente. A conjunção *e* apparece antecedida dum *h*.

V. — O *nh* ainda não é empregado como se vê dos exemplos: *Conosã*, *Meynos*, *Meyrino*, *Jugno*, *testemnyno*. Por influencia talvez castelhana temos *señor*. O *li* substitue o *lh* em *li*, *fillon*, *Botelo*, *lle*, *fazede-llo*, *jullo*, *auangellos*. Nas vogaes duplas estão os signaes costumados: *léér*, *Ciãtã* (e *Caatã*), *abadesa* (a abbadessa), *Miën*, *homêes*, *bóó*. O *h* recebe homenagem em *hũ*, *hũa*, *hyrmão* e *nhat*. Apparece *Ofemea* e *joyz* (juiz), *est* (é) e *puggj*.

Além dos seis documentos agora publicados ainda restão alguns do sec. xiii do mesmo cartorio de igual interesse, e dignos tambem de vêr a luz.

I

CARTA DE EMPRAZAMENTO QUE FEZ A ABBADESSA DE FERREIRA DE AVES A MIGUEL FERNANDES E SUA MULHER DO QUE O CONVENTO TINHA EM TRAVANCA. FEITO O PRAZO PELLO TABELLIÃO DE PENALVA EM 5 DE JANEIRO DE 1313 (1275).

Cunhada cousa sega aos presentes e aos que amde uíjr, que nos Maria rudrigez, abadesa du moesteiro de fereyra, côm o cōuento damos ¹ a Migeel fernandez de Pousadas e a sa muler Maria perez quãta erdade nos auemus ã Tranãca: aquela erdade, que nos auemus que fuy

¹ No original está uma sigla que se pôde lêr *os* ou *us*. Preferi a ultima fôrma.

de dūna ermessem e de dūna ssamçha, damus a nos esa erdade ē nosa uida por seruicho que a nos fezeistes e au moesteyro e atendamus que facades, e uos dardes au moesteyro ē qada ūū anu .j. capū ē dia de Natal, aiades uos ē nosa uida esa erdade e o nosu quĩnū du mūro (*sic*) du fundo, aqele que mandou dūna Ermessen pera a lāpada de trauanca, e tudas aqelas perteeças que sum da lāpada outorgamus a nos tududas (*sic*) esas pertéecas da lāpada pera sempre, e aqē de pos uos nēer, áá tal preyto que nos Migeel fernandez e uosa muler Maria perez ou qē de pos uos nēer dardes ē quada ūū am no (*anno*) .xv. soldos aa lāpada de Trauanca e auerdes aqelas perteeças de suso ditas. E a morte de nos ābos ficar aqelu que nos damus a uos du muesteyro liure au muesteyro, saluo as perteeças da lāpada que nos damus pera sempre e a qē de pos uos nēer; e por este preito seer firme rogamus o Taballiū que fezeise ēdūū (*ende un*) prazo. eu Martin estencez, publico Tabalyū de penallna, rugadu de parte da abadesa e du cōuento este prazo escriuy e men sinal y puy + ē testemūia. Pero perez, móórdumu de samta ofemea, e Martin meendez, capelā daabadesa. e Johāniānes de Lamas e Martin dmingez de uila bōa e Sueiro martij de uilabūa. feito o prazo en v dias de ganeiro. Erā M^a CCC^a xliij^a.

II

CARTA DE DOAÇÃO DUM CASAL FEITO POR CHAMOA MENDES E SEU FILHO JOÃO PACHECO AO MOSTEIRO DE FERREIRA DE AVES. ESCRITA PELO TABELLIÃO DE CELORICO DA BEIRA EM MAIO DE 1315 (1275).

IN dey nomine. Eu Chamoā Mēedijz ēnsenbra con meu filio Joā Pacheco damos e outorgamos ou Moesteiro de santa Ofemea de Fereyra hu Casal noso proplio que auemos én Ramos per nome o de Martin Piriz damos hy esse Casal con sas entradas e con sas saydas e con todas sas perteeças por alma de Stephā Soariz per tal preito que nēgūū nono posa uēder nē ēnprazar nē alear se nō seruyr senpre a ese Moesteyro sobredito por alma de Steuā Soaryz. Se algē contra esta Carta uēer seia maldicto e quanto demādar tanto dubre e compoñha aa parte que se queyxar con .C. marauedis e a quē sa voz der .D. soldos. Feyta Carta no Mes de Mayo Era .M.^a CCC.^a xv.^a Reynante Rey dō Afonso. Alquaide Afonso Rodriges. Juizes dō Beyto. Domingos Rodriges. Nos de suso nomeados que esta karta mādamos fazer con nosas maaós a renoramos. Ts. Pedro Seucral Mēedermiges. Domingos Ioanes clerigo. Pedro dāgeses. Afonso Martiz. Pedro Domynges. Clerigo e Eu Steuā domyngiç publico Taballiū én Celorico esta Carta con mha maaó proplia scriuy e meu sy + nal hy fiç.

III

CARTA DE EMPRAZAMENTO DUMA VINHA EM CELORICO QUE FEZ A ABBADESSA DE FERREIRA DE AVES A MEM GIL E SUA MULHER. JANEIRO DE 1318 (1280).

IN domini nomine amen. Conuenda cousa seia a todos aquelles que este scrito uiré e ouuiré que *Ego* Maria rudrigiz, abadesa de santa oufemia, en senbra con meu conuento faco carta *vobis* Mèen gil e *uxor* nestra Dordia paiz de *huna vinea que habemus* en Celorico, *vbi nocitant o caregal quomodo deuidit cum* J. domingiz airas *et alia parte cum*. D. periz de forza *et alia parte cum* a vina que foi de Marti soariz pacheco. *et alia parte cum* esa herdade de santa oufemea; *habeatis vobis ipsa vinea* nos e què de uos for *cunctis temporibus seculorum*. per tal preito que nos ou què de uos for adugades ou enuiedes ao Moesteiro de santa oufemea .xx' soldos por dia de pas-quela. E se eses dineiros nō ouuer o Monesteiro aueles dubrados pela vina. E uenda por uenda ante ao monesteiro ca a ontri se o quiser. *Et si aliquis homo ueneris. qui hanc cartam frangere uolueris, quantum inquisieris tantum duples et insuper qui uocem uestram dederis pectet* .C. marauidis. *facta carta Mense Januarij. Era .M^a. CCC^a. xxiij.* Reinana Rei Dō D. *Judices* Caria Rodrigo paiz e dō Andre. *Qui presentes fuerunt et uiderunt.* P. alfonsi presuiter. D. fernandiz. Gonsalo eanes. sapateiro laicus. *Testes.* Alfonso periz que a escreuen per mandado danbalas partes.

IV

CARTA DE VENDA DE DUAS LEIRAS EM GONDEMAR FEITA POR MARIA FERNANDES A ABBADESSA DE FERREIRA DE AVES EM MARÇO DE 1319 (1281)

I no nome de deus. Aquesta est carta de uēdizon he perduraui firmidoe que eu Maria fernādiz fazo a uos Maria rodriguiz, abadesa do Moesteiro de Santa Eufemia de ferreira, de hũa leira de uĩna he dunha leira derdade que hj (*hei?*) eno termio de Gondemar; he a leira da vĩna gaaneia de meu fillo pedro, he a leira da vĩna parte cum meu fillo Aparizo da hũa parte, da outra parte cū Giraldo de Gondemar, da outra cū uasco, he a leira da herdade parte cō esse Giraldo da hũa parte, he da outra parte cū nosco comparador, vendo a uos essa uĩna: he essa herdade por .viij. libras que de uos recibij. he do prezio apres de uos nō ficou por dar. Agades uos essa uĩna he essa herdade por secula seculorum he fazades dela toda nossa uoontade; he eu e què de mj for e quem mia boa leuar somos tendos dar a nos cadaāno .iiij. alqueires de uino e .vj. strigas he .vj. dieros por foro; he què

quer que contra esta mia uédizon he contra esta mia carta ueer quanto nos demãdar tanto a nos duble cū .L. marauedis, ha (*sic*) a quē uossa uoz derdes, des ontro tãto. feita carta no Mes de Marzo. Era M.^a CCC.^a noua decima. Testes pay ioanes, mōge da Salzeda. Pedro uegas, clerigo de fereira. p. . . do Castelo. Joham. . .

V

INSTRUMENTO FEITO PELO TABELLIÃO DE PENALVA, SATAM, RIO DE MOINHOS E GULFAR EM 8 DE JULHO DE 1319 (1281) QUE RELATA O RESULTADO DA INQUERIÇÃO EFFECTUADA PELO MEIRINHO DA TERRA DE SATAM, EM VIRTUDE DUMA CARTA DE D. DINIZ DE 17 DE JUNHO, EM RAZÃO DUM CASAL QUE FOI TOMADO PELO JUIZ DA VILLA AO MOSTEIRO DE F.^{ra} DE AVES.

Conoscã quãtos este strumento virẽ e lêer ouuirẽ que eu Garcia Dominguez, tabaliõ de Penalua e de Caatã e de Rio de Moynos e de Gulfar, vi hũa carta de noso señor el rey da qual o tẽor tal e:

Dõ Denis, pela graça de deus, Rey de Portugal e do algarue, a nos meu Meyrino, que andades en terra de Caatã, sande. Sabede que áabadesa de santa Ofemea de Ferreyra mj mandou dizer que o Joyz de Caatã lli fillou hũ casal desse moesteyro, per rrazõ que dezia que (*era*) de Pero Botello e esa abadesa diz que ese casal é do dito moesteyro que llo mãdon a madre de Pedro botello. Onde nos mãdo que nos sabades e enquerades bẽ e dereytamente se ese casal é dese moesteyro, e se achardes que é seu do Moesteyro, fazedello logo entregar. Unde al nõ façades. Dada en Stremoz .xvij. dias de Juyño. El rey a mãdou per Méen Rodrigez, seu porteyro mayor. Afonso Martinz a fez. Era M.^a CCC^{xix}.

E Domingos Soarez, meyrino, uẽo a caatã e juramentou perante mj e perante homẽes bõos, fernã rodrigez, crerigo e Roy fernãdez, abade de Sancta Maria de Caatan e Jhoan abade e Jhoan diaz e Martin Perez de Meoma e Pedro Jhoanes e Stenã Gonçaluez crespo, hyr-mão dese Joyz, sobrelos santos auangellos e eses Jurados e pergũtados diserõ que nũrõ e ouuirõ a pero botello dizer que aquel casal que o mandou sa madre ao Moesteyro de santa ofemea, e que o nũrõ a pero botello entregar áabadesa dese moesteyro per rrazõ dese Moesteyro per colmo e per chaue, das quaes cousas a mi tabaliõ de suso dito ese Domingos soarez, meyrino, pediu hũ estrumento. e Eu Garcia domingez, tabaliõ de suso dito, a rogo dese meyrino de suso dito este strumento com mha mão fiz e este meu sinal + hy pugj en testemnyno ca tal est. esto foy en Caatã viij. dias de jullio Era M.^a CCC.^axix anos. Ts. fernã rribeyra caualeyro e pero fernandez e Stenã Martinz e outros muytos.

VI

DOAÇÃO QUE GIRALDO MENDES FEZ DE TODOS OS SEUS BENS A MARTIM MIGUENS E A SUA MULHER MARINHA SOARES. FEITA EM 30 DE NOVEMBRO DE 1274 (1236).

In dei nomine amen. Saban elos que aqui son elos que an de nener (?) que eu Giraldo mendez de bon corazon è de bona mente Fago carta de uendezio de la bona de men padre a uos Martin Michaelez e a ura (*nostra*) Mlr (*Muler*) Marina Suarez e rezibe en prezo tres anos que me enenestes è un medio Morauedi è una iantar en prezio en robracion. Nenguna cosa non finco por dar abeatis uendades uos è quen uos queresdes he se alguno uener de una parte ò de alena que esta uoz quera pasar sea maldito e descomungado è con indas traidor è inferno danado. he quanto demandar a tanto doble a nos o quen ura (*nostra*) uoz touer he de maes pete al senor de la terra quinentos soldos. Feeta esta carta è no postremero dia de no-nenbrio. So la era que andana de .Mil. è .cc. lxxiiij. annos. heu Giraldo Mendez que esta carta mande fazer con mjas manos la robro e la confirmo e los que lo uiron e lo odiron Domingos Pedrez el clerigo Joane Mendez el iujz. Pedro. Joane. Martino. testes ¹.

PEDRO A. AZEVEDO.

UMA CANÇÃO DE D. DENIS

Na excellente edição que o Sr. Henrique Lang nos deu do cançioneiro de D. Denis ², a canção LIV, pag. 49, tem a fôrma seguinte:

Assi me traz coitado
e aficad'amor,
e tam atormentado,
que se nostro senhor
a ma senhor nom met'em cor
que se de mi doa d'amor,
nunca averei prazer e sabor.

¹ Caix. 50 da *Colleção Especial*, maço 3 de Ferreira de Aves.

² *Das Liederbuch des Königs Denis von Portugal*, Halle a. S., Max Niemeyer, 1894.

Ca viv' em tal cuidado
 come quem sofredor
 é de mal aficado
 que nom póde maior,
 se mi nom val a que em forte
 ponto vi; ca ja da morte
 ei mui gram prazer e nenhum pavor.

E faço mui guisado,
 pois são servidor
 da que mi nom dá grado,
 querendo-lh'eu melhor
 ca mim nem al; pore*m, entom*
 conort' eu nom ei ja se nom
 da mort', ende são desejad*or*.

O que chama a atenção, nessa lição do texto, é que nos ultimos versos de cada estrophe foi preciso intercalar uma, ou mais syllabas (assignaladas por typos italicos) para satisfazer as exigencias, quer do metro, quer do sentido, e que, apesar das palavras assim introduzidas pelo editor, não desapareceram de todo as difficuldades em nenhuma das estrophes.

Quanto ao sentido, não se comprehende, na 1.^a estrophe, a construcção da phrase «que se de doa d'amor», sendo igualmente inadmissivel a hypothese de ter o verbo *doer-se* dois complementos, *de mi* e *d'amor*, e a outra de ser *de mi* complemento de *d'amor*. Na 3.^a estrophe, a palavra *entom*, introduzida para rimar com *nom*, não sómente é superflua, mas prejudica o sentido.

Quanto ao metro, o ultimo verso da 3.^a estrophe, se bem que tenha dez syllabas, é evidentemente de estrutura differente dos decasyllabos correspondentes das outras estrophes; e o penultimo verso da 2.^a tem uma syllaba de menos, como se verifica ao compará-lo com o verso precedente.

Eutretanto, o proprio manuscripto da Bibliotheca Vaticana indica o remedio para sanar este ultimo defeito do metro, pois divide os versos do modo seguinte:

se mi nom val a que em for-
 te ponto vi; ca ja da mor-
 t'ei praz*er e nenhum pavor*.

Ora, se admittirmos esta especie de *enjambement* ¹, obteremos,

¹ Exemplos semelhantes se encontram nos trovadores provençaes e em D. Afonso o Sabio; vide l. c., introdução, pag. CXXVI, e o passo de Diez, ali mencionado.

sem emenda alguma, a não ser a troca facillima dum *c* por *t*, o seguinte texto, que parece irreprehensivel a todos os respeitos:

Assi me trax coitado
e aficad' amor,
e tam atormentado,
que se nostro senhor
a ma senhor nom met' em cor
que se de mi doa, da mor-
t' averei prazer e sabor.

Ca viv' em tal cuidado,
come quem soffredor
é de mal aficado
que nom pôde maior,
se mi nom val a que em for-
te ponto vi; ca ja da mor-
t' ei prazer e nenhum pavor.

E faço mui guisado,
pois sôo servidor
da que mi nom dá grado,
querendo-lh' eu melhor
ca mim nem al; porem conor-
t' eu nom ei ja se nom da mor-
t', ende sôo desejador.

O. NOBLING.

Nota ao artigo precedente

Revendo as provas d'este artigo, reparo que a correcção apresentada pelo sr. Nobling já o tinha sido pela sr.^a D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos, a quem, nestes assuntos, nada escapa. A correcção proposta pela mesma senhora sahio publicada na *Zeitschrift für roman. Philologie*, xix, 525. Ahi melhora ella tambem, e com razão, o ultimo verso da poesia, substituindo-o por *t'e ende sôo desejador*. Com effeito o poeta, fallando da morte, onde elle encontrará o unico conforto de seus males, accrescenta: *e ende sôo desejador*. «e bem a desejo eu». No antepenultimo verso da mesma estrophe, a S.^a D. Carolina escreve *por ém* em vez de *porem*.

J. L. DE V.

ETYMOLOGIAS PORTUGUESAS

1. canhamo

É evidente que *canhamo* não pôde vir do lat. *cannabis*, como se lê nos nossos dicionários etymológicos, pois -*xx*- latinos não deram em português *nh*, o que porém é normal em hespanhol. Logo *canhamo* vem do hespanhol *cañamo*. Representantes portugueses de *cannabis* ou da forma paralela *cannabum*, são *Canaveses*, *Canaveira*, *Canaves* (derivados), onde -*xx*- se tornaram regularmente -*n*-, e -*b*- se tornou regularmente -*v*-.

Supponho que o hesp. *cañamo* não vem directamente nem de *cannabis*, nem de *cannabum*, mas de um supposto **cānnamu*-, que se formaria sob a influencia da syllaba final de *cālamu*-.

2. cilha

Em todos os dicionários em que se trata da etymologia de *cilha* se diz que esta palavra vem do lat. *cingula*. Mas, se nos estudos etymológicos devemos prestar alguma attenção á phonetica, é evidente que esta não auctoriza tal etymo, pois que, assim como *ung(u)la* deu *unha*, *sing(u)los* deu *senhos*, onde se vê que ao lat. -*ngl*- corresponde -*nh*- em português, também de *cing(u)la* se esperaria **cinha*.

Em vez de *cing(u)la* devemos admittir que no latim vulgar da Lusitania se disse **ei(g)ula*, que explica perfeitamente *cilha*, porque o lat. -*gl*- deu normalmente -*lh*- em português: cfr. *teg(u)la* > *telha*, *reg(u)la* > *relha*.

A forma **cigula* explica-se por analogia com outras semelhantes. Assim como a *iungere* corresponde em latim o substantivo *iugulum*, sem -*n*-; assim como a *figere* corresponde o substantivo *figulus*, também sem -*n*-, embora aqui o thema seja *fig*-, e não *fung* -: assim também para o verbo *cingere* o povo, que raciocina pelo que immediatamente observa, e não por analyses glottologicas, criou o substantivo **cigula*, sem -*n*-. Tanto *iugulum* como *figulus*, que no caso presente se tornaram typicos, eram substantivos correntes no latim vulgar; este ultimo, ou outros da mesma familia, encontra-se gravado com frequencia nos productos da ceramica romana, como é facil vêr em qualquer catalogo de museu. Nos verbos e nomes verbaes ha sempre grandes confusões de formas: é assim que o romeno *jungiu* só pôde explicar-se por **iungulum*, que está para a forma

normal iugulum em relação inversa da em que está *cigula para cingula.—Todavia num doc. em latim barbaro do sec. XIII cita-se *cinlia*, que deve estar por *cinha*¹; esta forma parece dar a entender que, ao lado de *cigula houve também cingula, facto que nada tem de estranho, attenta a oscillação nos themas d'esta natureza: cfr. *pinto* == *pinctu-, e *pito* == pictu-.

3. côxo

Segundo o que se lê no *Norte Trasmontano*, periodico de Bragança, n.º 85 (1886), chama-se *côxo* em Tras-os-Montes, na raia, a qualquer animal venenoso que se suppõe que morde uma pessoa e lhe produz uma erupção cutanea; também assim se chama á propria mordedura. Ha até uma benção ou ensalmo para curar a doença; começa assim:

Jesus, nome de Jesus!
Eu te benzo, *côxo*,
De sapo ou sapão,
De cobra ou cobraão,
De aranha ou aranhão....

(vid. o citado jornal). Nesta fórmula, que é commun a outras doenças, o sapo, a cobra e a aranha, com os respectivos augmentativos, representam o animal venenoso.

O etymo de *côxo* é evidentemente o hesp. *coso*, «especie de gusano algo crecido que se cria en los troncos de algunos árboles frutales», como diz o *Dicc. de la leng. castellana* da Academia de Hespanha. O *s* hespanhol foi no Norte de Tras-os-Montes reproduzido como *x*, embora na pronúncia de lá haja um *s* semelhante áquelle. O hesp. *coso* vem do lat. *cossus*, «caruncho», «carcoma»; é talvez de origem litteraria, poisque *cossus*, segundo o *Lat.-rom. Wb.* de Körting, tem o breve, e este õ, se a palavra fosse de origem popular, teria dado *ue* em hespanhol.

Digo que *côxo* vem do hespanhol, porque o lat. *cossus* não podia dar directamente em português *côxo*, e apenas poderia dar **cosso*, como ossum deu *osso*, possum deu *posso*, grossus, i. é, grossum, deu *grosso*; só uma fórma como *cosseu- daria *côxo*, mas não ha razão para a admittir. A área geographica da palavra, que julgo ser limitada á raia trasmontana, depõe em favor da explicação que eu dou; da vizinha Hespanha viajam para cá muitos vocabulos, como outros de certo viajam também de cá para lá.

¹ Port. Mon. Hist., I, 192 sqq.

4. leque

E' bem certo quasi sempre o ditado: *Nihil sub sole nouum!* Isso acontece agora tambem com o etymo de *leque*. Eu o dei como meu nos *Estudos de philologia mirandesa*, I, xvi-xvii; o sr. Gonçalves Vianna, na *Rev. Lusit.*, vi, 208, confirmando a explicação que eu propusera, diz que ao auctor do *Novo Dicc. da ling. portug.* havia ella occorrido igualmente ao mesmo tempo que a mim; pois agora volto eu a notar que muito antes do apparecimento, quer do *Novo Dicc.*, quer dos *Estudos de philol. mir.*, já o etymo de que se trata fôra proposto e publicado!

Folheando para outros fins as *Obras* do Cardeal Saraiva, ahi encontro no vol. viii, p. 270, o seguinte:

«LEQUE. — Pequeno abano que se traz na mão em tempos calmosos, para com o seu movimento agitar e refrigerar o ar. He vocabulo da Asia chineza, e nós conjecturámos que nos veio das ilhas Lequias, aonde se fabricavão excellentes abanos. Em Ormuz e outras partes da Persia corria huma moeda com o nome de *leque*».

Postoque eu já por mais de uma vez houvesse consultado os trabalhos do Cardeal, comtudo, — como não os trago diariamente entre mãos —, não me lembrei d'este artigo ao redigir a nota que inseri nos *Estudos de philologia mirandesa*.

O mesmo auctor, nas *Obras*, v, 206 sqq., tem um artigo intitulado «Nota sobre as ilhas Lequias ou de Lieu-Kieu», e cita a proposito varios passos de classicos portuguezes, além do de Mendes Pinto, que eu havia citado. E' verdade que a quem lê o alludido passo de Mendes Pinto acode irresistivelmente o etymo; foi o que me succedeu a mim. Todavia, dê-se o seu a seu dono: a prioridade neste caso pertence ao laborioso Cardeal Saraiva.

5. pardieiro

Em latim existe a palavra *parietinae*, -arum, que significa «ruínas». D'esta palavra devia haver na lingua do povo, pelo menos no Noroeste da Iberia, um derivado **parietinariu-*, ou **paretinariu-* (cf. lat. vulg. *parete* = *pariete-*), que explica perfeitamente o port. *pardieiro*, e que, quanto ao modo de tratar a nasal, está para esta palavra na mesma relação phonetica em que *viminariu-* está para *vimieiro*, e *luminaria* para *lumieira*.

Em gallego diz-se *pardineiro*, que está para aquella palavra latina como *dineiro* para **dinariu-* = *denariu-*¹. O gall. *pardineiro*

¹ O port. — gall. *dinheiro* — *diñeiro* e o hesp. *dinero* fazem presuppor que em lat. vulg. iberico existiu **dinariu*, por confusão de *de-* com *di-*; o contrá-

acha-se representado também no nosso onomástico: no districto de Braga existe um lugar chamado *Pardineiro*, e no districto de Leiria outro chamado *Pardineira*. Estes dois ultimos factos provam não só que *pardineiro* teve outr'ora existencia em Portugal, como nome commum, mas que **parietinariu* - foi na origem adjectivo. Correspondente á nossa *Pardineira* apresenta o onomástico gallego igualmente *Pardineira*, na provincia de Lugo, e, no plural, *Pardineiras*, na provincia da Coruña.

A differença phonetica existente entre *pardieiro* e *pardineiro* resulta, quanto a mim, de que *pardieiro* está por **pardecieiro* < **pardieiro* < **paretenariu* - (cf. *vimieiro* < **vineiro* < **vinieiro*, já cit.), e de que *pardineiro* está por **pardieiro* < **paretinariu* - (cfr. *dineiro*, *dineira*, já cit.), sob a influencia de *pardinas*, que parece ter existido outr'ora na lingua commum da Galliza, como a mostra a frequencia de *Pardinas* no onomástico. Este *pardinas* não será diminutivo de *parede*, mas representará o lat. *parietinas*, que se tornaria *parietinas*, por influencia do suffixo *-inus*, como no port. *ponte pedrinha*, onde *pedrinha* está por *petrina* = *petrina* (propriamente *pons petrinus*)¹; cfr. no onomástico de Hespanha *Pardina* no Aragão, *Pardinas* na Catalunha, e, em forma diminutiva, *Pardinilla* no Aragão, e *Les Pardinetes* em Valencia.²

rio aconteceu em *directu* - que se tornou **derectu*, d'onde o hesp. *derecho* e o port. arc. *dereito*, que explica também o interronense *dreito*. Cfr. *genovês ant. diuer*, em Meyer Lübke, *Gr. rom. d. Spr.*, I, § 352. Certamente era **dinariu*, com *i* longo. Outros exs. de conservação do *i* longo atono são: *timão* < **tímonē* = *temone*-, *tição* < *títionē*-, *Miranda* < *miranda*.

¹ Embora *Pardinas* pudesse phoneticamente ser diminutivo de *paredes*, não é isso provavel, porque o *e* do primitivo ajudava a manter o *e* no derivado, pela consciencia que existe no povo de que o diminutivo normal de *paredes* é *paredinhas*: effectivamente o nosso onomástico apresenta muitas *Paredinhas*. Se se perdesse a noção da correlação entre o primitivo e o diminutivo, é que o *e* atono neste se syncoparia, como aconteceu a *Pardelhas* (com o duplo diminutivo *Pardilhão* ou *Pardilhó*) < **pareticu* *plas* (em lat. o subst. *paries* é masc., mas na Iberia e na Gallia tornou-se feminino), pois que o povo deixou de ligar ao suffixo *-iculus* ideia diminutiva: os nomes que existem com elle estão, por assim dizer, petrificados, por ex. *pontilhão* (Minho) = *pout-elh-ão*, *Castrilhão* = *Castr-elh-ão* (Tras-os-Montes), *Villarelho*, *rapazelho*, *corteijo*, etc.

² Surge aqui uma questão phonetica: porque é que **vinieiro* se tornou successivamente **vineiro* e *vimieiro*, e pelo contrario *têr*, por intermedio de *teer*, se tornou *ter*? Parece que se esperaria ou *vineiro* (como *ter*), ou *têr* (como *vimieiro*). Eis a razão. Em *têr* o *ê* é primitivo, e soava fechado, mantendo-se o mesmo timbre depois do desnasalamento, i. é pronunciando-se *têêr* a nova palavra; ora *têêr* dava naturalmente *ter*. Em *vinieiro* o *ê* é secundario, proveniente de *i*, e soava *surdo* (como na linguagem interronense, por ex., em *vender* = *bänder*), mantendo-se também o mesmo timbre após o desnasalamento, i. é, pronunciando-se *vinieiro* a nova palavra; ora *vinieiro* dava naturalmente *vimieiro*. Tanto na lingua geral como no onomástico existe *vineiro* (*Vineiro*), mas esta palavra formou-se directamente de *vine*, com o suffixo *-eiro*, já em plena epocha portuguesa, ao passo que *vimieiro* ascende ao latim vulgar, i. e, a *viminariu* - Em *viminariu* - o segundo *i* era breve, e por isso, e por estar precedido de *n*, tornou-se *-ê*, que, segundo os habitos

Viterbo, no *Elucidario*, cita *paredeiro* no sentido de «pardieiro», segundo um documento de Salzedas, do sec. xiii. O sr. Candido de Figueiredo, mais vulgarmente conhecido pelo nome de *Caturra*, reproduz-o, sem explicações, no seu *Novo Dicionario*. Em virtude, porém, do que fica dito, a palavra archivada por Viterbo está certamente errada, e deverá corrigir-se em *pardeiro*. Nada mais facil do que numa escrita ou numa cópia se confundirem as graphias *pardeiro* e *paredeiro*, poisque a confusão resultava do simplez deslocamento de uma lettra. Julgo improvavel que houvesse uma palavra *paredeiro* que significasse «pardieiro». — O sr. Pedro A. d'Azevedo diz me ter encontrado num inventario dos meados do sec. xiv effectivamente a forma *pardeiro*, com *ee*, a qual não só confirma a correção que fiz a Viterbo, mas tambem a explicação que acima dei.

6. paul

Não póde vir de palude-, não só porque *-ude* não daria *-ul*, mas porque em hesp. ha *paül*, que prova que no etymo d'esta palavra não existia *-l-*, que, se tivesse existido, se teria conservado, segundo as leis phoneticas da lingua hespanhola. Somos assim forçados a admitir *padule-*, que dava regularmente *paül* em port. e em hesp.; quanto á quèda do *-b*, cf. *ver* (arc. *veer* hesp. e port. < *videre*). A forma *padule-* é attestada, por exemplo, por um doc. em lat. barbaro da Hespanha, do começo do sec. ix: «cum montibus et frutibus uel *padulibus*», na *Revue Hispanique*, vii, 283. Essa fórma repete-se no mesmo documento.

7. quisto

Esta palavra entra nas expressões *bem quisto* e *mal quisto*, que podem escrever-se *bemquisto* e *malquisto*, pois existem respectivamente os verbos *bemquistar* e *malquistar*.

O etymo não é o latim *quaesitu* —, como diz o auctor do *Novo Dicionario*; por ser longo o *i*, tal palavra só poderia dar em portugûes **quesido*, como por exemplo *maritum* deu *marido*, *rugitum* deu *ruido*, e todos os participios em *-itum* deram *-ido*. Para se explicar *quisto*, tem de se admitir que no latim vulgar houve **quaesitu-*, com *i* breve. Este **quaesitu-* desenvolveu-se por analogia com outros participios: assim como, por ex., *positu-* correspondia a *posuit*, assim a *quaesit* se fez corresponder **quaesitu-*; e se a

da nossa lingua, se desnasalou antes da vogal que se lhe seguia; em **dinariu-* o *i* era longo, como *suppus*, e por isso, e por estar tambem precedido de *n*, tornou-se *-i-*, que, de accordo com a phonetica portuguesa, se mudou em *-ink-* antes da vogal seguinte; pelo mesmo motivo **parietinas* > **paretinas* se tornou **pardias* > *Pardinhas*. Aos leitores que não se dediquem a estes estudos, poderão parecer taes explicações subtilizas; mas cada sciencia tem as suas regras, que só são bem comprehendidas dos especialistas.

pôs < *posuit* correspondia *posto* = *po sto*, assim a *quis* < *quaesii* veio a corresponder muito naturalmente *quisto* = *qui-sto*. O participio * *quaesitu-* foi considerado pelo povo, na epocha romana, como participio em -*stu-*, embora o *s* pertencesse ao thema: cfr. *Estudos de philologia mirandesa*, 1, § 237, obs. 2.

A explicação precedente convém tambem ao hesp. *quisto*, e ao provençal *quist*.

J. LEITE DE VASCONCELLOS.

MISCELLANEA

I

TRES DOCUMENTOS EM PORTUGUÊS ANTIGO

Dos tres documentos que agora publico, dois são escritos numa região colonizada nos começos da monarchia por individuos do norte da Europa, e o terceiro é de Coimbra, antigo centro de cultura ecclesiastica.

O documento I não conhece o *nh* nem o *lh*, o que é indicio de archaismo, assim como são archaicas as formas seguintes: *dñazõ*, *Alcubazu* e *Marzo*. As dicções *feverõ*, e *cũ* são tambem assaz antigas. Esta carta, que foi escrita em Lisboa a 8 de março de 1281, apresenta alguns caracteristicos como *soude* por *saude*, *ou* por *uo* e *malma* por *ma alma*.

O III, que tem a data de 16 de junho de 1309, foi escrito em Alcoentre, na Estremadura. Tem de commum com o anterior, além do desconhecimento (em parte) das graphias *lh*, e *nh*, o *ou* e *facer*; e a mais as primeiras pessoas do plural terminadas em *us*. Como especialidade encontra-se o *ch* com o som de *c* antes de *a* em *Cerchal* e *nuncka*. Estas palavras tambem se escrevião *Cerqual* e *nunqua*.

O II tem certo valor historico por se referir ao illustre varão D. Aymeric (Americo). E' datado de 14 de dezembro de 1281. O *nh* é empregado em *senhor*; quanto ao *lh* existe só empregado num nome provençal, como é evidentemente o de D. Hugo de *Vidalbac*, ao revés das palavras portuguezas: *li*, *fillado*, *Suillões* (Soalhães). No mais não differe dos documentos da chancellaria real.

Assim, pelo estudo de documentos de diversos pontos do país, se

poderá ir determinando a origem da orthographia dos diplomas regios, que é ainda, com pouca alteração, a de que usamos.

I. — Conoscã todos aqueles que esta carta uirẽ e ounyrẽ que eu Johãna Diaz senhor da Tougya por soude de malma e en remimento de meus pecados e por amor de dõ Pedro Martiz Thesoureyro e vigayro d'Lixbõa outorgo e ey firmo a dõazõ que o abade e o Conuẽto dalcobaza fecerõ ou dito Pedro Martiz de todas aquellas cousas e possissões que heles hã en a Tougya e en seu termo. he praz mj que de pos nida do dito Pedro Martiz que se uoluã todas esas possissões liuremente cũ todos seus miloramentos ou dauãdito moesteyro dalcubaza. En testemoyo da qual cousa en dey ou dito thesoureyro esta ma carta sêelada do meu sêélo. Dada en Lixbõa .vijj. dias andados do mes d'Marzo. Quando andaua ha Era en Mil. e CCC.^a. e xix.^a. años ¹.

II. — Era M.^a CCC.^a xix.^a xiiij. dias andados del mes de Dezembro. Sabhã quantos esta carta uiren que cõmo contenda fosse entre o onrrado padre e senhor Don Aymeric bispo de Coynbra da hũa parte e do Religioso barõ Fernã Gonzaluiz priol do Mõesteyro de san Jorge de Coynbra da outra. In presença de mj Johã Pasqual publico taballiõ en casa do dauãdito Bispo e das testimúyas de iuso escriptas sobre luytosa que o bispo demãdaua ao Mõesteyro de san Jorge pola qual razõ o bispo li auia fillado vn Mouro e sobristo demãdando esse mouro o priol ao bispo per razõ que o priol dezia que o bispo nõ deuia auer essa luytosa do dito Mõesteyro o bispo quis demãdar a uerdade soõre aquesto feyto e perguntou e achou per homées sages que o nũ uirã nõ ouirã que o Mõesteyro de san Jorge desse luytosa ao bispo de Coymbra e poys que o bispo uio que nona deuia auer de dereyto entregouli aquel Mouro que li fillara e quitou se daquesta demanda e disse que nõ queria põer custume tal hũu nõ achaua vsado. E heu Johã Pascual publico taballiõ dauãdito a rogo do dauãdito priol e per mädado de meu senhor o bispo fiz ende este publico estrumento e puse en el meu sinal +. Que presentes forõ Johã Martijz e Pedro Martijz cóonigos de Coymbra. Martin Affonso clerigo de Johã Martijz de Suillães. don Vgo de Vidalhac. Pedro Pirez Priol elasteiro de san Jorge. Johã Pirez e Johã Saluadorez cóonigos do dito Mõesteiro ¹.

III. — Esta he a Carta de doaçõ a qual encomẽdamus a facer Eu Vasco Lourenço e Eu Domingos pirez sa Moller a ssanta Maria Dalcobaça por nossas Almas en remimento de nossos pecados de hu nosso herdamento que nos auemus . . . (em) cerehal en termo Dobidos do qual estes som os termos Agiõ Johã piriz . . . Calao e Toméẽ piriz Caluo Aurego o monte ou sol lenante santa Maria . . . ou sol poente santa Maria Dalcobaça damus e doamus o dito herdamento a santa Maria Dalcobaça pera Todo senpre e Mandamus que faça delle que quer que lhe aprouger assy Como de sa propia posissem e Mandamus

¹ Caixa 86 da *Collecção Especial*.

² Caixa 86 da *Collecção Especial*.

que fillo nê neto nê homê nê hũ nuncha possa vîjr contra esta nossa doaço e Mandamus que nen hũ do nosso liagê nen do estrão que Contra esta doaço quisser vîjr que aga a maldiço de deus e de santa Maria sa Madre e a nossa pera Todo senpre e ualler esta nossa doaço pera Todo senpre. ffeita a carta dex e sex dias de Jûyo Era de Mil e Treçentos e quaraenta e sete anos. Que presentes forõ Pedro domingiz stulto. Vicente domingiz Conlaço dazanbuga. Leonardo domingiz dito Tagarro alfayate ts. Eu Nicolao rodrigiz pubrico Taballiõ Dalcoentre a rogo dos ditos Vasco Lourenço e sa Moller esta Carta scriny e meu si + nal puyg ¹.

PEDRO A. D'AZEVEDO.

II

UM DICTADO TOPICO

O sr. Leite de Vasconcellos tem no seu trabalho *Dictados topicos de Portugal*, publicado em 1882, a seguinte fórmula:

Lisboa, coisa boa.

Este dictado, a que faz referencia a duquesa de Abrantes, no vol. 2.º dos seus *Souvenirs*, p. 113, corre em quasi todo o pais nesta variante mais geral:

Quem nunca viu Lisboa,
Nunca viu coisa boa.

Na obra de J. Calvo Asensio, *Lisboa em 1870*, p. 26, lê-se: «No vayas as creer, lector amigo, que es del todo cierto el axioma portu-gues de que *quien no veu Lisboa, non veu cosa bou*».

Na Hispanha existe a seguinte versão do nosso ditado:

Quien no vido á Lisboa,
No vido cosa boa.

(*El Folk-Lore Freznense*, p. 62).

Os hispanhoes tem tambem os seguintes ditados, que são corres-pondentes ao nosso:

1. Quien no ha visto á Sevilla,
No ha visto maravilla.

(*El Folk-Lore Andaluz*, p. 29).

¹ Caixa 89, n.º 17, *Collecção Especial*. Na Torre do Tombo.

2. Quien no ha visto á Granada,
No ha visto nada.

(*El Folk-Lore Freznense*, p. 62).

No *Blason populaire de la France*, publicado por H. Gaidoz e P. Sébillot, vem, a p. 37, n.º 1, qualquer coisa parecida, que os franceses dizem com referencia a Paris (apud Leite de Vasconcellos, na *Rev. de Est. livres*, II, 413).

ARMANDO DA SILVA.

III

PROVERBIOS OU SENTENÇAS SOBRE AS MULHERES

Nunca molher callada, foi tida per nesçia.
A molher faladeira, e respondadeira, he poucas uezes bem cazada.
A uergonha muitas couzas encobre.
Em a molher, mais nal anerguonha q̃ a fazenda.
Amenor graça que tem amolher hé afermozura.
Todo casamento secreto, acarea desgnostos publicos.
Nenhũ se deue cazar, senão com seu igual.
O uerdadr.º cazam.º ade ser sobre amor, enão sobre interesse.
O amor repouzado he o amor uerdadeiro.
A molher dezanergonhada, nenhũa honrra mereçe.
Mais delicada he a honrra da molher q̃ a do homem.
Abonrra do cazado depende de sua molher.
Amolher soberba, nunca bem cazada.
Amolher braua, lastima cõ a lingua.
Amolher braua ao amigo e enemigo scandaliza.
A molher nunca cuida, q̃ erra e por isso tẽ poucas uezes emmenda.
A molher braua sempre leua na cabeça.
Grande trabalho tem omarido que tem amolher braua.
Amolher leuasse m.º mal, por mal, senão por bem.
Entre os cazados cada dia succedem enojos.
Amolher debem abasta diserlhe hũa palaura.
Amolher nunca selhe acaba de conhecer sua condição.
Os cazados denem desde oprincipio querersse bem.
Amor, e dezamor sempre competem no coração.
O marido deue ser desua molher mais amado, q̃ temido.
O marido q̃ não tem asua molher contente sempre terá má uida.
Amolher mai nunca deuera denasçer.
O marido cõ amolher sempre deue uzar de cautela.
Amolher lastimada, ou scandalizada, não descança nem çessa até
que se uinga.
O marido discreto, mais couzas deue disumular amolher q̃ castigar.
Amolher tem por grande iniuria terenna por fea.

As mulheres querem uer escriptas (=e ser uistas).
 Amolher cazada sente m.^{to} o q̃ dá omarido aamiga.
 Omarido q̃ não proué asuacaza desproué asua honrra.
 Apenas catristeza hasé dedescubrir (=ha-se de) aos amigos.
 Os maridos são muitas uezes cauza deseré suas mulheres maás.
 Apobreza em os cazados acarrea m.^{tos} uícios.
 Aocazião he aque faz perder as mulheres.
 Amolher ocupada não pode fazer couza maã.
 As mulheres deuem ser honestas, e concertadas.
 As boas mães, deuem guardar eocupar aseus filhos.
 Auarietade dasterras, crião emssi uarios costumes.
 No tempo deagora, não se dá ahonrra anobreza, senão ariqueza.
 Os maos são mais ouzados q̃ os bons.
 Muito sente o coração nobre, rogar outrem.
 As mulheres prenhes deuem ser muito libertadas.
 Aclemençia emtodos, e sobretudo, he louuada.
 Não ha couza grande aonde não haia inconveniente.
 Pera fazer bem nenhũ resp.^{to} mao se hadeter.
 Quem não for mao da sua lingua digno he de toda ahonrra.
 As mulheres não mantem segredo, mas querem q̃ lho guardem.
 Aneçessidade eaoçiosidade fazem cahir as mulheres.
 Os mançebos os mais se perdem per mulheres.
 Oamor não morre no q̃ uerdadeiram.^{to} ama.
 Oque decoraçãõ ama, decoraçãõ chora.
 Dotrabalho mais seade sentir aculpa, q̃ apenas.
 Com oamigo, se ha de falar uerdade.
 Entre os amigos obem eomal a de ser commú.
 Não há trabalho tamanho, q̃ Deos não dee esforço p.^a osofrer.
 Mais couzas remedeia otempo q̃ arasão.
 Coração tribulado deninguem ade ser importunado.
 Os sinos tangesse pellos mortos, enão pellos uiuos.
 Aneçessidade finge oquenão he uerdade.
 Omao hasse debonrrar, pertemor de sua lingua.
 Mais força tem oamor do amigo que doparente.

De um manuscrito existente na Torre do Tombo, dos principios do sec. xvii: Cod. 1147, fl. 23.—Conservo-lhe a orthographia.

PEDRO A. D'AZEVEDO.

BIBLIOGRAPHIA & CHRONICA

Trabalhos ultimamente publicados:

— **Ile de San-Thomé** por Almada Negreiros, Paris, Challamel, 1901, com um vocabulario do dialecto português indigena a pag. 121 sqq.

— Do sr. Epiphanio Dias:

a) Critica á edição das *Vitae* de Cornelio Nepote feita por A. Weidner. Folheto de 4 pag., s. l. n. d. (Lisboa 1899), escrito originariamente pelo A. em allemão. Foi tambem por elle traduzido em italiano, e publicado na *Rivista di Filologia e d'Istruzione classica*, anno xxviii, fascicolo II (d'onde se fez uma separata: folheto de 4 pag.).

b) Critica á *Légende Grecque de l'Homme de Dieu Saint Alexis*, publicada por Esteves Pereira. Artigo inserto in *Berliner Philologische Wochenschrift*, n.º 19, de 11 de Maio de 1901, e escrito tambem originariamente em allemão.

c) Critica á *Historia Apollonii Regis Tyri*, ed. de Riese. Artigo publicado na mesma revista allemã, n.º 24, de 15 de Junho de 1901, e escrito igualmente em allemão.

d) Tradueção do *Exemplar vitae humanae* escrito pelo judeu português Uriel da Costa. Folheto de 36 pag., publicado em Lisboa em 1901 com o titulo de *Espelho da vida humana*, e acompanhado de uma introdução por Th. Braga. A pag. 22 lê-se o seguinte (é Uriel quem falla): «Que aproveita... permanecer eu neste estado até á morte, separado da communicação com estes padres ¹ e com este povo ², mórmente sendo eu estrangeiro nestas paragens ³, e não tendo trato com os cidadãos ⁴, cuja lingua até desconheço?». Temos aqui um testemunho de que no tempo em que Uriel da Costa vivia na Hollanda (primeira metade do sec. xvii) o português era ainda lá lingua viva, o que está de accordo com muitos outros testemunhos.

O mesmo A. está preparando uma edição critica do *Esmeraldo de situ orbis*, texto português do sec. xv, de que já havia uma edição imperfeita.

— Estudos de philologia mirandesa por J. Leite de Vas-

¹ Os rabbinos.

² Os judeus portugueses da Hollanda.

³ Amsterdam.

⁴ Os hollandeses.

concellos, vol. I, Lisboa 1900, xix-488 pag., com um mappa; vol. II, Lisboa 1901, 344 pag., tambem com um mappa.

— **Esquisse d'une dialectologie portugaise**, thèse pour le doctorat de l'Université de Paris (Faculté des lettres), por J. Leite de Vasconcellos, Paris, Aillaud & C.^o, 1901, 220 pag., com um mappa.

— **Normas ortograficas** por Miguel de Lemos, Rio de Janeiro 1901, 72 pag. — A pag. 45 sqq. vem algumas observações sobre as differenças entre a prosodia vocalica de Portugal e a do Brasil. O auctor não conhece aquella senão pelos livros, e por isso commette inexactidões, como quando diz que nós pronunciamos *p'sseio*, *v'nder*, *cò-leção* (= collecção), etc. Certas pronuncias que elle dá como proprias do portuguez pertencem só aos dialectos, por ex. *gânhar*. As differenças que nós estabelecemos entre *prêgar* e *pregar* tem origem bem simplez: é que *prêgar* vem da fôrma archaica *preegar*, do lat. *prae-dicare* = **pre(d)ecare*; os dois *ee* atonos estão hoje contrahidos em *ê*. Origem analoga tem o *o* aberto de *côrado*: esta palavra vem da arch. *coorado*, do lat. *coloratu-*; do mesmo modo que o *ê* resultou da crase de *ee*, tambem o *ô* resultou da de *oo*. Quando em port. existe um *a* aberto, mas atono, explica-se quasi sempre de modo semelhante: por ex. *vádio*, que o auctor cita, vem de *uadio* < *va(g)ativu-*.

— **Estudos praticos da lingua portugueza** por A. Francisco Barata, Evora 1900, 174 pag., prego 600 réis. — Já tinhamos as *Lições praticas* do Caturra, e ficamos tendo agora uns *Estudos praticos*. Apesar de tanta prática, a lingua portugueza está-se escrevendo cada vez peor. Não obstante intitulem-se *praticos*, os *Estudos* do sr. Barata são ao mesmo tempo theoricos; é assim que a pag. 10 se lê nelles: «A historia da lingua portugueza é como a historia de todas ou quasi todas as linguas: amalgama de muitos idiomas, rude em sua infancia, polida e culta, e mais e mais engrandecida dos escriptores, da philosophia e da necessidades». Por esta amostra da theoria, poderão os entendidos na materia formar ideia dos predicados da obra.

— A sr.^a D. Carolina Michaelis tem continuado a publicar na *Zeitschrift für rom. Philologie* as suas eruditissimas *Notas marginaes ao Cancioneiro* (cf. *Rev. Lusit.*, iv, 292). Estas Notas attingem já o n.^o vii, com um appendice a esse numero.

A mesma senhora tem bastante adeantada a publicação do Cancioneiro da Ajuda, que ficará constituindo um monumento na nossa litteratura. Além do texto poetico, acompanhado de notas criticas e de um resumo em allemão de cada poesia, conterá uma introdução e um vocabulario. Todos os romanistas esperam com anseio a conclusão d'esta obra.

— **Raças e linguas indigenas em Moçambique** por Ayres d'Ornellas, Lisboa 1901 (publicação do Congresso Colonial), 73 pag. in-8.^o

— **As Mouras encantadas e os encantamentos no Algarve** por F. X. d'Athaide Oliveira, Tavira 1898, xxv-305 pag. — O livro é escrito em fôrma litteraria, mas encerra numerosos factos co-

lhidos na tradição oral, e que estão de accôrdo com outros que se conhecem no resto do país.

— **A giria portugueza** por Alberto Bessa, Lisboa 1901, xxxi-336 pag. in-8.º Espero escrever na *Rev. Lusit.* um artigo especial a proposito d'este livro.

— **Portugalia.** Publicou-se o fasciculo 3.º d'esta importante revista.

— **O Archeologo Português.** Esta publicação chegou ao fim do vol. vi, estando já publicado o 1.º fasciculo do vol. vii, e no prelo o 2.º e 3.º

*

O sr. Antonio Thomás Pires tem quasi concluida a impressão do vol. i dos seus *Cantos populares portuguezes*.

*

Na secção de linguas e litteraturas romanicas da Universidade de Nova-York fez em 1901 um curso de historia da poesia portugueza o sr. W. T. Brewster. Eis aqui o programma que elle me enviou:

- 3 de Abril — Poesia popular portugueza;
- 10 de Abril — Os predecessores de Camões;
- 17 de Abril — Camões;
- 24 de Abril — Poesia portugueza posterior a Camões.

*

D. Cecilia Schmidt Branco, que na *Revista Lusitana* inseriu varios e interessantes artigos ethnographicos, finou-se em Lisboa em 26 de Dezembro de 1898. — Limito-me por ora a esta singela e tardia noticia, pois tenciono publicar, logo que me seja possível, uma memoria biographica a respeito de tão illustre como desventurada senhora, a quem, pelos seus altos dotes de espirito, como pelo seu vasto e solido saber, estava reservado um logar preeminente na nossa litteratura. Assim não houvera succumbido na força da vida! — Entretanto poderão os leitores consultar o artigo necrológico publicado na *Rev. de educ. e ensino*, xiv (1899), pag. 42-47, pelos srs. Roque da Costa e Ferreira Deusdado.

J. L. DE V.

O GUINÊENSE

(Vid. *Revista Lusitana*, vol. vi, pag. 300)

CAPITULO III

Vocabulario português-guinêense

Consta este capitulo, — se bem contámos, — de 5:420 vocabulos crioulos da Costa da Guiné, entre os quaes se notam muitos que são portuguezes, sobretudo technicos, usados no nosso dialecto com pouca ou nenhuma alteração apparente, taes como: *gonorreia, plaina, carlinga, escovens, noriondeste, portaló*; mais cinco ou sete do caboverdiano como: *dóxe, tróchada*; dois da lingua inglesa, *nórr, compús*; dois da lingua franceza, *liberté, gratuits*. Além disso podemos extremar mais de um cento de termos usados pelas tribus indigenas Mandinga, Pepel, Fulapo, Bijagó, Fala, Banhun, Jalofo e varios outros de origem incerta ou ignorada como: *bútua, nhumbabo (bâbû)*.

*

Não abusamos dos signaes orthographicos; mas tambem não fomos avaros onde os julgámos necessarios, e por isso distinguimos sempre — *u* de *w* breve; *i* longo do *y* átono. E, a nosso pesar, por falta de signaes diacriticos, adoptámos o *ch* e *dj*, digraphos que confundem mais do que esclarecem, e, longe de facilitarem a leitura e a escripta, a embarçam sobremaneira. Tambem não nos esquecemos de distinguir o *s* do *ç*, de que já falámos no capitulo anterior, e de sublinhar as differenças que ha entre *em*, *um*, *in* e *en*; pequenos nada, mas que os entendidos apreciam e desculpam.

Cumpre-nos ainda declarar, que, por desta vez nos ter faltado tempo para dirigir consultas aos nossos estimaveis collaboradores de Bissau e Bolama, empregámos toda a nossa attenção neste capitulo, no desejo sincero de acertar.

*

Damos em seguida uma pequena tabella de signaes a que nos referimos e dos seus correspondentes nas transcripções litterarias. Vão por ordem da sua importancia:

<i>ch</i> =	<i>x̃, c̃</i>
<i>dj</i> =	<i>j, dž.</i>
<i>eng</i> =	<i>ñ, (Lepsius)</i>
<i>ç</i> =	<i>f, (G. Vianna).</i>

As vogaes — *ê, ô*, que não entram nas terminações dos vocabulos convém que se leiam — *êe ôo*: «*spêrança*», *spêrança*; «*gô-sin*», *gô-sin*, agora mesmo.

A pronúncia, pôde-se dizer sem excepções, é muito branda e muito suave, tanto ou mais que no italiano; menos dura nas consoantes, e menos viva nas vogaes; e tão fluente e tão molle (passe!) que, na conversação animada, mal se destaca uma syllaba d'outra syllaba, o que muitas vezes tambem acontece nas proprias palavras.

A

Aba: *aba*.

Abafado: *báfado*.

Abafar: *báfã*.

Abafar se: ... *báfã*. Abafei-me, *em báfã*.

Abaixar: *riantã: ãmpinã: mergu-djã*.

Abaixo: *bás*.

Abalar: ... *bãe*. Elle abalou, e' *bãe*; e' *mondô camincho*.

Abalo: *sacudidura*.

Abanador: *banador*.

Abanar: *banã*.

Abandallar-se: ... *bidiã amonton*.

Abandalhou-se, e' *bidiã amonton*.

Abandonado: *bõtado*.

Abandonar: *botã*.

Abarracar: *iarmã baraca*.

Abarrotar: *inchê: sôdjã*.

Abastado: *ricôn*.

Abastança: *riquêssa*.

Abelha: *baguêra*; de *ba* = os; e *guêra*: os guerras, ou guerreiros (Pepel e crioulo).

A-bel-prazer: *libremente*.

Abençoar: *detã abênçon*.

Abertamente: *claramente*.

Aberto: *aberto*.

Abertura: *abertura*.

Abitar: *sugurã na abita*.

Abjecto: *despressiado: amonton*.

Abjurar: *renegã*.

Ablução: *bânho*.

Abobora: *bobra*.

Aborigenes: *fidjo de chon*.

Aborrecer: *enfadã*.

Aborrecido: *enfadado*.

Abortar: *desmanchã*.

Aborto: *desmancho*.

Abotoar: *botoã*.

Abraçar: *barçã*.

Abraçar-se: ... *barçã*. Abraçaram-se, e' *barçã na otro*.

Abrandar: *baganã*.

Abrasado: *quémãdo*.

Abrasar: *quémã*.

Abrigado: *andjargado*.

Abrigar: *andjargã*.

Abrigo: *cabo de sucundi: canto*.

Abrir: *abrê ou iabrê*.

Abroquelar-se: ... *cubri co' dar-ga ou djarga*. Abroquelei-me, *em cubri co' djarga*.

Absolvição: *absolviçon, pordon*.

Abstemio: *q' o ca sêdo bebedor, ma-
rabê.*

Abstinencia: *djundjun.*

Abundancia: *fartuda.*

Abusar: *passê co' mon.*

Abuta: *abuta ou bûtua. Videira
brava, ou videira da Guiné.*

Abutre: *djugudi (Mandinga).*

Abysmo: *fundo, caba.*

Acabado: *cabantado.*

Acabar: *cabê.*

Acaçapar-se: *detê na chon: djon-
gotô (Mandinga).*

Acajú: *cadjû.*

Acalcar: *calcê; massê.*

Acanhado: *cânhado.*

Acarinhar: *minê.*

Acaso: *sorte.*

Acastanhado: *cor do tambacum-
ba (Mand.?).*

Acautelado: *siguro ou suguro.*

Acantelar: *sugurê.*

Acceitar: *çetê.*

Accender: *çendê.*

Accommetter: *facê.*

Acommodar-se: *quebentê. Accom-
modaram-no, é quebente-l.*

Accumular: *djentê.*

Accusado: *q' o podo fama.*

Accusador: *contador de mintyda.*

Accusar: *contê mintyda.*

Acenar: *fassê sinal.*

Aceno: *sinal.*

A'cêrca: *ruspêto.*

Acercar-se: *chigê perto.*

Acertar: *certê.*

Acha: *vacha de lenha.*

Achado: *ochado.*

Achaque: *çêssa.*

Achar: *ochê.*

Achatar: *mopê (Pepel).*

Achegar-se: *chigantê.*

Achincalhar: *fassê mangaçon; fas-
sê discarne.*

Acinte: *têma.*

Acintosamente: *co' tẽma.*

Aclarado: *claro.*

Aclarar: *bidê claro.*

Aço: *aço.*

Acocorar-se: *djongotô (Mandin-
ga).*

Açoitador: *sotador.*

Açoitar: *sotê.*

Açoite: *sôte.*

Acolá: *lá.*

Acompanhar: *companhê.*

Aconselhado: *consedjado.*

Aconselhar: *consedjê.*

Acontecer: *sucedê.*

Acontecimento: *sucidimento.*

Acordado: *cordado.*

Acostumar: *custumê.*

Acotovelar: *cotbelê.*

Acreditar: *q'erditê.*

Acrimonia: *raiba.*

Activo: *tarbadjador.*

Açude: *empuncâm' (Fulupo).*

Acudir: *dê sacor.*

Acurvar: *dobrê.*

Acutilado: *cutilêo.*

Acutilar: *cutilê.*

Adaga: *djarga* = esendo. Adaga,
arma branca; impropriamente,
tarçado: com propriedade, *dun-
gût (Pepel) (Cachen).* Muito usa-
do pelo gentio nas roças.

Adelgaçar: *dalgaçê.*

A dentro: *par dentro.*

A deshoras: *fora d'ora.*

Adestrado: *sinalado.*

Adestramento: *sinalamente.*

Adeus: *adês.*

Adiantar: *diantê, andiantê.*

Adiantar-se: *... andiantê.*

Adiante: *diantê.*

Adivinha: *dbinda.*

Adivinção: *dbinha.*

Adivinhar: *dbinhê.*

Adivinho: *fotocêro.*

Administração: *dministraçon.*

Administrar: *governê.*

Admiração: *dmiraçon.*

Admirador: *dmirador.*

Admirar: *dmirê.*

Admirar-se: *fussè dmiraçon*. Admira-me; *e' ta fasse-m' dmiraçon*. Admiravel: ... *q'o ta fussè dmiraçon*; *odjada*.

Admittir: *cetà*.

Admoestação: *consedjo*.

Admoestador: *consedjador*.

Admoestar: *consedjà*.

Adobe: *dobe*.

Adoçar: *bidà cussa sabe*.

Adoecer: ... *bidà doente (doecê?)*

Adoecido: *doente*.

Adoentado: *q'o stá de qéssa*; *q'o ca sinti corpo*.

Adoestado: *ambariado*.

Adolecencia: *mininessa*.

Adoptar: *tomà par fidjo*.

Adorar: *adoraçõ*.

Adorar: *adorà*: «*ming-adora adeus ôh*» — *oh! eu adoro a Deus*.

Adormecer: *dormentà*.

Adriça: *driça*.

Adulador: *lissondjero*.

Adular: *lissondjà (?) engabà*.

Adultera: ... *q'o caê chãe (Pepel)*.

Adulterio: *chãe (Pepel)*.

Adulto: *maduro*.

Adversario: *nimigo*.

Advertencia: *consedjo*.

A oito: *siguido*.

Afagar: *minà*.

Afamado: *fãmade*; *famôç*.

Afastado: *reterado*.

Afastar: *reterà*.

Afeiçar: *bidà feo*.

Affavel: *amorôs*.

Affecção: *findjimente*; *empossituda*.

Affeição: *mistade*.

Affincar: *finçà*.

Affirmar: *confirmà*.

Afflicção: *aflicõ*.

Afflicto: *frontado*.

Affligir: *frontà*, *forontà*.

Affligir-se: *mesquinhà*.

Affronta: *afronta*, *foronta*.

Affrontar: *tacà*.

Afiado: *molado*.

Afiador: *molador*.

Afiar: *molà*.

Afilhado: *fidjado*.

Afinação: *ton*.

Afogado: *fogado*.

Afogar: *fogà*.

Afoitamento: *stirbimento*.

Afoito: *stirbido*.

A' força: *par força*.

A' formiga: *iur-iuri (Pepel)*.

Afracar: *bidà fraco*.

Africa: **Djiné (Pepel)**: *chon de preto*.

Africano: *fidjo de chon*, *fidjo de tera*.

Afrouxar: *baganá*.

Afugentar: *cercà*.

Afundar: *fogà*.

Afundar-se: ... *fogà*. Afundou-se, *e' fogà*.

Agarrado: *panhado*.

Agarrar: *panhà*, «*panhà co' mon*».

Agasalhar: *gassadjà*.

Agasalho: *gassadjo*.

Agastado: *sangado*.

Agastamento: *sungaçon*, *raiba*.

Agastar: *sangà*.

Agatanhado: *ranhado*.

Agatanhar: *ranhà*, *ranhà* — *ranhà*.

Ageitado: *djeitôs*.

Ageitar: *fussè co' djeto*.

Agravar: *garbà*.

Agravo: *sanga*, *garbaçon*.

Agredir: *remetê na* ... Agrediu-o, *e' remetê na el*.

Agressão: *afronta*.

Agigantado: *djigante*: *tamanho*.

Agil: *leçto*.

Agitar: *sacudí*.

Agoirar: *sinlà*.

Agoiro: *sinà*.

Agora: *agora*.

Agradar: *contentà*.

Agradavel: *sàbe*.

Agradecer: *gårdcê*.

Agradecido: *gårdcido*.

Agrado: *bom modo*.
 Agricultar: *labrà*.
 Agricultor: *labrador*.
 Agro: *forte*.
 Agua: *iàgo*.
 Aguacal = pantano: **blanha** (Pepel).
 Aguaceiro: *chuba*.
 Aguado = misturado com agua, q'o compodo co' iugo = regado, regado = insípido, doce, doce (Cabo-verde).
 Aguçado: *gudo*.
 Aguçar: *fassè cussa gudo; molà ponta*.
 Agudo: *gudo*.
 Agulha: *gudja*.
 Ah: *ah!*
 Ahi: *li; li-sin*.
 Ai: *ai!*
 Ainda: *inda*.
 Aindaque: *ninque*.
 Airoso: *roncante*.
 Ajoelhado: *djodjo fincado*.
 Ajoelhar: *fincà djodjo*.
 Ajoelhar-se: . . . *fincà djodjo*. Ajoelhamo-nos, na *fincà djodjo*; *doè-djo* (Cabo-verde).
 Ajudador: *djudador*.
 Ajudante: *djudante*.
 Ajudar: *djudà*.
 Ajuizado: . . . *co' djis; que ten djis*.
 Ajuntado: *djuntado*.
 Ajuntamento: *djuntamento*.
 Ajuntar: *djuntà*.
 Ajuramentar: *djurmentà*.
 Ajustado: *djustandado*.
 Ajustar: *djustandà*.
 Ajuste: *palabra, combinaçon*.
 Alá: *lá; alá*.
 Alagadiço: *chon de blanha*.
 Alagamento: *lâgança*.
 Alagar: *lagoà ou laguà*.
 Alambazado: *lambon*.
 Alambre: *lambre*.
 Alancear: *fidí co' lança*.
 Alanhado: *lânhado*.

Alanhar: *lanhà*.
 Alapardar-se: *sucundi; djongo-tô* (Mandinga).
 Alardear: *roncà; djatà*.
 Alardo: *gabaçon*.
 Alargado: *baganado*.
 Alargar: *baganà*.
 Alarma ou alarmo: *pupo: rebate*.
 Alarve: *pateta*.
 Alastrar: *lastrà*.
 Alavanca: *labanca*.
 Alcançado: *ialcançado*.
 Alcatra: *alcatra*.
 Alcatrão: *alcatron*.
 Alcatroar: *untà co' alcatron*.
 Alça = suspensorio: *alça*.
 Alçado: *icado*.
 Alçapão: *alçapon*.
 Alçar: *icà*.
 Alçar-se: . . . *ialà*. Alçou-se, e' *ialà*.
 Alcorão: *alcoron*.
 Alcova: *combeto*.
 Alcoviteiro: *montrôs*.
 Alcovitice: *mintyda*.
 Alcunha: nome de combeto. A criança costuma receber a alcunha no gynecu.
 Aldeia: *aldya*.
 Aldrabão: *aldrabon; trapadjon*.
 Alegre: — *alegre (?)*, sabe, contente.
 Alejjado: *manco*.
 Aleive: *aleibe; fama, mintyda*.
 Alerta: *alerta*.
 Alevantar: *labantà, lantandà*.
 Alevanto: *labanto*.
 Alfaiate: *alfaiate*.
 Alfandega: *alfândega*.
 Alfange: *terçade*.
 Alfarroba: *farôba*.
 Alfarrobeira: *farôba, pó de farôba*.
 Alfenin: **knhenglet** (?) (Pepel).
 Alferes: *alferes*.
 Alfinete: *alfnete*.
 Alforria: *alforta*.
 Algarismo: *numbro*.
 Algema: *corente*.

Algibeira: *aldjibêra*.
 Algodão: *algodon*.
 Algodoal: *chen d'algodon*.
 Algodoeiro: *pê d'algodon*.
 Alguem: *alguen*, ou, *iagnên*.
 Algum: *algun*.
 Alheio: *adjeio*.
 Alho: *adjo*.
 Alicerce: *coba*.
 Alimaria: *limaria*.
 Alimentar: *sustentâ*.
 Alimento: *sustente*, *mantimente*.
 Alimpar: *limpâ*.
 A limpo: *limpamente*.
 Alindar: *fadjâ*.
 Alindar-se: *fadjâ cab'ça* = enfeitar-se; «*murâ corpo*» = ajanotar-se.
 A' linha: *co' linha*.
 Alinbar: *filantâ*.
 Alinhavar: *linhabâ*.
 Alisar: *lissâ*.
 Alistamento: *listamente*.
 Alistar: *santâ praça*.
 Alli: *lî*.
 Alliança: *liança*; *mistade*.
 Alliciar: *engodâ*.
 Allivio: *alibio*.
 Alma: *ialma*, *alma*.
 Almadia: *canuca*.
 Almargem: (Cabo-verde); *lâla*; *chada*.
 Almiscareiro: *gato-lagaria*.
 Almoçar: *almuçâ*.
 Almoço: *almôç*, *almuç*.
 Alongado: *cumprido*.
 Alpendre: *alpendra*; *umlôra*.
 Altivo: *soberbo*.
 Alto: *alto*.
 Alto lá: *pârâ!*
 Alugar: *pistâ*.
 Alviçaras: *bon noba*, *noba sabe*.
 Alvo: *marca*.
 Alvorada: *mancida de sol*.
 Alvoroto: *rabolta*.
 Alvura: *albura*, *aibura*.
 Ama: *ama*.
 Amaciar: *molcê*.

Amado: *stimado*.
 A mais: *demâs*.
 A mal: *malmente*.
 Amaldiçoado: *maldiçoadô*.
 Amaldiçoar: *maldiçuçâ*.
 Amamentar: *mamantâ*.
 Amanhã: *manhã*.
 Amanhecer: *mancê*.
 Amansar: *mançâ*.
 Amante: Meu amante: «*nha fidjo macho*» = meu rapaz = meu amante. Tem amores com ella, «*e' ten q'eb*», subentende-se, — amores, isto é: faz vida com ella.
 A' mão: *na mon*.
 A' mão tenente: *suguro*.
 Amar: *querê*, *ten co' aguen*.
 Amarello: *bermedjo*.
 Amargo: *margôs*, *malgôs*.
 Amargurado: **nahni**.
 Amarra: *amâra*.
 Amarrar: *marâ*.
 Amarretar: *marlotâ*.
 Amassar: *massâ*.
 Amavel: *galante*.
 Ambição: *ambição*.
 Ambos: *djuntô*.
 Ameaçar: *permetê*...
 A medo: *co' mede*.
 Amedrontar: *metê mede*.
 Amendoin: **mancára** (Bijagó).
 America: *Mérca*.
 Americano: *mercana*.
 Amigo: *amigo*.
 Amizade: *mistade*.
 Amo: *amo*, *dono*, *patron*, *sinhô*; *branco*; «*nha branco*».
 Amofinado: *mufnado*.
 Amofinar-se. Amofinou-se: *e' bidâ mufino*.
 Amolador: *molador*.
 Amolar: *molâ*.
 Amolgar: *molgâ*.
 Amolecer: *molcê*.
 A montões: *na amonton*.
 Amor: *amur*, *querença*.
 Amoravel: *galante*.

- Amortalhar: *mortaljà*.
 Amostra: *mostra*.
 Amuleto: *irã; fútis*.
 Ana: *Ana*.
 Ananaz: *ananás*.
 Anca: *cintuda, cintuda; messa de cadera; cuturino*.
 Ancora: *féro de fundeà*.
 Ancoradouro: *porto*.
 Ancorote ou ancoreta, = pequeno barril, *ancorote*.
 Andador: *andador*.
 Andar: *andã, iandã*.
 Andorinha: *andorinha*.
 Anedocta: *storia de bardade*.
 Anexim: *sentença*.
 Anfractuosidade: *cumbo* (Mand.).
 Anguloso: *gudo*.
 Anil: *anil*.
 Anilar: *nilã*.
 Anileira: *padja d'anil ou pé d'anil*.
 Animal: *linaria*.
 Animar: *metê an'mo*.
 Animoso: *risso-corçon; balente*.
 Aniquilar: *danã, cabã co'...*
 Annel: *nél*.
 Annelar: *torcê*.
 Anno: *ano*.
 Annuncio: *bano, pregon*.
 Anoitecer: *nótcê*.
 Anojado: *enfadado*.
 Antehontem: *anteonte*.
 Antes: *antes*.
 Antropophago: ... *que ta nhemê* pecador. *nhême*, de *nhâm'-nhâm'* ou *Niam'-Niam'*?
 Antigamente: *na tempo antigo*.
 Antigo: *antigo*.
 Antiquado: *cussa q'o bedjo*.
 Anus: *cadêra*.
 Anzol: *ansol*.
 Ao redor: *roda de...*
 Ao través: *turbeçado*.
 Apagado: *págado*.
 Apagar: *pagã*.
 Apalpar: *palpã*.
 Apanhado: *panhado*.
 Apanhar: *panhã*.
 Apar: *djunto*.
 Aparar = receber nas mãos, *párã*: = cortar, *parã*.
 Aparo: *pena*.
 Apartado: *racuado*.
 Apartar: *racuã*.
 Aparte: *aparte*.
 Apê: *co' pé*.
 Apear: *riã, dici*.
 Apenas: *djusto*.
 Apertado: *pértado*.
 Apertar: *pertã*.
 Apesar: *ningue, sibir*.
 A pique: *un-pico*.
 Apitar: *pitã, sibia*.
 Apito: *pito*.
 Aplacar: *serenã, socegã*.
 Aplainar: *liscã*.
 Apodrecer: *podrecê, porcê*.
 Apologo: *storia*.
 Apontar: *pontã*.
 A' porfia: *na porfia*.
 Aposento: *põssente*.
 Aposta: *aposta*.
 Apostemar: *postemã*.
 Apoucar = humilhar, *djuti* (Mand.): = reduzir a pouco, *mingã*.
 Aponquentar: *amfadã*.
 Aparecer: *parcê*.
 Apparição: *odjada; nubdude*.
 Appetite: *bontade*.
 Appetitoso: *sãbe*.
 Applaudir: *angalã*.
 Applauso: *angabamente*.
 Aprovado: *probado*.
 Aprovar: *probã*.
 Apregoar: *culcã; botã bano*.
 Aprender: *prendê*.
 Aprendiz: *diciplo*.
 Apresentar: *pressentã*.
 Apressadamente: *co' dopressa*.
 A' primeira: *na primêra*.
 Apriionar: *prendê; marã*.
 Approntar: *prontêã*.
 Aproveitamento: *porbêto*.
 Aproveitar: *porbetã*.

- Aptidão: *djêto*.
 Apunhalar: *punhalà*.
 Apupado: *pupado*.
 Apupar: *pupà, djirtà*.
 Aquecer: *quentà*.
 Aquelle, -a: *quel*.
 Aquell'outro, -a: *quelotro*.
 Aqueutar: *quentà*.
 Aqui: *li-si, li-sin*.
 Arame: *arume*.
 Aranha: *aranha*.
 Aranhico: *fidjo d'aranha*.
 Arca: *arca, iarca*.
 Arcabuz: *bacamarle*.
 Arcaz: *arca grande*.
 Arco: *arco*.
 Ardente: *quente*.
 Arder: *iardê*.
 Ardido: *quêmadeo*.
 Ardil: *manha*.
 Ardor: *fugo; calor*.
 A' ré: *na popa*.
 Areal: *cabo de reya*.
 Areia: *reya*.
 Arenga: *arenga*.
 Aresta: *fjo*.
 Arfar: *djogà maron*.
 Argilla: *lama*.
 Argola: *argola*.
 Argueiro: *padjassinho*.
 Argumentador: *argumentador*.
 Argumentar: *argumentà*.
 Arido: *seco*.
 Arisco: *discunfiado*.
 Arma: *arma, iarma*.
 Armação: *armaçon*.
 Armadilha: *armadidja*.
 Armar: *armà, iarmà*.
 Armazem: *lèssa garande; armassen*.
 Arpão: *arpon*.
 Arrancar: *rincà*.
 Arranco: *remetida*.
 Arranhar: *ranhà*.
 Arranjar: *randjà*.
 Arrastar: *rastà*.
 Arratel: *aratel*.
 Arrebatado: *rabatado*.
 Arrebentar: *reventà*.
 Arrecadação: *racadaçon*.
 Arrecadar: *racadà*.
 Arrefecer: *friantà*.
 Arregalar: *ragalà*.
 Arreganho: *ferôs: e' djanti par el ferôs, cresceu para elle com arreganho; ferús*.
 Arremangar: *ramangà*.
 Arrematação: *ramataçon*.
 Arremedar: *remendê*.
 Arremessar: *ferchà*.
 Arremessar-se: *remetê*.
 Arremetter: *remetê*.
 Arredondado: *redonde*.
 Arrepende: *rependê*.
 Arrepende-se: *... rependê. Arrependi-me, em rependê*.
 Arrependido: *q'o rependê*.
 Arrependimento: *rependimente*.
 Arrevezado: *tarbeçado*.
 Arriba: *riba*.
 Arribado: *chigê*.
 Arrimar: *djuntà*.
 Arrimar-se: *encunhà*.
 Arrimo: *encunho*.
 Arripiar: *sanhà*.
 Arriscado: *lançado*.
 Arriscar: *lançà na riçco*.
 Arroba: *aroba*.
 Arrogante: *ferôs, ferús*.
 Arrojado: *lançado*.
 Arrombado: *rombado*.
 Arrombamento: *rombamente*.
 Arrombar: *rombà*.
 Arrotar = dar arretos, *rolà: == blasonar, djatà*.
 Arroz: *arôç*.
 Arrozal: **blanha** (Pepel).
 Arruido: *barudjo*.
 Arruinar: *danà*.
 Arrumação: *rumaçon*.
 Arrumar: *rumà*.
 Arte: *arte*.
 Arteiro: *bedjaco. Artero ou altero = vidente*.
 Artista: *ficial; mestre, mestre*.

- Artilheiro: *artidjêro*.
 Artista: *mestro, mestre*.
 Aruspice: *djambacós* (Fulu-po).
 Arvore: *pó*.
 Arvoredo: *alboredo; mato*.
 Asa: *ança*.
 Ascender: *cendê*.
 Ascoroso: *nodjente*.
 Asma: *açma*.
 Asno: *açno, buro*.
 Aspergir: *burfâ*.
 Aspero: *âspere*.
 Assado: *iassado*.
 Assaltar: *cûe, caê*. Assaltamos a povoação, na *caê tabanca*.
 Assalvajar-se: *bidû salbis*.
 Assanhar: *sanhâ*.
 Assar: *iassâ*.
 Assáz: *bastante*.
 Assa-sinar: *matê*.
 Assassinado: *matado*.
 Assassinio. Houve um assassinio, *comâ pecador matado; qirime*.
 Ascado: *limpo*.
 Assediar: *cercâ*.
 Assedio: *cercô de tabanca*.
 Assegurar: *sugurâ*.
 Asseio: *limpessa*.
 Assem: *pá* (?)
 Assentado: *simtado*.
 Assentar: *simtâ*.
 Assentar-se: ... *simtâ*. Assentei-me, *em simtâ*.
 Assento: *cadera, tirpeça, bunco*.
 Assim: *assin*.
 Assimilação: *pârcença*.
 Assisado: *q'o ten djis*.
 Assistencia: *sistença*.
 Assistir: *matê*.
 Assoar-se: ... *soâ*.
 Assobiar: *sibiâ*.
 Assobio: *sibio*.
 Assombro: *spanto*.
 Assoprar: *soprâ*.
 Assopro: *sopro*.
 Assucar (açucar): *sucro*.
 Assustar-se: ... *pantà*. Assustei-me: *em pantâ*.
 Astucioso: *bedjaco, manhôs*.
 Astuto: *bedjaco, manhôs*.
 Atacar = prender com atacador: *tacâ*. = *Acommetter, remetê*.
 Atado: *marado*.
 Atar: *marâ*.
 Atarantar: *tarantâ, embareâ*.
 Atascar-se: *entolâ*.
 Ataviar-se: *compô corpo «marâ corpo»; fadjâ*.
 Até: *tê*.
 Atear: *cendê*.
 Atemorizar: *metê medo*.
 Atirador: *monteador*.
 Atirar: *ferchâ*.
 A' toa: *de toa*.
 Atolar: *entolâ*.
 Atoleiro: *lamêro*.
 Atraçoar: *urucâ traçon*.
 Atrapalhação: *trapadjaçon*.
 Atrapalhador: *trapdajon*.
 Atrapalhar: *trapudjâ, tarpadjà*.
 Atravessar: *tarbessâ*.
 Atrás: *trâs*.
 Atrasar: *tardâ*.
 Atrevido: *stirbido*.
 Atrevimento: *astribimento*.
 Attenção: *simtido*.
 Attentado: *qirime*.
 Attonito: *spantado*.
 Aula: *scola*.
 Aurora: *mandurgada; mancida de sol, solmancê*.
 Ausente: *q'o stâ fora*.
 Autorizar: *dá permisson*.
 Auxilio: *adjuda*.
 Avançar: *andiantâ*.
 Avante: *adiante*.
 Avarento: *sumático*.
 Avareza: *sumiticaria, sumitica-dya*.
 Ave: *pastro*.
 Averso: *abês*.
 Avô: *dono*.
 Avó: *dona*.

Azagaia: *çagaia*.

Azedo: *forte*.

Azeitona: *çõtona*.

Azeviche: *çbicho*.

Azul: *çulude*.

B

Baba: *baba*.

Babar: *babà*.

Baboso = tolo, tolo := Que se baba.
babôs.

Bacalhau: *bacadjô*.

Bacharel = doutor, dottor := fala-
dor, *bachelor*.

Badalo: *badal*.

Baeta: *baêta*.

Bafo: *bafo*.

Bagajo: *bagàs*.

Bagatela: *amonton*.

Bago: *garan*.

Bagre: *bagre*.

Bahú: *baül*.

Bailadeira: *badjadêra*.

Bailar: *badjá*.

Baile: *balancê*.

Bainha: *baínha*.

Baioneta: *baineta*.

Baixa: *baxa* (Cabo Verde).

Baixamar: *bassamar*.

Baixios: *banco*.

Bala: *bala*.

Balaio: *balê*.

Balança: *balança*.

Balançar: *balançã*.

Balburdia: *tormenta*.

Balde: *balde*.

Baldeação: *baldeaçom*.

Baldear: *baldeã*.

Baleeiro: *baleêra*.

Baleia: *balya*.

Baloçar: *balançã*.

Baluarte: *baloarte*.

Bambalear: *çingã, çingã-çingã*.

Banana: *banana*.

Bananeira: *bananêra*.

Banco: *banco*.

Banda: *banda*.

Bandalho: *amonton*.

Bandeira: *bandêra*.

Bandeja: *bandedja*.

Bando = partido, *lançada*: = ma-
gote; multidão, *manga*: = pre-
gão; proclamação, *bano*.

Banha: *banha*.

Banquete: *djantar; djantã*.

Baptizar: *batçã, botça; bôçtã* (Fu-
lupos).

Baqueta: *baqueta*.

Barajo: *corda; cordel*.

Barata: *barata*.

Barato: *barato*.

Barba: *barba*.

Barbaças: *barbudo*.

Barbaridade: *salbudjadia*.

Barbaro: *salbãs*.

Barbeiro: *barbêro*.

Barbudo: *barbudo*.

Barca: *barca*.

Barcaça: *lanchon; «canica de cam-
bança»*.

Barlavento: *barlabento*.

Barra: *bocãna*.

Barraca: *baraca*.

Barrete: *barete*.

Barretina: *barretina*.

Barriga: *baryga*.

Barrigudo: *baryga garande, grôs-
baryga, barigudo* (?), «*baryga-
grôs*».

Barril: *baril*.

Barro: *lama*.

Barrote: *biga*.

Barulho: *barudjo*.

Basta: *basto*.

Bastante: *bastante*.

Bastão: *baston; manduco*.

Bastar: *djustã*.

Bastião: *bastion*.

Batalha: *batadja*.

Batalhador: *balenton*.

Batalhão: *bataçjon*.

Batalhar: *guereã, peledjá*.

Batata: *batata*.

Batecú: *caê-co'-cadêra*.

Batelão: *lancha garande; lanchon.*
 Bater: *gotà.*
 Bateria: *bataria.*
 Batoque: *batoca.*
 Bazofiar: *andjatà.*
 Bazofio: *empostor.*
 Beatificação: *santificaçon.*
 Beatificar: *santificà.*
 Bebado: *bêdo.*
 Bebedor: *bêd-dor.*
 Beber: *b bê.*
 Beberrão: *bêbedor garande.*
 Beberriçar: *bêbentê.*
 Bebida: *bêbida, b. bidu*
 Becco: *beco.*
 Beigo: *bêç.*
 Beicudo: *bêç-grôs.*
 Beijamão: *bêdja-mon.*
 Beijar: *dà bêç; «embedjá»; vulgô,*
cherà na roço.
 Beira: *zibera.*
 Beiramar: *belamar.*
 Beldroega: *beldrocêga.*
 Belfo: *belfo.*
 Belida: *blida.*
 Belleza: *formossadya.*
 Belliscar: *riquití.*
 Bello: *formôs.*
 Bem: *ben.*
 Bendito: *bengoado.*
 Bemparecido: *bmito; graciôs.*
 Bemquerença: *benquerença.*
 Benção: *abênçon, abenço.*
 Bengala: *manducô, bangala.*
 Bens: *mantença.*
 Benzer: *bencê.*
 Benzido: *bencido.*
 Berrar: *pupã.*
 Besta: *besta.*
 Besuntar: *lama-lamê.*
 Betume: *alcatron.*
 Bexiga: *bichiga, bçiga.*
 Bezerro: *b'cerinho.*
 Bicho: *bicho.*
 Bichoca: *b'choca.*
 Bico: *bico.*
 Bicuda: *bicuda.*

Bicudo: *bicudo.*
 Bifar: *bifã.*
 Bife: *bife.*
 Bigode: *bigode.*
 Bigorna: *bigorna.*
 Bilha: *bidja.*
 Bilhete: *bidjete.*
 Biôco: *biôco.*
 Bisavô: (?) *páe de sê dono.*
 Bisavó: (?) *máe de sê dona.*
 Bisbilhoteiro: *g'o ta cufli.*
 Bisneto, -a, *filjo de sê neto; filjo*
de sê neta.
 Bispo: *bispre.*
 Bispote: *pinico.*
 Boa=cobra *giboia, serpente.*
 Boato: *nêba.*
 Bobo: *hêbo; tolo.*
 Bocca: *boco.*
 Bocejar: *pirguicã.*
 Bode: *bôde.*
 Bofê: *na bó-fê.*
 Bofetada: *bafatada.*
 Bofetão: *bafaton.*
 Boi: *baca macho, macho de b'ica; toro.*
 Boia: *bóia.*
 Boiar: *boiã.*
 Bola: *bola.*
 Bolacha: *balacha.*
 Bolha: *borbwêdja.*
 Bolina: *bolina.*
 Bolô: *bol.*
 Bolso: *bolsa.*
 Bom: *bon.*
 Bomba: *bomba.*
 Bombarda: *bombarda.*
 Bombordo: *bombordo.*
 Bonança: *bônança.*
 Boneco: *boneca.*
 Bonito: *bonito.*
 Boquiaberto: *psmado; busbaque.*
 Bordejar: *bordejã.*
 Bordo: *bordo.*
 Bordoada: *manducada, tróchada*
(Caboverde).
 Borla: *borla.*
 Borra: *djôra.*

Borracha: *boracha*.
 Borrarr: *sussà, danà; pagà*.
 Borrifar: *burfà*.
 Bosque: *mato*.
 Bosta: *boçta*.
 Bota: *bota*.
 Botafóra: *botafóra*.
 Botão: *boton*.
 Bote: *bote*.
 Botica: *botica*.
 Boticario: *boticario*.
 Botija: *botidja*.
 Boubas: *bôba*.
 Braça: *brassa*.
 Bracelete: *mandydlja*.
 Braço: «*mon*».
 Brado: *pupo*.
 Bramar: *djirtà*.
 Branco: *branco*.
 Brancura: *albura*.
 Brando: *manso*.
 Branquinho: *branquinho*.
 Brasa: *brassa*.
 Braseiro: *lune*.
 Brasil: *Broçil*.
 Bravio: *salbás, brebo*.
 Bravo: *brebo*.
 Bravura: *halendasco, boletia*.
 Brejeirice: *cussas de bredjêro*.
 Brejeiro: *bredjêro*.
 Bretangil: *birtindji, burtindji*.
 Briga: *guêra*.
 Brigar: *quereà*.
 Brigue: *brigue*.
 Brigue-escuna: *brigue-scuna*.
 Brilhar: *lamprà*.
 Brincadeira: *brincadêra*.
 Brincar: *brincà*.
 Brineo: *brinco*.
 Bronco: *tapado; curto*.
 Bronze: *bronze*.
 Bruços: *emboreado*.
 Bruto: *bruto*.
 Bruxa: *fotocêro, fitcêro*.
 Bruxaria: *folis, futis*.
 Bubão=tumor (?), *doença de pedra*;
doença de sono—impropriamente.

Bucha: *bucha*.
 Bucho: *bucho*.
 Buço: *buç*.
 Bufalo: *bufre*.
 Bugio: *sancho*.
 Bujarrona: *b'djarona*.
 Bule: *bul*.
 Bulha: *barudjo; guêra*.
 Bulir: *buli*.
 Buraco: *coba*.
 Burro: *buro*.
 Buscar: *biscà, buscà*.
 Bussola: *compás* (Inglez).
 Butua: *abuta, bitua*.
 Buzio: *buç*.

C

Cabaça: *cabás; calmon* (Mand.).
 Cabaceira: *pé de cabás*.
 Cabaço: *cabás*.
 Cabana: *djemberen* (Mandinga).
 Cabeça: *cab'ça*.
 Cabeceira: *cab'cêra*.
 Cabeçudo: *ris-cab'ça; stobado*;
dodo.
 Cabello: *cabelo*.
 Cabelludo: *g'o cheo cabelo*.
 Cabo = extremidade, *ponta* := de
 guerra, *cab'ça de guera* := de
 esquadra, *cabo* := promontorio,
ponta := corda, *corda*.
 Cabotagem: *biás de coçtu, remà*
coçtu.
 Cabra: *cobra*.
 Cabreiro: *baqueador de cobra*.
 Cabriolar: *fil'guiti* (Mandinga).
 Cabrito: *cabrito*.
 Caçador: *monteador*.
 Caçar: *monteà*.
 Cacarejar: *cantà*.
 Cacetada: *manducada, tróchada*
 (Cabo Verde).
 Cacete: *mandicco*.
 Cachaça: *agordente*.
 Cachaço: *totis*.

- Cachamorra: *manduico*; *djogolo-to* (Fulupo)=*móca*.
 Cachimbo: *cachumbo*, *panela*, *marico* (Caboverde?).
 Cachopa: *badjwda* (Banhun).
 Cachorro: *cachor*.
 Cacimba: *orbadjo*.
 Caco: *caco*.
 Caçoada: *mangoçon*.
 Caçoar: *mangô*.
 Cada: *cada*.
 Cadaqual: *cadaqual*.
 Cadaum: *cadaum*.
 Cadaver: *dfunto*.
 Cada vez: *cada-bês*.
 Cadeado: *cadiado*.
 Cadeia = prisão, *prizon*; = grilhetas, *corente*.
 Cadeira = assento, *cadêra*; = quadris, *rabada*, *messa de cadera*, *caturino*.
 Cadella: *femea de cachor*; generico: *cachor*.
 Caes: *cães*, «*cals*».
 Cães: *cachores*.
 Cafê: *cafê*.
 Cafeteira: *cafêtera*.
 Cafre: *cafre* (Mandinga = gentio) *djintyo*.
 Cágado: *tataruga*, *tataruça*.
 Caiar: *caia*.
 Cãimbra: *cambra*.
 Cair: *caê*, *câe*.
 Caixa: *cacha*, *caxa* (Caboverde).
 Caixão: *casson*.
 Caixeiro: *cachero*.
 Cajado: *manduico*.
 Cajú: *cadjú*.
 Cajueiro: *pó de cadjú*.
 Calabaça: *cabás*.
 Calaboço: *calabuç*.
 Calado: *calado*.
 Calafate: *calfute*, *calafate*.
 Calafetador: *calafate*.
 Calafeto: *calafeto*.
 Calão: *djiria*.
 Calça: *calça*.
 Calçado: *sapato*.
 Calcanhar; *calcanhar*.
 Calças: *calça*.
 Calculo: *calculo*.
 Caldeira: *caleron*.
 Caldeirão: *caleron grande*.
 Caldo: *caldo*.
 Calhau: *matacon*.
 Callo: *calo*.
 Calma = calor: *calor*.
 Calmaria: *bômança*.
 Calote: *calote*.
 Caloteiro: *calotêro*.
 Calumnia: *aleibe*.
 Calva: *careca*.
 Calvo: *careca*.
 Cama: *cama*.
 Camaleão: *camaleon*.
 Camara: *cambra*.
 Camarada: *camará*.
 Cambaleiar: *singô-singô*.
 Cambapé: *bârô* (Mandinga).
 Cambiar: *trocô*, *toreô*.
 Camboa: *cambôa*, *gambôa*, *cam-bua*.
 Cambraia: *cambraia*.
 Camelo: *camelo*.
 Caminhada: *camynho*.
 Caminhante: *caminhante*.
 Caminho: *camynho*.
 Camisa: *camyssa*.
 Camisola: *camissola*.
 Camisote: *camissote*.
 Campainha: *campainha*.
 Campeche: *pó de campeche*.
 Campina: *campada*; *chúda* (Caboverde).
 Campo: *campo*.
 Canafistola: *canafistra*.
 Canalha: *canadja*.
 Canção: *cantiga*.
 Cançar: *cançô*.
 Candeeiro: *candieiro*, *candya*.
 Candeia: *candia*; *candya*.
 Caneca: *can'ca*.
 Canela = casca de caneleira, *casca*

- de *canela*: = anat., **chombon**:
= techn., *canela*.
- Canhoto: *squerdôs*.
- Canibal: *go ta nhemê* (subentende-se, *pecador* (= homem)).
- Canina: *canina*.
- Conaja: *canadja*.
- Canna: *cana*.
- Cano: *cano*.
- Canôa: *canua*.
- Cantador: *cantador*.
- Cantar: *cantâ*.
- Cantara: *cantra*.
- Cantaro: *cantra*.
- Cantico: *cantiga*.
- Cantiga: *cantiga*.
- Cantosinho: *cantossinho*.
- Canto: *canto* (significando um lugar).
- Cantor: *cantador*.
- Cantadora: *cantadêra*.
- Cantoria: *cantiga*.
- Cão: *cachor*.
- Cãozinho: *cachorsinho*.
- Capa: *capa*.
- Capado: *capado*.
- Capador: *capador*.
- Capão: *capon*.
- Capar: *capâ*.
- Capataz: *capiton*.
- Capim: *padja de cancria* (Mand.)
- Capital: *tabinca de rey; tabanca garande; «cidade»; réno*.
- Capitão: *capiton*.
- Capoeira: *capôera*.
- Capote: *capote*.
- Capricho: *têma*.
- Caprichoso: *têmôs*.
- Captivo: vid. *cativo*.
- Capulho: *camyssa*.
- Cara: *cara*.
- Caracol: **oloneô** (Pepel).
- Character: *sombra*.
- Caranguejo: *caranguês*.
- Carapinha: *carapynha*.
- Carapetão: *mintyda*.
- Carapaça: *barete*.
- Caravana: **djhlâ** (Mandinga).
- Carcere: *calabús*.
- Carcereiro: *châbêro de calabús*.
- Carda: *carda*.
- Cardar: *cardâ*.
- Cardume: (?) *manga de pês*.
- Careca: *careca, car'ca*.
- Carepa: *carepa*.
- Careta: *careta*.
- Carga: *carga*.
- Caricia: *mimo*.
- Caridade: *sumôla*.
- Carlinga: *carlinga*.
- Carnagen: *matança*.
- Carnaval: *entrudo*.
- Carne: *carna*.
- Carneiro: *carnel*.
- Caro: *caro*.
- Caroço: *carôç*.
- Carolin: *bânha, baynha*.
- Carolo: **nhêlen** (Pepel).
- Carpideira: *choradêra*.
- Carpíder: *chorador*.
- Carpinteiro: *carpintêro*.
- Carpir: *chorâ*.
- Carraça = ácaro, **ôsságra** (Pepel).
- Carrapato: *carpato*.
- Carregamento: *cargaçon*.
- Carregar: *cargâ*.
- Carreira: *carêra; corida*.
- Carreta: *careta*.
- Carta: *carta*.
- Cartuxo: *cartucho*.
- Caruncho: *bicho de pó*.
- Carvão: *carbon*.
- Casa: *cassa*.
- Casaca: *cassaca*.
- Casacão: *cassaçon*.
- Casado: *cassado*.
- Casar: *cassâ*.
- Cascalho: *cascadjo*.
- Cascar = descascar, *cascâ*.
- Casco = unhas, «sapata».
- Cascudo = pancada, *côgyda*.
- Caspa: *caspa*.
- Casta: *casta*.

Castão: *caston*.
 Castical: *catigal*.
 Castigar: *castigà*.
 Castigo: *castigo*.
 Castrado: *capado*.
 Castrar: *capà*.
 Catar: *catà*.
 Catarro: *catar*.
 Catinga: *bafo*.
 Cativo: *catibo*.
 Catraeiro: *catraèro*.
 Catre: *catre*.
 Canda: *robo*.
 Caurim: *bac*.
 Causa: *bia*.
 Cavador: *cobador*.
 Cavalgar: *montà cobalo*.
 Cavalleiro: *cobalero*.
 Cavallo: *cobalo*.
 Cavar: *cobà*.
 Caverna: *coba; mina*.
 Cear: *cià*.
 Cebola: *sabola*.
 Cedo: *cedo*.
 Cegamente: *cegamente*.
 Cegar: *cegà*.
 Ceifa: *quèbra*.
 Ceifar: *quèbrà*.
 Celebre: *de fama, de nome; famós*.
 Celebridade: *famós*.
 Cem: *cen*.
 Censurar: *djussia; consedja*.
 Centelha: *fayça*.
 Cento: *cento*.
 Centro: *na metade, na entre-metade, na mé*.
 Ceo: *ceo*.
 Cera: *cera*.
 Cercado: *cercado*.
 Cercar: *cercà*.
 Céreo: *cerco*.
 Cerebro: *miol de cab'ça*.
 Cerração: *neblina*.
 Certeza: *certèssa*.
 Certo: *certo*.
 Cerveja: *cerbedja*.
 Cessar: *pàrà*.

Chá: *chá*.
 Chacal: *alobo*.
 Chacota: *chacota*.
 Chacotear: *fassè chacota*.
 Chafurdar: *pate-patè*.
 Chaleira: *chaléra*.
 Chalupa: *chalupa, chalupa*.
 Chamar: *chamà, chomà*.
 Chamuscar: *ulùulí* (Mandinga).
 Chão: *chon*.
 Chapa: *chapa*.
 Chapeleiro: *chapelèro*.
 Chapeo: *chapeo, chepen*.
 Charlatao: *ampustor; montrôs*.
 Charuto: *charido*.
 Chato: *plano, raso, chato* == piolho
 ladrão, **òsságra** (Pepel).
 Chavascal: *lamèro*.
 Chave: *chabe*.
 Chaveiro: *chabèro*.
 Chavelho: *chifre, q'ifre* (Ziguichor).
 Chavena: *chiera*.
 Chefe: *capiton*.
 Chegar: *chigà*.
 Cheia: *lãgança; mantoonna* (nos
 rios).
 Cheio: *cheo*.
 Cheirador: *cherador*.
 Cheirar: *cherà*.
 Cheiro: *chéro*.
 Chibata: *chibata*.
 Chibatada: *chibatada*.
 Chibatar: *chibatà*.
 Chicara: *chicra*.
 Chicotar: *chicotà*.
 Chicote: *chicote*.
 Chifre: *chifre, q'ifre* (Ziguichor).
 Chinela: *chinela*.
 Chiqueiro: *chiquèro*.
 Chita: *chita*.
 Choça: **djemberen** (Mand?).
 Chocar: *chocà*.
 Chocolate: *chocolate*.
 Chocolateira: *chocolatèra*.
 Chorador: *chorador*.
 Chorar: *chorà*.
 Choro: *chor*.

Chouriço: *lim'q'ya* (g' = gh).
 Chover: *chobè*.
 Christandade: *cristandade*.
 Christão: *eristão, criston*.
 Christo: *Crigto*.
 Chuchar: *chupà*.
 Chufa: *mangaçon*.
 Chumbo: *chumbo*.
 Chupar: *chupà*.
 Chuva: *chuba*.
 Chuviscar: *chubiscà* (?), *iér-ierè* (Mandinga?).
 Chuvisco: *chuba-branco*.
 Ciar = remar para traz, *cià*.
 Cidade: «*cidade*»; *tabanca de rey*, *tabanca grande; réno*.
 Cilada: *traíçon*.
 Cilha: *cidja*.
 Cima: *cima, riba*.
 Cinco: *cinco*.
 Cincoenta: *cincoenta*.
 Cingir: *cindji*.
 Cinta: *cinta*.
 Cinto: *cinta*.
 Cintura: *cintuda*.
 Cinza: *cinça*.
 Cinzento: *q'o fungulí* (Mandinga).
 Circulo: *roda*.
 Circuncidar: *entrà fânado*.
 Circuncisar: *fânado*.
 Circunciso: *fânado*.
 Circundar: *cercà*.
 Cirurgião: *surdjon*.
 Cisco: *munudo*.
 Civilização: *cibiliçaçon*.
 Clamor: *djirto*.
 Clarão: *claron*.
 Clarificar: *limpà; clarà, clareà*.
 Coadura: *codura*.
 Coalhar: *durmi*. Leite coalhado «*lete durmido*».
 Coar: *coà*.
 Coberta: *coberta*.
 Cobra: *cobra*.
 Cobrador: *cobrador*.
 Cobrança: *còbrança*.
 Cobrar: *cobrà*.

Cobre: *cobre*.
 Cobrir: *cubri*.
 Coçar: *cogà*.
 Coeras: *djongotó* (Mand.).
 Cocegas: Não me faças cocegas, *ca bo tiq'ni-m'* (Mandinga).
 Coceira: *comichon*.
 Côco: *coco*.
 Cocuruto: *cucuruto*.
 Codea: *còdea*.
 Cofo: *cofo*.
 Cofre: *cofre*.
 Cognome: *mantenha*.
 Cognulo: (?) *Iuchi torq' e' darmà*, encha até que se entorne.
 Coice: *cog*.
 Coiro: *côro*.
 Coisa: *cussa*.
 Coitadinho: *coitadinho*.
 Coitado: *coitado*.
 Colcha: *colcha*.
 Colchão: *colchon*.
 Colera: «*còrrla*», *raiba*.
 Colera-morbo: *còrrla, doença grande*.
 Colheita: *quèbra*.
 Colher: *codjè*.
 Colherada: *cudjerada*.
 Colher: *cudjer*.
 Colhereiro: *boca-de-cudjer*.
 Colica: *dor-de-baryga*.
 Collega: *companhèro; de q'el un lanchada*.
 Collete: *colete*.
 Collo: *ragás*.
 Colmeia: *cassa-de-baguèra*.
 Colmo: *padja-de-cancra* (Mandinga).
 Colocasia: *manfafa* (Pepel).
 Com: *con*.
 Comadre: *comadre*.
 Combate: *batadja*.
 Combater: *batadjà, guereà*.

(Continúa).

M. MARQUES DE BARROS.

MATERIAES PARA O ESTUDO DA PAREMIOGRAPHIA PORTUGUESA

(Vid. *Revista Lusitana*, vol. v, pag. 207)

II

O adagiaro de Gonçalo Fernandes Trancoso

Tanto a biographia como a bibliographia de Gonçalo Fernandes Trancoso tem sido pouco profundadas, e por isso não admira que uma e outra se achem envolvidas na penumbra. Barbosa Machado diz-nos que elle era natural de Trancoso, mas  possivel que lhe passasse esta certidão de baptismo baseado apenas no seu ultimo appellido. Compatriota de Trancoso, e sem duvida seu contemporaneo, foi outro escriptor do mesmo nome, mas de caracter muito differente, e de popularidade que o tornou dos typos mais singulares da tradio nacional. Chamava-se elle Gonçalo Eanes Bandarra, sapateiro e poeta,—o pobre visionario, que, ao bater da sola, ia solfejando as *troras* que um dia se converteriam num evangelho propheticico para os crentes do *quinto imperio* e do lendario apparecimento de D. Sebasto em manhã de nevoeiro.

Dos motivos que trouxeram Trancoso para Lisboa e do anno em que veio, nada se sabe, assim como se ignora tambem a sua verdadeira occupao. Barbosa Machado declara que elle era *igualmente versado na lio da historia profana, que na sciencia da astronomia*. Palavras vagas e empoladas, em harmonia com o estylo geralmente seguido pelo auctor da *Bibliotheca Lusitana*. Innocencio da Silva dão, não sei com que fundamento, como preceptor ou mestre de humanidades. Eu tenho para mim que elle talvez fosse mestre de meninos e que ensinasse primeiras letras ou lingua latina. Além d'isso professaria tambem a arte calligraphica. Esta minha hypothese  baseada em um dos seus contos em que elle diz que uma dona lhe fra pedir um alfabeto manuscripto para aprender a lr, e elle deu um, todo conceituoso, concebido nos seguintes termos:

«A, quer dizer que seja amiga de sua casa; B, bemquista da vizinhança; C, caridosa com os pobres; D, devota da Virgem; E, entendida em seu officio; F, firme na f; G, guardadeira da sua fazenda; H, humilde a seu marido; I, inimiga de mexericos; L, leal; M, mansa; N, nobre; O, onesta; P, prudente; Q, quieta; R, regrada; S, sesuda; T, trabalhadeira; V, virtuosa; X, christã; Z, zelosa da honra».

Barbosa Machado cita as edies de 1589 e 1696, parecendo não ter tido conhecimento das anteriores. Ainda assim, se houvesse exa-

minado attentamente qualquer d'aquellas, não deixaria de extrahir curiosos dados biographicos. No Prologo, na dedicatória, endereçada á rainha Catharina, se refere o auctor á sua situação no anno de 1569, em que a chamada peste grande açoitou cruelmente Lisboa, abandonado-a a maior parte dos seus moradores. Trancoso foi dos que ficaram, pagando onerosissimo tributo. A sua familia foi implacavelmente dizimada. Perdeu elle, segundo suas textuaes palavras, *uma filha de 24 annos que em amor e em obras me era mãe, hum filho estudante, hum neto moço do choro da Sé; e para mais minha lastima, perdi a molher, que por suas virtudes era de mim muito amada*. Para se distrahir d'estas maguas e desvanecer a imaginação dolorida, entregou-se elle á composição das suas *Historias*. Aqui reproduzo na integra o referido Prologo, que é uma interessantissima pagina autobiographica e ao mesmo tempo um reflexo do *estado d'alma* d'aquella epoca lastimosa:

Prologo

« Ficando eu nesta Cidade de Lisboa o Anno de 1569, muyto alta & muito poderosa Rainha nossa Senhora, a tempo que por causa da peste (de que Deos nos guarde) quasi todos seus moradores a despo-uouão: vi tantas cousas que prouocão os animos a tristeza, que quem quisesa escrevellas, tinha materia para fazer grande & mui lastimoso Liuro: porque da contagiosa infirmitade auia cada dia feridos que sacramentar, grande multidão de mortos que enterrar, & a muitos or-fãos chorar. E em todos grandes necessidades que prouer, a que o Senhor soccorre com pessoas virtuosas, que por seu amor o fazião: s. hús por húa parte sacramentauão, outros medicauão, & dauão pella cidade grandes & mui copiosas esmolos, outros enterrauão, que ainda que auia muitos a que acudir, erão tantos os que nestas obras virtuosas se exercitauão, que não ficou cousa sem se prouer, ainda que nisso morrerão muitos (por merce de Deos), não faltauão outros & outros. Neste tempo de tanto trabalho me tocou o Senhor, alcançando me tãta parte, que perdi no terrestre naufragio húa filha de vinte quatro annos, que em amor, & em obras me era mãe, hum filho estudante, hum neto moço do choro da Sé; & para mais minha lastima perdi a molher, que por suas virtudes era de mim amada, que foi causa de grande tristeza minha, tanto que ainda que conhecia virme por meus pecados da mão do Senhor a carne que he tão fraca, com a imaginação se hia cada dia metendo em tristes pensamentos, & taes, que me desenquietauam & prouocauam a grande maleuconia, tanto que temi que o imaginar nos trabalhos presêtes me fosse prejudicial ao corpo & alma, de Deos me não tivesse de sua mão (como por experiencia a diante se vio em outros). E com este temor por fugir daquellas tristezas, determinei prender a imaginação em ferros. E com ajuda de Deos nosso Senhor pude tanto, que ao tempo que ella queria fazer chiminés de lamentações, a tirei dellas, & a pus a escrever contos de auenturas, historia de proneito & exemplo cõ algús ditos de pessoas, prudentes & gra-

nes, do qual esta he a primeira parte. E tendo de todo acabado, por ser já tempo de saude, e eu me achar desalivado das imaginações que forão causa de o escreuer, quisera contentarme com isso & guardar o liuro. Mas vendo assi ficaua o proueito da obra para mi soo, & entendendo que nenhum bem he perfeito, se não he communicado, determinei imprimilo, porque todos gozassem destes contos, os quaes dando gosto aos ouintes, nam carecem de liçam. Mas porém considerando como sempre (por nossos peccados) ha entre nos murmuradores, que nam tendo mãos para escrever, tem linguas para danar, & dentes para roer, receando, que por minhas faltas me espedaçassem a obra, pois sem ellas espedaçam & aniquilam obras de doctos varões, perfectas & boas, buscandolhe valha conto firme, em que o liuro estivesse seguro destes combates, achei que nam ha na terra outro senam vossa Real Alteza, a que peço, que vsando de sua grandeza & costumada liberalidade, que he sempre fazer merces, ma faça de accitar este tratado: porque debaixo de seu fauor ande seguro, ainda que indigno de tam grande merce. E nam julgne a temeraria minha ousadia, que nasce do desejo de communicar com todos o premio do meu trabalho, esperando em Deos que sayrá delle fructo virtuoso. E logo acabarey de imprimir a segunda parte: Rogando a nosso Senhor, prospere vida & estado de vossa Real Alteza por longos annos, com muyta felicidade. Amen».

Este Prologo claramente se vê que devia anteceder a edição da primeira parte, cujo anno de impressão se ignora, pois não chegou até nós nenhum exemplar.

O sr. Deslandes, que examinou a edição de 1585, informa-nos que nella vinha um prologo á segunda parte, que lhe ministrou mais alguns elementos, isto é: ter o auctor concluido a primeira parte a 3 de abril de 1570; ter a rainha D. Catharina, a quem dedicára o seu livro, feito mercê do papel necessario para o imprimir; e, por ultimo, ter em mão, para a concluir, a terceira parte da obra.

Na edição de 1596 não vem senão o prologo á primeira parte, que é o que acima reproduzo.

Não posso precisar exactamente quando sahiu a terceira parte, porque na edição de 1585, feita a expensas do filho do auctor, só vem as duas primeiras partes. Barbosa Machado diz que deixára a terceira parte a seu filho *Antonio Fernandes, impressa em Lisboa por Simão de Lopes em 1596*. O sr. Deslandes, guiando-se por Barbosa, diz tambem que *Simão Lopes deu somente á estampa a 3.ª parte por diligencia de Affonso Fernandes, filho do auctor*. Isto não é exacto, pois a edição de 1596 contém as tres partes.

Ha outro documento, até hoje inédito, que se refere a Trancoso, mas que não offerece nenhuma particularidade da sua vida. É uma carta regia de 17 de outubro de 1575, perdoando-lhe a fiança, pela qual elle ficára responsavel por um tal Francisco Laincz. Aqui vai na integra:

«D. Sebastião etc. — Faço saber que Gonçalo Fernandez Trancoso morador nesta cidade de Lisboa que elle no anno de 1569 ficara por fiador de hum Francisco Lainez em contia de vinte cruzados [a] aver de jr solto servir hum anno de degredo a Afryca nos tres meses da ordenação e sendo solto por bem da dita fiança o dito Francisco Lainez estando embarcado pera jr servir o dito degredo adoeçera pela qual rezão não fora servir e da mesma doença, dentro do dito tempo falleçera nesta cidade do trabalho que nela ao tal tempo avia e por asj morrer dentro do dito tempo e do dito mal cuydara elle supplicante que ficava desobrigado e por tal se tinha da dita fiança e ora era citado pello perdimento della pello espital de Todollos Samtos e por passar da maneira sobredita me pidia que avendo a tudo respeito ounese por bem de lhe perdoar seu descuido que no tal caso tinera e mandar que contra elle senão proceda e receberia merce. E eu vendo o que me elle supplicante asj dizer e pedir enujou e querendolhe fazer graça e merce, se asj he como o supplicante diz e mais não ha, de lhe perdoar e relenar liuremento o perdimento da fyança em que encorrera pello modo que decllara vistas as causas que alega. E por tanto vos mando etc. na fôrma dada em Lixboa a xij de setembro e feita a xvij doutubro ellRej noso senhor o mandou pellos doutores Paulo Afonso e Pero Barbosa etc. Ambrosio d'Aguillar a fez — anno do nascimento de noso Senhor Jhesu xpto de jbr lxxv — Roque Vieira a fez escrever»¹.

Trancoso era calendarista, e publicou em 1570 uma *Regra geral para aprender a tirar pola mão as festas mudaveis...*, que dedicou ao arcebispo de Lisboa, D. Jorge d'Almeida. Foi esta obra que auctORIZOU Barbosa Machado a considera-lo versado na sciencia da astronomia. D'ella existem exemplares na Bibliotheca Nacional de Lisboa e na de Evora.

O trabalho litterario que mais generalizou o nome de Trancoso foi todavia a sua collecção de contos intitulada *Historias de Proveito*, um dos livros que em Portugal mais vezes receberam o beneficio da impressão; mas que, apesar d'isso, é hoje muito pouco vulgar, e tanto que não existia na bibliotheca Palla nem o possuem nas suas livrarias os srs. Dr. José Carlos Lopes, Visconde da Esperança, Moreira Cabral, Dr. Carvalho Monteiro e Rego. Das primitivas edições não se conhecem hoje exemplares, nem passaram pelas mãos dos mais abalissados bibliophilos. Existem, registados nas chancellarias reaes, tres alvarás de privilegio em favor de Trancoso e da sua obra. O primeiro d'esses alvarás, de 20 de abril de 1570, era só para a impressão do primeiro dos tres livros de que afinal veio a constar toda a obra, sendo o preço d'elle 50 rs. Chegar-se-hia a imprimir em separado esta primeira parte? O segundo alvará é de 26 de novembro de 1571, e

¹ Torre do Tombo, Chancellaria de D. Sebastião e D. Henrique, L.^o 11, fls. 170.

amplia o privilegio anterior para os tres livros, *cumprindo-se-lhe e guardando-se-lhe no segundo e no terceiro, por ser tudo uma historia.*

O terceiro, finalmente, de 9 de agosto de 1581 amplia por mais 10 annos o privilegio com referencia ás tres partes. Em nenhum d'estes alvarás se menciona qualquer particularidade pessoal de Trancoso, e só se diz que elle era residente em Lisboa ¹.

Vou apresentar agora um elenco, por ordem chronologica, das edições que vem mencionadas nos diversos bibliographos, e vem a ser:

I.—1575. Comprehende só duas partes e sahio dos prélos de Antonio Gonçalves, o impressor dos *Lusiadas*. O sr. Deslandes é quem menciona esta edição, considerando-a como primeira, não declarando porém onde existe e se a viu.

II.—1585. Feita por Marcos Borges e á custa de Affonso Fernandes Trancoso, o qual, a 10 de janeiro de 1585, teve privilegio por mais cinco annos. O sr. Deslandes diz ter vindo á sua mão *um exemplar d'esta segunda impressão, hoje certamente tão rara como a primeira*. E acrescenta: «E' um volume de 8.º pequeno, em redondo, impresso com typo gasto em mau papel, paginado de um só lado, com alguma pontuação e poucas abreviaturas, dividido em duas partes, com rosto e paginação separada».

III.—1589. Feita por João Alvares. Edição citada por Barbosa Machado.

IV.—1596. Por Simão Lopes, livreiro editor, que obteve, em 7 de outubro de 1594, privilegio por mais 10 annos. Esta circumstancia parece indicar que Affonso Fernandes Trancoso seria já fallecido ou teria vendido a propriedade da obra a Simão Lopes. Nesta edição, que deixei descripta no meu livro *Fr. Bartholomeu Ferreira o primeiro censor dos Lusiadas*, vem colligidas as tres partes. Nella tambem se encontra o soneto de Luis Brochado em louvor do auctor e da obra, o qual, decerto, já appareceria nas edições primitivas. Este soneto, que reproduzi tambem no meu *Fr. Bartholomeu Ferreira*, ajuda a delimitar a época da actividade litteraria de Brochado, que era contemporaneo e amigo de Trancoso. A Bibliotheca Publica de Evora possui um exemplar d'esta edição.

E' de advertir que o sr. Deslandes designa por Affonso o filho de Gonçalo, ao passo que Barbosa lhe chama Antonio, mas neste caso o testemunho do sr. Deslandes deve merecer-nos mais auctoridade, por isso que examinou pessoalmente a edição de 1585.

V.—1608. Feita por Antonio Alvares. Descripta por Innocencio da Silva, o qual a viu e examinou ².

VI.—1624. Por Jorge Rodrigues. Exemplar na Bibliotheca Nacional de Lisboa. Esta edição não vem descripta em Innocencio.

¹ Estes alvarás foram publicados pelo sr. Deslandes nos seus *Documentos para a historia da typographia*, a pags. 92 e seguintes da edição de 1888.

² [Possuo um exemplar, truncado, d'esta edição, o qual adquiri no Porto, num livreiro, ha uns 20 annos. — J. L. de V.]

VII.—1633. Edição mencionada por Brunet.

VIII.—1646. Por Antonio Alvares. Mencionada por Barbosa e Innocencio.

IX.—1660. Por Thomé Carvalho em Coimbra. Ex. na Bibliotheca de Evora.

X.—1671. Por Antonio Craesbeeck de Mello. Mencionada por Innocencio.

XI.—1681. Por Domingos Carneiro. Mencionada por Barbosa e Innocencio.

XII.—1710. Por Philippe de Sousa Villela. Ex. na Bibliotheca Nacional de Lisboa e na Bibliotheca Publica Municipal do Porto.

XIII.—1722. Idem. Ex. na Bibliotheca Nacional de Lisboa e na da Universidade.

XIX.—1734. Por Manuel Fernandes da Costa. Mencionada por Innocencio.

XV.—1764. Ex. na Bibliotheca do Porto, da Ajuda e de A. F. Thomy. Todas estas edições, com a excepção da de 1660, foram feitas em Lisboa.

Trancoso, se não era poeta de folego, metrificava todavia razoavelmente. Em cada uma das duas primeiras partes da obra, em dedicatória ao leitor, ha uma oitava em versos de arte maior. Num dos seus contos (Pt. II, c. II) lê-se a seguinte cantiga:

Na Lusitania nasci,
Ora vivo forasteiro
Por tirar do captiveiro
Quem me captivou a mim.

Eu sou quem na Berberia
Comprei a Garça Real,
Trouxe-a livre a Portugal
E perdi minha alegria.

E resultou-me d'aqui
Tormento grave excessivo,
Porque tirei de captivo
Quem me captivou a mim.

Desci a tanta baixeza,
Porq̃ pus meu coração
Na sūma da perfeição
Que tẽ estado, e alteza.

Perdi lembrança de mim,
Deixei de ser cavalleiro
Por tirar do captiveiro
Quẽ me captivou a mim.

Os *Contos de Trancoso* não passam muitas vezes de *casos* ou *anedoctas*. Outros, de fôrma erudita, são mais extensos e trahem a sua proveniencia litteraria. Os contistas italianos é que foram os seus principaes inspiradores, limitando-se talvez o nosso auctor a traduzi-los litteralmente. Raros serão os de origem verdadeiramente popular e os que se tenham depois infiltrado na tradição oral. O sr. Dr. Theophilo Braga cita o conto de *Dom Simão*, que diz ser o do *Padre Frei João sem cuidados*. Trancoso recorre constantemente ao sobrenatural, sem se importar com a verosimilhança. E' o Ponson du Terrail do milagre. Todos os seus contos redundam em moralidades, e terminam por uma praticazinha de voto. Dois d'elles são dois rifões exemplificados ou moralizados, a saber: *Sempre he mau ser zombador e na barca peor; moça virtuosa de Deus é esposa* ¹.

O adagiario de Trancoso é pouco extenso, o que por ventura é prova da origem mais erudita que popular dos seus contos. Dou em seguida os rifões, que colhi na leitura das *Historias de Proveito*:

1. Antes que cases — olha o que fazes.
2. Quem muito madruga a comer — pouco proveito deve fazer.
3. Regra de viver em paz, — não te rias de quem passa.
4. He malha do açougue, — que quem mal falla, mal ouve.
5. Sempre he mau ser zombador — e na barca peor.
6. A verdade deixe-m'a Deus dizer.
7. Moça virtuosa — de Deus é esposa.
8. O bem ganhado se perde, mas o mal, elle e seu dono.
9. O nescio calado, — por sabio é contado.
10. A mulher honrada — sempre deve ser calada.
11. Das esmolas não se empobrece — e o furto o alheio não enriquece.
12. A orphã não goza — nem o dia da sua boda.
13. A sogra boa — da nora é corôa.
14. Ninguém armon o laço que não cahisse nelle.
15. Ninguém arma trampa, que não caia nella.
16. Tantas cabeças, tantos sisos.
17. A boa mulher, vale mais que ouro.
18. Lançar a corda após o caldeirão.
19. Ao servo mau, convém punição — e ao bom, bom galardão.

Alguns d'estes rifões, se não são originaes, tem todavia fôrma nova.

SOUSA VITERBO.

¹ [Na minha «Historia das tradições populares», publicada nos *Ensaíos ethnographicos*, vol. I, tenho, a pag. 112-113, um breve capítulo sobre Trancoso, onde indico outros trabalhos acerca do valor ethnographico dos seus contos. Ahi disse eu que suppunha que este valor fôra assignalado pela primeira vez por Ad. Coelho na *Harpa* em 1876; mas já o tinha sido por Th. Braga em 1867 na *Hist. da poes. pop.*, p. 195 e segg. — J. L. de V.].

DIALECTOS ALGARVIOS

(LINGUAGEM DO BARLAVENTO)

Continuação da pag. 55

Vocabulario

Neste vocabulario incluo apenas aquelles vocabulos cuja fórma se afasta algum tanto da corrente e usual, omittindo os que facilmente se explicão pelas regras que dei, ao occupar-me da *Phonologia*, como *entigo*, *endar*, *prencipo*, *carpentêro*. Dos que colhi, muitos erão communs ao Alemtejo e mais provincias, e já delles tinba feito menção o sr. Leite de Vasconcellos nos seus diferentes estudos dialectologicos; outros havião sido introduzidos no Diccionario de Moraes (8.^a edição). Não incluirei, portanto, nesta lista nem uns, nem outros, a não ser que lhes tenha descoberto nova significação ou fórma diversa da já encontrada. Muitos outros termos conta a linguagem popular, que é, por assim dizer, uma seara de extensão quasi infinita, mas nem sempre se proporciona occasião asada para nella segar; vai a pouco e pouco.

abanhar, nadar. Prothese muito frequente do *a* em *banhar*.

abença, abençoa, subs. derivado de *abençoar*. O *o* foi absorvido pelo *a*, como em *contina* (*continua*). Na phrase *sábença*, mãi (sua abençoa, mãe) o *u* do pronome *sua* foi tambem absorvido pelo *a*, que, fundindo-se com o seguinte, deu *â* (= *a* + *a*).

abêspira, *abesprêro*. V. *avêspira*.

abizar, obter, conseguir coisa de importancia.

abrigôso, que offerece abrigo.

acabedar, caber, pertencer. De **accapitare*, verbo derivado do participio **capitus*.

acaçar, caçar. Prothese de *a*.

acajuadiço, propenso, direito a (fallando de doença). Sem duvida de *acajão* ou *cajão*.

acarditar, acreditar. Metathese frequente do *r* e troca do *e* por *a*, sob a sua influencia.

acarão (tambem archaico) junto, ao rés de. Vide Viterbo (*Elucidario*) s. v.

acarear, obter, alcançar, grangear. Prothese de *a*.

acarêl. O mesmo que *acarão*. Vide este termo.

acasião, occasião. Vide *Phonologia*: *vogaes oraes*: o.

accupada, grávida, prenhe. Participio do verbo seguinte.
accupar, engravidecer. De *occupar*. Vide *Phonologia*: vogaes oraes: o.

acéfa, ceifa. Do arabe aq-ceif, que significa o estio, o tempo da colheita. V. Dicionario do sr. Coelho, s. v.

acéfão, ceifeiro. No plural vide *Dialectos Alentejanos*, do sr. Leite de Vasconcellos, IV, s. v. *séfões*.

acéfar ou *acéfar*. De *acéfa*, que tambem soa *acéfa*. Vide *Phon.* ditongo *ei*, obs. II.

acélea ou melhor *assélea*, acelga. Do arabe as-selca. Vide sr. Coelho, *Dicionario*, s. v.

acôñadêra. V. *côño*.

acôñar, tirar com uma vassoura feita de ramos de plantas as palhas mais grossas ao trigo em monte na eira, antes de o aventar com a pá.

acôñar. O mesmo que *acôñar*.

acôñho. Vide *côño*.

acotovenhar ou *acotevenhar*, juntar, unir. De *acotovellar*, com mudança de siflho.

acastôr ou *castôr*, açafraão. Troca da syllaba *frão* em *flôr* pelo processo da etymologia popular. Sobre a segunda fôrma *castôr*, compare-se *cotea*.

adôñia, dahlia (flôr).

Adeláde, Adelaide. Reducção do dit. *ai* a *a*, como em *escade*, que se usa a par de *escada* e *escaide*, de *escadea*.

adiáfa, especie de bode aos trabalhadores no final da obra.

adiáta, dieta. Prothese do *a* e troca da atona *e* por *a*. Confer. grego *diaita*, donde o latim *diaeta*. A palavra *diaeta* demais não pertence á camada popular da lingua, como mostra o *t*.

adoação, doação.

adubio, estrume, o que serve para *adubar* as terras.

aldrube, trapaceiro. A meu vêr, de *aldrabice*, com troca do *a* por *u*, por influencia do *b*.

afalcoádo, falto (principalmente de dinheiro). Parece ser *desfalcado* com troca do prefixo *des* por *a*.

afêtos ou *afêtes*, fetos. O lat. *filietn*.

afurtar, afretar. Influencia de *furtar* ou antes da labial *f*.

agardecer. V. *acarditar*.

agudião, agudião, isto é, especie de formiga alada, mas de tamanho inferior á *agudia*.

agudião, especie de formiga. Embora o suffixo *ão* seja proprio dos augmentativos, *agudião* designa uma formiga de grandeza inferior á da *agudia*, que o povo diz *aguida*, como tambem *aguidão*. Vide *Phon.*, ditongo *ea*.

agulha: agulhas ferrugentas, enredos, intrigas.

agulhada: aguilhão. Aug. de *agulha*.

aiêto, habito: attracção do *i* pelo *a*, para formar o ditongo *ai*.

Aigueda, Agueda. V. aibto e compare se laigrema, melaigre, Saigres, etc.

ajudada, auxilio prestado a um agricultor por outro em qualquer trabalho do campo, como lavoura, monda, ceifa, etc.

àclára, laclrau. Prothese do *a* e influencia de *Clara*.

alcagoitas, amendoim.

alcancara ou *alcancera*, bolo feito de massa e gordura.

alcarnoque, o que fica d'um animal depois de se lhe comer toda a polpa; o mesmo que *orgadura* (V. este termo). Em hespanhol ha *alcornoque* com a significação de sobreiro, d'ahi, por extensão, casca e *orgadura*. A par de *alcarnoque*, tambem se usa *alcarnós*.

alcórque ou *alcórcere*, a base um tanto curva do vallado, e, por extensão, grandes ancas, hombros bastante desenvolvidos.

alcante, alicante, animal que julgo ser o mesmo que o *laclrau* e do qual se diz proverbialmente: *se a bixa visse e o alcante ouvisse, não era ninguém viro*.

alção, eleição. Vide Phon. Vogaes oraes: *e*.

aleforme, uniforme (Vide Phon. vogaes *o* e consoantes: *n*).

alemal, animal. Troca do *n* em *l* por dissimilação, como em *alma* (anima), arch. *lomear* (nominare), etc. No plural *alemás* (Vide Phon. ditongo *ai*) ou *alemases* (Vide Morph., Sub. e Adj.).

alembrança, alembrar, lembrança, lembrar. Prothese frequentissima do *a*.

alén, allivio, descanso. Vid. Leite de Vasconcellos, *Dial. alemt.*, ix s. v. *leu*.

alfãigueda, alfandega. Metathese do *d* e *g* e attracção do *e* pelo *a*, como em *aisas, Constãça, sãigue*, etc.

algrêvão, alcaravão.

algeramólho ou *arjamólho*, molho feito de azeite, vinagre, alhos, etc. para a açorda: o mesmo que *gaspaxo* (Vide este termo). A forma *arjamólho* provém, a meu vêr, do *argeramalho* (assimilação do *l* ao *r*) pela queda do segundo *r* (dissimilação).

algramassa, argamassa. De *gramassa* (como tambem se diz) e prefixo *al*.

algramassar, argamassar. Vide *algramassa*.

alinterna, lanterna. Sem duvida de *alenterna* (Vide Phon. vogaes nasaes: *ã*); e depois troca, por dissimilação, do *e* em *i*. Comp. *fíturo* de *feturo* (dissimilação de *futuro*).

almareado, embaciado. No fig. embriagado, nauseado e que teve ameaças de deliquio: participio de *almarear*, marcar, embaciar. No fig.: nausear, perder os sentidos.

almeixar, espaço circular, a modo de eira, cercado em todo a circunito, com excepção duma pequena entrada, por uma sebe de vides ou outra lenha, no qual é uso secar o figo no verão.

almofazêma, alfazema.

almonga, almondegá. Reducção do grupo *d'g* a *g*, como em *engue-nação*, por indignação.

almorroidas, hemorroidas. Afigura-se-me ter-se dado nesta forma quêda da vogal inicial e junção do artigo arabe.

alomear, nomear. Arc. *lomear* (nominare) com *a* prothesico.

alqueirão, alcatrão. Troca do *a* por *e*: dissimilação. Vide Phonol. Vogaes oraes: *a*.

alqueve, alqueive. Vide *Phonologia*, dit. *ei*, obs. iv.

alrotinas, varicella.

altarim, elevação. Sem duvida derivado de *altar*. Sobre o suffixo *um*, compare-se *cheirum*, *bedum* (=bodum), *vacum*, *mulherum*, *homum*, etc.

alvoriado, cabeça de vento, ventoinha, volavel.

alvêdo, arvored. De *arve* (que tambem sôa *arri*) por dissimilação.

alzelêra, algibeira. Troca do continua branda *g* pela tambem continua branda *z*. Compare-se *zinebra*.

amanhaô ou *amanhiém*, amanhã.

amêção, ameação (subs. tirado do verbo *ameaçar*). Absorção do *a* pelo *e*.

amêçar, ameaçar. Vide *amêção*.

amesade, mesada. Prothese do *a*, sob influencia de *amizade*.

âmenza, ameixa. Vide *Phonologia*, consoantes: *m*.

âmontar, montar. Prothese frequentissima do *a*.

amontar-se, montar. Vide *alembrança*.

andainoso, plano, não accidentado (fal. de terreno).

Andrê, André. A men vêr, o *i* tanto pôde provir de emphase, como em *pêi* por pé como da antiga fôrma *Andrêl*, pela vocalisação do *l*. Vide Cornu, *Die ptg. Sprache*, § 132.

angarilhas, especie de cangalhas cobertas de rêde ou esteira de palma para transporte d'ovos ou gallinhas.

anteparras, especie de polainas. Em hespanhol ha *antiparras*, que significa oculos.

apêlho, briga: *andar aos apêlhos*, brigar.

apequentar-se, apoquentar-se. A troca do *o* por *e* é devida ou a assimilação (*o* — *e* = *e* — *e*) ou a influencia da labial. Comp. *melher*, *benito*, etc.

apreciar, apreciar. Metathese frequente do *r*. Conjuga-se como *cear* e assim diz-se: *apereção*, -as, -a, etc.

apilar (termo venatorio), latir o cão, ao descobrir a caça. De *pila*.

apôcoar, povoar. Prothese do *a*.

apressudo, apressado.

apázoar, pacificar. De *apazigoar*.

apójar ou *apôjar*, demorar-se. Será outra fôrma de *apoiar*, isto é um derivado do lat. *podiu*?

apoisar, pousar. Vide *amontar*.

aprovar, provar. Vide *arreceo*.

apotecar e *abotecar*, hypothecar. De *êpotecar*, como tambem se diz. Vide Phon. vogaes oraes, *e*.

apuro, *arrelia*.

apurar, *arrelhar*, *impacientar*.

arção, *acção*. Epenthese frequente do *r*.

árçar, *alçar* (de *altiare*). Troca do *l* por *r* por assimilação.

árgença, *agencia*. Vide *arção*.

árgente, *agente*. Vide *arção*.

árho ou *árho*, *arneo*. De *airmo* (fôrma que também se ouve), que resultou da attracção do *i* pelo *a* tónico. No diminutivo *árminho*, *aiminho*.

árpejo, *desarranjo*, *desalinho*.

âquidade, *âquidade* ou *aquidade*¹, *dadiva*, *presente*, *offerta*.

Aróra, *Aurora* (nome de pessoa) Vide Phon. Ditongo *au*.

arrã, *rã*. Prothese do *a*, que, como noutros casos, se me afigura provir da junção do artigo. Comp. *aleijão*.

arrachar, *rachar*. Prothese do *a*.

arralar, *ralar*. V. *arrecção*.

arramatar, *arrematar* (praguejar). Vide Phon. Vogaes oraes: *l*.

arramelhar ou *arramolhar*, *amarrotar*.

arrecção, *receio*. Prothese do *a*.

arreciar, *reçar*. Vide *arrecção*.

arredór, *panno* que cobre o leito em todo o seu percurso desde os pés até á altura do enxergão. No pl. travessa que circumda as mós dum moinho, excepto no sitio em que cáe a farinha.

arrencar, *arrancar*. Vide Phon. vogaes nasaes: *an*: *arrencar-se* a *fugir*, *deitar* a *correr*.

arrér, *raspar* o sal das marinhas. Vide *amontar* e *Revista Lusitana*, vol. iv, pag. 132, s. v. *rer*.

ârvela, *alveloa*. Troca do *l* por *r* (dissimilação) e redução de *oa* a *a*. Vide Phon., ditongo *oa*.

âsca, *asco*, *zanga*, *ódio*. Epenthese do *r* e mudança de genero.

âsentar, *isentar*. De *ausentar*. Vide Phon. ditongo: *au*.

asneirada, *grossa asneira*.

âssaluto ou *âsseluto*, *absoluto*. Dissolução do *b* em *u* e seducção do ditongo *au* a *a*. Vide Phon. ditongo *au*.

assolapar, *solapar*, *encobrir*.

assucre, *açucar*. Metathese do *r* para formar o grupo *cr*.

âstinado. Vide Leite de Vasconcellos, *Dialectos interamnenses*, VIII, s. v. *âstinado*.

âstrino, *austríaco*. Vide Phon. ditongo *au*.

astrever-se, *atrever-se*. De *estrever-se* em que, segundo Cornu, *Die ptg. Sprache*, § 93, o prefixo *ex* se substituiu ao *a*. Vide Phon. vogaes, e.

atagalhadamente, com desordem, sem consideração ou acerto.

atagalhado, *precipitado*, *irreflexo*.

atagalhar, *fazer* as coisas á pressa e por tanto sem geito nem ordem, *atalhar*.

¹ A pronuncia é *âkidade*, *âkidade*, etc.

- atalhar* (o leite), *talhar*. Prothese frequente do *a*.
atanaz, *tenaz*. Prothese do *a* e troca do *e* por *a* (Vide Phon. Vogaes: *e*).
atanchar, *tanchar*.
âtelezar-se ou *âllezar-se*, *utilizar-se*. De *antelezar-se*. Vide Phon., ditongo, *au*.
aterroar ou *aterrar*, cobrir as moreias de terra humida. Vide *moreia*.
atôpo, coisa fortuita, casual. De *topar*.
atregar, *trepar*. V. *arrecção*.
atufar-se, *anuar-se*. Prothese vulgarissima do *a*.
avanar, *abanar*. Termo archaico.
avagatura, *vagar*, *lazer*.
avaziar, *esvaziar*. Deu-se neste termo o contrario do que aconteceu com *estrever-se*. Vide *astrever-se*.
avengar e *avinçar*, *avançar*. Vide Phon., Vogaes *nasaes*, *ã* e obs. *a ê*.
aventejar, *aventar* o trigo na eira.
avéspra, *vespa*. Vide *árção*.
avespréro, *vespeiro*. No fig., pessoa que facilmente se irrita. Vide *avéspra*.
avondar, *atingir*, *alcançar*. De *abundare*.
ávonde, *bastante*. De *abunde*.
azebibe, *mellaço* do figo.
bacénar, *vaccinar*. Vide Phon., consoantes: *r*.
bacina, *vaccina*. Vide *bacénar*.
báineta ou *bóineta*, *baioneta*.
báldoegas, *beldroegas*. De *portucala*. O *p* abrandou em *b* (de que ha varios exemplos: Vide Cornu, *Die ptg. Sprache*, § 164) e provavelmente o *r* assimilou ao *l* intervocalico, antes da queda deste. Sobre *o = a*. Vide Phon. Vogaes *oraes o*.
bangalé, *funçanata*, *banquete*.
baloiso, *pedra grande*.
Barba, *Barbara*. Vide *Brabo*.
barda, *sebe* de lenha para resguardo. *Em —*, em abundancia.
bardar, *cercar* com *barda*.
barrânha, especie de enfusa muito usada no transporte do leite.
De *barro*.
barranhita, *pequena barranha*.
barrêca, *barraca*. Mudança do *a*, tónico em *e*, como em *mutrêca*, *guetêrra*. Vide Leite de Vasconcellos, *Dialectos alentejanos*, ix. 12.
barredôiro, *pau* com trapos na extremidade, que serve para limpar as cinzas mais miudas d'um forno. De *barrer*.
bârsa ou *bâlsa*, especie de ceira feita de palma ou esparto, que se insere noutra, quasi de forma conica, e lhe serve de tampa, onde os trabalhadores, pastores, etc., levão a comida para o dia.
basbãna, *basbaque*. Mudança de terminação.

basêlga, barriga.

basêlgada, barrigada.

batador, instrumento de madeira em forma de telha com um cabo, que serve para esgotar a agua dos botes e outras embarcações pequenas. De *botador*. Vide Phon. Vogaes oraes: *o*.

Bâtezar, Balthazar. De *Bautazar*. Vide Phon. ditongo *au*.

bêcome, bem como. Vide Morphologia: *conjunções*.

bêçôla, beijo grande (quasi sempre em sentido pejorativo).

bêlga, secção de geira. No pl. reunião de *moreias*. Vide *moreia*.

belisco, pedacinho, coisa muito pequena.

begote = *bigôte*, bigode.

bellu luiza, nome do arbusto a que noutros sitios chamão *sucia-lima*.

bellindre ou *bellindro*, pequena *holla*, geralmente de pedra com que os rapazes jogão. Vide Phon. Vogaes oraes: *o* (surdo).

bellâno, pessoa indeterminada. Usa-se a par de *Seclâno* (*sicrano*), *Fulâno* e *Gavellâno*. Afigura se-me o nome proprio *Bertran*, que, por dissimilação, daria *Beltran*, caindo depois o *r* e adjuncionando-se-lhe um *o*, sob influencia de *fulano*, *seclano* e *gavellano*. Compare-se *fulano* do arabe *fôlan*. A par de *bellâno*, diz-se tambem *beltrâno*.

berbicázo ou *berbicaxe*, correia que, passando por debaixo das botas ou çapatos, prende as extremidades das calças. No fig.: obstaculo, estôrvo.

Bernaldo, Bernardo, Dissimilação.

Bernardinha, Bernardina. O suffixo *-inho* muda por vezes em *-ino* e vice-versa. Compare-se *danño* (*dampinho*), *malña* (*maninha*), *nña* (em hespanhol *niña*, que se pronuncia *ninha*).

berzundêla, bebedeira.

besolhão, *bosolhão* ou *bosôlhão*, especie de phlegmão.

bestigo ou *vestigo*, postigo. O latim *posticu*. Comparece-se *bes-côço* (*pes-côço*), *benito* (*bonito*).

berôco, especie de furunculo, porém mais pequeno que o *besolhão*.

bicha, nome com que se designa especialmente a vibora.

biscoita, biscoito. Mudança de genero.

bîtoque, batoque. Provavelmente de *betoque*.

Bibí, expressão infantil de «Maria». Sem duvida de *Mimi* (dissimilação de *Mimi*, outra designação infantil do mesmo nome) em virtude do processo de assimilação. Tambem tenho ouvido *Biá*.

blancia ¹ ou *balancia*, melancia. De *balancia* V. Phon. vogaes oraes e e consoantes: *m*, obs.

blôito, *belôito* ou *bolôito*, enfusa a que quebraram o gargalo. E' sem duvida, um derivado de *bôla*.

bolêta ou *bolêtra*, bolota. *Ora boletus!* resposta interjectiva, que se dá, quando a coisa não agrada.

¹ Dizem-me existir tambem a fôrma *blão* ou *belão* (melão), mas ainda não a ouvi.

bellêza, *belleza*. Influencia da labial.

bolra, *borla*. Comp. *Calros*.

bordoadá, *pancada com bordão*. No fig. grande porção de qualquer coisa.

borgisso, mal feito, desengraçado (fal. de pessoa).

borréfa, *holha*, *empolla*.

bós, *bois*. Vide *Phonologia*, ditongo *oi*.

brabêro, *barbeiro*. Metathese do *r* para formar o grupo *br*.

brábo, que não é cultivada (planta). De *bravo* que é o latim *barbarus*.

brabolêta, *borboleta*. V. *brabêro*.

bracajótes, *berjaçotes*. Metatheses do *j* e *c*. Sobre o *a* de *bra*, igual a *e*. Vide *Phon*: *Vogaes oraes*, *e*.

braçalêra, *braçadeira*. Troca do *d* por *l*, que não é sem exemplo, como se pode ver em Cornu, *Die portug. Sprache*, § 200. Talvez influencia de *braçal*.

brandura, *orvalho*. De *brando*.

brasalisco, epitheto que tenho ouvido dar a criança muito viva e esperta. Sem duvida de *basilisco*, sob influencia da palavra *brasa*.

brêba, *bebera*. Metathese do *r*, quêda da vogal postonica. O latim *bifera*.

bróques, *broculos*. Quêda do *l* intervocalico e absorpção do *o* surdo pelo tonico.

brósque, *bosque*. Vide *arção*.

bibra, *vibora*. No fig. mulher de mau genio. Assimilação do *v* ao *b* e quêda normal da vogal postomia.

bigodêlha, *bigode grande*. Suff. *-êlha*, por influencia de *gadêlha*?

bigotão, augmentativo de *bigote*, *bigode*. Assim em hespanhol. Sobre a origem da palavra, confer Körting, n.º 1381.

biquêca, *bica pequena*. Suffixo dim. *-êca*, como em *burrêca*.

brêço, *berço*. Vide *brabêro*.

brinquêdo, *levado do diabo*, *maldito*.

brũho, *abrunho*. Vide *Phon*, *sorte das vogaes pretonicas*.

brutêza, *grande quantidade de qualquer coisa*. Compare-se o espanhol *barbaridad*, usado na mesma accepção.

bundra, *barriga*, *ventre*.

burrêco, *a*, *burrinho*. Vide *Morph.*, *etymologia ou formação das palavras*.

busarãha ou *besarãha*, *vento forte e aspero*. Vide *Phon*, *consoantes*: *m*, *obs*.

buzalêque, *sub.*, *guisado de carneiro*; *adj.*, *gordo*, *nedio*.

cabáço, o fruto da *cabaceira*. No fig.: *recusa d'uma rapariga em accceitar a mão dum rapaz*, depois de ter sido por elle cortejada. Nestas duas accepções figura numa cantiga de baile de roda, em uso no Algarve, da qual os primeiros versos são:

*Quem quiser comer cabaços,
suba acima á cabaceira,
vá comendo, vá gostando,
vá mettendo n'algibeira.*

Estes versos canta em côro a roda composta de varios pares; terminados elles, o que está no meio (rapaz ou rapariga) dirige-se a um ou uma, conforme é homem ou mulher, convidando-o para par; se recebe recusa indicada por um signal negativo de cabeça, continuão todos a bailar em roda, cantando:

*Já levaste um cabaço,
colhido da cabaceira;
já te podes ir gabando
que não achas quem te queira.*

Repete-se a cerimonia do pedido, indicado por uma inclinação de cabeça diante da dançarina ou dançarino pretendido; se ha nova recusa, continuão todos em côro:

Já levaste dois cabaços, etc.

E assim por diante, até ser attendida a sua pretensão, indo então occupar o seu lugar aquelle ou aquella que fôra assim, em preferencia a outro, desprezada pelo que até ahí fôra seu par.

cabeçólho, almofada pequena de cama. De *cabeça*, com o suffixo *-alho*.

cabetão, capitão. No plural *cabetõj*. (Vide Phon. dit. *oe* e *Morph. subs. e adjectivos*.)

cadrípe, ou *códrípe*, quadrupede. Queda do *de* sob influencia de *pé*. O ditongo *ua* reduziu-se a *a* pela absorpção do *u* pelo *a*, e a *ô*, como em *Jôquim*, *côrtel* etc. Vide Phon., ditongo *ua*, obs. 1 e 11

cabrésto, calibre de prender o mastro d'um moinho de vento quando se não carece de que gire, por analogia com a corda de prender um animal. Do latim *capristu*.

cacarêro, carcereiro. Queda do *r* por dissimilação. Sobre *a = e*. Vide Phon., vogaes oraes: e *cachapúz*, interjeição que se emprega com o mesmo sentido que *catrapúz*. Vide *Dicc.* de Moraes, s. v.

cachimfêna ou *cachânfêna*, guisado feito com o pulmão e coração do porco.

cachumbo, cachimbo. Sem duvida influencia de *chumbo*.

cadêllo, pauzinho circular que, preso á extremidade do tableiro d'um moinho e tocando na mó superior, imprime aquelle, pela rotação d'esta, um movimento de tremura, indispensavel para o grão ir caindo a pouco e pouco.

cádua, cauda. Vide Phon., ditongo *au*, obs. 1.

cafurna, *furna*, *gruta* ¹.

caganifãça, *caganifancia*. Attracção do *i* pelo *a*, como em *ãisas*, *alfãigueda*, etc.

Cãidlo, -a ou *Cãido*, -a, Candido, -a. Ambas as fórmãs são, a meu ver, resultantes da dissimilação: *d* . . . *d* > *d l* ou *d*.

cajão, doença, mal que sobrevem às plantas. Vide *Fragmentos etymologicos* da snr.^a D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos, in *Revista Lusitana*, III, 129, s. v. *cajão*.

cãico, *calculo*. Reducção da parte metatonica da palavra, como em muitos casos da lingua escrita, talvez aqui sob influencia da dissimilação.

calêra, *caleira*, forno de cal de pequenas dimensões, tambem chamado *caieira*. Vide Coelho, *Dicc.*, s. v.

calhar, acontecer. *E' um calhar* = raro acontece.

cãlipes ou *clipes*, eucalipto.

cambadêla, *cambalhota*.

cambarôte, *camarote*. Como *cambara* ou *cambra*.

cambra, camera. Vide Phon., consoantes: grupos *m'r* e *m'l*.

cambêras, anteparo de madeira que assenta sobre os arredores d'um moinho. Vide *arredor*.

câmerão, coisa alta, disforme, principalmente pessoa de grande estatura.

campar, folgar muito, ter grande prazer, contentamento, considerar-se muito feliz por lhe haver acontecido coisa em extremo agradavel. Só tenho ouvido empregar este verbo no imperfeito e perfeito do indicativo.

campôso, espaçoso. De *campo*, na accepção de «espaço».

cangalho, canga pequena em carro d'uma besta só. No fig.: coisa sem prestimo. De *canga* como suffixo diminutivo -*alho*. Vide *Morphologia*, *etymologia* ou *formação de palavras*.

cângãro, cancro. O latim *cancru*, com swarabaeti do *a*.

cangrêjo, caranguejo. Metathese frequentissima do *r*.

cantorio, cantiga, cantoria (especialmente fallando de aves).

caparão, especie d'alcofa de palma, com a borda d'um palmo d'altura, pouco mais ou menos, na qual se collocão as mós caseiras e que serve para receber a farinha.

capôca, *tapioca*.

capoeira, a cobertura, de fórmula conica, d'um moinho de vento.

caquear, ruminar, pensar a sós. De *caco*, no sentido de — cabeça, sentido, juizo.

caracunda, *carcunda* ou *cercunda*. Swarabaeti do *a*, como em *maramello*, *marafado*, etc.

caruôlho, *zanaga*, *vesgo*.

¹ Vide o snr. Coelho, que admite uma mistura de *cafua* e *furna*: *Dic.*, s. v. *cafurna*.

carapito, o cimo, a parte mais alta da arvore, monte, etc. Nem em Moraes, nem em Coelho encontro este termo, mas lá vem o verbo d'elle derivado *encarapitar-se*. Afigura-se-me evolução de *corupito* (que tambem não mencionão os mesmos dictionarios, mas que já tenho ouvido). Vide Phon., vogaes oraes: *o*.

carapintina ou *crapintina*. lamuria, queixume.

carêta, tregeitos, e tambem uma pequena saliencia na parte superior do pião de jogar. De *cara* mais suffixo *-êta*.

carretã ou *cartã*, pequena roldana. Provavelmente por *corretã*, pois por ella *corre* o barão. Vide Phon., vogaes oraes: *o*.

carrinha, carro geralmente d'uma besta só, composto de tres assentos: dois no interior para os passageiros e um na frente para o cocheiro, com uma cobertura sustentada por quatro varaes de ferro, entre os quaes corre uma cortina de lona; diverge portanto do carro alemtejano, no que, salvo o devido respeito, me parece ter-se enganado o sr. Leite de Vasconcellos, pois diz nos seus *Dial. alg.*, III, ser o mesmo que elle.

carátile, caracter. Vid. *árvela* e compare-se *martle*.

cascanhólas, *cascanhótas*, *castanhólas*, castanhetas.

castello (num moinho), a parte mais grossa da segurellia.

catrafiar, lançar mão d'alguma coisa, prender, agarrar.

cavallóta, cambalhota. Perda do *n*, talvez sob influencia de *ca-velharice*.

cavellarice, *cavallariça*. Influencia do hesp. *caballo* + suffixo *-ice*.

celebral, cerebral. Dissimilação do *r* em *l*.

ceroilas, ceroulas.

ceterna, cisterna. Comp. francês *citerne*.

ceválhos ou *çoválhos*, o que se tira ao trigo antes de o mandar ao moinho, como joio, ervilhaca, e serve para engorda das gallinhas (tambem lhe chamão *alimpaduras*). O lat. *cibac(u)lum*. Compare-se *cevão* e *çovão*.

cévar, ceivar. Vide Phon., ditongo *ei*, obs. II.

*chachola*¹, *sachola*. Assimilação do *s* ao *ch*, como em *xexo* (*seixo*), *chacho*, *moxixo*, etc.

chacotina, ruido, alarido.

champrão, *pranchão*. Metathese de syllabas, como *tanchar* por *chandar*.

chape: fazer *chape* (a espingarda), errar fogo.

chárro, chicharro. Dissimilação.

chèfre, chefe. Epenthese frequente do *r*, como em *bifre*, etc.

chèréte, pouco cheiro, quasi sempre em sentido pejorativo. De *cheiro* + suffixo *-ête*.

chérúm, máo cheiro, cheiro desagradavel. De *cheiro* mais suffixo *-um*. Vide *erçagúm*.

¹ Em todos estes vocabulos *ch* é igual a *x*.

chãna: pela china da calma, quando o sol é mais quente.

chincóca, coisa desagradável.

chóca, *chaloca* e *clôques* ¹, uns çapatos de ourolo com sola de madeira presa á planta. excepto no logar do calcanhar. A ultima fórma é, sem duvida, onomatopaica, pois imita o som da madeira, especialmente do tacão, ao bater na calçada ou sobrado.

chomar, chamar. Influencia da palatal. No indicativo faz *chômo*, -as, -a, -om, como no conjuntivo *chôme*. Ao lado de *chomar*, tambem se usa *chemar* (dissimilação).

chjuvenisca, pessoa ou animal mexedigo, vivo, experto.

chjuveniscar, cair chjuvenisco.

chjuvenisco, chuva miuda, chuvisco. De *churina* = *chuvinha* (compare-se *danino* = *damninho*, *manina* = *maninha*) + suffixo -isco.

chuvinhar. Vide *chjuveniscar*.

ciéteca, sciatica. Vide *matrêca*, *barrêca*, etc.

cimba, cima. Parece-me ser o *b* devido a dissimilação, pois que a pronuncia é *cimma* ou *cîma*. O contrario deu-se em *tâmem* por *tambem*.

claissa, classe. De *classea*.

clamoncada, doença grave, grande desastre, pancada forte. Afigura-se-me de *mocáda*, mas donde o *cla*?

clarôr, *clarão*. Mudança de suffixo, como em *grossor*, *altor*, etc.:

Vid. *Dial. Interam.* de Leite de Vasconcellos, VIII, s. v. *altor*.

cócêcas, cocegas. A par de *cocêcas*. Não é raro ouvir-se *cocêgas*.

Cfr. Leite de Vasconcellos, *Dial. Alentej.*, IX s. v. *cocêgas*.

çofênos ou *çofênhos*, uma especie de figos. Em Gil Vicente vem *çofeinos*.

Cocêção, Conceição. Vide Leite de Vasconcellos, *Dialectos algarvios*, III, s. v.

cochêno, adj., sujo, porco.

côia, mulher esperta e maliciosa.

côino, especie de vassoura feita de plantas para acoinar o trigo.

V. *acôinar*.

côito ou *côito*, especie de figo. De *coctu*.

colca, colica. Queda do *i* postonico.

Colestrino ou *Colostrino*, Celestino. A mudança da vogal é, a meu vêr, devida a dissimilação no primeiro caso e a assimilação no segundo; provém o *r* da influencia de *celestre* (cfr. *terrestre*).

collacia, união, harmonia entre pessoas, embora não tenham bebido o mesmo leite. De *collaço* (*collacteu*-).

côlnado, cogulado (fal. de medida). A meu vêr, de *cumldado*, com metathese do *l* e *m*.

colra, colera. V. *colca*.

combrão. V. *combro*.

¹ Tambem ha em francez *claque* com significação pouco mais ou menos identica.

combro, pequena elevação de terra, que serve de divisória de propriedade rustica. De *cum(u)lu* que também deu *cómore* (d'onde vem directamente *combro*) e *cumulo*. V. Phon. cons. grup. *m l*.

comêda, comedia. Vide Phon. dit. *ia*.

compração, comparação. Vide *sorte das vogaes pretonicas*.

conciência, consciencia. Reducção de *sc* a *c*, como no archaico *nacer*. Comp. *sciencia* que se pronuncia *ciencia*. De *conciêça*, que também se ouve.

condensa, condessa (título de nobreza) e também uma cestinha de vime (*condêça*). Vide Leite de Vasconcellos, *Dialectos extremenhos*, a pag. 30.

cônho. V. *côino*.

conquilha, uma especie de ameijoia pequenina, de casca muito branca, que se apanha nas areias da praia. O latim *conchyliā*. Vide Körting, n.º 2:288.

consere ou *consre*, consul. Troca do *l* por *r*.

corcar e *encorcar*, curvar-se a madeira e mesmos certos metaes, por effeito de *retracção*.

Costantino, Constantino. Em ptg. archaico occorre também esta palavra, e *Costança*, pela queda regular do *n* antes de *s*.

constripar e derivados, constipar. Influencia de *tripa*.

contedade, quantidade. Vide Phon. ditongo *uã*.

contia, quantia. Vide *contedade*.

contivar, cultivar. Nasamento do *o* surdo (*u*), talvez sob a influencia de *contia* ou outra palavra, e depois repulsa do *l* para facilidade de pronunciação.

contrapisa, *catrapisa*, *córta-pisa*, *guarda-pisa* e *rôda-pisã*, nomes por que é conhecida uma tira de panno cosido á extremidade da saia.

convalecença, convalescença. Cf. *nacer*.

convendação, convite e também gorgeta. Vide *convendar*.

convendar ou *corendar*, convidar e dar gorgeta. Na 1.^a fôrma, a meu vêr, predominou a assimilação regressiva; a 2.^a deve provir da primeira por dissimilação.

convinde ou *corinde*, gorgeta. Subs. derivado de *convendar* ou *corendar*.

copêra, copeira, especie de armario em que, além dos *cópos*, se guardão também os pratos e mais louça.

cóquilha. Vide *conquilha*. Nesta fôrma deu-se a troca do suffixo *-ilha* pelo *-inha*, proprio dos diminutivos.

córchete, colchete. Esta fôrma também occorre em mirandês (vide o *Dialecto mirandês* do snr. Leite de Vasconcellos, a pag. 31) e na lingua escrita (vide *Diccionario* do snr. Coelho).

córgo, correio.

cornisol, coisa dura como corno. Sem duvida o *cornisólo*, fruto do *corniso*. Vide Moraes.

cóрте, pocilga. Do latim *corte* (= *cohorte*). Deste termo tomaram,

sem duvida, o nome muitos sitios, taes como: *a côrte do bispo*, *a côrte de Manoel Alves*, etc.

cortelada, *cutillada*. Influencia de *cortar*.

côrcho, pequena taboa em que os serventes de pedreiros levão a estes a argamassa, e tambem (como em hespanhol) cortiço de abelhas. De *corcha*. Como etymon desta palavra traz Körtling *scortea* que, convindo a outras linguas romanicas, não explica o português *corcha* nem o espanhol *corcho*, devendo talvez admittir-se **cortla* ou **corcla*. Para *cortiça* e *cortiço* dá o latim (não hypothetico, como aponta o Dicionario do snr. Coelho), o adj. *corticeus* ou *corticus*, que satisfaz plenamente.

costiar, *tosquiar*. Metatheses do *q* e *t*.

gotéu, *açotea* (ou melhor *assoteia*). Do arabe *al-soteiha*.

crapintina ou *carapintina*, *lamuria*, *queixa*.

Crasto, *Castro*. Metathese do *r*.

cravalho, *carvalho*. V. *Crasto*.

crismino, especie de pessego muito succulento e de côr avermelhada.

cuchárro, especie de escudela de cortiça, muito usada na serra (encontra-se em quasi todos os montes e fontes), para por ella se beber agoa.

cuai, forma que toma o adverbio *quasi*, quando proclitico: ex: *cuai denhuma*, quasi nenhuma. De *cuais*. Vide Phon.: *dit. ai*.

cume ou *cumo*, como. Occorre nontros dialectos. *Cûme se chõma* (como se chama, phrase collida em flagrante). Vide Leite de Vasconcellos, *Philologia Mir.*, II; s. v.

curjão, *cirurgião*. Quêda do primeiro *r* (dissimilação) e absorpção do *i* pelo *g*. Nos *Dialectos extremenhos* cita o snr. Leite de Vasconcellos a forma *surgião*. De *chirurgiano*. Comp. *prodijo* (*prodigio*), etc.

cuspinhadela, *cuspinhada*. De *cuspinho* + suffixo *-dêla* como em *mordedela*, *pendedela*, *picadela*, *cambadela*, etc.

cução, *caução*. Vid. Phon., ditongo *au*, obs. 1.

danino, *damninho*. V. *Bernárdinha*.

dâquênada ou *daquinada*, d'aquí a nada, brevemente. Absorção da preposição pelo *i*.

dâ-rés (pron. *dâ-réj*). De *dê-rés* (x reis). Vide Phon., vogal *e*, e consoantes.

data, grande quantidade, e d'ahi «sova».

dávêta, *dadiva*. De *davida* (V. *Dialectos Interamnenses* de Leite de Vasconcellos, VIII, s. v.), por dissimilação.

debulho, intestino de qualquer animal.

deficêl, *difficil*. Vide *hâvêl*.

denhum, *nenhum*. Dissimilação: *n... nh* > *d... nh*.

derrengar, *derrear*. De *derrancar*. Vide Phon. vogaes *nasaes an*.

desalvorado, sem governo, sem direcção: ex: *vai desalvorado* (fal. dum carro, cujas bestas tomaram o freio nos dentes). De *desarrvorado*, por dissimilação.

desastinado, doido, traquina, inquieto. V. *astinado*, e Phon., ditongo *an*.

desbruchar-se, *debruchar-se*. Troca do prefixo *de-* por *des-*, como em *desmasiado*.

descadear ou *escadear*, quebrar os ramos pequenos a uma arvore.

descaidas ou *escaidas*, escadas. De *escadeas*.

descandôla ou *escandola*, affronta, offensa, injuria.

descontorno ou *escontorno* ou melhor *scontorno*, transtorno. Metathese frequentissima do *s* na preposição *trans*, e troca de *strantorno* (que tambem se ouve) em *escontorno*, talvez sob influencia de *escontra*; *des-* e *es-* oscillão entre si.

descontra ou *escontra*, prep. archaica, de *ex* + *contra*.

desenfeliz, infeliz. O prefixo *des-*, ao contrario da lingua culta, em que conserva a significação original, tem aqui ideia reforçativa.

desmaranhado, sem habilidade, desgeitoso. De *desmaranhar*, que está por *desemmarranhar*, segundo o *Diccionario* de Moraes.

desmarânho, falta de geito, de habilidade. V. *desmaranhado*.

desmasiado, *demasiado*. Vide *desbruchar-se*.

desmasiar se, *demasiar-se*. Vide *desbruchar-se*.

desnôca, *desarranjo*, *deslocação*: substantivo verbal.

desnocar, *deslocar*. Segundo o snr. Leite de Vasconcellos, *Dialect. Interam.*, ix, s. v., de *des* + *locare*.

despassarinhado, *molle*, *effeminado*. De *des* + *passarinhado*, de *passarinho*. Sobre a significação especial do prefixo *des-*, vide *desenfeliz*.

desplecação, *desplecar*, *explicação*, *explicar*. Troca frequente do prefixo *es-* por *des-*.

despôis, depois. Pertence tambem á lingua escrita. De *de* + *ex* + *post*. Sôbre a pronuncia despôs (*despôj*), vide Phon., ditongo *oi*.

destrambalhado, *disparatado*; *desassinado*. Compare-se em Moraes s. v. *trabêlho* a phrase *sem trelho nem trambelho*, igual a outra em uso: *sem geito nem trambelho*, isto é, sem ordem, á tóa ¹.

dêu. Termo usado na phrase: *de dêu em dêu*, synonyma de *de mão em mão*, *d'aquí para allí*.

diânho ou *diâno* e *diacho*, diabo. Nestas palavras pôde admittir-se que influíu o escrupulo religioso, para se evitar, com mudança de terminação, o emprego do termo proprio.

dômêna ou *dômina*, andaina, fato completo.

dôsa, dose. A mudança do *e* por *a* é, a meu ver, devida ao genero da palavra, pois tambem já ouvi *crisa* por *crise*.

êjêtar, engeitar. O latim *ējectare*. Sobre *ect*=*eit* cfr. *pectu*, *filictu*, que derão respectivamente *pêto* ou *peito* e *afeito* ou *afêto*.

embanar, *abandar* ou *avanar*. Talvez de *âbanar* ou *anbanar*. Vide Phon. vogaes nasaes: *â*.

emblôitado, gordo, atarracado e mal feito. De *blôito*.

¹ Todos estes vocabulos com o prefixo *des-* tambem se usão com o prefixo *es-*.

emborcar (além da significação usual), causar a morte a alguém.
embude, epitheto injurioso que se dá a quem nos incommoda. Talvez de *ambude* (archaico), que Moraes diz significar *ferrolho*, *aldraba*, ou o proprio *embude* (*funi*l).

empānatriz, imperatriz.

empardalados (olhos), que não vêem bem, como os de pessoa estremunhado. De *pardal*.

empedêma, epidemia. De *epidêmia*, com deslocação do accentto.

empedôtra, tropêço, impendiculo.

empontar, mandar embora.

empôsto, exposto, engeitado. De *imposto* (= *posto*).

emprençado, ufano, ancho, vaidoso: ex. *está muito emprençado com isto ou aquillo*. A meu ver, de *apregado*, com nasalamento do *a* ou troca d'este prefixo por *in* (compõe se: *embunar*, *empontar*, *enjoe-lhar*, etc.) e depois influencia do *em* inicial sobre o *e* de *pre*, como em *adem* de *ãade*, *ontem* de *onte*, etc. Vide Cornu, *Die ply. Sprache*, § 151.

empunir, impellir, deitar fóra.

encabocar se, equivocar-se. Nasalamento frequente, como se tem visto, da vogal inicial não protegida, e troca do *e* surdo (*i*) por *a* (Vide Phon., vogaes oraes: *e* do *v* em *b*).

encarantonhado, mal encarado. De *carantonha*.

encetado, gretado, fendido: ex: *olhos*, *beijos encetados*.

enchourigar-se, amuar-se, atufar-se.

enclárear, clarear (v. g. o dia).

encolco, incognito. Comp. *acolco* (*acolyto*) e *atolco* (*atonito*).

encolmia, economia. Troca do *n* por *l* (dissimulação) e quêda da vogal postomia.

encolmezar, economisar. Vide *encolmia*.

encompanhar, acompanhar. De *âcompanhar*, ou de *companha* + prefixo *-in*.

encordoar (belgas), dispôr em renques parallelos. De *cordão* (= archaico *cordon*).

encórestia, eucharistia. De *écarestia* (Vide Phon. dit. *eu*) com troca do *a* por *o*.

encómado, incommodo (que, além das significações apontadas nos dictionarios, tem tambem a de menstuo: ex: *está com o encomado*). Vide Phon.: vogaes oraes e nasaes.

encrenque pessoa (principalmente criança) que se estima muito.

encultor, agricultor.

encultura, agricultura. V. *encultor*.

encurtadoiro, o caminho mais curto para ir a um logar. De *en-curtar* + suf. *-doiro* ou *-douro*.

Endeviges. Idewiges.

enfrascar, tomar tédio a qualquer coisa, enjoar.

engalhotar, enxovalhar, desarranjar.

engatado, que se não desenvolve, rachitico (fal. de criança).

engiva, gengiva. Quéda do *g* inicial por dissimilação.

engnação, ódio, animadversão. De *ingnação*, de *indignação*, em que o grupo *d'g* foi reduzido a *g*.

engófar-se, envolver-se em muita roupa por causa do frio.

engrázar (a panella), engordurá-la.

engrazular, enganar. armar logro a alguém.

engreto, a, ingrato. Comp. *matrêca*, *matrêcula*, *barrêca*, etc.

engrolar. Vide *engrazular*.

engual, igual. O já notado nasalamento da vogal inicial não protegida.

engualdade, igualdade. V. *engual*.

engüento, unguento. Dissimilação: *u... u* > *e... u*, como em *feturo*, *estepor*, etc. Vide Phon. vogaes oraes: *o* (surdo).

enjoelhar, ajoelhar.

enlocar, sujar.

ennuviar, cobrir-se (o ceo) de nuvens.

ensampar, enfeitiçar.

enté, até. Talvez de *anté*¹, em virtude do já notado nasalamento da vogal inicial não protegida. O snr. Leite de Vasconcellos (*Dial. extremenhus*, pag. 16, nota) diz que, a ser exacta a explicação de Diez, *Gramm.* II, 451, i. e. a proveniencia do *té*, *até* (arch. *atem*) do lat. *tenus*, *enté* deve vir de *in tenus* > **intene* (cfr. *Phil. mir.* I, 446).

entopêa, centopeia.

entrementes (arch.), entretanto.

entretemento, passatempo, diversão. De *entreter* + suffixo *-mento*.

entretenga. Vide *entretemento*.

entrôsa, roda dentada de moinho.

entrólhos ou *antrólhos*, antolhos. Epenthese do *r*, ou melhor, troca do prefixo *ante-* por *entre-*.

enviar, desejar muito.

envinagrado, irritado, azedo como *vinagre*.

envolta, curva numa estrada.

enzálmo, farrapo, trapo.

enzamboado, azamboado.

enzâme, exame.

enzestâ, indigestão, — por **engestâ*.

Enzidro, Isidro.

enzonêro, usurario. De *onzonero* (que tambem se diz e está por *onzoneiro*), por dissimilação: *o... o* = *e... o*.

enzovalhar (alem das significações usuaes), enxotar.

enzovalho, enxoval. Influencia de *enzovalho*, subs. derivado do verbo *enzovalhar*. Para *enzoval* dá o Diccionario do snr. Coelho como etymon o lat. *exuviae*, que não satisfaz; a meu ver, deve-se admittir um

¹ Segundo o snr. Leite de Vasconcellos (*Dial. extr.* pag. 16, nota), existe no Peral a forma *anté*.

derivado d'aquella palavra, talvez **exuviale*, tornado em **exuvale* pela absorpção do *i* pelo *a*. Compare-se o latim *principalis* (de *principium*) e *principalis* (de *princeps*), forma que supplantou aquella, para o que contribuiu certamente a identidade de significação: «primitivo», «originario» e depois «primeiro», «principal». Vide *Dic. latino-francês* de Theil s. v. Mas Cornu, in *Dic. portg. Sprache* § 145, diz provir *enxoval* (em esp. *ajuar*) do arabe *ax-xuár*.

erro, o lado (direito ou esquerdo) no qual o homem ou animal costuma trabalhar. E assim diz-se de um boi, por exemplo, que puseram á direita do arado, devendo ter sido collocado no lado opposto, — que lavra *escontra erro*. Por esta razão têm estes animaes uma das pontas furada na extremidade, afim-de, por meio d'uma correia, elles se poderem jungir um ao outro.

ervaçum, logar coberto de muita erva. Do adjectivo latino *herbaceus* + suf. *-umen*, i. e. **herbaciumen*, *hervaçume*, *hervaçum* ou *ervaçum*. Confer *cheirum*, etc. Este mesmo sufixo, com a significação de grande quantidade, entra noutras palavras, como *hòmmum*, *mullherum*. Vide snr.^a D. Carolina Michaelis de Vasconcellos, *Frag. Etymologicos*, s. v. *farum*.

esbarrunto, grande quantidade ou porção de qualquer coisa.

esborretear, sujar muito.

escade, ¹ cada uma das partes de que se compõe um cacho d'uvas; e tambem *escada*.

escadear. V. *descadear*.

escuida, *escada*. De **escadea*.

escalavardar, *escalavrar*.

escalêto, esqueleto. Vide Phon., vogaes braes: *e*.

escalfamento, esfalfamento. De *escalfar*, cansar, esfalfar.

escampado (pron. *xcampado*), descampado, logar ermo, solitario.

escarar-se, embebedar-se. Troca frequente do prefixo *des-* por *es-*.

escuração, bebedeira. Do verbo *escurar*.

escarado, bebedo.

escarapão, epitheto que se costuma dar a uma pessoa arisca, irritable. A meu vêr, de *escorpião*, com suarabaeti do *a*.

escalmorrar, perseguir, espantar, irritar.

escaparâte, especie de copeira, geralmente constituida por quatro taboas em fôrma de rectangulo, com outras collocadas de través e obliquamente, — traste muito usado pela gente pobre para nelle guardar pratos, etc.

escandola. V. *descandola*.

escoigado, fulto de... em razão da muita procura. De *escaceado*.

escontorno. V. *descontorno*.

escontra. Vide *descontra*.

escorrente, *escorreito*. Influencia de *escorver*.

¹ Tambem *escaide*. V. *escuida*.

escramalhar, dispersar.

escramontar, afugentar, espantar (geralmente fal. de gado).

escrapanento, agreste, aspero.

escrapanoso. V. *escrapanento*.

escravêlha, caravêlha. De *clavicula*, sob influencia do vocabulo *escaravelho*.

esfallecido, falto d'animo, muito cansado. Troca do prefixo *des-* por *es-*.

esgarrão, aguaceiro forte, grande batega d'agua.

esgateur, agatanhar.

esgazeado, limpo de nuvens (o céu).

esgraca (pron. *jgraca*), *desgraca*. Troca frequente do pref. *des-* por *es-*. Vide Morphologia: *Formação de palavras*.

esgragado (pron. *jgragado*), *desgragado*. Vide *esgraca*.

esgragado, *a*, (pron. *jgragado*), descomposto, com o peito descomposto, com o peito descoberto. De *des* + *gargalado* de *gargalo*.

esgrime, puro, simples.

esmaravallar, espalhar pela terra as cinzas das moreias, antes da sementeira. De *maravilha*.

esmastreado, desmastreado. No fig.: fraco. Vide Morph. e etymologia ou formação das palavras, e compare-se *esfallecido*, *escarado*.

esnocar. Vide *desnocar*.

espensôiro, suspensorio. De *suspensorio* com quêda do *s* inicial por dissimilação. Comp. *estefazer* (pron. *stefazer*) e Vide Leite de Vasconcellos, *Dial. Interam.*, IV s. v. *stifazer*, idem VII, pag. 31, idem III, pag. 9, n.º 8.

esperdigado, espavorido, medroso. De *perdigoto*.

espetôla, pistola. Methathese do *s*, talvez sob a influencia de *espetar* ou *espitar*, *espetar* (de *espeto* do germ. *spit*). Vide Körting, *Latteinisch-romanisches Wörterbuch*, 2.ª edição, n.º 8:960).

espragana, *pragana*. Infl. de *espiga*.

espírito, espirito. A palavra *espirito*, pela deslocação do accento, de *proparoxytona* passou a *paroxytona*, e d'ahi resultou a quêda da vogal pretonica, para formar o grupo *pr*. Tambem se ouve dizer varias vezes *espirto*.

esquilha, chocallinho que os burros e outros animaes trazem ao pescoço, pouco mais ou menos como o *tintinnabulum* dos Romanos. Vide Rich, *Dictionnaire des antiquités grecques et romaines*, s. v. Do antigo alto allemão *skëlla*. Vide Körting, *ob. cit.*, n.º 8:778. *Squila*, directo representante de *skëlla*, que Leite de Vasconcellos cita nos seus *Dialectos algarvios* (linguagem de Cabanas de Tavira), ainda aqui não o ouvi.

estãica, distancia, e tambem a taboa em que os pedreiros têm a argamassa. Sobre a primeira fórma, vide *esmastreado*; quanto á segunda, vide Phon., dit. *ia*.

estancar, deixar de correr. *Estancar*, pela quêda do *s* impuro (comp. *tá*, *táva*, *tive*, etc. e *pêra* por *está*, *estava*, *estive*, etc. e *espera*),

deu *tancar*, que é o termo mais usado. Derivados de *estancar* e *tancar* são *estanque* e *tanque* (que o povo pronuncia *tâique*, como *sâique*, etc., pela atracção do *e* pela vogal tónica).

estâmo ou *estambo*, estomago. Cfr. no Norte do reino: *estâmago*.
esterbuc ou *esterbucue*, escorbuto. Metatheses do *c* e *t*.

Estêvo, *Estevão*. Vide Phon., dit. *ão*.

estinhar. Moraes e Coelho dão como significação para este verbo: *recolher o segundo mel que as abelhas fazem*; Cornu, sem duvida, baseado nesta significação, dá-lhe como etymon *extenuare*. Não se conhece aqui o termo, pelo menos não me derão noticia delle as pessoas que interroguei a tal respeito, mas referiram-me uma operação de tirar aos cortiços certo verme a que chamão *tinha*, com o fim de os preservar da destruição. Mesmo a colheita do mel (*a crêsta*) é geralmente uma em cada anno; só muito excepcionalmente se faz uma segunda.

estortegão, *estortegadura*. De *estortegar* que, a meu ver, deve ser evolução de **extorticare*, de *extortus*, part. de *extorqueo*.

estrállo, *estalo* e em giria *bofetada*. Epenthe-se frequente de *r*.

estramontar, o mesmo que *escramontar*.

estrantornar, *transtornar*. Metathese do *s* como em *estrapôr* por *transpôr*.

estrantorno. V. *descontorno*.

estrapôr, *transpor*. V. *descontorno*.

estrebuir, *distribuir*. V. *descontorno*. No ind. *estrebóem*.

estrompida, ruído principalmente com os pés. De *estrupida*.

estronca, quatro pequenas traves que adherem á ponte e frechal d'um moinho de vento.

estróvo, *estorvo*. Subs. verbal de *estovar*, *estorvar*, que deve vir do lat. *exturbare*. Comp. o italiano *sturbare* e o sardiniense *isdrobbare*. Vide Körting, *ob. cit.*, s. v.

Estrudes, *Gertrudes*. De *Gestrudes* (que tambem se diz) e depois *quêda* do *g* (*j*).

esturme, *estrume*. Metathese frequente do *r*.

esverdear, separar nas esteiras o figo maduro do pinere; tirar o verde da uva colhida para o lagar. De *verde* (N. B. *es-* na pronuncia sôa *x*).

êva, *eiva*. Acêrca da origem da palavra, vide Körting, *ob. cit.*, n.º 5354.

facêl, *facil*. Comp. *havêl*.

falludo, diz-se do fructo que não chegou á maturação, como por exemplo, a *amendoa*; e tambem se diz do *fallho* de juizo.

fallocar, *fallar* muito. Suff. *-ocar*, como em *beijocar*, etc.

fameláge, *familia*, geralmente em sentido pejorativo. De *famãla* + suff. *-age* ou *-agem*.

famila, *familia*. V. Phon., ditongo *ia*.

fandelga, sem importancia, sem conceito, desprezível (pessoa).

fanquelim, *fragil*, *fraco*.

faróz, feroz. Vide Phon., *vogaes oraes, e.*

farnesim, frenesi. Metathese frequente do *r*, e troca do *e* por *a* sob a influencia d'esta consoante. Quanto á nazalisação do *i* final, compare-se o arch. *si*, hoje *sim*, lat. *sic*.

farrôba, alfarroba. Falta do artigo arabe *al*. Comp. *çotea*.

farrobêra, alfarrobeira. V. *farrôba*.

farrobento, de sabor um tanto aspero, como a alfarroba verde.

fartôte, fartura. De *farto* + suffixo *-ôte*.

farum, mau gosto. sabor desagradavel. De * *ferumen*, segundo a snr.^a D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos. V. *Fragments etymologiques in Revista Lusitana*, III, pag. 165.

febrêro, fevereiro.

femiscadinho, debil, magra, de poucas carnes (fal. de pessoa).

fetada, bofetada.

fêto ou fêdôto, fétido. Provém a primeira forma, a meu ver, de *fêdto*, por assimilação; na segunda deu-se a metathese do *d* e *t*.

filhote, natural, oriundo de. De filho mais suffixo *-ote*. Comp. *amigalhoto*, etc.

fin. Este sub. é geralmente do genero fem., como tambem se encontra em Gil Vicente e já o era em Cicero. (cfr. *Dic. latino-fr.* de Theil. e Madvig, *Gram. latina*, trad. do snr. Epiphânio Dias, pag. 32).

finjar, dar.

flâno, fulano. De * *felâno* pela queda da vogal pretonica, motivada pela tendencia para a formação do grupo *fl*.

fogárêlla, fogueira. Um derivado de *focus*, como * *focarella*.

foliá, nome porque é conhecida uma dança em uso nas festas do Espirito Santo (em Búdens).

fórfo, phosphoro. De *fófro*. Vide Leite de Vasconcellos, *Dial. Extremenhos*, s. v. *fórfe*.

fragante, flagrante. De * *fragrante*, caindo depois o segundo *r* (dissimilação). Usa-se como subst. na accepção de occasião, instante proprio, preciso.

Fráisa, Eufrasia. De *Efraisa* (Vide Phon., ditongo *eu*), com queda da vogal inicial. Confer *Naiça, Mila (Ignacia, Emilia)*.

fränella, flanella.

Frêtes, hoje Freitas. O appellido *Fretes* é antigo; assim o tenho visto em documentos mais ou menos antigos e estava na lousa tumular do celebre navegador Lançarote de Freitas.

fregementa, cebola, azeite etc., que se frege para fazer qualquer guisado.

*frosque*¹, phosphoro. De * *frosfo* com troca da syllaba *-fo* por *-que*.

fumacêra, grande quantidade de fumo. De *fumaça* + suff. *-eira*.

fumêro, o armazem onde o figo passado, em monte, é escolhido, antes de o metterem em ceiras ou caixotes.

¹ Tambem *fósque*.

- furta, fruta.* Metathese do *r*.
galupo, grupo. Troca do *r* por *l* e *snarabacti* de *a*.
ganãica, ganancia.
ganapé, canapé.
garapau, carapau.
gargal, gargalo.
garépe, especie de caixote para transporte de loiça. *Dar*—(a espingarda), errar fogo.
garnento. V. *garrento*.
garrêa, guerreia (sub-derivado de *guerrear*), lucta. Vide Phon. vogaes oraes: *e*.
garreão, o que é dado a brigas, luctas. Vide *garrêa*.
garrear, guerrear, brigar, lutar. V. *garrêa*.
garrento, coberto de *garro*. A par de *garrento* ha tambem *garmento*. Compare-se *madorna* e *madornento*, de *modorra* e *modorrento*.
garro, sarro.
garrêcho, arrocho. *Pender para o lado do* —, tomar as coisas á má parte, ter genio de contradicção.
gaspáxo (e tambem *gaspaço*). V. *algeramolho*.
gatilho. *Dar ao* — (no fig.), morrer.
gavellano, pessoa indeterminada, como *beltão, fulão* e *secreão*.
gazetêro, caricioso, que gosta de fazer festas ao dono (animal v. g. cão).
geita, emenda, remendo. De *jacta*.
gèstra, giesta. Absorção do *i* pelo *g* e epenthese do *r*.
gèstrera, giesteira. V. *gèstra*.
golada, gole, trago.
gemer, rever, gotejar (fal. de liquidos, principalmente agua, que coa através um corpo poroso).
gnôico, gnociante, negocio, negociante. Metathese do *g*.
gometar, vomitar. V. *gómato*.
gómato, vomito. Vide Leite de Vasconcellos, *Dial. interam.*, ix s. v. *gómato*.
gorir, não se desenvolver, estar enfezado (fal. de uma planta). De *guarir*. Vide Phon., dit. *ua*.
gorita, guarita. Vide *gorir*.
gornir, grunhir. Metathese do *r*. Comp. *danino, malino*, etc.
gorsôr, grossura. De *grossor*. Vide. Leite de Vasconcellos, *Dial. interam.*, viii, s. v. *grossor*.
gragomilho, gorgomilo. Metathese frequente do *r* e troca do *o* por *a*. Vide Phon., vogaes oraes: *o*.

(Continua).

JOSÉ JOAQUIM NUNES.

ARREMESSOS SYMBOLICOS

NA POESIA POPULAR PORTUGUESA

No *Annuaire* da Escola Prática dos Estudos Superiores de Paris, correspondente a 1902. Paris 1901, p. 5 sgg., publicou o sr. Henri Gaidoz, professor de celtico naquella Escola, um artigo intitulado *La réquisition d'amour et le symbolisme de la pomme*¹, onde, partindo de uma lenda contida num manuscrito irlandês do sec. XI, o *Lebar na h-Uidhre*,—segundo a qual uma fada atira com uma maçã ao príncipe Condla,—e, discutindo as várias traducções que do texto da referida lenda se tem feito², elle estabelece que o arremêso em tal caso, e em casos analogos que o mesmo A. estuda nas tradições de diferentes povos, desde a Grecia antiga até o Tahiti, é não sómente sinal, mas mensagem de amor. A pessoa que atira com o fruto é geralmente uma mulher; mas é tambem em alguns casos um homem. Assim se explica o conhecido verso de Vergilio, nas *Eglogas*, III, 63:

Malo me Galatea petit, lasciva puella...

que o sr. Gaidoz igualmente cita. Este sinal e mensagem foram na origem naturalissimos, pois que constituíam «une façon d'attirer l'attention et de se faire remarquer»; com o tempo, porém, tornaram-se symbolicos.

Diz o sr. Gaidoz, a p. 11: «Comme nous ne traitons pas du folklore de la pomme en Irlande, nous croyons inutile de parler des contes irlandais, anciens et modernes, où il est question des pommes qui chantent, d'une pomme qui roule d'elle-même pour indiquer le chemin, ni des pommes du jardin des Hespérides, importées en Irlande par la littérature, et dont on disait aussi qu'elles ne diminueraient quoi qu'on pût en manger jusqu'à la fin du monde, ni de l'emploi

¹ A este artigo se fizeram algumas criticas: na *Revue Archéologique*, 3.ª serie, t. XL, p. 130 (Salomon Reinach); na *Revue Celtique*, t. XXIII, p. 90 (D'Arbois de Jubainville).

² Depois do apparecimento do trabalho do Sr. Gaidoz publicou-se o livro do Sr. Thurneysen intitulado *Sagen aus dem alten Irland*, Berlim 1901, onde, a p. 73, vem nova traducção da lenda irlandesa de que se trata.

actuel des pommes dans les jeux et amusements populaires des paysans irlandais». Mais longe, a p. 28, accresceenta que, por falta de espaço, se viu obrigado a «laisser de côté la signification amoureuse de la pomme dans le *folk-lore* contemporain, la divination par la pomme ou par sa pelure ou par ses pépins, que les jeunes filles pratiquent pour savoir si elles seront aimées et si elles trouveront um mari; la demande symbolique de mariage par les pommes (acceptées ou refusées), l'emploi de pommes dans les rites et réjouissances des neces». E continúa, na mesma pagina: «Je ne parlerai pas davantage des pommes (pommes d'or, ordinairement) dans les contes populaires, quoique les princesses y choisissent un mari en lançant ou donnant une pomme d'or au prétendant préféré, ni dans les chansons d'amour, ni dans les rimes et jeux de l'enfance. Comme il ne fant pas chercher là de précision botanique, la pomme y est plus d'une fois confondue avec l'orange (ou avec le coing); car cela ne change rien à l'intérêt et à la poésie des récits ou des scènes d'amour».

Este symbolismo encontra-se também nas nossas tradições populares, ondê, no entanto, conforme o que tenho notado, quem faz o arremesso, ou é só um homem, ou um homem e uma mulher reciprocamente, e onde o objecto arremessado é tanto uma maçã, o que apenas observei duas vezes nos exemplos que colhi, como outros frutos, e mesmo uma flor, uma pedra, uma *bala de ouro*, etc. Vou aqui citar a proposito algumas cantigas colligidas da boca do povo, já directamente por mim, já por amigos meus; citarei além d'isso dois romances.

«Umaz vezes o namorado atira com uma azeitona á namorada que está á janella ou na varanda; outras vezes arremessa, não propriamente á menina, mas á janella, uma azeitona, uma laranja ou um limão: o metro, o gosto e outras condições determinam assim a natureza do objecto arremessado. Frequentissimo é nas nossas canções o dizer-se que se atira, ou deita correndo pelo chão, um limão que vae parar á porta do bem querido, como nos contos irlandeses, conforme se leu acima, a maçã que por si mesma indica o caminho. Em virtude da tendencia que o povo tem para variar themas poeticos primitivos ou vasar nos mesmos moldes metricos ideias diferentes, ha muitas cantigas que, sem exprimirem nitidamente o symbolo do arremesso, se relacionam com elle.

Temos, pois, nos casos em que quem arremessa é um homem, quatro grupos de cantigas: arremessar um objecto á menina; arremessar á janella em que ella está; arremessar ou deitar correndo um limão; arremessar mais ou menos vagamente uma laranja, um limão, uma azeitona ou uma maçã, e fixar o pensamento ou soltar um ai.

Considerarei primeiro esses casos, e depois aquelles em que figura um homem e uma mulher a atirarem um ao outro.

Circumscrevo-me á poesia popular, e deixo de parte os factos analogos aos que o sr. Gaidoz ha pouco apontou: maçãs d'ouro nos contos, etc.

I. E' o homem quem faz o arremêso. Seguem-se os exemplos :

A Arremessar um objecto (frutos, pedras) á menina :

1.

Atirei c'uma azeitona
A' menina da janella :
A azeitona cahiu dentro,
A menina, quem na dera !

2.

Atirei c'uma azeitona
A' menina da varanda :
A azeitona cahiu dentro,
A menina, já cá anda !

3.

Atiraste-me c'um cravo,
Com cinco folhas me friste :
Viste correr o meu sangue.
Ingrato, e não me acudiste !

4.

Não me atireis com pedrinhas
Que estou a lavar a louça :
Atirae-me ao coração,
Onde a minha mãe não ouça.

5.

Atiraste-me pedrinhas
Ao ferro da minha saia :
Pensavas que eu era filha
D'algum garoto da Maia !

6.

Não me atires com pedrinhas
A' barra da minha saia :
Atira-me com beijinhos
A' face da minha cara.

7.

Não m'arremesses pedrinhas
Ao galão do meu saiôto,
Que meu pae não me criou
Para garotos do Porto.

8.

Não me atires com pedrinhas
A' panella do cerol :
Atira-me com beijinhos...
Stou a remendar ao sol.

9.

Da janella da cidreira
M'atiraram c'uma cidra :
S'o cantar fizer perder,
Toda a moça está perdida !

10.

Atiraste ao meu peito
C'uma laranja redonda ;
Vós comigo não casaes...
Para mangação já bonda !

11.

Num romance :

Metten a mão [a] el bolsillo,
Maças d'ouro lh'atirava... ¹

¹ Estes versos pertencem a um importante romance do Cid, que ouvi e copiei em Tras-os-Montes. E' o que vem em Gil Vicente, *Obras*, III, 270. Cfr. Th. Braga, *Romanceiro geral*, p. 93, e *Cant. do archipelag.*, p. 314; Azevedo, *Rom. da Madeira*, p. 204; Duran, *Roman. gener.*, I, 545; Wolf & Hoffmann, *Primavera*, n.º 55; e principalmente D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos, *Romanzenstudien*, I, (separata da *Zs. f. rom. Philol.*, XVI).

B. Arremessar á janella:

a) *Uma laranja:*

12.

Atirei c'uma laranja
A' janella do morgado:
Acertei á morgadinha,
Ai de mim, que estou culpado!

13.

Atirei c'uma laranja
A' janella do meu bem:
Ai Jesus, que fui fazer?
Amar sem saber a quem.

b) *Uma azeitona, um limão, ou uma bala:*

14.

Atirei c'uma azeitona
A' janella do morgado:
Acertei na morgadia (sic),
Ai de mim, que estou culpado! ¹

15.

Atirei c'um limão doce
A's janellas de Guiomar:
Ai Jesus, que lá matei
Aquella pomba real!

16.

Atirei com balas de oiro
A' janella do morgado:
Acertei na morgadinha,
Ai Jesus, que sou culpado! ²

C. Arremessar ou deitar correndo um limão:

17.

Atirei co'o limão verde,
A' tua porta parou:
Quando o limão tem amores,
Que fará quem nell' pegou!

18.

Atirei co'o limão verde,
A' tua porta parou:
Quando o limão te quer bem,
Que fará quem o deitou!

19.

Atirei co'o limão verde,
A' tua porta foi rodando:
Elle te foi avisar
De que eu te estava esperando.

20.

Deitei o limão correndo,
A' tua porta parou:
Quando o limão toma amores,
Que fará quem o deitou!

21.

Deitei o limão correndo,
A' tua porta parou:
Olha a graça do limão...
Parece que adivinhou!

22.

Deitei o limão correndo,
A' tua porta parou:
Verde foi e verde vem...
Ai falso, que me enganou!

¹ Variante do n.º 12. Não a pus a seguir, porque o que se arremessa não é laranja.

² Variante dos n.ºs 12 e 14.

D. Arremessar ou deitar correndo vagamente um objecto, e fixar o pensamento ou soltar um ai:

a) *Uma laranja:*

23.

Botei a laranja ao ar,
Cahiú no chão, fez um i:
Ande lá por onde andar,
Nunca me esqueço de ti.

25.

Atirei co'a laranja ao ar,
Co'a laranja ao ar, cahiú n'areia¹:
Com a vista dos teus olhos,
Quem tem juízo vareia².

27.

Atirei c'uma laranja
Pelo val de Chaves fóra:
A laranja ficou dentro,
Eu de Chaves vou-me embora.

b) *Um limão:*

29.

Deitei o limão correndo
Lá pelo adro da Sé:
Amores que eu não pretendo
Deito-os p'rá banda c'o pé.

31.

Deitei o limão correndo
A' roda do verde v'llado,
P'ra o meu amor entender
Que eu ando desconfiado.

24.

Botei a laranja ao ar,
Lá do ar ao chão cahiú:
Quis fallar ao meu amor,
Minha mãe não consentiu.

26.

Atirei co'a laranja ao ar,
Atirei, e não quis subir:
Quem tem amores com Anna
Vae ao ceu e torna a vir.

28.

Atirei c'uma laranja
A's muralhas de Arzil³:
Quem por mim perdia o somno
Já pôde agora dormir.

30.

Deitei o limão correndo,
Correndo foi ao Brasil:
Quem por mim perdia o somno
Já pôde agora dormir.

32.

Deitei o limão correndo
Da praça ao pelourinho:
Quanto mais o limão corre
Mais te eu quero, meu bemzinho!

¹ Este verso tem syllabas demasiadas, mas assim o ouvi a mais de uma pessoa. Talvez deva ser: *Atirei, cahiú n'areia*. A repetição resulta do canto.

² = *varia*. Na lingua pop. confundem-se na flexão (como ás vezes na lingua culta) certos verbos em -iar e -var.

³ *Arzil* parece ser alteração de *Arzila*, praça do N. de Africa, que foi nossa. E' curioso que no Alentejo exista um casal, no concelho de Ourique, com o nome de *Arzil*. A cantiga foi colhida no Alentejo. — Variante d'esta, tambem com um nome geographico, é a seguinte, da Beira-Baixa:

Atirei c'uma azeitona
D'alem do mar ao Brasil:

Quem por mim perdia o somno,
Agora pôde dormir.

Aqui *Arzil* e *Brasil* são palavras pedidas meramente pela rima. Admittida certa fórma rhythmica ou certo thema, o povo varia isso indefinidamente; themas e fórmas cruzam-se pois a cada passo, em diversos sentidos.

33.

Deitei um limão correndo,
Correndo foi á botica;
Anda agora muito em moda:
Quem é tolo, asno se fica.

c) *Uma azeitona:*

35.

Atirei c'uma azeitona
A's meninas de Castella:
Matei uma castelhana
Que estava de centinella.

d) *Um lirio:*

37.

Atirei c'um lirio ao ceu
E cahiu-me um cravo aberto:
Cada qual é p'ra o que nasce...
Não ha dietado mais certo.

e) *O verde, o pensamento, um ai:*

39.

Atirei co'o verde ao verde,
Atirei co'o verde ao mar:
Atirei co'o pensamento
Onde não pude chegar.

f) *Uma maçã:*

41.

Atirei c'uma maçã d'oiro ¹
Ao castello de Palmella:
Matei uma Palmelloa
Que estava de centinella ².

II. Juntarei agora os exemplos em que figuram dois personagens:

42.

Atiraste-me, atirei-vos,
Encontraram-se as pedradas:
São pedradinhas d'amores...
Venham mais amindadas!

43.

Atirei, tu atirastes,
Ajuntaram-se as pedrinhas:
Quando se as pedras ajuntam,
Que farão nossas fallinhas!

¹ Esta cantiga foi-me enviada ms.; na copia lê-se *maça d'oiro*, mas creio que deve ser *maçã d'oiro*. Em todo o caso é do meu dever assignalar isto. No primeiro verso a expressão *c'uma* deve soar *c'ua*, que se conta por uma só syllaba.— Da ideia de *atirar* originou-se a de *castello* neste verso, como a de *muralhas* no v. 36. Foi assim equiparado um ataque d'amor a um ataque guerreiro.

² O adjectivo patrio derivado de Palmella é *palmellão*, no fem. *palmeirão*. Cfr. *vento palmellão*.

44.

Num romance:

Atirava-se um ao outro
Com pedrinhas de crystal.

*

Proveniencia geographica das cantigas e romances:

Entre-Douro-e-Minho: 2, 5, 7, 9, 14, 15, 17, 27 e 34.

Extremadura transtagana: 41.

Tras-os-Montes: 10, 11, 25, 42, 43 e 44.

Beira: 1, 4, 12, 26 e 39.

Alemtejo: 3, 6, 8, 16, 18 a 22, 28 a 33, 35 a 38 e 40.

As cantigas 13, 22 e 24 provêm de localidades indeterminadas.

Claro está que uma cantiga que foi colhida em certa localidade não é só d'ella; mas convém, sempre que seja possível ou facil, indicar as proveniencias, porque podem d'esse modo apreciar-se diversas particularidades, com relação ao sentido, á linguagem, etc.: assim nas cantigas de Elvas, que é praça de guerra, ha frequentes allusões á vida militar. As cantigas 5, 6, 7 e 8 foram já publicadas nos *Cantos pop. port.* de A. Thomás Pires, vol. 1 (1902), p. 371-372, d'onde as extrahi. A cantiga 43 foi copiada da *Gazeta de Bragança* de 19 de Fevereiro de 1902, n.º 357, d'um artigo do Rev. Tavares Teixeira, intitulado «Folklore trasmontano». O romance de que cito dois versos sob o n.º 44 é de Tras-os-Montes, e vem por inteiro no meu *Romanceiro português*, Lisboa 1886, pag. 16.

*

* *

Do que fica exposto se vê que factos, que na apparencia estão desconnexos e tem aspecto extravagante, se podem classificar methodicamente e explicar segundo uma ideia nitida fundamental, que, em virtude das condições psychologicas do povo, depois se modifica pouco a pouco, até ficar por fim totalmente desfigurada.

Isto que digo a respeito de um grupo de cantigas que se cantam indifferentemente nos serões, nas romarias, nos trabalhos do campo, tem applicação a todos os ramos do *folk-lore*. E' por tal motivo que estes estudos gozam de tanta importancia em todos os paises civilizados.

J. LEITE DE VASCONCELLOS.

LINGUAGENS FRONTEIRIÇAS

DE PORTUGAL E HESPAÑHA

Percorrendo-se as fronteiras portuguesas, tanto a oriental como a septentrional, descobrem-se do lado de cá certos fallares que participam dos caracteres hespanhoes ou gallegos, conforme as regiões, e do lado de lá outros fallares que participam dos caracteres portugueses, ou pertencem mesmo totalmente ao dominio linguistico de Portugal.

No concelho de BARRANCOS, que constitue o extremo mais oriental do Alentejo, e penetra na Hespanha, ha uma linguagem muito particular, em que o português e o hespanhol se encontram um com o outro, e cujo estudo summário fiz na minha *Esquisse d'une dialectologie portugaise*, Paris 1901, p. 151-153. Ao Norte d'este concelho, em OLIVENÇA, já em terras de Hespanha, falla-se uma variedade do português-alentejano, como mostrei na *Revista Lusitana*, II, 347-349. Em ALAMEDILLA, aldeia hespanhola da provincia de Salamanca, a umas duas legoas do nosso Villar-Formoso (Beira-Baixa), e portanto ainda junto da fronteira oriental, consta-me que se falla português, — pelo que os hespanhoes chamam *mestizos* aos habitantes de lá. Ao Norte, na Beira-Baixa, e não longe de Villar-Formoso, demora na linha raiana VAL-DE-LA-MULA, que no *la* do seu nome revela um character da grammatica hespanhola, o que dá a entender que ahí se fallou hespanhol em algum tempo, embora hoje, segundo penso, lá se falle português. Na fronteira oriental da provincia de Tras-os-Montes temos o SENDINÊS, o MIRANDÊS e o GUADRAMILÊS, idiomas intermedios entre português e asturicò-leonês, sobre os quaes se veja o que escrevi nos *Estudos de philologia mirandesa*, II, 43-77 e 337-340, e na *Esquisse d'une dialectologie*, p. 198-202.

Passemos agora á fronteira septentrional. Lá encontramos, no concelho de Bragança, o RIONORÊS, que está nas mesmas circumstancias que os tres idiomas precedentemente mencionados, e ao qual tambem me refiro nos citados *Estudos* e *Esquisse*. Vizinho do concelho de Bragança, mas na provincia hespanhola de Camora, fica o povo de ERMISENDE, cujos habitantes fallam uma variedade do português-trasmontano. Em LOBIOS, no Sul da Galliza, e em PARADA DO MONTE, no extremo Norte do Minho, ha tambem linguagens que contém phenomenos communs ao português, uma, e phenomenos communs ao gallego, a outra.

D'estas tres ultimas linguagens me vou occupar no presente trabalho. Temos assim: phenomenos gallegos num fallar português; phe-

nomenos portuguezes num fallar gallego; linguagem portuguesa em Camora. Os assuntos relacionam-se pois entre si, e justificam o titulo que eu dou ao trabalho.

A existencia de tantos fallares fronteiriços tem varias causas: assim, em Olivença, o portuguez provém da epocha em que a cidade foi nossa; o mirandês ha todas as razões para crêr que se desenvolveu, num recanto do antigo reino de Leão, parallelamente aos idiomas vizinhos. O contacto de Portugal com a Hespanha, que é bastante intimo em varios pontos da raia, contribue tambem para que entre os respectivos idiomas se produza uma especie de osmose, que, se se manifesta sobretudo em relação ao vocabulario, se estende por vezes, mais ou menos, a toda a grammatica.

*

A rapida indicação que fica feita será talvez novidade para muitos leitores. Não é por ella ser curta, que deixei de passar grandes fadigas para a poder fazer. O que se condensa em uma pagina custa às vezes annos de trabalho: sabem-no todos os que escrevem; mas os que lêem, nem sempre meditam nisso!

Como fui eu o primeiro que assignalei e estudei esses fallares, e tenho sido depois quasi o unico a occupar-me d'elles, relevar-se-me-ha que no que vou dizer eu seja breve. Sempre absorvido por muitos trabalhos, não posso dedicar a cada um o tempo que dedicaria se me occupasse de um só. Em Portugal ha porém tão pouca gente que se consagre a investigações scientificas, que, quando alguém se sente com ânimo para ellas, precisa de dirigir a actividade por mais de um campo, não só para supprir a deficiencia de braços que ali se nota, como porque, para a sequencia methodica do seu estudo, se vê obrigado a obter pelos esforços proprios os resultados que em países de maior adeantamento obteria da conjugação dos esforços de outros investigadores. Fique ao menos conhecida, com relação ao assunto de que se trata, a boa vontade que houve de esclarecer a nossa geographia linguistica.

I

LINGUAGEM DE PARADA DO MONTE

Parada-do-Monte é freguesia do concelho de Melgaço. Em 1875 tinha 180 fogos, segundo o *Portugal antigo e moderno* de Pinho Leal, vi, 455-456, onde se diz que uma das riquezas dos habitantes d'ella são os gados.

Em Agosto de 1902 estive na villa de Melgaço, e, como ali se me proporcionou ensejo de fallar com varias pessoas de Parada, colhi os materiaes que adeante vou estudar.

A. Phonologia.

1. Existem duas espécies de *e*, um aberto e outro fechado, ex. *prégo* e *têbo* «teve». O mesmo succede com relação ao *o*, ex. *próbe* ou *póbze* e *pôço*. Tanto o *e* como o *o* soam como em português; não tem o valor do *e* e o hespanhoes, que ficam respectivamente entre os nossos *é-ê* e *ó ô*. Factos dignos de nota são: *pórco* «porco», que tem o *o* aberto, como o do feminino (*pórea*); *ólhe* «ólhe» (imperativo de *olhar*); *bébê* «bebem»; *anêl* «anel», mas no pl. *anéis*; *dêz* «dez». É frequente dizer-se também em muitos pontos de Portugal, por exemplo na Beira, *pórco*, *óbo*, *óssa*.

2. O *e* é fechado em *-êlho* < l. *-ie'lu-*, por ex. *joêlho*, *orêlha*; em *-cja*, ex. *igrêja*, *sêja*; e em *-enba*, ex. *lênba*, que não pôde rimar com *mantânba*. O *-e* atono alterna com *-i*.

3. O *e* nasal atono é surdo, quer no fim de palavra, quer no interior, ex. *pódê*, *dizê*, *trabalhê*, *mentir* (i. é *mentiry* onde soa como o *e* de *póde*, mas nasal. O primeiro facto é característico da raia; o segundo encontra-se no resto do Minho. Temos, pois, *-ENT* e *-EX* latinos atonos a darem sempre *em*. Phenomenos semelhantes acontecem com *-VNT* e *-ON-*, que dão respectivamente *ũ* (*-un-*, *-am-*), ex. *trabalhârũ*, *dixêrũ*, *forũ*, *mantânba*, o que também se observa no resto do Minho. Lat. *-ANT* atono tornou-se *-ã*: *trabãlhã*, *ândã*, *stãbã*, como em português archaico. Em *sylla* tónica temos: *stã* < *stant*, *cã* < *cane-*, *irmã* < *germana-* e *andarã*, i. é *andarãm* (futuro)¹. O *a* nasal tónico é aberto, ex. *ândã*; o *e* nasal tónico é aberto ou semi-aberto, ex. *tê*, *bintê* (i. é *têm* ou *têm*, e *bintêm* ou *bintêm*), *bênça* ou *bênga*. O *-om* é fechado, ex. *sôm*, *carbôm*, *pôm*, o que estabelece grande diferença com o resto do Minho, onde se diz *-ou* (ditongo); temos pois *-ONE* > *-om*, conservação da forma archaica.

4. O digrapho *-oa* soa *-ôa* e não *-oua*, como em grande parte do país, ex. *bôa*, *Lisbôa*. Em *tio* também ha um digrapho: *ti o*, como na lingua litteraria (em alguns pontos do país diz-se *tão*). O preterito da 3.^a conj. termina do mesmo modo: *mentio*, não *mentiu*.

5. O ditongo *ou* soa *ôu*, como, com mais ou menos intensidade, no resto do Minho e no N. de Tras-os-Montes, ex. *trôuce* ou *trôuxi*, *môuco*, *rôuco*.

6. O *s* distingue-se de *ç*, como em toda a raia do Norte e na beirã, ex. *çinco-seis*, o que, como é sabido, está de accôrdo com a orthographia antiga. O mesmo succede com *f* ou *-s-* (i. é *s* intervocalico) e *z*. — Em *tres chapêus*, o *s* de *tres* distingue-se antes do *ch*, que soa exclusivo (quasi *tx*). — No fim de palavra: *luç* «luz».

B. Morphologia.

7. Na formação do plural dos nomes ha alguns factos interessantes que notar. A palavra *cã* faz no plural *cãs* (segundo a pronúncia

¹ Sem ter elementos para poder formular regras, cito estes exemplos: *coraçã de Maria* (proclise), *amante coração* (pausa); e *nã sinhôr* a par de *nũ sinhôr*.

de uns) e *cans* = *ca-n-s* (segundo a pronúncia de outros), e igualmente *pã* faz *pãs* e *pa-n-s*, *irmã* (que é masc. <germanu- e feminino <germana-, cf. § 3) faz *irmãs* e *irma-n-s*; de *carbôm* só ouvi o pl. *carbons*, i. é *carbo-n-s*. Importa observar que em gallego a palavra *cã*, que soa *cã*, faz no plural, a par de *cás*, também *cans* (i. é *ca-n-s*) e *cãns* (com *n* guttural); na Coruña ouvi frequentemente *mans* (= *ma-n-s*), a par de *más*, como pl. de *man* (que soa *mã*) e *pans* (= *pa-n-s*) como pl. de *pan* (que soa *pã*). — Em Parada o plural de *caracól* é *caracóis*, e o de *unêl* é *unéis* (havendo também *anêles*, porque com *anêl* coexiste *anêli* = *anêle* no sing.). *Ulíbes* «ourives» tanto é singular como plural.

8. Quanto á distincção de generos. temos *abô* no masculino e *abô* no feminino. — como em português. Noto estas palavras, poisque é facil, nas raias, estabelecer-se confusão de uma com a outra: cf. § 1.

9. *Verbos*. — A phonetica imprime aos verbos fórmulas especiaes: 3.^a pl. -ê, -ã, -ũ (§ 3), ex. *dizê*, *cântã*, *dixêrũ*: 3.^a sing. -ê (= -ém) em *tê*. Os factos mais dignos de nota na conjugação são os seguintes: os preteritos fortes terminam em -o na 3.^a sing., nas mesmas condições em que assim terminam em gallego, mirandês e hespanhol ¹, ex. *disso* «disse», *quifo* «quis», *fezo* «fez», *tebo* «teve», *trôuço* «troux», *stôbo* «esteve»; na 2.^a pessoa do sing. de todos os preteritos temos -che (ou -chê) correspondente a lat. -sti, como em gallego, ex. *fochi* «foste», *trôucechi* «trouxe», *traballáche* «trabalhaste», embora com esta fórmula coexista a forma em -ste ou -sti, ex. *fosti*, *trabalhaste* (a fórmula em -che é sobretudo usada pelos velhos, i. é. é antiga). Exemplo de verbos conjugados:

<i>trabalhei</i>	<i>fui</i>	<i>trôuce</i>
<i>traballache</i> (e -ste)	<i>fochi</i> (e <i>foste</i>)	<i>troucechi</i>
<i>traballhou</i>	<i>foi</i>	<i>trôuco</i>
<i>traballámos</i>	<i>fomos</i>	<i>troucemos</i>
<i>traballastes</i>	<i>fostes</i>	<i>troucestes</i>
<i>traballárũ</i>	<i>fôrũ</i>	<i>troucêru</i>

Factos avulsos: *som* «sou», *somos*, *som* «são» (em gallego também *son* = *sô* é sing. e pl.); *pô* é 3.^a do sing. e do pl., ex. «as galinhas *pô* ã *ôbo*» (o mesmo em gallego: sing. e pl. *pon*, que soa *pô*); *biste te* «veste-te»; *arrónja-te* «arranja-te»; *fizi* e *fiç* «fiz»; *caber* faz no preterito eu *cabí*, elle *caibeu*; o imperativo de *dizer* é *dí*, como em gallego (que nesse idioma coexiste com *dice*); impessoalmente diz-se *hai* «há», facto muito frequente não só nas raias, mas ainda em certos pontos do interior do país; o verbo *vir*, i. é, *bir*, poisque *v* = *b*, faz no preterito *binheche* «vieste», *bêu* «veiu» (em gall. *viñeche* e *ven*).

C. Vocabulos e canções.

10. Vocabulos curiosos: *arbre* (que coexiste com *albre*) «arvore»,

¹ Cf. *Estudos de philologia mirandesa*, 1, 393.

auga «agoa», *branjiar* «veranear» (?), *chubia* «chuva» (usado também em Soajo etc.), *lágrima* «lagrima», *sumenteira* «sementeira».

11. Amostra do cancionero:

Sinhora da Peneda¹,
Da Peneda, Penedinha,
Chamai-me boss' afilhada,
Qu'en bos chamarei madrinha.

O' luar da meia-noite,
Não sêjas meu enemigo:
Stou á porta do amor,
Nũ posso intrar contigo.

*

Os caracteres d'este dialecto, que lhe dão certa physionomia, são: -ã < -ANE e -ANT, -ê < -ENT, -ô < -ONE, -û < VNT, segundo o que se disse no § 3; *s-c*, *f-z*, segundo o § 6; preteritos em -o na 3.^a sing. e em -che na 2.^a sing., segundo o § 9. O último phenomeno, que é agora notado pela primeira vez num fallar de Portugal, constitue o mais importante de todos os caracteres, ficando-lhe immediato em importancia o -o dos preteritos. Por estes caracteres a linguagem de Parada occupa lugar especial no quadro da nossa dialectologia, pois, embora fallada em territorio português, e portuguesa no seu conjuncto, apresenta phenomenos característicos do gallego, sendo um exclusivo d'elle, qual é o citado -che < -sti nos preteritos².

II

LINGUAGEM DE SAN MIGUEL DE LOBIOS

San Miguel de Lobios é freguesia da provincia de Orense, e capital de *ayuntamiento*. Fica num valle fertil, situado á direita do rio Lima. Está repartida por sete logares; em 1847 tinha 132 fogos, segundo Madoz, *Diccionario geographico de España*, x, 319.

Os materiaes utilizados no presente estudo foram colhidos por mim em Orense, em Setembro de 1902, ouvindo fallar um rapaz natural de Lobios.

A. Phonologia.

1. O lat. -ANV tornou-se -áu (ditongo), ex. *man* < manu-, *ir-mau* < germanu-, *bran* < veranu-, palavras que rimam com *pau* < palu-. Noutros pontos da Galliza encontra se nas mesmas condições:

¹ Santuario célebre no Alto-Minho (concelho dos Arcos).

² Postoque em gallego ao pronome português *te* (dativo) corresponda *che*, este ultimo pronome não existe no fallar de Parada. Tão pouco ali existe -ss- por -f- intervocalico, e x por j, que são phenomenos proprios do gallego moderno.

-ao (dissyll.) e -ã (escrito pelos Gallegos -an¹), ex. *mao* e *irmao* no condado de Ortigueira, *mã* e *irmã* (em ambas estas palavras o -ã é aberto) na cidade da Coruña. — O lat. -ANE tornou-se -ã, ex. *cã* (ã aberto), escrito *can* em gallego; no plural porém *cás*. — Em *têmpo* e *pênte* o e (nasal) é fechado. No fim das palavras -ê é aberto: *bê* (sôa *bém*), *sartêm* (sôa *sartém*).

2 O lat. -ICLA deu -êlha em *drêlha*; o lat. -ESIA deu -êja em *igrêja*. Em *lôije* < longe temos o ditongo *ôi* (com o fechado), como em português; o mesmo ditongo se ouve em *lôixe* na Coruña: a existência d'este ditongo em gallego é agora assinalada pela primeira vez.

3. Existem no fallar de Lobios certos sons que ainda também não foram assinalados em gallego. O -r sôa -rr, ex. *floirr*, *ruiscêrr* (mas no pl. -ores), — o que observei igualmente noutros pontos da Galliza. Ouve-se o ç português de Tras-os-Montes (= ç do Porto) em *cinco*, *coraçô*, *cruç*, *paç*, *lug*; corresponde-lhe como consoante sonora o som z de Tras-os-Montes (= z do Porto), ex. *cruzes*, *azeite*, e não o z hespanhol. Ouve-se o f de Tras os-Montes, do Minho e da Beira em *coufa*, *cafa*, *rofa*, i. é, entre vogaes²; a este som corresponde s de Tras-os-Montes (pouco mais ou menos o s castelhano), ex. *seis*, *sol*. Em *jardî*, *Janeiro*, *já*, ouve-se j português, embora pronunciado um pouco mais adeante do que no nosso idioma, mas é j e não z, que existe em taes condições no resto ou na maior parte da Galliza.

4. No fim das palavras, em syllaba atona, ouvi -ô, como em geral na Galliza, pelo menos quando ha certa emphase, ex. *corpo* (na pronuncia port. é *corpu*). Em *coraçôm* o primeiro o (atono) sôa u; em *melô* o e sôa é. Em *il* não ouvi l gutturalizado (sôa *il'*).

B. Morphologia.

5. Pronomes pessoaes: *eu*, *tu* (não *ti*), *il*, *êla*, *nós* (não *nosoutros*), *bós* (não *vosoutros*), *iles*. Como complemento dos verbos: *matei* o (não -no), mas *matou-na*; é possível porém que a regra seja uniforme. Pronome dativo *che*, ex. *dei-che*. Pronome demonstrativo *este* (assim ouvi, e não *iste*). Possessivos: *meu*, *nosso*, o que nada apresenta especial.

6. Plural dos nomes: *coraçô* — *coraçós*, *carbô* — *carbôs*, *melô* — *melôs*; *jardî* — *jardís*; *sartî* — *sartés*, *bê* — *bés*; *pã* — *pás*, *cã* — *cás*; *caracol* — *caracoles*; *floirr* — *flores*; *cruç* — *cruzes*.

7. O verbo *fuguir* «fugir» conjuga-se assim: *fugo*, *fôgues*, *fôgue*, (com g), *fujimos*, *fujides*, *fêjê* (com j port.), ao passo que no gallego normal este verbo tem a fôrma *fuxir* ou *foxir*; ha-de admittir-se, segundo creio, que no lat. vulg. se disse **fugo* por *fugio*, e que a fôr-

¹ Em gallego existem nasaes como em português. Isto é ponto assente. Os Gallegos, porém, influenciados pela orthographia castelhana, escrevem -an, -en, -in, -on, -um em vez de -ã, -ê, -i, -ô, -ũ.

² Taes palavras não soam pois *coussa*, *cassa*, *rassa*, como no gallego normal, mas soam como no Norte de Portugal e na Beira.

ma do pres. indic. no singular e a do infinitivo se regularam por ali. Outro verbo: *digo, dis, di, dezemos, dezedes, dñ* (no gallego normal differem as duas primeiras pessoas do plural, que são: *dicimos, dices*). Ao verbo português «fazer» corresponde em Lobios *faguer*, que também se encontra noutros pontos da Galliza; *faguer* presuppõe na 1.^a pessoa do indic. *fago* (que porém não ouvi), que se explica por *faco¹, tendo-se formado d'elle o infinitivo, como de *fugo* se formou *fuguir*.

8. Nos adverbios notei *nō* como fôrma tónica, isto é, em pausa, e *nũ*, como fôrma atona, i. é, em próclise.

*

A linguagem de Lobios, apesar de fallada em territorio gallego, e de ser gallega pelo seu conjunto, tem alguns caracteres importantes, quaes são *f, z, ç* e *j*, que pertencem ao português, e actualmente só a elle, — pelo que deve occupar lugar especial no quadro da dialectologia gallego-portuguesa.

III

LINGUAGEM DE ERMISENDE

A aldeia de Ermisende (ou *Ermesende*; também se escreve *Hermisende*) fica na provincia de Camora, partido juridico de Puebla de Sanabria, — na fronteira portuguesa. Em 1847 tinha 559 almas². Em 1884 estive lá, e como fallei com diversas pessoas, colhi os elementos que servem de base a este artigo. Já nos meus *Estudos de philologia mirandesa*, II, 56-57, indiquei alguns caracteres da linguagem de Ermisende; aqui, porém, publico todos os materiaes que actualmente possuo a respeito d'ella.

A. Textos populares.

Os textos que se seguem são contos populares. Transcrevo-os phoneticamente, nos limites da orthographia portuguesa:

I. Era ãa pórcã, ê tinha sete ou oito bácoros, ê staba ao pé d'um moinho, ê despous foi um lobo por ali ê dixo-le que l'iba a comer os bácoros.

— Pous agora nn' m'os comas, sim os bautizar.

5 Despous dixo-le que se foss' êl ó fôndo da calhêlha, que lá l'os iria botando pela calhêlha a baixo. I adespons botou l'a-i-auga

¹ Cf. *Estudos de philol. mirandesa*, I, 376.

² Madoz, *Dict. Geogr. de España*, IX, 503.

ó moinho, i atrougo o lobo ó redór, astáque se pófo tonto, é mentres já nôm scapou a porca c'os bácoros. Despous quedou o lobo dezêndo que seu pai nunca fôra bautizador de bácoros.

10 Despous foi mais a baixo i ancontrou c'ũa-i-egua, è dixo-le q'ib' à comê-la, i ela dixo-le que nu' na comêsse, que staba desferrada, que le botêsse ũa ferradura antes di a comer. I afoi a botá' la ferradura i adou-l' um couce nos dentes, è botou-o de patas ó aire. Despous quedou o lobo dezêndo que seu pai que

15 nunca fôra ferrador, mentre já nom scapou-se a-i-egna.
Foi mais a baixo, i êncontrou dous carneiros, e dixo-le qu'os ib'à comer, è dixêrom le que tinhã pirmeiro que partir aquêl prado donde stabã pacendo. Adixêrom-le que se pufesse êl no médio, è despous fôrom. um d'ũa punta. i outro da outra, i adêrum-l'ũa rubada, i arrebertêrum-no lobo, i adespous os carneiros scaperum, i ó lobo quedou dezêndo que l'era bẽ feito aquêlo, que seu pai nunca fôra partidor de prados.

II. Er' ũa rapofa, fezo-se morta num caminho. Passou por ali um sardinheiro c'ũa carga de sardinhas, i achou-a, i atirou-a
25 è riba da carga, i ela despous comeu-l'as sardinhas, i ás que nom pôdo comer tirou-l'as ó chão, i ódespous achou a rapofa mênos; i adespous foi á mirar (= a admirar? cfr. adeante, § 5) a carga, i achou as sardinhas menos, i adespon' la rapofa êncontrou o lobo, i adixo-l'o lobo:

30 — Ai! comadre! Mi farta bẽ! òstêde que comeu?

— Ai! o dem'o lêbe, compadre! Parece tonto! Bi bir um sardinheiro c'ũa carga de sardinhas; despous fiz-me morta no caminho, tirou m' entr' as canastras, i êu comi-l' as sardinhas, i agora bẽi como bẽnho farta. I adespous dixo-l'o lobo:

35 — I eu... como hei-de fazer eu para me fartar eu tamẽ?
I adixo l'a rapofa:

— Báia por fôra do caminho, i apónha-se de diante d'êl, i afa-ga-se mórtó, q'inda le quedêrum sardinhas no fondo da canastra.

40 Despous foi o arrieiro e stolou l'a barriga ó lobo, i atirou-o è riba da carga, i ó lobo foi-le comendo as sardinhas, más como tinha a barriga resgada, todas l' ibã caiendo ó chão, i á rapofa iba de trás comendo-l'as outra bez. Despous bôlbeu-s'a pôr de diante do lobo, i adixo-le:

45 — Ai! compadre. Dixe-le q' habia de bir farto, i òstêde nom bẽ farto; sei que nom fez ô que l'eu mandei.

I êl dixo-le:

— Eu, ma' sim fiz, más foi o arrieiro, arrasgou-m'a barriga, i conform' iba comendo as sardinhas, ibã-me caiendo po'lo buraco. I agora, como bamos a fazer p'ra curá' l'a barriga?

50 I dixo l'a rapofa:

— Pois tẽ que s'ir a meter ali a baixo àquel poço c'ô corpo debaixo da-i-anga, i á cabeça fôra.

I afoi lá pela manhã a raposa, i adixo-le:

55 — Ai! compadre! Êl que tal bai esse balor? Êl bai são, ou que tal bai êsso?

— Eu agora já bou indo bom, mas é qu' os carambeles afô-gã-me.

— Logo, que l' hemos fazer, compadre?

I adixo-l'o lobo:

60 — Mir'comadre! baia ô lugar,

I atraga as pancas i ôs martelos

P'ra quebrar os carambeles!

B. Phonologia.

1. O *o* é aberto em *mórto*, 38¹; mas ordinariamente existe ô nas mesmas condições que em português: *lôbo* etc. O *o* atono medial sôa *u*, como em português: *comer* e *batar* pronunciam-se *cuuer* e *batur*; do mesmo modo *o* atono final. Note-se todavia ô *que* = *o* *que*, *ôstede* = hesp. *usted*. O *e* atono antes de vogal sôa *i*, mesmo na conjunção *de*, ex. *di u comer*, 13; se a conjunção *e* se torna *i* antes de vogal, como na nossa lingua corrente, pronuncia-se *ê* antes de consoante (som que ella tem ainda hoje em gallego e que certamente teve em português antigo), ex. *i atrougo*, 7, *ê diro*, 11. Os dissyllabos *-êlho* e *-enho* soam respectivamente *-êlho* e *-ênho*, ex. *calhêlha* e *bênho*.

2. O lat. *-ANE* tornou-se *-ã*, ex. *cã* e *pã*. O lat. *-ANT* tornou-se *-ã*, ex. *ibã*. O lat. *-ANV* tornou-se *-ão* em *mão*. O lat. *-ENE* tornou-se *-ê* em *bê*, *tamê* (que se pronuncia com *ê* nasal, e não com ditongo, como em português corrente); igualmente se diz *bê* «vem» de *venit* (**venet*), *ê* «em» de *in*. O lat. *-ENT* tornou-se *-am* (i. é, *e* surdo nasal), ex. *fossam*. O lat. *-ANT* tornou-se *-am*, que alterna com a fórma um pouco mais archaica *-ôm* ou *-òm*, como se vê em *arrebentêrum*, *adêrum*, a par de *dizêrum*, *fôrum*, *calêrum*, onde *-om* sôa *-ôm* ou *-òm*. No meio das palavras ha *-om-* (*-on-*) e não *-um-* (*-un-*), ex. *compadre*, *conforme*. Inicialmente temos uma vez *ancontrar*, com *an-*, como em mirandês; mas varias vezes *êncontrâr*.

3. Pelo que toca ás consoantes, temos *l* gutturalizado, ex. *aquel*; *b* por *v*, o que é corrente no Norte de Tras-os-Montes; *ch*, como no português popular. Existem *ç-z* do Porto e *s-f* de Tras-os-Montes, a par dos sons hespanhoes *z* (*ce*, *ci*): é assim que ouvi, por ex., *bautiza-dor*, *fiz*, *fazer*, *béz*, *conce*, *facendo*, *cabeza*, *pozo* (= poço) com a sibilante hespanhola, e ao mesmo tempo *dezendo* etc., com *z* do Porto; entre vogaes é *f*, ex. *raposa*, *pousf agora* (= pous agora), mas tambem se diz *rapossa*, com *ss* = *s* hespanhol.

4. Em *baizo* existe o ditongo português *ai*. O ditongo *ou* é provavel que se pronuncie *ôu*, mas nada posso dizer ao certo.

5. No principio de palavras temos *s* impuro, ex. *star*, *scapar*, *sfolar*. Em *er' ãa*, 1, *mir' comadre*, 60, temos syncope syntactica de *a*.

¹ Os numeros referem-se ás linhas dos textos.

Ha notavel prothese de *a* nos verbos: *atrougo*, *atraga*, *afoi*, *adou*, *adixérom*, *adérum*, *afaga-se*, *arrasgar*. O hiato annulla-se com *-i-*, como no Norto e centro de Portugal: *a i egua*. Em *carambêlo* = caramelo «gelo» temos epenthese de *-b-* (l. *calamellus*), fôrma semi-litteraria, como em certos dialectos nas palavras *primbo*, *cimba*, etc., por *primo*, *cima*. Em *tamê* por *tambê* houve assimilação do *b* á nasal preecedente, o que succede tambem em Portugal.

C. Morphologia.

6. Nas flexões dos nomes só posso notar que o plural de *pé* é *péis*, como em berciano, onde alterna com *pés*: vid. *Ensaio poetico em dialecto berciano* de Cubi y Soler, León 1861, p. 377; *peis* tambem existe em Castromil de-Castella, povo em que se falla gallego ¹.

7. Pronomes, artigos e numeræes. — Citarei: *todo* «tudo», *éssô*, *aquêlo* «aquillo», *aquêl*, *êl*, *le* «dhe» e «lhes», *botou-o*, *achou-a*, *arribentérum-no*, *seu*. O art. definido sôa *ô* antes de consoante, por vezes (vid. § 1); mas em geral ouvi *u*, como em portugûes, pelo menos antes de vogal. ex. *o arrieiro* = *u arrieiru*; *ô* = *ao*; *pola* (sôa *pula*); *botá la ferradura, a despoú la raposa*, 13, com assimilação; *c' ô corpo* = com o corpo. O artigo indefinido é *ũa*, e tambem *ũa*, com *n* guttural. Nos numeræes só merece a pena citar *ôito*, com *ô*, como em geral no Norte e centro de Portugal (no Sul diz-se *ôito*); o ordinal *pirmeiro* é empregado adverbialmente (vid. o Glossario).

8. Verbos. — Como preteritos regulares e seus deriva los temos: *béndi*, *bêndiste*, *bendeu*, *bendímos*, *bendístêis*, *bendêrum*; *corri*, *corriste*, *correu*, *corrimos*, *corristêis*, *corrêrum*; *quedou*; *andêrum*, *arrebentêrum*, *scapêrum*; *botêsse*; *toquêsse*, *toquêsseis*, *toquêssam*. Estas fôrmas são caracteristicas do N. de Tras-os-Montes: cf. a minha *Esquisse d'une dialectologie portugaise*, Paris 1901, p. 132-137. — Verbos irregulares:

a) *Caier* «cahir»: *cáio*, *cáis*, *cái*; *caí*, *caíste*, *caíeu*, *caímos*, *caístes*, *caicrom*. Cf. hesp. e gall. *caer*. O infinitivo *caier* assenta na 1.^a pess. do pres. indie.

b) *Dar*: *dei*, *dêste*, *dou* (*adon*), *dêmos*, *dêsteis*, *dêrum* (*adêrum*). A fôrma *dou* é corrente em Tras-os-Montes.

c) *Dezer*: *dixo* (*adixo*), *dixérom* (*adixérom*), *dezendo*.

d) *Estar*, i. é *star*: *staba*, *stábais*, *stábâ*.

e) *Fazer*: *farei*, *fareis*, *farâ*; *fiz* (1.^a pess.), *fezo* (3.^a pess. do pret.); *afaga-se* (3.^a pess. do conj.: cf. § 5).

f) *Haver*, i. é *haber*: *hemos*, *haija* (com *j* port.).

g) *Ir*: *bou*, *báis*, *bái*, *bamos*, *idêis*, *bâi* «vão»; *ibâ* «ia».

h) *Poder*: *pôdo* (3.^a pess. sing. do pret.) «pôdes».

i) *Pôr*: *pôaho*, *póis*, *pôm*, *pômos*, *pôndêis*, *pô*; *pafo* «pôs»; *aponha-se*, pret. do conj. (cf. § 5). Cf. gall. *pôs*, *pom*; berc. *pon* (3.^a sing.) e *poin* (3.^a pl.).

j) *Ser*: *sôm*, *ês*, *é*, *sômos*, *sôndêis*, *sôm*; *êrais*, *êrâ*; *fui*, *fuste*, *fô*,

¹ Vid. *Estudos de philologia mirandesa*, II, 57-58.

fumos, fústeis, fõrum e fõrom; serei, serás, será, serémos, sereis, será; fossam. — Cf. *sondes* em Castromil-de Castella.

k) *Ter*: *têaho, téis, tẽ, têmos, tẽndeis, tẽim; tĩhã*. Cf. berc. *teis* (2.^a sing.), *tein* (3.^a pl.).

l) *Trazer*: *trago, tráis, trái, traidmos, tráeis, tráim; atrougo* (3.^a pess. do pret.). Cf. gall. *tras, trai, traemos, trán*.

m) *Vir*, i. é *ber*: *bei «vê»*. Cf. hesp. ant. *vei*, berciano *vei*.

n) *Vir*, i. é *bir*: *bẽho, bẽis, bẽ, bẽmos, bindẽis, bẽim; báia «vã»*. Cf. gall. *ves, ven*.

9. Partículas.

a) Como advérbios e locuções adverbias: *pirmeiro* «primeiramente», *já, tódodia, despous, adespons, ódespons* (= ao despous), *mentre e mentres já nom*, «entre tanto», *donde* «onde», *acá, allí, lá, bẽ, tamẽ, nom* (antes de nasal: *nu'*, ex. *nu' na*, 12, *nu' m'os comas* 4), *mi*, «mui» (em proclise, ex. *mi farta*, 30); *ma'sim*, 47, que significa «sim» em contraposição a uma phrase em que entre *nom*, o que corresponde quanto ao sentido ao francês *si* em casos semelhantes.

b) Como conjunções: *más «mas»; até que* «até que», 8, (cf. Saco Arce, *Gram. gallega*, p. 128); *sim* «seim». A respeito de *ẽ, i*, vid. § 1.

D. Syntaxe.

10. Citarei varios factos:

a) O verbo *encontrar* pôde construir-se com a preposição *com*, 11, como em port. ant. (por ex. «hũa vez hũn alho *encontrou com* hũn porco», num ms. port. do sec. xv) e em hesp. ant. (por ex. num romance do século xiv: «Por Guadalquivir arriba — el buen rey don Juan camina — *encontrara con* un moro — que Albenamar se decia», em Wolf & Hofmann, *Primavera*, n.º 78, n. 2). O verbo *ir* construe-se com a preposição *a*, 11, 51, o que é frequente em Tras-os-Montes. O termo do movimento com (a) *tirar* exprime-se com *ẽ*, 25, 40.

b) O verbo *haver* construe-se sem *de*, 58 (cf. berciano *ha ser*).

c) Fusão da preposição *a* emphatica: *i ó lobo* (sujeito), 40, *i á raposa* (sujeito), 42; em caso obliquo *co corpo de baixo da-i-anga i á cabeça fóra*, 52, *as pancas i ós martelos*, 61; igualmente: *eu i a tu*, *tu i a nós*, que ouvi avulsamente; mas também *eu i ela*.

d) Accusativo pleonastico: *i ds que nom podo comer*, *tirou-las ó chão*, 26; sujeito pleonastico: *el que tal bai esse balor*, 54, e cf. 35; dativo pleonastico: *sfoloul'a barriga ó lobo*, 39; conj. *que* pleonastica, 15. Diz-se como em hespanhol *tem que*, 17, 51, por «tem de».

e) Avulsamente ouvi *ond'ó lobo* = ond'ao lobo, expressão que também se usa no Minho e em gallego.

f) *Achar menos* por «dar por falta de», 27, que se encontra igualmente em Tras-os-Montes (vid. G. Vianna in *Rev. Lusit.*, 1, 203)¹; cf.

¹ No romance popular de Valdevinos, que corre em Bragança, diz-se:

Não o achastes vós menos
A' ceia nem ao jantar?

tambem D. Carolina Michaëlis, in *Rev. Lusit.*, II, 79, que cita exemplos antigos, tanto portuguezes, como hespanhoes. Hoje diz-se *achar de menos*, como mostrei *ibidem*, II, 80, nota.

g) Notavel é a expressão *mentres (mentre) já nom scapou*, 7, e, com deslocamento do pronome reflexo, *méntres já nom scapou-se*, 15, onde *mentres já non* significa «entre tanto», como em berciano *mentras é non* (em Cubi y Soler, *Ensaio*, p. 376) ¹.

E. Vocabulario.

Os vocabulos que vale a pena citar são os seguintes ²:

- acá, cá.
adespous = despous, 6.
aire, ar, 14. Cf. hespanhol.
ancontrar, encontrar: § 2.
aquel, **aquelle**, 17.
aquélo, **aquillo**, 21.
arrasgar, **rasgar**: § 5. Vid. *resgar*.
astá que, até que: § 9.
auga, **agoa**, 6.
bautizador, **batizador**, 9.
bautizar, **batizar**. Cf. port. *archaico*.
bê, **bem**: § 2.
borber, **volver**. Alterna com *bolber*.
cã, **cão**: § 2.
caier, **cahir**: § 8-a.
calhêlha, **viella**, 5, 6. Do hesp. *calle*, com o suff. *domin. -êlha*.
carambêlo, **gêlo**: § 5.
chacha, «muchacha». Hespanhol.
chacho, «muchacho». Hespanhol.
despous, **depois**, 2, 5.
dezer, **dizer**, 14.
donde, **onde**, 18. Cf. hespanhol.
ê, **e**, 1, 2.
elle, 19.
enseñar, **ensinar**. Hespanhol.
êssô, **isso**, 55.
fondo, **fundo**, 5, 38. Como em gallego. Do lat. *fündus*, cujo *u* era breve: cf. fr. *fond*, prov. *fonds*, hesp. *fondo*.
juez (com *j* e *z* hesp.), **juiz**. Hespanhol.
ma'sim, **sim** (com *emphases*): § 9.
médio, **meio**. Hesp.
menos na phrase *achar menos*: § 10.
mentre, **mentres**: *mentres já nom* «entre tanto»: §§ 9-a e 10-g. Cf. hesp. *mientre* e arc. *mientras*; port. ant. *mentres* (e *mentest*), prov. *mentre* etc.
mi, **mui**: § 9.
mirar, **olhar**, 27. Cf. hesp.
nom, **não**. Cf. port. arch. e gall.
ô, **o**.
ôdespois, **depois**.
ôstede, **usted** (hesp.): § 1.
pã, **pão**: § 2.
pacer, **pacer**.
pancas, **alavanca**, 51.
perdonar, **perdoar**. Hespanhol. Também em berc. *perdonar*.
pirmeiro, **primeiramente**, 17.
punta, **ponta**, 19. Como em gall. e em hespanhol.
quedar, **ficar**, 21 etc. Cf. hespanhol.
resgar, **rasgar**, 41. Do lat. *re-secare*. Forma corrente na

¹ Quanto ao modo como se formaram estas locuções, cfr. a portuguesa *vai senão quando*, que, apesar da negação que nella entra, tem sentido affirmativo.

² Os numeros que não tem indicação de § são os das linhas dos textos.

Extremadura portuguesa. — Nos textos alterna com *arrasgar* (47), segundo o § 5. **tamẽ**, *tambem*: § 2 e 5. Cf. *berc. tamén*. **tirar**, *atirar*, 26, 33. Alterna com *atirar* (24, 39). Cf. *hesp. tirar*. **rubada**, *turra*, 20. De *de-rrubar*. **sim**, *sem*. Cf. *Est. de philol. mir.*, I, 447.

✱

O estudo precedente mostra que a linguagem de Hermisende é fundamentalmente portuguesa; só apresenta varios phenomenos que tambem se encontram nos fallares trasmontanos do Norte, como *pã*, *bẽ*, *fõrom* (§ 2), *esso*, *aquelo* (§ 7), preteritos em *-ó*, e *-érum* (§ 8), e, como em *berciano*, *peis* (§ 6), *poim* (§ 7-i), *teis* (§ 7-k), *teim* (ib.). Pois que Hermisende fica na Hespanha, o idioma hespanhol faz-se sentir na falla de lá, e isso tanto na phonetica (§ 3), como no lexico (*teha-cha*, *chacho*, *enseñar*, *juez*, *medio*, *ostede* = Vd., *perdonar*). Este conjunto de phenomenos dá á linguagem de Hermisende caracter especial.

J. LEITE DE VASCONCELLOS.

MISCELLANEA

I

TENÇÃO ENTRE D. AIFONSO SANCHEZ E VASCO MARTINS

num manuscrito da Bibliotheca Nacional de Madrid

Numa das minhas viagens a Madrid (1897) tive occasião de compulсар na Bibliotheca Nacional d'essa cidade um codice do sec. XVII, com a seguinte marcação: *Cc-99*, em que se lê: «De hũ livro de mão encadernado de pasta preta que estava em poder de Dõ Belchior de Teive se tirou o segt.º». Em seguida transcrevem-se d'esse livro várias noticias, como: *Moradores da casa del Rey dõ João o 1.º* e as *cõ-tias que cada hũ tinha*; *Merces q̃ El Rey Dom Afonso o 5.º fez de cidades, villas e lugares depois q̃ he Rey*, e outras. A fls. 25-r. diz-se que no mesmo livro estava tambem o que vae ler-se, que é um documento da nossa poesia medieval:

Trovas de dō A.^o Sanches f.^o del Rey dō Dinis a V.^{co} Míz de Resende;
e reposta do mesmo Vasco Míz

A.^o Sanches

Vasco Míz pois vos trabalhades
e trabalhastes de trouar damor
doq̃ agora por nostro sñor
quero saber de vos modigades
5 dizedemo que abem vos estará
pois vos esta porq̃ trabalhades
ia morreo por deos porq̃ trobades

Vasco Míz

A.^o sanches vos perguntades
e querouos eu fazer sabedor
10 eu trobo e trobo pella melhor
das q̃ deos fez esto bem creades
de mĩ vos digo ora porq̃ o saibades
esta do coração nom me sairá
eatenderej seu bem sempre o será
15 e vos al de mĩ saber nō queirades

A.^o Sanches

Vasco míz vos nō respondedes
nē eu entendo assi veja prazer
porq̃ trobades ca onvi dizer
q̃ aquella porq̃ trobar denedes
20 e que amastes mais vos doutra rem
q̃ vos morreo ha gram tempo porem
vos pella morta trobar nō devedes

Vasco Míz

A.^o Sanches pois não entendedes
em qual guisa vos eu fui responder
25 a mĩ em culpa naõ devē poer
mais a vos se o saber nō podes
eu trobo pella q̃ meu poder tem
e vence todas de parecer bem
pois vive e qua nō como vos dizedes

A.^o Sanches

30 Vasco míz por vos morreo porquē
sempre trobastes maravilhomen
pois vos morreo como.....

Vasco Miz

A.º Sanchez vos sabede bem
 q̃ viva he comprida de sem
 35 a porq̃ue trabalho e sabeloedes.

Fiz a cópia diplomatica, e assim a publico, posto que haja nella alguns erros. Sem fallar na orthographia de *Vasco* por *Vausco* e *San-*
ches por *Sanchez*, temos, por ex., no v. 19 *deuedes* por *hauedes*, no v.
 27 *meu* por *m'en*, no v. 30 *por* em vez de *pois*, no v. 31 *maravilhomeu*
 por *maravilhomi'en*, etc. O v. 4 está incompleto (falta *que*). No v. 5
que abem deve ser *qua bem* (=ca bem). O *ia* (=já) do v. 7 pertence
 ao v. anterior, que fica porém com uma syllaba de mais. No v. 8
 falta *me*. O v. 10 deve ser: *eu trobo, e trobei pella melhor*. No v. 11
 falta uma syllaba (deve ser: *das que Deos fez, esto bem o creades*). A
 última palavra do v. 26 deve ser *podedes*. No v. 29 *vive* deverá en-
 tender-se *viv'é* (cfr. v. 34), e este verso tem uma syllaba de mais
 (*vos*). No v. 32 falta *nõ morredes*. No v. 34 falta *e*. A 2.ª estancia
 tem um verso que lhe não pertence.

D'esta poesia ha uma versão no Cancioneiro da Bibliotheca Vati-
 cana (p. 18. n.º 27 da ed. de Monaci = p. 6, n.º 27 da imperfeitissima
 ed. de Th. Braga); ha outra na parte inedita do Cancioneiro de Colocci
 Brancuti (n.º 416); e ha outra na Bibliotheca Municipal do Porto (Ms.
 419, n.º 72, da collecção de *Azevedo*), onde a encontrou a S.ª D. Caro-
 lina Michaëlis de Vasconcellos.

Só depois de publicadas as duas ultimas versões, é que do exame
 de todas quatro se poderá tentar o apuramento do texto definitivo.

A poesia da Bibliotheca do Porto pertenceu ao espolio de André
 de Resende, como diz a S.ª D. Carolina Michaëlis a p. 108-109 da
 sua introdução do Cancioneiro da Ajuda ¹. Convém notar que o cod.
 madrileno, em que está a tenção de que se trata, contém tambem
 umas trovas de Garcia de Resende ². Como Garcia e André eram tal-
 vez parentes, e como na tenção figura um Resende, não se taxará de
 ousadia o estabelecer connexão entre o manuscrito do Porto e o de
 Madrid.

J. LL. DE V.

¹ Este Cancioneiro está ainda em publicação, mas a illustre editora tem
 a bondade de me enviar todas as folhas, á medida que vão sendo impressas; por
 isso o cito.

² D'ellas tirei cópia, que um dia publicarei.

II

TRADIÇÕES POPULARES

1. Casamento

O costume de atirar confeitos e amendoas aos rapazes, por ocasião da volta dos noivos da igreja, faz lembrar este passo de Vergílio, *Egloga* VIII, vv. 29-30 (ed. de Julio Moreira, Lisboa 1885):

Mopse, novas incide faces: tibi ducitur uxor;
Sparge, marite, nuces.

O sr. Julio Moreira, no commentario á expressão *sparge nuces*, diz: «Durante o banquete nupcial o noivo lançava nozes aos rapazes reunidos na rua».

Sobre costumes semelhantes em Hespanha e Portugal, desde a idade-média, vid. Leite de Vasconcellos na revista intitulada *El Folk-Lore Andaluz*, Sevilha 1882-1883, p. 172-174.

2. Rifões agrícolas

A's abas dos ciganos | roubam os aldeanos.
Anno de *corrillhão* ¹ | anno de pão.
Revólta | ainda que seja com uma arreigota!
Uma boa *ribeirada* ² | está no rabo de uma trovoada.
Seara tremês | dá uma e tira tres. |
Aveia até abril | está a dormir.

A. THOMÁS PIRES.

III

SATIRA Á LINGUAGEM DE PALAÇOULO

A aldeia de PalaçoULO fica em Terra de Miranda; nella falla-se mirandês. Cf. *Estudos de philologia mirandesa*, I, 59 e 89.

Quando numa terra ha certas particularidades linguisticas, os das terras vizinhas costumam satirizá-las. Isto observa-se não só no nosso país, mas fóra.

A seguinte historieta conta-se em Matella, concelho de Vimioso, a respeito de PalaçoULO:

«Estaba um santico im PalaçoULO, todo corunchozico; e ós tius

¹ Cravagem de centeio,

² Seara de trigo-ribeiro.

enraibaram-se p'ra elle, botaram-no a afogar num pocico. A mulher chamou pelo home: — «Afoga-o, bem afogado!». Elle tudo é bir a cima, porque não tinha peso ninguno. — «Inda benedes ao cimo, caramonico de l demonio? Inda refunfunegas, caramonico de l demonio?»

A lingoagem d'este texto oral está porém bastante errada: assim em mirandês diz-se *ningũ*, *benis*, etc., e não como se lê a cima.

A presente historieta, que não é especial ao concelho de Vimioso, mas se conta tambem em várias aldeias do concelho de Miranda, pertence em particular a uma classe de facecias populares muito em voga no Norte de Tras-os-Montes. Cf. *Rev. Lusit.* II, 68.

J. L. DE V.

BIBLIOGRAPHIA

I

LIVROS

Grammatica historica da lingua portuguesa, pelo Dr. Antonio Garcia Ribeiro de Vasconcellos, Paris-Lisboa, Aillaud & C.^a, 1901, 222 pag.

Esta grammatica destina-se ao ensino official da 6.^a e 7.^a classes do curso dos lyceus. Em virtude do character elementar da obra, não se esperaria que a materia fosse estudada com a amplitude que o titulo indica. O auctor aproveita (como diz no prologo) e resume do modo claro, os mais recentes trabalhos que ha sobre a philologia portuguesa, juntando a este material o que da propria lavra pôde apurar. Na introdução trata das origens e historia do português, e do que se entende por grammatica historica. Depois occupa-se da phonetica, da morphologia e da syntaxe. A parte menos desenvolvida é a ultima.

Como o auctor pede no prologo que lhe façam observações e reflexões, aqui lhe proponho algumas que me occorreram numa rapida leitura do livro.

Começa elle por declarar que, ao passo que a França possui já muitas grammaticas historicas, como as de Darmesteter, Brachet, Nyrop, etc., «nós infelizmente nada temos ainda neste genero», insistindo no facto mais adeante, onde diz que o seu escrito «tem pelo menos o merito de ser o primeiro que no seu genero saí a lume em Portugal». De certo o auctor não conhece a *Grammatica portuguesa elementar fundada sobre o methodo historico-comparativo*, publicada por Theophilo Braga em 1876.

Quanto a dizer o Sr. Dr. Ribeiro de Vasconcellos que omittiu em geral citações bibliographicas «por destoar da indole do livro tal apparatus de erudição», não concordo, porque, por um lado, tal apparatus seria util aos alumnos e aos professores, estando ainda como está tão pouco desenvolvida entre nós a sciencia philologica, e por outro lado, como succede a respeito das etymologias de *ontem*, de *assaz*, de *perco*, dos vestigios dos casos etc., salvaria o auctor a sua responsabilidade, visto que esses assuntos, que primeiro e ha pouco foram tratados por outros investigadores, não são ainda completamente do dominio commum.

Passarei agora a fazer varias observações meudas.

Pg. 17. Alguns auctores consideram o *sardo* como lingua românica independente. Entre as linguas romanicas colloca o auctor o *antigo provençal*; não sei por que motivo excluiu o moderno, que é continuação do antigo, embora este servisse de órgão a mais rica litteratura. que o moderno.

Pg. 18. Não se pôde dizer, sem mais accessorios, que a conquista da Peninsula hispanica se realizou no sec. II A. C. O auctor, referindo-se á Peninsula, escreve por vezes *Espanha*; parece-me que seria preferivel escrever *Hispania*.

Pg. 19. O que diz do celtico merecia ser mais ponderado.

Pg. 21: *monje* não pôde vir de *monachus*. Essa palavra creio ser de origem provençal.

Pg. 31: *folhelho* não se explica bem por **foliculus*, pois o *-l-* devia cair como em *molinu* > *moinho*; o Snr. Adolfo Coelho propõe *folliculus*, mas *-ll-* devia tornar-se *-l-*, como em *gallina* > *galinha* (=galinha). Como em hespanhol existe a forma *hollejo*, que faz suppor outra mais antiga **follello*, inclino-me a suppor que temos aqui a origem da nossa palavra.

Pg. 36. Não creio na explicação que dá de *uma*; o auctor supõe que o *m* resultou da influencia orthographica, isto é, de se escrever *uma* por *ũa*. Dei outra explicação, mais conforme com a phonetica, na *Revista Lusitana*, IV, 40.

Pg. 41. Entre os casos de deslocação do accento faltou citar os do typo de mulierem, parietem. Para *praça* o etymo é **plattēa*. As formas *cathedra* e *integer* entram numa categoria especial. Sobre *figado* publicou recentemente o Sr. Gaston Paris um importante estudo no volume italiano consagrado a Ascoli pelos amigos d'este.

Pg. 42: *mister* não creio vir de *ministerium* (accusativo), mas penso vir de *ministerii*, como o proprio auctor diz a pag. 156: cfr. o que escrevi na *Revue Hispanique*, II, 118.

Pg. 43. Muitos dos exemplos citados não servem, no meu entender, para provar o que o auctor sustenta, pois são da lingua litteraria e não da popular, como *imperio*, *febre*, *predio*, *obsceno*, etc. Se estas palavras fossem de origem popular, teriam tido outra evolução phonetica.

Pg. 46. Diz que *o* se mudou excepcionalmente em *e* na palavra

esteira, de *storea*, ao passo que noutro logar da obra explica esta palavra de maneira differente.

Pg. 47. A proposito de *duque*, do lat. *dūcem*, diz o auctor: «a etymologia d'esta palavra seria incomprehensivel, se não admitissemos que a palavra *ducem*, ao tempo em que d'ella deriva a palavra *duque*, e na região onde se fez esta derivação, se lia *dukem*, e não *duçem*, como hoje se diz entre nós». Mas é evidente que esta palavra não é de origem popular; se o fosse, como o *u* é breve, este estaria representado por *o*, e como o *-c-* é intervocalico e seguido de *-e*, estaria representado por *-z-*, factos que se observam em *noz*, que vem de *nūcem*, pois que *nūcem* é paralelo a *dūcem*. Esta palavra devia ter a forma **doz* em português, se viesse directamente do latim vulgar. O argumento do auctor não colhe pois. O ital. *doge* que provém do veneziano, e ascende ao lat. *dūce-*, confirma, quanto ao *o* por *ū*, o meu raciocinio: cfr. sobre esta forma *Grundriss der rom. Philologie*, I, 518, e Meyer-Lübke na *Italianische Grammatik*, § 58. Em italiano tambem ha *duca*, que provém de *ducaz*: cfr. Körting, *Lat.-rom. Wb.*, 2.^a ed., § 3124. O português *duque*, ant. *duc*, com o hesp. mod. *duque*, hesp. arch. *duc*, provém verosimilmente do francês.

Pg. 49. A lei da quêda do *-e* foi enunciada por mim no meu opusculo *As Lições de linguagem do Sr. Candido de Figueiredo*, 2.^a ed., pg. 77, n. 5, e no meu livro *Estudos de phil. mir.*, vol. I, pg. 299. Esta lei applica-se até certo ponto tambem á parte pretonica da palavra: cfr. *Felgueira* = **filicaria-*, *Arneiro* < *arenariu-*, *bondade* < *bonitate-*, *bendito* < *benedictu-*; todavia, com relação ao *-n-*, devem fazer-se certas restricções. — A forma *baleia* não vem de *balaena*, mas de *ballaena*: cfr. *Rev. Lusit.*, II, 373. — O estudo das vogaes atonas em português ainda não foi feito de modo completo.

Pg. 53. Com relação ao hiato, é necessario especializar os casos em que o accento está no primeiro ou no segundo elemento.

Pg. 63. O que diz sobre a manutenção do *b* intervocalico precisa de revisão, pois por ex. *subornar* e *habitar* não são de origem popular. Os etymos de *beziga*, *enzabido*, etc. offerecem certa difficuldade.

Pg. 64. Acêrca de *trevo*, vid. *Estudos de philologia mirand.*, I, 252. Outros exs. de *-v-* por *-F-* são: *proveito* < *profectu-*, *devesa* < *defe(n)sa*, e parece que *Cuvade* < *Cucuplate* (concelho da Cuba).

Pg. 67. A mudança de *n* em *l* que se nota em *alma* e *alimal* attribuo-a a effeito de dissimilação, de *n* — *n*.

Pg. 68-69. O diverso destino que experimentaram em português os grupos latinos CL, PL, não depende, como o auctor diz, de estarem em syllaba pretonica ou postonica: isso se evidencia em *concha* < *conch'la*, *sacho* < *sarc'lu*, *macho* < *masc'lu*, *ancho* < *amplu*, onde, segundo a regra enunciada na grammatica, se devia esperar *lh*, e pelo contrario temos *ch*. O que tenho como exacto é o seguinte: CL, PL, tornaram-se *-lh-* quando intervocalios, e *-ch-* quando iniciaes ou postos depois de consoante, o que corresponde a dizer na posição forte; assim: *clamare* > *chamar*, **rocc'la* > *rocha*, *-ac'lu* > *-alho*; plus >

chus, implere > *encher*, scop'lu- > *escolho*. Os outros grupos tem regras semelhantes. Cfr. *Estudos de philolog. mir.*, I, 279 e seg. Falta considerar na grammatica os casos em que as palavras onde entram estes grupos pertencem a epochas tardias. Cfr. os citados *Estudos*, I, 311.

Pg. 71. A substituição de NS por *s*, como em *mês* < mense-, não é especial ao português, provém já do latim vulgar, onde se encontra, por ex., -esis; a abreviatura de *consul* é mesmo ordinariamente, nas moedas e lapides, COS-, o que faz presuppor a pronúncia popular *cósul*.

Pg. 72. A palavra *cativo* considero-a como de epocha posterior á da origem da lingua; do contrario o -V- teria cahido. Em apoio d'isto vem *bautizar*, cuja origem ecclesiastica, e por isso relativamente recente, é bem manifesta. *Neta* não pôde ter vindo de neptem; é preciso admittir como etymo *nepta, de accordo com o hesp. *nieta*, etc.

Pg. 80. Entre as palavras que, segundo o auctor, desapareceram do vocabulario latino classico ao constituirem-se as linguas romanicas, citam-se algumas que não podem estar nesse caso: por ex. *ros*, (i-é, rorem), que deu em português *rol*, segundo uma observação do Sr. Julio Moreira na *Revue Hispanique*, v, 432; *uxor*, que deu em provençal *oisor* = *oissor* e em francês antigo *oissor*; *parvus*, que se conservou em varias linguas romanicas; *irasci*, que se conservou no provençal *iraisser* = *iraysser*; *sepelire*, que se tornou *sebelir* em provençal, *en-sevelir* em francês; *tacere*, que deu, por ex., *tazer* e *taire* em provençal.

Pg. 81. Se *rapuus* se transformou em *rabo*, é preciso explicar por que motivo o -P- se conservou em *raposa*, visto que o auctor, com outros, deriva do mesmo radical esta palavra. Igualmente se torna necessario explicar o o fechado de -*ôsa*, pois que nos adjectivos em -*osa* o o é aberto.

Pg. 82. Não podem considerar-se como de origem popular os seguintes vocabulos: *hortelão*, *boato*, *assolar*, *abortar* e outros ainda. De facto, em *beatum* o -T- devia dar -d-, em *abortare* o -B- devia dar -v-, em *hortulanum* o -L- devia syncopar-se.— A forma *vimieiro* não é de origem portugueza, tirada de *vime*; o derivado português de *vime* é *vineiro*. A forma *vimieiro* vem de *viminariu*-; de outro modo seria inexplicavel o i. As duas formas *vineiro* e *vimieiro* coexistem tambem no onomastico: *Vineiro* e *Vimeira*, no districto de Leiria; *Vimeira* no mesmo districto; *Vimieiro* nome frequente. Forma da mesma familia é *Vimioso* < **viminosu*. Comprehende-se perfeitamente que o processo latino de derivação se continuasse em português.

Pg. 86. O etymo de *cuco* julgo ser *cucu*-, tendo-se, quanto a mim, mantido o -C- pelo sentimento do rhythmico. Cfr. *Estudos de philol. mir.*, I, 309.

Pg. 89: *cavalheiro* vem do hesp. *caballero*; não é preciso pois recorrer ao injustificavel **cabaliarius*.

Pg. 102. Para explicar *Martinho* não é preciso presuppor **Marti-*

nio, pois que a syllaba *-inu-* de *Martinu-* deu regulamento *-inho* em português, por intermedio de *-ão* (arch.): cfr. *vinho* < arch. *vño* < *vinu-*. *Pelaio* talvez seja de origem hespanhola, e em todo o caso é de origem litteraria; a fôrma, genuinamente portuguesa moderna, que lhe corresponde é *Paio*. A fôrma *Dinis*, ant. port. *Denis*, talvez viesse do francês. O nome *Antão* tambem me não parece de origem portuguesa.

Pg. 103. *Sancho* não pôde explicar-se em português por *Sancius*; é provavelmente fôrma vinda do hespanhol. *Vasconcellos* não pôde explicar-se por *Gonzalez*, sendo pois, quanto a mim, inexacto escrever essa palavra com *-z* final; talvez se relacione com *Vasconcellos* a fôrma *Basconillos*, que se encontra no onomastico de Hespanha: esta fôrma podia estar para *Vasconcellos*, como *castillo* (hesp.) para *castello* (port.); apesar do interesse especial que a historia da palavra tem para mim, por esta entrar no meu nome, não posso porém ainda com segurança esclarecê-la mais.

Pg. 106: cinco vem do lat. vulg. *cinque. Cfr. *Estudos de philol mir.*, I, 282.

Pg. 109. Diz o auctor que *cada* não vem do grego $\kappa\alpha\delta\alpha$, como geralmente se suppõe, mas de *quendam*. Isto é absolutamente inexacto. Não ha dúvida que *cada* tem aquelle etymo grego, como foi demonstrado pelo Sr. Paulo Meyer na *Romania*, II, 80. Cfr. tambem Körting, *Lat.-rom. Wb.*, 2.^a ed., § 2002. Não é licito hesitar em casos tão bem estabelecidos como este.

Pg. 126. O que o auctor chama *derivação impropria* não me parece merecer esse nome. Os factos que ali cita pertencem em parte, e quanto a mim, ás series indicadas no § 34 e seg. Effectivamente, quando se diz «uma garrafa de *champanhe*», a fôrma *champanhe* não é o que costuma chamar-se derivado, mas sim metonymia; o proprio auctor, que cita a pg. 126 *champanhe* entre os derivados, considera a pg. 91 como metonymia «um calix de *Madeira*», que está nas mesmas condições que «uma garrafa de *champanhe*», só naquello caso empregou letra maiuscula, e neste miniscula.

Pg. 128. O suffixo *-ejar* diz o auctor que é de origem portuguesa, e que devo considerar-se como desenvolvimento de *-ear*, ex. *voejar*, *bracejar*. Não creio nisso. O desenvolvimento de *-ear* foi *-iar*. O suffixo *-ejar* deve ter a mesma origem que o suffixo provençal que lhe é igual, e que vem de *-idiare*: cfr. Crescini, *Manualetto provenzale*, Verona-Padua 1892-1894, p. xxxiii, nota. — Acêrca da evolução do suffixo *-ensis* vid. o que escrevi acima. — O hespanhol *señorito* não encerra ideia depreciativa; pelo menos tenho ouvido muitissimas vezes na Hespanha empregar esta palavra em bom sentido: os proprios mendigos, quando pedem esmola, começam geralmente por dizer — «*señorito!*»; os Gallegos adoçam-na ainda dizendo «*señoritiño!*», e os Leoneses e Asturianos «*señoritin!*».

Pg. 131. Acêrca do suffixo *-esco*, cfr. Meyer-Lübke, *Gram. der roman. Sprachen*, § 520.

Pg. 150. As fôrmas citadas nem todas são de origem popular,

como *imperio*, *cadaver*. O etymo de *cabo* é antes **capum* do que *caput*. — A proposito dos pluraes neutros considerados pelo povo como femininos do singular, notarei, de um lado, que este phenomeno não é especial ao português, e do outro que fórmas como *acta*, *claustra*, *insignia* deveriam ter sido postas de parte, por serem de origem litteraria.

Pg. 191: *audio* deu *ouço*, não por analogia com *meço* e *peço*, mas regularmente, porquanto *di* (=dy) tornou-se ç depois de ditongo e de consoante; cfr. *verça* < *vir'dia* (sobre *vir'dis* = *viridis*). — Quanto a *quis* de *quaezi*, notarei que esta ultima fórma é já do latim classico.

Pg. 197: *trazer* não póde explicar-se por *trager*, nem *trager* por *trahere*, cujo *h* devia ser mudo no lat. vulgar (cfr. *Rev. Lusit.*, 1, 73). As fórmas *trager* e *trazer* são distinctas uma da outra, e cada uma tem sua explicação: vid. *Estudos de philol. mir.* 1, pg. 376 e nota.

Pg. 200. Creio que o auctor não tem razão no que diz sobre a origem de *ser*; tenho como exacto que *ser* (arc. *seer*) vem de *sedere*, e não de *esse*, entre outros motivos, porque na nossa antiga metrica *seer* e *see* etc. contam-se por duas syllabas, o que não podia acontecer se os dois *ee* não se pronunciassem distinctamente; e os dois *ee* só podem explicar-se por *se*(d)*er*(e), etc.

Pag. 207-208. Sobre o que diz da pouca importancia da ordem das palavras em latim, é necessario fazer certas restricções. Muitas vezes, tanto em latim, como noutras linguas, as phrases contém taes delicadezas de sentido, que só, por assim dizer, os que fallam espontaneamente essas linguas as entendem. Um estrangeiro, por ex., que não conheça de modo completo, como um natural, o português, mas que o conheça um pouco, pensará que tanto vale dizer: *eu escrevi o livro*, como *escrevi eu o livro*, ou *o livro escrevi o eu*; e todavia essas phrases offerecem entre si differenças de sentido. Quantas subtilidades pois não haveria em latim, que hoje não estamos no caso de apreciar?

*

Não desejo alongar mais esta critica. Creio que o auctor da *grammatica*, que ama a verdade, e gosta sempre de pugnar por ella, preferirá essas observações, que ahi lhe apresento sinceramente —, embora elle possa não concordar com todas —, a um artigo de mero comprimento, e que, como tantos outros que entre nós se costumam escrever, nada dissesse sobre o assunto. Não obstante os reparos que fiz a cima, em obediencia ao programma que sempre tenho adoptado na *Revista Lusitana*, quer com relação a estranhos, quer com relação a amigos (e o Sr. Dr. Antonio de Vasconcellos é um d'estes), — pois a sciencia só progride com a critica independente —, reconheço que na execução da *Grammatica historica* o seu auctor se esforçou por seguir o bom methodo, e esclarecer o espirito dos estudantes com as luzes da philologia moderna, pelo que se torna digno de louvor.

A obra está nitidamente impressa, e dá honra á casa editora.

J. L. DE V.

II

PERIODICOS

A. Tradição, vol. II, n.º 7 a 12 (Julho a Dezembro de 1900). *O senhor sete*, por Trindade Coelho, continuação (os versos da *Gallinha pinta* tinham sido já publicados nas *Trad. pop. de Port.*, § 286 a); *Notas hist. acerca de Serpa* pelo C. de Ficalho, continuação; *Os proverbios e a medecina* por A. Pimentel p. 120 (Do adagio *Deus que o assinalou, — algum defeito lhe notou me occupei* nas *Trad. pop. de Portugal*, p. 255, na *Rev. Lusit.*, II, 377, e nas *Religiões da Lusitania*, I, 187-188. O adagio *Diz-me com quem lidas dir-te-hei as manhas que tens* tem significação diversa da que o auctor do artigo lhe attribue. O primeiro adagio que elle cita no artigo nunca o ouvi ao povo); *Amuletos de Setubal* por Arronches Junqueiro, p. 124 (A figa, o cornicho, o sino-saimão; d'este ultimo o auctor conhece só o que é formado de dois triangulos, mas o mais vulgar, e o verdadeiro, é o pentalfa, a que os Allemães chamam *Drudenfuss*); *O mercado de grillos* por N. W. Thomas, p. 129 (Aos factos citados pelo A. posso juntar os que vem nas minhas *Trad. pop. de Portugal*, p. 133 e seg. Em Lisboa os grillos creio que começam a vender-se na Praça da Figueira pelas festas do S. Antonio. A respeito de animaes relacionados com festas e cultos, cfr. Adolfo Coelho, *Revista de ethnologia*, p. 18 e segg.); *Jogos portugueses* por Sousa Viterbo, p. 132 (Trata-se em geral de jogos de sala. Diz o A. que inicia neste artigo uma bibliographia dos jogos; já nos *Ensaios ethnographicos*, I, 308, 328, indiquei algumas obras; vid. tambem Th. Braga, *O povo portuguez*, II, no indice s. v. «jogos»; em 1817 publicou-se o *Passatempo honesto e familiar ou colleção de 48 jogos de prendas*, que tem pelo menos tres edições, — obra traduzida; *A calha*, jogo popular, por L. Piçarra, p. 139; *Liturgia pop.* por A. Pinto, p. 142 (Confissão de N. Senhora; oração de S. Gregorio contra as trovoadas, variante da que publiquei nas *Trad. pop. de Portugal*, p. 64-65); *Contos alentejanos* por A. Alexandrino p. 142 (O Diabo e a sogra); Respostas varias a um *Questionario* sobre tradições populares; *A instrucção em Serpa no sec. XVI* por Pedro de Azevedo, p. 161 (Noticia da existencia de dois mestres de latim); *Almas do outro mundo* por Fazenda Junior, p. 172 (Em francês: *revenants*); *A senhora mestra* por D. Margarida de Siqueira, p. 186; *A olaria em Serpa* por Dias Nunes (Citam-se ali muitos vocabulos, cujas significações especiaes ainda não estavam archivadas, como *bicheiro*, *tinor*, *parra*, etc.); *Lendas de Cidadelhe* por Gonçalves Pereira, p. 173 (Lenda de N. Senhora, — já publicada, com outras palavras, por mim na *Vanguarda* de 17 de Abril de 1881; lendas da lavandisca, do charco e da andorinha, relacionadas com as da Virgem e de Christo); *Contos algarvios* por A. d'Oliveira (As tres nuvens). — Os numeros vem illustrados com musicas, e com photographias de typos populares e de exemplares de olaria local.

Vol. III, n.º 1 a 12 (Janeiro a Dezembro de 1901). *Notas hist. acerca de Serpa* pelo C. de Ficalho, continuação; *O senhor sete* por Trindade Coelho, continuação; *Modas e estribilhos alemtejanos* por Dias Nunes, continuação; *Apparições* por Ladislau Piçarra p. 10 (Noticia da apparição de um medo no ribeiro ou barranco de Chêchou: este medo consiste num busto humano «muito magro, e com os olhos escancarados a quererem sahir das orbitas»; o A., que é medico, cita a proposito um caso pathologico); *Proverbios venesianos com equivalencia portuguesa* por J. d'Araujo, p. 12 (A expressão *outros tempos, outros costumes* não é propriamente proverbio, é mera traducção d'aquillo de Cicero: *o tempora, o mores*; ao italiano *domandando si va a Roma* corresponde melhor o nosso dictado rhythmico *quem tem bôca — vae a Roma*, que certamente se baseia nas antigas peregrinações religiosas; a *parla come un libro stampà* corresponde em português *falla como um livro aberto*; outras versões de *não deixar a estrada por atalhos* são *não deixes caminhos por atalhos* e rhythmicamente *quem deixa caminhos por atulhos — mette-se em trabalhos*); *Cancioneiro popular do Baixo-Alemtejo* por Dias Nunes, p. 15, e continúa (Em versos de redondilhas maior e menor; seria conveniente indicar typographicamente a distincção, puxando mais para dentro os versos menores. As cantigas XXVII, CCCXXXIII, CCCXIX, CCCXXIX serão populares? E' curiosa a cantiga da p. 48:

Dia de S. Nunca á tarde	Via-te aonde tu não estavas...
Passei pela tua rua;	Amor que vida é a tua?

na qual a expressão *dia de S. Nunca á tarde*, que eu já fiz conhecida noutra occasião ¹, significa simplesmente *nunca*, e pertence a uma classe de expressões a que me referi nas *Trad. pop. de Portugal*, p. 321); *Crenças e superstições de Setúbal* por A. Junqueiro, p. 24 (Agouros no S. João: alguns muito conhecidos, outros menos, por ex. o dos *pauzinhos*, da erva *pinheira*, das *javas*, do *espelho d'agua*, do *sonho*, do *sapato*, das *sortes*); *O canto das almas* por Dias Nunes, p. 26 (Costume de no inverno se andar cantando pelas casas a pedir esmola para missas pelas almas. Com este costume alemtejano se relaciona o de *encommendar as almas* noutros pontos do país. Forma dialectal: *ricordais* = recordaes, — cfr. *Esquisse d'une dialectologie*, p. 108); *Cantos algarvios* por A. d'Oliveira, p. 27, e continúa; *O Longuinhol hespanhol*, lenda portuguesa, por Diaz y Pérez, p. 36; *Crenças populares do Algarve* por D. Maria Velleda, p. 38 (Factos interessantes, á parte o estylo: meios de saber o futuro em sonhos, invocando ao deitar da cama certos santos, ao que se chama *silencios*; oração ao sol, para attrahir pessoas ausentes. Da invocação de Santa Helena tinha eu já publicado uma versão na *Era Nova*, 1880-1881, p. 542, e T. Bastos outra no *Anuario da trad. pop.*, p. 28); *Medicina popular* por L. Piçarra, p.

¹ Vid. o prologo que escrevi ás *Canções pop. da Beira*, de Fernandes Thomás, Figueira 1896, p. xviii.

41 (Erysipela. O povo e muita outra gente pronunciam *irzípela* ou *irzípla*, *irzípola* etc., com accento no *i*; e esta accentuação é boa, porque assim a reclama a etymologia da palavra); *Romances pop.* de A. T. Pires, p. 42 (Versões de romances conhecidas); *O lazaro em Pedrogão* por A. Rosa da Silva, p. 44 (*O lazaro* é tudo o que é horrível e miseravel: «ter o lazaro em casa»; ao recolherem-se as primeiras messes, faz-se grande algazarra e bate-se com paus nas portas e nas arcas para se afugentar o lazaro. — O auctor do artigo suppõe que o lazaro é, embora imperfeitamente, a tradição do Lazaro do Evangelho; mas de Lazaro só temos aqui o nome, e ainda assim noutro sentido, pois lazaro significa «leproso»: cfr. *Rev. Lus.*, 1, 391. O lazaro de Pedrogão representa de modo geral o mal, e com relação aos campos e sementeiras corresponde ao que noutras localidades se chama *bicho*, contra o qual ha fórmulas e cerimoniaes tradicionaes que já provêm da antiguidade); *Contos alemtejanos* por A. Alexandrino, p. 45, e continúa; *Contos algarvios* por D. Maria Velleda, p. 57, e continúa; *Typos pop. do Porto* por Sousa Viterbo, p. 72; *Jogos populares*, — o *algorovão* ou *alquerque* —, por L. Piçarra, p. 75; *Superstições* por J. J. G. Pereira (Quasi todas já muito sabidas); *A sepultura de Herodes* por Alfredo de Pratt, p. 81 (Em estylo improprio de revista scientifica. Mais valêra que o A. dissesse simplesmente que, em virtude da falsa analogia phonetica que se estabelecen entre os nomes *Redinha*, *Ródão* e *Herodes* = *He-rodos*, se localizou na Redinha e em Ródão uma lenda, como a qual ha muitas. De tudo, até do que ha mais sério, se pôde tirar pretexto para jocosidades; mas cada cousa tem o seu lugar); *A Pedra da Verdade*, por Pedro d'Azevedo, p. 86 (Interessante lenda do *Penedo dos Ovos*, com que se relaciona o episodio de um conto popular: cfr. *Rev. Lusit.*, vi, 279); *Festas pop.* por A. d'Oliveira (Natal, Anuo Bom, Reis); *Apparições* por L. Piçarra, p. 107 (Descripção de um caso pathologico); *Quadras soltas*, por A. de Castro, p. 125 (Da 7.^a cantiga, cuja pontuação o auctor do artigo discute em nota, aqui publico uma variante da Beira-Baixa:

Adeus, meu amor, adeus,	O adeus é saudoso...
Adeus, que me vou embora;	Quem diz adeus, sempre chora!

que a completa e aclara); *O tabaco ou herva santa* por Pedro A. d'Azevedo, p. 122, e continúa (Valiosas noticias sobre a historia do tabaco. A proposito do que o A. diz a p. 122, notarei que no Alemtejo é frequente encontrar mulheres que fumem; estive já numa aldeia do dist. de Evora, onde o geral d'ellas fumavam); *Jogos populares*, — a piana — p. 150; — a pata — p. 169, por Ladislau Piçarra; *Proverbios e dictos* por Castor, p. 159, e continúa; *Rimas pop.* por J. J. Gonçalves Pereira (Romance do cego, já publicado muitas vezes). — O volume tem muitas illustrações.

J. L. DE V.

III

VARIA QUAEDAM

— **Noções da grammatica galoli, dialecto de Timor**, pelo missionario P.^e M. M. Alves da Silva, Macau 1900, xvi — 32 pag., in-8.^o peq. São verdadeiramente dignos de louvor os missionarios que como o Sr. P.^e Alves da Silva applicam o tempo que lhes sobeja das suas obrigações a tornarem conhecidas fóra das áreas respectivas as linguas das regiões longinquoas por onde andam. A nossa litteratura possui já bastantes documentos neste sentido. O presente livrinho, além da grammatica, na apreciação da qual não posso entrar, começa por uma indicação dos principaes dialectos da nossa possessão de Timor, os quaes o A. reduz a cinco: o *tétum*, que occupa a maior parte do territorio, desde Dilly até Batugadé, Samoro e Viqueque; o *galoli*, objecto do estudo do auctor, fallado nos reinos de Manatuto, e de Lacló, e entendido em Laleia e Vemasse; o *uaimá*, o *maçae* e o *midic* ou *midí*, fallados na costa oriental. Muito util seria que para todas as nossas possessões se fizessem, pelo que toca ás linguas, trabalhos estatisticos, tanto quanto possivel, completos, e ao mesmo tempo se publicassem grammaticas, dictionarios e textos d'aquellas que ainda não são conhecidas, ou o são pouco. A respeito de Timor já havia um dictionario e pequena grammatica do *tétum*, que o Sr. P.^e Appario da Silva escreveu em 1889; o Sr. Raphael das Dores, tenente-coronel reformado, que conhece bem Timor, e sabe alem disso o malaio, com o qual se relacionam os idiomas timorenses, está tambem preparando um trabalho philologico sobre o *tétum* ou *teto*. Independentemente do interesse que taes publicações tem emre lação á glottologia, e é só sob esse aspecto que fallo aqui, ninguem negará quão proveitoso se torna áquelles que vão para as nossas colonias como empregados publicos, como commerciantes, etc., o conhecimento pratico das linguas lá usadas. Isto o reconheceram ha muito outros paises, como por ex. a França, que sustenta em Paris uma Eschola Colonial, onde se ensinam várias linguas das suas possessões extra-europeias, e ha alem d'isso boa bibliotheca especial. Em Lisboa só ainda recentemente se começou a tentar alguma coisa neste sentido.

— **Gazeta illustrada**, Coimbra 1901, n.^o 24, p. 190-191: *Superstições populares, — os amuletos*, por O. G. — Artigo de vulgarização, sem citação de fontes. Termina com a menção de alguns amuletos portugueses; nem tudo porém o que ali se dá como amuleto o é.

— **Portugalia**. Publicou-se o fasciculo 3.^o d'esta interessante revista. Por falta de occasião, não tem podido dar-se d'ella mais ampla noticia, o que se fará em breve.

— **Le Cours Supérieur de Lettres**, por F. Adolpho Coelho, Paris-Lisbonne, 1900, 96 pag. — O auctor, alem da historia do Curso

Superior de Lettras em geral, trata, no capitulo 1.º, do ensino historico, philologico e philosophico em Portugal até 1858, muito resumidamente, já se vê. Quando se occupou das Universidades, esqueceu-se de fallar dos estudos professados outr'ora no Convento da Costa, em Guimarães. A proposito do que diz a pag. 63, não posso deixar de citar uma contradicção em que cahiu. Num opusculo publicado por elle em 1889, com o titulo de *A Reforma do Curso Superior de Lettras* (extracto da *Rev. de educ. e ensino*, vol. IV), propõe um quadro dos estudos que no seu entender deviam professar-se no Curso, e entre elles os seguintes:

- a) Philologia germanica;
- b) Philologia portuguesa;
- c) Glottologia geral;

e diz a p. 15: «Ora admittindo o meu quadro, . . . não só eu não seria deslocado dos meus estudos particulares ¹, mas tornar-se-hia possivel collocar no ensino dois homens que realmente devem ser aproveitados, . . . na cadeira de philologia germanica, e . . . na de philologia portuguesa». Agora, no opusculo francez, na pag. citada, ao referir-se a um projecto de lei apresentado ao Parlamento em 1898, para se transformar a cadeira de litteratura grega e latina em uma de philologia portuguesa, diz: «la nouvelle [chaire] ne serait qu'une superfétation, puisque au Cours supérieur de Lettres, la philologie portugaise se trouve représentée par deux chaires: celle de littérature moderne, particulièrement de littérature portugaise; celle de philologie comparée, pour les langues, et dont le professeur a consacré et consacre le meilleur de l'enseignement à la langue nationale». Isto é, em 1889, o Sr. Coelho achava necessario que no Curso houvesse uma cadeira especial de Philologia Portuguesa; em 1900 acha que essa cadeira estava bem representada por duas que ao tempo havia no Curso, e julga-a, pois, inutil, considerando-a *superfétation*! Vê-se que as ideias d'este professor mudam facilmente de direcção, como o vento. E obedeceria no caso presente a mudança aos interesses da sciencia, ou a motivos puramente pessoas? Responda a consciencia do Sr. Coelho.

— **Cantos populares portugueses**, coordenados por A. Thomás Pires, vol. I, Elvas 1902. Fallarei d'este importante trabalho em artigo especial. Está no prelo o vol. II.

— **Historia da poesia popular portuguesa**, por Theophilo Braga, vol. I, Lisboa 1902. Obra infelicissima, que representa um retrocesso na sciencia portuguesa, — na propria sciencia que o auctor por vezes tem feito progredir! Consagrar-se-lhe-ha critica especial.

— **Um breve esboço dos costumes de S. Thomé e Prin-**

¹ [Entenda-se: de Glottologia geral].

cipe, por A. M. de J. Castro e Moraes, Lisboa 1901, 96 pag. in-8.º Contém noticias de varios costumes e superstições interessantes (casamentos, enterros, feitiços), e tambem alguns pequenos textos dialectaes.

— **Subsidios para a formação do refraneiro ou adagiaro português**, por Sousa Viterbo, Porto 1901 (extr. da *Portugalia*, 1-3.º). O que eu tentei nos *Ensaïos ethnographicos*, vol. 1, em relação a Fr. Aleixo de S. Antonio, e á *Carta de guia de casados*, fê-lo o dr. Viterbo em relação a Gil Vicente, Prestes, Chiado, etc., colligindo e publicando seguidamente os adagios contidos nessas obras. Assim se vae enriquecendo pouco a pouco o nosso adagiaro. Teria sido porém conveniente indicar as edições e as paginas das obras, para facilidade da consulta. No seu trabalho, dá tambem o sr. Sousa Viterbo noticia de um ms. do sec. xvi, existente na Bibliotheca Municipal do Porto, e intitulado *Multa notata digna de proverbiiis* (com adagios em port. e hesp.), do qual extrahiu, e aqui publicou, tudo o que lhe pareceu merecedor d'isso. O capitulo sobre Lope de Vega é desenvolvimento do que elle tinha dado a lume na *Revista Lusitana*, v, 207 sgg. O adagio transcrito de Gil Vicente *Quem chora ou canta, — fadas más espanta* tem este paralelo na tradição actual: *Quem canta, — seu mal espanta*; elle pôde comparar-se á cantiga popular que diz:

Não canto por bem cantar, Só canto p'ra alliviar
Nem por bem cantar o digo: Penas que trago comigo.

— **Einführung in das Studium der romanischen Sprachwissenschaft**, pelo Dr. W. Meyer-Lübke, Heidelberg 1901, x-224. Com o titulo de *Collecção de livros elementares de philologia romanica* principiou a publicar-se em Heidelberg, na livraria de Carl Winter, uma série de volumes que tratarão successivamente da grammatica, historia litteraria e lexico das diversas lingoas neo-latinas. Inicia a série o livrinho cujo titulo me serve de epigraphe. O sr. Meyer-Lübke, auctor da *Grammatica das lingoas romanicas* (cfr. *Rev. Lus.*, II, 364), constitue com elle um util e geralmente claro manual de philologia romanica, que consta de: introdução (bibliographia e classificação das lingoas romanicas) e duas partes: materiaes da glottologia romanica (elementos latinos, celticos e germanicos), e problemas da glottologia romanica (biologia e paleontologia linguisticas: grammatica; relação das lingoas pre-latinas com o românico; onomatologia). Escusado será acerescentar que este trabalho está feito com a competencia que era de esperar do illustre professor da Univerdade de Vienna.

— **Contos tradicionaes do Algarve**, por F. X. d'Athaide Oliveira, vol. 1, Tavira 1900, xviii-450 pag. Fallarei d'esta obra, quando se publicar o 2.º volume.

J. L. DE V.

MATERIAES PARA O ESTUDO DA PAREMIOGRAPHIA PORTUGUESA

(Vid. *Revista Lusitana*, vol. VII, pag. 103)

III

O Adagiario nas Operas do Judeu

Com este nome de *Judeu* é geralmente designado e conhecido um dos nossos mais notaveis cultores da litteratura dramatica, aquelle que, depois de Gil Vicente, mais contribuiu para dar brilho e feição ao theatro português.

Antonio José da Silva — assim se chamava elle — nasceu no Rio de Janeiro em 1705, de uma familia predestinada para a desgraça. Recahindo sobre ella o infamante labeu do judaismo, o Santo Officio perseguiu-a odiosamente, e Antonio José foi uma das victimas d'esse terrivel tribunal, sendo pasto das fogueiras inquisitoriaes em 19 de outubro de 1739. Custa a crêr como um espirito que devia estar sempre em continuo sobresalto, receoso das ameaças do seu implacavel inimigo, pudesse expandir-se hilariante nas jogralidades das personagens comicas que pôz em scena nas suas engraçadas *Operas*. Se era um desaforo, como pretende alguém, não se pôde imaginar mais angustiosa e desesperada ironia.

As *operas* de Antonio José são um pouco difficeis de classificar, e, se hoje em dia se reproduzissem no palco, poderiam entrar talvez na categoria das *magicas*, tantas são as mutações de scena e as metamorphoses dos seus interlocutores. No urdimento da intriga, parecem-se tambem muito com os *vaudevilles* hoje em voga. Todas ellas são pautadas pelo mesmo systema e seguem as mesmas normas, tanto no desenvolvimento da acção como na caracterisação das personagens. A acção desdobra-se sempre em duas, que correm a par; numa d'ellas entram as figuras elevadas, cuja linguagem é ordinariamente preten-

ciosa e metaphorica; na segunda as figuras de baixa esphera, cuja linguagem é mais terra-a-terra, embora de quando em quando tambem mosqueada de tropos. Os seus dialogos, quasi sempre em trocadilhos, são eminentemente comicos, e só de per si valem por toda a peça.

A intriga é sempre amorosa, e o fim que principalmente se tem em vista é entreter a imaginação e os sentidos, fazendo rir os espectadores com as situações extravagantes e com os ditos picarescos. O *quiproquo* domina constantemente, tanto no entrecho como na phrase. Antonio José não faz a satyra dos costumes nem reproduz typos de realidade palpavel. A' fabula ou á tradição vae buscar os seus assumptos, e só uma vez, nas *Guerras do alecrim e mangerona*, escolhe os costumes da época.

As peças de Antonio José foram representadas no theatro do Bairro Alto desde 1733 até 1738, um anno antes de ter sido barba-ramente sacrificado nas aras do fanatismo e da intolerancia. Eis aqui o titulo das oito peças que lhe são attribuidas com o maior grau de authenticidade:

1. *Vida do grande D. Quixote de la Mancha* — representada em outubro de 1733;
2. *Esopaida ou vida de Esopo* — abril de 1734;
3. *Os encantos de Medea* — maio de 1735;
4. *Amfirião ou Jupiter e Alcmena* — maio de 1736;
5. *Labyrintho de Creta* — novembro de 1736;
6. *Guerras do alecrim e mangerona* — 1737;
7. *As variedades de Proteo* — maio de 1737;
8. *Precipicio de Fuetonte* — janeiro de 1738.

As personagens comicas já pelos seus nomes denunciavam claramente a sua qualidade jogralesca. Chamam-se ellas Geringonça, Sacatrapo, Arpia, Saramago, Cornucopia, Taramella, Sanguixuga, Esfuziote, Sevadilha, Fagundes, Semicupio, Maresia, Caranguejo, Chichisbeo e Chirinola. Representam sempre o papel de creados e confidentes de um e outro sexo, não tendo o auctor o menor escrúpulo no tocante ás inverosimilhanças das épocas e da historia. De quando em quando observam-se obscenidades de linguagem, que bem demonstram a pouca delicadeza das plateias que as ouviam e toleravam, rindo-se escancaradamente com os dichotes de Sacatrapo e Semicupio.

As obras do *Judeu* devem ser de difficil interpretação para um estrangeiro que não conheça a fundo as subtilidades do nosso idioma. Sob o aspecto da linguagem ellas são de uma riqueza extraordinaria, e fornecem somma abundantissima de locuções engraçadas e interessantes.

Os adagios não podiam faltar e d'elles extrahi uma razoavel colheita que dou em seguida. Servi-me para este fim da edição do *Theatro comico português ou collecção das operas portuguezas*, 4.^a edição de 1787. Esta collecção comprehende quatro tomos, mas só os dois pri-

meiros é que pertencem a Antonio José; os dois restantes são de obras do mesmo genero, mas de auctores differentes.

Eis agora o elenco dos adagios:

D. Quixote

1. Muito alenta huma esperança.
2. A's vezes hum louco acerta mais que hum entendido.
3. Mal de muitos consolo he.
4. Vem as fortunas sem ser esperadas.
5. Mais val huma hora rico, que toda a vida pobre.
6. Palavras, y plumas el viento las lleva.
7. A diligencia he mãe da boa ventura.
8. Por onde anda a raposa. . .
9. Dar com os burros na agua.
10. Até o fim ninguém se pôde chamar desgraçado.
11. Não ha cousa nesta vida que se não vença com trabalho.
12. Quem te dá o osso, não te deseja vêr morto.
13. Morra Martha morra farta.
14. Pagar os acoites ao verdugo.
15. Quebrar hum olho a mim para tirar dous a meu contrario.
16. O dar vem nas aueas do prometer.

Esopaida

17. Não he por ali que vae o gato ás filhoses.
18. Não he o mel para a bocca do asno.
19. Nem todo o lugar he para todas as cousas.
20. Quem tudo sabe, nada sabe.
21. Sou de donde me vai bem, que ali he a minha terra.
22. Boas novas para o pai da criança.
23. Se tardei, arrecadei.
24. Estar na hora de burro.
25. A necessidade não tem lei.
26. Quem o feio ama, formoso lhe parece.
27. Tapar o Céu com huma joeira.
28. A lingua do cão he o melhor remedio das chagas.
29. Muitos comem do que fallão.
30. Por bem fazer mal haver.
31. No es la burla para dos vezes.
32. A prudencia é capa dos medrosos.
33. Na terra dos cegos quem tem hum olho he rei.
34. Quem pergunta, saber quer.
35. Antes queria ser burro vivo, que doutor morto.
36. O diabo tudo he hum.

- 37. Aos bons entendedores pouco lhe basta.
- 38. O cavallo alimpa a egoa.
- 39. Quanto mais me segues, mais me persegues.

Encantos de Medea

- 40. Vão-se embora os anneis, e fiquem os dedos.
- 41. Comer a isca, e cagar no anzol.
- 42. Não he o diabo tão feio como o pintão.
- 43. A prevenção é filha da prudencia.
- 44. E' bom tomar a occasião pelos cabellos.
- 45. Um entereesseiro a tudo está offerecido.
- 46. Do contado come o lobo.
- 47. Chorar na cama que he lugar quente.
- 48. Aonde não ha culpa não pôde haver desculpa.
- 49. Quem ama a Beltrão, ama o seu cão.

Guerras do Alecrim e Mangerona

- 50. Ha males que vem por bem.
- 51. A occasião faz o ladrão.
- 52. Fazer das tripas coração.
- 53. O primeiro milho é dos passaros.
- 54. Não conheço Framengos á meia noite.
- 55. Quem cala consente.
- 56. Se não houvessem boas almas, já o mundo estava acabado.
- 57. Nem sempre o diabo hade estar atrás da porta.
- 58. Bem se enforca quem mal se casa.
- 59. Muito vai do vivo ao pintado.
- 60. O que não mata, engorda.
- 61. Brigar com loucos é ser mais louco.
- 62. Vaso mão não quebra.
- 63. Onde a gallinha tem os ovos, ahí se lhe vão os olhos.
- 64. Muito pôde o gallo no seu poleiro.
- 65. Quem não deve não teme.
- 66. Se queres vêr o vilão, mette-lhe a vara na mão.
- 67. Fallar com o coração nas mãos.

Jupiter e Alcmena

- 68. O rabo é ruim de esfollar.
- 69. Quando vires as barbas do teu visinho a arder, bota as tuas de remolho.
- 70. De vagar se vai ao longe.

71. A casa trae el hombre com que llore.
72. Um toma com dous te darei.
73. Nunca se vio huma gallinha para dois gallos.
74. Com a morte tudo se acaba.
75. Não dá quem tem, senão quem quer bem.
76. Quem está neste mundo, não pôde dizer d'esta agua não beberci.
77. Quem atura a carga, he bem que leve a buxa.
78. Quem compra e mente, na bolsa o sente.
79. Tanto pecca o ladrão como o consentidor.
80. Prezo por mil, prezo por mil e quinhentos.
81. Mais vale huma hora solto, que toda a vida prezo.

As variedades de Proteo

82. Cada um enterra seu pai como pôde.
83. Dá Deus nozes a quem não tem dentes.
84. A gallinha da minha visinha.
85. Antes dar um olho ao demo, que huma mão ao amor.
86. Isto de casar sempre vai na fé dos padrinhos.
87. Aqui torce a porca o rabo.
88. Quem te avisa, bem te quer.
89. Quem se despede, se abraça.
90. Mais val hum ruim concerto, que huma boa demanda.

Faetonte

91. Tudo se acha nos livros.
92. Sabe Deus as linhas com que cada hum se coze.
93. Os velhos são duas vezes meninos.
94. Do mal o menos.
95. Uma mulher é melhor pintada, que viva.
96. Faze o teu negocio, gema quem gemer.
97. Mais sabe o tollo no seu, que o discreto no alheio.
98. Lá vai quanto Martha fiou.
99. Honra e proveito não cabe n'um sacco.
100. Por onde o gato vai ás filhozes.
101. Quem o demo toma, sempre lhe fica hum geito.
102. Quem quer bem, diz do que sabe, dá do que tem.
103. No acceitar vai o ganho.
104. Caso negado nunca he bem provado.
105. Vaso máo nunca quebra.
106. Primeiro estão dentes, que parentes.
107. Zombando se dizem as verdades.
108. Fazer da necessidade virtude.

Labyrintho de Oreta

109. Enquanto o páo vai e vem folgão as costas.
110. Cada qual pergunta pelo que lhe pertence.
111. Quem me quer mal me não póde tragar.
112. Ao máo pagador em farellos.
113. Quem se queima, alhos come.
114. Homem grande he besta de páo.
115. Tambem os reis tem costas.
116. Fazer do ladrão fiel.
117. Primeiro estão parentes do que dentes. No *Precipicio de Factonte*
diz-se o inverso: Primeiro estão dentes que parentes.
118. Por donde cada hum pecca, por ali paga.
119. Couse de pés sempre dá na cabeça.
120. Valha o diabo ao cosinheiro, que deixou o gallo com esporões.
121. Escotilha aberta, justo pecca. E' variante de: Na arca aberta o
justo pecca.
122. Isso é chão que já foi vinha.
123. A verdade manda Deus que se diga.
124. Quanto mais jura, mais mente.
125. Do mal o menos.

SOUSA VITERBO.

O GUINÉENSE

(Continuado da pag. 96)

Combater: *guereà, batadjà.*
 Combinação: *combinaçon.*
 Combinar: *combinà.*
 Comborça: *comboça.*
 Começar: *com'ça.*
 Commandante: *comandante.*
 Commandar: *comandà.*
 Commercio: *negóç.*
 Commigo: *co'-my.*
 Connosco: *co'-nós.*

Como: *comà.*
 Compadre: *compadre.*
 Compaixão: *compaxon* (Cabo-ver-
de), *pena.*
 Compasso: *compás.*
 Competente: *q'o stá na conta, q'o*
stá na altũa.
 Compôr: *compô.*
 Comportamento: *comportamente.*
 Comportar: *comportà.*

Compra: <i>compra</i> .	Conservar: <i>conserbà, gardà, raca-</i> <i>dà</i> .
Comprador: <i>comprador</i> .	Consideração: <i>stimaçon</i> .
Comprar: <i>comprà</i> .	Considerado: <i>stimado</i> .
Compridão: <i>cumpridon</i> .	Considerar: <i>stimà</i> .
Comprido: <i>cumprido</i> .	Consolação: <i>consolaçon</i> .
Comprimentar: <i>cumprimentà, falà</i> <i>manthia</i> .	Consolar: <i>consolà</i> .
Comprimento: <i>cumprimento</i> .	Conspiração: <i>djuramente; intento</i> .
Comprimir: <i>perlà</i> .	Conspirar: <i>djurmentà; intentà</i> .
Comsigo: <i>co'-el</i> .	Constipação: <i>cunstipaçon</i> .
Comtante: <i>co' condiçon</i> .	Constipar: <i>cunstipà</i> .
Contigo: <i>co'-bo</i> .	Construção = <i>fabrica, iarmaçon,</i> <i>armaçon; = edificar uma casa;</i> <i>pangà cassa</i> .
Concavo: <i>fundo; mopé (Pepel)</i> .	Consultar: <i>pulguntà</i> .
Conceder: <i>pirmiti, palmitt</i> .	Consumir: <i>gastà</i> .
Conselho: <i>consedjo</i> .	Conta: <i>conta</i> .
Concertado: <i>concertado</i> .	Contador: <i>contador</i> .
Concertar: <i>concertà</i> .	Contar: <i>contà</i> .
Concha: <i>concha</i> .	Contentamento: <i>contentamente</i> .
Concluir: <i>cubantà</i> .	Contentar: <i>contentà</i> .
Concordar: <i>concordà, eclà</i> .	Contente: <i>contente</i> .
Concubina: <i>mindjer</i> .	Conter: <i>sugurà</i> .
Condão: <i>condon</i> .	Continuação: <i>continuaçon</i> .
Condecoração: <i>condecoraçon</i> .	Continuar: <i>continua</i> .
Condenação: <i>condenaçon</i> .	Conto = <i>arithm., conto; = narra-</i> <i>ção, storia; = treta, mintida,</i> <i>mintyda</i> .
Condenar: <i>condenà</i> .	Contra: <i>contra</i> .
Condição: <i>condiçon</i> .	Contrabando: <i>contrabano</i> .
Conego: <i>conde (!)</i> .	Contradança: <i>contradança</i> .
Confessar: <i>confessà (?) fassè de-</i> <i>claraçon, declarà, contà; paped</i> .	Contradição: <i>porfia, porfya</i> .
Confiança: <i>cunfiança</i> .	Contradizer: <i>purfià</i> .
Confiar: <i>cunfià</i> .	Contramestre: <i>contramestre</i> .
Confirmação: <i>cunfirmaçõ</i> .	Contrario: <i>contrario</i> .
Confirmar: <i>cunfirmà</i> .	Contratar: <i>contrutà</i> .
Confiscar: <i>tomà, tamà; panhà, ra-</i> <i>batà</i> .	Contrato: <i>contrato</i> .
Confissão: <i>confisson</i> .	Convencer: <i>combencè</i> .
Confluente: <i>contrada de ryo</i> .	Convento: <i>combento; cumbêto =</i> <i>quarto de cama; casinhoto</i> .
Conforme: <i>conforme</i> .	Conversa: <i>combersa</i> .
Confusão: <i>tarpadjaçon</i> .	Conversar: <i>combersà</i> .
Conhecer: <i>concè</i> .	Conversavel: <i>q'o sabe combersa</i> .
Consequinte: <i>consequinte</i> .	Converter: <i>bidà</i> .
Conseguir: <i>alcançà, ialcançà</i> .	Convez: <i>sobrade de nabyo</i> .
Conselheiro: <i>consedjêro</i> .	Convidar: <i>combidà</i> .
Conselho = <i>parecer, condsejo; =</i> <i>junta, palabra</i> .	Convocar: <i>djuntà</i> .
Consentir: <i>cetà</i> .	
Consequencia: <i>consqencia</i> .	

Copado: *fichado*.
 Cópia: *cópia*.
 Copiar: *cópiã*.
 Copo: *copo*.
 Coqueiro: *coquêro*.
 Côr: *côr*.
 Coração: *coraçõ, cõrçõ*.
 Coragem: *balentia*.
 Corajoso: *corsonudo, balente*.
 Corak: *còral*.
 Corcova, coreunda: *marêca*.
 Cordão: *cordõ*.
 Corno: *chifre, q'ifre* (Ziguichor).
 Coróa: *curua, curwa*.
 Coronel: *còrnel*.
 Coronha: *coronha*.
 Coronhada: *corõnhada*.
 Corpo: *corpo*.
 Corpulento: *tamanho*.
 Corpuscular: *lusca-fuça*.
 Corrector: *sinalador*.
 Correia: *cõraa*.
 Correio: *còrcio*.
 Corrente: *còrente*.
 Correnteza: *còrentás, corentagco*.
 Correr: *corê*.
 Corretor: *djilã* (Mand.): *culcador*.
 Corromper: *danã*.
 Cortar: *cortã*.
 Corte: *còrte*.
 Cortezia: *cortsia*.
 Coruja: *quiqya* (Pepel).
 Corvo: *corbo*.
 Coscorrão, earolo: *nhelên* (Pepel).
 Coser: *cossê*.
 Costa: *costa*.
 Costella: *costela*.
 Costumar: *custumã*.
 Costume: *costume*.
 Conve: *còbe*.
 Cova: *coba*.
 Cobarde: *cobarde*.
 Cobardia: *cobardya*.
 Coveiro: *cobador*.
 Coxa: **bunda** (Brasil).
 Coxo: *manco*.
 Cozer: *cuçnhã*.

Cozinhar: *cuçnhã*.
 Cozinheiro: *cuçnhêro*.
 Creada: *criada*.
 Creado: *criado*.
 Creança: *criança*.
 Crear: *criã*.
 Creme = leite creme, *lete durmido*.
 Creculo: *criôl*.
 Crer: *q'erditã*.
 Crestar: **ulú-ulí** (Mand.).
 Cria: *fidjo*.
 Crime: *quívime*.
 Crista: *criçta*.
 Criticar: **cuffi** (Mand.).
 Crocodilo: *lagarto*.
 Crú: *cru*.
 Crucifixo: *santo criçto*.
 Cruel: *malbado*.
 Cruz: *cruç*.
 Cubiçar: *enbçã*.
 Cuidado: *cudade*.
 Cuidar: *cudã*.
 Culpa: *culpa*.
 Culpado: *culpado*.
 Culto: *reliçjon*.
 Cume: *cocuruto*.
 Cumprir: *cumprt*.
 Cunhado: *cunhado*.
 Cúnho: *cunho*.
 Cura: *bigario*.
 Curandeiro: *curador*.
 Curioso: *curiôs*.
 Curral: *còral*.
 Curto: *curto*.
 Curba: *curba*.
 Curbar: *curbã, dobrã*.
 Curvo: *dobraido*.
 Cuspilhar: *cuspi cuspi*.
 Cuspír: *cuspi*.
 Cuspo: *cuspo*.
 Custa: *custa*.
 Custar: *custã*.
 Custo: *custo*.
 Custoso: *custós*.
 Cutilada: *cullada*.

D

- Da: *de*.
 Dativa: *preçente*.
 D'ahi: *d'ly*.
 D'além: *d'la*.
 Dama: *sinhara*.
 Damnado: *danado*.
 Damnificar: *danà*.
 Dança: *dança; badjo*.
 Dançadeira: *badjadèra*.
 Dançador: *badjador*.
 Dançar: *badjà*.
 Dançarina: *badjadèra*.
 D'antes: *otrora; antigamente; no-
tro tempo*.
 D'aquem: *d'es banda, banda d'ly*.
 D'aqui: *d'ly*.
 Dardo: *çagaia*.
 De: *de*.
 Debaixo: *debás*.
 Debalde: *amonton*.
 Debil: *fraco*.
 Debruçar: *amborçà*.
 Decair: *diel, rià*.
 Decantar: *catà*.
 Decapitar: *çapà cab'ça*.
 Decente: *limpo*.
 Decentemente: *limpamente*.
 Decepar: *çapà*.
 Decidir: *ressolbê*.
 Decifrar: *d'binhà*.
 Decisão: *ressulçon*.
 Declamar: *pregoà*.
 Declarar: *declarà*.
 Decorar... lição, *decorà*: = enfei-
tar, *iarmà*.
 Decrepito: *bedjo*.
 Dedal: *didol*.
 Dedilhar: *teocà*.
 Dedo: *dedo*.
 Defeito: *mácula; mancha*.
 Defeuder: *tomã par...*.
 Defensor: *padrinho*.
 Defrente: *na frente*.
 Deflorar: *mara-pãno; cassà*.
 Defluxo: *catár*.
 Deformidade: *mostra*.
 Defronte: *diantè*.
 Defumar: *fumà*.
 Defunto: *dfunto*.
 Degolar: *dogolà*.
 Degredado: *degredado, degredade*.
 Degredo: *degrede, deguerde*.
 Deitado: *detàdo*.
 Deitar: *detà*.
 Deitar-se: ... *detà*. Deitamo-nos,
ná detà.
 Deixar: *dessà*.
 Delgado: *dalgado*.
 Delicadeza: *dilicadessa*.
 Delicado: *dilicado*.
 Delícia: *sábura*.
 Delicto: *quirime*.
 Delido: *q'o dilì*.
 Delir: *dilì*.
 Delirar: *ambarià*.
 Delírio: *ambariaçon*.
 Demais: *demás*.
 Demanda: *demanda*.
 Demasiado: *demás*.
 Demencia: *lôcura, lôquêça*.
 Demente: *dodo; djirâe*.
 Demo: *demône*.
 Demonio: *demône*.
 Demora: *tardança*.
 Demorar: *tardà*.
 Dendê: **chebén**.
 Dengoso: *ampustor*.
 Dentada: *mordedura*.
 Dente: *dente*.
 Dentro: *dentro*.
 Denuncia: *mintyda, mintida*.
 Denunciar: *contà mintyda*.
 Depois: *depôç, dispôç*.
 Deposto: *riantado, q'o tira-do ba-
rete*.
 Depressa: *dupressa*.
 De redor: *roda, bolta*.
 Derramado: *darmado*.
 Derramar: *darmà*.
 Derreter: *rebê*.
 Derribar: *durbà*.
 Derrotar: *bencê*.
 Derrubar: *durbà*.

Desabafar: *desbafã*.
 Desabar: *caê*.
 Desabotoar: *desbotoã*.
 Desacostumado: *descustumado*.
 Desacostumar: *descustumã*.
 Desacreditar: *desquerditã*.
 Desaffronta: *dessafronta*.
 Desaffrontar: *desfrontã*.
 Desafiar: *dessafiã*; *rafiã*.
 Desafiar-se: Desafiar-se: *é dessafiã ung otro, é chamã ung otro quêra; é rafiã ung otro*.
 Desagualho: *desgassadjo*.
 Desagradavel: *q'o oa sabe*.
 Desagradecido: *desgãrdcido*.
 Desalmado: *dessalmado*.
 Desapontar: *pontã*.
 Desaproveitado: *desporbetado*.
 Desarmar: *dessarmã*.
 Desassocego: *ferê*.
 Desastre: *dêsgraça, disgrça*.
 Desavença: *guêra*.
 Desaventurado: *mal-sorteado*.
 Desavergonhado: *desborgonhado*.
 Desbarato: *danaçõ, amontondade*.
 Desbastar... *madeira: chobocã*.
 Desbotar: *botã*.
 Desbravar... *mato, floresta: pãbi (Pepeb)*.
 Descalçar: *discaçã*.
 Descalço: *discaço*.
 Descaminho: *discaminho*.
 Descançar: *discaça*.
 Descanço: *discaço*.
 Descante: *cantiga*.
 Descarado: *desborgonhado*.
 Descarnar = despegar a carne dos ossos: *sburgã*.
 Descarregado: *discargado*.
 Descarregar: *discargã*.
 Descascar: *discascã*.
 Descascado: *discascado*.
 Descente: *limpo*.
 Descer: *dicê, riã*.
 Descida: *dicida*.
 Descoberto: *q'o descubri*.
 Descobridor: *q'o ta descubri*.

Descobrir: *discubri*.
 Descompassado: *cussa que tamanho e passã*.
 Descompor: *discompõ, djuciã*.
 Descomposto: *nu*.
 Descompostura: *discompostura, discompostida*.
 Desconfiado: *discunfiado*.
 Desconfiança: *discunfiança*.
 Desconfiar: *discunfiã*.
 Desconhecer: *disconçê*.
 Desconhecido: *q'o oa concido*.
 Desconsolação: *desconsolaçõ*.
 Desconsolado: *q'o oa contente*.
 Desconsolar: *disconsolã*.
 Descontar: *discontã*.
 Descontentar: *discontentã*.
 Descontente: *discontente*.
 Desconto: *disconto*.
 Descorado = pessoa que perdeu a cõr natural do rosto: *fungulí (=que tem a cõr acinzentada. Mand.); bõtdo; dismaiado*.
 Descoser: *discoçê*.
 Descosido: *discoçido*.
 Descrer: *negã*.
 Descuidado: *discudado*.
 Descuido: *discudo*.
 Desculpa: *disculpa*.
 Desculpar: *disculpã*.
 Desd'agora: *disnã-agora*.
 Desde: *desde*.
 Desdenhar: *disdanhã*.
 Desdentado: *q'o oa ten dente; móco*.
 Desdita: *nhani (Mand.)*.
 Desdizer: *negã*.
 Desdobrar: *disdobrã*.
 Desegual: *q'o oa djunto, q'o manciã*.
 Desejar: *dissidjã*.
 Desejo: *dissidjo*.
 Desejoso: *disdjós*.
 Desembainhar: *disbainhã (?) puzã spada ou faca, buçũ spada*.
 Desembaraçado: *dessimbaraçado*.
 Desembaraçar: *dissimbaraça*.
 Desembarcar: *disbarcã, dissimbarcã*.

Desembrulhar: *tirà cussa d'imbrudjo, dissimburdjá.*
 Desencalhar: *dissincadjá, safá.*
 Desencaminhado: *perdido.*
 Desencaminhador: *perdentedor.*
 «*Padja perdentedor*»; palha, herva desencaminhadora.
 Desencantador: *q'o ta tirá de'ncantamente.*
 Desencantamento: *diss-ncantamente.*
 Desencontrar: *discontrá.*
 Desenfadamento: *dissinfudamente.*
 Desenfadar: *dissinfudá.*
 Desenfastiado: *disfastiado.*
 Desenganado: *dissingunado.*
 Desenganar: *dissinguná.*
 Desenhar: *pintá.*
 Desenho: *pintura, pintada, dissinho.*
 Desenrolar: *disdobra.*
 Desenterrar: *dissinterá, tirá d'fundo de coba.*
 Desentoado: *q'o ca sabe bós; dissintoado.*
 Desentulhar: *dissintuljá.*
 Desentulho: *dissintudjo.*
 Desenxabido: *dore.*
 Desertar: *dissertá, fussi.*
 Desesperação: *dissisparaçõ; raiba.*
 Desesperado: *dissisperado.*
 Desesperar: *dissisperá.*
 Desespero: *raiba.*
 Desfazer: *daná.*
 Desfiar: *desfiá.*
 Desflorar: *mará pano.*
 Desforra: *disfora; atorna.*
 Desgostar: *disgostá.*
 Desgosto: *disgosto.*
 Desgostoso: *q'o ca contente, discontente.*
 Desgovernado: *disgovernado, stargado.*
 Desgovernar: *stargá.*
 Desgraça: *disgraça, disgracia.*
 Deshabitado: *botado.*
 Deshabitar: *botá, mundá (de chon, de cabo, de cassa).*

Deshonra: *borgonha.*
 Deshonrado: *dispréssiado; q'o perdê sê borgonha.*
 Deshoras: *fora d'ora.*
 Designio: *intencion; sentido.*
 Desinchar: *dissinchá.*
 Desinflamar: *dissinflamá.*
 Desistir: *dessá.*
 Deslavado: *dislubado.*
 Deslisar: *scórgá.*
 Desmaiado: *disnatá lo.*
 Desmaiar: *dismatá.*
 Desmaio: *dismay.*
 Desmamar: *dissuamantá.*
 Desmanchar: *dismanchá.*
 Desmarcado: *fora de marca.*
 Desmazelado: *dismaglado.*
 Desmentir: *porfiá.*
 Desmerecer: *dismerecê.*
 Desnatar: *dissnatá.*
 Desobedecer: *dissobedê.*
 Desordem: *dissorde.*
 Despacho: *dispacho.*
 Despachar: *dispachá.*
 Despedaçar: *çapá; çapa-çapá.*
 Despedida: *dispidida.*
 Despedir: *dispidi.*
 Despejar: *dispidjá, dispedjá.*
 Despertar: *cordá.*
 Despesa: *gaço.*
 Despido: *nu.*
 Despir: *dispi.*
 Desposar: *cassá.*
 Desposorio: *cassamente.*
 Despota: *ome-brabo.*
 Despovoado: *cabo q'o botado.*
 Despovoar: *botá chon.*
 Desprender: *largá.*
 Desprezar: *dispreçiá.*
 Desprezível: *dispregiado.*
 Desquite: *atorna.*
 Destacar: *largá, mandá.*
 Destapar: *distapá.*
 Desterrado: *deguerdado.*
 Desterrar: *deguerdá.*
 Desterro: *degrêde, deguêrde.*
 Destino: *sina.*

Destrancar: *distrancà, tirà antranco*.
 Destreza: *abildade*.
 Destruir: *danà; durbà*.
 Destruído: *rassado; durbado*.
 Desventura: *mà sorte*.
 Desvergonha: *desbargonhamente*.
 Desviar: *racuà*.
 Deter: *pàrà*.
 Detestavel: *peste (?) ; máo gosto*.
 Detraz: *banda de trás, trás*.
 Deus: *dès*.
 Deuses: **irans** (Popel), **china** (no singular. Fulupo): **iran** (no singular).
 Devagar: *d'bagar*.
 Devedor: *dibedor*.
 Dever: *obrigação*.
 Deveras: *certo*.
 Devoção: *dibogon*.
 Devorar: *angulí*.
 Dez: *dès*.
 Dezenove: *dissanobe*.
 Dezeseis: *dissasseis*.
 Dezesete: *dissassete*.
 Dezoito: *dissabito, dissuito*.
 Dia: *dya*.
 Diabinho: *fidjo de demone*.
 Diabo: *demone, diabo; serpente*.
 Diabrura: *brincadêra*.
 Dialecto: *lingo*.
 Diamante: *biamanta, diamante*.
 Diante: *diente*.
 Dianteira: *endiantêra*.
 Diarrhea: *panga-baryga*.
 Diffamar: *danà nome*.
 Diferença: *diferença*.
 Diferente: *q'o ca djunto, diferente*.
 Difficil: *q'o oa sabe fassê*.
 Digestão: *didjiston*.
 Digno: *onrade*.
 Diligencia: *diligencia*.
 Diligente: *dilidjente*.
 Dillir: *dill*. A carne tornou-se liquida, «carne dillí».
 Dinheirama: *manga de dinhêro*.
 Dinheiro: *dinhêro*.
 Dinheiroso: *q'o ten dinhêro, ricon*.

Dique: **empuncam'** (Fulupo).
 Direita, o: *dirito*.
 Discipulo: *diciplo, dicipile*.
 Disco: *vôda*.
 Discursar: *papeà, arengà*.
 Discurso: *fala, palavra, arenga*.
 Discussão: *purfia*.
 Disenteria: *pangà baryga*.
 Disparato: *asnêra*.
 Dispensa: *dispença*.
 Disputa: *arenga; guera*.
 Disputar: *arengà; quereà*.
 Dissimular: *findji*.
 Dissipar: *danà; padjigà; botà*.
 Dissuadir: *tirà aguen un cussa de sintido*.
 Distante: *londje*.
 Distinção: *distinçon*.
 Distinguir: *distinguí*.
 Dita = sorte. *dita*.
 Divertido: *alegre, brincadjon*.
 Divertir: *brincà*.
 Divida: *dibida*.
 Dividir: *saparà*.
 Dizer: *falà, papeà, contà*.
 Do: *de*.
 Dó = lucto, *don*: = compaixão, *dor*.
 Dobrar: *dobrà*.
 Dobra: *dobra*.
 Dobradica: *dobradyça*.
 Dobrado: *dobrado*.
 Dobrar: *dob.à*.
 Dobro: *dobro*.
 Doce: «*melà*».
 Doença: *doença*.
 Doente: *doente*.
 Doentio: *q'o cheo doença*.
 Doer: *dê*. Doe-me, *e' na dê-m'*.
 Não te doe? *e' ca na dê bo?*
 Doidejar: *iandà sima dôdo*.
 Doidice: *locura*.
 Doidivasas: **djirée** (Mand. ?).
 Doido: *dôdo*.
 Dois: *dôç*.
 Dom: *don*.
 Domingo: *d'mingo*. S. Domingos, *san-l'mingo* (Cacheu).

Dona: *dona; nha*.
 D'onde: *nonde*.
 Dono: *dono*.
 Dor: *dor*.
 Dormir: *durmi*.
 Dos: *de*.
 Dote: *dote*.
 Doutor: *dotor; gurdjon*.
 Doutrina: *dotrina*.
 Dôze: *doce*.
 Driça: *driça*.
 Duas: *dôç*.
 Duello: *guêra*.
 Duplo: *dobrado*.
 Durar: *tardã*.
 Duro: *duro*.
 Duvida: *dubida*.
 Duzentas: *ducentas*.
 Duzia: *ducia*.

E

E: *e*.
 Eça: *tumba*.
 Ecco: *toada*.
 Edade: *idade*.
 Edificar, edificar casa, *pangã cassa*.
 Edifício: *cassa*.
 Edital: *bano; carta*.
 Educação: *insino*.
 Educar: *insinã*.
 Igreja: *grêssa*.
 Igualha: *mandjwa*.
 Eia: *eh!*
 Eil-a, o: *ale l, ala-l*.
 Eis: *alé, ali*.
 Eis aqui: *alé, ali*.
 Eito: *siguido*.
 Elegante: *rascon, roscon*.
 Elefante: *lifante*.
 Elephantiasis: *catimbó (Pepel)*.
 Elevar: *lobantã, ialçã, sibintí*.
 Ella, e: *el*.
 Elogio: *engabamente, gabaçon*.
 Eloquencia: *lábia, fala sube*.
 Eloquentes: *ben-falante*.
 El-Rei: *nho-rey, ré*.
 Em: *na*.

Ema: *iêba*.
 Embandeirar: *pô bandêra, iarmã bandêra*.
 Embaralhar: *baradjã*.
 Embarecação: *amb areaçõ*.
 Embarcar: *amb areã*.
 Embebedar: *chamí*.
 Embigo: *umbigo, bico*.
 Embirrar: *têmã*.
 Embora: *si bin que, nin que*.
 Embravecer: *bidã brabo*.
 Embriagado: *bebido, móco*.
 Embriagar: *chamí*.
 Embrulhado: *ambudjã*.
 Embrulhar: *ambudjã*.
 Embrulho: *ambudjã*.
 Embrutecer: *bidã bruto*.
 Embuçado: *umbuchado*.
 Embusteiro: *umbustêro*.
 Emenda: *menda, emenda*.
 Emendado: *mendado*.
 Emigrar: *suê de tera, botã chon*.
 Emagrecer: *magrecê*.
 Emanquecer: *manquedjã*.
 Emendar: *menjá*.
 Emudecer: *bidã mudo*.
 Empenhar: *ampenhã*.
 Empenho: *ampenho*.
 Empola: *boi badja*.
 Empolar: *lufufi (Mand.)*.
 Empregar: *ampregã*.
 Emprego: *amprego*.
 Empreitada: *ampletada*.
 Emprenhar: *prênã*.
 Emprestar: *pistã*.
 Empréstimo: *pistaçon (?)*. Fui fazer um empréstimo, *em bá pistã*.
 Empurrão: *«ampurron», pincho*.
 Empurrar: *pinchã*.
 Encaxo: *lopé; acatã*.
 Encalhar: *encudjã*.
 Encaminhar: *mostrã caminho, sinatã*.
 Encaminhar-se: *bã dirito ou derito; sigui*.
 Encantador: *odjada; iran (Pepel); serpente*.

Encantamento: *encantamente*, *mo-rança*.

Encantar: Foi transformar-se numa serpente encantada, *e' bô bidâ serpente*.

Encarcerar: *metê na calabôis*.

Encarnado: *bermedjo*.

Enchente: *inchente*.

Encher: *inchê*.

Encobertar: *sucundi*.

Encolher: *encodjê*.

Encolhido: *q'o ten medo*.

Encontrada: *encontrada*.

Encontrão: *encontron*.

Encontrar: *encontrâ*.

Encostar: *encostâ*.

Encusar: *quinguiti* (Mand.).

Encartar: *bidâ cussa curto*.

Endiabrado: *danado, dôto*.

Endoidecer: *fissê ou bidâ alguem dôto*.

Enfadar: *enfadâ*.

Enfado: *enfadamente*.

Enfadoinho: *enfadoinho*.

Enfeitar: *compô*.

Enfeitigar: *fidi*.

Enfermeiro: *infermêro*.

Enfermidade: *doença*.

Enfermo: *doente*.

Enfiar: *anfiâ*.

Enforcado: *fôrcado*.

Enforçar: *forçâ*.

Enfurecer: *bidâ furios*.

Enfurecido: *furios*.

Enganar: *enganâ*.

Engano: *engano*.

Engasgar: *fogâ*.

Engasgar-se: *... fogâ*. Engasguei-me. *em fogâ*.

Engatinhar: *gatinhâ*.

Engaitado: *q'o batado*.

Enguitar: *bidâ*.

Engenho: *djeto*.

Engenhoso: *abilidôs, djeitôs*.

Engodar: *enganâ*.

Engommado: *gomado*.

Engordar: *engordâ*.

Engraxar: *limpâ ou scobâ sapato*.

Enguiço: *sinal*.

Engulir: *enguli*.

Enjoar: *andjoâ* (?), *nodjâ*.

Enjoo: *nodjo*.

Enlamear: *lamá*.

Ennevoar: *funguli* (Mand.).

Ennodar: *nôdâ*.

Ennublar: *armâ turbada*.

Enorme: *garande*.

Enredar: *tarpadjâ*.

Enrijar: *bidâ risso*, *quinguiti* (Mand.)

Enrolar: *rolâ*.

Ensaboar: *labâ co' sabon*.

Ensaiar: *spirimenta*; *ansinâ*.

Ensalo: *spirimentaçun*; *ansino*.

Ensosso: *doce*; *doxe* (Cabo verde).

Ensurdecer: *bidâ surdo*.

Entalação: *entalaçun*.

Então: *anton*.

Entender: *entendê*.

Entenebrece: *scurcê*.

Enterrar: *anterâ*.

Enterro: *antero*.

Entoar: *cantâ*.

Entontecer: *bidâ tonto*.

Entornar: *antornâ*.

Entortar: *antortâ*.

Entrada: *entrada*.

Entrançar: *torcê*.

Entrar: *entriâ*.

Entre: *na mê, na metade*.

Entrego: *antrego*.

Entregar: *antergâ*.

Entrementes: *têmente*.

Entretanto: *mente*.

Entrudo: *untrudo*.

Entulhar: *antudjâ*.

Entulho: *antudjo*.

Entupir: *antupl*.

Envenenador: *q'o ta dá pçonha; fotocêro; criminos*.

Envenenar: *dâ pçonha*.

Envergonhado: *borgonhós*.

Envergonhar: *põe na borgonha*.

Enviar: *mandâ*.

Enxada: <i>inchada</i> .	Esfarrapar: <i>ratadjà</i> .
Enxaguar: <i>saguh</i> .	Esfarrapado: <i>ratadjado</i> .
Exame: <i>insame</i> .	Esfoladura: <i>quémadura</i> .
Enxarcia: <i>insarcia</i> .	Esfolar: <i>folà: quemà</i> .
Enxergão: <i>inchergon</i> .	Esfomeado: <i>sfomeado</i> .
Enxó: <i>inchó</i> .	Esfregar: <i>sfergà</i> .
Enxofre: <i>inchofre</i> .	Esfriar: <i>friantà</i> .
Enxotar: <i>cercà; b'ndà</i> : enxotar moscas, <i>b'ndà mosca, moça</i> .	Esfriar: <i>serenà; friantà</i> .
Epidemia: <i>duença garande; andás</i> .	Esfumado: <i>fumado</i> .
Era: <i>tempo</i> .	Esganar: <i>forcà</i> .
Errado: <i>iavado</i> .	Esgaravatar: <i>garbatà</i> .
Errar: <i>iavà</i> .	Esmola: <i>sumóla</i> .
Erro: <i>éro; angano</i> .	Esmolar: <i>dà sumóla</i> .
Escachado: <i>rachado</i> .	Espaço: <i>bento; ceo</i> .
Escada: <i>scada, scádea</i> .	Espaçoso: <i>largo</i> .
Escaldado: <i>quémado</i> .	Espada: <i>spada</i> .
Escaler: <i>scaler</i> .	Espadarte: <i>spadarte, pêç-spada</i> .
Escama: <i>scuma</i> .	Espadoa: <i>ombra</i> .
Escamar-se: <i>sangá</i> .	Espalhado: <i>padjigado</i> .
Escangalhar: <i>dauà, scangadjà</i> .	Espalhar: <i>padjigà</i> .
Escapar: <i>scapà</i> .	Espancar: <i>madjã co' pancada</i> .
Escarneo: <i>discárna</i> .	Espantar: <i>spantà</i> .
Escarrrar: <i>b'ndà catar</i> .	Espanto: <i>spanto</i> .
Escarro: <i>catar</i> .	Espantoso: <i>medonho</i> .
Escoar: <i>scòà</i> .	Especie: <i>q'oldade</i> .
Escoicear: <i>ramangà cós</i> .	Espectro: <i>bullo</i> .
Escola: <i>scola</i> .	Espelho: <i>spedjo</i> .
Esecolar: <i>studante</i> .	Espera: <i>spera</i> .
Escolha: <i>scodja</i> .	Esperado: <i>spèrado</i> .
Escolher: <i>scodjè</i> .	Esperança: <i>spèrança</i> .
Esconder: <i>sucundí</i> .	Esperar: <i>sperà</i> .
Escora: <i>uncunho</i> .	Espertar: <i>spertà</i> .
Escorar: <i>uncunhã</i> .	Esperteza: <i>spertessa, djivessa</i> .
Escorregar: <i>scorgà</i> .	Esperto: <i>djiro, sperto</i> .
Escorva: <i>scorba</i> .	Espetado: <i>fincado</i> .
Escorvar: <i>cargà</i> .	Espetar: <i>fincà</i> .
Escovens: <i>scobens</i> (?), <i>escovens</i> .	Espião: <i>spion</i> .
Escova: <i>scoba</i> .	Espiar: <i>spià, djinpini</i> (Mand.).
Escovar: <i>scobà</i> .	Espiga: <i>spiga</i> .
Escrava, o: <i>scrabo, djon</i> (Mand.).	Espingarda: <i>iarma, arma</i> .
Escrever: <i>sq'erbè</i> .	Espinha: <i>spinha</i> .
Escrepta: <i>carta</i> .	Espinhaço: <i>spinhás</i> .
Esendo: <i>djarga</i> .	Espinho: <i>spynha</i> .
Escuma: <i>sucuma</i> .	Espirito: <i>sprito, ialma</i> .
Escuro: <i>sucuro</i> .	Espirrar: <i>*spirrà, spirà</i> .
Esfaimado: <i>sfomeado</i> .	Espirro: <i>spiro</i> .
	Espivitar: <i>tiçà</i> .

Espora: *spora*.
 Esportula: *lobà-remo*.
 Esposar: *cassà*.
 Esposo: *marido*.
 Espreitar: **djimpini** (Mand.).
 Espremar: *spermè*.
 Escuma: *sucuma, sucuma*.
 Escumar: *sucumà*.
 Esquartejar: *sapà sapà*.
 Esquecer: *disquici*.
 Esquecido: *disquicido*.
 Esquife: *tumba*.
 Esquilo: **sâninho** (Mand.).
 Esquina: *sqyna*.
 Essa, e: *quel*.
 Ess'outro: *quel-otro*.
 Esta: *es*.
 Estabelecer: *morà*.
 Estalar: *rebetà*.
 Estampa: *figura, figura*.
 Estar: *stà*.
 Este: *es*.
 Êste: *leçte*.
 Esteira: *stèra*.
 Estender: *stendè*.
 Estendido: *stendido*.
 Esterco: *muntedo*.
 Estima: *stimaçon, quèrença*.
 Estomago: *stango*.
 Estopa: *stopa*.
 Est'outro: *es-otro*.
 Estouvado: *patetq, embariado*.
 Estragado: *stargado*.
 Estragamento: *danaçon*.
 Estragar: *danà, stargà*.
 Estrago: *strago*.
 Estrangeiro: *ospre, strandjero, malan* (Mand.).
 Estrangular: *forcà*.
 Estranhar: *distranhà*.
 Estranho: *stranho*.
 Estreitar: *perit*.
 Estrella: *sterela, strela*.
 Estudat: *studà*.
 Estudo: *studo*.
 Estupido: *tapado, curto*.
 Estupor: *bento, mão-bento*.

Eu: *a mi, a min, òm* (Mand.), *mi*.
 Eunuchos: *capado*.
 Europa: *tera branco*.
 Europeu: *nhambabo* (Creonlo-indigena, ou industanico).
 Exacto: *djuço*.
 Exasperar: *dissisperá*.
 Exclamar: *pupà*.
 Exemplo: *essempla, ansempla*.
 Exequias: *chôr*.
 Exercício: *ansino*.
 Experto: *sperto, djiro*.
 Explicação: *splicaçon*.
 Explicar: *displicà*.
 Expulsar: *cercà*.
 Exterior: *banda de fora*.
 Extravagancia: *starbagancia, strago*.
 Extravagante: *stragado*.
 Extravasat: *cambià; darmà*.

F

Fabricar: *fabricar casa, pangà...=*
armar, construir, iarmà, compò.
 Fabula: *storia*.
 Fabulista: *contador d'storia*.
 Fabuloso: *mintyda*.
 Faca: *faca*.
 Facada: *facada*.
 Facalhão: *facadjon*.
 Façanha: *machondade*.
 Face: *rôçto*.
 Facinora: *criminós*.
 Fada: **iran** (Pepel).
 Fadiga: *cancèra*.
 Fado: *sorte*.
 Faiscar: *lamprà*.
 Faisca: *faicça*.
 Fala: *fala*.
 Falador: **cotè** (Mand.); *bacherel*.
 Falar: *fatà, papià*.
 Falcão: *falcon*.
 Falha: *racha*.
 Falhar: *«minti»*.
 Falsia: *falsya*.

Falsidade: <i>falsidade</i> .	Feitiço: <i>futls</i> = malefício.
Falso: <i>falso</i> .	Feitio: <i>forma</i> .
Falta: <i>falta</i> .	Feitoria: <i>ponta</i> .
Faltar: <i>fallà</i> .	Feixe: <i>fés</i> .
Fama: <i>fama</i> .	Fel: <i>fel</i> .
Familia: <i>familia</i> .	Felicidade: <i>filcidade</i> , <i>sorte</i> .
Famoso: <i>q'o ten fama, q'o ten nomeada</i> .	Feliz: <i>sorteado</i> .
Fanado = circumcidado, <i>fanado</i> = mureho, <i>murcho</i> = amputado, <i>capado</i> .	Femea: <i>femea</i> .
Fanhoso: <i>fanhós</i> .	Fenda: <i>rocha</i> .
Farda: <i>farda</i> .	Fendedor: <i>rachador</i> .
Farejar: <i>cherà-cherà</i> .	Fender: <i>rachà</i> .
Farelo: <i>fôrel</i> .	Fendido: <i>q'o fendè</i> .
Farinha: <i>fôrnhã</i> .	Ferir: <i>fidi</i> .
Fariscar: <i>cherà-cherà</i> .	Ferir-se: <i>fidi cab'ça</i> .
Faro: <i>chero</i> .	Feroz: <i>ferôs, ferûs</i> .
Farrapo: <i>ratadjo</i> .	Ferreiro: <i>ferêro, ferêro</i> .
Farroupilha: <i>amonton</i> .	Ferro: <i>fêro</i> .
Fartar: <i>fartà</i> .	Ferrugem: <i>ferûs</i> .
Farto: <i>farto</i> .	Ferver: <i>ferbè</i> .
Fartura: <i>fartuda</i> .	Fervura: <i>ferbura</i> .
Fastio: <i>fastiente</i> .	Festa: <i>feçta</i> .
Fastio: <i>fastyo</i> .	Festança: <i>feçta, feçta garando, fundon</i> .
Fasto: <i>faço</i> .	Fiança: <i>fiança</i> .
Fatia: <i>fatya</i> .	Flandeira: <i>fiandera</i> .
Fato: <i>fato</i> .	Fiar: <i>fià</i> .
Faúla: <i>faúça</i> .	Ficar: <i>ficà</i> .
Fava: <i>faba</i> .	Fidalgo: <i>fidalgo</i> .
Favo: <i>fabo</i> .	Fidalguia: <i>fidalguya</i> .
Favor: <i>fabor</i> .	Fiel: <i>fiel</i> .
Fazenda: <i>fassenda</i> .	Figa: <i>figa</i> .
Fazer: <i>fassè</i> .	Figado: <i>figdo</i> .
Fê: <i>fê</i> .	Figura: <i>figura</i> .
Febre: <i>febre</i> .	Filha, o: <i>fidjo</i> .
Feehadura: <i>fehadura</i> .	Filtrar: <i>coà</i> .
Fechar: <i>fichà</i> .	Fim: <i>fin</i> .
Fecho: <i>fecho</i> .	Fincapé: <i>fincapé</i> .
Feder: <i>fêdè? cherà mal</i> .	Finear: <i>fincà</i> .
Fedor: <i>mão chero</i> .	Fingido: <i>findjido</i> .
Feijão: <i>fiisson</i> .	Fingimento: <i>findjimento</i> .
Feijoeiro: <i>pê de fiisson</i> .	Fingir: <i>findjt</i> .
Feio: <i>feo</i> .	Fino: <i>fino</i> .
Fera: <i>fêra</i> .	Firme: <i>firme, firmo</i> .
Feiticeiro: <i>fotocêro</i> .	Firmeza: <i>firmeza</i> .
Feiticeira: <i>futls</i> .	Fisga: <i>fisga</i> .
	Fisgar: <i>fisgã</i> .
	Fita: <i>fita</i> .

Flamengo: *olandês*.
 Flamingo: *iêba, flamengo*.
 Flato: *salês*.
 Flauta: *flauta, flaita, flito*.
 Fleuma: *fleima*.
 Flor: *fulor*.
 Floresta: *mato*.
 Foçar: *cobã*.
 Focinho: *boca*.
 Fofa: *mole*.
 Fogão: *fugon*.
 Fogueira: *foguêra*.
 Foguete: *fuguete*.
 Folego: *folgo*.
 Folgado: *q'ô baganã, largo*.
 Folha: *fodja*.
 Folho: *fodjo*.
 Follê: *fole*.
 Fome: *fome*.
 Fomentação: *fomentaçom*.
 Fomentar: *fomentã*.
 Fonte: *fonte, fúnti*.
 Fora: *fora*.
 Força: *força*.
 Força: *força*.
 Fôrma: *forma*.
 Formão: *formon*.
 Formar: *formã, compd*.
 Formiga: *formyga, formiga*.
 Formosa, o: *formós*.
 Formosura: *formossadya*.
 Fornalha: *fornadja*.
 Fornicação: *fornicaçom*.
 Fornicar: *mocã*.
 Forno: *fôrno*.
 Forquilha: *forquydja*.
 Forrar: *forã*.
 Forro: *foro*.
 Fortaleza: *mura*.
 Fortificar: *murã*.
 Fortuna: *fortuna, sorte*.
 Fosso: *fôs, coba*.
 Foz: *bocãna*.
 Fracalhão: *fracadjon*.
 Fraco: *fraco*.
 Frade: *frade*.

Fragata: *fragata*.
 Francez: *francês*.
 Franga, o: *franga*.
 Franja: *cadidjo*.
 Frasco: *frasco*.
 Frasqueira: *frasquêra*.
 Frecha: *frêcha*.
 Frechar: *ferchã*.
 Freio: *frey*.
 Frente: *frente*.
 Fresco: *frecco*.
 Frescura: *freçcura*.
 Fretar: *fertã, fretã*.
 Frete: *frete*.
 Fria, o: *fryo*.
 Friagem: *friênça*.
 Fricção: *fregaçom*.
 Frieza: *friença*.
 Frigir: *furei*.
 Fronha: *fronha*.
 Fruta, o: *fruta*.
 Fuão: *fulano, endê (Mand.)*.
 Fugida, o: *fussido*.
 Fugir: *fussi*.
 Fulana, o: *fulano*.
 Fulgir: *lamprã*.
 Fuligem: *fumo*.
 Fulo: *côr de manpatãs (Mand., Fula)*.
 Fumar: *fumã*.
 Fumegar: *botã fumo; fumã*.
 Fumeiro: *funêro*.
 Fumo: *fumo*.
 Fundear: *fundeã*.
 Fundir: *rebê*.
 Fundura: *fundura*.
 Funeral: *antero*.
 Funil: *funil*.
 Furacão: *turbada*.
 Furar: *furã*.
 Fúria: *fúria*.
 Furioso: *furiós*.
 Fúria: *brabessa, furia*.
 Furtada, o: *furtado*.
 Furtafogo: *furta-fugo*.
 Furtar: *furtã*.

Furto: *furto*.
 Fusca, o: *fusca*.
 Fuso: **guicho**.

G

Gabar: *angabà*; *djatà*: **djahamú**.
 Gabo: *angabamente*.
 Gafa, o: *gafó*.
 Gageiro: *gadjèro*.
 Gago: *gago*.
 Gaguejar: *gaguedjà*.
 Gaiato: *gaiato*.
 Gaiola: *gaiola*.
 Gaita: *gaita*.
 Galante: *galante*.
 Galera: *galera*, *galeria*.
 Galhofa: *mangaçon*.
 Gallego: *galego*.
 Gallinha: *galynha*.
 Gallo: *galo*.
 Galocha: *galocha*.
 Galope: *galope*.
 Gamboa: *cambiva*.
 Gana: *gana*.
 Gangrena: *bichoca*.
 Ganhar: *ganhá*, *anganhá*.
 Ganho: *ganho*, *anganho*.
 Garboso: *barandà*.
 Garfo: *garfo*.
 Gargalhada: *gargadjadu*.
 Gargalo: *gargal*.
 Garganta: *gargante*.
 Gargantear: *sotà bôs*.
 Garlopa: *garlopa*.
 Garrafão: *garrafon*.
 Garrar: *raçlà*.
 Gastar: *gaçtâ*.
 Gasto: *gaçto*.
 Gata, o: *gato*.
 Gaveta: *gabeta*.
 Gazella: *gassela*.
 Geito: *djeto*, *djito*.
 Geitoso: *djeitôs*.
 Gema: *djemá*.
 Gemada: *djemada*.

Gemeo: *djemeo*.
 Gemer: *djemê*.
 Gemido: *djemido*.
 Genebra: *djinebra*.
 General: *djeneral*.
 Genero: *q'oldade*, *q'aldade*.
 Gengibre: *djindjibre*.
 Gengiva: *djindjiba*.
 Genio: *djemo*, *djeno*.
 Gente: *djente*.
 Gentia, o: *djintyo*.
 Gentilhomem: *fidalgo*.
 Gentilismo: *djintiundade*.
 Gergelim: *djesselin*.
 Gilboya: *serpente*.
 Giganta, e: *djigante*.
 Gilvaz: *lanho*.
 Gingar: *singà-singà*.
 Gis: *djis*.
 Gloria: *gloria*, *goleria*.
 Glotão: *golodjo*, *solodjo*.
 Goiva: *goiba*.
 Gola: *gola*.
 Gole: *«golpe»*.
 Golphino: *toninha*.
 Golpe: *golpe*, *lanho*, *cutlada*.
 Golpear: *lanhá*.
 Gomo: *«mama»*.
 Gonorrhéia: *gonorrêa*.
 Gorado: *q'o cortà*, *q'o «minti»*.
 Gorar: *cortà*, *minti*.
 Gorda, o: *gordo*.
 Gordura: *gordura*.
 Gorgear: *cantà*, *papedà*.
 Gostar: *gostà*.
 Gosto: *gosto*, *guçto*.
 Gota: *rumatismo*, o.
 Governador: *governador*.
 Governar: *governà*.
 Governo: *governo*.
 Gozar: *angossà*.
 Gozo: *guçto*.
 Graça: *garaca*.
 Gracejador: *garaciôs*.
 Gral: *pilon*. Mão de gral, *pó de pila*.
 Grialha: *corbo*.

Grande: *garande*.
 Grandeza: *garandessa*.
 Grandura: *tamanho*.
 Granel: **tanho, bembá** (Mand.).
 Grão: *garan*.
 Gratificação: *labaremo*.
 Gratis: *gratuïtes* (Francez), *de mon bédjado*.
 Grau: *pôs*.
 Gravata: *garabata*.
 Grávida: *prenha, prenhada*.
 Graxa: *graxa, gracha*.
 Grillão: *gridjon*.
 Grito: *djirto, grito, pupo*.
 Gritar: *djirtà*.
 Gritaria: *guirtadya*.
 Grito: *djirto, grito*.
 Grosso: *grôs*.
 Grumeta: **tungumà**.
 Grumete: *gurmete*.
 Guarda: *guarda*.
 Guardar: *gardà*.
 Guarda-sol: *garda-sol*.
 Guerra: *guèra*.
 Guerreador: *guereador*.
 Guerreiro: *balenton*.
 Guiar: *sinalà, companhia*.
 Guloso: *golôs, golodjo, solodjo*.
 Gume: *fyô*.
 Gorgulho: *gorgudjo*.
 Gurupês: *gurpês*.

II

Ha: *ten*.
 Habilidade: *abildade, djêto*.
 Habitação: *môrança, cussa*.
 Habitador: *morador*.
 Habitar: *morà*.
 Halito: *bafo*.
 Herança: *ârança*.
 Herdar: *iardê*.
 Herdeiro: *endêro*.
 Hervar: *padja*.
 Hiate: *iato*.
 Historia: *storia*.
 Hoje: *adô*.

Holanda: *olanda*.
 Holandez: *olandês*.
 Hombro: *ombra*.
 Homem: *ome*.
 Homenzarrão: *mandiêco d'ome; canera d'ome, santa-maria d'ome; djigante*.
 Homenzinho: *omessinho*.
 Honra: *onra*.
 Hontem: *onte*.
 Horrendo: *medonho*.
 Horta: *quintal, tapada*.
 Humilde: *umilde*.

I

Ibis: *martel (?)*.
 Ideia: *sintido*.
 Idolatra: **cafre** (Mand. e Arabe).
 Idolo: *figura; irã* (Pepel).
 Ignorante: *q'ô cu sebê nin nada, buro, bruto, curto*.
 Ilha: *djeo, djen, djê*.
 Dharga: *pontada*.
 Ilheo: *djeta*.
 Ilhota: *djeoginho*.
 Ilusão: *angano*.
 Imagem: *figura, figura*.
 Imaginação: *imaginaçon*.
 Imaginar: *sismà*.
 Imitação: *imitaçon*.
 Imitar: *remendà*.
 Imenso: *garande*.
 Impigem: *«impincho»*.
 Importunar: *forontà*.
 Impostor: *ampustor*.
 Imprudencia: *ricço*.
 Incapaz: *q'ô ca capás*.
 Incenso: *incenço*.
 Inchação: *inchaçon*.
 Inchaço: *inchasco, inchás*.
 Inchada, o: *inchado*.
 Inchar: *inchô*.
 Inclinação: *inclinaçon*.
 Inclinado: **djenguê**.
 Inculcar: *culcà*.

Indecente: *borgonhós*; *nòdjente*.
 Indicar: *mostrà*.
 Indígena: *fidjo de tera, fidjo de chon*.
 Indivíduo: *alguen, iaguen*.
 Indole: *djenio*.
 Indolencia: *pirguica*.
 Indolente: *pirguicós*.
 Induzir: *raftã*.
 Infante: *infante, blerè* (Pepel).
 Infeliz: *mal-sorteado*.
 Infiel: *djintyo*.
 Inflamação: *inflamaçon*.
 Informação: *informaçon*.
 Inglês: *inglès*.
 Ingratidão: *ingratidon*.
 Ingrato: *ingrato*.
 Ingua: *carôç*.
 Inhamo: *nhame, nhambe*.
 Inimigo: *nimigo*.
 Injúria: *indjúria*.
 Injuriar: *discompò, indjúria*.
 Innocente: *nócente*.
 Inquieto: *bulicós*.
 Insecto: *bicho*.
 Insensato: *dôdo*.
 Insolencia: *stirbimente*.
 Insolente: *stirbido*.
 Instancia: *têna*.
 Instante: *gò'sin, gò'se*.
 Instincto: *sintido*.
 Insultar: *chamã nome*.
 Intacto: *q'ò ca bolido*.
 Intenção: *intento, sintido*.
 Intentado: *entendado*.
 Intentar: *spirmentô*.
 Interessado: *interessêro*.
 Interior: *dentro, banda de dentro*.
 Interpretar: **cholonador** (Fulupo),
lingo.
 Intervir: *metê na palabra*.
 Intestino: *tripa, antranha*.
 Inundação: *lagança*.
 Inundar: *lagã*.
 Invalido: *doente*.
 Inveja: *inbedja*.
 Invenível: *q'ò catã podido q'el*.

Inverno: *tempo de chuva*.
 Ir: *bãe*.
 Ira: *rãiba*.
 Irmã, irmão: *ermon*.
 Isabel: *sabel*.
 Isca: *icã*.
 Iscar: *icã*.
 Isso: *q'el*.
 Isto: *es*.
 Italiano: *italiano*.

J

Já: *djá, dja*.
 Jacaré: *lagarto*.
 Jactancia: *andjatamente*.
 Jactancioso: *ampistor*.
 Jaleco: *djaleca*.
 Jalefo: *djalof, soroã*.
 Jámais: *nunca, «djunamís»*.
 Janella: *djaneta*.
 Janelleiro: *djanelêro*.
 Jantar: *djantã*.
 Jaqueta: *djaqueta*.
 Jarda: *djarda*.
 Jardim: *djardim*.
 Jarra: *djara*.
 Javardo: *porco de mato*.
 Jejuar: *djundjã*.
 Jejum: *djunjun*.
 Jeropiga: *djurpiga*.
 Jesus: *djessã, djissã*.
 Joelho: *djódjo*.
 Jogador: *djogador*.
 Jogra: *bobo*.
 Jornada: *biãs*.
 Jornal: *djornal*.
 Jorra: *djôra*.
 Judeu: *djudeu*.
 Juiz: *djís, djúis*.
 Julgar: *djadgã*.
 Julho: *djulho*.
 Juncos: *mantampa*.
 Junho: *djunho*.
 Juntar: *djantã*.
 Junto: *djunto*.

Jura: *djurmente*.
 Jurar: *djurmentã*.
 Justiça: *djustiça, djistiça*.
 Justo: *djuço*.

L

Lá: *lá*.
 Lã: *lan*.
 Labia: *labia*.
 Laço: *laço; armadidja*.
 Lácre: *lacre*.
 Ladainha: *ladaynha*.
 Lado: *lado*.
 Ladra, ladrão: *ladron*.
 Lagartixa: *lagartyça, la gartycha, lagartyxa*.
 Lagarto: *lagarto*.
 Lago, lagoa: *lagica*.
 Lais: *láis*.
 Lama: *lama*.
 Lamaçal: *lamêro, cabo de lama*.
 Lambão: *lambon, lambão*.
 Lambás: *lambás*.
 Lamber: *lambê, lembê*.
 Lambida: *lambida, lembida*.
 Lamentar: *mesquinhã, chorã*.
 Lamento: *chôr*.
 Lança: *lança*.
 Lançar: *lançã*.
 Lanceta: *lanceta*.
 Lancetada: *lancetada*.
 Lanchada: *lanchada*.
 Lanchão: *lanchon*.
 Lanchara: *lancha*.
 Langotin: (?) *chacoal*.
 Lanhar: *lanhã*.
 Lanho: *lanho, golpe*.
 Lapis: *lapis*.
 Lar: *fugon*.
 Laranja: *larandja*.
 Largar: *largã*.
 Largo: *largo*.
 Largura: *largura*.
 Lasca: *lasca*.
 Lastima: *lastma*.
 Lastimar: *mesquinhã*.

Lastro: *lastro*.
 Lata: *lata*.
 Latão: *tassa bara*.
 Latego: *rebêncu*.
 Latrina: *latryna*.
 Lavado: *labado*.
 Lavadura: **manchóbot** (Pepel).
 Lavar: *labã*.
 Lavoira: *labôr*.
 Lavra: *labôr*.
 Lavrador: *labrador*.
 Lavrar: *labrà*.
 Leal: *leal*.
 Lealdade: *lealdade*.
 Lebre: *lebre*.
 Ledor: *léidor, ledor*.
 Legua: *lêgua*.
 Lei: *ley*.
 Leira: *rego*.
 Leitão: *leton*.
 Leite: *lête*.
 Leiteiro: *culcador de lête*.
 Leitor: *ledor, léidor*.
 Leitura: *leitura*.
 Lembrador: *lembrador*.
 Lembrança: *lembrança*.
 Lembrar: *lembrã*.
 Leme: *leme*.
 Lenço: *lenç*.
 Lençol: *lançol; malancon*.
 Lendea: *lendea*.
 Lenha: *lenha*.
 Lenhador: *lenhêro*.
 Leoa: *lion femea, femea de lion*.
 Leopardo: *onça*.
 Lepra: *sarna*.
 Ler: *lê*.
 Lesma: *lesma*.
 Lettra: *letra*.
 Lettrado: *letrado*.
 Levantado: *labantado*.
 Levantamento: *labantamente*.
 Levantar: *labantã*.
 Levantar: *labantã*.
 Levar: *lebã*.
 Leve: *lebe*.
 Lhe: *l*.

- Liberdade: *liberdade, alforia, libértè*.
 Liberto: *foro*.
 Libra: *libra*.
 Lição: *liçon*.
 Licença: *licença*.
 Licor: *licor*.
 Lida: *lida*.
 Lidar: *lidà; nhané* (Mand.).
 Lide: *demanda; batadja*.
 Lido: *leído*.
 Liga: *liga*.
 Ligação: *ligaçon*.
 Ligadura: *ligadura*.
 Ligar: *marà*.
 Ligeira, o: *lidjèro, leçto*.
 Ligeireza: *lidjeressa*.
 Lima: *lima*.
 Limão: *limon*.
 Liniar: *batente*.
 Lím: *limo*.
 Limpamente: *limpamente*.
 Limpar: *limpà*.
 Limpeza: *limpessa*.
 Limpo: *limpo*.
 Lindeza: *formossadya*.
 Lindo: *formós*.
 Língua: *língua, língo*.
 Linguado: *linguado*.
 Linguagem: *lingo*.
 Linguíça: «*chorís*».
 Linha: *linhà*.
 Linhaça: *linhaça*.
 Lisa, o: *liso*.
 Lisonjeiro: *lissondjèro*.
 Lista: *liçta*.
 Listra: *liçtra*.
 Livramento: *libramente*.
 Livrar: *librà*.
 Livre: *libre*.
 Livro: *libre*.
 Lixa: *licha*.
 Lixo: *montwido*.
 Lô: *lô*.
 Loanda: *loanda*.
 Loba, o: *lobo*.
 Lobishomem: *djifrafro* (Fulupo).
- Lodão: *quéculéculé* (voz imitativa do cantar do gallo!)
 Lodo: *lama*.
 Logo: *lugar*.
 Loiça: *prato*.
 Loiro: *burmedjo*.
 Loja: *lossa*.
 Lombo: *lombo*.
 Lombriga: *lombryga*.
 Lona: *lona*.
 Longe: *londje*.
 Longo: *cumprido*.
 Longura: *londjura*.
 Lontra: *londre*.
 Louco: *lôco*.
 Loucura: *lôcura*.
 Louvado: *angabado*.
 Louvamento: *angabamente*.
 Louvar: *angabà*.
 Louvor: *lôbor, angabamente*.
 Lua: *lwa, lung a*.
 Luar: *lung-ada*.
 Lucto: *don*.
 Lume: *fugo*.
 Lusco: *luçca*.
 Luta: *luto*.
 Lutador: *lutador*.
 Lutar: *lutà*.
 Luz: *candya; clarença*.
 Luzir: *lamprà*.
- M**
- Maça: *mandwco*.
 Macaca, o: *sancho*.
 Maçar: *calcà*.
 Macareo: *macaréo*.
 Maçarico: *mançarico*.
 Maçaroca: *mançaroca*.
 Macarrão: *macaron*.
 Machacaz: *machacás*.
 Machado: *manchado*.
 Machete: «*mazeten*», *dungut* (Pepel).
 Macho: *macho*.
 Machucar: *marlotà*.
 Macio: *molle, lisso*.

Macula: *mácula, mancha*.
 Madeira: *pó*.
 Madrinha: *madrinha*.
 Madrugada: *mandurgada*.
 Madrugador: *mandurgador*.
 Madrugar: *mandurgá*.
 Maduro: *maduro*.
 Mãe: *máe*.
 Mafamede: *mafoma*.
 Maganão: *maganon*.
 Magia: *fotoçadia*.
 Mágico: *fotocêro*.
 Magoa: *magoa*.
 Magoar: *magoá*.
 Magreza: *magressa*.
 Magro: *magro*.
 Maio: *maio*.
 Maior: *maior*.
 Mais: *mais*.
 Maiz: *bássil* (corrup. = Brazil).
 Major: *mandjor*.
 Mal: *mal*.
 Malagueta: *malqueta*.
 Malcreado: *malcreado*.
 Maldade: *maldade*.
 Maldição: *maldiçom*.
 Maldição: *maldiçom, rogá praga*.
 Maldito: *maldito*.
 Malfadada, o: *mufnado*.
 Malfeito: *malfeito*.
 Malga: *palanqrana*.
 Malhar: *maljá*.
 Malícia: *malicia*.
 Maliciosa, o: *maliciós*.
 Malina: *agos-bibo*.
 Malquerença: *manquerença*.
 Maluco: *maluco*.
 Malvado: *malvado*.
 Mama: *mama*.
 Mamãe: *mamãe*.
 Mamar: *mamá*.
 Mana, o: *mano, ermon*.
 Manada: *córal*.
 Manceba: *badjwda* (Banbum).
 Mancebo: *mancebo, rapás*.
 Manco: *manco*.
 Mandado: *mandado*.

Mandar: *mandá*.
 Mandinga: *mandinga, mande*
 (Mand.).
 Mandioca: *mandioca*.
 Mandou: *mancára* (Bijagó).
 Mandrião: *mandrion*.
 Mandriice: *pirguyça*.
 Manes: *dfuntos, «ás-almas»*.
 Maneta: *maneta*.
 Manga: *manga*.
 Manga = fructo: *mango*.
 Mangação: *mangaçom*.
 Mangar: *mangá*.
 Mangão: *mangão*.
 Mangericão: *mandjiricon*.
 Mangerona: *mandjerona*.
 Mangle: *mangue*.
 Manha: *manha*.
 Mauhá: *manhá*.
 Manhoso: *manhós*.
 Mania: *sigma*.
 Maniaco: *dôdo*.
 Mauilha: *mandyjá*.
 Manobra: *manobra*.
 Manquejar: *manquedjá*.
 Manso: *manso*.
 Manta: *manta*.
 Manteiga: *mantêga*.
 Manutença: *mantença*.
 Mão: *mon*.
 Maracujá: *maracudjá*.
 Maravilha: *odjado*.
 Marca: *marca*.
 Marcar: *marcá*.
 Marcha: *marcha*.
 Marchar: *marcha*.
 Março: *março*.
 Maré: *maré*.
 Marcar: *marcá*.
 Mareta: *maron*.
 Marfim: *marfim*.
 Margem: *borda de mar, praia*.
 Marimba: *balafon* (Mand.).
 Marinhar: *sibí*.
 Marinheiro: *mandindjêro, mari-
nhêro, sêlô*, do Inglês (Rev. Hen-
rique).

Marlotar: *marlotà*.
 Marmelada: *marmelada*.
 Maroto: *maroto*.
 Marrada: *madjadera*.
 Marrafa: *marofa*.
 Marrar: *madjà*.
 Marreca: *mareca*.
 Marreco: *mareca*.
 Martello: *martel*.
 Marujo: *mandindjêro*.
 Marulho: *marudjo*.
 Mas: *mas*.
 Mascar: *maskà*.
 Mascavar: *maskabà*.
 Massa: «*fôrnhã*».
 Massapão: *massapon*.
 Mastreação: *mastreagon*.
 Mastro: *magtro*.
 Matacões: *matacons*.
 Matakão: *matacon*.
 Matador: *matador*.
 Matolotagem: *matolotás*.
 Matança: *matança*.
 Matar: *matà*.
 Materia: *materia*.
 Matto: *mato*.
 Mau: *mão*.
 Me: *m'*.
 Meada: «*amantã*».
 Mecha: *mecha*.
 Medalha: *bron'ra*.
 Medicamento: *remède*.
 Medico: *surdjon, dotor*.
 Medida: *m'áida*.
 Medir: *midi*.
 Meditar: *cadã*.
 Medo: *mède*.
 Medonho: *medonho*.
 Medroso: *modrós, cobarde*.
 Medulla: *totano*.
 Meduza: **lam'-lam'** (Pepel).
 Meia: *meia*.
 Meio: *mé, mey*.
 Meiodia: *mé-dya*.
 Mel: *mel*.
 Melaço: *melás*.
 Melancia: *balancia*.

Melancia: *chon de balancia*.
 Melancolia: *tristeça*.
 Melancolico: *triste*.
 Melão: *melon*.
 Melga: *melga*.
 Melhor: *mindjor*.
 Melhorar: *mindjorà*.
 Memoria: *minoria*.
 Mendui: **mancara** (Bijagó).
 Meninice: *minimessa*.
 Menino: *minino*.
 Menos: *menos*.
 Menoscabar: *maskabà*.
 Mente: *sintido*.
 Mentira: *mintyda*.
 Mentiroso: *montrôç*.
 Mercado: *fera*.
 Mercadoria: *fassenda*.
 Mercante: *mercante*.
 Mercar: *mercà*.
 Merecer: *mercê*.
 Meretriz: *puta*.
 Mergulhão: *mergudjon*.
 Mergulhar: *margudjá, mergudja*.
 Mergulho: *margudjo*.
 Mesa: *messa, mensa*.
 Mesmo: *mesmo*.
 Mesquinhar: *misquinhá*.
 Mesquinho: *misquinho*.
 Messo: «*quebra*».
 Mestra, e: *mestre, mestro*.
 Mesura: *manqida*. Fazer uma me-
 sura. «*aquebrã manqida*», fa-
 zendo menção de se ajoelhar com
 ambos os joelhos: grande si-
 gnal de respeito.
 Metade: *metade*.
 Metralha: *metradja*.
 Metter: *metê*.
 Meu: *nha*.
 Mexer: *bali*.
 Mexericar: *cufi*.
 Mexilhão: **lingron** (Pepel).
 Mez: *mêç, tãa, tang-a*.
 Mesinha: *mèssinho*.
 Miar: *miã*.
 Migalha: *migadja*.

Migo: *mi*.
 Mijar: *missà*.
 Mijo: *misso*.
 Milharal: *chon de midjo*.
 Militar: *militar, miltar*.
 Mim: *mi*.
 Mimo: *mimo*.
 Mimoso: *mimôs*.
 Mina: *mina*.
 Mingua: *mingua*.
 Minguar: *minguà*.
 Minhoca: *minhoca*.
 Miolo: *miol*.
 Mirar: *mirà*.
 Miséria: *misseria*.
 Missa: *missa*.
 Missanga: *conta delgado*.
 Mistura: *mistuda*.
 Misturar: *misturà*.
 Miudezas: *miudessas*.
 Moca: *mandwco*.
 Moça: *moça, badjwda*.
 Mocetão: *rapagon, mandwco de rapás*.
 Moço: *mós*.
 Moda: *moda*.
 Moderno: *nobo*.
 Modo: *mode*.
 Moeda: *dinhèro*.
 Moela: *moela*.
 Mofa: *mofa*.
 Mofar: *mangà*.
 Mofino: *mofino*.
 Moiro: *môro*.
 Moitão: *moton*.
 Mola: *mola*.
 Molestar: *molestà*.
 Molestia: *molestia*.
 Molhar: *molhà*.
 Molho: *môrjo*.
 Molle: *mole*.
 Momento: *ocassion*.
 Monda: *monda*.
 Mondar: *mondà*.
 Mono: *mono*.
 Monstro: *mostra*.
 Montar: *montà*.

Monteador: *monteador*.
 Montez: *montés*.
 Monturo: *montudo*.
 Morada: *morada*.
 Moradia: *moradya*.
 Morcego: *murcego*.
 Morder: *mordè*.
 Morno: *morno*.
 Merrer: *morè*.
 Morte: *morte*.
 Morticínio: *mortandade*.
 Morto: *morto*.
 Mosca: *moça*.
 Moscovia: *muscobia*.
 Mosquiteiro: *tenda*.
 Mosquito: *musquito*.
 Mostarda: *mustarda*.
 Mostra: *mostra*.
 Mostrar: *mostrà*.
 Mouca, o: *surdo, moco*.
 Mudar: *mundà*.
 Mudo: *mudo*.
 Muita, o: *munto*.
 Mulata, o: *m'latu, mulato*.
 Muleta: *muleta*.
 Mulher: *mindjer*.
 Multar: *multà*.
 Multidão: *manga de djente, djuntamente*.
 Mundo: *mundo*.
 Mungir: *ord'nhà*.
 Murado: *q'o ten cerco, q'o ten ta-banca*.
 Muralha: *muradja*.
 Murchar: *murchà*.
 Murmuração: *murmuraçon*.
 Murmurar: *murmurà, roè*.
 Muro: *mura, cerco*.
 Murro: *soco*.
 Musica: *mussica, musgo, muzgo*.

N

Na: *na*.
 Nababo: *nhambabo (de nha, e em-babú, voz indiana, e Pepell)*,

sempre na accessão de «portu- guês branco», e em sentido de- preciativo.	Neta, o: <i>neto</i> .
Nada: <i>nada</i> .	Nevoeiro: <i>neblina, nebryna</i> .
Nadador: <i>nadador</i> .	Ninguém: <i>ninguen</i> .
Nadar: <i>nadà</i> .	Ninho: <i>ninho</i> .
Nadega: <i>bunda, cadera</i> .	Nisso: <i>n'el, na quel</i> .
N'algum: <i>n'algum</i> .	No: <i>na</i> .
Namorar: <i>namorà, rafià</i> .	Nô: <i>nó</i> .
Não: <i>não, ca</i> (Mand.).	Nobre: <i>fidalgo, garande</i> .
N'aquelle: <i>na quel</i> .	Nobreza: <i>nobressa</i> .
Nascente, de agua: <i>odjo de fonte</i> == de sol, <i>ponta de sol, mancida de</i> <i>sol</i> .	Nocente: <i>nôcente</i> .
Nascer: <i>nacè</i> .	Nodoa: <i>nôda</i> .
Nascida: <i>nacida</i> .	Noite: <i>nôte</i> .
Nata: <i>nata</i> .	Noiva: <i>noiba</i> .
Natureza: <i>naturessa</i> (pornographi- co relativo a macho, e a fema): <i>mundo, criatwda</i> .	Noivado: <i>marà pano</i> .
Naufragar: <i>fogà</i> .	Noivo: <i>noibo</i> .
Nausear: <i>andjoà</i> .	Nojento: <i>nôdjente</i> .
Navalha: <i>nabadja</i> .	Nome: <i>nome</i> .
Navegação: <i>biàs</i> .	Nomeada: <i>nomeada, fama</i> .
Navegar: <i>fassè biàs</i> .	Nomeado: <i>chomado</i> .
Neblina: <i>neblyna</i> .	Nomear: <i>chomà</i> .
Necessário: <i>prècis</i> .	Nones: <i>nunes</i> .
Necessidade: <i>necessidade</i> (termo sujo); <i>precisson</i> .	Nordeste: <i>nordeçte</i> .
Nedio: <i>gordo</i> .	Nornordeste: <i>nornordeçte</i> .
Negaça: <i>angano</i> .	Nornoroeste: <i>nornoroçte</i> .
Negar: <i>negà</i> .	Norte: <i>nórr, norte</i> .
Negligente: <i>pirquiçõs, niguil djente</i> .	Nos: <i>na</i> .
Negociante: <i>negociante</i> .	Nós: <i>nos, no</i> .
Negociar: <i>negocià</i> .	Nosco: <i>co'nos</i> .
Negocio: <i>negôs</i> .	Nossa, o: <i>nos, nó</i> .
Negro: <i>negro</i> == <i>escravo</i> (tratamen- to injurioso; pejorativo): == pre- to, homem de côr, <i>preto</i> .	Noticia: <i>noticia</i> .
N'elle: <i>n'el, na-el</i> .	Nova: <i>noba</i> .
Nem: <i>nin</i> .	Novello: <i>nobèl</i> .
Néné: <i>nèné</i> .	Novembro: <i>nobembro</i> .
Nenhum: <i>ni-un, ningun</i> .	Noventa: <i>nobenta</i> .
Nervo: <i>nerbo</i> .	Novilha, o: <i>b'çerinho</i> .
Nescio: <i>tolo</i> .	Novo: <i>ncbo</i> .
Nesse: <i>na-quel</i> .	Nú, a: <i>nu</i> .
Neste: <i>nes</i> .	Nublar: <i>fungulí</i> (Mand.).
	Nuca: <i>totis</i> .
	Num, a: <i>nun</i> .
	Numero: <i>numbro</i> .
	Nupca: <i>nunca</i> .
	Nuvem: <i>nube</i> .

Ó: *ó*.Obra: *obra*.

Obrigaçào: *obrigaçon*.
 Obrigado: *obrigado*.
 Obrigár: *obrigã*.
 Observar: *spiã*.
 Occasião: *ocussion*.
 Oco: *ôco*.
 Oculo: *oclo*.
 Oeste: *oeste*.
 Offender: *ofendê*.
 Offensa: *ofensa*.
 Offerecer: *oferecê, oforcê*.
 Offerenda: *cirmonia*.
 Offerta: *porçente, oferta, data*.
 Official: *oficial*.
 Offício: *ofis*.
 Oh!: *oh!*.
 Oiro: *oro*.
 Oitenta: *oitenta*.
 Oito: *oêto, oito*.
 Oitocentos: *oitocentos*.
 Olhar: *odjá, djobê*.
 Olho: *odjo*.
 Ombreira: *batente*.
 Onça: *onça*.
 Onda: *maron*.
 Onde: *onde*.
 Onze: *once*.
 Opinião: *opinion*.
 Ora: *ora*.
 Oração: *oraçon*.
 Orar: *ressã, rassã*.
 Orça: *orça*.
 Orçar: *orçã*.
 Ordem: *orde*.
 Ordenança: *ordenança*.
 Ordenhar: *ordenhã*.
 Ordinario: *ordinario*.
 Orgulho: *seberba, orgudjo*.
 Oriente: *leçte*.
 Orla: *borda*.
 Orvalho: *orbadjo, sereno*.
 Osga: *ogga*.
 Osso: *ôs*.
 Ostra: *oçtra*.
 Ou: *ô*.
 Ouçào: *osságra* (Pepel).
 Outra, o: *ôtro*.

Outr'ora: *ôtrora*.
 Outubro: *otubro*.
 Ouvido: *oredja*.
 Ouvir: *obi*.
 Ovens: *obens* (?), *ovens*.
 Ovo: *ovo*.
 Oxalá: *tomãra-dês*.

P

Pá: *pá*.
 Paciencia: *paciença, pacencia; paxenxa* (Caboverde).
 Padecer: *padcê*.
 Padeira, o: *padêro*.
 Paixão: *sentimente, paxon* (Caboverde).
 Paiz: *tera*.
 Paladar: *guçto*.
 Palanqueta: *planqueta* = zagalote.
 Palavra: *palabra*.
 Palha: *padja*.
 Palhoça: *djemberen* (Mand.).
 Paliçada: *tibanca*.
 Palma: *palma*.
 Palmada: *palmada*.
 Palmatoada: *palmatoada*.
 Palmatoria: *palmatoria*.
 Palmeira: *palmeira*.
 Palmito: *palmito*.
 Palmo: *palmo*.
 Palpitação: *palpitaçon*.
 Pancada: *puncada*.
 Panela: *panela*.
 Pauninho: *panossinho*.
 Panno: *pano*.
 Pantano: *blanha* (Pepel), *lagwa*.
 Pão: *pon*.
 Papa: *papa*.
 Papagaio: «*papagaia*».
 Papar: *comê*.
 Papear: *papeã* = fallar; papaguear; chilrear.

(Continúa).

M. MARQUES DE BARROS.

MARTYRIO DOS SANTOS MARTYRES DE MARROCOS

A narração do martyrio dos Santos Martyres de Marrocos ¹, que adeante se publica pela primeira vez, é um capitulo da obra inedita, que tem por titulo: *Chronicas dos ministros e geraçoes da ordem dos frayres menores*, existente em um manuscripto da Bibliotheca Nacional de Lisboa (Ms. illuminado n.º 94) ².

O manuscripto é um codice de pergaminho de 256 folhas, que tem 0^m.33 de altura e 0^m.24 de largura. Cada pagina está escripta em duas columnas, cada uma de 25 a 30 linhas, e estas de 25 a 30 letras. A letra é boa e igual; as iniciaes e os titulos dos capitulos são escriptos com tinta vermelha.

Na pagina 256 v lê-se a seguinte subscrição de letra egual á do manuscripto:

ffoy este liuro acabado ã no anno [do Senhor] de iiij^{ta} lxx anos aos xiiij dias do mes de setenbro no oratorio de sco. áthonio de Villa frãca e escreueo esteueãns solteiro filho de Janeesteues morador do dicto logo de uilla franca.

E depois segue:

frey antonio de Rybeyra galego vigo de sco. antonio de uilla franca mandou escreuer este liuro. Anno do S.^{or} de mil e cccclxx.

F. J.^o d. P.

As ultimas tres linhas e a assignatura foram escriptas por Frei João da Povea, franciscano, e confessor d'el-Rei D. João II.

Do que se diz no breve prologo (fol. 1. v), e d'esta subscrição, resulta que Estevão Annes, morador de Villa Franca, escreveu este manuscripto copiando-o de antigas leituras e chronicas. A redacção original das *Chronicas* foi sem duvida feita em portuguez, e parece um pouco anterior ao manuscripto; provavelmente é da segunda metade do seculo xiv.

¹ A'cerca dos Santos Martyres de Marrocos veja-se: *Chronicas da Ordem dos Frades menores do seraphico Padre Sam Francisco*, por Frey Marcos de Lisboa, 1.^a parte, liv. iv, cap. i a xxviii (Lisboa, t. 1, 1615, fl. 127 v a 139 v); *Acta Sanctorum*, Januarii t. ii, p. 62 a 71.

² Foi o sr. Gabriel Pereira, Inspector dos Archivos e Bibliothecas, que chamou a nossa attenção para o precioso manuscripto illuminado n.º 94. O mesmo sr. já tinha dado uma noticia do manuscripto no *Boletim da Real Associação dos Architectos e Archeologos portuguezes*, 3.^a serie, t. vii (1895), p. 48.

A narração do martyrio dos Santos Martyres de Marrocos está nas paginas 6, v, 1 a 11, v, 2.

*

No anno de 1219. S. Francisco de Assis, depois de celebrar o Capitulo geral da sua Ordem, determinou que seis frades, cujos nomes eram Vital, Beraldo, Ottonio, Accursio, Pedro e Ajuto, tendo por seu superior a Vital, fossem ao reino de Marrocos pregar a fé christã. Chegados estes frades a Aragão, Fr. Vital adoeceu gravemente; e como a sua doença se prolongasse, ordenou aos outros cinco frades, que fossem para Marrocos cumprir a ordem de S. Francisco. Partidos d'alli os cinco frades, vieram a Coimbra, onde foram benignamente recebidos da Rainha D. Urraca, mulher d'el-Rei D. Affonso II, e depois a Alemquer, onde então assistia D. Sancha, irmã d'el-Rei; e com o auxilio d'esta passaram a Sevilha, e começaram logo alli a exercitar o seu ministerio, pregando publicamente aos musulmanos a fé christã. Os cinco frades foram por ordem do sultão encarcerados em uma torre, e pouco depois enviados para Marrocos com alguns outros christãos captivos.

Reinava então no imperio de Marrocos o sultão Sidi Arax, da dynastia dos Almohades, e tinha a sua côrte na cidade de Marrocos (Marrakexe). Residia tambem na mesma cidade o Infante D. Pedro, terceiro filho de D. Sancho I, Rei de Portugal, que, por motivo das suas desavenças com seu irmão el Rei D. Affonso II, saíra do reino, e se acolhera a Marrocos, onde era bem tratado do sultão. Os cinco frades, chegados á cidade de Marrocos, foram bem recebidos e favorecidos do Infante D. Pedro, que os aposentou, e mandou dar-lhes o necessario para seu sustento. Os frades começaram logo a exercitar com grande liberdade o seu ministerio, pregando publicamente a fé christã; do que se seguiu soffrerem muitas perseguições e maus tratamentos, até que por fim foram degollados, dizem, pelo proprio sultão. O seu martyrio succedeu no dia 16 de janeiro de 1220. O Infante D. Pedro fez recolher piedosamente os corpos dos cinco frades, e mandou-os metter em duas arcaes; e havida licença do sultão, partiu da cidade de Marrocos com alguns christãos trazendo as reliquias, e veiu para Portugal; e chegado a Coimbra depositou as mesmas reliquias no Mosteiro de S. Cruz.

*

Segundo uma noticia, conservada por Vicentius Bellovicensis (*Speculum historiale*, lib. xxx, cap. cxxxii), foi o Infante D. Pedro que fez escrever a narração do martyrio dos Santos Martyres de Marrocos.

Fr. Marcos de Lisboa conta, que um certo cavalleiro português, chamado Estevão Pires Margarido, natural de Santarem, que residia

na cidade de Marrocos ao tempo em que os cinco frades foram degolados, contou sob juramento os successos do martyrio, perante Mathheus, bispo de Lisboa; e que este escreveu a Lenda dos cinco martyres de Marrocos, a qual no seu tempo existia no cartorio do mosteiro de S. Cruz, em Coimbra. Fr. Marcos de Lisboa, na Primeira parte das *Chronicas da ordem dos Frades menores* (liv. iv, cap. i a xxviii), dá uma longa narração dos successos e martyrio dos cinco frades, extrahida d'aquella Lenda; mas a sua narração é sem duvida uma amplificação do documento anterior.

E' provavelmente do mesmo documento primitivo, que deriva a narração do martyrio dos Santos Martyres de Marrocos, inserta nas *Chronicas dos ministros e geraaes da ordem dos frayres menores*, e que adeante se publica. Como, porém, esta narração é muito mais breve, do que aquella que se lê na obra de Fr. Marcos de Lisboa, e como concorda verbalmente com a traducção latina publicada por João Tisserand ¹, é licito suppôr, que a presente narração seja conforme á primitiva, tendo apenas soffrido na fórma as alterações resultantes da sua inserção nas *Chronicas*, e na escripta as mudanças orthographicas dos successivos copistas.

Lisboa 25, janeiro, 1903.

FRANCISCO MARIA ESTEVES PEREIRA.

Como foram martirizados os cinco fraires menores que jazem em coimbra e como profetizaram que moreria dona oraca Rainha de portugal santa mulher.

E em este meesimo tempo sam françisco emuiou de uomtade de deos seis fraires mui perfectos ao Reino de marocos por tal que firmemente pregasem a santa fe catolica dos xpaãos aos infiees comuem a saber frey Vital e frei Velado e frey pero e frey ajuto e frey acurso e frey octonez. E deulhes por prelado a frey Vitall querendo que obedecessem aaquelle os outros cinco fraires. E quando foram em no reino de aragom frey Vitall começou de emfermar grauemente. E veemdo prolongada a sua emfirmidade nom querendo que por sua emfirmidade corporall fosse embargado o negocio de deos. Mandou aos outros cinco fraires sobredictos que fosem a comprir o mandamento de deos e de sam françisquo. E os fraires obidientes foramse e chegaram a portuguall aa cidade de coimbra.

Em na qual cidade estaua dona oraca Rainha de portugal. E ouuindo delles dizer mamdous chamar ante sy. E fallando com elles das cousas de deos veemdo em elles tanto menos preçamento do

¹ *Acta Sanctorum*, Januarii t. ii, p. 65 a 69.

mundo. E tanto feruor de samtidade de morrer por amoar de Jhũ xº creendo em seu coração delles serem muito perfectos seruos de deos. Rogoulhes que aguçosamente orassem e demandassem ao Senhor que lhes reuelasse o termino de sua uida. E como elles omildosamente se escusassem dizendo que como fossem pecadores. Nom eram dignos que o Senhor reuelasse a elles os seus secretos. A rrainha aficadamente e com lagrimas lhes rogon que fizessem oraçom a deos por ello. E elles vendo que os aficaua muito prometerom-lhe de o fazer. E orando elles to'os alomeados por resposta do ceo reuelando aa rrainha as cousas que eram por viir. Disserom-lhe Senhora nom vos despraza o que deos misericordiosamente ha determinado. Elle vem emuia dizer por nos que depois de pouco tempo nos lenara daquesta uida ante que a vosso Senhor Rey. E sem duida o sinall do acaecimento de uossa morte sera aqueste. sabede certamente que nos em breue seremos mortos e por a fe de Jhu xpo por o qual nos alegramos muyto porque o Senhor nos quer poer no conto dos seus marteres. E quando nos em marcos acabarmos os nossos dias. Os xpaãos trazerom os nossos corpos a aquesta cidade onde serom emterrados. E vos com este poboo sairedes honrradamente. E quando estas cousas virdes sabede que entom verdadeiramente se cumprim aas cousas que vos dizemos.

E partiromse daly os santos e vierom aa villa dalaquer. E comtarom todo seu proposito aa sobredicta dona sancha irmãa del Rey de portugall. E ella como era muyto santa apronando o negocio delles vestiulhes sobre os auitos vestiduras sagraes. que em outra maneira nom poderiam pasar os mouros. E asy com auito desamelhado forom aa cidade de senilha. que emtom era de mouros e era chamada Yspalles. E tiradas as vestiduras sagraes esconderomse em casa de hum xpaão por oito dias. E hum dia feruentes em no espirito sancto. Sem quem os guiasse nenhum forom ataa misquita principall onde os mouros eram. E como elles quisessem entrar. os mouros empuxamdoos com clamores e com açoutes em nenhuma maneira nem nos comsemtirom entrar na misquita.

E elles como de cabo chegarom a porta do pago del Rey dizendo que eram embaixadores emuiados a el Rey do Rey dos Rex e Senhor Jhũ xpõ. E indo ante el Rey e lhe proposessem muitas cousas da fe catolica. em dizendo que se conuertesem e regebesem baptismo. Dizemdo-lhe muitas cousas feas e torpes de mafanede e da sua Ley dapnada. El Rey tornado em sanha mandou que lhes cortassem as cabeças. Pero depois el Rey amansado a rogo de seu filho mandooos emçarrar em cima de hua torre. E elles daquella torre preganam a fee de Jhũ xpõ. aos que emtrauam e saiam de casa del Rey danando a ley dos mouros e os gardadores della. E ouuindo aquelo el Rey mandouos poer na profundura da torre em hum carcere. E depois anemdo conselheo com os conselheiros seus. emuiouos a marrocos. asy como elles deseianam com dom pero fernandez nobre espanhol catolico. e com outros xpaãos. E chegando a marrocos foromse a cassa

do senhor Ifamte dom pedro. O qual os recebeu com grande deuação fazendo prouer de niandas.

E os fraires onde quer que viam os mouros ajuntados pregauam-lhes muy feruientemente. E como huuma vezada frey bernardo sobisse sobre hum carro e daly pregaua aos mouros. Aqueceo que el Rey mirabollino Indo a ner as sepulturas dos Reis que som fora dos muros da cidade e veemdo pregar aaquelle fraire marauilhousse e pensaua que era louco. E como por elle nom quisesse cessar da pregaçom. mandou que todos cinco fraires fossem lançados fora da cidade. e que sem tardança fossem emuiados por os xpaãos aas terras dos fiees. E entam o dicto senhor dom pedro Ifamte deu lhes alguns dos seus seruidores os quaaes os leuassem atee cepta. e dehy que os passassem por maar as terras dos xpaãos.

Mais os santos fraires leixarem em na carreira aos que os leuauom, e tornaromse a marrocos. E logo como entrarom em na cidade começaram de pregar aos mouros que estauam em no mercado. E ouuindo aquello el Rey mandous ençarrar em hum carçer. E sem comer e sem beuer esteuerom por vinte dias e forom consolados e mantendos por a consolaçom deninall. E aqueceo que sobre veço hum calor destemperado e hum grande destemperamento de aire. E alguns dos mouros pensando que por a prisom dos santos fraires auya vindo aquella tempestade. disseromno a el Rey. E el Rey com conselho de ababoerim que parecia que amaua os xpaãos mandous tirar do carçer. E mandou aos xpaãos que os remetessem sem tardança aas partidas dos xpaãos. Pero começou de marauilharse el Rey e os outros mouros como nom morrerom estando em no carçer vinte dias sem comer. E como os fraires forom tirados do carçer. Logo quiserom propoeer aos mouros a palavra de deos. Mais os xpaãos com medo del Rey em nenhuma maneira nom lho consentirom. Mais deromlhes guiadores com os quaaes se tornassem aas terras dos fiees.

E uindosse os fraires com as guias. leixaromnas no caminho e tornaromse a marrocos. Emtom avemdo conselho os xpaãos. O dicto Senhor Ifamte dom pedro teeneos em sua pousada. e poselhes guardas que nom lhes consentissem sair antre aos mouros.

E depois desto aquelle senhor Ifamte dom pedro com outros muytos xpaãos e mouros ajuntarom grande caualaria pera hir contra hums mouros que nom queriam obedecer a el Rey. E por tres dias nom poderom achar agua em na carreira per onde hiam pera bener elles e as bestas. E como ja com o apertamento da seede desesperassem da uida. Indo os fraires com elles frey beraldo fez sua oraçom a deos. e tomou hum paaço pequeno e cauo em terra. E logo per a graça de deos sayo hum fonte dagua da qual abastadamente beneurom os omees e as bestas e encherom os odres. E esto fecto logo aquella fonte secou. E veemdo todos tam grande milagre ouuerom aos fraires mayor reuerença e deuaçom e muytos lhes beijauam os auitos e os pees.

E como fossem tornados a marrocos e os guardassem asy como

de primeiro. num vernes saíromse por huum lugar nom sopeitoso. e ousadamente se apresentaram ante el Rey miramolino que ia visitar as sopulturas dos Rex. e frey beraldo sobyo em çima de huum carro e começou de pregar sem medo nehum. E el Rey cheo de sanha mandou a huum príncipe caualeiro mouro. O qual auia uisto o milagre da agua que os punisse a pena das cabeças. E emtam os xpaãos com meedo de morte fugirom pera suas pousadas e çarrarom bem as portas. E os mouros cercaromnos de fora.

E depois aquelle príncipe emuiou que lhes abrisem as portas per força. E mandou trazer os xpaãos a sua casa. E nom estando o príncipe presente os ministros do diabo aos xpaãos com pancadas e bofetadas emcarraromnos em huum grande carçer todos os xpaãos. E os fraires pregauam a palaura de deos aos xpaãos e aos mouros continuadamente. E aquelle príncipe fez trazer os fraires ante sy. E como os uisse que confesassem firmemente a santa fe catholica e dizemdo maas cousas de mafamede e de sua ley e ousadamente o doestando emçemdido em grande sanha mandous atormentar com desuairados tormentos. E apartados huums dos outros em desuairadas casas. E mandous açoutar fortemente. E emtom aquelles maaos ministros ataromlhes os pees e as mãos fortemente e ataromlhe cordas aos collos e trazendos arrastando por terra. E depois açoutaromnos tam fortemente que por pouco lhe nom pareciam as emtranhas. E sobre todo aquesto trouxerom os vasos cheeos de oleo e de uinagre feruente e lamçarom sobre as chaguas. E quebrantarom aquelles vasos, e os pedaços deles fezerom como cama e estrado e depois lamçarom os sanctos sobrelles e renoluianos em elles por toda aquella noite. E asy feridos foram guardados por pouco menos de trinta mouros e cruelmente açoutados.

E em aquella meesma noite virom as guardas que os guardauam. Que humma voz deçendia do çeeo a receber os santos fraires com multidom de companhias sen comto e os leuauam aos çeeos. E os guardadores marauilhados e espantados foram ao carçer e acharomnos orando devotamente. E el Rey ouuindo estas cousas emçemdido em sanha mandou que lhos trouxessem ante sy. E trazidos os fraires ante el Rey atadas aas mãos e nuus e descalços. E aquelles que os auiam atormentados vinham outrosy cheos de sangue dos açoutees que lhe derom toda a noyte. Os quaaes fraires como os vyo el Rey. E os achasse muy firmes na fee mandou trazer algumas molheres. E leixadas todas as outras cousas disselhes comuertedeuos aa nossa fe e daruos ey aquestas molheres. E em casamento daruos ey grande auer e seredes homrrados em meu reino. E os Santos martires responderom. as molheres e o teu aneer nom queremos. ca por amor de Jhú xpº nos todalas cousas deste mundo despreçamos. E emtam el Rey emçemdido com sanha tomou huum coitello. E apartados os santos huuns dos outros lhes partio as cabeças por meeo da fronte com aquelle cuitello com sua mão com grande sanha.

E conprirom elles o seu marteiro em no ano do Senhor de mill

e duzentos e vinte anos e em as dezasete calemdas de feureiro. Em no ano quarto do senhor papa honorio. sete anos pouco mais ou menos ante da morte de sam franeisquo. E depois desto as molheres lançaram fora as cabeças e os corpos. E os pobos maluados de aquelles emfices atandolhe cordas nos pees e em nos braços correndo por a çidade e com grande alarido sacaromnos fora dos muros da çidade. E aas cabeças e os nembros e os corpos despedaçados lançaramnos por aquele campo. E emtam os xpaãos com as mãos alçadas ao çeeo louuauam ao Senhor por o marteiro e vimçimento delles. E outros colhiam escomdidamente as suas reliquias. E muitos mouros que os viam cheeos de sanha lançauom contra elles moltidom de pedras. que parecia huma grande tempestade. E emtam pollo mereçimento dos santos todollos xpaãos se forom fogindo pera suas casas sem dano. E por meedo da morte escomderomse por tres dias. E em aquelle tempo matarom os mouros em no mercado pero fernandez e martin afonso escudeiros do Ifante.

E depois desto os mouros fizeram grande fogo em no campo e lamçaram em elle os corpos dos santos martyres porque de todo fossem queimados. Mais por vertude de deos asy se arredana o fogo das reliquias dos Santos como de materia contraira e de todo se apagou. E a cabeça de hum dos martyres sendo lamçada no fogo. E em todolos cabellos nom pareceo nehuum sinal de queimadura. E ainda agora a amostram sem comrrumpimento nehuum. com o coiro e com os cabellos em no mosteiro de santa cruz de colubra em no reino de purtugall. E os mouros. Alguns por amizade. e outros por ganamçia. E esso meesmo alguns xpaãos que estauam aly catinos. colherom as reliquias. E apresentaromnas ao Senhor Ifante dom pedro. o quall as regebeo com grande deuaçom e emcomendouas a Joham Roberte canonico do dicto moesteiro de santa cruz varom perfecto. E a outros tres donzees inoçentes.

E nehuum que a comçiencia o reprehendesse de algum peccado nom ousaua a entrar ao lugar onde as santas reliquias estauam guardadas. E em aquelle tempo acoeteço que hum caualeiro que auia nome pero rosario. teendo huma mançeba que auia nome rosaria. sobio ao sobrado donde estauam guardadas as santas reliquias. E em meeo do sobrado foy logo tolhido. E chamou aa presa dizendo acorredeme. acorredeme. dademe confessor. E fazemdolhe a confissom o dicto canonico. E emjuriando a mançeba deçemdeo polla escada liuremente cobrando as forças do corpo. Mais dei en diamte nom pode fallar ataa que de mandamento do Ifante o dicto canonico lhe pos sobre os peitos a cabeça de hum dos marteres. E emtam cobrou a falla. e as forças asy como da primeira.

Outrosy hum escondeiro que algumas vegadas tractaua deuotamente as reliquias dos santos marteres que se secauam em hum esendo sometesse huma vegada ao fecto da fornicaçam. E quando tornou quise chegar aas santas reliquias como de primeiro. E aquele esendo em que estauam. supitamente se alçou em alto. asy que nom

podya tamgello nem alcançar a elle. E elle tragido a penitência, logo que foy comtrito e confesado, deçenderom as reliquias ao lugar acostumado e comsemtiromse tractar por as mãos do escudeiro.

Depois desto o senhor Ifamte dom pedro de portugall fez fazer duas arcas. Asy que em huma estauam as cabeças com a carne desecada. E em a outra estauam os osoos. E fazendo sua oraçom cada dia em sa capeela rogaua aos santos, e soplicaua que ganhassem do Senhor pois que ele comtra sua vomtade tam longo tempo auia estado detendo ally que podesse tornar a sua terra propria de portugall. E el Rey miramollino comtra conselho dos seus deulhe leçemça liuremento pera se tornar pera sua terra. Aynda que os seus acomselhauam que o matasse. E o Ifamte auida a leçemça partiose com os seus leuando comsigo as reliquias dos santos martirees. E depois de hum dia e de huma noite vierom a hum lugar homde ouuiam os roidos dos lioeës e espantosos brados. E elles espantados poseram as rreliquias ante sy contra os lioeës que viam viir comtra sy. E como posessem as reliquias. Nom virom mais os lioeës nem ouuirom os seus rogidos.

E nom sabemdo elles o caminho veerom a hum lugar onde se ajumtauam muitos caminhos e duuidauam qual daquelles caminhos escolheriam. E o senhor Ifamte mandou que a mulla que leuaua as reliquias flosse diamte de todas as outras emcaualgadnras e que todos seguissem polla carreira que ella escolhesse. E a mulla emderemçandoa o Senhor tornouusse logo de aquelle caminho domde estauam asentados os mouros pera quando o Ifamte pasasse segndo o que depois lhe foy dicto. E meteromse por hum caminho espesso e nom usado e jasse por os montes e por os ualles. E asy aquella animallia sem descriçom os leuou ataa çepta. E por hordenança de deos estauam aly naaos aparelhadas e emtrarom em ellas e nauegarom por o maar.

E a primeira noite faziam trounoeës e escuridade. E os marinheiros aniam meedo que topariam em alguuma pena e pereçeriam. E deribaromse todos ante as relíquias e soplicarom aos santos marteres que os linrasem de tamanho perigo. E logo aquella ora resplandeçeo huuma claridade do çeco. Asy que os marinheiros veer podiam por o maar a huma parte e a outra. E emtom virom claramente que as naaos hiam em ponto de se perder. Mais por o beneficio da luz tornaron as naues do perigo e vierom a ribeira da aljazira e de tarifa e daly a seuilha. E ally vierom ao Ifamte xpaãos tragemdolhe mensagem que el Rey de marrocos emuiua messegeiros que o prendessem. Da quall cousa todos se espamtarom. E partiromse logo muito a pressa quanto mais poderom caminhar comtra castella. E de hy a pouco que aniam alçadas as vellas os marinheiros e os messegeiros del Rey de marrocos chegando pera que tornassem ao Ifamte nom no matando. E destroissem os santos por pena das cabeças. Mais por os mereçimentos dos santos martirees elles foram liurados daquelle perigo e emtrarom com saude em espanha.

E como viesem a estorga ho ospede da casa em que pousauam

avia trinta anos que estava atormentado com enfermidade de paralisia. E asy estava tollido. E a frigido que era privado da falla e do officio dos outros nembros. E quando ouuio dizer tantas maravilhas dos santos lamçousse em terra ante arca donde vinham as reliquias dos santos rogando aos santos marteres com lagrimas que lhes promettessem de lhe poerem algum remedio em sua enfermidade. E logo aaquella ora veemdoos todos ouue sua falla e saude em todos seus nembros.

E andando suas jornadas chegaram a cerca de coimbra donde ja era sabida a fama dos santos e Dona orraca Rainha de portugall suso dicta com todo o poboo saírom ao caminho a receber as santas reliquias e trouxeromnas com grande deuaçam e sollemnidade ao mosteiro de santa Cruz de coimbra. e hy omrradamente as collocarom. E quando ssam francisquo ouuio dizer como eram marterezados os seus frairees que emuiara a marocos foy muy alegre e no espirito disse. Agora posso dizer que tenho cinco flores.

E em ese mesmo ano em que os santos foram mortos. A sanha de deos e a vingança dos santos se enferneçeo contra el Rey de marocos e contra seu reino. Ca a mão direita e o braço e toda aquella parte com que matara os santos fraires toda aquella parte e os nembros se lhe secarom ataa o pee direito. E outrosy em aquella terra em nos tres anos seguintes. Nem chooneo cousa nenhuma. Da quall coussa se seguiu tanta estrallidade que era maravilha. E por cinco anos continuoadamente pestellencia em nas geemtes que a moor parte delles foram mortos porque segundo o conto dos fraires se seguisse a ningança. s. o conto dos anos pestellemeiaaes.

E porque a profecia suso dicta dos santos marteres fosse cumprida. a sobredicta dona orraqua rainha de portugall. Acerca de pouco tempo do enterramento dos santos marteres cumprida de vertudes passou daquesta vida. E em essa meesma ora dom pero nunez canonico do dicto mosteiro de santa cruz e confessor da sobredicta rainha claro em santidade. vyo fraires menores sem conto vyr ao coro. Antre os quaaes era humm que proçedia com grande sollemnidade. E depois outros cinco com homrra singullar que tinham excellencia antre os outros. E entrarom todos ao coro em proçom e cantarom as matinas com mellodia e canto que sse nom poderia dizer. E aquelle dom pedro canonico seendo todo espantado perguntou a humm delles. que ou a que ou por quall lugar e tall ora tantos frairees aniam entrado como todas as portas do mosteiro estenessem carradas. O quall lhe respondeo todos nos outros quantos aquy vees fomos frairees menores. e agora gloriossos reinamos com Jhũ xpõ. E aquelle que vees estar com tanta pompa he sam francisquo. O quall tanto deseiaeste veer em aquesta vida. E aquelles outros cinco frades que teem exçelencia sobre os outros. som os frairees que foram mortos por amor de Jhũ xpõ em marocos. e estam entarrados em este mosteiro. E sabe que dona orraqua passou daquesta vida. E porque de todo coração amou a nossa herdem. O Senhor Jhũ xpõ emuiou

aca a todos nos outros. que por homrra della. dissessemos aquy solememente os matiins. E por que tu eras confessor della o Senhor quys que tu visees estas coussas. E nom duuides da morte da rainha. que logo como nos partirmos ouuiras nouas certas daquesto. E emtam aquella proçisom çarradas as portas sayose do moesteyro. E logo alguums da companhia da rrainha chegarom a porta e denunçiarom aaquelle canonico. A Rainha auer ja pagado a diuida da morte.

E despois os santos marterees chegarom de rrespramdeçer por gramdes milagres dos quaaes alguums se comtem em na leitura mais lardo e mais conpridamente.

ERRATA DO ARTIGO PRECEDENTE

A pag. 191, linha 20, leia-se «1902» em vez de «1903».

ESTUDOS

DE

PHILOLOGIA GALLEGA

..... languaxe brando e melosiño,
Cal son 'os fillos d' ista nobre terra!

LAMAS CARVAJAL, — *Espiñas, follas e frores*,
Madrid 1877, p. 23.

Em virtude da grande afinidade que existe entre gallego e português, a qual já muitas vezes tem sido indicada¹, sou obrigado, para o seguimento dos meus estudos philologicos, a occupar-me tambem do idioma da Galliza. Até agora, porém, não publiquei a respeito d'elle senão algumas notas ou breves referencias.

Com o titulo de *Estudos de philologia gallega*, inauguro hoje

¹ «.... le portugais et le galicien (*galliziano, gallego*) sont une seule et même langue, comme des savants indigènes eux-mêmes l'ont reconnu et démontré». — F. Diez, *Grammaire des langues romanes*, 1, 91.

uma série extensa de artigos que constarão de glossarios, textos antigos, criticas de obras gallegas ou a respeito do gallego, observações grammaticaes, etymologias, documentos de litteratura popular, noticias bibliographicas, etc. Estes *Estudos* constituirão um equivalente dos *Estudos de philologia mirandesa* ¹, embora fiquem menos ordenados, pois terão meramente o character de materiaes avulsos, que comtudo um dia methodizarei, se chegar a concluir a *Historia da lingua portuguesa*, para a qual convergem todos os meus esforços e trabalhos no campo da philologia.

I

VOZES GALLEGAS

Havendo eu encontrado em 1890 na Bibliotheca Nacional de Madrid um manuscrito intitulado *Vozes gallegas*, obtive cópia d'elle, por intermedio do Sr. D. Manuel Serrano, funcionario d'aquella Bibliotheca, e aqui o publico, por me parecer que o merece, e porque supponho que está inedito. O referido manuscrito é moderno (sec. xix) e anonymo; tem na catalogação o n.º 7208.

Confrontado com os dictionarios gallegos, de Javier Rodriguez, Coruña 1863, Cuveiro Piñol, Barcelona 1876, Valladares Nuñez, Santiago 1884, mostra que contém muitos termos que não apparecem nestes, por exemplo, *ceñrada*, *escorna-boy*, *facera*, *grede*, *lança*, *liju-gar*, *lumigacha*, *macalhau*, *maguar*, *mencina*, *moinante*, *moñoca*, e que contém outros, que, embora appareçam nos referidos dictionarios, apresentam todavia algumas particularidades nas definições, ou vem illustrados com adagios ou canções populares, como por exemplo, *deño*, *ensarillar*, *enredo*, *erbella*, *garfo*, *gramalleira*, *lacob*, *laoeiro*, *lar*, *larpeiro*, *levar*, *louro*, *marra*, *meiga*, *mindinho*, *órreo*, *outeiro*: d'onde se vê que o manuscrito das *Vozes gallegas* offerecerá aos leitores alguma novidade e lhes interessará.

Não obstante o que já existe publicado, falta ainda trabalhar muito para se concluir o thesouro da lexicographia gallega. Tudo quanto pois concorrer para esse fim será bemvindo.

Publico o vocabulario sem alterações, só melboro a disposição alphabetica (á maneira portuguesa) e a pontuação, e apponho-lhe, entre colchetes, um ou outro raro additamento. O auctor, se algumas vezes apresenta etymologias exactas, como *lama*, *cedo*, que porém não tem difficuldade nenhuma, outras vezes dá-as inexactas: assim *chousa* não vem do italiano, mas do latim *clausa*; *lóstrego* nada tem com a fôrma grega que elle cita; *outeyro* não vem de *otero*, nem este termo vem

¹ Em dois volumes, in-8.º gr.: I, Lisboa 1900, xx-489 pag.; II, Lisboa 1901, 345 pag.

d'aquelle, mas ambos vem do lat. *altariu*-; *tamanea* nada tem com o lat. *to mentum*. Tanto nestes casos como noutros semelhantes me absteenho geralmente de notas. As notas que junto, e que são bastante numerosas, tem só por fim apurar o texto do vocabulario, e esclarecer as dúvidas que certas palavras suscitam. Num ou noutro caso emendo erros evidentes, o que tambem indico em nota ¹.

O auctor, — que supponho não era gallego —, emprega frequentemente a expressão *language acurrado*, por ex. s. v. «perfreva» e «caluga», ou simplesmente *acurrado*, por ex. s. v. «abranger» e «faran-gulla»; uma vez, s. v. «valdeiro», diz *los acurrados*. Não encontrei *acurrado* em nenhum dicionario gallego ou hespanhol, nem as pessoas que consultei em Hespanha a conhecem. Como o auctor diz que á linguagem acurrada pertence *faruel* e *valdero*, que são castelhanizações das palavras gallegas *farol* e *valdeiro*, — por isso que muitas vezes á vogal o corresponde em castelhano o ditongo *ue*, e á terminação *-eiro* corresponde *-ero* —, pôde suppôr-se que elle por essa expressão entendia «linguagem gallega na boca de estranhos que a não fallam bem», vindo pois ella a ter significação até certo ponto analogá á do hespanhol *chapurrado*, *chamurrado* ou *chapurreado*, «linguagem mixta»; em apoio d'isto vem o facto de no vocabulario se incluirem como *acurradas* muitas expressões extrahidas do poema *Pelegrina*, que é escrito em linguagem *chapurreada*; contudo, todas as vozes dadas como *acurradas*, excepto as poucas que cito nos seus logares, são gallegas. Parece que *acurrado* deriva do adjectivo hespanhol *curro*, synonymo de *majo*; talvez em portuguez possa traduzir-se por «afadistado».

A' maioria dos vocabulos o auctor acrescenta como explicação: *voz gallegá*; a outros acrescenta, como vimos: *acurrado*; a outros não acrescenta nada. É' notavel que, intitulando-se o manuscrito *Vozes gallegas*, se precisasse da primeira d'aquellas expressões, tanto mais que todas as vozes aqui incluídas, com as restricções que faço nos respectivos logares, são gallegas, como tive occasião de verificar, consultando os naturaes do país ² e os dictionarios.

Entre as fontes aproveitadas pelo auctor, contam-se as que elle designa pelo nome de *Pardo* ou *Os Rogos*, e *Peligrina*. Por *Pardo* deve entender-se Manoel Pardo de Andrade, nascido em 1760, na provincia da Coruña; attribue-se-lhe a poesia intitulada *Os Rogos d'un Gallego*, satyra contra a Inquisição, impressa pela 1.^a vez em 1813 ³. A *Peligrina* ou *Pelegrina* é um poema, como disse acima, em linguagem *chapurreada* (mixto de gallego e hespanhol, pois nelle figura um Gallego que pretende fallar hespanhol, não o sabendo bem), por Manoel Freire Castrillón, jornalista e poeta, nascido em 1715 em Santia-

¹ As minhas notas vão entre colchetes, e assignadas, para as distinguir das do auctor. Estas indico-as por um asterisco, e aquellas numero-as.

² Durante a viagem que fiz na Galliza em 1902.

³ A respeito de Pardo de Andrade, vid. Martínez Salazar, *Los guerrilleros gallegos*, La Coruña 1892, p. 5.

go; este poema constitue igualmente uma satyra religiosa, contra os milagres, imagens etc., e appareceu a lume pela 1.^a vez em 1787 ¹.

Não pude averiguar o nome do auctor do vocabulario. Quanto á época em que este foi redigido, apenas estou no caso de dizer que elle é posterior a 1843, pois ahí se cita, s. v. *clíca*, uma obra publicada então.

Abreviaturas especiaes de que usa o auctor do Vocabulario: *a* =adjectivo; *acurr.* =acurrado (lenguaje); *adv.* =adverbio, adverbial; *d.*, *dic.* =dicen; *expr.* =expresión; *fr.* =frase; *it.* =item; *np.* =nombre propio; *p.* e *part.* =partícula; *s.* =substantivo; *sig.* =significa; *v.* =verbo; *veas* =vease.

J. LEITE DE VASCONCELLOS.

Vozes gallegas

a o pobre:

A o pobre
Pano fino e caldeira de cobre.

Refrán gallego. — El pãno fino dura mas que el ordinario; y la caldera de cobre mas que la de hierro que facilmente se oxida. Por eso, le conviene al pobre comprar lo que mas dura, aunque cueste mas.

abalár, v. Tocár la campana, á dejár ó á llamá al trabajo, en los arsenales y otros sitios donde hay muchos trabajadores. Voz prov. galleg., tomada, parece, del «latín dos canteiros». O los canteiros la tomaron de los Gallegos. La voz es común y usada en el Arsenal del Ferrol, y en Caldas de Cuntis y todo el distrito de Moraña: — que es donde se habla el *latín dos canteiros* ².

abofellas, adv. De veras. — Voz galleg.

abrangér, v. Agarrár. Cojer. Acurr.

abril:

Abril
deixame dormir,
que en Mayo
de meu me cayó.

Refr. galleg.

¹ Da *Peligrina* ha duas partes: a 1.^a não tem título especial; a 2.^a intitula-se *Os Praceres*. Consultei as duas partes na *Antologia Gallega* de D. Manuel Murguía, Vigo 1862, p. 215 sqq., onde vem publicadas. Lê-se um fragmento do poema no jornal *El Estándarte*, de 1811; possuo uma folha d'elle, que me foi offerecida pelo Sr. D. Pablo Ballesteros, archivista municipal de Santiago. Segundo me informa o Sr. Martínez Salazar, archivista da Coruña, o título *Peligrina* provém do de uma imagem que está na fachada de um antigo collegio de Santiago; e o título *Os Praceres* do de uma ermida da Virgem, a meia legoa d'aquella cidade. Tanto a *Virgem-Peligrina* como a d'*Os Praceres* são muito concorridas de romarias.

² [Isto é «gíria dos canteiros». Essa expressão também se usa em Portugal. — J. L. DE V.].

- abroujar, v. Aturdir.
 acanizar, v. Trabajar la tierra con el instrumento llamado *canizo*. Vease esta voz. — Voz galleg.
 achár, v. a. Hallár. Voz prov. galleg.
 acochar, v. Arropár. Acocharse, arroparse. Voz galleg.
 acougar, v. int. Aquietarse. Dejar de enredár, ó hacer bulla los muchachos.
 adoecér, va. Rabiár.
 adoito, s. Veas. «doito».
 alboyó, sm. Lo mismo que *alpendre* (veas.), con la diferencia de ser de paja el sotechado ó cobertizo. Voz galleg.
 aldeya, f. Aldéa ¹.
 algravía, sf. Algarabía. Acurr.
 almallo, sm. Toro por castrar. Voz galleg.
 alpendre, sm. Especie de atrio, sotechado, ó pórtico, que delante de la puerta de casa hay en las de Galicia, en particular en las casas de labradores en el campo.
 anaco, s. Pedazo: á *anacos*; a pedazos. Voz. prov. galleg.
 anduríña, sf. Golondrina. Trastrocacion de *hirundo*.
 anduríño, Brabo, sm. Vencejo.
 Anllo, np. Rio de Galicia, que entra en el rio Miño, como á una legua de la ciudad de Lugo.
 año, sm. Cordero. Voz galleg. corrupe. de *agnus*.
 argadelo, sm. Argadillo.
 argallar, v. Embrollar. Enredár. Voz galleg. De aquí:
 argalleyro, sm. Enredador, embrollón.
 armilla, sf. Voz galleg. en el sentido de *chaleco* ².
 Arnego, n. p. Rio tributario del Ulla, en Galicia.
 Arnoya, n. p. Rio de Galicia, que se pierde en el Miño á média legua de Rivadavia.
 arrente, a. y p. Cosa despegada de otra, de cuajo, de raiz. Voz prov. galleg. Modo adv. De raiz: «cortaron *che* * lle o brazo arrentes», — cortaronle el brazo de raiz: á cercén ³.
 arrontada, s. Berrenchin, enojo pronto y repentino: — en la frase «*dar una arrontada*». Voz prov. gallega.

¹ [Na cópia lê-se *aldena*. Mas em gull. não me consta que haja esta palavra, e só sim *aldeya* e *aldéa*. — J. L. DE V.]

² [Cf. cast. *almilla*, no *Dicc.* da Acad. Hesp. — Em Léon, como me informa o Sr. Martinez Salazar, *armilla* é uma especie de «jubón». Cf. *reboardar*, quanto ao r e l. — J. L. DE V.]

³ Este *che* es particula gallega intraduzible, como ás vezes el *to* ó el *de* en griego.

⁴ [Como se vê, o A. emprega indifferenteemente *arrente* e *arrentes*. De facto as duas formas usam-se. Cf. Valladares, *Dicc. gall.* s. v. Em Curros Enríquez leio *arrentes* (no periodico *A gaita gallega* de 28 de Fevereiro de 1886, p. 4). — J. L. DE V.]

aturrujo, sm. Grito. Los gritos descompasados de los que van y vienen, en una romería ó fiesta llaman en Galicia *aturrujos* ¹.

Avia, n. p. Rio de Galicia, que se une al Miño en *Rivadavia*.

axiña, adv. Pronto. Presto. Ej.: «Ben e pracer vansé axiña»: el bien y placér se van pronto.

bácaro, sm. Cerdo pequeño. Gorrinillo. Voz prov. galleg.

bágoa, f. Lágrima. Voz galleg.: «As bágoas caen a anacos».

bagoar, va. Llorar.

baleiro, sm. Una cavidad, en vacío, de qualquier cosa. Suelen llamar con este nombre al puchero, ó cacharro de barro.

bandallo, s. com. Persona abandonada em traje, ó en costumbres. Voz gallega, ó prov. en Galicia: y usada indiferentemente para significar una persona desgallada y sucia: ó una perdida y desbaratada en costumbres. «Esa mujer es un bandallo» i. é. es un zorrón inmundo y despreciable.

bandullo, sm. Barriga. Dice un cantar:

«Una vella con quen durmo
non ten tripas, nin bandullo,
nin ten faldra na camisa;
non me pódo ter coa risa!»

barraco, sm. Cerdo por castrar. Voz galleg. Deberá tal vez ser *varaco*: ó *veraco*, ó corrupción de esta ultima voz. Veas. *cacheyro*—*borrón*.

Beán, n. p. Rio de Galicia, que se agrega al Miño, á unas tres leguas de la ciudad de Lugo.

benadante, s. Colejial. Acurr. ².

berrár, v. Gritar.

berrear, v. Acusar. En esta acepción usan este verbo los muchachos, en las escuelas, en Galicia, para decir que un condiscípulo les acusó al maestro.

berro, s. grito: Acurr., ej.:

Pues aunque en las algrevias ³
de la catedral sean sábeos,
toda su sabencea y berros,
fuera de ella, se acabaron.

V. *Peligrina*.

besta, sf. Yegua. Corrupe. de Bestia. Voz galleg.—Besta de

¹ [Orthographia e pronúncia ordinaria: *aturujo*=*aturuxo*.—J. L. DE V.]

² [Diz-me o Sr. D. F. Vaumonde que *benadante* (em Betanzos) significa «persona informal, vagabonda». Não encontrei a palavra nontra parte.—J. L. DE V.]

³ [Aqui *algrevias*; comtudo vid. s. v. *algravia*.—J. L. DE V.]

Linares, mora de Mellide, e troita de Furelos: — arrenegar de todas tres como de todos os demos. Refr.

bico, sm. Beso. Hocico.

bidueiro, sm. Abedul. Arbol. Veas. Terreros¹ en la voz *abedul*.

billarda, sf. Llamam así a un taruguiño de madera, que puesto en el suelo, hacen luego saltar, pegándole con un palo. Es un juego de muchachos. Voz prov. de la Coruña.

bofár, v. Echár².

bonifate, s. Mono ó titere de ciego³.

borra, sf. Dinero. Acurr. Botar mucha borra⁴.

Borrageiros, n. p. Condado en la prov. de Santiago, atravesado por el río Ulla.

borrón, sm. Cochino entero, por castrar. Voz galleg.⁵.

botar, va. Echár. Tirár. Dice un canticio:

«Una vella, moito vella,
mais vella que un San Antón,
botaba a teta o lombo,
e arrastraballe o pezón».

botar fora⁶, v. Salir.

bourar, va. Dar con fuerza en una cosa dura. Pegár. Fig. 7: molér, fastidiár á uno. Voz galleg.

bouza, sf. Terreno espeso ó enmarañado con tojo y otras plantas. Voz galleg.

brêtema, sf. Niebla, voz gallega. En gr. *brecho*, ó *brejo* v. significa humedecer, empapar, rociár, mojar: cosas que puede hacer la niebla. En árabe.... Hebreo....⁸ i. é. *brêd*: significa «frigus», o *frío*. Uno de los afectos que produce la *niebla*. Por consiguiente pa-

¹ [Isto é: Estêban Terreros y Pando, auctor de um *Dicc. castellano*.—J. L. DE V.]

² [Não encontrei *bofar*; mas talvez signifique «botar o bofe» (gall.); em português diz-se: «deitar os bofes pela boca fóra». Ou faltará parte da phrase? Em gall. *bofar* significa, como no português do Sul, «deitar ventosidades», e também (Valladares, *Dicc. gall.*, s. v.) «resoplar com ira».—J. L. DE V.]

³ [O mais corrente é *monifate*.—J. L. DE V.]

⁴ [Em Bergantiños: *morra*, em sentido jocoso.—Informação do Sr. D. Eduard do Pondal, que é d'aquelle país.—J. L. DE V.]

⁵ [Valladares traz *berrón* no *Dicc. gall.*; mas *borrón* não deve ser erro, pois se repete s. v. *cacheyro*. O o explica-se pela vizinhança da labial *b*. Na *Fauna mastologica de Galicia* de López Secane, Santiago 1861, p. 536, vem *rarrón* «cerdo».—J. L. DE V.]

⁶ [Melhor: *botar-se fóra*.—J. L. DE V.]

⁷ [Na cópia lê-se *frig*, por erro. *Fig* = fig(uradamente).—J. L. DE V.]

⁸ [Por falta de typo, não se transcrevem aqui as proprias palavras que vem no original. Mas em hebreu a palavra que significa «frio» é outra; de som semelhante á palavra que o auctor indica temos *bárad*, que porém significa «saraiva». Em arabe temos *bard* «frio», e *barad* «saraiva».—J. L. DE V.]

rece indudable que la voz gallega procede de la raíz oriental de las voces sobredichas.

brinqueciño, s. diminut. Saltito. Figurad.: Desliz, falta. Dice un cantar:

«Miña nai, miña naiciña,
non diga nada a meu pai:
este foy un brinqueciño;
o que se foy, xá alá vai!»

burato, sm. Agujero. Dice un cantar:

«Mariana de Santa Ana
ten un burato no c. . . ,
que lle fixeron os ratos
coidando que era pan cru».

Abundan casi tanto los ratones, en las cochinas casas gallegas, como los piojos, las pulgas y otros insectos.

Burela, n. p. Puerto de mar, en la costa de Galicia. Su pesca de sardina anual se considera en 900 millares: y la de congrio en 300 quintales.

cacheyro, sm. Cerdo por castrar. Voz galleg. V. *borrón* ¹.

cacho, sm. Puchero. Cazuela.—Es voz prov. gallega. Pardo dice:

«As vellas. . . miñas cuitadas!
si dixo alguen que as topou
con un *cacho* vello ao lume,
facian de elas carbon». &c.

Cacho significa propriamente todo cacharro ó vasija de barro, ya rajada, ó rota, ó casi inservible.

cachucha, sf. Cabeza de cerdo.

calár, v. a. Callar. Voz galleg.—El dialecto gallego es constante en usar de una *l*, donde en castellano se usa de la *ll*; y donde el latin usa *l* sola ó *li*, el gallego pone *ll*: ej. *múlier* lat. es *mullér* en gallego.

caluga, sf. Cogote. Voz fam. y prov. en Galic. del lenguaje acurrado.

cando:

- 1) Cando corren as nubes pra Santiago,
pon a sella e o caballo.

¹ [*Cacheyro*, neste sentido, não encontrei; mas Valladares, *Dicc. gall.*, traz *cacheira* «cabeza de puerco curada».—J. L. DE V.]

Porque entonces suelen reynar los vientos que alejan las nubes, y no llueve: lo qual no sé yo cuando sucede en Galicia.

- 2) Cando o trigo vai louro,
o muxil val ouro.

Refr.—El *muxil* ó *mugil* es un pez. Cornide dice: «Es común este pez en toda la costa de Galicia, a donde le dan el nombre de *muge*. . . En la Ria de Sada á los *mújiles* grandes llaman *curvos*, para cuyo nombre no hallo otro motivo, que el de que, al cocerlos, se encorvan, formando una especie de media luna: la sazón de comer el *mújil* son los meses de julio e agosto ¹, siendo vulgar refrán, que vale el *mugil* ouro (oro) cando o pan vay louro (dorado), y en efecto, en este tiempo es cuando el *mújil* está mas craso y sustancioso; siendo su carne en el resto del año algo seca».

- 3) Cando un mes medea,
outro o semella.

1. **canizo**, sm. Instrumento de agricultura hecho de madera, que sirve para demoler ó pulverizar los terrones de tierra que se endurecen.—Voz galleg. En algunas partes dicen *caínzo*.

2. **canizo** para cerrar.—Tiene la misma hechura, y sirve de portijo de una huerta, ó cerradura de bosque.

3. **canizo** significa tambien una especie de camilla o meseta, hecha de *cañas*, y dispuesta para secar las castañas al fuego; ó formar las que llaman *pilonças*. Dice un cantar:

«Maruxiña: do canizo
trae castañas abaixo:
e xá que non téis camisa,
tráxelas no refaixo».

cántro, sm. Voz gallega en la acep. de *jarro*.

caravél, sm. Clavél, flor.—Dice un cantar:

«O caravél cando nace
tray o bico enrevellido:
todas as fillas do crego
chamam ó pai—señor tío».

caravéla, sf. El cestillo en que llevan ó mandan cosas de comer á los muchachos ó mozos pobres que en Galicia van á estudiar á la Universidad, ó al estudio de algún Dómine de latin: y que suelen mantenerse con un pedazo de pan de borona al día, ó cosa así. De su pobre casa suelen mandarles, de cuando en cuando, haciendo algún

¹ [No texto, por engano, *acosto*.—J. L. DE V.].

esfuerzo, un cestillo de mimbres, con algunas provisiones: y á este cesto le llaman el *caravel*: — y preguntandole á uno de estos estudiantes pordioseros, ó galloferos «si vino la *caravela*» es lo mismo que perguntarle á uno en Castilla «si vino el cuervo». A los estudiantes pordioseros y galloferos los llaman *Codios*, y en Santiago *Tranchos* ⁴.

carballo, sm. Roble. Voz galleg.

carneiro da semente. Carnero-padre. Voz galleg.

carquenas. Voz usada en la frase adv. «de carquenas» = i. é,

De cuchillas ²:

¡Que gusto es ver de carquenas
á mil honrrados.. &c. ³

carraxe, sm. Coraje.

carvajo, y *carvallo*, s. Arbol, lo mismo que *esculo* (sic), v. Escorial ⁴. — De *carvallo*, salen: **carvallál**, y: **carvallár**, sitio plantado de carvallos, y: **carvalleda**: **carvalledo**: **carvallido**, y: **carvallosa** ⁵.

cazoleiro, m. Marieón: hombre que se entromete á hacer lo que es propio de mujeres.

ceár, v. Ciar, cejár. Reculár.

oedo, adv. (antic. esp.). Temprano. Lat. *cito*.

ceibár, va. Soltár. Dar libertad. Voz galleg.

cendrada, sf. — plur. cendradas. — Así llaman á unos vichos, ó gusanillos que se crían entre las piedras, tierra y arena: y entre los peñascos, á orillas del mar: — y que sirven y se buscan para poner de cebo en los anzuelos. Es voz prov. de Galicia ⁶.

oéu, s. El cielo. Voz galleg.

Cillero, n. p. Puertecillo de mar en la costa de Galicia, en la Ría de Vivero.

cinza, sf. Ceniza.

Ciprián (San) n. p. Puerto de mar en la Costa de Galicia, á la vuelta del Cabo de Burela, y de las islas de S. Ciprián. También el famoso libro, ó mamotreto que usan los gallegos, para descubrir

⁴ [Propriamente: estudantes dos dois primeiros annos de Philosophia.—J. L. DE V.].

² [Na cópia ms.: *de cuchillas*.—J. L. DE V.].

³ [Estes versos entran na 2.ª Parte da *Peligrina* ou *Los Praceres*. O 2.º verso está incompleto, pois o original tem: «ó brozos á mil honrrados».—J. L. DE V.].

⁴ [*Carvajo* é duvidoso em gallego. O *Dicc.* da Acad. Hespan. tem contido: *carvajo*—astur. e gall. *carvallo*. Talvez haja aqui j por y=ll: cf. *partijo*.—Quanto a *esculo* e *Escorial*, não sei o que o A. quer dizer.—J. L. DE V.].

⁵ [O auctor quer dizer que *carvallál*, *carvallár*, *carvalleda*, *carvalledo*, *carvallido*, e *carvallosa* são synonymos entre si. Todas essas palavras, menos a segunda, se encontram também em português,—ou no onomástico, ou na linguagem corrente.—J. L. DE V.].

⁶ [*Cendrada*, não ouvi, nem vem em Valladares. A forma que se usa, pelo menos na Coruña, é *encenrada*. O A. repete *cendrada* s. v. «moioeca».—J. L. DE V.].

tesoros, con ayuda del diablo y del cura de su feligresia. — *El Libro de San Ciprián*.

cirolas, sm. pl. Calzones de lienzo anchos, que suelen llegar á la pantorrilla solo. Los usan mucho la jente del campo en Galicia, y pueden llamarse los zaraguelles en esta parte de España.

clica, sf. Pudendum feminae. — Voz prov. en Galicia. Es manifestación de la voz castellana *crica*, que es la misma voz árabe....¹ en la misma significación. — Veas. *Cancionero de obras de burlas*, pag. 147².

cóbrega, sf. Culebra.

cocho, m. Cerdo. Acurr.

codio, s. Estudiante pordiosero, gallofero. Veas. *caravela*.

coje, sm. Una especie de cuartago, ó caballo pequeño, ej. = «habia jente de á caballo, que ya llegará el sarjento Novoa, con cantidad de labradores, caballeros en cuartagos que llaman *cojes*, con su pendón»; &c. = Veas. *Diar. del sitio de la Coruña en 1589*, por Varela. MS.

coque³, sm. Coscorrón. El golpe que se dá en la cabeza, con los mudillos. Voz gallega.

coquín, m. Campanillero que anuncia la muerte de alguna persona, pl. *coquines*, ó *coquiens*⁴.

corredoyra, sf. Camino angosto que por ambos lados tiene una especie de muralla natural por haber hundido demasiado la tierra ó suelo del mismo camino. Hay muchos en Galicia, de donde es la voz.

crego, sm. Clérigo. Un refr.:

A fazenda do crego
dáa Deos e levaa⁵ o Demo.

croa, sf. Corona de sacerdotes. Dice un cantár:

«O crego foi ó moíño,
meteu á cabeza dentro;
trouxo fariña na croa,
para facer ó formento».

Formento dicen á la levadura, para amasar.

¹ [Não se reproduz a palavra árabe, por falta de type; mas a respectiva transcripção é *farh*. Essa palavra porém não tem parentesco phonetico com a de que se trata.—J. L. DE V.]

² [Esta obra foi impressa em Valencia em 1519, edição de que hoje só se conhece um exemplar, que está no Museu Britânico,—diz Brunet, *Manuel du libraire*, vol. 1, p. 1535; mas ha uma edição de Madrid-Londres feita em 1843, que foi a de que o nosso auctor se serviu, como se vê da citação da página.—J. L. DE V.]

³ [Creio ser erro, pois só ouvi dizer *croque*. Assim se lê também no *Caldão de Grelas* de Armada Teixeira (versos), Habana 1895, p. 80. «foi *croques* ós nenos». —J. L. DE V.]

⁴ [Não encontrei esta palavra noutra parte; talvez seja o fr. *coquin*.—J. L. DE V.]

⁵ [Na cópia ms. lê-se por erro *levaa*, sob influencia do hesp. *llievala*.—J. L. DE V.]

[**croque**: vid *coque*].

cucho, m. Becerro.

cuchucho, sm. Abujero. Dice un cantár:

Unha vella dixo a outra,
po lo *cuchucho* da porta:
si che crego pide un bico,
dalle una *figa* * retorta».

cunca, sf. Taza ó tazon. O' escudilla para comér. Voz galleg. Quizá de *cuenca*.

currubedo, s. Quiebra de un comerciante en la fr. = «Dar en currubedo» = Quebrár, hacer bancarrota. — Currubedo se llama un bajo muy peligroso que hay en la costa de Galicia, hácia el cabo de Finisterre.

cuxa, sf. Ternera.

chanto, sm. Losa grande de piedra.

chao, ó *chan*, sm. suelo. Voz prov. galleg. *Chao*, voz de Lugo. *Chan*, de Santiago.

chau, sm. Suelo. Voz galleg. tambien se dice = *Chao*.

che, pron. Te. Voz prov. galleg., ej. = «aunque *che* pasme, *Catuxa*», = «Aunque *te* admire, *Catalina*». — Y otro cantar dice:

«Catro con cinco son nove,
para doce faltan tres:
si *che* faltey algun dia,
aqui me tés outra vez».

chegar, v. Llegár.

chincár, v. Ordenar. Voz galleg. ¹.

chousa, sf. Bosque ó parque cercado y cerrado. Voz gallega. Talvez del ital. *chiusa*.

choya, sm. Cuervo. Dice un refr.:

«Cregos, frades, pegas e choyas,
do a o demo tás cuatro xoyas!».

chumbo, sm. Plomo. Voz prov. galleg. Hállase esta voz en muchos privilegios antiguos: «*seello de chumbo*».

churra, sf. Gallina.

* Dante, en su Divina Comedia, cita este antiquísimo modo de escarnecer cuando aquél condenado alzaba sus manos contra el cielo; veas. *l'Inferno*. [O lugar do *Inferno* a que allude o auctor é o canto xxv, v. 2: *Le mani alzó con ambedue le fische*.—J. L. DE V.]

¹ [Na prov. de Lugo, quando se ordenha uma vacca, e ella dá pouco leite, diz-se: «non fai mais ca *chincar*», i. é «pingar». Cf. hesp. *achicar*?—J. L. DE V.]

dar efecto ¹, fr. con que los gallegos esplican ó traducen la de «Hacér caso».

decatar, ó *decatarse*, v. Hacerse cargo. Recordár. Echár de ver.

deño, sm. Lo mismo que *Demo*. Demonio. — Pardo dice de la Inquisición:

«Con ela moran os deños,
suposto na inquisición
mora a pravedade, as meigas,
e tamen ó inquisidor».

descote, adv. Siempre ².

deytarse, v. i. Acostarse. Echarse. Voz galleg.

Deza, n. p. Rio tributario del Ulla, en la prov. de Santiago de Galicia.

doa, sf. Cuenta de rosario.

doente, a. La persona que tiene mal de rabia.

doito, s. Costumbre: á lo menos en la frase = «como a doito» = como de costumbre. Voz prov. en Galicia. Talvez se escriba *adoito*.

donosiña, sf. Comadreja. Voz gallega. Algunos labradores pronuncian malamente *lenosiña*: y tienen mucho miedo á este animalillo, como venenoso y muy irritable. Otros dicen, que deve pronunciar-se *denosiña*.

emprego, s. Buey ó vaca. Voz galleg ³.

[en]:

«En cada terra seu uso:
en cada roca seu fuso».

Refr. gallego.

En xaneiro
vaite a o outeiro:
se ves terraxár,
ponte a cantár,
e se ves verdecar,
ponte a chorár.

enjivia, sf. Encía. Voz prov. en Galic. del leng. acurrado = ej.:

Aquí inventé lavár
perfrevas, enjivias, labios, &c.

V. 2.^a parte de la *Peligrina*.

¹ [Na Coruña díz-se *dar afecto*. Creio que *efecto* é forma puramente litteraria.—J. L. DE V.].

² [O usual é *decote*.—J. L. DE V.].

³ [*Emprego* supponho que é antes o conxuncto do gado.—J. L. DE V.].

enrredo, sm. Usanle los Gallegos, por *enredador*. Un cantar suyo dice:

«Estate quedo,
non seas enrredo,
inda qu'esto digo
enreda connigo».

ensarrillár, v. a. Dice un cantár:

«Unha vella, vella baylaba,
ensarrillaba, e vendia viño,
e co pé pechaba a porta,
e daba a teta o pequerrechiño».

Y este cantár alude, sin duda, á la afanosa vida que llevan las gallegas. Nada mas común en Galicia, que ver á una campesina hacer cuatro ó mas cosas á un tiempo: llevar un gran peso en la cabeza; cuidar de una vaca ó cerdo; amamantar un hijo; hacer alguna labór con las manos, — todo á un tiempo, caminando por el campo.

Eo, n. p. Río que nasce en el valle del Pedroso, prov. de Lugo, y que divide á la prov. de Mondoñedo, de Asturias. Forma la Ría de Rivadeo.

erbella, sf. Una planta parásita, que vive á expensas de las gramíneas ¹. Quizá á esta planta alude el refr. que dice:

«Quen mata a *arbela*. — mais que ela»,
que trae Nuñez en sus Refranes.

escoítár, v. Escuchár. Voz prov. galleg.

escorna-boy, s. Ciervo-volante.

espató, sm. Asadór. Es voz prov. gallega. En italiano *spiedo*.

espido, s. adj. Desnudo. Voz gallega.

esquencer, v. Olvidar. Voz prov. galleg.:

«que do que vales se *esquensan*».

estoupar, v. a. Reventár. Estoupár de rabia, — reventár de rabia. Voz prov. galleg.

faceira ², sf. Carrillo. Usanlo com. en plur.: «Calaga, testa, *faceiras*».

faco d'agrear ³, s. Caballo padre. Voz galleg.

¹ [Na Coruña *erbella* significa «fava pequena»: a planta parásita é *erbillaca* — J. L. DE V.].

² [Na cópia *faceira*. — J. L. DE V.].

³ [*agrear*, verbo que não conheço d'outra fonte: parece derivar do substantivo *grea*, que, pelo menos no condado de Ortigueira, significa principalmente «manada de yeguas». — J. L. DE V.].

facha, sf. Hacha. Voz antic. La hacha era menos que la antorcha.

fala, sf. Habla: «Perde a fala o cuitadiño».

falár, va. Hablar. Voz galleg.

farangulla, sf. Pícea. Acurr.

farinha, sf. Harina. «En la farinha do demo, todo se vuelve salvado». — Refr. ¹.

faruél, s. Faról. Acurr. ².

fayado, sm. Zazuizami, buharda, desván. Voz galleg.

fechár, v. Cerrar. Noite fechada — noche cerrada.

fêmia, s. Hembra. Es nomb. jenérico:

«As femias de nosa especie,
de certa constitucion.
fan visaxes, e son tolas,
pero feitizeiras, non».

(V. *Os Rogos*).

ferreña, sf. Sonaja. Instr. musico, que se toca con la mano á manera de castañuela.

fol, ó fole, sm. Pellejo de cabrito, dispuesto en forma de cuero de vino. Los usan en Galicia para metér, y trasportár en ellos, granos, sal, y otras cosas. Dice un cantár:

«Quen queira comprár un fol,
ó un saco de centeo,
sáquele os collos á un xastre,
e será ferrado e medio».

Hay un Refr. que dice «Ou tu non queres, ou tu non podes, — ou tu non traes o leite nos foles». Pero no sé á qué alude.

folerpa, sf. Copo de nieve. Voz prov. galleg. En la prov. de Lugo *felepa*, en diminutivo *felepina*.

foliada, sf. Diversión, o zambra, que se reduce á cantár y bailar. Comunmente se tiene por la noche. Quizá de *folia*.

forcado, sm. Biello. Voz galleg. Sirve para cargár los tojos y heno en el carro ³.

formigos, s. pl. Migas rebozadas y azucaradas. Plato que usan los Gallegos, siempre que está de parto una mujer ó ama de casa: de

¹ [O proverbio é bi-lingue. Em hesp. diz-se: «En la harina del Diablo— Todo es salvado».—J. L. de V.].

² [*Faruél* é barbarismo de Hespanhoes que não fallam naturalmente o gallego; como em hesp. *ue* corresponde muitas vezes a o em gall., estabeleceu-se aqui também correspondencia, embora falsa.—J. L. de V.].

³ [*Forcado* em hesp. é *horquilla*. Vid. Valladares, *Dict. gall.*, s. v. Ao *biello* corresp. *engazo* em gallego. Mas talvez em alguma parte *forcado* tenha o sentido especial de «biello».—J. L. de V.].

modo que para decir v. g. que pario la mujer de Juán, dicen: «Juán está de formigos».

forquito, sm. El *forcado* pequeño. Voz galleg. Sirve el forquito para cojer los tojos y yerbas que se dán á las caballerías. No tiene mas que dos puas ó dedos, y el *forcado* tiene tres.

fouze, sf. Especie de destrál, ó hacha para cortár leña. Voz galleg.

fouziño¹, sm. Hoz para segár. Voz galleg.

Foz, n. p. Puerto de mar, formado por el rio Masma. Dista dos lleguas y media del de Rivadeo. Se cojen en él mil y quatrocientos millares de sardinas, en año común.

fozár, v. Revolver una cosa trastornandola. De *hozár*, sin duda, ó viceversa.

fozón, adj. Torpe.

frouma, f. Mierda. «Algunas Giuntas san de volver *frouma*». Voz galleg., quizá de la voz *φάρμακ*. Veas. *Galatas*, V, 9^a.

fueiro, sm. Estaca ó palo, de los que se suelen poner en una carreta, formando con ellos una especie de balaustrada, de quita y pón, para contenér la carga. Voz prov. galleg. Tambien le llaman *funqueiro*.

[fun]:

á casa do rocin
tal como che fun, volvin.

Refr.

Furelos, n. p. Rio tributario del Ulla.

gadoupa, sf. Zarpa, garra. Es voz prov. galleg, ej.:

Botalle logo á *gadoupa*
como fai coa pomba * o azor &c. *

gafo, sm. Demonio.

gallado, sm. Cesto. Voz galleg.

garapaldo, sm. Empellón.

Ginzo, n. p. Rio tributario del Limia, prov. de Orense.

godallada, sf. ej.: «bien que del amor a *godalladas*, y genio

¹ [Na cópia *fouziño*. Deve ser *fouziño*=*fouciño*, como vem nos dicionarios impressos.—J. L. DE V.]

² (Não encontrei a palavra noutra parte em tal sentido. No de «verdura», «viçosidade», lê-se ella nos seguintes versos de Nuñez Gonzalez:

mirabase a umbria
de *frouma* cuberta...

vid. *Saloyos*, Madrid 1895, p. 69.—Por *Galatas* deve entender-se *Epistula Pauli ad Galatas* (cap. V, v. 9); mas a etymologia proposta é inexacta.—J. L. DE V.]

* Pomba,—paloma.

³ [D-*Os Rogos*.—J. L. DE V.]

caviloso de los gallegos» &c. it. «Si nos desejasemos de las *godalladas*, de calabozos, encierros, grillos, cadenas, y otrss mil modos de ultrajár la humanidad» &c. (pags. 10 y 13 de la *Hist. de la R. Carcel de la Coruña* ¹). Fontán, el Diputado, me dijo que llaman *godallo* en Galicia á uno envanecido de su nobleza: á un *vanistorio*, como se dice familiarmente. Por consiguiente, parece que *godallada* será fantasmoría, ostentacion de vanidad. &c. Sanchez Balsà me dijo, que *godallada* q. d. ², *trampa*, *arteria*, *engaño*.

goxo, sm. Cestón. Voz galleg. Es un cesto á manera de cuévana: de alto como una vara.

gramalleira, sf. La cadena de sobre el fuego: ó la que se pone al humero, para colgar la olla ó caldera de hierro: «Suben po la gramalleira», dice Pardo, hablando de las que perseguia la inquisición por brujas.

grede, s. Un instrumento rústico, á manera de trillo para preparar las tierras, despues de la cosecha. Lllamanle tambien *agrede* ³.

guincho ⁴, s. Greña.

lacó ⁵, sm. Brazuelo de cerdo:

«En tanto cos seus conxaros +
de ovos, carneiros, *lacós*
enchén os cregos a casa
de meigas á inquisición ⁶».

lacoero, adj. s. Frayle franciscano. Voz galleg.; se deriva de *lacó*, brazuelo de cerdo. Los franciscanos recojian en la questa muchos *lacónes*: de ahí el nombre.—Refr.:

«San Antonio lacoero
dezesete de xaneiro».

Puede dezirse de los fráiles aquello de Valdes: «Mas, tu hurtabas el puerco,—y dabas los pies por Dios» (Veas. *Dialogo de Car. y M.*, paj. imp. 28, ms. 66).

Ladra, np. Rio en Galicia, de algún caudal, tributario del Miño antes que éste pase por Lugo.

¹ [Impressa em 1812, anonyma. Seu auctor é Benito Antonio Fandiño; cf. *Revista Gallega*, vol. II, n.º 91.—J. L. DE V.].

² [=q(uiere) d(ecir).—J. L. DE V.].

³ [No *Dicc. Gall. de Valladares* vem *agrade*.—J. L. DE V.].

⁴ [No ms. lê-se *ginacho*. Há aqui um erro curioso de *ginacho* por *guincho*, que é palavra usada em gallego, e empregada metaphoricamente em relação ao cabelo. Na cópia tomou-se *uin* por *ina*, estando o primeiro i sem ponto. Temos assim um exemplo d'aquillo que os Franceses chamam «coquille».—J. L. DE V.].

⁵ [Em Valladares, *Dicc. Gall.*, vem *lacón*, e assim onvi também dizer na Galliza. A não ser que haja erro de cópia, *lacó* foi falsamente deduzido do plural *lacós*.—J. L. DE V.].

⁶ [Esta quadra é também d-*Os Rogos*.—J. L. DE V.].

lagarteiro, sm. Una ave de rapina, el cernicalo. Es voz galleg. —Cervantes dice: «Cernicalos que son lagartijeros». La voz gallega se aplica tambien ás personas astutas sagazes, taimadas.

lama, sf. Lodo, fango. Voz prov. galleg. En la misma acepción quizá, que se usa esta voz en Horacc. Epist. xiii, Lib. 1.º «Viribus uteris per clivos, flumina, *lamas*» (Verso 10).

Landrove, n. p. Rio que nace al pie del monte del Nistral en Galicia y va á desaguar en el mar, despues de formár la Ria de Vivero.

[lança]:

«Lanza larga por a neve,
no hay diablo que a leve».

Este refr. gallego está en Nuñez¹. Dicen que debe leerse *zanca* en vez de *lanza*: porque *zancas* son zapatos con fondo de palo: y esplican que con zapatos largos, es facil resbalar en la nieve: ó. que se deben usar cosas á proposito para el objeto. Yo no sé si esta sea buena interpretaci6n.

lar, sm. El sitio mismo donde se hace el fuego, el hogar.

lareira, sf. Toda la piedra del hogar ó fog6n. Vozes gallegas, ej.:

«Vaite a *lareira* e pon o pote no lar».

«Vete á la piedra del hogar,
y pon la olla de hierro en el hogar».

larpeiro, sm. Galopin. Comil6n. Voz gallega. De un familiar de la inquisici6n dice Pardo:

«Entra 6 alguacil *larpeiro*
coa máscara de sant6n,
e ao probe que está no leito
fanno suar coa calore &c.»

layar, v. Despedir ayes. Quejarse estando enfermo.

leira, sf. Porci6n 6 pedazo de tierra labrada. Voz gallega. De *leira* se forma el dimin. *leirinha*, que usa el padre Sarmiento en varias obras suyas.

leria, sf. Charla.

levâr, v. Llevar. Dice un cantar:

«O crego, cando enamora,
ofrece moitos ichavos;
namora, crego, namora,
que t'án de *levâr* os diablos!»

¹ [Hernán Nuñez, auctor dos *Refranes o proverbios en romance*, cuja 1.ª ed data de 1555.—A respeito d'esta collecção cf. os meus *Essaies ethnographiques*, t, 155 sqq.—J. L. DE V.]

El dialecto gallego es constante en repugnar la *ll*. Así dice *calár* por «callar», *falar* por «hablar» &c. y sin embargo en las voces latinas en donde hay juntas *li*, el gallego usa de la *ll*, vg. lat. *mulier*, galleg. *muller*.

leytón, sm. Lechón. Cerdo joven. Voz galleg.

Limia, n. p. Río que nace cerca del lugar de Codeselo, en la prov. de Orense, y que forma el conocido lago de *Limia*, de una lengua de estensión.

lixoso, adj. Sucio. Debe ser esta voz de la misma raíz que la ital. *lezzoso*¹.

lixugar, v. Ensuciar.

lóstrego, sm. Relámpago. Voz gallega. Gr. *ἀστραπή*.

louro, -ra, adj. Negro, -a. Es voz prov. gallega. Ej.:

«Sobre un tapiz dunha mesa,
mais *louro* do que o carbon»².

Mariquiña, do trevelledouro,
a teu pai morreulle o boy *louro*,
ora que non tendes gâdo
ti e mais el tirareis po lo carro³.

lua, sf. Luna. Voz galleg.

Lugo, n. p. Dice un refran:

«De Lugo,
nin boa bestia, nin bon burro».

luido, -da, adj. Desgastado por el uso, ó ludimiento. Se aplica á las monedas desgastadas por el continuo roce y uso de ellas. Es voz prov. galleg.

lujar, v. Ensuciar. Acurr. V. *Piligrina*:

«que se lujan en lo prato».

lulo, sm. Pescador de mar. Es voz despreciativa y de burla, con que llaman en Galicia a los pescadores, que se enfadan mucho, si les dicen *lulos*. Es voz de la Coruña, á lo menos. Procede de — *lula* — sf. Un pez que creo es la jibia pequeña y que cojen muchas en la Coruña.

¹ [Na cópia ms. está *lerioso*. Julgo que o A. quis dizer *lezzoso*, postoque a etymologia que elle propõe não seja boa, como muitas outras.—J. L. DE V.]

² [Estes versos pertencem a *Os Rogos*.—A palavra *louro* no sentido de «negro», «moreno» usa se em Betanzos, etc.—J. L. DE V.]

³ [São muito conhecidos por toda a Galliza os versos *Mariquiña do trevelledouro—a teu pai morreulle o boy louro*, mas não pude averiguar bem o sentido de *trevelledouro*, que comtudo parece pertencer ao vocabulario agricola.—J. L. DE V.]

[**lumáchega**: vid. a voz seguinte].

lumigacha ¹, sf. Lombriz de tierra.

macallau, m. Bacalao. Acurr.

maguar, v. a. Aplastar. Voz galleg. Se acerca al *magullar* español.

mamoa, sf. Sepulcro antiguo, de los muchos que se hallan en Galicia en los campos. Consisten en montecillos de tierra á manera de conos, ó piramidales: debajo de los cuales se halla el sepulcro, ó caja, que regularmente es de seis losas de piedra, que forman una especie de caja cuadrada. Dentro de estas urnas se hallan constantemente unos vasos pequeños de *tierra cocida*, llenos de polvo que suele contener partículas minerales, que creen ser monedas ya oxidadas ó pulverizadas por el tiempo. Hallanse tambien unas especies de pías gruesas y puntiagudas de piedra, una con cada vaso de estos y cuyo uso ó significación se ignora. A todo esto, i al montecillo de tierra, sepulcro &c. llaman *mamoa*: y tambien *medoña*, ó *medorra*. Hay muchas mamoaas ácia Brántua ².

mancar, v. Lastimar.

Manin, n. p. Lugar en Galicia no lejos de Portugal.

marco, sm. Mojón. Voz galleg.

marelo, -la, adj. Amarillo, -lla:

«Duas candelas marelas
co seu pálido fulgór
fan ver de colór da cera
as caras dos tres dragós» ³.

marra, sf. Almadana. Dice un Refr.:

«Mais ha na marra,
que facela e furala».

Mas hay en la almadana que hacerla y horadarla. Que no basta hacer las cosas, si no se hacen bien.

mau, sf. Mano. Dice un cantar:

«Viva quen toca o pandeyro,
viva quen o tén na *mau*!
viva quen ha de dormir,
a noite con meu hirmau!».

¹ [Debe ser erro por *lumáchega*, em hesp. «habosa». Em Bergantiños diz-se *lamáchega*.—J. L. DE V.].

² [No *Dicc. geogr. postal de España*, Madrid 1880, e no *Dicc. geogr. de España* de Madoz, t. iv, só encontro *Brantuas* e *Brantouas* (e não *Brántua*).—J. L. DE V.].

³ [Quadras extrahidas d-*Os Regos*.—J. L. DE V.].

Es cumplimiento que hace, ó se pone en boca de una, dirigido á la nueva cuñada, a la que se acaba de casár con su hermano.

mayo, sm. El 5.º mes. Dice un Refr. gallego:

En Mayo
inda a vella queima o talló.

Otro *enda*. Porque en Galicia todavia en Mayo hace frio.

medoña, sf. Sepultura antigua en Galicia. Veas. *mamoa*.

medorra, sf. Lo mismo que *mamoa* y *medoña* (Veas.). Aunque tal vez *medorra* significa una especie de catacumba ó columbario, donde se enterraban varios, y no una persona sola, ó dos, como en la *mamoa*. Pues hubo tambien en Galicia, parece, esta especie de columbarios.

medras, sf. pl. Intereses cobrados por dinero. Voz prov. gall.

Dar su dinero as medras: es, dar su dinero á interés.

meiga, sf. Maga ó encantadora. Dic. *Os Rogos*:

«*Meigas*, feitizos e bruxas
que persigue a inquisicion;
sin máscara, socaliñas
de cregos e frades son.

Chámanlles Bruxas a as vellas
por ter cara de carton:
pero solamente hay *meigas*
en donde hay inquisicion. &c.

mencuña, sf. Medicina. V. *Os Rogos*, pag. 26.

mera, sf. Lo mismo que *brétema*. Voz gallega.

meu, prov. Mio. Voz galleg.

mico, sm. Gato.

Miño, n. p. Rio en Galicia, que nace cinco leguas y media al nordeste de la ciudad de Lugo, junto al ex-monasterio de Meyra. Desagua en el Oceano Occidental, junto al Puertecito de la Guardia.

Miñotelo, n. p. Rio en Galicia, que entra en el Miño, a cuatro leguas de Lugo.

miñoto, sm. Toda ave de rapaña.

miudiño, Menudito. Diminutivo de *mundo*, menudo. Aplicase al modo de andar, según esta copla:

«Mariana de Santana,
ten o andar *miudiño*.
¡Quen me dera ir co ela,
un anaco de camiño!»

mo, part. *Me lo*. El pronombre y artículo unidos. Dice un cantar:

«Si fores á Santiago,
trarasme um Santiaguíño* *;
si non mo trouxeres grande,
traerásme pequeníño.

1. **moér**. Molér. «Quer moer a todos ventos». Refr. galleg.

2. **moér**, v. Molér. Dice otro cantar:

«O erego, e mais a criada,
ordenaron de cocer:
tiñan a leña no monte,
e a ¹ fariña por moér».

moinante, s. Una especie de pordiosero, pícaro, ó jitano, que estafa, y saca dinero, engañando al que le cree enfermo, llagado, ó cosa así. Voz de Santiago, en cuya ciudad hay muchos hácia Santa Marta, la Balura, y contornos de Oseira. Puede que la voz venga del *moine* francés; y que se introdujese con los muchos galloferos y picaros franceses, que en forma de peregrinos venian á sacar dinero, y era natural que dijesen que eran *moines*, ó *frailles*, para agradar á los españoles.

moíña, ó muíña ², f. El polvo, tamo, ó granzas, que se suelta del grano aechandolo.

moíño, sm. Molino. Dice un cantar:

«Esta noyte, no moíño,
ha de haber o que ha de haber:
ha de haber cabezas rotas,
si non me deixan moér».

moñoca, sf. Cierta vieja ó gusanillo, semejante á la cendrada, y que sirve para lo mismo: se cria tambien bajo la tierra y piedras, en las playas, á orillas del mar. Usase comunmente en plural. Es voz prov. de Galicia. Veas. *cendradas*. La pronunciación mas general en toda Galicia es *miñoca*.

morea, sf. Montón; it. jente amontonada. Acurr. Dicen v. g. — morea de calderija y ducados; y dicen — moreas en cada esquina, por — turbas ó porcion de jente en cada esquina.

* Medallita de plata, de las feas y malas que fabrican en Santiago.

¹ [Na cópia lê-se, por evidente engano. *fa*. O *f* foi motivado pelo da palavra seguinte, ao qual se segue *a*. — J. L. DE V.].

² [Na cópia ms. lê-se *moína* e *muíña* com *n* por *ñ*. Emendei afoutamente, porque em Valladares, *Dicc. gall.*, vem *moíña* e *muíña*, e em port. diz-se *moinha*. Na cópia ha outros casos de *n* por *ñ*, ex.: *medona* s. v. «mama», *cunada* s. v. «mau» etc. — J. L. DE V.].

muxir, v. Ordeñar. Voz galleg. Del Lat. *mungerē*.
[na]:

Na terra de ¹ aquel home
quen non traballa non come. — Refr. galleg.

Na terra de Corcubion,
mullér bonitiña si,
pero honrradiña non». — Otro Refr.

nai, sf. Madre. (Lo mismo que *mai*). — Dice un cantar:

«Miña nai, mire meu pai
que calzôs novos lle ten:
son abertos por adiante,
para poder mexâr ben».

Narla, n. p. Río de Galicia, que desemboca en el Miño, no lejos de Lugo.

nena, sf. Muchacha. Voz prov. gallega. Ej.:

«O feitizo está nos ollos
d'unha *nena* de Padron:
as *nenas* tamén feitizan
a os cregos de inquisicion» ².

Otro cantar dice:

«O cura de esta parroquia
deixa dito a criada:
Nena, si non veño logo,
deitate na miña cama».

neto, sm. Cuartillo, medida de vino. Dice um Refr. galleg.:

«Neto e neto,
bebe Maria o feltro»

y sig. que el borracho acaba con cuanto tiene, y lo gasta en beber.

nibueiro, sm. Niebla. También se dice *nubueiro* — como el mar con niebla densa.

nubeiro, sm. Visionario, embaucador. Es voz galleg.:

«librádenos dos *nubeiros*
da maldita inquisicion» ³.

¹ [Na cópia ms. lê-se por engano *da*. — J. L. DE V.].

² [D-*Os Rogos*. — J. L. DE V.].

³ [Versos d-*Os Rogos*. Diz-se que, quando ha tempestade, apparecem nas

Propriamente *nuveiro* significa: Duende, ó ángel malo, de los que se supone quedaron en el ayre, ó en las nubes, al bajar los ángeles rebeldes al infierno.

nubrado, s. y. adj. Nublado. Voz galleg.

nugalla, sf. Perezca. Voz prov. gallega y de uso muy jeneral.

[O]:

«O saco redondo
tanto leva como o longo»,

que lleva tanto el saco ancho como el largo.

«Os Pardos e os Rebelloos,
poucos son boos».

Pardo y Rebellón son dos linajes de Galicia. No sé á qué alude el refrán, diciendo que hay pocos buenos de estos linajes ó apellidos.

onte, adv. Ayér. Dice un cantar:

«Miña sogra morreu ônte,
enterreina no palleiro,
deixeille unha mau de fora,
pra tocár o pandeyro».

orballar, v. Caér niebla gruesa que moja: ó lluvia imperceptible. Voz galleg.

orballo, sm. Relente grueso, que moja y enfria, pero imperceptible á la vista. Voz gallega. Se diferencia de la brétema ó niebla, en que no se ve. Tambien se toma en sentido figurado. Dice v. g. un cantar:

Neniña, tu ¹ es a erba;
o orballo sono ² eu:
agora na mau te teño,
herba do orballo meu!».

órreo, sm. Granero. Es en Galicia una estructura enteramente separada de la casa del labradór, aunque contigua. Tiene como el nombre, la misma forma que les daban á los suyos los Romanos. Son de piedra silleria, y aparecen de fuera una edicula, de construcción no inegante. La voz es la misma lat. *horreum*.

fontes uns homens muito altos e feios, que lançam as agoas da terra para ás nuvens, para fazerem os trovões e as chuvas: estes homens são os *nubeiros*. Informação do sr. D. Eduardo Pondal, que acrescenta que taes seres em Bergantiños se chamam *tronantes*.—De *nubeiros* e *nubeiras* «con facultades para atraer el nublado», falla D. Manuel Murguía na sua obra *Galicia*, Barcelona 1888, p. 211.—J. L. DE V.]

¹ [Assim está no ms.; mas o mais usual é *tú*.—J. L. DE V.]

² [Entenda-se que é = *son* c (na pronúncia: *sono* < **son-lo*); em port. «sou-o». — J. L. DE V.]

outeyro, sm. Terreno labrado y cercado, que es de muchos. Voz galleg. Quizá de abí proviene *otero*¹; ó viceversa.

Padrenda, n. p. Lugar en Galicia cerca del río Miño, y no lejos de la raya de Portugal, por aquella parte.

Pambre, n. p. Río tributario del Ulla.

pandullada, f. Caída por delante que se dá con todo el cuerpo, cayendo como espatarrado y de bruces. Voz prov. galleg.

pao, sm. Palo. Dice un refr.:

«N'alleo sonto,
un pao ou outro».

Que talvez dice: que se debe robar con tino, y poco á poco, en particular en el soto ajeno, para no ser descubierto.

papas, s. pl. Gachas ó puches.

pardifeiro, sm. Casar, ó casa vieja en el campo, arruinada casi del todo, y abandonada: donde ya nadie habita. Voz prov. gallega. En unas partes de Galicia dicen *pardeiro*.

Parga, n. p. Río de Galicia, que desagua en el Ladra. V. *Ladra*.

parrulo, sm. Anzar ó pato.

pasadoyro, sm. Escalera fija de madera para subir y bajar alguna cerca ó muralla. Voz galleg. Tambien se llama *pasadoiro* la escalerilla misma hecha de piedra. Sirven en Galicia para *paso* en los campos y heredades.

pasariño, sm. Voz fig. por *pudendum feminae*. Dice un cantar:

Neniña, que estás na cama,
entre sábanas de liño:
tés una mau na tetiña,
a outra no pasariño.

[páscuas]:

Pascuas marzás,
Fames ou martas [sic]².

Pascuas molladas,
Moitas obradas.

¹ [Na cópia ms. lê-se por erro *oteiro*. — J. L. de V.].

² [Assim se lê na cópia ms.; ignoro o sentido de *martas*, talvez haja erro por *mortazo*. O dictado português correspondente a este é: *Pascoa em março — ou fome ou mortazo*; e o hesp.: *Pascua marzal — hambre ó mortandad*. Cfr. *Rev. Lusit.* II, 127. Outro proverbio gallego é: *Pascua em março — ou fome ou mortazo* (vid. *Galicia*, II, 1877, 213). O adj. *marzás* também não vem nos dictionarios gallegos, mas é verosimilmente o pl. de *marzal*, que existe no fallar commum (como *reás*, pl. de *real*); cfr. o cit. adagio hesp., onde se diz *marzal*, no singular. Na *Gram. gall.* de San Arce encontram-se, a p. 277, os dois seguintes adagios citados no texto; falta porém este. — J. L. de V.]

Pascuas enxoitas,
Nin poucas ni moitas.

paspallá, sf. Codorniz ¹.

paxe, sm. Cestón. Voz galleg. Es lo mismo que el *goxo* ². Son cestos hechos de madera correosa.

pelouro, sm. Guijarro.

penedo, sm. Peña. Peña fortificada. Un pergamino del 1395. guardado en el ayuntamiento de la Coruña dice: «derribando todas las cerquas. et muros. et curraes. et penedos» &c.

perfрева, sf. Pestaña. Quizá viene del ital. *palpebra*, que significa lo mismo. Es voz prov. en Galic. del lenguaje que llaman *acurrado*.

perguiza, sf. Pereza.

peto, s. Alcancía: cajuela ó cepo para pedir; cepillo: «o peto das animas», «é capaz de roubar o peto das animas».

pinchagato, s. Salto de voltereta, ó voltereta. Dicen tambien *pinchucarneiro*.

pita, sf. Gallina. Usan de este nombre para llamarla: «Pita! Pita!». Pero para nombrarla se valen mas de la voz *churra*.

pitada, sf. Bocado. De aqui el diminutivo *pitadiña*, cocadillo [sic]. Muy usado ³.

pitár, v. Gustár ó probár de una cosa ⁴.

pitos, s. pl. Los polluelos de la gallina.

po, part. Por. Voz prov. galleg.

pola, s. (con la *o* cerrada). Signif. polla. Id. *póla* (con la *o* abierta) signif. rama. Y en gallego hay muchas voces en que se hace distinción de estas vocales abiertas ó cerradas.

poldro, sm. Potro. caballo. Voz galleg. Talvez del italiano *Puledro*—ó corrup. de *potro*.

poleiro, sm. Gallinero. Dice un cantar:

«Eu ben vin estar o crego
no poleiro das galiñas,
e pensei, por vida miña,
que era un pare de sardiñas».

¹ [Em Valladares, *Diéc. gall.*, vem *paspallás*, e assim ouvi na Galliza: o pl. é *paspallásas*; mas, segundo Saco Arce, o pl. pôde ser tambien igual ao sing.: vid. *Gram. gall.*, p. 32. Talvez o A. do Vocabulario deduzisse do pl. *paspallás* o falso sing. *paspallás*; cfr. *laco*.—J. L. de V.]

² [*Paxe* e *goxo* não são rigorosamente synonymos.—J. L. de V.]

³ [Esta palavra não a ouvi, mas o sentido não lhe desconvém, por causa do que ella tem em português. *Pitadiña* tambem a não ouvi; mas nenhuma duvida pôde haver a seu respeito.—J. L. de V.]

⁴ [Tambem não ouvi esta palavra, mas cfr. *pitada*, tanto em gallego (vid. o vocabulo precedente), como em português.—J. L. de V.]

[polo]:

«Polo rabo da cullér vai o gato a ola».

Refran gallego.

pombo, sm. Paloma torcaz.

porco, **porca**. s. Cerdo, cerda. Voz galleg.

portijo, sm. Lo mismo que *cancela*. Ambas voces gallegas, que significan la especie de puerta que se pone en los bosques, huertas, ó pasos de las heredades para impedir el paso, en particular al ganado ¹.

prana, sf. Cáscara del melocoton, pera, membrillo, y otras frutas semejantes.

preto, ad. Cerca. Voz galleg. En portugués dicen *perto*.

preón, sm. Gorrón; pegote; parásito. El que se pega á comer á costa ajena ².

1. **pufo**. Voz usada en la Coruña en la frase o modo adverbial «de pufo». Equivale á *de gorra*, á costa de otros. Propiamente de la misma persona de quien se recibe una cosa, *prometiendosela pagar*: y se la chasquea. Recibir los favores de una ramera *de pufo*: i. é. «Engañarla, no pagarla». Y:

2. **pufo**, sm. Es voz técnica de jugadores y tahures, por *trampa* ó *engaño*, en el juego. Pufo es *petardo*.

quejo, s. Barbilla. Parte de la cara.

quentár, va. Calentár. Voz prov. gallega. Pardo en sus *Rogos* dice:

«Os Demos son os ministros
que o noso Dios destinou
pra quentar as caldeiras
nas cabernas de Pruton.» &c.

racha, sf. Rendija, abertura, rajadura que se hace en una cosa. Dice un Refr. «A acha tira pra racha». Y dice que aquí vale á: similis similem quaerit; y traducen en Galicia, que la hacha ó destrál se va tras la abertura ó rajadura que hace. Pero el M. Nuñez traduce: «La astilla parece á la racha».

rancho, sm. Cerdo pequeño, gorrinillo. Voz galleg.

rapinicar, v. Repicar las campanas. Acurr. ³.

¹ [Portijo é duvidoso. Valladares, *Dicc. gall.*, traz *portelo*, que corresponde ao hesp. *portillo*. Temos aquí *j* = *ll*, e *ll* = *y*, como em alguns dialectos hespanhoes? Cfr. *carvajo*, s. v. — J. L. DE V.]

² [Esta palavra não vem em Valladares, nem a ouvi na Galliza; mas deve relacionar-se com o gall. *preada*, «comilonas». — J. L. DE V.]

³ [O usual é *repinicar*. Cfr. também *Noitebras* de Lugris Freire (versos), A Cruña 1901, p. 37: «*repinique esa palleta*». — J. L. DE V.]

raposo. Un Refr. gallego dice:

«En Abril — sale o raposo do cobil,
En Mayo — xa é un bo galo¹,
En San Xoan — colle o carneiro po la lan».

rebordar, v. Retozar².

rebuldar, v. Lo mismo que *rebordar*.

rebuldo, sm. Retozo.

recachar, va. y r. Enerespase, levantar las faldas. Dice un refr.:

«A a muller y a parra,
recachaselle a falda».

regueifa, sf. Torta de pan, redonda, hinchada por medio, y elevada como en forma de cono. Es voz usada en Galicia, hacia Betanzos y otras partes. Viene de la voz árabe, ó tomada en antiguo castellano del árabe — *reguifa*.

reloucar, va. Desesperar. Perder la paciencia.

rendeyro, sm. Dice un cantar:

«— Maruxiña de *rendeyro*,
o teu pay perden na renda.
Si perden, deixao perder,
mais val onrra que fazenda».

renxer, v. int. Hacer ruido. Voz gallega, ej.: «Mira que ten esa porta, que renxe». En ital. *ringhiare*.

repinaldo, sm. Una especie de pero pardo, ó manzana.

Rinlo, n. p. Puerto de mar en Galicia, á una legua de Rivadeo.

rixó, sm., pl. *rixós*:

«Logo dicen que e feitizo,
e que un-a bruxa lles dou
o demo, que e solo espritu,
en leite, torta ou *rixós*»³.

rueiro, sm. Lugar ó sitio donde se pasean ó reunen las jentes: en particular por la noche. Es voz galleg. En varias partes de Gal. dicen: *alcouze*, en vez de *rueiro*. Lat. *ambulacrum*. «Mentidero» traduciria yo en castellano.

¹ [Assim se diz na Coruña (pelo menos). Mas tambien: *xa é un bo galo*, i. é, «já é grande», o que está mais conforme com o sentido].

² [De *rebuldar*, com *r* < > *l*, como em *armilla* < > *almilla* etc. — J. L. DE V.].

³ [D-*Os Rogos*. — J. L. DE V.].

rula, sf. Tórtola.

sachar, va. Trabajar la tierra con el sacho. Dice un cantar:

«O crego, e mais a criada,
foron sachar os melós:
a a criada cànlle as sayas,
a o crego cànlle os calzós».

sacho, sm. Instrumento rústico para cultivar la tierra. Es diverso de la pala y azada. Le usan en Galicia: y a lo menos en tierra de la Coruña es una especie de almocafre, pues consiste de un palo con dos dientes de hierro en un extremo.

Sar, n. p. Río tributario del Ulla, una legua mas abajo de la villa del Padrón.

sarabear, va. Granizar. Voz galleg.

sarabia, sf. Granizo. Voz galleg.

sayo, sm. Voz galleg., en el sentido de *chupin* ó *chaqueta*.

segorella, sf. Una yerba. La *sálvia*, creo.

sei-par, s. Tres maravedises. Voz compuesta de dos, que es como si dijera *seis partes*, ó *tres pares*: porque sin duda cada maravedí se componía de dos partes o blancas, pues á un ochavo, que son maravedises dicen en Vizcaya *lau-siri*: ó sea *cuatro partes*, pues *lau* en bascuence es *cuatro*. La voz *sei-par*, por 3 mrs., es de uso común y continuo en Galicia, como lo es en Vizcaya la de *lausiri*: por 2 mrs. ó un ochavo.

semida, sf. Abedul, arbol. Veas. Terreros. en la voz «abedul»¹.

Sil, n. p. Río de Galicia, que entra el Miño, dos leguas antes que este pase por Orense. El Sil baja de las montañas de León y entra en Galicia por Valdeorres.

somonte, sm. Paño pardo ordinario. Acurr.

soscadoiro, sm. Instrumento que usan para preparar el lino, en la 3.^a operación: creo que con el se hace. *Espadilla*, en castellano. Es voz prov. gallega.

subela, sf. Lesna. Voz gallega. — Fig.: una persona sutil.

tamanca, sf. zueco ó zapato de madera. El mismo que tambien con nombre femenino llaman en la prov. de Santander *almadreña*. Dice un cantar gallego:

«Santiago d'Amarante
feito de pao d'amieyro,
hirman das miñas tamancas
nacido no meu lameyro».

¹ [No Diccionario castellano do P.^e Esteban de Terreros y Pando, t. 1, Madrid 1786, p. 3, lé-se: «*abedul*, fr. *bouleau*, lat. *bétula*, ó *betulla*, en Galicia *bi-dueiro*, y tambien se le dá el nombre de *semida*». E no vol. III, p. 460, repete: «*semida*, v. *abedul*». — J. L. DE V.].

Este cantár tiene aquella misma doctrina, acerca de las imágenes, que se leen en los famosos vs.:

«Olim truncus eram ficulnus, inutile lignum,
quum faber incertus scammum faceretne Priapum,
maluit esse deum.» &c.¹

Tomentum en lat. signif. el agujero por donde se enfundan las almohadas ó otra cosa que es como boquera. Por consiguiente, no es inverosímil que *tamanca* proceda de la misma raíz ó etimología que *tomentum*. Veas. *Dial.* de Vives, Valencia 1788, 8.º, paj. 438.

Tamboga, n. p. Río de Galicia, que de la prov. de Mondoñedo baja á desaguár en el Miño.

Tambre, n. p. Río de Galicia, que nace ácia el ex-monasterio de Sobrado, y desagua en el Oceano formando la Ria de Noya.

tarabelo, sm. Clavija de madera hecha á manera de tornillo. — Fig.: un hombre alocado, — una taravilla. Voz gallega.

terraxár, v. Estár la tierra desnuda de plantas, negreando con su propio color.

teu, pron. Tuyo. Voz gallega.

teupa, sf. Topo.

tixóla, sf. Sartén. Voz gallega.

tolo, -la, adj. Loco, -ca. Es voz prov. gallega:

«fan visaxes, e son *tolas*,
pero feitizeiras, non». &c.²

tortilleiro, sm. Frayle dominico. — Es voz prov. galleg. Pardo dice de la Inquisic.:

«Foi no tempo de Sabela³
que un tortilleiro a fundou,
pra nosa escravitude,
perda e mingua da nacion». &c.

trabuco, sm. El tributo de la alcabala, y el de los cientos y millones, ó sea tributo de consumos, llaman en Galicia *trabuco*. Voz prov. muy usada y jeneral alli.

traíña, sf. Una clase de red, muy útil, y no destructora ni dañina á la pesca, que se usa en Galicia. Se deja calár al fondo, á ma-

¹ [Estes versos são, como é sabido, de Horacio, *Satiras*, I, viii, 1-3. Os versos gallegos anteriores tem fôrma semelhante em port., applicados porém a *S. Gonçalo d'Amarante* (districto do Porto). Na Galliza ha mais de uma terra com o nome de *Amarante*. — J. L. DE V.]

² [Versos extrahidos d'*Os Rios*. — J. L. DE V.]

³ [I. é: *Isabel* (a Catholica), rainha de Hespanha. Em port. pop. diz-se *Zabel*, fôrma que corresponde a esta. — J. L. DE V.]

nera de xábega ó jabega, y despues se alza, á la par, por las barcas que la sostienen. Voz prov.

trebo, m. Lozano. — Tambien la planta llamada *trébol*: á la cual tambien en Galicia atribuyen vulgarmente virtud misteriosa y májica, en cosas de amor. Dice vulgarmente un cantár:

«Herba do trebo, neníña,
herba do trebo, rapaza;
herba do trebo, neníña
herba do trebo che naza».

trollo, sm. Barrizál, barrancál, pantanál, ó especie de gran bache lleno de lodo. Hay muchos delante de las casas de los puercos labradores gallegos ¹.

trono ², sm. Trueno. Voz gallega.

tuso, sm. Perro. Voz gallega.

tilo, espr. adv. Adonde está? Voz gallega.

Ulla, n. p. Rio que nace hácia el lugar de Soengas, en el obispado de Lugo, y desagua en el Oceano Occidental, formando la Ría de Arosa.

valdeiro, adj. Vacío. Los acurrados dicen *valdero*.

vello, -lla. adj. Viejo, -ja. Voz gallega.

verme, sm. Gusano. *Vermis*.

vieiteiro, sm. Saúco. — Es árbol que abunda en Galicia: á lo menos en varias partes.

vilár, sm. Campo en barbecho, ó en rastrojo, de donde acaba de recojerse el fruto. Voz prov. gallega. Es tambien apellido de familia.

vixáto, sm. (es voz prov. gallega). Una ave marítima de rapina: mas no sé su nombre castellano. Se dice fig. del hombre. Pardo, hablando de los satélites ó corchetes de la Inquisicion, dice:

«Un gran vando de vixátos
rodéalle a habitacion.» &c. ³

pero creo que la voz es *buxátos*, y no *vixátos* ⁴.

vrán, sm. Verano. Dice un cantár:

«¡Que vida levas, gaiteiro,
ahora que ven o vrán,
eo tirulirú as costas,
y tamparrantán na man!»

¹ [Não encontrei esta palavra noutra parte em tal sentido. Haverá erro por *tollo*, que é palavra leonesa, no sentido do hesp. «atollero» (Martinez Salazar)? O *Dicc. da Academia Hesp.* tambem traz *tollo* «atolladero». Em port. *atoleiro*. — J. L. DE V.]

² [Na cópia ms. lê-se por erro *tronco*. — J. L. DE V.]

³ [Versos extrahidos d-*Os Regos*. — J. L. DE V.]

⁴ [Noutras partes *bixátos*. — J. L. DE V.]

xaneiro, sm. Enero, mes. Dice un Refr.:

En xaneiro
mete ó obreiro,
non por causa do día,
se non por amor da pedra que está fría».

Parece decir que, aunque los días de Enero son cortos, es mas ventajoso llamar entonces un picapedrero, pues se trabaja mas y mejor la piedra fría.

xántar, v. a. Comér á medio día. Yantár. Voz gallega.

xáto, sm. Ternero pequeño. Voz gallega.

xêbra, sf. Una especie de *alga*, que arroja el mar, á tiempos, en las playas de Galicia, y que se usa para abono de las tierras. — Es voz prov.: se pronun. *shebra*.

xêsta, sf. Retama. Voz gallega.

1. **xéito**, sm. Una clase de red grande usada en Galicia, para cojer sardina, y otros peces. Es muy dañina, porque maltrata la pesca que coje, y abuyenta la que no cae, por ponerse perpendicularmente á la embocadura de las rias, para que se enrede en sus hoyos, la primera riolada de pezes que topa en ella, que aunque se entrapa en la red, se maltrata é irrita, pugnando por escapar, y espanta a la que viene en seguida. — Es voz prov.; se pronuncia *sheito*.

2. **xéito**, sm. manera, costumbre. V. galleg. Es modismo muy comun en Galicia decir = *non che ten xéito*, no lleva camino, no tiene pies ni cabeza.

xiada, sf. Helada. Voz galleg., ej. = *caeu una gran xiada esta noite*.

xion [sic], s. Noche que hiela mucho: que cae mucha helada ¹.

xoenllos, sm. pl. Rodillas, ej. = «collino espido, e pusoseme de xoenllos» = le cojí desnudo, y se me puso de rodillas.

xubenco, sm. Lo mismo que *almallo*. Voz gallega. Sin duda viene de *juvencus*. Veas. «almallo».

zolado, a. Empañado.

zurrupeto, s. — Corredór intruso, ilegal, que no debiera hazer negocios, ó operaciones de cambio i jiro: eso que d. *zurrupeto*, en lenguaje técnico de bolsistas i comerciantes de Madrid, y otras partes de España.

[AQUI TERMINA O VOCABULARIO]

¹ [Se fosse *xion*, teríamos aqui o preterito de *ziar*, o que não faz grande sentido. Mas será acaso *xiön*, augmentativo *gelu*, i. é **gelone*? A syncope do *l* observa-se no port. *gear*, gall. *ziar* < *gelare*. Quanto á fórma, cf. *geadão* «grande geada», e *nevão* «grande nevada», na Beira.—J. L. de V.]

MISCELLANEA

I

DIZER D'ALGUÉM COBRAS E LAGARTOS

I

Na *Feira dos Anexins*, do preclaro polygrapho D. Francisco Manoel de Mello (p. 215 da ed. 1, I. da S.), lê-se isto:—

«cousa que aos peixes-espadas provocon a *dizerem cobras e lagartos*—».

Em AA. classicos, anteriores ao sec. XVII, não encontrei nunca a phrase citada; mas é provavel que não fosse D. Francisco Manoel o primeiro a dar-lhe curso.

Seja como fôr, parece-nos isento de duvida que ao tempo do autor da *Feira dos Anexins*, o *dizer cobras e lagartos* já significava o que hoje significa, tendo-se, por consequencia, perdido a lembrança da sua origem erudita.

Tambem não ha duvida que hoje já ninguém liga a *dizer cobras e lagartos* a idéa primordial e, portanto, explicativa do seu apparente contrasenso.

E' uma *phrase feita*, muito em voga em portuguez, para designar a maledicencia no seu maximo grau de azedume e de vituperio.

Todavia, a maior parte da gente que a emprega não sabe o sentido do estranho dito, onde até o mero senso commum não pôde chegar a vêr a relação que haja entre a maledicencia, duma parte, e a associação de *cobras* com *lagartos*, da outra parte.

Vamos aqui apresentar o que apuramos no tocante á verdadeira interpretação da phrase, e mostrar assim que nella, como em muitas outras, as palavras que entram no seu contexto acabaram por se crystallizar numa accepção que não é a primitiva, surgindo d'ahi o seu contrasenso actual.

Regra geral: quando uma *phrase feita* envolve quaesquer idéas incongruentes no estado presente do nosso vocabulario, pôde dizer-se, afoita e seguramente, que os seus elementos grammaticaes, no decurso dos tempos, padeceram alterações phoneticas, morphologicas ou semanticas, que os desviaram d'um sentido primordial e lidimo, perfeitamente determinavel pela critica comparativa.

Applicando este criterio, vemos que *dizer cobras d'alquem* é uma incongruência, que nada podia significar, dando-se á palavra *cobra* o sentido, que hoje tem, de reptil ápodo.

E se *dizer cobras* é phrase sem sentido, *dizer cobras e lagartos* é phrase absolutamente disparatada, que só qualquer doido poderia ter inventado, mas que apenas os nescios deveriam ter repetido.

Comtudo, os nossos AA. classicos usam-na a cada passo, e, por esse facto, nós não estamos auctorizados a averba-los de insensatos, emquanto ignorarmos a significação precisa que attribuíam á palavra *cobra*.

Dar-lhe-hiam elles a significação de *reptil*?

Não. A palavra *cobra*, para os AA. anteriores ao sec. xvii, significava uma composição poetica com certo *estribilho*, o qual *copulava* as diferentes partes d'um verso ou os diferentes versos d'uma estrophe.

Ouçamos a este respeito a nossa sapientissima mestra, D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos:—

«—As *coblas recordativas* dos Provençaes, ou repetiam a primeira palavra de cada verso no fim do mesmo verso, ou repetiam a primeira linha de cada estrophe no fim da mesma estrophe (*Obras de Sá de Miranda*, pag. 864).»

No *Cancioneiro de Garcia de Resende* (T. i, pag. 38) lê-se isto:—

«—Senhor coudel-moor, cuidais,
por fazeres muytas *cobras*,
com mil graças que falays,
que nos encalameays
outras verdadeyras obras.—»

Posteriormente, apparece nos *cancioneiros* portuguezes a palavra *copla*, designando versos consoantes ou assoantes, hendecasyllabos ou octosyllabos, que fermam quartetos ou quintilhas, sob os nomes de *cantigas*, *canções* e *decimas*.

Mas, como em muitas especies lyricas, chamadas *cobras* ou *cantigas de maldizer*, é a nota critica, pessoal e satyrizadôra que se desfere, as *cobras* passaram a ser consideradas como apódos. D'ahi a translação natural da phrase—*dizer cobras*—para a phrase—*dizer apódos*, que depois ficou representando simplesmente a idéa de *maldizer*.

Resumindo, temos, pois, a série de derivações seguinte:—

copula lat. > *copla* port. mod. > *cobla* port. arc. > *cobra* port. arc.

E, por outro lado, temos as seguintes equivalencias nominaes:—
copla, *cobla*, *cobra* = *apódo* = *cantiga de maldizer*.

Portanto, *dizer cobras* significou originariamente *dizer apódos*, *dizer mal*, *maldizer*, etc.

A associação da palavra *lagartos* é a prova de que *cobra* deixou de significar *composição poetica* para tomar o sentido de *reptil*.

A associação *cobras e lagartos* explica-se pela necessidade de fazer a *phrase redonda*, que é a lei que preside a todos os grupos de palavras que se crystalizam sem sentido definido, como, v. g. *cozido e frito — cousas e lousas*, etc.

Ponta Delgada, 1902.

EUGENIO PACHECO.

II

Já que o Sr. Eugenio Pacheco me dedicou amavelmente o ensaio supra, quando o publicou pela primeira vez, num jornal de Ponta-Delgada ¹, pedindo a minha «censura», vou juntar-lhe algumas notas illustrativas. Em reforço, bem se vê, da these que tão judiciosamente sustenta.

Como elle, estou persuadida que o vocabulo *cobras* não designava logo a principio os reptis ápodos que, rastejantes pelo chão em movimentos ducteis, sibilando com lingua fendida, quando se erguem defensivas ou aggressivas, inspiram — desde o tempo de Adão e Eva — asco, temor e odio ao vulgo, que os crê peçonhentos e traiçoeiros. O unico sentido figurado de *cobra*, *serpente*, *bicha* é: pessoa má, astuta, falsa, como indicam as metaphoras *má como as cobras*; *astuta como a serpente*; *uma verdadeira vibora*; *uma bicha*, etc. Mas não, coisa mal-fazeja; nem dicto calumnioso, vibrado com lingua viperina.

Os *lagartos* europeios — apesar de todas quantas qualidades más lhes attribue o folklore, incluindo mesmo as graceis e innocentes sardoniscas — nunca podem servir para o fim indicado. Portanto, e pela collocação no fim da phrase, são um mero accrescento postigo e tardio, destinado a arredondar formalmente a locução e a fixar o seu sentido, evocando impreterivel e pintorescamente ideias ascorosas, venenosas, reptilicas.

Na occasião em que algum *dizedor* engenhoso, galhofeiro e expedito jurava porventura que havia de dizer de alguem o que o demonio não disse do credo, nem o Judeu do toucinho, nem Mafoma do vinho — e cahia em assim sublinhar a sua intenção — nessa occasião digo, ainda devia ser usual, ou pelo menos possível, ligar á phrase *dizer cobras* a sua significação primitiva. A de *maldizer de alguem em cobras* = *coplas de escarnho* ou simplesmente a de *dizer de alguem em cobras* = *coplas*. Em Castella ainda hoje se diz *echar coplas a uno*, e *andar en coplas*.

Mas quando? e onde?

Recorramos á historia da lingua a vêr o que nos ensina ácerca

¹ O Localista, de 15 de Nov. de 1900.

dos *homótopos*, (ou por outra das fórmulas convergentes ¹) *cobra* < *colubra* e *cobra* < *copula*.

No primeiro período, pre-histórico, do romance gallego-português nenhuma das duas existia. Apenas a forma trissyllabica *coobra*, *cohoobra* ou *coovra*, acompanhada da forma masculina *coobro*, *coovro*; em leonês *colobra* (?) e *colovro*.

Eis alguns exemplos por mim colleccionados. CM. ² 368. *Como Santa Maria do Porto guarin uia molter d'ua coobra que tragia eno uentre.*

Estr. 2. *et dentro no seu corpo cuydaua e creya que tragia coobra donde nos espantamos.*

Estr. 10. *Enton abriu a boca a molter e vermella deitou ãa cohobra per ela a semella d'ua anguia grossa*

CM. 315, 7 - *e cuidando que era de poçoŷ aquel feito de coour' ou d'aranna.*

Exodus VIII (Ined. de T. Boaventura, II 95) com relação á vara de Moyses: e ele lançou-a e tornou se em coovra.

Poema de Alex. 10: pariu una gallina un colouro yrado.

Livros de Linhagens P. M. H. *Script.*, I 259, com relação á lenda dos Haros de Bizcaia i. é ao conto da dama pé de cabra, por ventura representada em algumas variantes como bicho do monte, especie de dragão, crocodilo, lagarto, serpente ³: *E alguns ãa em Biscaya que disserom e dizem oje em dia, que esta sa madre de Enheguez Guerra que este he o coouro de Biscaya.*

Coobra proveio em linha recta de *colobra*, em harmonia com as leis phoneticas do português que exigem supressão do simples *l* intervocalico. *Colóbra* (de onde o castelhano *culebra* por *culuebra*; astur. *cuelebre*; aprov. *coloura*; afr. *couleuvre*, m. fr. *couleuvre*) substituiu em latim vulgar, por assimilação de vogaes, a forma anterior *colábra*, a qual pela sua vez supplantou o classico *colūbra*, *colūber*. (Cf. *tenebras integro alacre* etc).

Muito depois, só no segundo período, protohistorico, do romance português é que recebemos de fóra-parte, e por intervenção de semi-eruditos, a palavra *cobra* > *copula*, ou antes *co'pla*, no sentido fixo, especial e tecnico de *estrophe*.

Se nascesse na boca do povo, directamente, no primeiro período, *copula* dava *cóvoa*, como *popula* deu *Povoá*; *macula*, *magoa*; *capulus*,

¹ A primeira expressão é minha; a segunda de Gonçalves Vianna. Cf. *Rev. Lus.*, vol. II, 316.

² *Cantigas de Maria*, Ed. Acad., 1889.

³ Não entro aqui em pormenores sobre esse curioso conto.

caboo, cabo, etc. Cop'la (transformado em *vocla*?) dava *colha* ou *cocha*. Cf. *escolho, molho, de moolho, maolho; cacho de cap'ius; cochar de cop'lare etc.* Transmittido lá perto de 1200, por trovadores e jograes da Provença, a trovadores e jograes penin-sulares, *cobla*, como diziam os mestres, soffreu na boca dos gallego-portugueses apenas aquella leve alteração de *br* por *bl* que fez *branco* de *blank*; *praa* de *plaga*; *prazer de placere; pobra* de *pop'la; dobrar de dup'lare, etc.*

Os exemplos são numerosos como as areias do mar. Colherei apenas alguns que melhor attestem a proveniencia e o significado do termo. Primeiro os textos provençaes.

O sr. Eugenio Pacheco citou as *coblas recordativas* por ter visto por mim mencionado a especie, que é *uma* entre muitas. Se abrimos o doutrinário principal da arte trovadoresca, as *Leys d'Amors*¹, lá encontramos na Parte II um capitulo geral relativo ás *cobras* e primeiramente do que é *cobra*, de quantos versos consta, etc. Principiando diz: *tractat havem de rims. et ara devem tratar de coblas. E declaram cobla ayssi per maniera de rims, per leu reportar* (i. é em verso, para mais facil comprehensão)... .

*Cobla vol dir ajustamen
quar al mens v bordos compren
li qual essem fan una clauza
que sen complit e perfieg pauza
et al plus naut XVI nabrassa....
Cobla no vol mens dueg versetz
si per VII o per mens sillabas*

i. é *cobra* quer dizer ajuntamento, pois comprehende cinco versos, pelo menos, que juntos compõem um periodo, de sentido completo e grammaticalmente fechado: quando muito consta de dez a seis (sendo de sete syllabas cada um, ou de mais).—Seguem paragraphos sobre as *coblas* em geral e depois sobre os generos e especies. Deixo-as para extrahir das poesias apenas o verso: *doas coplas farai en aquest son*, principio de uma canção de Gui de Cavailló².

No Doutrinário português — fragmento pequeno e deturpadissimo que precede o Cancioneiro Colocci-Brancuti — o vocabulo *cobra* não occorre menos vezes. Temos p. ex. no Cap. IV a seguinte definição: *E porque algũas cantigas hi há en que falan eles e elas outrosy, porên hé ben de entenderdes se son d'amor, se d'amigo. Porque sabede que se eles falan na primeira cobra e elas na outra, son de amor, porque se move a razão d'elles... E se elas falan na primeira cobra, hé outrosy d'amigo. E se ambos falan en ãa cobra, outrosy hé segundo qual d'elles fala na cobra primeiro.*

...Se no Cancioneiro da Vaticana encontramos ao lado da can-

¹ Ed. Gatién-Arnoult, vol. I, p. 198.

² Vid. *Herrigs Archiv*, vol. XXXIV, 406.

tiga 593 a nota marginal: *esta cobra é a prestumeira (= última) d'esta cantiga de Pero Gomes Barroso, que diz: «Do que sabia mulha ren non sei», é porque o copista queria sanar o erro que commetten, dando á ultima estrophe o primeiro logar.*

Nas cantigas não faltam applicações elucidativas. Numa, o trovador queixa-se de Zoilos que fallavam desprezivelmente dos seus versos: *E outro trovador ar quis travar en ãa cobra* (cviii7). Noutra, diz com relação a um confrade:

E no mundo non sei eu trovador
de que s'ome mais devesse' a temer
de x'el mui maas tres cobras fazer
ou quatr(o) a quen lhi maa barva for ¹;
ca des que non lh' el cae na razon,
maas tres cobras, ou quatr', e o son
de as fazer muit' é el trovador. (vi170)

Na tenção movida entre D. João Soares Coelho e Picandom, emissario do mantuano Eu Sordello, este, menoscabado pelo rico-homem português, replica altivo:

gran dereit' ei de gâar muitos dões
e de seer en corte tan prezado
como segrer que diga mui cortês (?)
entênções, cobras e sirventés
e que seja de falimen guardado.

Nas obras devotas de Alfonso x **cobra** designa, quasi sempre o texto das cantigas, em opposição á melodia: *miragre de que fiz cobras e son* (CM64); *un miragre a que fiz bon son e cobras* (188); *onde fiz eu cobras et son* (293) etc.

Dos passos transcritos, e de centenas que deixo de copiar, resulta que o vocabulo provençal *coblas* entrou em Portugal como parcella da terminologia technica da arte de trovar. Transformado em *cobras* ² pela pronuncia nacional, designava as estrophes ou seja o texto de qualquer composição artistica; mas tambem em especial composições em que os trovadores apodavam e motejavam do proximo.

De cantigas d'esse genero estão cheios os cancioneiros archaicos. Se os versos d'amor perfazem aproximadamente um terço, e os cantares d'amigo outro, o ultimo é preenchido por cantigas de escarnho e maldizer. Ao lado de *escarnhos*, i. é de obras leves e jocosas, de

¹ Isto é a quem lhe mostrar má cara.

² *Copra*, em gallego; *copla*, em hespanhol; *couple*, *couplet* em francês, provam que na Provença tambem se dizia *copla*, comquanto a forma mais usada fosse *cobla*.

folgar (remoques, chacotas, parodias) em que chasqueavam *por palavras cubertas que hajam dois entendimentos para os não entenderem ligeiramente*, apparecem vigorosas satiras politicas e sociaes, mas tambem aggressões pessoas vilipendiosas e muitas vezes obscenas, (*cazurrias*) em que o poeta falla descobertamente, empregando vocabulos muito baixos. Quanto á fôrma, ha-as de todos os feitios. Muitas são verdadeiras canções palacianas com estrophes de cinco versos acima; outras pelo contrario, ligeiras e curtas, algumas das quaes merecem em rigor o nome de *cobras*, porque cada uma consta de só um par de versos, seguido de *refram*. Esta fôrma primordial da *copla*—a verdadeira *copla*—que não teve entrada nos paços da aristocracia provençal, foi cultivada com predilecção nas aulas regias peninsulares, desde os dias de Sancho I.

A veia satirica dos peninsulares, tão favorecidos pela sua loquela facil e phantasia muito viva, originou cedo o costume de ridicularizarem adversarios ou mesmo amigos, crivando-os de chalaças e de improperios, apontando as suas baldas com grossaria mais ou menos hyperbolica—costume hoje inveterado a ponto tal que chegou quasi a ser uma instituição nacional, debalde combatida em leis, posturas, foraes. Nos Livros de Linhagem, repletos de apostillas de maldizer (em prosa) ¹, ouvimos frequentes vezes que fulano «era muy louco nas palavras e por esto nom foy bem amado dos boos ²». Ha mesmo casos em que algum apaixonado matou por maldizer ³. No direito consuetudinario de Santarem ⁴, da Guarda ⁵ e de Evora ⁶ são ameaçados de multas e penas aviltantes (cadeia e enfreamento) os vizinhos e as vizinhas que se servissem de «nomes devidados» e palavras deshonestas «ou doestassem o proximo por tregeitos, remoques e cantigas». Alfonso x. o grande legislador da Hespanha medieval, comquanto fosse um dos trovadores que mais se compraziam na factura de libellos difamatorios, teve de estabelecer no Espelho das Leis *que el rei fosse guardado de infamamento*. (Tit. I, Ley ix) e que «ninguem dissesse na sua presença palavras desagnisadas, vis e muito feias» (Tit. II, Ley I). ⁷

«E dezir mal del sennor o de amigo, e mayormente por difamarle, es uno de los mayores males que en el mundo pueden fazer, ca de tal cosa le podrien desfamar que serie al desfamado *par de muerte*».

Nas *Sete Partidas* então ha allusões expressas a maledicencias

¹ P. M. H. Script. I 227 e 314; Ined. 389.

² Ib., 284.

³ Ib., 341.

⁴ Vid. Zephyrino Brandão, *Santarem* 367 e 401.

⁵ *Ineditos* v 436.

⁶ *Documentos Eborenses* 150 e 189: Titulo das *Bravas*.

⁷ *Opusculos Legales*, I, 18 e 20.

versificadas: «Enfaman et deshonran unos a otros non tan solamente por palabra mas aun por escritura, faciendo cantigas ó rimas o deitados malos de los que han sabor de enfamar. Et esto facen á las vegadas paladinamente et a las vegadas encubiertamente, echando aquellas escrituras malas en las casas de los grandes sennores o en las eglesias o en las plaças comunales de las cibdades o las villas porque cada uno los pueda leer.... El mal que los omes dicen unos a otros por escrito o por rimas es peor que aquel que dicen d'otra guisa por palabras porque dura la remembranza d'ella para siempre, si la escritura non se pierde» ¹.

Qualificando de atrozes as injurias feitas por cantigas, rimas ou libello (ib. Ley xxi) prohibe «que ningun ome fuese osado de cantar cantigas nin decir rimas nin dictados que fuesen fechos por deshonra ó por denuesto».

Lastimo para o nosso fim que o legislador não empregasse a phrase *decir coplas* ou *echar coplas* em lugar de *decir rimas*.

Para um estudo especial reserve pormenores curiosos sobre algumas coplas difamatorias dos seculos xv e xvi que efectivamente se espalhavam por todos os recantos da península, nas azas do escandalo, com a velocidade da tempestade — e sobrenadaram por acaso, como para nos dar a amostra do que seriam, no seculo xiii, naturalmente muito mais desbragado, esses libellos infamantes que Alfonso x visava.

As rudissimas *Coplas do Provincial* que principiam:

El Provincial es llegado
a aquesta corte real,
de nuevos motes cargado,
ganoso de dezir mal ²,

as *Coplas de la Panadera*, as de *Mingo Revulgo*, as da *Maria Pinheiro*, a *Satira da perda da nacionalidade portugueza*, os *Porquês* lançados nos paços reaes de Setubal, podem dar ideia das composições do sec. xv, visadas por Garcia de Resende quando dizia:

que os mais pelo geeral
folguam muyto d'ouvir mal,
e pouco de dizer bem, ³

¹ Parte VII, Tit. ix, Ley III.

² Vid. M. Menendez y Pelayo, *Antologia*, vol vi; e *Revue Hispanique*, vol. v. 255.

³ *Canc. Res.*, III, 581. Cf. 869.

e por João Gomes de Menezes no momento em que referia as *mil graças e muitas cobras* feitas pelo coudel-môr ¹.

Acabemos.

A linguagem archaica possuía um só vocabulo *cobras*; derivado de *coblas* > *cop'las*, com o sentido de: estrophes; texto; estrophe de difamação ².

A linguagem moderna, usual, tambem conhece um só vocabulo *cobra*; derivado de *colobra*, > *colubra*, com o sentido de serpente, pessoa má. Além d'isso, designa certos objectos com feitiço de cobra (arte dos confeiteiros e pyrotechnicos).

Houve todavia um tempo em que coexistiam os dois homonyms, homotropos, ou fórmãs convergentes. Na segunda época da literatura portuguesa, entre 1385 e 1520, provavelmente em fins do sec. xv. Então *coobra* > *colobra* se havia alterado por contracção em *cobra*; e *cobra* = *cop'la*, embora já antiquado, subsistia na boca dos dizeadores menos aristocraticos da corte, ao lado do termo usual *trova* e da fórma hespanhola *copla* que veio desthronar *cobra*, graças á moda hespanhola que começou a reinar na corte portuguesa perto de 1460, chegando ao seu auge no governo de D. Manuel e suas esposas castelhanas ³.

E' nesse periodo, perto de 1500 — na era de Garcia de Resende e Gil Vicente — que provavelmente algum d'esses *dizeadores* que cultivavam a trova de folgar, tão abundantemente representada no Cancioneiro Geral, erion consciente e individualmente a locução *dizer cobras e lagartos de alguem*.

A creação foi facilitada pela preexistencia da formula *cobras e lagartos*, no seu sentido real. Ainda hoje, ella é vulgar na bocca do povo. Quem durante os seus passeios veranis no Gerez, Pedras-Salgadas, arredores de Vizella ou da Regoa conversar em sitios ermos, cobertos de plantas rasteiras (urze, tojos, zimbro e medronheiros etc.), com a gatinha do monte, ouvi-la-ha contar mais de uma vez, historias horripilantes de *cobras terobas*; *cóbregas*, *crébegas*) e de *lagartos*: ou de *cobras e salamantegas*.

¹ Canc. Res., I, 38. — Cf. ib. I, 406, onde *cobra* significa *estrophe*.

² Na provincia, entre os lavradores do Minho, existia em tempo de Moraes *cobra* com o significado de corda com que iam presas duas rezes (egãos ou vacas) para a debulha do trigo. Deve ser substantivo verbal de cobrar — *copulare*: emparelhar, unir, ajuntar.

³ As primeiras *Coplas* que posso apontar na literatura portuguesa são as do *Menosprezo do Mundo*, do Condestavel D. Pedro, escritas em hespanhol, como as posteriores. O termo, usadissimo em Hespanha de 1450 em diante, onde designou toda a especie de estrophes (p. ex. a *oitava*), mas especialmente as singelas *quartetas* (quadrás), empregadas em já citadas composições de maldizer, como as do *Provincial*, de *Mingo Revulgo*, da *Panadera*, — nunca se nacionalizou bem em Portugal, onde *cantiga* é hoje como no sec. xiii o nome favorito da poesia cantada. No Cancioneiro de Baena, i. é. na época de transição do periodo gallego-português para o periodo castelhano, os cultores da arte poetica e gaia sciencia não o empregaram.

Em todo o caso a expressão metaphorica, tão bem explicada pelo sr. Eugenio Pacheco, é um exemplo curioso da fusão de duas dicções originariamente distinctas em uma só, formalmente, na qual ficaram compendiados os significados de ambos.

CAROLINA MICHAELIS DE VASCONCELLOS.

II

A TIA BATISTA

(Cf. *Rev. Lusit.*, vi, 259)

Num dos muitos maços manuscritos que possuo com collecções de poesias populares encontrei uns versos e uma nota sobre a *tia Batista*, a respeito de cuja entidade publicou a *Rev. Lusit.*, vi, 259 sqq., uma interessante série de quadras.

Aqui publico tambem os versos e a nota (versão da Muxagata, concelho de Fornos-d'Algodres):

1.^a

A tia Bâtista chora,
E chora e tem razão:
Roubaram-lhe o menino
Quinta-feira d'Ascensão.

3.^a

A' entrada de Vinhô
Cheirou-me a mangerição:
Era a tia Bâtista
Mettida no seu caixão.

2.^a

O' tia Bâtista,
O' tia do Cen,
O seu menino
Já tem chapéu.

4.^a

A' entrada de Vinhô
Cheirou me a maçã madura:
Era a tia Bâtista
Mettida na sepultura.

Pelo que toca á lenda, tenho o seguinte: *Santa Bâtista* ou *Tia Bâtista* era uma menina do côro que morreu nova e doente, em cheiro de santidade. A sua mania era o menino Jesus, que lhe apparecia muitas vezes. Dizem que se está á espera que a familia se extinga, para ser canonizada. — Na sepultura crê-se que nasceu uma roseira e uma açucena (a açucena chama-se na Beira etc. «bordão de S. José»). Uma pitada de terra da sepultura, tomada em chá, livra de sezões, segundo o povo.

A 1.^a d'estas cantigas é variante da cantiga 9.^a da *Rev. Lusit.* A 2.^a tem a mesma fôrma da 17.^a A 3.^a e a 4.^a são em parte novas.

Os versos e as superstições ligadas á sepultura são de modo ge-

ral adaptações de versos e superstições mais antigas, pois a imaginação do povo pouco produz novo, trabalha ordinariamente com elementos tradicionaes.

Assim, a quadra 5.^a da *Rev. Lusit.*:

Quem vae á tia Bâtista,
E não vae ao corredor
E' como quem vae ao Ceu
E não vê Nosso Senhor

é variante de uma cantiga amorosa bem conhecida:

Quando vou á sua rua
E não vejo o meu amor,
E' como se fôra ao Ceu
Sem vêr a Nosso Senhor.

A quadra 8.^a:

A tia Bâtista chora
Lagrimas de prata fina,
Que lhe fugiu o menino
Pelo Convento a cima

é variante de uma cantiga do S. João:

S. João Bâtista chora ¹
Lagrimas de prata fina,
Que lhe fugiu o cordeiro
Por aquella serra a cima.

Para as ultimas adaptações contribuia certamente o nome *Batista*. — A estes recursos que possui a metrica popular para fazer variar as cantigas até o infinito, já me referi na introdução que escrevi ás *Cancões populares da Beira* do Sr. Pedro Fernandes Thomaz, Figueira da Foz 1896, p. xx sqq.

Quanto á planta que nasce na sepultura, e á virtude miraculosa da terra da mesma, vid.: *Trad. pop. de Portugal*, p. 125 sqq.; *Annuario das trad. pop. port.*, p. 59; *Religiões da Lusitania*, I, 113.

J. L. DE V.

¹ Ou: S. João chora, chora.

NUEVAS DISQUISICIONES ACERCA DE JUAN ÁLVAREZ GATO

¿Caballero de buena prosapia, de hábitos cortesanos y sentimientos dignos, si bien que liviano en su juventud? — O hijo de un humilde recuero? ambicioso y de malas entrañas? Cual de estas opiniones es la verdadera?

La primera, sin contestacion. La segunda, a que pretendo dar el golpe de muerte, nació de un singular equivoco.

Dos escritores ilustradísimos, iludidos por una singular homonimia dupla — sirena que ya hizo resbalar tantos historiadores peninsulares — confundieron de un lado, el noble castellano y poeta ingenioso, cuyo nombre encima esta nota, con un portugués *João Alvares, o Gato, parvenu* e criado de un rei de Portugal; y del otro lado D. João II de Portugal con D. Juan II de Castilla.

No solo Amador de los Rios ¹, sino tambien el insigne autor de la *Antologia Lirica* ², refirió al hidalgo madrileño un cuentecillo que en verdad dice respecto al recuero extremeño. Con una diferencia todavia. Si el primero no se pronunció sobre la autenticidad de la «odiosa leyenda», el segundo la niega resolutamente y trata de indigno de fé el cronista portugués de D. Juan II que osó maldecir de un servidor leal de tres reyes de Castilla: el proprio D. Juan II, que le armó caballero en 1453, el flaco y corrupto Enrique IV, y la Reina Católica, a quien sirvió de mayordomo.

Pobre Garcia de Resende! tan festivo y bien-intencionado! tan diligente en transmitir a la posteridad todos los sucesos interesantes de su tiempo, hechos airoso, y dichos apacibles. Y ahora tratado de vil caluniador!

En uno de sus escritos principales — no en la *Miscelanea* que es una especie de *Cronica Rimada*, mas en el *Libro de los Dichos y Hechos* ³ del grande monarca a quien, en su juventud, sirvió de mozo de

¹ *Hist. Lit.*, VII, 123.

² *Antologia*, VI, p. XLI.

³ *Chronica dos valerosos e insignes Feitos del Rey Dom Joam II de gloriosa memoria*.—Impresa en 1540, 1554, 1622 e 1798.

secretaria—hay un capitulo *De lo que hizo el rei a Juan Alvarez Gato* ¹.

Una traduccion d'esa obra existe manuscrita en la Libreria del Escorial, ignoro si completa y fiel, ó resumida y libre ². Tambien en la Biblioteca Nacional de Madrid se guarda un extracto ³. Y en varias colecciones particulares hay treslados.

Creo que algun investigador marcara a lapiz azul o rojo aquel nombre, comun a las dos nacionalidades hermanas, pensando en el poeta castellano, o tomara nota del conteniente, despues de rápida lectura: «*Juan Alvarez Gato, tratado de hombre de criar y tratar caballos y mulas; menosprecia su padre, que pasa con jumentos cargados; y es echado de la corte*». Y dió curso a la leyenda.

Si mirase con atencion, certificaba-se en un pronto de que Garcia de Resende no se ocupa de un rei de Castilla, ni del poeta aulico de Enrique iv. Este, apesar de un dia haber celebrado la privanza del valido Beltran de la Cueva, lisonjeando el impotente soberano, cayó con efecto temporariamente de su gracia y se despidió de palacio. Mas por motivos honrosos, disgustado con sus injusticias, dilapidaciones y liviandades que censuró con energia.

El monarca visado, el varonil y intrepido hijo de Alfonso v, el *Hombre ó Principe Perfeto*, ese notaba diariamente en un Memorial todas las acciones de subditos suyos, para castigar los malos y enaltecer los buenos. Y el Juan Alvarez Gato, cuyo despiadoso procedimiento lo indignó, era un villano probado, levantado a caballero por causa de sus conocimientos equinos y ecuestres; con certeza de Portugal, y probablemente de la Estremadura portuguesa (de entre Evora y Estremoz). Banido de la corte fue muerto poco despues, entre 1484 y 1495, por aldeanos de su hacienda.

El capitulo aludido dice:

«Un Juan Alvarez, el Gato, caballero de la casa del rei, era hijo de un pobre recuero y por ser entendido en criar, tratar y concertar caballos y mulas vino a enriquecer y valer mucho, siendo honrado y estimado de todos y favorecido del rei. Yendo un dia el rei de Evora a Estremoz y Juan Alvarez con el, muy ataviado en un lindo ginete, bien vestido y acompañado de muchos criados, en el camino toparon a su padre que venia con sus jumentos cargados. En viendo el hijo se quitó el bonete y hizole una grande mesura. Mas él no queriendo hablarle fingió que no lo via porque se avergonzaba, conscio de que rico no lo ayudaba de suerte que largase tan bajo oficio. Supolo el rei y tuvo tamaño desplacer que nunca mas quiso ver al diño Juan Alvarez. Mandóle decir que no mas pareciese delante del porque un hombre que menospreciaba a su padre y no era para

¹ Cap. 89. *Do que el Rey fez a João Alvarez o Gato.*

² Esc. y—v—12 f. 59.—Cf. J. J. Ferreira Gordo, *Memorias de Litteratura Portuguesa*, III, 70.

³ T. 15.

hacerle bien, pudiendolo hacer, no se podia su señor fiar del. Y el dicho Juan Alvarez se fue luego enojado a una heredad suya onde de alli a poco acabó mal, siendo muerto por unos labradores de su servicio».

Ni una sola palabra de que este portugués fuese poeta.

Para que no remanezca la menor duda acrecentaré una minucia comprobativa de la exactitud de Resende y de la existencia de los *Gatos* de Portugal:

En el libro de los Moradores de D. João II, João Alvarez Gato ¹ figura entre los caballeros del año 1484 con el modesto sueldo de 900 rs.

Na Cronica de Resende, o *Gato* deve ser sobrenombre picaresco. Hubo todavia familia hidalga con esta «*alcunha*», transformada en apellido.

En Nobiliarios y Cancioneros arcaicos se conserva la memoria de una *Guiomar Affonso Gata* ², del linage de los Viejos (Velhos).

A la segunda dinastia pertenece Vasco Esteves Gato, marido de Margarida Vicente, segun el epitafio (Era 1401) de su sepultura curiosissima, de mármol, en el hermoso templo de S. Francisco de Estremoz; con representacion de una cazada y dos gatos en el blason, y otros en el copo de la espada que empuña.

En la tercera epoca vivieron Pero y Nuno Gato. Con Pero, hijo de Nuno, fué casada a fuerza D. Juana Tavares, la *Aonia* de Bernardino Ribeiro. Caballero de la Casa Real e Contador en Çafin, murió de muerte violenta luego despues del enlace. Parte de su romance se pasó en Estremoz, onde la viuda, loca de amor, gastó el resto de sus dias, enclausurada. Cartas ineditas suyas a el Rei D. Manuel subsisten.

Porto, 31—7—1901.

CAROLINA MICHAÉLIS DE VASCONCELLOS.

P. S. — Este artigo, escrito quando D. Emilio Cotarelo y Mori começou a publicar as obras poeticas del Castellano Juan Álvarez Gato na sua *Revista Española de Literatura, Historia y Arte*, era destinado para esta utilissima publicação; mas foi-me reenviado (a meu pedido), muito depois de ella ter acabado, prematuramente. No meio-tempo o Cancioneiro sahira em edição separada: *Cancioneiro Inedito de Juan Alvarez Gato. Poeta Madrileño del Siglo xv*, Madrid, Imprenta de la Revista Española, 1901—acompañado, de um conciso *Prólogo*. Nelle vejo a p. XII, no fim do esboço biographico, que o meu alvitre foi aceite. Ainda bem.

¹ *Hist. Gen., Provas*, II, 178.

² *Canc. da Ajuda*, n.º 142 y 143 e *Livros de Linhagens en Port. Mon. Hist.* Tit. 26, 30, 38, 40 y 60.

Eis a fôrma dada ao meu raciocinio: «Por esta sencilla y verídica narracion se ve que no se refiere á él la anecdota contenida en la *Miscelánea* de Garcia de Resende, segun la cual Alvarez Gato seria de la condicion social mas infima, y peor todavia su condicion moral. Indudablemente se trata a de algun portugnês de igual nombre que el caballero castellano».

C. M. DE V.

DIALECTOS ALGARVIOS

(LINGOAGEM DO VÁBLAVENTO)

(Conclusão)

- gráide*, grade. De * *gradea*. Compare-se *escaide*.
gravaço, incommodo na vista.
gravata ou *guervata*, gravata. V. Phon.: vogaes oraes: *a*.
grisêus, nome por que são conhecidas as ervilhas, quando verdes, de Portimão (exclusivê) para nascente da provincia. De *gris*, do germ.
gris (côr parda). V. Körting, 4361.
grója, loquela. De *gorja*.
grude. De *glute*.
gruidar, grudar, pegar (no proprio e fig.). De * *grudear*.
Guetêra, Quiteria. De *Gueteria* (que tambem existe). Vide Phon.: ditongo *ia*.
guetêrra, guitarra. V. *barrêca*.
gurida ou *gorida*, guarida. V. Phon., ditongo *ua*. Não ter vida,
nem gurida, «não ter nenhum modo de vida», «ser ocioso».
habetuação, habito. De *habetuar* (habituat).
habledade, habilidade. Queda do *i* para formar o grupo *bl*.
hávêl, habil. Comp. *facêl*.
hêmorrial, hemorroidal.
homúm, grande numero de homens. Cfr. *ervaçim*.
hortar, converter um terreno em horta, regando-o etc.
hôrtejar, hortar. De *hórtêjo*.
hórtêjo, terreno gerado, horta.
Inselmo, Anselmo. De *Enselmo*. (V. Phon., vogaes nasaes: *ã*).
incultor. V. *encultor*.

incultura. V. *encultura*.

ingnação. V. *engnação*.

ignorar, ignorar. De *engnorar*, em que se deu o nasalamento muito frequente do *e* inicial não protegido por consoante.

ingremente, sómente.

ingrêto. V. *engrêto*.

inguiacho, saio pequeno. De *enguiacho*, i. é, anguila (e não *anguilla*, como *ballaena* e não *balaena* dos dicionários) mais o sufixo *-acho* de *-asc(u)lus*, segundo o sr. Leite de Vasconcellos, na *Revista Lusitana*, II, 271.

jambujêro, zambujeiro. Assimilação do *z... j > j... j*.

Jásme, Jaime.

jazido, jazigo.

Jedé, José. Na linguagem infantil tenho ouvido *Jèjè*.

Jelorno ou *Jerolmo*, Jeronymo. V. Phon., consoantes: *n*.

jolda, conjuncto de pessoas, principalmente occupadas em trabalho de que recebem jornal ou paga diaria.

juar, jejuar. Dissimilação.

Judes ou *Judas*, Judice (appellido). Na segunda fôrma houve evidentemente influencia de *Judas*.

jum, jejum. Queda da syllaba inicial (= *j*) por dissimilação, como em *juar*. De *jejunu* e não *jejunium*, como traz o Dicc. do sr. Coelho, que daria **jejunho*. Compare-se *unu* e *um*. Cfr. Leite de Vasconcellos, na *Rev. Lusit.*, IV, 40 e 65.

labesome, lobishomem. Vide Phon.: *vogaes oraes o*. A forma *om* ou *home* occorre já nos cancioneiros medievacs.

labuça, lambuça. Subs. verbal de *labuçar*. Perda da nasal, como em *Francisco*. Já entre os romanos, que agora me occorra, havia *sambucus* e *sobucus*.

labuçar, lambuçar. V. *labuça*.

lambreada ou *lambreada*, algaravia.

lenganhento ou *lenganhento*, viscoso. De *lengãinha* (que se ouve a par de *lengõinha*).

lanxão ou *lenxão*, leixão. Deu-se aqui sem duvida influencia de *lancha*.

larada, excremento humano um tanto liquido. *Cara de —*, redonda e gorda.

laredo, conjunto de recifes cascalhosos.

Lárença, Laurencia. V. Phon., ditongos *au* e *ia*.

Lárua, Laura. V. Phon., ditongo *au*, obs. I.

láto, baracinho de pita. De *látego*?

lello, vaidoso.

lembêfe, tabefe, bofetada.

lember, lamber. V. Phon., vogaes *nasaes: ã*.

lembisca, pessoa que come pouco. No fig.: bisbilhoteira. De *lembe* + *-isca*.

lempêro, lampeiro. V. *lember*.

Lentejo ou *Limtejo*, Alemtejo. Vide Phon.: sorte das vogaes pre-tonicas e vogaes nasaes: *ê*, obs.

leçim, anexim. Queda da vogal inicial e troca do *n* por *l* (dissimilação *n*... *m* > *l*... *m*. V. Phon., consoantes: *n*).

lêzero, leso, offendido de ataque.

Locaida, Leocadia. V. Phon., ditongo *ia*.

lôjêro, lojista. Mudança de suffixo.

longarêro, linguaraz. Influencia de *longa* (comprida), pois do linguareiro se diz que tem a lingua comprida.

lôsga, osga. Influencia de *losna*, nome que se dá tambem ao mesmo reptil.

lôstra, ostra, principalmente pequena (tambem lhe chamam *casca-bulho*).

luchar, sujar.

luchô. V. *luchoso*.

luchoso, sujo. O lat. **lut'losus*.

lulla, nulla. V. Phon., consoantes: *n*.

luz-cûs. Vide *luze-cuco*.

luze-cuco, pyrilampo. De *luze-cû* ou *luz-em-cû*, sob. infl. de *cuco*.

madôrna, modorra. Dissimilação.

madornento, modorrento. V. *madôrna*.

Magarida, Margarida. Dissimilação.

máineca, machina. Absorção do *e* pelo *a* e metathese do *c* e *n*.

malápio, malapio. Do lat. *melapio* que o *Dicc. Lat.*, de Theil traduz por especie de maçã (aqui pero) parecida com a pera.

malear ou *amalear*, abortar (o animal). De *malino*.

malhadal, reunião de malhadas. Na freguesia da Mexilhoeira Grande (concelho de Portimão) ha um sitio a que chamam *Malhadaes*.

malina, maninha (fal. de animaes). Dissimilação. Sobre *nh* = *n* compare-se *damino*.

malino, maligno.

mantêga, manteiga. Compare-se *Vêga* (*Veiga*, appellido).

manzella, mazella. Comp. *mancha*.

maquinar-se, ir-se embora. dar às de Villa-Diogo.

marafado, marfado. Suarabacti do *a*.

marafalhento, molle, ruinzão, pouco energico.

marafalhão, mal arranjado, desgeitoso. De *amarfaltar*, com sua-rabacti do *a*, como em *marafim*, *marafado*, *maramello*, e quêda da vogal inicial.

maramelêro, marmelleiro. V. *marafado*.

maramello, marmello; «*strepitus ventris*» (em giria). V. *marafado*.

maramôta, marmota. V. *marafado*.

marfalhento ou *marafalhento*, amarrotoado. Dizem-me que no fig. significa tambem zangado. Vide *marafalhão*.

Mârço, Mauricio. V. Phon., ditongo *au* e *io*.

mariscôte, um tanto picado (fal. do mar).

marisma, nome generico das plantas que nascem em sitios banhados pela agoa do mar. De *marid'ma* (= *marítima*), como me lembrou em tempo o meu amigo, sr. Leite de Vasconcellos.

marmáço, *maramáço* e *marmacento*, quente, abafado (fal. do tempo).

martle, *martyr*. De *mártere* por dissimilação.

martucêra. V. *martuço*.

martuço ¹, mastruço (a planta e o fructo).

martunhêra, a planta que dá os *martunhos* ou murta.

martunho, o fruto da murta. De *martunho* (como noutras partes), que é o latim **myrtineu*. Comp. *brunho*.

mastocar, malhar, machucar o grão com o mangoal.

matrêca, matraca. V. *burrêca*.

matrêçula, matracaizinha. V. *matrêca*.

mazarulho, epitheto que se dá a quem é excessivamente gordo e mal feito de corpo.

mealha, um quadradinho de ferro que se insere numa cavidade aberta na trave de moinho de vento chamada *orrêro*. V. esta palavra.

médos, pequenos montes de areia impellida para as dunas.

mêlantio ou *mlantio*, fresco (fal. do terreno).

melhêr, molher. Influencia da labial, como em *benito*, *bestigo*, etc.

mêminho ², meiminho. Comp. *mantêga*.

mêmo ou *mêmo*. De *mêmo* (compare-se *mêminho*). V. *Dial. Extremenhos* do sr. Leite de Vasconcellos, s. v. *mêmo*.

mêo, meio. V. Phon., ditongo *ei*. Em proclise reduz-se a *mi* ou *mê*: ex.: *miálquere* (meio alqueire), *mêálmude* ou *mêálmude* ou ainda *miálmude*. Comp. *piór* (peior).

mêscra, mescla. Troca do *l* por *r*.

mescla, triste, com ar compungido. O latim *misellus*, -a. Nem Coelho, nem Moraes mencionão esta palavra, mas, a meu ver, ella occorre no Cancioneiro da Vaticana, n.º 505, que en leio assim:

Par deus, coyada vivo,
poys non ven meu amigo,
poys non ven, que farey ?
meus cabellos, con sirgo,
eu non vos liarey ³.

Poys non ven de Castela,
non é viv', a y mescla,
ou inho deten ⁴ el-rey:
mhas toucas da Estela,
eu non vos tragerey.

¹ O sr. Leite de Vasconcellos, nos seus *Dial. alentej.*, VIII, dá o *martuço* como fruto da murta; é erro, como averigüei nas boticas.

² Também *mêminho*.

³ *harey*, diz o texto. ⁴ *de ren*, diz o texto.

Pero eu leda semelho ¹,
non me sey dar conselho,
amigas, que farey ?
en vós, ay meu espelho,
eu non [me] veerey ².

Estas doas muy belas
el mhas deu, ay donzelas ³,
non vo-lo negarey ⁴ :
mhas çintas das fivelas,
eu non vos çingirey.

mesgalhar, *esmigalhar*. De *smegalhar* com metathese do s.

mêsque, conj., ainda que. Talvez de *mesmo que*.

Mequela, *Michaela*. De *Miquela*, fem. de *Miguel*.

Mila, *Emilia*. De *Êmila* (V. Phon., ditongo *ia*), quando empregado encliticamente: ex.: *tá Mila* (tia *Emília*).

milhor, melhor. A troca do *e* em *i* é devida á palatal seguinte.

mimento, momento. De *memento* (assimilação: o... e > e... e).

Vide *milhor*.

mindira, memoria. Vide *milhor* e Phon. dit. *ia*.

mirra, o esqueleto apenas coberto com a pelle: no fig. pessoa muito magra.

moirão, especie de poste de alvenaria, de fôrma geralmente cylindrica ou quadrilateral, terminado em pyramide conica ou quadrangular, ao qual está fixa a cancella aberta em muro que veda uma propriedade rustica.

moiras, papas feitas com farinha de milho, e o caldo das morcellas acabadas de arranjar. Afigura-se-me que a palavra *moira* quer dizer *negro*, côr que o caldo dá ás papas. Numa canção popular gallega vem o mesmo termo:

Quê dêmo de merlo *mouro*
donde foi poñer o niño!
coberto com unhas polas
no medio dun carballiño.

(V. *Cancioneiro gallego* de D. José Peres Ballesteros, pag. 21).

moitão, montão. Influencia de *moita*.

molêdo ou *molédra*, monte de pedras e tambem pedra desconforme, pedregulho. Na segunda fôrma houve a não rara epenthese de *r*.

mollêja. V. *cachimfuna*.

mollm, chumação sobre que assenta o cangalho. V. *cangalho*.

mó ou *mon*, especie de interjeição que serve para chamar. Afigura-se-me redução de *moço*.

¹ *ero meu leda semelho*, diz o texto, o que dá uma syllaba a mais. ² O sentimento pedem o *me*. ³ *dondelas* diz o texto. ⁴ *volas negarey* diz o texto.

mon, amor. Esta forma apenas se usa em proclise, o *m* nasalou, segundo a sua tendencia, o *o* seguinte, e o *r* cahiu. *P'ra mon d'o menino que vái pr'ó sol* (phrase colhida em flagrante = por amor do menino que vai para ao sol). Também não é raro ouvir-se *môr* ou *mór*, ex.: *p'la môr* (ou *mór*) *Dês* (pelo amor de Deus).

monte, qualquer casa isolada num campo.

moquencia, cabedal. haveres.

môra, *môr*: ex: *cabelã-môra*, *surjã-môra* (capitão, cirurgião-môr).

mordezáda, mordedura. Mudança de suffixo: *morde* + *z* + *ada*.

Compare-se *pázada* (*paúlada*).

moréas, feixe de mato que se cobre de terra no inverno e a que se dá fogo no verão, servindo as cinzas de adubo para a sementeira de cereaes. Dizem-me ser este vocabulo mais proprio do Alemtejo, sendo o de *belgas* o genuinamente algarvio.

morengo ou *morongo*, morango. Sobre a primeira forma V. Phon., vogaes nasaes *ã*.

mortôro, terreno esteril que nada produz, mortorio: attracção do *i* pelo *o*.

móses, *môs*. V. Morph., substantivos e adjectivos.

motêtes, tregeitos, esgares.

movilha, mobilia. O *h* trocou por *v* e o *i* molhou o *l*.

movillar, mobilar. De *movilha*.

moxêco, rapazinho, mocinho.

moxico, massiço. Deve ter sido a seguinte a evolução da palavra: *massiço* > *mossiço* > *moxiço* > *moxico*. Assimilação: comp. *xaxo*, *Xanxu*, etc. Sobre *ss* ou *c* = *x*, compare-se *rabixa*.

mudar: mandar se mudar, phrase synonyma de ir se embora, retirar-se, dar ás de Villa-Diogo.

mulherim, mulherio. V. *ervaçum*.

murta, multa. Troca do *l* por *r*, sob influencia de *murta*.

nacedade ou *naçadade*, necessidade. De *necessidade* por dissimilação.

nacer, nascer. Forma archaica.

nacido, nome generico de qualquer phlegmão. Moraes traz *nascida*. Do archaico *nacer*.

navôero, nevoeiro. V. Phon., vogaes oraes: *e*.

nembro, membro. Forma archaica.

nequento, impertinente, que olha a bagatellas. De *nica*. V. Moraes, 8.^a edição, s. v. *nica*.

nêva, nevoa. Compare-se *tava*.

nevrenhar, cahir *nevrinha*.

nevriinha, neblina. Troca do grupo *bl* por *vr*. Sobre *nh* = *n*. Vide *Bernardinha*.

nêno, -a, menino, a. Também tenho ouvido empregar, como expressão de carinho, a forma *nênas*, fallando a uma pessoa só, quer do sexo masculino, quer do feminino. V. sr. Leite de Vasconcellos, *Dialecto mirandês* e *Estudos de Philologia mirandesa*, s. v. *nino*.

nonte, *noite*. Nasalamento devido ao *n* inicial.

nimbrezia ou *nobrezia*, grande quantidade. De *numbro*.

numbro (a par de *núm'bro*), numero. V. Phon., consoantes: grupo *nr*.

ôbrigaçào, familia: ex.: *como vai a sua ôbrigaçào?*

Odeceêxe, *Odeceixe*, *Odesseixe* ou *Odeseixe* (como geralmente se escreve). Assimilação como em *xaxola*, *xaro*, etc.

Ôgêno, a. Eugenio, a. V. Phon., ditongo *eu*, obs. II.

olcos, *oculos*. Metathese do *l*.

ôlivel, *livel* ou *nível*.

ômilde, *humilde*. Vide Phon., *vogaes, seus sons: o*.

ondepassado, anno passado. De *no anne passado* em que o *o* de *no* absorveu o *a* seguinte, e dissimilação do *n* por *d*, como em *denhum* (*nenhum*). Anno em proclise converte-se em *anne*, ex.: *o anne bom*.

onte, *ontem*. V. Cornu, *Die portug. Sprache*, § 289 e comparem-se as formas archaicas *oonte* e *oôte*.

ôrêgo e *ôrêgo*, *ôregão* ou *ouregão*. V. Phon., ditongo *ão*.

ôrfo, *orfão*. V. *ôrêgo*.

orgadura, o esqueleto e por extensão corpo muito magro em que os ossos estão cobertos apenas pela pelle.

ôrgo, *orgão*. V. *ôrêgo*.

ôrrêro, nome que dão a uma das traves dos moinhos de vento ou agua. V. o meu artigo *Moinhos* in *Portugalia*, n.º 2, pag. 386.

pã, *para*, quando em proclise e antes de *r* (dissimilação): ex: *pã tras*.

paillão, *ona*, *paspallão*.

palaio, *paio*.

Pálua, *Paula*. V. Phon., ditongo *au*, obs. I.

pampl, rebento da vinha. De *pampano* por dissimilação.

pampoila, *papoula*. Será o nasalamento devido a influencia de *pampl*?

pangailhada, brincadeira, folgança. Sem duvida de *pandega* ou antes de *pãigueda* ou **pãiga*.

paradêla ou *aparadêla*, lugar exposto, desabrigado. De *parar* ou *aparar*. *Estar á aparadêla do vento*, estar exposto ao vento, em sitio onde elle se faz sentir. V. sr. Leite de Vasconcellos, *Estudos de Philologia mirandesa*, I, pag. 94.

parâes, duas taboas collocadas verticalmente e um tanto inclinadas para trás, que ligão com os dois extremos dos arredores. V. *Moinhos* in *Portugalia*, loc. cit.

parra, uma especie de panella sem asas, principalmente usada para nella se guardar banha de porco ou mel.

Parrelêro, nome que o povo de Bensafrim (deste concelho) dá a um dos sitios da sua freguesia. De *Pero Ribeiro*, segundo informação do meu amigo rev. Prior Manuel José de Barros.

partalêra, *prateleira*. V. *acarditar* e Phon. *vogaes oraes: e*.

passado (*Ficar*) *embatucar*.

pastelêro, o que diz *pastelices*.

pastelice, palavras, dito brando, assucarado. De *pastel*.

patapé ou *pantapé*, pontapé. Assimilação o... a. > a... a. Na primeira fôrma influia evidentemente a palavra *páta*.

patear, pisar com os pés.

pátua, pauta. V. Phon., dit. *au*, obs. 1.

pariôla, padiola. Sobre a troca do *d* por *v* compare-se *pavieira* (*padieira*). Cfr. Cornu, *Die ptg. Sprache*, § 189.

pázada, paulada. De *pá* (= *pau*: V. Phon., ditongo *au*) + suffixo -*ada* e o apparente infixo *z*. Compare-se *mázinho*, *mazão*.

peçote, o pedunculo do cacho. O latim *petiolus* (que devia dar *peçó*; cfr. *Paçó*, *Grijó*, de *palatiolus*, *ecclesiola*) com mudança de suffixo ou adjução da syllaba *te*, sob influencia dos nomes terminados em -*ote*.

pedral, especie de figo.

pêlha, pelle. Provirá o *lh* de uma fôrma como **pêllia*? Aos ilheus tambem tenho ouvido molharem os *ll*, como em hespanhol.

pelharanca, pelle. De *pêlha*. *Encher as* —, encher a barriga.

pelharancada, barrigada. Compare-se a phrase: *encher as pelharancas*.

pencel, pincel. V. Phon. vogaes nasões *ĩ*.

pendedêla, o cabecear com o somno.

penêro, ralo que leva na cara o que vai crestar as colmeias. (V. Moraes, s. v. *pencireiro*).

pentar, pintar. V. *pencel*.

pequenálho, pequenino. V. Morphologia: formação de palavras.

pequenico. V. *pequenálho*. V. sr. Leite de Vasconcellos, *Philologia mirandesa*, I, pag. 457.

pequerrúcho. V. *pequenálho*.

pêro, o que noutras partes chamão maçã.

pêrca, perda. Subs. verbal de *perder*.

perdenairo, falto de juizo, alvoriado.

perigo: além das significações usuaes tem a mais a de *aborto* e *raio*: ex: *ella tere um perigo*; *cahiu alli um perigo*.

perúm, Perú. Comp. *sim*, arch. *si*.

pespen'ta, a que se intromette, amiga de dar á lingua. Afigura-se-me um derivado de *bispar*, tendo-se o *b* assimilado ao *p* e sendo o *n* devido a uma fôrma masculina terminada em *ão*.

petáca ou *patuca*, bolsa de coiro ou rôpa de metter os apetrêchos de fumar.

pexalho, peixinho. Sobre o suff. *alho*. Vide Morphologia: Formação de palavras.

pifre, pifano ou pifaro. Rabellais usa o *pifre*, na accepção do moderno *fifre*.

pôla, fâro. No fig. qualidade, raça.

pinafres, espinafres. Comp. *pêra* e *ti* por *espêra* e *está*.

pincre, o figo em meio passar, quasi secco. No fig. pessoa muito velha, bastante madura para a morte.

pingalhête, pauzinho com uma pequena curvatura numa das extremidades ou inteiramente direito, ao qual se prende a agudia, nas esparrellas de apanhar passaros.

pirrula ou *pirula*, pilula.

pirrulito ou *pirulito*, pilrito. Cornu, no seu excellente tratado da lingua portuguesa, a pag. 745 (do *Grundriss* de Gröber, 1 vol.), traz como hypothetica a fórma *pirulito*; vê-se, pois, que existe e é quasi sempre com *r* dobrado que a tenho ouvido pronunciar, por exemplo nos seguintes versos, cantados em baile de roda:

pirrulito que bate, que bate.
pirrulito que já bateu; ¹
quem gosta de mim é ella,
quem gosta d'ella sou eu.

plengãna, palangana. V. Phon., vogaes nasaes, *ã* e sorte das vogaes atonas pretonicas ou postonicas.

plica, pellica. V. Phon. sorte das vogaes atonas, etc. *E' das — do diabo* = é mau, tem ruins instinctos.

pluça, policia.

pôia. V. *poita*.

póile ou *póila*, polme.

pôita, escremento humano. No fig. pessoa de genio indolente.

ponente, poente. Conservação excepcional do *n* originario.

ponte, travessa de madeira que sujeita os tendaes na traseira do carro.

portaló, nome dado a uma das portas d'um moinho de vento. V. a já citada revista *Portugalia*.

porte lóné, porte-monnaie.

prêcurar, indagar, procurar. De *prôcurar* por dissimilação?

prêgatoiro, purgatorio. Influencia de *prêgar*.

prêguntar, perguntar. De *prôguntar*, como em *prêcurar*.

pressão, procição. De *precessão*. V. *nacedade*.

previr, prohibir. De *prehebir*, *prebir*.

prita, pritiga.

prôcurar, procurar.

prôguntar, procurar, buscar. *Quem prôgunta?* (= a quem busca para lhe fallar?) De *perguntar*.

¹ Por causa da medida devem emendar-se os dois 1.^{os} versos da quadra em:

pirrulito, bate, bate,
pirrulito já bateu

ou

pirrlito, bate que bate,
pirrlito que já bateu.

promagem, nome generico pelo qual se designa toda a especie de figo que não seja o *coito* ou o de *toque* ou *tóca* (o empregado na caprificação).

propia ou *porpia*, bolo feito das raspas ou restos da amassadura, em fôrma de rosquilha.

propiatairo, proprietario. Queda do segundo *r* por dissimilação.

próprio ou *própio*, proprio. V. *propiatairo*. Em italiano e hespanhol ha tambem a fôrma *próprio*.

próve, pobre. Metathese frequente do *r* e mudança do *b* em *v*.

prozar, dar-se bem, desenvolver-se (principalmente fal. de vegetaes em relação ao terreno).

quémôs, queimor.

quesilha, quesilia. O *i* molhou o *l*, como em *movilha*, etc.

Quêtano, Caetano. De *Caetano*.

quêto, quieto. Absorção do *i* pelo *e*. O representante pop. de *quietus* é *quêdo*, que raro se ouve aqui.

quêda e *quêda*, queda.

quêto ou *quêto*, quêdo. O lat. *quietus*.

rabatismo, rheumatismo.

rabear, mexer-se ou ter movimento e tambem no fig.: andar de um lado para outro. Conjuga se como *cear*. De *rabo* (= cauda).

rabelada ou *rablada*, tracto de terreno.

rabêlo, rabiça (do arado).

rabescar ou *rabuscar*, procurar. De *rebuscar*. V. Phon. vogaes oraes *e*.

rabisco ou *rabusco*, procura, busca (principalmente fal. dos ultimos figos ou uvas). De *rabescar*.

rabiza, rabiça (da albarda).

râbo, rabão. Reducção do ditongo atono *-ão* a *-o*. (V. Phon.: ditongo *ão*).

rabêlo, cylindro de pedra para assentar o cascalho das ruas e estradas macadamizadas. De *rebolo*. V. *rabolar*.

râço, ranço. De *rancio*. Comp. *romãço*, de *romancio*.

râla, orificio aberto no frechal dum moinho de vento, onde entra a extremidade do mastro. V. o meu artigo na já mencionada revista *Portugalia*.

raledade, raridade. V. *ralo*.

ralhada, conversa. De *ralhar*.

ralhar (além da significação usual) conversar.

ralo, adj. pouco espesso (fal. de tecido), um tanto liquido (fal. de massa ou coisa parecida), raro.

raluto, tracto de terreno em que a plantação se perden. De *ralo*.

ramada ou *arramada*, a casa onde se recolhem e são pensados os bois. De *râmo*, pois algumas vezes é apenas um recinto com tecto e paredes de ramos de colmo. Tambem lhe chamão *alpendurada* ou *alpendrada*.

ramocar, fallar baixo comsigo. quando nos reprehendem. De *remocar*.

rapélho, uma especie de insecto que roe as plantas.

rapólho, repólho. V. Phon., vogaes e.

rasmalhada, ruido entre ramos e por extensão entre monte de erva, palha, etc. De *ramalhada*, talvez sob influencia de *rasmalho*, como tenho ouvido pronunciar o nome proprio *Ramalho*.

rasmolga ou *resmolga*, algibeira no interior da jaqueta.

rasmño, *rosmaninho*. De *resmano* ou *rosmano*. (Cfr. *Diol. alemt.* do sr. Leite de Vasconcellos, VIII s. v. *resmano*). V. Phon., vogaes e ou o. (Tambem tenho ouvido *rasmanño*. V. *Bernardinha*).

ravenhar, ser rabugento.

ravenhento, rabugento; impertinente.

ravenhoso. V. *ravenhento*. O lat. *rubiginosus*.

ravesilho, a parte da meia em que as malhas são dadas ás aves-sas. De *revés*.

raxenól, rouxinol. De *roxinol*. V. Phon., vogaes oraes: o.

rebóque, petisqueira.

rebóquero, petisqueiro. De *rebóque*.

rebustez, robustez. Dissimilação. V. Phon., vogaes oraes: o (surdo).

recurta, recruta. Metathese do r.

rédoria, a acção de rapar o sal nos talhos das marinhas. Vide *arrer*.

refugar (além das significações usuaes) remoinhar (o vento).

rêga, regra. Queda do r por dissimilação.

rêgota, cepa, acha. No fig. manceba, amante. De *raigota* (de *radicotta* por *radicula*?)

relampo ou *reampedo*, relampago. Moraes tras *lampo*. na accepção de *relampago* e cita da *Eneida* (trad. de João Franco Barreto) o canto XII, est. 104 do *hyberno lampo*.

remócar, encalhar (o arado v. g.).

repé, rapé. Assimilação.

reprender, repreender. Compare-se *aprender* de *apprehendere*.

reprensão, reprehensão. V. *reprender*.

resmolgar, variar (fal. do tempo).

rêcu, rixa, inimizade e tambem gelosia. De *reixa*. Comp. *mantêga*, etc.

rezisto, registo. Dissimilação como em *enzestô*. V. esta palavra.

rinção, que rincha.

rinçar, rinchar.

róbar, roubar. Comp. *rêcu*, *mantêga*, *rêga*, etc., que tambem têm e aberto em vez de fechado.

romanêra, romeira. Conservação da nasal que cahiu em *romeira*, de *romeeira* > *romaeira* > *romêeira*. O mesmo se dá com *macieira*, que o povo diz *maçanêra*.

ruinzão, que se não sente bem de saúde, mal disposto. Augmentativo de *ruim*.
ta

sá ou *sê*. Ambas estas fórmulas tomam o adverbio *sim*, quando em proclise, ouvindo-se a cada instante *sá senhora* ou *sê senhora*.

sacôto, *côto*.

sacrafecar, sacrificar. De *sacrefecar*. Vide Phon.: *vogaes oraes*, e e i.

sacrafiço, sacrifício. V. *sacrafecar*.

saíño, espécie de pero ou maçã.

salamandra ou *salamánlega*, salamandra.

salapismo, sinapismo. De *sinapismo* por dissimilação: *n... m* >

l... m.

salsêrada, salseiro forte ou muitos salseiros. V. *salsêro*.

salsêro, salpico d'agoa (principalmente fal. da agoa do mar). De *salsarius*. A meu vêr, a ideia de *sal* obsteu á vocalização do *l*.

sancrestão, sachristão. Influencia de *são* (*santo*).

sanear, andar dum lado para outro, d'aqui para alli.

santar, sentar. V. Phon., *vogaes nasaes*: *ẽ*.

sapatia, sympathy. De *sepattia*. Compare-se *Fracisco*.

sapôlga, reliço, gordo.

sáquestão, sachristão. A queda do *r* talvez seja devida á influencia de *questão* (*questã*, diz o povo).

saragoção, saragaço. Afigura-se-me ter influido neste vocabulo a palavra *ágoa*.

sargalhada, salgalhada. Dissimilação: *l... lh* > *r... lh*.

sarnento. V. *sarrento*.

sarrabulho, ruido, barulho.

sarrento. V. *garrento*.

seclão, sicrano. Mudança do *r* em *l*, evidentemente sob influencia de *fulano*.

Semarias, nome de um sítio no concelho de Portimão. De *sesmarias*, por dissimilação *ses... as* > *se... as*.

sementão, cabrito que cobre as cabras.

sentôma, ataque repentino (fal. de doença). De *symptoma*. V. Phon. *vogaes nasaes*: *l*.

senavoga, fallatorio, discussão. De *synagoga*, por dissimilação, pois já ouvi a *senavoga dos judeus*.

seor e *seô* (*siôr*, *siô*) senhor (em proclise).

seoria, senhoria. V. *seôr*.

sepador, sapador. Dissimilação.

servigos, todo o trabalho na serra para a feitura e sementeira das belgas.

sêximo, bissexto. Queda do prefixo *bis*, tomado talvez por outra palavra, e terminação erudita *imo*, como em *setimo*.

sorratêro, sorrateiro. O snr. Adolpho Coelho dá para esta palavra o lat. *subreptus*, por *surreptus* e suff. *eiro*; o snr. Candido de Figueiredo traz *surreptus*; qualquer dos etymons apontados não explica o vocabulo português, devendo portanto admittir-se **subreptarius* por *subrepticus*. O *a* é devido á influencia do *r*. Cfr. archaico *so* (lat. *sub*) no n.º 462, v. g. do *Cancioneiro da Vaticana*, e gallego *so* ou *su*.

- sóta*, mulher manhosa.
sóto, sotão (o rés do chão). V. Phon., ditongo -ão.
socar (além das significações usuas, também) sujar amarrotando.
subiote, o anus.
subre, sobre. Vide Leite de Vasconcellos, *Philologia mirandesa*, vol. I, pag. 447.
suôr, suor.
surrêção, ressurreição. Queda do *re* por dissimilação: *re...*
re > *re*.
taboleiro, especie de telha de madeira que, nos moinhos, despeja o grão no ôlho da mó.
talêfe ou *talêfo*. posto geodesico. Sem duvida, corrupção de *telegrafo*.
talêgo, *talêga*, *taleigo*, *taleiga*. Vide Phon. dit. *ei*, obs. II.
tampo, tempo. Vide Phon. *vogaes nasuaes*: *ẽ*.
tanáz. V. *atanaz*.
tanazinha, depressa. De *tam* e o adverbio archaico *azinha*.
tancar. V. *estancar*.
tápiço, nome que se dava a uma especie de toucado que as senhoras usavão ha annos. De *tapar*.
tarasca, vento agudo.
taróz, vento sueste.
tarozáda. Vide *taróz*.
tarrafada, grande porção (significação que se desenvolvem por extensão, do que a *tarrafa* pôde conter).
tarramolada, grande ruido. De *terramoto*. V. Phon. *vogaes oraes*: *e*.
tarrencar, cortar com os dentes coisa dura. De *trincar*.
tassálho, pedaço. Usa-se como epitheto injurioso, sem duvida por omissão do complemento designativo do todo.
tátlico, toutiço.
táva ou *távoa*, taboa. Sobre a primeira fôrma comp. *néva*.
teaça, teia (de aranha). De **telacia*?
tegelino, exquisitesito.
tejála, tígela. Den-se aqui phenomeno inverse do que aconteceu com *matréca*, *barréca*, etc.
Temóito, Thimoteo. Absorpção do *e* pelo *o*.
tendues, varas assentes na extremidade dos fusellos que partem do leito, nos dois lados do carro.
tendal, especie de toalha que se põe no fundo do taboleiro e sobre a qual se collocão os pães acabados de amassar, fazendo prégas entre cada um para não se pegarem. De *tender*.
terçólho, *treçólho*, *traçólho*, *terçol*. Influencia de *ólho*. Sobre a etymologia. Vid. Körting, n.º 4617.
tertênêto ou *tretênêto*, tataraneto. Influencia de *ternêto*, que é o termo mais usado. V. *treneto*.
testalhado, *a* (fal. de pessoa). V. *testalho*.
testálho, pessoa (especialmente mulher) leviana, voluvel, de pro-

ceder pouco correcto. A meu vêr. de *testo* (lat. *testu*) mais sufixo *-alho*. Compare se o proverbio: *nunca faltou um testo a uma panella*, que se applica, quando se vê casada uma mulher de má nota.

tiãto, theatro.

tingarra, *tengarra* ou *tangarra*, especie de planta, de que muita gente faz salada.

Titóino, Theotonio.

tocado, toucado. V. Phon. dit. ou, obs. III.

tócar, toucar. V. *toucado*.

Tóino, Antonio (quando em enclise: v. g. *ti Tóino*).

toirão, (figo) temporão e cujo amadurecimento não é perfeito.

toiro, robusto, forte (fal. de pessoa).

tólda, movel dos moinhos da configuração d'uma pyramide quadrangular invertida, onde se lança o trigo, que d'aquí passa para o taboleiro. (V. este termo) e deite para o olho da mó.

tólos, todos os. De *tod'los* (= *todo los* que se encontra, p. ex. no cap. I da *Historia do Testamento* dos Ineditos de Alcobaga e outros documentos archaicos ¹), por assimilação do *d* a *l*.

trablento, turbulento. Metathese do *r*. V. Phon., vogaes oraes: *o* e sorte das vogaes atonas pretonicas ou postonicas.

traçana, o que gosta de criticar, de cortar na pelle doutrem. De *traça* que tambem *corta* a roupa.

trafulha, trapaga no jogo e tambem o que a faz.

tralhoadá, sova, pancada.

trambélho, acerto, juizo. V. *destrambelhado*.

tramela, taramela. V. Phon., sorte das vogaes atonas pretonicas ou postonicas.

trampalhada ², trapalhada.

trampálho, obstaculo. No pl. paus seccos e no fig. obstaculos.

trave, especie de corda que prende uma das mãos do animal á pata que fica na mesma linha, dando-se o nome de peia á que prende ambas as mãos e o de cabramo á que liga a cabeça a uma das mãos.

travesqueira. V. *travisco*.

travisco, trovisco. V. Phon., vogaes oraes: *o*. O latim **trabiscu* (= *turbiscu*).

travoadá, trovoadá. V. *travisco*.

trêna, trança do cabello. Em italiano ha *trina* com a mesma significação.

trenêto, tataraneto. Se não vem de *treteneto* (V. *terteneto*) por dissimilação, então é o latim **tri-neptus* (= *trīneptis*).

trêpa, sova (em gíria).

triága, bolos de—, feitos de excremento humano, applicados contra a ictericia. O latim *theriaca*.

¹ V. o artigo *O Trovador Martim Soarez* in *Revista Lusitana*, v, pag. 114.

² Tambem *entrampalhada*.

tridto, *theatro*. Metathese do *r*.

trinco, *trinco*.

trôço, *tronco* (d'árvores), *caule* (de plantas).

troncho, desgeitoso, mal arranjado no seu traje. Do latim *trunculus* (mutilado, privado dalguma parte).

trôpo, *tropego*. Comp. *prita*.

trupe, ruído, barulho. Talvez se possa relacionar com *estrúpido*. Comp. *tá* e *tive* por *está*, *estive*.

tumbinho, o esquife em que vai a imagem do Senhor Morto, na procissão de sexta-feira de Eudoenças. Diminutivo masculino de *tumba*.

tumblo, *tumulo*. V. Phon., consoantes: grupo *m'l* ou *m'r*.

tuta e *mêta*, *bagatela*.

ugar, unir, juntar, pegar. Os termos archaicos *igual*, *ungal* e *ugalha* (ao lado de *igualha*) levão-me a dar a este verbo para etymon o latim *aequalare*.

ula: á *ula*, *ula*, á *pressa*.

úrcela ou *urçla*, *ulcera*. Metathese do *r*.

Ursa, *Ursula*. De **Ursua*. Compare-se *nera*, *tava*.

rasêrão (pessoa) que come muito. De *vaso* + *eir* + *ão*. Cfr. *chapeirão*.

viró (*vá de*). phrase marítima para fazer virar o barco.

redônho, *cepa*. No fig. qualidades (boas ou más) de que se é dotado. O lat. **vītūneus* de **vitula* por *riticula*. Cfr. *vitulamen* que o Dic. lat. português de Santos Saraiva diz significar numerosos rebentos.

Vêga, *Veiga* (appellido). Comp. *mantêga*, *talêga*, etc.

veugila ou *bangala*, *bengala*. Na primeira fôrma troca do *b* por *v*: quanto á segunda. V. Phon., vogaes nasaes: *ẽ*.

verga (do dia) a parte do dia em que o sol já vae alto e ha completa claridade: ex. *vêio na verga do dia*.

verrusga, *verrugá*. Epenthese do *s*, talvez sob influencia de *rusga*.

vesear, *buscar*. Troca do *b* por *r* e mudança do *u* para *e* sob influencia de labial. Comp. *bestigo*.

verença, *vivença*, modo de viver, maneira como se vive, especialmente fallando das relações entre casados ou em circumstancias identicas.

viáge, *viagem*. Queda frequente da nasal final. Comp. *ómája*, *home*, *vája*, *onã*, etc.

villa. Quando em proclise, toma a fôrma *vla*: ex., *vla nova* (*Villa Nova*).

villão. Em proclise *vllão*: ex. *vllão ruim* (*villão ruim*). Comp. *vla nova*.

ringue, que chegou á maturação (fruto). Do verbo *vingar*. Comp. *acceite*, *entregue*, etc.

vispo, *bispo*. Só me consta o emprego d'esta fôrma em *villa* do *vispo*, que se pôde explicar por assimilação.

vôda, *boda*. O latim *vôta*.

Trilópes, nome d'um sitio da freguesia de Bensafrim, que, segundo informação do seu ex-prior e meu amigo, Reverendo Manoel José de Barros, é corrupção de *Bras Lopes*.

vidiça, vrido, vidraça, vidro. Metathese frequente do *r*.

xabrêga, estrago ou furto (*os moços sempre me fizeram uma xabrega na vinha!*) (tinhão ido roubar as uvas).

xâmezuga, sanguesuga. E' evidentemente o archaico *sambizuga*, com assimilação do *b* ao *m*. Comp. *tamem* por *tambem*. O *s* inicial assimilou ao *x*. Comp. *xaxo* por *sacho*.

xaringa e *xaringar*, *seringa* e *seringar*. V. Phon. *vogaes oraes* e, e compare-se *moxizo, rabixa, xuga* (em *xamexuga*) etc.

xêtar, deixa estar. Sobre a queda da syllaba *dei* vide Leite de Vasconcellos. *Dialectos alentejanos*, xii s. v. *pêrâhi*.

xecolate ¹, chocolate. De *escolate*.

xecolatêra, vasilha de preparar o chocolate. No fig. sopeira, criada da cosinha. V. *xecolate*.

xepetâl, hospital. De *spetâl*, tendo, a meu ver, o *o* sido considerado como artigo.

xeravescar ou *xaravescar*, procurar com cuidado. Evidentemente um composto de *buscar* (V. *vescar*) mas do *ndo* o *xara*?

xerimbote ou *xarimbote*, remoque, rabecada.

xetramento, instrumento. De *estramento* (como dizia o ant. português), em que se deu a queda normal do *n* antes de *s*.

zambaio, zanaga. Será uma mistura de *zambro* e *cambaio*?

zango, zangão. V. Phon. dit. *ão*.

zangorrear, ser vagaroso, demorado. Affigura-se me um derivado de *zango* (*zanção*).

zangro. V. *zango*. Epenthese frequente do *r*.

Zoldôro, Isidôro. Comp. *Zabel* (Isabel). Sem duvida de * *Isidorio*.

zembel, coisa sem prestimo, de nenhum valor.

zenabre, azinhobre. Queda da vogal inicial e redução de *nh* a *n*, como em *danino, mafino*, etc., por *daninho, maninho*.

zenêbra (tambem *zinêbra*), genebra. Troca do *g* (continua branda). Compare-se *jambujêro*.

zerestiboua, porca, suja.

zingarilho, zengarilho, zangarilho, individuo muito alto. De *gingarilho* (que me dizem existir tambem), um derivado do verbo *gingar*. V. *zenêbra*.

zodda. A phrase *ir de zodda*, synonyma doutra *ir de estrallo* (ir depressa). levão-me a crer que é o mesmo que *souâa*.

Zozé, José. Assimilação.

zuca. Tenho ouvido empregar este vocabulo na phrase *zuca que zuca*, a qual tem a ideia de insistir, persistir, continuar nos esforços, v. g. pede-se a uma pessoa qualquer coisa, leva-se uma recusa, continua-se a insistir; n'esse caso diz-se: *e elle zuca que zuca*.

¹ Ou melhor, *xecolate, xpetal*, etc.

zurnar, zurrar. V. modorra.

zurrêra, grande porção de fumo ou fumarada.

Nota.—Muitos dos vocabulos atrás mencionados forão-me fornecidos pelo sr. José Antonio Gascon, digno professor aposentado de Monchique (o que aqui muito lhe agradeço), outros colhi-os eu proprio e espero continuar a faze-lo, pois a materia é quasi inexgotavel.

APPENDICE

Por me parecer reflectir, mais ou menos, a linguagem da epocha e por esse facto ter intima relação com o objecto do presente estudo, aqui insiro um documento de 1450, o mais antigo que me foi possível colher até agora. Diz assim:

«Em nome de Deos todo Poderozo, o qual não ha conto nem fim. Seção certos os que este instrmento virem como eu Lourenço Estevens e Constança Affonço, sua mulher, vezinhos de Lagos, olhando o gram poder de Deos a quem se não esconde nenhuma couza, a cuja mão e poder temos e emtendemos de hir dar conta e rezão do bem e do mal que cada hum nesta vida prezente faz, porem catando nós carreira por que a Deos podessimos servir, com aquestes bens que nos elle emprestou, ordenamos e fazemos de nossas proprias vontadas¹, sem nenhuma teima nem outro nenhum emgano emduzido, ambos em lembrança deste dia, para todo sempre, que por bem das nossas almas, fazemos hum hospital de dentro da serca desta villa em que pouzem e se recolhão os pobres e outras quais quer pessoas que pello amor de Deos em elle quizerem pouzar ao qual hospital adottamos e damos para elle, para que se possa manter e reparar, estes bens e couzas que se ao diante seguem: Premeyramente em quanto nós ambos e cada hum de nós formos vivos o ditto hospital seja em as cazas de Marta Mendes que partem com cazas que forão de João Martins Vianna e com cazas que forão de João Vasques, com azinhaga e com rua publica. O qual nós em nossas vidas queremos manter e suster segundo nós melhor podermos; e depois de nossas mortes fique ao ditto hospital para elle e seu reparamento esto que se segue = Huma caza que nós havemos asima da porta do mar, que parte com Vicente Simões e com Alvaro Gonçalves e com azinhaga com rua publica = Mais outra caza que foy de Dom Reymão; outra junta com ella asim como partem com ruas publicas e com o forno e com Luis Vasques = Mais a adega e alagar que partem com João Delgado e com Domingos Bartholomeu e com ruas publicas = Mais as cazas que forão de

¹ Assim está escrito no original mas foi visivelmente lapso do tabellião, pois adiante está *vontade*.

Affonço Lourenço que partem com João Affonço da Quadrada e com Joane Annes, Viado, de Batavias e com azinhaga e com rua publica = Mais as cazas em que ora nós moramos que partem com Matheus Estevens e com herdeiros de Vicente Domingues, Farelo, e com azinhaga e com herdeiros de Luis Lourenço e com rua publica = Mais a herdade de São Pedro que foy de Miguel Annes que parte com Vicente Carneiro, e com Manoel da Costa e com caminho e com asapal, e com ontras devizoens com quem direito deva de partir = Mais outra herdade a que chamão das Fontainhas que parte com Gonçallo Annes e com sna Madre, e com Lourenço Annes = A orta que nós havemos em ábeyra do Paul com todo o seu asentamento, que parte com ElRei, e com herdeiros de Vasco Martins e com asapais = Mais Azenha da farrobeira e mais os mojunhos que nós havemos na rebeyra do Deáxere, o que foy de Lourenço Annes, e outro de sima que nós fizemos. E falecendo qualquer de nós, premeiro que o que ficar admenistre e mantenha o ditto hospital com as couzas sobre dittas e ao tempo que o outro falecer possa pôr outro Administrador do ditto hospital e couzas da linhagem ¹ de cada hum de nós e seja tal pessoa que o possa e sayba fazer, e não prosseda nem descenda de Alda Lourenço, nem dos Fuzeiros, nem dos que delles descenderem nem desta linhagem. E este que asim ficar por Administrador possa haver para sy pello afan que fizer mil livras desta moeda corrente, ou seu ditto valor, e mais doze fangas de trigo; e porque por sua negligencia dos dittos Administradores, o ditto hospital, e as couzas delle, se lhe perderão ou sunegarão porem rogamos e cometemos poder ao juis e vereadores e Procurador da ditto Villa, que pellos tempos forem que lhe tomem em cada hum anno, conta de tudo ao tempo que tomarem conta ao Procurador do Conselho do anno passado; e hajão seu trabalho e para conssolação fazer para vinhos e frutas trezentas sincoenta livras ² desta moeda corrente ou o seu direito valler; sessedesta moeda levantar ou abaixar e não querendo elles fazer, rogamos e encomendamos aos Mordomos e comfades da Comfraria de Santa Maria da ditto Villa, que o fação pela guiza ³ que ditto hé, e declarado, e hajão o presso que ditto hé; ametade para conssolação delles, pello trabalho para vinhos, e frutas, e a outra ametade para a arca da ditto confraria; e outrogamos esse poder que possão tomar a ditto conta em cada hum anno como ditto hé, e pagadas as dittas despezas, que o al, que ficar que se reparem bem os leitos, e se comprem ropas e aquellas couzas que pertencerem para o ditto hospital, e outro sim para mezinhas e mantimentos de alguns pobres, que ahí adoesserem; se não tiverem de que lhe comprar mantenhanos ⁴ á custa deste hospital emquanto ahí ouverem doentes e se falecerem

¹ Tem á margem — da linhage.

² Tem á margem = 35 reis cada hũa.

³ O texto tem *giza*.

⁴ Sem duvida : mantenhão-nos.

que do ditto hospital lhe fação sepultura e emterração. E este Administrador tenha abi humma mulher para trazer a agua e sirva este hospital por sua soldada, lavando os pes aos pobres, fazendo aquillo que conprir e haja hum sayo de cada dous annos, e cada hum anno duas camizas e hum pano para a cabeça; e mandamos que em se tumando a conta ao ditto Administrador do ditto hospital acharem que o não fez como devia, ou deixar lipidar o ditto hospital, e os dittos bens outrogamos poder aos que asim tomarem a ditta conta, que o possão tirar de Administrador, e ponhão em outro que o melhor faça, e seja dos da nossa linhagem tirando os sobredittos; e asim o fação aos que ao depois vierem senão fizerem como devem, e no acabamento de nossas vidas trossesse a fazer hospital em as cazas em que ora nós moramos e as outras cazas se arendem, ou aluguem, e rendão para o ditto hospital. E outro sim para persse este hospital que asim fazemos, e dotte que lhes asim dottamos, outrogamos e mandamos que os legados que havemos feito em nossas mãos dos testamentos, e condessilios ou cedulas, destes bens, ou parte delles; mandamos que não valhão e por este instrumento os annullamos e declaramos não valhão nem se cumprão nem se possão delles aproveitar, aquelles a quem forem dados, ou deixados, porque esta hé a nossa propria e pura vontade, e prestumeira declaração e sempre ser firme e ainda outra lhe poremos e damos para ajuda de manter o ditto hospital que asim fazemos em trezentas livras de foro das cazas de Catterina Annes, Irmãa de Lourenço Annes; que nos dá em paga deseis ¹ livras da moeda antiga—mais lhe damos foro ou deviza que nós havemos nas vinhas, que de nós traz a mulher de João Salvador, as quais são nas areas; húa d'ellas caminho da Torralta, e parte Pero durão; e outra he aquem do algar do possinho posso de Joanne, apontinha: mais lhe deixamos a vinha que foy de Miguel Annes, que é asima dos quartos dos caminhos; e esta mandamos que a tenha administrador do ditto hospital e adube com os pobres do ditto hospital; coma as uvas; e se adubar não quizerem que a vendão, e dispendão os dinheiros pella alma do ditto Miguel Annes. E mandamos que falecendo o premeiro Administrador que elle faça outro Administrador, que seja tal e que porsseda como de tudo ditto hé; e o segundo faça outro por sua morte, hindo hum e outro guardando o que de tudo ditto hé; e falecendo cada um delles abentestado, o que de ligeiro pode aconttesser ou se eligendo outro Administrador pretencente; emtão mandamos que o eleição e fação os que tomarem a conta os juizes e vereadores, ou os confrades da ditta Santa Maria guardandosse o que de tudo ditto he, que não sejam da linhagem dos Fuzeiros nem de Alda Lourenço ou aquelles que o não faziam como devião, e em testemunho desto mandamos asim a este Tabalião adiante escriptto que faça asim hum, ou dous sumais instromentos quantos lhe demandarem ou demandarmos nós e aquelles a quem pretencerem. feito em Lagos nas moradas do

¹ Assim diz o texto. Será de seis ou dezaseis?

ditto Lourenço Estevens aos vinte seis dias do mes de setembro de mil quatrocentos e sincoenta annos. Testemunhas = Lourenço Affonso mercador, e Lourenço Annes Sabolla, e Vasco Martins inqueridor, e Pero Estevens Mendoito, João Lourenço, filho de Lourenço Pires, e Affonso Domingues filho de Domingotte Mriz clérigo e outros e eu Affonso Estevens tabalião de ElRey na ditta Villa que esto escrevy sobre meu signal que tal he.»

Analysando o documento transcrito, cuja comunicação devo á obsequiosidade do meu amigo e paciente investigador das coisas de Lagos, o snr. João Manoel Rocha, escrivão da camara municipal desta cidade, noto nelle, alem dos seguintes archaismos: *catando*, *aquestes*, *Joane* ou *Joanne*, *ora* (na accepção de *agora*), *Madre*, *hũa*, *guiza*, *al*, *sayo*, *mezinha* (hoje substituído por *remedio*, ainda que continua a usar-se) *milhor*, *dous*, *prestumeira*, *irmãa*, *areus*, e *esto*, a mais os seguintes factos linguisticos que, como se viu, ainda se dão na lingoagem popular desta provincia, embora não desconhecidos tambem doutras:

e atono mudou para *a* em *sabolla* (como ainda se diz).

i atono converteu-se em *e* em *vezinhos*, *premeiramente*, *devizoens*, *dereito* (que aliás é archaico, occorrendo frequentemente no *Cancioneiro da Vaticana*) *premeiro*, *admenistre*, *devizo*, *inqueridor*, *neglegencia*.

Como ainda hoje, den se o phenomeno inverso, isto é, a troca do *e* por *i*, em *podessimos*, *milhor*; *î* e *û*, como actualmente, mudaram respectivamente para *ê* e *ô* nas seguintes palavras: a) *entendemos*, *emgano*, *emduzido*; b) *comprir*.

Os ditongos *ei* e *ou* tambem foram reduzidos a *e* e *o* em *areas* (que aliás é a graphia archaica), *ropa*, *trossesse*, e o ditongo *ao* a *o* (= *ô*) em: *os que tomarem a conta os juizes e vereadores*.

Parece-me haver igualmente redução do ditongo *ão* a *ã* em *mantenhanos*, que se me afigura estar por *manternhão-nos*.

Como ainda hoje, dizia-se *tabalião*, *Bartholomeu* (assimilação: *a... e > a... a*; *o... o > o... a*) e *rezão* (dissimilação: *a... a > e... a*).

A prothese do *a*, tanto do gosto do nosso povo, encontro-a nas seguintes palavras ainda em uso: *adottar* (por *dotar*), *alagar*, *asapal* e *ametade*.

O *b* já então trocava por *v* em *liveras*.

O som nasal é representado quer por *m* ou *n*, quer por til (') ex.: *entendemos*, *prezente*, *comfruria*, *comfrudes*, *emgano*, *emduzido*, *emcomendar*, *emterração*, *então* e *irmãa*.

O som do *s* forte é representado já por *s*, simples ou dobrado, já por *c*, sendo o do brando sempre por *z*, como se vê nos seguintes vocabulos: a) *serca*, *asentamento*, *asenha* (como ainda se diz), *sima*, *asima*, *porsseda*, *asim*, *consselho*, *conssolação*, *sincoenta*, *sessedesta* (= se se desta), *presso*, *adoesser*, *porssse*, *condessilios* (sic, por *codicillos*, infl. de *conde*), *posso*, *possinho*, *guardandosse*, *acontesser*, *sabolla*, *certos*,

Constança, lembrança; b) *prezente, couza, pouzem, emduzido, quizerem, cazas, devizocens, guiza, despezas, mezinhas, rezão, camizas*.

O *s* final de syllaba ou palavra, é, na maioria dos casos, representado por *s*: ex.: *Deos, certos, este, Constança, esconde, emprestou, livras, juís, fes, Luis, asapaís, quais, mais, mes, faz e traz*.

D'aquí concluo que já se não fazia distinção, na pronuncia, entre o *s* inicial ou *ss* mediaes e o *ç, c* (antes de *e, i*), nem entra o *s* medial sonoro e o *z* inicial ou medial, distinção que ainda hoje se observa em grande parte da provincia de Tras-os-Montes e que o distincto glottologo, snr. Gonçalves Vianna, prova (*Revista Lusitana*, II, pag. 332) ter-se dado egualmente no sul do reino. Deduz-se tambem, a meu ver, que o *s* final de syllaba ou palavra e o *z* final erão, como hoje, pronunciados de igual modo, isto é, ora como *x*, ora como *j* attenuados. (Vide snr. Leite de Vasconcellos, *Dial. Algarrios*, III, I, c) e o que eu disse, ao tratar, na *Phonologia* da pronuncia das consoantes).

O *r*, similhantemente ao que hoje acontece, visto ser uma consoante muito mobil, estava sujeito a frequentes deslocacões (metathese), como nos seguintes termos ainda vivos, *frime*, (d'aquí *frimeza*), *outrogar, pretencente, porsseda, prestumeira*.

Em *farrobeira* dava-se já tambem a queda do artigo arabe *al*. *Instrumento* e *Constança*, que em documentos anteriores. (Vide *Revista Lusitana*, vol. V, pag. 125) nos apparecem sob a forma *estromento* (que ainda se conserva na boca do povo) e *Costança*, tinham sido approximados ao original latino.

A provar os poucos conhecimentos de quem lavrou a escritura de doação temos *lipidar* por *dilapidar*, *condessilios* por *codicillos*, *sumais* por *summarios* e *abentestado*, em vez de *ab intestato*.

A pronuncia *Odiaxere* (*Udiaxere*) que ainda se conserva e se deduz da graphia do *Diaxere* vem confirmar a redncção do arabe *wa* a *u*, de que fallei na *Phonologia*, ditengo *ua*, obs. III.

No verbo *pôr* tinha-se já dado a contração.

Lagos, junho de 1901.

JOSÉ JOAQUIM NUNES.

TRADIÇÕES PORTUGUESAS

I

A Folia

É muito interessante este assento ou termo, que transcrevo, com a propria orthographia, da antepenultima lauda do *Livro da receita e despesa da Camara da cidade de Elvas do anno de 1595* — livro existente no Archivo da mesma Camara:

«Aos vintte dias do mes de abril da era de mil e seis centos e sinquo anos nestta cidade d Eluas na Camara della foi dada L.^{ca} ás mullatas da galhofa p.^a q̃ possã ir este çabado q̃ vem ttres destte prezemtte mes e forã emttregues ao padre fr.^{co} sãches p.^a as llenar a fazer as festtas á cidade de Merida do primsepe, cõ tall declarasã que fiquara elle ditto padre obrigado a llevar e ttrazer a esta Cidade oito mullatas e negras cõ ttodas as pesas da follia na forma que as llena atte sestta feira deradera (?) destte prezemtte mes de abril e cõ estta condisã lhe foi dado L.^{ca} para as llenar e loguo dise gomes aires que presemtte esttaua que elle se obrigaua per sua fazemda e beis a dar e entregar as dittas mullatas e negras com ttodas as pesas necesarias á follia demtro no ditto tempo sob pena de nã comprindo asim pagar logo sem ~~X~~dos ¹ para as despesas destta Camara sem apellasão nem agrauo allen de depositto e pera ttodo se obrigar comprir se asinou. Eu J.^o Siru.^a que ho screvi. — Guomes ayres.»

II

Superstições

1. Os dois seguintes sonetos, de Albano Ulisiponense ², são transcriptos de um livro antigo intitulado *Almanak das Muzas*, Pt. I, Lisboa 1793, a pag. 28 e 42. O que nelles se diz são principalmente reminiscencias de leituras de obras pertencentes á antiguidade classica,—

¹ [= cem cruzados].

² Nome arcadico de João Baptista de Lara (1764-1828).

o que está de accôrdo com as ideias dominantes na litteratura poetica do sec. XVIII e primeira metade do XIX; mas haahi tambem allusões ás superstições populares portuguezas.

a) Conjuuro

Trez ramos de Cypó, Verbena, e Teixo,
Eu ato nesta fita verde escuro;
De Vibora, e Toupeira aqui misturo
As cinzas, e no Altar de Hecate as deixo.

Trez vezes abro os Olhos, trez os feixo,
Em quanto faço o tacito conjuuro,
Agora exploro a serie do futuro,
Por ver o termo ao mal de que eu me queixo.

Attendei-me, Tartareas Divindades:
Serei acaso hum dia venturoso?
Terão fim do meu bem as crueldades?

Mas eis me diz Pressago pavoroso,
Que por premio das minhas anciadades,
Com Alcina virei a ser ditoso.

b) Magia

Em meyo estava a Noute, e a vez terceira
De um Gallo negro o canto se escutava,
Quando para os prestigios preparava
Diversas plantas velha feiticeira.

Trez vezes ao calor de uma fogueira
Trez viboras, fatidica tostava,
E ontras tantas comsigo murmurava
Misterios, invocando a Stigie inteira.

Co'a esquerda mão na Terra descrevendo
Trez circulos, trez vezes lhes cuspia;
Eis surge da fogueira Espectro horrendo.

«Propicio agouro! a Maga então dizia:
«Albano que de Amor anda morrendo,
«Com Alcina vae ter doce alegria».

2. Agouro

Excerpto de um Madrigal, de Belmiro Transtagano ¹, que vem a pag. 49 da Pt. I do referido *Almanak das Muzas*:

Quando mais terno a Lilia idolatrava,
N'um dia em que o meu gado apascentava,
De repente vi mortas duas rezes;
Corvo sinistro ouvi grasnar trez vezes
No cypreste, do rayo denegrido:
Temí, do fero agouro persuadido,
Ver fogo no Cazal, ronha no Gado,
Ou outro algum successo desgraçado:
Porém não foi assim: Tive a ventura
De achar Lilia cruel nos braços de outrem,
De riscar da lembrança humia Prejura.

III

Não se hade ir por «mal cozinhado»

Lê-se a pag. 110 da monographia do sr. Faria e Silva — *A Igreja da Conceição Velha*:

«Depois do terremoto estive ali (na Praça da Ribeira, — Lisboa) a antiga alfandega municipal e os mercados do carvão e azeite. As novas mesas de despacho da alfandega occupam o lugar das antigas tabernas da Ribeira, que officialmente tinham o nome de MALCOZINHADO». Teremos aqui a origem da phrase popular: «Não se hade ir por mal cozinhado?» — phrase que tem as seguintes variantes:

Que não se vá por mal cozinhado;
Não hade ir por mal cozinhado;
Que não vá por mal cozinhado.

Constituiria a phrase primitivamente uma advertencia: «Não vá por Malcozinhado», — para não se frequentarem com demora as tabernas?

A. THOMAZ PIRES.

¹ Nome arcadico de Belchior Manuel Curvo Semedo (1766-1838).

O GUINEENSE

(Conclusão)

Papeira: <i>papo</i> .	Passo: <i>pás</i> .
Papel: <i>papel</i> .	Pastar: <i>comê</i> .
Papelão: <i>papelon</i> .	Pastor: <i>pastor</i> .
Papo: <i>papo</i> .	Pata: <i>pata</i> .
Paquete: <i>paquete</i> .	Pataca: <i>pataca</i> .
Par: <i>par</i> .	Patacão: <i>patacon</i> .
Para: <i>para</i> .	Patacho: <i>patucho</i> .
Parabem: <i>mantenha</i> . Fui dar-lhe os parabens, « <i>em bá nêne-l'</i> » (Mand.).	Pataco: <i>patacon</i> .
Parado: <i>parado</i> .	Pateta: <i>pateta</i> .
Parar: <i>pará</i> .	Patife: <i>patife</i> .
Parcel: <i>parcel</i> .	Pato: <i>pato</i> .
Pardal: <i>cacho</i> (Mand.). <i>pardal</i> .	Patrão: <i>patron</i> .
Pardo: <i>q'o funguli</i> (Mand.).	Patria: <i>tera</i> .
Parecença: <i>parcença</i> .	Pau: <i>pá</i> .
Parede: <i>parede</i> .	Paulada: <i>manducada</i> .
Parente: <i>parente</i> .	Pavão: <i>pabon</i> .
Parida: <i>panyda</i> .	Pavio: <i>pubyo</i> .
Parideira: <i>padindêra</i> .	Pavor: <i>spanto</i> .
Parir: <i>padi</i> .	Paz: <i>pás</i> .
Paris: <i>parís</i> .	Pê: <i>pé</i> .
Parte: <i>parte</i> .	Peça: <i>peça</i> .
Partir: <i>saê</i> .	Peccado: <i>pecado</i> .
Parto: <i>parto</i> .	Peccador: <i>pecador</i> —o homem (generico).
Parvo: <i>parbo, tolo</i> .	Peçonha: <i>pçonha</i> .
Pasmar: <i>paymá</i> .	Peçonhento: <i>pçonhente</i> .
Pasmo: <i>paymo</i> .	Pedaço: <i>pedús</i> .
Passageiro: <i>passadjero</i> .	Pederneira: <i>perda fugo</i> .
Passagem: <i>passadje</i> .	Pedido: <i>pidido</i> .
Passapé: <i>passapê</i> .	Pedir: <i>pidi</i> .
Passar: <i>passá</i> .	Pedra: <i>perda, pedra</i> .
Passaro: <i>pastro</i> .	Pedrada: <i>pedrada</i> .
Passatempo: <i>brinco</i> .	Pedreiro: <i>pedrêro</i> .
Passear: <i>passêá</i> .	Pegado: <i>pegado</i> .
Passeio: <i>passeio</i> .	Pegar: <i>pegá</i> .
	Peior: <i>peor</i> .

Peito: *pêto*.
 Peixe: *pêç*.
 Pejada: *pedjada*.
 Pejo: *borgonha*.
 Peleja: *peledja*.
 Pelejador: *batadjador*.
 Pelejar: *peledjà*.
 Pelicano: *pilcana, pilcana*.
 Pelintra: *amonton*.
 Pellar: *pelà*.
 Pelle: *pel*.
 Pelo = por o: *par*.
 Pelouro: *peloro*.
 Pena: *castigo, afigon*.
 Pender: *inclinà*.
 Pendor: *inclinação*.
 Pendurar: *pindurà, pindrà*.
 Penetrar: *penetrà*.
 Penhor: *pinhor*.
 Penhora: *pinhora*.
 Penitente: *penitente*.
 Pennacho: *penança, djindjan*
 (Mand.).
 Penol: *penol*.
 Pensador: *pensador*.
 Pensamento: *pensamento*.
 Pensar: *pensà, cudà*.
 Pensativo: *q'o sta co'ssima*.
 Pente: *pente*.
 Penteado: *penteado*.
 Pentear: *pentèà*.
 Pepino: *pipino*.
 Pequeninô: *a: piquinino*.
 Perda: *perda*.
 Perdão: *pardon, pordon*.
 Perder: *perdè*.
 Perdido: *perdido*.
 Perdoar: *perdoà, pordoà*.
 Pergunta: *pergunta*.
 Perguntar: *perguntà, pulguntà*.
 Perigo: *perigo, prigo*.
 Perigoso: *perigós, prigós*.
 Periquito: *pirquito*.
 Permeio: *entremetade*.
 Permitir: *pilmiti*.
 Perna: *perna*.
 Perseguição: *persequiçon*.

Perseguir: *perseguí, forontà*.
 Persevejo: *persebedjo*.
 Persignar-se: *persinà*.
 Pertencer: *pertencè*.
 Perto: *perto*.
 Perú: *pirú*.
 Perverso: *malbado*.
 Pesado: *pessado*.
 Pesar: *pessà*.
 Pesca: *pesca*.
 Pescar: *piscà*.
 Pescoco: *piscós*.
 Peso: *pesso*.
 Pestana: *pistana*.
 Peste: *pestè*.
 Peta: *mintyda*.
 Petroleo: *pitrol*.
 Pevide: *semente*.
 Pez: *alcatron*.
 Pezame: *sentimente*.
 Pezar: *sentimente, magua*.
 Phantasma: *sombra: alma d'otro mundo*.
 Phenomeno: *odjada; nubdade; mostra*.
 Pião: *pion*.
 Picada: *picada*.
 Picapan: *picapó, martel (?)*.
 Picar: *picà*.
 Pico: *pico*.
 Pigmen: *anon*.
 Pilador: *pilador*.
 Pilão: *pó de pilà*.
 Pilar: *pilà*.
 Piloto: *ploto*.
 Pilula: *pirla*.
 Pimenta: *pimenta*.
 Pinchar: *pinchá*.
 Pincho: *pincho*.
 Pinga: *pinga*.
 Pingado: *pingado*.
 Pingar: *pingà*.
 Pingo: *pingo*.
 Pinho: *pinho*.
 Pinta: *marca, sinal: sombra*.
 Pintainha, o: *pintainha*.
 Pintar: *pintà*.

- Pinto: *pinto*.
 Pintar: *pintà*.
 Pintura: *pintada*.
 Piolho: *podjo*.
 Pipa: *pipa*.
 Piparote: *piparote*.
 Pirão: «*pirão*», *piron*.
 Pires: *píres*.
 Pisar: *massà*.
 Piscar: *piçcà*.
 Pisco: *piçco*.
 Pestana: *pistana*.
 Pistola: *pistola*.
 Pitada: *pitada*.
 Plaina: *plaina*.
 Plano: *plano*.
 Planta: *planta*.
 Plantação: *p'antaçon*.
 Plantar: *plantà*.
 Plebe: *póbe*.
 Plenriz: *pleurís*.
 Pluma: *pluma*.
 Pó: *poêra: fórnha*.
 Pobre: *probe, pobre*.
 Pobretão: *pobreton*.
 Pobreza: *pobressa*.
 Poço: *fonte, finte*.
 Poder: *poder*.
 Podre: *pódre*.
 Podridão: *pódriza*.
 Poêira: *poêra*.
 Poente: *cambança de sol*.
 Pois: *ampôs*.
 Polegada: *polgada*.
 Polegar: *dedo maior*.
 Policia: *plícia*.
 Polvora: *polbra*.
 Pomba, o: *poniba*.
 Pomposo: *rascon; garandibôs*.
 Ponta: *ponla*.
 Pontada: *pontada*.
 Pontapé: *pontapé*.
 Pontaria: *pontaria, pontadia*.
 Ponte: *câis: prancha*.
 Ponto: *ponto*.
 Pôpa: *popa*.
 População: *pôbes*.
- Por: *por*.
 Pôr: *põe*.
 Porão: *poron*.
 Porcaria: *porcadya*.
 Porco: *p'rco, porco*.
 Porém: *mas*.
 Porfia: *porfia*.
 Porfiado: *porfiado*.
 Porfiador: *têmôs*.
 Porfiar: *têmã, porfiã=contradizer*.
 Pororoca: *macaré*.
 Porque: *parquê*.
 Porqueiro: *baqueador de p'rco*.
 Porta: *porta*.
 Portal: *portal*.
 Portaló: *portaló*.
 Portanto: *logo*.
 Portão: *poron*.
 Portar-se: *comportã*.
 Portinha: *portasinha*.
 Portinhola: *djanela*.
 Porto: *porto*.
 Portuquez: *português*.
 Porventura: *porbentuda*.
 Pós: *fórnha*.
 Pessança: *poder*.
 Posta: *posta*.
 Postigo: *fresta*.
 Posto: *posto*.
 Pote: *pôte*.
 Pouco: *pô-ro*.
 Poucado: *popado*.
 Poupar: *popã*.
 Povo: *pôlv*.
 Povoação: *poboação; tabanca*.
 Praça: *praga*.
 Praguejar: *rogã praga*.
 Pragüenta, o: *prag'ente (g=gh)*.
 Praia: *praia*.
 Prancha: *prancha*.
 Pranchão: *pranchon*.
 Prancheta: *prancheta*.
 Pranto: *chôr*.
 Prata: *prata*.
 Praticante: *praticante*.
 Praticar: *praticã*.
 Prático: *prático, pra'co*.

Prato: *prato*.
 Prazer: *guçto, contentamente*.
 Preamar: *praíamar*.
 Precisada, o: *probi, pobre*.
 Preciso: *precis*.
 Preço: *prês*.
 Prêga: *prega*.
 Prêgador: *pregador*.
 Pregão: *bano*.
 Prêgar: «*pregã*».
 Pregar: *pergã*.
 Prego: *prego*.
 Pregoador = *pregoeiro: culcaador*.
 Preguiça: *pirguiça*.
 Perguiçar: *pirguiçã*.
 Perguiçoso: *pirguiços*.
 Premiar: *premiã (?) da racom-pensa*.
 Premio: *premio*.
 Prender: *prendê*.
 Prenhada: *prênhada*.
 Prenhez: *baryga*.
 Preparação: *preparaçon*.
 Preparar: *preparã*.
 Presença: *pressença*.
 Presente: *presente*.
 Preso: *prês*.
 Pressa: *pressa*.
 Pressumpção: *perssunçõs*.
 Presunto: *pursunto*.
 Preta, o: *preto*.
 Pretidão: *sucuro*.
 Prima, o: *prima, o*.
 Primeiro: *primêro, pirmêdo*.
 Princesa: *princesa*.
 Principal: *principal*.
 Principalmente: *principalmente*.
 Príncipe: *príncipe*.
 Principiante: *prinspiante*.
 Principiar: *prinspiã*.
 Prior: *bigario, vigario, nlo-padre*.
 Prisão: *prisson*.
 Prisioneiro: *prisson, prissioner*.
 Privar: *todjê*.
 Prôa: *prua, prua*.
 Procurar: *porcurã*.
 Prodigo: *dôdo, stargado*.

Professor: *mestro, mestre*.
 Proibição: *proibiçon*.
 Proibir: *todjê*.
 Projecto: *plano*.
 Promessa: *prometimente*.
 Prometter: *prometê*.
 Prompta, o: *pronto*.
 Pronuncia: *pornuncia*.
 Pronunciar: *pornunciã*.
 Propheta: *dbynha; q'o ta odjã*.
 Proprio: *prope*.
 Prostituta: *puta*.
 Protector: *padrinho*.
 Prova: *proba*.
 Provar: *probã*.
 Proveito: *porbêto, probêto*.
 Providencia: *porbidença*.
 Proximo: *ermon*.
 Pua: *pua*.
 Pucaro: *pucro, pucra*.
 Pudendo = órgão genital: «*natur-ressa*».
 Pudor: *borgonha*.
 Pular: *djingtã (Mand)*.
 Pulga: *palga*.
 Pulha: *pujã*.
 Pulmão: *pulmon, bof-bof*.
 Pulo: *salto, pincho*.
 Pulso: «*polmon*».
 Punhada: *punhada*.
 Punhado: *punhado*.
 Punhalada: *punhalada*.
 Punho: *pucho*.
 Purga: *purga, purga*.
 Purgação: *purgaçon*.
 Purgante: *purgante*.
 Purgar: *purgã*.
 Purgatorio: *pulgatorio*.
 Purgueira: *pulgueira*.
 Puro: *limpo, nente*.
 Pus: *materia*.
 Puta: *puta*.
 Putrefacção: *podrissa*.
 Puxa-puxa: *djunda-djunda*.
 Puxar: *djundã*.

Q

Quadrado: *q'òdrado*.
 Quadril: *cintoda, cintura; mossa de cadêra*.
 Qual: *q'al*.
 Qualidade: *q'oldade*.
 Qualquer: *q'alquer*.
 Quando: *q'ando*.
 Quanto: *q'anto*.
 Quarenta: *q'òrenta*.
 Quarentena: *q'òrentena*.
 Quaresma: *q'òresma*.
 Quarta: *quarta*.
 Quarta-feira: *quarta fêra*.
 Quartejar: *sapà-sapà*.
 Quartel: *q'artel, qortel*.
 Quartinho: *quartosinho; combeto*.
 Quasi: *q'üssi, q'üss*.
 Quatorze: *q'atorçe*.
 Quatro: *q'üatro*.
 Quatrocento: *q'üatrocento*.
 Que: *que*.
 Quebra: *quebra*.
 Quebrado: *quebrado*.
 Quebranto: *fotís. Dar quebranto, fidih*.
 Queda: *queda*.
 Queijo: *q'ïço*.
 Queima: *quêma*.
 Queimar: *quemà*.
 Queixa: *quêssa*.
 Queixada: *quêssada*.
 Queixo: *denguenho, quexo (Cabo-verde)*.
 Quem: *quen*.
 Quemquer: *quengue*.
 Quente: *quente*.
 Quentura: *quentüda, quentüda*.
 Quer: *Quer seja quer não, e' sedo ò e' ca sedo*.
 Querena: *querêna*.
 Questão: *questan*.
 Questionar: *porfiã, arengã*.
 Quiabo: *candja*.
 Quietto: *quiêto, quedo (?), socegado*.

Quilha: *quidja*.
 Quinhão: *quinhon*.
 Quinhentos: *quinhentos*.
 Quinta-feira: *quintd-fêra*.
 Quintal: *quintal*.
 Quintalão: *quintalon*.
 Quintalejo: *quintalssinho*.
 Quinze: *quince*.

R

Rã: *sapo*.
 Rabada: *rabada*.
 Rabadilha: *rabadidja*.
 Rabeca: *rebeca*.
 Rabecão: *rabecan*.
 Rabicho: *rabicho*.
 Rabo: *rabo*.
 Rabuda, o: *rabuda*.
 Raça: *raça*.
 Ração: *raçan*.
 Racha: *racha*.
 Rachador: *rachador*.
 Rachar: *rachã*.
 Rafiar = namorar: *solicitar para a pouca vergonha: provocar á guerra, rafid*.
 Rainha: *rainha, rênha, rêynha*.
 Raio: *rây*.
 Raiva: *raiba*.
 Raivoso: *raibôs*.
 Raiz: *raiz*.
 Rallar: *djussid*.
 Ralho: *djús*.
 Ramalhada: *ramadjêro*.
 Ramo: *ramo*.
 Rancho: *rancho*.
 Rancor: *raiba*.
 Rançoso: *rançós*.
 Ranger os dentes: *«nhemê-dente»*.
 Ranho: *ranho*.
 Ranhoso: *naris-mêlado*.
 Rapagão: *rapagon*.
 Rapapé: *cortçya*.
 Rapar: *rapã*.
 Rapariga: *raparyga, badjwda (Banhun), moça*.

Rapariguinha: *mocinha*.
 Rapaz: *rapàs*.
 Rapazinho: *rapassinho*.
 Rapé: *tabaco, pitada*.
 Raptar: *rabatà*.
 Rascão: *rascon* (=janota).
 Rasgado: *q'o rasgà*.
 Rasgar: *rasgà*.
 Raspa: *rapu*.
 Rasto: *raço*.
 Rastilho: *raçtidjo*.
 Rata, o: *rato*.
 Ratão: *raton*.
 Ratazana: *djiq'indol* (Fulupo).
 Ratinho: *ratossinho*.
 Ratoeira: *ratoèra*.
 Razão: *rasson*.
 Ré: *pupa*.
 Rebém = azorrague, *reben* (?), *re-bença*.
 Rebeutar: *rebentà*.
 Reboçar: *rebocà*.
 Reboco: *reboco*.
 Rebular: *rôlà*.
 Rebolço: *rubolís*.
 Reboque: *ruboque*.
 Recado: *recado; mantenha*.
 Receber: *recebê*.
 Receio: *mede*.
 Recolher: *racodjê*.
 Recompensa: *racompença*.
 Reconhecer: *reparà, rapadà*.
 Recontrô: *contrada*.
 Recordar: *lembrà*.
 Recreio: *brinco*.
 Recruta: *raçuta*.
 Recuar: *racuà*.
 Recusar: *nègà*.
 Rede: *rêdea*.
 Redor: *roda*.
 Reduzir: *bidà*.
 Refilar: *rafilà*.
 Reflectir: *cudà*.
 Resfrescamento: *friamente*.
 Refrescar: *frià*.
 Rega: *rega*.
 Regaço: *ragàs*.

Regador: *regador*.
 Regar: *règà*.
 Regata: fazer uma regata, *bor-dedjà, corè lancha*.
 Regatear: *ragateà*.
 Regedor: *djls*.
 Rego: *rego*.
 Regr: *regda*.
 Regua: *regua*.
 Regular: *regulà, ragulà*.
 Regulo: *rè, rey*.
 Reino: *rèno*.
 Reinol: *fidjo de rèno*.
 Rejeitar: *andjètà, andjatà*.
 Relento: *sereno, ralente* (?).
 Religião: *relidjon*.
 Relinchar: *djidjih* (Mand.).
 Relinga: *ralinga*.
 Relógio: *orolodjo, ralodjo*.
 Relva: *padja-nobo*.
 Remador: *remador*.
 Remangar: *ramangà*.
 Remar: *rèrà*.
 Remediar: *remedià*.
 Remedio: *remede*.
 Remela: *ramela, remelga*.
 Remendar: *mendà; remendà* = ar-remedar.
 Remendo: *remendo*.
 Remessa: *ramessa*.
 Remetter: *mandà*.
 Remirar: *mirà*.
 Remo: *remo*.
 Remoque: *remoque*.
 Remoqueador: *ramocador*.
 Remoquear: *romocà, ramocà*.
 Remorso: *repndimente*.
 Renda: *renda*.
 Render: *rendê*.
 Renegado: *renegado*.
 Renegar: *renegà*.
 Renovar: *ranobà*.
 Renque: *renque*.
 Réo: *crimínos*.
 Reparar = ver, *raparà* = concertar, *mendà*.
 Repartir: *rapartê, rapartê*.

- Repente: *repente, rapente*.
 Replica: *rapoça*.
 Replicar: *rapoçtêa, chebetâ* (Cabo-verde).
 Repolho: *rapodjo*.
 Repontar: *rapontâ*.
 Reprehender: *djussâ*.
 Reprehensão: *repreençon, consedjo*.
 Representação: *repressentuçon*.
 Representar: *repressentâ*.
 Reprovar: *raprobâ*.
 Requerer: *requerê, requedê*.
 Requerimento: *requerimente*.
 Resaibo: *sâbura*.
 Resfriamento: *resfriamente*.
 Resfriar: *frianlâ*.
 Resgatar: *rasgatâ*.
 Resgate: *resgate*.
 Resolução: *ressoluçon*.
 Respeitar: *ruspetâ*.
 Respeitavel: *garande*.
 Respeito: *ruspêto*.
 Respingar: *raspingâ*.
 Respirar: *respirâ*.
 Responder: *ruspondê*.
 Responso: *respons*.
 Restar: *reçtâ*.
 Restea: *reçtea*. Aos raios do sol
 «na reçtea de sol».
 Restinga: *restinga, rastinga*.
 Resto: *reçtô*.
 Retalhar: *ratadjâ*.
 Retalho: *ratadjô*.
 Retenção: *retençon*.
 Retesar: *antessâ*.
 Retirado: *ratradô*.
 Retirar: *ratrà*.
 Retorcer: *torcê torcê*.
 Retoreido: *torcêdo*.
 Retranca: *ratranca, latranca*.
 Retratar: *pintâ*.
 Retrartista: *ratratista*.
 Retrato: *figura*.
 Retroceder: *ribâ-trás*.
 Retroz: *latrós*.
 Reunião: *djunatamente*.
 Reverendo: *«reverendo»*.
 Revolta: *rabolta*.
 Revolução: *guêra, rabolta*.
 Revólver: *rebólver*.
 Reza: *ressa*.
 Rezar: *ressâ, rassâ*.
 Rheumatismo: *rumatiçmo, rumatiçma*.
 Ribeiro: *ryo: fonte, fúnti; còrentâs, còrentaçco; lebada* (Cabo-verde).
 Ricino: *andrê-ialbes* (André Alves, introductor da planta).
 Rico: *ricon, rico*.
 Rijo: *risso*.
 Rim: *rin*.
 Rio: *ryo*.
 Riquesa: *riqueessa*.
 Rir: *ri*.
 Risada: *gargadjada*.
 Risca: *riçca*.
 Riscar: *riçcâ*.
 Risco: *riçco*.
 Riso: *garaça*.
 Roça: *ponta, mato*.
 Roçar, mato, **pâbi** = *esfregar, rôçâ*.
 Rocha: *rocha*.
 Rochedo: *rocha, perda*.
 Roda: *rada*.
 Rodear: *balteâ*.
 Rodilha: *rodidjâ*.
 Roer: *çapâ cõ dente: nhemê;=*
 murmurar, roê.
 Rogar: *rôgâ*.
 Rogo: *rogo*.
 Rola: *pomba-de-caminho*.
 Rolha: *rodjâ*.
 Rolico: *redonde: «roda-a-rodâ»*.
 Rombo: *rombo*.
 Romper: *rompê, ratadjâ*.
 Roncar: *runcâ*.
 Roncolho: *roncodjo*.
 Ronda: *ronda*.
 Rosario: *rossade*.
 Rosto: *roçto*.
 Roto: *ratadjado*.
 Roubador: *ladron*.
 Roubar: *furtâ*.

Roube: *furto*.
 Rouco: *roco*.
 Roupa: *ropa*.
 Rua: *rwa*.
 Ruivo: *ruibo*.
 Rumo: *rumbo*.
 Rustico: *rust'co*.

S

Sabão: *sabon*.
 Sabbado: *sabado*.
 Sabedoria: *sabedoria*.
 Sabença: *sâbença*.
 Saber: *sebê*.
 Sabido = inteligente, experto, *sabido, djiro*.
 Sabio: *sábio*.
 Sabonete: *sabonete*.
 Sabor: *sâbura*.
 Saboroso: *sâbe*.
 Sabre: *sabre*.
 Sacabucha: *bireta*.
 Sacca: o: *saco*.
 Saccola: «*san-cudjer*».
 Sacerdote: *padre*.
 Sacrificador = sacerdote do «feticismo» **Napene** (Pepel), **Fodéô** (Mand.), **Djambacós** (Fulpo).
 Sacrificio: *cirmonia*.
 Sacudir: *sacudi*.
 Safar: *sâfâ*.
 Safo: *safu, safya*.
 Sagaz: «*perto*».
 Sagrado: *malgôs, q'o ten iran*.
 Saída: *sayda*.
 Sair: *saé*.
 Sal: *sal*.
 Sala: *sala*.
 Salada: *salada*.
 Salão: *salon*.
 Salgada: o: *salgado*.
 Salgadeira: *salgadeira, «tima»*.
 Salgar: *salgâ*.
 Salitre: *salitre*.

Saliva: *cuqpo*.
 Salmoira: *salmoëra*.
 Salobra, o: *salobra*.
 Salpicar: *salpicâ*.
 Salpico: *salpico*.
 Salsugem: *sucuma-de-mar*.
 Saltar: *saltâ, djugutâ* (Mand.).
 Salto: *salto, pulada*.
 Salvação: *salvaçon*.
 Salvador: *salvador*.
 Salvamento: *salvamente*.
 Salvar: *salbâ, librá*.
 Sangrador: *sangrador*.
 Sangrar: *sangrâ*.
 Sangria: *sangria, «botâ chifre», botâ bentossa*.
 Sangue: *sangue*.
 Sanha: *fúria, brabessa*.
 Sanhudo: *ferôs, ferôs, furiôs*.
 Santa: *santa*.
 Santiago: *santiago*.
 Santificação: *santificaçon*.
 Santificar: *santificâ*.
 Santo: *santo*.
 Santinho: *santinho*.
 São: *são*.
 Sapata: *sapata*.
 Sapateiro: *sapatêro*.
 Sapato: *sapato*.
 Sapo: *sapo*.
 Saquinho: *sacossinho*.
 Sarampo: *sarampo*.
 Sarapintar: *pintâ pintâ*.
 Sarda: *sarda*.
 Sardão: *lagartycha*.
 Sardinha: *sardynha*.
 Sarna: *sarna*.
 Sarrafo: *sarrafo*.
 Satanaz: *satanás, demône*.
 Saudação: *mantenha*.
 Saudade: *sôdade*.
 Saudar: *fitâ mantenha; nenê* (Mandinga).
 Sander: *sande, saude*.
 Sivana: *blanha; campada*.
 Seismar: *siçmâ*.
 Se: *se*.

Seara: **blanha** = seara de arroz.
 Sebe: *tapada*.
 Sebo: *sebo*.
 Seccar: *sècà*.
 Secco: *seco*.
 Seculo: *secio*.
 Seda: *seda*.
 Sede: *sede*.
 Sedição: *rabolta*.
 Seduzir: *rafià*.
 Segar: *quebrà*.
 Segredo: *segrede*.
 Seguido: *companhado*.
 Seguinte: *siguinte*.
 Segunda-feira: *sigunda-fêra*.
 Segundo: *sigundo*.
 Segurança: *sigurança*.
 Seis: *seis*.
 Seiscentos: *seiscentos*.
 Seixo: *matacon*.
 Sella: *sela*.
 Sellim: *selin*.
 Sello: *selo*.
 Selvagem: *salbàs, ruçtico, ruçt'co*.
 Sem: *sem*.
 Semana: *semana*.
 Semeador: *semeador*.
 Semear: *semeà*.
 Semente: *semente*.
 Sempre: *sempre*.
 Senão: *sinon*.
 Senha: *sinal*.
 Sentar: *sintà*.
 Sentença: *sentença*.
 Sentenciar: *condenà*.
 Sentido: *sintido*.
 Sentimento: *sintimente*.
 Sentina: *latryna*.
 Sentir: *sintí*.
 Separação: *separaçon*.
 Separar: *separà*.
 Sepulchro: *tumba*.
 Sepultar: *enterà*.
 Sepultura: *coba, supultura, sepul-tura*.
 Sequito: *companhamente*.
 Ser, verbo: *sedo*.

Ser: *cussa; bida*.
 Serão. Fazer serão: **djombae** (Mand.).
 Sereia: *sareia*.
 Serena, o: *sereno*.
 Serenar: *serenà*.
 Seringa: *siringa*.
 Sringar: *siringà*.
 Sermão: *sermon*.
 Serpente: *serpente*.
 Serra: *sera*.
 Serrador: *sarador*.
 Serrar: *sèrà*.
 Sertão: *mato*.
 Serviço: *sirbís*.
 Servo: *criado, serbo* (?).
 Sessenta: *sassenta*.
 Sesso: *cadera*.
 Sete: *sete*.
 Setecentas, os: *setecentos*.
 Setenta: *setenta*.
 Seu: coisa sua *de-bô*: seu delle, *de sen, «de sôl»*.
 Sexta-feira: *sesta-fêra*.
 Sextante: *sestante*.
 Signal: *sinal*.
 Significação: *significaçon*.
 Significar: *significà*.
 Silencio: *silenc*.
 Sim: *sin*.
 Similhante: *simidjante, pàrcido*.
 Simonte: *simonte*.
 Simples: *simple; nõcente*.
 Simplorio: **djirae**.
 Sina: *sina*.
 Sinapismo: *salapismo*.
 Singrar: *djogà-maron*.
 Sino: *sino*.
 Siso: *djis*.
 Sisudo: *serio*.
 Só: *só*.
 Soalhado: *tagoado*.
 Soão: **confentet, confento** (Pel).
 Soar: *cudí*.
 Sobaco: *sabaco*.
 Sobejar: *sobdjà*.

Sobejo: *sobedjo, sobidjo, sôbis*.
 Soberba: *soberba*.
 Soberbo: *soberbo*.
 Sobre: *sobra, regto*.
 Sobrado: *sobrado, sobrade*.
 Sobrar: *sobrã*.
 Sobre: *riba, ryba*.
 Sobrecasaca: *sobrecassaca*.
 Sobremessa: *sobormessa*.
 Sobrenome: «*mantenha*».
 Sobretudo: *mórmente*.
 Sobrinha, o: *sobrinha, o; sobry-nha, o*.
 Soccorrer: *cudi, djudd*.
 Soccorro: *socôr, sacôr, sacur*.
 Socegado: *socegadq*.
 Socio: *companhêr*.
 Soco: *soco*.
 Soffrer: *sufrê*.
 Soffrimento: *sufrimente*.
 Sol: *sol*.
 Sola: *sola*.
 Solavanco: *solabanco*.
 Soldado: *soldado*.
 Soldo: *soldo*.
 Soleira: *batente-de-porta*.
 Soletrar: *soletrã*.
 Soltar: *soltã, largã*.
 Solto: *solto*.
 Soluçar: *soluçã, saluçã*.
 Solução: *saluç*.
 Som: *son, toáda*.
 Sombra: *sombra*.
 Somente: *somente*.
 Somitigo: *somítigo*.
 Somma: *soma*.
 Somno: *sono*.
 Somnolento: *q'o chamí sono*.
 Sonda: *sonda, prumo, plumo*.
 Sondar: *sondã*.
 Sonhar: *sonhã*.
 Sonho: *sonho*.
 Sonso: *sonso*.
 Sopa: *sôpa*.
 Sopapo: *sôpapo, bafatada*.
 Soprarr: *soprã*.
 Sordido: *p'cco, porcadjon, sobodjado*.

Sorrir: *ri; nhnênhê, nhinhi*
 (Mand.), por zombaria = riso
 semsaborão, mostrando a den-
 tuça.
 Sorte: *sorte*.
 Sotão: *antudjo*.
 Sotaque: *djiria*.
 Soinho: *son*.
 Sua: *bo, se*. Na sua casa, na *bo cas-*
sa. Em casa delle, na *se cassa*.
 Suado: *calorado*.
 Suar: *calorã*.
 Subir: *sibi*.
 Subida: *subida, sibida*.
 Sudoeste: *sudoeçte*.
 Sueste: *sueçte*.
 Sufficiente: *bastante*.
 Suffocar: *fogã, forontã, sufocã*.
 Suicidio: *matã-cabça*.
 Suja, o: *susso, sus*.
 Sujar: *sussã*.
 Snjidade: *porcadya; sussidade* =
 excremento, *susdade*.
 Sul: *sul*.
 Suleo: *rego*.
 Sumisso: *sumisso*.
 Suor: *calor*.
 Superior: *garande*.
 Superstição: *querença*.
 Surdo: *surdo*.
 Surra: *surra, sura, sôte*.
 Suspeição: *discunfiança*.
 Suspeitar: *discunfiã*.
 Suspende: *suspendê*.
 Suspirar: *suspirã*.
 Suspiro: *suspir (?)*, folgo.
 Sustentação: *sustentuçon*.
 Sustento: *mantimento*.
 Sueto: *sugto*.
 Syphilis: *squentamente*.

T

Tabaco: *tabaco*.
 Tabefe: *tabefe*.
 Taberna: *taberna*.

Taboa: *tágoa*.
 Taboado: *tagoado*.
 Tabú: *tábú*, *malgôs*, *q'o ten iran*.
 Tacão: *tacon*.
 Tachada = bebedeira: «*móco*».
 Tacho: *tacho*.
 Taful: *djanota*.
 Tainha: *tainha*, *taynha*.
 Táipal: *cerceo*, *tabanca*.
 Taipar: *cercá*.
 Talentão: *talentaço*.
 Talento: *talente*.
 Talhar: *tàdjà*.
 Talhe: *forma*.
 Talvez: «*atalas bes*», *nó-se*.
 Tamanho: *tamanho*.
 Tamara: *tambra*.
 Tamarindo: *amarinho*.
 Tamarindeiro: *amarinho*.
 Também: *tamben*.
 Tambor: *tambor*.
 Tamboril: *cotil* (Mand.).
 Tampa, o: *tampa*, *tampo*.
 Tanchagem: *tanchás*.
 Tanga: *lopé*; *acatá*; *baléfet*,
 balefét, (Fulupo).
 Tanger: *tocá*.
 Tangomão: *tungumã* (mulher chris-
 tã indígena da classe dos gru-
 metes).
 Tanho: *tanho* = celeiro: = esteirão
 de pequenas varas, *cándjam*
 (Pepel).
 Tanto: *tanto*.
 Tapada: *tapada*.
 Tapar: *tapá*.
 Tapisca: *fornha de pó*.
 Taponna: *tapona*.
 Tardança: *tardança*.
 Tardar: *tardã*.
 Tarde: *tarde*.
 Tardo: *bagarôs*.
 Tarrafa: *tarrafa*.
 Tarro. *bólí* (Mand.).
 Te: *bo*.
 Tecedor: *ticidor*.
 Tecer: *ticí*.

Teima: *têma*.
 Teimoso: *têmôs*.
 Telha: *têdja*.
 Telhado: *têdjado*.
 Temor: *mede*.
 Tempera: *tempra*.
 Temperar: *temprã*.
 Tempestade: *turbada*.
 Tempo: *tempo*.
 Temporal: *turbada*.
 Tensão: *sintido*.
 Tenda: *tenda*.
 Tendão: *tendon*.
 Tentação: *tentaçon*.
 Tentador: *tentador*.
 Tentar: *tentã*.
 Ter: *ten*.
 Terçado: *tarçade*.
 Terça-feira: *térça-fêra*.
 Ternura: *ternura*.
 Terra: *têra*.
 Terral: *cunfento*, *confentet*
 (Pepel).
 Terrina: *tarina*.
 Terror: *spanto*.
 Teso: *risso*.
 Tesoira: *tissora*.
 Testa: *teçta*.
 Testículo: *obo*.
 Testo: *testo*.
 Teta: *mama*.
 Teu: *de-ló*.
 Thesoureiro: *chàbêro*.
 Thesoiro: *riqueessa*.
 Tia: *tya*.
 Tição: *pó-de-fugo*.
 Tigela: *tissela*.
 Tigre: *onça*.
 Tijolo: *tissol*.
 Tina: *tina*.
 Tingir: *tindjí*.
 Tinha: *b'choca*: *sarna*.
 Tinta: *tinta*.
 Tinteiro: *tintêro*.
 Tio: *tyo*.
 Tiquetaque: *tic-tac*.
 Tiritar: *termê*.

Traz: *trás*.
 Tiro: *tiro*.
 Tisico: *tisgo, tizgo*.
 Tisnar: *tisnà*.
 Toada: *toída*.
 Toalha: *toádja*.
 Toca: *coba*.
 Tocador: *tocador*.
 Tocar: *tocà*.
 Todavia: *contudo*.
 Todo: *todo*.
 Toicinho: *tôcinho*.
 Toiro: *tôro*.
 Toldar: **fungulí** (Mand.).
 Toldo: *toldo*.
 Tolete: *tolete*.
 Tolher: *tôdjê*.
 Tolice: *tolis*.
 Tolo: *tolo*.
 Tom: *ton*.
 Tomar: *tomà, tamà*.
 Tomate: *camate*.
 Tombadilho: *sobrade-de-nabyo*.
 Tombar: *tombà*.
 Tombo: *quêda*.
 Tonel: *tonel*.
 Tonelada: *tonelada*.
 Tonteira: *tontêra*.
 Tonto: *tônto*.
 Tontura: *tontura, tontura*.
 Topada: *topada*.
 Topete: *topete*.
 Toque: *toque*.
 Torcer: *tôrcê*.
 Torcida: *torcyda*.
 Torcido, a: *torcido*.
 Tormenta: *tormenta*.
 Tornar: *torrà*.
 Tornar-se: *bidà*.
 Torneira: *tornerà*.
 Torno: *torno*.
 Torquez: *torquês*.
 Torrente: *côrente*.
 Torresmo: *toresmo*.
 Torto: *torto*.
 Tosar: *sotà*.
 Tosquia: *tusquía*.

Tosquiar: *tusquidà*.
 Tosse: *tús*.
 Tossir: *tússi*.
 Tostão: *toston*.
 Toutiço: *totis*.
 Trabalhar: *tarbadjà*.
 Trabalho: *tarbadjo*.
 Traçar: *riçcà*.
 Traço: *riçco*.
 Traduzir: *displicà*.
 Tragar: *angulí*.
 Trahir: *anganà*.
 Traição: *traigon*.
 Traidor: *traçoêro*.
 Trajar: *bistí*.
 Trajo: *bistido*.
 Trambulhão: *trambudjon*.
 Trampa: *cocó, lãla, susdade*.
 Tranca: *tranca*.
 Trança: *trança*.
 Tranqueira: *tabanca, tranquêra*.
 Transformar: *bidà*.
 Transtornar: *dànà*.
 Trapaça: *tarpaça*.
 Trapacear: *tarpaceà*.
 Trapaceiro: *tarpacêro*.
 Trapalhada: *tarpadjada*.
 Trapalhão: *tarpadjon*.
 Trapo: *ratadjo*.
 Traque: *pêde*.
 Traquete: *traquete*.
 Tratante: *tratante, tartante*.
 Tratar: *taratà, tratà*.
 Travanca: *tarbanca*.
 Trabe: *biga*.
 Travesseiro: *tarbessêro*.
 Traseiro: *bunda* (Brasil?).
 Trazer: *tissi*.
 Tremelga: *termelga*.
 Tremem: *termè*.
 Tremura: *termura*.
 Trepar: *sibí*.
 Trepiche: *terpiche* (Caboverde).
 Tres: *terês*.
 Trese: *teresse*.
 Tresentos: *tressentos*.
 Trinar: *cantà*.

Trincar: *mordê*.
 Trinta: *trinta*.
 Tripa: *trypa*.
 Triste: *trigê*.
 Tristeza: *trigêssa*.
 Troca: *trocã*.
 Trocar: *trocã*.
 Troco: *toroco*.
 Tromba: *tromba*.
 Trombeta: *trombeta*.
 Tronco: *toronco*.
 Tropa: *tropa*.
 Tropeçar: *tropeçã, torpeçã*.
 Trouxa: *trocha*.
 Trovão: *trobon, turbada*.
 Trovejar: *fassê turbada*.
 Tu: *abô*.
 Tubarão: «*sarda*».
 Tudo: *tudo*.
 Tufão: *turbada; bento risso*.
 Tulha: *benten, tanho*.
 Tumba: *tumba*.
 Tumor: *inchás*.
 Tumulto: *robolta*.
 Turbante: *turbante*.
 Turbilhão: *pé-de-bento, remuinho; «serpente»*.
 Turco: *turco*.
 Turvo: *q'ô djumbulí (Mand)*.
 Tutano: *totano*.
 Tutor: *tutor*.

U

Uivar: *pupã*.
 Ultimo: *ultmo*.
 Um, uma: *um*.
 Umbral: *balente*.
 Unha: *unha*.
 Único: *un'co*.
 Untar: *untã*.
 Unto: *unto*.
 Urés: *réya*.
 Uretra: «*cano*».
 Urina: *ôryna*.
 Urinar: *ôrinã*.
 Uva: *uã*.

V

Vacca: *baca*.
 Vadio: *badyo, djirãe*.
 Vaga: *maron*.
 Vagabundo: *djirãe*.
 Vágado: *salúç*.
 Vaia: *pupo*.
 Valentão: *balenton*.
 Valente: *balentã*.
 Valentia: *balentia*.
 Valia: *balia; balor*.
 Valla: *fôs, coba*.
 Valor: *balor*.
 Vãgloria: *djatança*.
 Vapor: *bapôr*.
 Vaqueiro: *baqueador de baca*.
 Vara: *bara*.
 Varanda: *baranda*.
 Varar: *sãdjã*.
 Varella: *barela*.
 Vareta: *bareta*.
 Variar: *bidã, mundã*.
 Varredor: *bardor*.
 Varredura: *muntudo*.
 Varrer: *bãrê*.
 Vasar: *darmã*.
 Vascolear: *sacudí*.
 Vasculhar: = *alimpar, šacudí = buscar, biscã; feferê*.
 Vasseira: *bassora*.
 Vasio: *bassio, limpo*.
 Veia: *beia*.
 Vela: *bela*.
 Velacho: *belacho, belazo*.
 Velejar: *bordedjã*.
 Velha: *bedja*.
 Velhacaria: *bedjacaria*.
 Velhaco: *bedjaco*.
 Velhice: *bedjissa*.
 Velho: *bedjo*.
 Veludo: *beludo*.
 Vencedor: *bencedor, «rachador»*.
 Vencer: *bencê, «rachã»*.
 Vender: *bendê*.
 Veneno: *beneno, p'çonha*.
 Venenoso: *benenôs, p'conhente*.

Venta: *caba-de-naris*.
 Vento: *bento*.
 Ventre: *baryga*.
 Ventrudo: *barigudo*.
 Ventura: *sorte, bentiera*.
 Veo: *beo*.
 Vêr: *djobê* = «olho vê» e talvez
 também de: *endjo-bê*; ou *en*
dji-ô-bê (Pepel e creoulo) =
 eu-ver; eu sou ou estou ver, fór-
 ma que se teria generalisado a
 todos os tempos.
 Verão: *tempo seco*.
 Verdade: *bardade*.
 Verdadeira, o: *bardadero*.
 Verde: *berde*.
 Verdura: *berdiura*.
 Verga: *berga*.
 Vergastada: *bergastada*.
 Vergonha: *bargonha*.
 Vermelha, o: *bermedjo, burmedjo*.
 Vermelhaço: *bermedjaço*.
 Vermelho: *bermedjo, burmedjo*.
 Verruga: *baruga*.
 Verruma: *baruma*.
 Verso: *berso, cantiga, corda*.
 Vertigem: *tontera*.
 Vesgo, a: *besgo*.
 Vespa: *bespa, ong-iring-or* (Bi-
 jagô ou Fulpo).
 Veste: *bistido*.
 Vestido: *bistido*.
 Vestir: *bistí*.
 Vez: *bés*.
 Viagem: *biás*.
 Viajar: *fassê biás*.
 Vianda: *bianda* (comida d'arroz).
 Vicio: *castigo (!); pecado, bis (?)*,
fraquessa.
 Victoria: *bitoria, bencimente, guêra-*
sabe.
 Vida: *bida*.
 Vidro: *bidre*.
 Viga: *biga*.
 Vigamento: *bigamente*.
 Vigario: *nho padre*.
 Vigor: *força*.

Vil: *dispreziado, amonton*.
 Vinagre: *binagre*.
 Vingador: *bingador*.
 Vingança: *bingança*.
 Vingativa, o: *bingatibo*.
 Vinho: *binho*.
 Vinte: *binte*.
 Vintem: *binten*.
 Viola: *biôla; «tres-corda»*.
 Violão: *biolon*.
 Vir: *ben*.
 Virgem: *badjwda* (Banhun).
 Virilha: *bridja*.
 Visão: *odjada*.
 Visco: *m'nhalê* (Pepel).
 Visita: *bissita; mantenha*.
 Vista: *bista*.
 Vista, o: *odjado*.
 Viuva: *biúba*.
 Visinha, o: *bissinho*.
 Voar: *boà, buà*.
 Volta: *bolta*.
 Voltar: *boltà*.
 Voltar-se: *bidà*.
 Voltear: *bolteà*.
 Volver: *bidà*.
 Vomitar: *gomitâ, ramassâ*.
 Vômito: *gômito*.
 Vomitorio: *gomitorio (?)*.
 Vós: *bos*.
 Vosco: *cô bós*.
 Vossa: *bo*.
 Voto: *boto*.
 Voz: *bós, fala*.
 Vulgo: *pobe*.
 Vulto: *sombra, bulto; figura*.

X

Xarope: *charope*.
 Xerife: *cherife*.

Z

Zabumba: *sobumba*.
 Zanaga: *sanága*.

Zanga: *sanga, sangaçon*.
 Zarolho: *sarodjo, sarollo*.
 Zebra: *sinsin* (Mand).
 Zombar: *mangã*.

Zombaria: *mangaçon*.
 Zuarte: *burtindji* (de bretangil).

M. MARQUES DE BARROS.

SILVA MIRANDESA

Os *Estudos de Philologia Mirandesa*, que publiquei em 1900-1901 (2 volumes), não são trabalho completo nem definitivo; o proprio titulo o diz. Torna-se-me, pois, necessario ir pouco a pouco publicando outros elementos para o conhecimento da historia do idioma que se falla na Terra de Miranda.

Em 1902 fiz nova viagem a essa região, e, entre varios trabalhos que realizei, quasi conclui o *Vocabulario Português-Mirandês*, que ha muito eu tinha começado ¹; não sei porém ainda quando poderei prepará-lo para o prelo.

Com o titulo de *Silva Mirandesa* ² vou dar agora a lume varias séries de artigos avulsos sobre lexicographia, grammatica, litteratura, etc., — materiaes que poderão um dia ser aproveitados, em obra synthetica, por mim ou por outrem.

I

MIRANDÊS ARCHAICO

Nos *Estudos*, II, 25, manifestei a esperanza de um dia encontrar em cartorios publicos e particulares da Terra de Miranda manuscritos em que pudesse colher maior numero de vocabulos archaicos do que os que publiquei *ibidem*, p. 16-25. Em 1902 procedi a diversas buscas, mas os resultados a que cheguei foram muito diminutos. Aqui darei noticia d'elles ³.

¹ Cf. *Estudos de Philol. Mir.*, I, 25 e nota 2.

² *Silva* é palavra que tem, entre outras, a significação de «miscellanea», e como tal tem sido usada na nossa litteratura: cf. *Silva Moral e Historica* do Padre João da Fonseca (sec. XVII), *Mosaico e Silva* de Camillo Castello Branco, etc. Já em latin existia *silva* no mesmo sentido; cf. *Silvae* de Papinio Estacio.

³ Aos srs. Conego-Prior Moraes Calado e Capitão Adriano Beça, e a todos os funcionarios da Camara e da Administração do concelho de Miranda agradeço os obsequios que me dispensaram, facilitando as minhas buscas.

Deve entender-se que os manuscritos que compulsei não são mirandeses, mas sim portugueses. Os vocabulos mirandeses que ahí apparecem, e que copiei, pertencem a tres classes: 1) technicos, — e por isso se comprehende que se reproduzissem taes quaes, ou com pouca differença —; 2) nomes proprios; 3) vocabulos que pela força do habito escaparam a quem escreveu. Cito tambem alguns vocabulos que, sem serem propriamente mirandeses, são traducção ou portuguesamento de vocabulos locaes.

a) Sec. XVI:

No *Livro dos Privilegios*, ms. da Camara Municipal de Miranda, anno de 1532, encontrei as seguintes palavras:

Antom, nome de homem.

Antona, nome de mulher. Repetido. E' morphologicamente o feminino de *Antom*.

Augoas Vivas, nome de uma aldeia: vid. *Estudos*, I, 61. Em documentos antigos é vulgar encontrar-se *gu* em casos em que hoje se escreve *g*: o *u* não se pronunciava (ex.: *figuo*, *formigua*); mas quando se encontra *o*, é natural que este se pronunciasse, senão sempre, pelo menos geralmente. A pronuncia *augoa* em *Augoas Vivas* não era impossivel, pois que ainda hoje em algumas terras de Portugal ella se ouve.

Espiciosa, nome de uma aldeia, hoje chamada *Especiosa*: vid. *Estudos*, I, 82. E' a data mais antiga em que tenho encontrado esse nome. — *Especiosa* foi muito provavelmente na origem nome de mulher; já nas *Inscriptiones Hispaniae Christianae*, Suppl., de E. Hübner, se encontra *Speciosa*, como nome proprio.

Genizio, nome de uma aldeia: vid. *Estudos*, I, 84. Esta fórma é pois anterior a *Genesisio*, que citei *ibidem*.

Molinheiro, appellido («Diogo Molinheiro»). Esta palavra é meia portuguesa e meia mirandesa, pois vem de *molino*, que significa «moinho»: isto é, corresponde a *molineiro* «moleiro». Nas regiões bilingues como a Terra de Miranda dão-se muitos phenomenos da natureza d'este. Outro exemplo, está na palavra hespanhola *Galicia*, a par de *gallego*: em *Galicia* o *-l-* simples é devido á pronuncia do gallego, que muda os *-ll-* latinos intervocalicos em *-l-*, como o português (lat. *Gallaecia*); em *gallego* os *-ll-*, que valem por *l* molhado, são devidos á phonetica hespanhola, que muda os *-ll-* latinos em *-ll-* (lat. *Gallaecus*). Mesmo sem ser em regiões bilingues, o facto se observa com frequencia.

Ortega e Ortegua, appellido. *Ortegua* com *gu* = *g* entra na categoria a que acima me referi. Talvez este nome seja de origem hespanhola.

Palagoulo (escrito por engano com *e*), nome de uma aldeia: vid. *Estudos*, I, 89. E' mais um exemplo para juntar aos que ahí publiquei.

Quintam de Tutirás, nome de uma aldeia. A primeira palavra é portuguesa. A segunda não sei o que originariamente significaria.

Yffanez, nome de uma aldeia: vid. *Estudos*, 1, 86. Este exemplo augmenta a série que ahí dei das fórmulas do nome.

b) Sec. XVII.

As palavras que vou agora colleccionar encontrei-as nos seguintes manuscritos: no *Tombo dos bens* da Confraria de Santa-Cruz, de 1658, que consultei na sede d'esta confraria; e em papeis pertencentes á Ex.^{ma} Familia dos Sousas. Estes mss. noto-os aqui respectivamente por TOMBO e SOUSAS.

alinterna: «hũa alinterna» (TOMBO), lanterna. Hoje em mir. diz-se *linterna*, como tambem noutros fallares de Portugal.

almario, armario (SOUSAS). Hoje diz-se *almario*. Tanto *almario* como *almario* se encontram tambem popularmente em português.

azeiteira: «hũa azeiteira» (TOMBO), almotolia. E' termo ainda hoje corrente em mirandês.

Barrial, nome de sitio, freg. de Miranda (SOUSAS). Ainda existente.

burato: «dous veus de *burato* vermelhos» (TOMBO). *Burato* é palavra portuguesa antiga, e significa certo tecido; hesp. *burato*, fr. *burat*, ital. *buratto*.

cabanal: «cabanal ou alpendre» (SOUSAS). Em mir. diz-se *cabanal*; a fôrma *cabanal* é traducção da mirandesa.

caleja: «parte.. do poente com huã *caleja* do concelho» (SOUSAS; a fôrma repete-se). Hoje *caleja*: quêlha, viella. Cf. gallego *caleja* (*calexa*), hesp. *callega*. — A fôrma mir. devia ter *-lh-*, como bem o mostra a hesp. *callega* e a gall. *calexa*, — deriv. do lat. *callem* —, por isso que os *-ll-* lat. deram *-ll-* = *-lh-* em hesp. e mir., e *-l-* em gall. (e port.). Deve pois admittir-se que o mir. *caleja* veio de algum fallar português visinho.

Colága do Inferno, nome de sitio, perto da cidade (SOUSAS). Ainda existente. A palavra *colaga* significa «viella», e é conhecida noutras regiões da raia transmontana: vid. *Rev. Lusit.*, 1, 209 (artigo de G. Vianna).

cortinheiro: «hum *cortinheiro* por baixo da ejra»; «hum *cortinheiro* tapado de parede, ao pé da fonte» (SOUSAS). Com quanto em mir. devesse ser *-neiro*, cito este termo aqui, por ter caracter local. Parece significar o mesmo que *cortinha*, campo (perto da casa?) cercado de parede. A' palavra *cortinha* corresponde *cortina* em mirandês. — Deriv. do lat. *corte* (*cohorte*).

espavilar: «hũa thizoura de *espavillar*» (TOMBO). No mesmo doc.: «humna thesoura de *espavilar*», onde *espavilar* = *espavilar* é traducção ou aportuguesamento de *espavilar*. Hoje creio que não se usa uma nem outra. — *Espavilar* deriva de *pavilo*, moderno *pábilo*. Ao mir. *pábilo* corresponde o hesp. *pábilo*, com deslocamento de accentó,

e o port. *pario*. Cf. *espabilado* «esperto», em Moimenta (na raia), e hesp. *desparilado*: vid. *Rev. Lusit.*, I, 219 (artigo de G. Vianna). — O etymo tem sido bastante discutido: mas nem *papyrus*, nem *pabulum*, propostos para isso, satisfazem a phonetica portugueza.

Fresno: «na ribeira do Fresno» (Sousas). Este rio passa ao pé de Miranda. Cf. *Estudos*, I, 125. — E' o documento mais antigo que conheço em que se cita o nome do rio.

honras: «e no dia de minhas *honras*, que será com brevidade, se me faça hum officio de nove lições» (Sousas¹). Significa «exequias» (vid. infra). — Cf. hesp. *honra*: «oficio solemne que se hace por los difuntos, algunos dias despues del entierro. Hácense tambien anualmente por las almas de los difuntos» (*Dicc. de la Acad.*). A palavra não a conheço em português.

horto: «outra terra... com seu *horto* no meio» (Sousas). *Horto* é aporuguesamento do mir. *horto* «horta».

lata: «hũa *lata* de terra» (Sousas). Expressão ainda hoje lá usada na forma *lhata* «courelha de terra».

Mancoeiro: «no sitio que chamão o *Mancoeiro*» (Sousas).

Marégo, nome de um cerrado (Sousas). Ainda existe.

morilho: «dous *morilhos* ou *trasfugejros*² de ferro pequenos de fogão» (Sousas). A phrase citada contém a definição. *Morilho* é mir. archaico, vindo do hesp. *morillo*. Hoje diz-se *strofoqueiro*.

mulo: «caminho dos *mulos*, que é do Redondal» (Sousas). Temos aqui de certo uma palavra correspondente á ant. port. *mulu* e hesp. *mulo*: lat. *mulus*. Em mirandês não a conheço actualmente; mas esta citação prova que ella ahí existia ainda no sec. XVII. O *l* conservou-se, segundo a lei enunciada nos *Estudos de Philol. Mir.*, I, 265, § 112.

Palaio (S.): «quinta de Sam Palaio» (Sousas, e repete-se esta expressão). *Palaio* é fôrma genuinamente mirandesa, onde o *l* do lat. *Pelagius* se conservou como em *mulo*: vid. este vocabulo. A fôrma hesp. correspondente é *Pelaio*; a port. é *Paio*. O *e* mudou-se em *a* por influencia do *l* seguinte.

palanca: «hũa *palanca* de ferro» (Tombo), alavanca, panca. E' também palavra genuinamente mirandesa; ainda hoje usada. Corresponde-lhe *palanca* em hespanhol, e *panca* (por *paanca*) em português, pela mesma lei do *-l-*, citada s. v. *mulo*. O etymo está em *palanga* = *phalangy* (**palanca*).

Romano: «no sitio que chamam o *Poço dos Romanos*» (freguesia de Miranda); noutro doc.: *Poço Romano* (Sousas). Hoje diz-se em port. *Poço-Romão*. Vê-se que *Romão* (port.) corresponde regularmente ao mir. *Romano*: lat. *Romanus*. Sobre a conservação do *-n-* vid. *Estudos*, I, 256, § 109.

¹ Em um testamento.

² = *trasfugeiros*; *g* por *gu* é corrente na orthographia antiga.

sancristia, sacristia (Tombo). Em mir. moderno *sancristië*; mas *sancristia* é forma popular muito usada em todo o país.

Telhares: «quinta de *Telhares*» (Sousas). Com quanto eu não conheça a palavra hoje, não ha duvida que ella é mirandesa pelo menos antiga, pois em hesp. diz-se *tejar*; a forma port. correspondente é *telhal*.

Torronha, nome de sitio (Sousas). Sobre esta palavra, vid. *Estudos de Philol. Mir.*, I, 122.

Valdenero e Valdenefro, nome de sitio (Sousas); repete se nas duas formas. Hoje diz-se *Valdineiro* (= Val.*dineiro?).

c) Sec. XVIII.

Num Tombo da Camara Municipal, do anno de 1745, encontrei os seguintes nomes de sitios dos arredores da cidade:

Canada do Carrascalico. A palavra *canada* é propriamente traducção ou aportuguesamento do mir. *canhada*, caminho apertado entre propriedades. Sobre o suffixo *-ico* vid. *Estudos*, I 334 sqq.

Pelaio (S.): «quinta de S. Pelaio». Vid. *Palaio (S)* supra.

Resbolina. Ignoro o que na origem significa.

Valico. Traducção do mir. *ballico*. Sobre o *-ico* vid. supra.

No mesmo Tombo ha mais estes nomes proprios:

Avellanos. Cf. *Estudos*, II, 46 sqq.

Orreta das Quintanas. Temos aqui dois nomes genuinamente raianos.

Val-lhorigo: «monte de Vallhorigo»; «val de Val lhorigo». Com quanto eu não conheça actualmente na lingua commum a palavra *lhorigo*, o *lh* inicial revela phonetica mirandesa. No onomastico do Minho ha *Lorigo* avulsamento; e em hesp. corrente ha *loriquillo*, certo arbusto. Teremos nestas palavras um derivado do lat. *laurus*? Quanto a o < lat. *av.* cf. já em latim *laetum* por *lauretum*.

Em um testamento de 1770, de um individuo de Aldeia Nova, concelho de Miranda, — testamento existente no archivo da Camara Municipal do mesmo concelho —, lê-se a seguinte clausula, em que ha noticias ethnographicas e expressões dignas de nota: «disse mais ella testadora que lhe ofreça em sua sepultura sen marido, .hum anno com pão, vinho e sera, como se custuma neste lugar ¹; disse que lhe dem duas *caridades* ² de seis alqueires de pão cada hũa, e hũa no dia das suas *honras* ³, outra no dia do seu *cabo de anno* ⁴».

Em outro testamento (de 1775): «no dia do seu interro e no dia das suas *outras*, e no dia do seu *cabo d'anno*».

¹ E' costume, ainda hoje, collocar sobre a sepultura pão, vinho e cera; o padre reza um responso, e recebe essas offerendas.

² = distribuição de esmolas aos pobres.

³ = exequias. Vid. um dos vocabularios que publiquei supra.

⁴ = anniversario.

d) Sec. XIX.

Nas *Posturas* (manuscritas) da Camara, 1845, acham-se estas palavras:

folha: «é prohibido o gado, de qualquer qualidade que seja, apresentar-se nos campos a que vulgarmente se chama *folha*» (art. 31). *Folha* é um conjuncto de *adís*; e *adil* uma terra de pousio (este termo não é especial a Miranda: cf. *Rev. Lusit.*, 1. 203).

gadeiro, guardador de gado: «fica prohibido aos *gadeiros* o trazerem cabras com outros rebanhos» (art. 39). Esta palavra não é mirandesa propriamente dita, mas é local; transcrevo-a por isso, e porque supponho que é traducção da palavra mirandesa correspondente *ganadeiro*, deriv. de *ganado* «gado» (em port. do Alto Minho e em gallego *gundo*).

sumacral: «nas hortas, vinhas, lameiros ¹, searas, *sumacraes*» (art. 38). Ao *sumagre* chamam os mirandeses *sumacre*. O plural mirandês de *sumacral* é *sumacrales*; mas *sumacraes*, que está, quanto ao pl., escrito á portugueza, tem do mirandês o som *c*.

trambolho: «fica prohibido desde 15 de Agosto até findar a vindima andarem os cães soltos, ou sem *trambolho*» (art. 43). O *trambolho*, — em mirandês propriamente *tarambôlho* —, é um pau preso ao pescoço do cão com uma corda ou correia.

vezeira: «as juntas de parochia nas suas freguesias farão que nellas haja guarda de porcos a que vulgarmente neste concelho se chama *vezeira*» (art. 27). O nome da manada é *vezeira* (i. é *bezeira*); o guarda chama-se *bezeireiro*.

II

NOTÍCIAS HISTÓRICAS

Quando nos *Estudos de Philol. Mir.*, I, 137 sqq., estudei a renovação intellectual que a criação do bispado de Miranda tinha ahí produzido, do que resultou o successivo esquecimento do idioma mirandês, referi-me a Simão Preto e Manoel de Matos Botelho, como escriptores.

De um e outro encontrei algumas noticias ineditas que vou tornar conhecidas.

a) SIMÃO PRETO.

O que encontrei a seu respeito é muito pouco; apenas o seguinte, escrito por elle proprio num livro de contas da confraria de Santa Cruz, a que já acima me referi:

«cometto a João M.^{el} de Mattos, escrivão do auditorio, a rubrica d'este livro, que ha-de servir p.^a as contas da confr.^a de S. Cruz desta

¹ = campos de herva. A mesma accepção tem esta palavra noutras terras.

cid.*; e fará no fim termo de encerramt.*—Mir.^{da} 17 de Fev.^{ro} de 1763.—SIMÃO PRETO».

Barbosa Machado, *Bibl. Lusit.*, quando falla de Simão Preto, não cita datas de nascimento nem de fallecimento; apenas cita uma obra de 1730, que eu tambem citei nos *Estudos*, I, 137. Este documento mostra que Simão Preto ainda vivia em 1763. Que elle exerceu um importante cargo na relação ecclesiastica de Miranda, foi já dito nos *Estudos*, ibidem.

b) MANOEL DE MATOS BOTELHO.

Como se lê nos *Estudos*, I, 143 e 150, Manoel de Matos Botelho¹ foi abbade de Duas-Igrejas, e pessoa de certo valimento. Em fins de Setembro de 1902 passei dois agradaveis dias na abbadia de Duas-Igrejas com o venerando arcipreste, o Rev. Sr. João Antonio da Rocha, que me permittiu com toda a franqueza o exame do antigo cartorio da freguesia, onde encontrei algumas noticias que dizem respeito á biographia de Matos Botelho, as quaes passo a referir.

1690. Em 11 de Junho de 1689 fez o Dr. Domingos Pires, mestre-eschola na sé de Miranda, uma visitação a Duas-Igrejas². Em 15 de Outubro de 1690 diz Manoel de Matos Botelho no livro parochial em que se menciona esta visitação:

«A visita atrás, do Dr. Mestre Escholla, publicou o Rev. Abb.* meu antecessor, como nella se contém; e por assim me constar, o certifico por elle.—Duas-Igrejas, do Outubro 15 de 1690.—MANOEL DE MATOS BOTELHO».

D'esta noticia infere-se que elle começou a exercer aqui o cargo de abbade em 1689 ou 1690; mais provavelmente em 1690.

1705. Em 19 de Novembro de 1705 datou e assinou em Duas-Igrejas o trespado de uma pastoral do arcebispo-bispo de Miranda D. João Franco de Oliveira.

1706. Em 3 de Fevereiro de 1706 datou e assinou o trespado de uma pastoral do mesmo bispo.—Em 28 de Dezembro declarou no livro parochial ter publicado aos fregueses a visitação que em 4 do mesmo mês realizára em Duas-Igrejas o conego magistral da sé de Miranda D. Hieronymo Preto e Lemos. Na noticia da visitação diz o conego, com elogio para o abbade Matos Botelho:

¹ Natural de Lisboa, onde nasceu em 1661; vid. Barbosa Machado, *Bibl. Lusitana*, s. v.

² As visitas que os bispos faziam ou mandavam fazer ás igrejas chamavam-se *visitações*; e d'ellas ficavam noticias em livros especiaes. Nessas noticias se consignavam as impressões dos *visitadores* a respeito do bom ou mau estado em que encontravam as igrejas. Os parochos eram obrigados a *publicar* á missa as mesmas noticias.

«Em quanto ao que pertence ao Rev. Abbade, não tenho mais, que louvar-lhe o grande zelo com que se ha, assim no que pertence às cousas da Igreja, como no bom exemplo e singular direcção que dá aos seus fregueses com o bom pasto espiritual».

Este elogio, que li no texto original, não era simples chancella, porque no mesmo livro em que elle foi exarado ha varias censuras a abbades anteriores.

1707. Em 6 de Julho de 1707 trasladou Matos Botelho outra pastoral do dito bispo.

De 1755 em deante figura como abbade nos livros parochiaes de Duas Igrejas Placido Botelho de Matos, provavelmente parente de Manoel de Matos Botelho.

III

OBSERVAÇÕES PHONETICAS

1) Influencia das palataes.

Nos *Estudos*, II, 338, citei exemplos sendineses de substituição de -g- < -C-, depois de *i*, por *y*, ex. *fiyo* < *fieu*-.

Este phenomeno observa-se, pelo menos, tambem em Paradella, como os seguintes factos o provam:

<i>amiyo</i>	<>	port. <i>amigo</i>
<i>barriya</i>	<>	port. <i>barriga</i>
<i>bexiya</i>	<>	port. <i>bexiga</i>
<i>bexiyas</i>	<>	port. <i>bexigas</i>
<i>biyote</i>	<>	hesp. <i>bigote</i> (port. <i>bigode</i>)
<i>cigarro</i>	<>	port. <i>cigarro</i>
<i>contiyo</i>	<>	port. <i>contigo</i>
<i>fiyado</i>	<>	port. <i>figado</i>
<i>fiyo</i>	<>	port. <i>figo</i>
<i>spiya</i>	<>	port. <i>(e)spiga</i>

Em Palaçoulo, Prado-Gatão e Picote ouvi, porém: *figo* e *spiga*, com -g-.

A substituição de -g- por *y* é devida á influencia do *i* que precedia o *g*.

Esta influencia do *i* manifesta-se em Paradella, tambem na palatização do *c* e do *g* em palavras como *fico*, *pico*, *cinco*, suffixo -*ico*, -*ica* (*coifica* etc.),—*domingo* e *pinga* (mas: *bóca*, *brecá*,—*arrega* «rega», *lhüugo* «logo»). A palatização de *c* e *g* ao contacto de *i* tenho-a observado tambem em dialectos portuguezes. Notavel é que, ao passo que em certos fallares do Sul de Portugal o *t* se palatiza depois dos di-

tengos de subjunctiva *i*, em Paradella se diga *oito*, *peito* com *t* normal. O *lh* não experimenta modificações: *filho* etc.

Em *yün* «eu» e *yá* «já», o *y* não é o mesmo de *fiyo*, *spiya*, nem o *y* do *yün* de Duas-Egrejas, mas uma variedade igual á que em certas localidades tem o *y* hespanhol.

2) Syncope de -g- secundario.

Aos exemplos de syncope de -g- secundario, isto é, proveniente de -C-, que citei nos *Estudos*, I, 272 (*Portual* ou *Pertual*, e *portués* ou *perlués*), pôde addicionar-se mais um: é *nueira* «nogueira» de *nucaria, forma que porém concorre com *nuzeira*, que deriva immediatamente de *noz*.

3) Syncope de -v-.

O -V- syncopou-se em: *stíl* «sitio, debaixo de arvores ou fragas, onde o gado está á sombra», — de *aestivile (derivado de *aestivus*); *stiar* «ficar o gado á sombra no verão», — de *aestivare* (cf. port. *estiar*); *buil* «curral de bois», — de *bovile* (cf. hesp. *boíl*).

Stíl e *stiar* relacionam-se com o que se disse nos *Estudos*, I, 253 (syncope de *v*); quanto a *buil*, o -V- de *bovile* syncopou-se por dissimilação de *b v* (assim se explica que o lat. *böve*-, onde ha duas consoantes labiaes, se tornasse *boi* em port., *buey* em hesp., e *bui* em mir., ao passo que *növe*-, que tem a mesma terminação que *böve*-, mas onde ha uma só consoante labial, se tornou naquellas lingoas respectivamente *nove*, *nueve* e *ngbé*).

IV

CANTIGAS POPULARES

1) Várias:

Miê capica d'onras ¹,
Feita por tras de parédes:
Quiz' m'ascuita, de si õube...
Assi m'aenntece a las bézes!

Dei um ai que fizo tremér
La maçana a l alcipreste ²:
Nunca se m'ha-de squagér
Õna fala que me dèste!

La cantiga d'la segada
Eilha yê mai alegre:
Eilha mésma bai dezindo:
— Quiqm t'arramõu ³ que te segue.

Dei um ai a la tũe porta,
Dei õutro a la tũe jinela,
Outro ne meio de la rũe:
Naide sõube por quem ⁴ era!

¹ Cf. *Estudos*, I, 43.

² «derramou».

³ «eypreste». Tambem se diz *acipreste*, como na lingoagem popular portuguesa. — Phenomeno comparavel é o mirandês *alcadute* «aqueducto».

⁴ *Quqm* ou *quĩqm*, como *bqm* ou *biqm*, *quqro* ou *quĩqro* etc. Cf. *Estudos*, I, 182.

Lhebantórû-m' ùna fama,
Que nada me dá por eilha ¹;
Auga clara nũ s'antúrbia ²
Sĩ prumeiro bulhir neilha.

Se tu me quijiras bẽm,
D'la raiz de l coraçõ,
Tu me beniras a bẽr,
Q'las nites bẽm grandes sõe.

Se tu me quijiras tanto,
Como yõu te quẽro a ti.
L nõsso q'çer fura tanto,
Que nunca tubira fĩ.

S. Gunçalo d'Amarante,
Feito de palo d'amieiro ³,
Armano d'las miẽs chamancas,
Criado no miu lhameiro.

La eigha stã cõixa.
La culpa tẽ la l perrico,
Que le cubrõu ùna pata.
A la custa de l ballico.

2) A S. Antonio:

Sant'Antonio de Lisboa,
Santo de miẽ deboçõ,
Quebrai ls diẽtes als ratos,
Nũ se bã a l çerrõu... ⁴.

L cordeiro nũ yẽ miu,
Antenho, bẽm l sabeis:
L cordeiro yẽ de miu pai,
L pago bõs l' dareis.

L pago que l' heis de dar
Yõu bos l bõu notar:
Salbaçõ nõtro mundo;
Neste, bẽm que trincar.

Sant'Antonio de Lisboa,
Santo bẽm abenturado,
Quebrai las piẽnas a l lhõbo,
Que nũ se baia a l ganado!

V

SONETOS À CIDADE DE MIRANDA

Do soneto que publiquei nos *Estudos*, I, 148-149, attribuido a certo bispo de Miranda, ha outras versões. Aqui reproduzo mais uma, que se lê no *Clamor Nacional*, n.º 4, de 19 de Julho de 1902 (Lisboa), e bem assim uma resposta ao mesmo soneto, publicada no mesmo jornal e n.º Os dois sonetos estão bastante incorrectos, prova de que não provêm directamente do manuscrito original, mas de que andaram na memoria.

1) *Soneto a Miranda*:

Um bispado com dezoito prebendados;
Quatrocentos vizinhos, mil prejueros;
Vinte infanções, trezentos villões puros;
Uma alfandega, cova de malvados!

¹ «não me importo d'ella».

² «turbia».

³ Esta palavra é a propria portuguesa. A mirandesa correspondente é *alifo* (em hesp. *aliso*).

⁴ «çerrão».—Esta cantiga é variante de outra, publicada nos *Estudos*, II, 327.

- ⁵ Julgadores d'el-rei, tres desterrados;
Vistas d'arredores, penhascos duros;
Nem fonte, nem jardim dentro dos muros;
Um castello sem tiros, nem soldados!

- Um secco rio, que horto nenhum rega;
¹⁰ Uma barca, que por ganchos se governa;
Uma camara que ás avessas manda...

Um verão d'Ethiopia e de Fi[n]landia;
Inverno de regelos; fome eterna...
— Esta é a cidade de Miranda.

NOTAS. — O verso 1 acertava-se, se se supprimissemos o artigo *um*. No verso 6 poderá lêr-se *dos arredor's*, para se acertar o metro. O verso 10 está mais sonoro nos *Estudos*, I, 149: *A barca só por gancho se governa*. O verso 11 ficou muito frouxo, por ter o accento em *ás*, que é palavra proclítica. Nos dois tercetos, nem a disposição dos versos (*aab — bab* por *aba — bab*), nem as rimas estão bem.

2) *O mesmo soneto, rectificado no «seculo passado»*¹:

Nenhum bispo, nem por tanto prebendados;
Casas cem, que não são nenhum[s] monturo[s];
A' volta titanicos, fortes muros;
Castellos, sim, sem tiros nem soldados.

- ⁵ Vão p'r'alli, é verdade, os desterrados
Repousar sobre os taes penhascos duros;
Não tem fontes (mas agua d'entre os muros);
Alfandega, — e por isso malvados.

- Tem dois rios, e um bastante rega;
¹⁰ Barca não, — o culpado é quem governa;
Camara que acertadamente manda.

¹ Posto que *seculo passado* se devesse entender *seculo* XIX, porque o soneto foi publicado no sec. XX, quer-se dizer *seculo* XVIII, o que se vê do proprio soneto, que allude ainda ao castello e muralhas, que só cahiram em ruínas em 1762 (vid. *Estudos*, I, 147). Em tal caso o primeiro soneto seria do sec. XVII, supposição que combati nos *Estudos*, I, 149. Para combater essa supposição fundei-me no 1.º verso da versão ali publicada: *Muralhas e paços derrubados*, que só podia ser escrito no sec. XVIII ou depois. Na versão agora publicada o 1.º verso differe do d'essa, o que faz mudar o raciocínio. O que se vê é que *Muralhas e paços derrubados* é má substituição de <Um> *bispado com dezoito prebendados*.

O verão de Ethiopia se não nega,
 Nem regelos, nem ha fome eterna...
 — E esta é que é a cidade de Miranda.

NOTAS. — Os versos 3 e 7 tem a mesma rima: *muros*. No verso 3 o poeta pronunciava *titanicos*. No verso 8 falta qualquer qualificação, como *mil*, *vis* ou outra analogia. — O talento do poeta não era grande; mas o assunto também não dava grande inspiração.

VI

PARA A GEOGRAPHIA DO MIRANDÊS

Ao tratar da geographia do mirandês nos *Estudos*, disse eu no vol. I, p. 60, que havia certas localidades da Terra do Miranda onde eu não sabia ao certo se actualmente se fallava mirandês; e prometti averiguar o caso, quando emprehendesse nova viagem a essa região.

Na viagem de 1902 não pude porém fazer completamente a averiguação. Só averigui que Carapicos, S. Joanico e Atenor ficam fóra da área do mirandês. Em Carapicos passei uma noite e parte de um dia; em Atenor e S. Joanico não estive, mas interroguei gente de lá. Em todas essas tres povoações se falla hoje português, postoque com as particularidades dialectaes que se observam noutros fallares da raia transmontana. Outrora porém deve ter-se ahí fallado mirandês. Como essas regiões ficam no extremo da região mirandesa, o antigo idioma perdeu-se. O onomastico manifesta ainda vestigios do fallar primitivo.

No termo de Carapicos temos os seguintes nomes de campos: *Öurreta los dinheiros*, entre S. Joanico, Carapicos e Angueira; *Lombo-las fosses* (é fosses, não fossas), entre Avellanoso e Angueira. Nestas designações conservam-se os antigos artigos mirandeses (com *l*). Outro nome de campo é *Quintanilla*, que está nas mesmas condições que *Quintanilha*, de que me occupei nos *Estudos*, II, 49. — A lingua-gem usual tem, como disse acima, alguns dos caracteres do português raiano: 1) na phonetica, *öu* (ex. *öuro*), *ç-s*, *z-f*, *eigreja*, *abö* para o masc. e fem., facil confusão de *ê* e *é* e de *ô* e *ó*, em sons intermedios (*pê*, *pêra*; *pô*, *pôço*), *êlho* (não *eilho* como em mir.), *-ão* (não *-öũ* como em mir., ex. *carbão*), digrapho *io* em *tio*, mas *iu* nos verbos (ex. *mên-tiu*); 2) na morphologia, *andere* a par de *andöu*, *pofo* «pôs», *pôdo* «pôde», *disso* «disse» (i. é, preteritos fortes em *-o*); *-ol*, pl. *-ois*, como em port. corrente (*caracol*, *caracois*), e igualmente *-al*, pl. *-áis*; *eis* plural do pronome *el*; *assi* «assim».

No termo de S. Joanico temos estes nomes de campos: *Öurreta-l-meio*, entre Vimioso e S. Joanico; *Lombo-las Vinhas*, a entestar com o termo de Angueira. Nestes vocabulos ha também os antigos artigos mirandeses. *Funtaninas* (do lat. *fontana*), outro nome de campo,

presta-se ás mesmas considerações que *Quintanilha*, citado acima, por causa da conservação do *x* medial, o que é um dos caracteres do mirandês. Outro nome interessante é *Bemgranada* == bem granada, do lat. granata, onde o *x* se conserva como em mirandês. — A lingua corrente está quasi nas mesmas circumstancias que a de Carapicos: *stondér, bøndér, cumprar*; sons de *ê* e *ô*, intermedios entre *ê-ê* e *ô-ô*. Ha porém *-êlho*, ao contrario de Carapicos: *ôureilha, ôubeilha*. Outros factos: *lêinha, têinho*. Os velhos dizem *tin*, com *tu*, como em mirandês. Nos verbos noto «*não fazeis*» por «*não façais*». Apesar dos vestigios mirandeses citados acima, ha differenças radicaes com relação a este idioma: *Ôureta-Xardão* (nome de campo) e *Lameirões* (id.), apresentam *-ão* e *-ões*, ao passo que em mir. temos *-ão* e *-ones*.

O onomastico rural de Atenor, que estudei na matriz predial do concelho de Miranda, apresenta: *Val-do-Maçano* (cf. hesp. *mazano* == **mazano*), *Pena-Palomba* (cf. mir. *palomba*), *Poca-Palombo* (cf. mir. *palombo*), *Fonte da Armita* (em mir. *armita* «*ermida*»), *Escobas* (em mir. *scoba* «*giesta*»). Temos ainda: *Maçaneira*, *Albancira* (= *avellaneira*), *Fontanicas*, cujos themas são respectivamente *matiana*-, *avellana*-, *fontana*-, com conservação do *-x* latino; mas estes nomes prestam-se a considerações analogas ás que fiz nos *Estudos* a respeito de *Quintanilha*, II, 49, e de *canito*, I, 333. No mesmo caso estará *Chaneira*, embora no nosso onomastico se diga *Chêira*, com syncope do *n*, e no português raiano se diga *chãira* e *chêira*, tambem sem *-n*; o etymo é o lat. *planaria*, derivado de *planu*-. — A lingua corrente de Atenor nada apresenta digno de consideração especial: *luç, çau, bûna*, ao passo que em mir. é *luç, çêlo, bûna*. Phenomenos raianos, como já notei: *hai cha*, «*bôa a casa de F.*» (a casa de). Importa observar que a palavra *Atenor* (pronunciada popularmente *Atanór*) não só é feminina, mas costuma ser precedida de artigo: *a Atanór, está na Atanór, sôa da Atanór*; isto prova que *Atenor* era na origem nome commum, — o que confirma o que se disse nos *Estudos*, I, 70.

VII

CONTO POPULAR

O conto popular que vae lêr-se foi redigido em mirandês pelo Sr. Bernardo Fernandes Monteiro, natural da Póvoa, e auctor de muitos artigos mirandeses e traducções. Referi-me a este Sr. em varios logares dos *Estudos* (I, 27-30 etc.). Possuo d'elle outros escritos mirandeses, que me tem generosamente offerecido; a seu tempo os irei publicando.

O conto pertence a um cyclo muito conhecido e espalhado. Dei uma versão d'elle nas *Trad. pop. de Portugal*, Porto 1882, p. 125; cf. Ad. Coelho, *Contos pop. port.*, Lisboa 1879, n.º XL, e Th. Braga, *Contos tradicionais*, Porto 1883, t. I, p. 129, e t. II, p. 204.

Las três maçanicas d'ouro

Era ùna béc ù pai que teniõ sete filhos, i nũ teniõ cũ que ls manter, nĩ trabalho que les dar. Lhambrou-se de ls apuntar por esse mundo alantre, p'ra que fusse cada ù purcurar modo de ganhar la bida. Chamou antõu ls filhos tódos, i dixo le assi:

— Filhos, yõu nũ tengo que bos dar, i nĩ sequera trabalho; i por isso yã neçairo que cada ù de bós báia tratar de la bida, e ganhar pa l sustento, porque yõu yã stõu mui brélho, i nũ pñodo mais

Os rapazes quedorũ tódos a modo de pousatibos, mas niũ d'eilhes dixo palabra.

Quando chigõu la ora de la partida, l pai chamou l mais brélho, i dixo le assi:

— Bêi ¹ alhá, filho, qual queres mais, se la miõ bançõũ, s' ù cacho de pã pa l camino.

— Mais quero l pã, — respondeu l filho.

L pai partiu ùna fatila ² de pai, i dou-la a l filho, que se fui.

Chamõu depois l seguinte ã cidade, i fizo-le la mesma pergunta, i esse respondeu tamẽm que mais querie l pã. l responderũ l mesmo ls outros atẽ a l sesto.

Brẽno depois l mais nobico, que teniõ solo set' anhos; i dixo-le l pai las mesmas palabras:

— Bêi alhá, filho, qual queres mais, se l miu pã, se la miõ bançõũ.

L pequinho ampeçon a chorar, i respondeu que mais querie la bançõũ. l l pai botõu la bançõũ a l pequinho, que se fui ambora mui triste.

Salirũ ls rapazes, i cada ù tomõu camino defrente, ã cata de trabalho, n' d'algũ amo p'ra s' oufrezer. L mais pequinho, esse, a biẽm dezir, nũ sabiõ ond' iba, porque nĩ cidade teniõ p'ra se governar, i a las bẽzes sentaba se a chorar, yã mui cansado, atẽ que a la boca de la noite ancuntrõu ùna mulher mui bonita, que se bulbiu par' el e dixo le assi:

— Onde bás, nino?

— Bõu ganhar la bida, bõu a serbir ù amo, — respondeu l pequinho.

— Tã pequerriço?!

El antõu cantõu-le l que se teniõ passado cul pai, e mais culs armanos. l l'aparcida dixo le assi:

— Queres tu ajustar te comigo?

— Quero, si, sinhõra, — respondeu lhõugo l pequinho.

— l antõu quanto queres ganhar?

— Jõu quanto quero ganhar? Yẽ l que me dir!

¹ Esta fórma do imperativo de *ber* falta na minha *Grãmm. mirandesa*.

² «fatila».

³ «ou».

— Biem, stamos justos! Mas mir' allá que ténes de me serbir siat' anhos, i ne fí dõu te três maçanicas d'ouro, que yə la suldada. Quieres?

— Quiəro, si, sinbóra.

L pequeinho fui algũ tiəmpo de trás de l'ama; mas bai senó quando, ls dõus defaparcirũ n'aire, assi como nũna nubre de fogo. L pequeinho nũ teniẽ descutiado, mas l'ama era Nõssa Sinbóra.

Por alhá andõu l pequeinho siat' anhos, que le parcirũ a el siete diẽs, i ne fí d'esse tiəmpo l'ama ampuntõu lo ¹, i dõu-le las três maçanicas de l'ajuste.

— Tõma! Dá-las a tũa pai, i dize-le que yə p'ra te sustentar cu' eilhas i a ls tũs armanos. Mas nũ las deias senó a tũa pai. Toma cuidado!

L pequeinho fui-se lhõugo ambora mui contente, morto por dar a l pai las maçanicas que habiẽm de chigar par'el i pa ls õutros filhos; i quando yá staba cẽrca d'la cafa, aencuntrõu dõus armanos que teniẽm yá bulbido mui pobres.

Ls três ponirũ-se antõu a enubersar, i l mais nõbo cuntõu a ls õutros la bona alma que teniẽ aencuntrado, i mostrõu-ls ² las três maçanicas. Ls armanos quedõrũ ciegos cul brilho de l'ouro, i pedirũ-le mui to a l mais pequeinho que les ³ disse ⁴ a cada ũ la sũe maçanica. Mas el dixo q'erá solo pa l pai, i l pai que las repartisse por eilhas cumpo quijisse.

À bista d'isto, cumpo l'armano nũ queriẽ dar las maçanas de bona gana, lhõugo alhi terminõrũ ⁵ matá-lo, i tirar-las depois, i, se biem le pensõrũ, millior le fazirũ: mas qual fui l spanto d'eilhas, quando birũ que le nũ podiẽm arrincar d'la mano las maçanicas, inda mesmo depois de morto!

Ls dõus armanos terminõrũ ⁶ antõu anterrar l pequeinho, cuidando que l sũu crime se nũ sabiẽ, porque naide l teniẽ bido; más d'alhi a ũ mės, põneo mais, um pastõr, que passa por 'lhi, i bei ũna canha ⁷ mui biçofa i mui bonita que naciẽ onde l pequeinho teniẽ sido anterrado, curtõu-la, i fizo ũna frita. Mas bai senó quando, l pastõr pô-la a la bóca, i la frita ampeça a dezir:

Toca, toca, ah pastõr,
Que mius armanos me matõrũ
Por 'mór de três maçanicas,
I a l cabo nũ las lhøbõrũ.

L pastõr quedõu mui spantado cũ l'acuntecido, i fui-se tenẽr

¹ «despediu-o».

² Creio que deve ser *le*.

³ «dêsse».

⁴ «determinaram», «resolveram».

⁵ «cana».

d'alhi cū carboneiro q'andaba ne mōnte a fazer carbōū, i cuntōu-le l caufō. L carboneiro inda mais spantado quedōu d'la nobidade; i, mal que pega na fraita i se pō a soprar, la fraita q'ampeça lhōugo:

Toca, toca, carboneiro,
Que mius armanos me matōrū
Por 'mór de três maçanicas,
I a l cabo nū las lhebōrū.

Quedōn l carboneiro que nū sabiē d'onde era ¹; i cūmo staba de camino par' ir pa laldēē, i la fraita teniē la bertude de falar, pediū a l pastōr que l' l'amprestasse, a bér s'alhá ne sōn lhugar adebinabā aqueillo.

Lhebōn l carboneiro la fraita pa laldēē, i lhōugo que chigōu a cafa de l ferreiro, cuntou-l' l acuntecido, i mostrōu-l' la. L ferreiro pegōu na fraita, i, mal se le pufo a soprar, ampeça eilha:

Toca, toca, ah ferreiro,
Que mius armanos etc.

A este tiēmpo antraba na frauga ² de l ferreiro l pai de l rapazico morto, que quedōu mui admirado quando l ferreiro le cuntōu l que deziē la fraita. Pega neilha l bielho, i pō se a seprar, i la fraita dixo lhōugo assi:

Toca, toca, ah miu pai,
Que mius armanos etc.

L bielho fizo se mui amarielho, i lhambriōu-se lhōugo que las palabras d'la fraita s'ajustabā cula sūē família. Nessa ocaziōu antraba na frauga ũ de los filhos de l bielho, de ls quo yā teniēm bulbido, i que beniē traiēr carbōū par' aguçar ũnas ferramentas. L pai parece que l coraçōū l'adebinaba, porque, mal l rapaç antrōu na frauga, dōn-le la fraita p'ra que la tocasse:

—Toca essa fraita!

Pō la l rapaç a la bōca, na sūē bona fé, i la fraita ampeça lhōugo:

Toca, toca, miu armano,
Que tu mēsimo me mateste
Por 'mór de três maçanicas,
I a l cabo nū las lhebeste.

L rapaç quedōu mui atrapalhado, i biu se le lhōugo na cara l sinal de l crime.

Mas, cūmo ls filhos de l bielho crā siēte, i solo dōns yē que te-

¹ «ficou fóra de si».

² «frágoa», «forja».

niêm bulbido, neçitabã sabér qual era l morto. Furū-se antõu d'eilhi donde a l pastor ¹, que les lhebõu onde teniẽ cortado la canha. I scaba, que scaba, mėsmo ne sitio nũ tardõu que apareçisse l corpo de l pequeinho, inda cũ las maçanicas d'ouro nũna d'las manos. Por mais sfores que alguns fazirũ, nũ furũ capazes de le tirar las maçanas; mas, mal que l pai le tocõu, lhargõu-las lhõugo. Bin-se antõu que se trataba d'ũ grande milagre; i lhebados a la prefencia de l cadabre ls dõus armanos, estes confessõrũ l que teniẽm passado, i apareiu lhõugo la Birge Santissima, que arrebatõu pa l cielo l corpo de l pequeinho ne meio d'ũa nubre de fogo.

Lhõugo ă seguida la tierra abriu-se, i angulhiu ls dõus armanos.

VIII

COSTUMES E DICTADOS

1. *Trovas.*

Chamam-se *trovas* certos versos satiricos que se fazem a qualquer pessoa no entrudo.

Aqui transcrevo umas que se fizeram a um individuo de Villa Chã da Barceosa:

L cavallo se me cayeu
A l'antrada d'ũnas caleijas ²;
Lhõugo fui a l ferradõr,
A l ferradõr de Dñs Elgreijas,
L ferradõr l que me dixo:
— L mal de l tũu cavallo
Yõu te l biõ a dezir agora:
Tẽnes-le dado muita cebada
I pouca spora...
— Nõ, d'isso nũ l tẽ caufado.
Cebada nũ l'ha comido,
Mas spora nũ l'ha faltado! ³

Eis o começo de outras, de que não me souberam já dizer o resto:

Quando yõu iba pra Camõra
Cul miu cavallo i miu galgo,
Todos me tirabã l chapen.
Cuidabã q'era < algũ > fidalgo!

.....

¹ «foram ter com o pastor». Ha modos de dizer analogos em gallego e no fallar do Minho.

² «quélhas».

³ Neste verso e no precedente vemos o preterito formado com *haber*. Colhi outros exs. na mesma aldeia de Villa Chã (vid. adeante).—Cfr. *Estudos*, I, 405-406.

2. *A gaita gallega.*

O gaiteiro, ou tocador de gaita de-folle, é indispensavel em certas festas. Substitue não raro a philharmonica, quando não é possível ir esta.

Cantiga a respeito da gaita (cf. *Estudos*, II, 330-331):

Toca la gaita
No fundo de l prado,
Z-bailã nas mógicas
À Bal-de-Carbalho!

Os de Sendim dizem ao gaiteiro:

Róde l gaiteiro pela rúe de l Baiunco¹:
L se l gaiteiro nũ fur por d'ond' yõu dexir,
Facada no bote, i apertar a fugir!

3. *Chocalhada.*

Quando casa um viuvo (quer com outra viuva, quer com uma solteira), se não paga o vinho aos amigos e conhecidos, estes fazem-lhe *chocalhada*, i. é, assoada com lutas, chocalhos, etc., levando na frente um *caramono*, i. é, um espantalho vestido como um homem; ao mesmo tempo cantam versos do teor d'estes:

Dõũ, dõũ, dõũ.
Trêfa Pina², Murriõũ³!

4. *Laços.*

Dos laços, em mir. *laços*, fallei nos *Estudos*, I, 46, onde transcrevi alguns, que se cantam em hespanhol. Eis aqui um que se canta em mirandês:

Queres que te segue la tuã yerba?
Dã-me la gadanha cũ la tuã pedra⁴,
Para la... para l'amolar;
Dã me l carro pa la ir a buscar.
Que segada stã... que segada stã.

Onvi-o em Duas-Igrejas.

5. *Dictados.*

- a) — Yá me bõu!
— Quem se bai stã róto.
— Antõũ nũ sirbe p'ra bóto!⁵

¹ Rua que ha em Sendim.

² Nome da noiva.

³ Nome do viuvo-noivo.

⁴ A pedra de amolar a gadanha.

⁵ «odre». Cf. hesp. *boto*.

b) Diz-se de uma fonte que deita pouca agoa de inverno, e sêcca de verão:

La Fonte de la Rana.
Quando chube, mana.¹

IX

DIALOGO MIRANDÊS²

- Ah Mariô!
- Que quereis tiê Malgarida?
- Boi-tadar ãna nobidade, que t'hade deixar sastifeita, mulhiêr.
- A mi? Que nobidade me dareis bós, p'ra que yôu quêde sastifeita?
- Sabes quem biano de l Brafil?
- Quem fui?
- Anda, adebina, mulhiêr...
- Fui priênde l brafileiro de Prado Gatôu, qu'acho que yâ staba p'ra benir ne mês que passôu? ...
- Nô fui êsse, nó, mulhiêr... Anda... bei s'atinas...
- Se nũ fui êsse, que yê l que yôu por aqui tengo bido assi â modos de tornar, nũ sei quem fusse...
- Fui l filho de l tiu Nastacio, mulhiêr!...
- L Carpinteiro, que fui quando l miu home?
- Fui êsse mesmo...
- Ai! antôu hade-me traier noticias de l miu Lixandre...
- Pois isso trái...
- Bós yâ sabiedes, tiê Malgarida?
- Yâ se me zonzôu acá puls ôbidos qu'el que te trái noticias bonas, i mais qu'isso...
- Ai, miu Dias! él a donde 'stá, que quiêro yâ ir tenêr co' el?
- Él, acho que fui alhá p'ra Cicuiro, fazer ãna bijita a l padrino, mas l' armana, la Madalena, anda alhá a purparar tódo, pa l acomodar, por qu'el chegôu de repente, sî que niũ l'sprasse, i acho que bẽ rico i górdio com' u cebado...
- Antôu bós que quereis, tiê Malgarida? Dias, a quem purmete nũ falta... Oxallá qu' assi tubisse assucedido a l miu Lixandre, que, das que fui, inda solo tẽ 'screbido três bẽzes...
- Mas él agora acho que siẽmpre se despica, i que te manda pul filho de l tiu Nastacio ãna cuntica biẽm bona...
- Dias nõsso Senhor l permitta, que biẽm precifadica 'stôu! Miê mãi Santíssima, que tantas bezes me tengo apegado co' eilha, a

¹ De manar.

² Este gracioso conto foi posto em mirandês pelo sr. Bernardo Fernandes Monteiro (tradução).

bér se l daba um toque ne coração, â modos que m'él mandusse al-
gũa coufa...

— Puis mira, Mariê... Se quêres que te diga... biem podes
tomar tento cuntigo, porqu'hai muito quem te querga mal...

— A mi porque yê que m'hâde q'rer mal? Yôu nunca âz desfoi-
tas a nî ãna pessoa...

— Nû sei, mulhiêr... Yôu que te l digo, yê por que l sei...
I antôu... toma tino porque por'ende hai mûitas lhenguas malas que
deitâ maldade aonde nû Phai, i se chega a ls ãubidos de l tôu Li-
xandre...

— L miu ome sabe quem tẽ... Biem se me dá a mi de l que
dizem las málas lhenguas...

— Puis si, mulhiêr, puis si! Mas aqueilha 'storia de l barbeiro
dôu muito que falar...

— L barbeiro? L barbeiro, las falas que yôu tube co'el podiêm-se
õubir... Êl daba-me la rônpa a lhabar, i yôu, yá se sabe... necitaba
de governar la miê bida... lhababa-la.

— Depnis... tamêm l sacristano, que t'andaba alhá a rundar
la porta...

— I yôu que tengo co'isso? Yôu iba a la missa, él pureuraba-me
se yôu teniê noticias de l miu ome... yá se sabe que yôu nû habiê de
fazer papel de mal criada...

— Puis mira, mulhiêr; l tôu Lixandre 'stá acá, yá chegôu a
cafa... Quando fures, alhá l has ancuntrar...

— Sêrio? Ai, que desgraçia lá miê!

— Antôu por quêi, mulhiêr?

— Yê porque... tiê Malgarida, l barbeiro teniê alhá las naba-
lhas a guardar, i l sacristano teniê-me dado las galletas co'l restro
de l bino de la missa!...

X

O AUXILIAR *haber*

Já a cima pag. 298, nota 3, me referi ao uso de *haber* como au-
xiliar. Eis outros exemplos que colhi em Aldeia-Nova: *yôu hei bido*,
bós heis benido, *tu has bido?* («tu viste?»), *num dôu fê de l'haber bido*
(«não dou fê de o ter visto»), — todos os quaes ouvi a um velho.

XI

MARCOLFA

A proposito do entremês *Sturiano i Marcolfa*, de Francisco Gar-
rido Brandão, que publiquei no vol. II dos *Estudos*, disse eu *ibidem*,
p. 280: «*Marcolfa*, palavra de origem germanica: não sei aonde o au-

tor a foi buscar: talvez a alguma peça theatral antiga, da litteratura chamada *de cordel*.

Effectivamente essa palavra provém de um folheto da litteratura de cordel. Ao escrever o que a cima hea transcrito, não me occorreu que ella apparece numas historias mui saboreadas do povo e mui conhecidas: *Astucias subtilissimas de Bertoldo*; *Simplicidades de Bertoldinho*; e *Vida de Cacasseno*¹. Marcolfa é esposa de Bertoldo, mãe de Bertoldinho e avó de Cacasseno.

No mesmo entremés figura Bertoldim, como filho de Sturiano e Marcolfa. A palavra *Bertoldim* sahio tambem da mesma fonte, pois é evidente a analogia que existe entre *Bertoldinho* e ella.

J. LEITE DE VASCONCELLOS.

MISCELLANEA

I

NOTAS PHILOLOGICAS

I

Acadimar-se

Acadimar-se é verbo muito usado no Porto, com o sentido de *habituarse* a certo trabalho, tornar-se perito nelle. E' de emprego frequente, sobretudo o particípio. *Estar acadimado*, quer dizer: estar já habituado ou adestrado em algum serviço. Tem, portanto, aproximadamente a significação com que actualmnte se está empregando muito o verbo *treinar*.

Aquelle verbo não foi ainda recolhido pelos dictionarios até hoje publicados.

Nos SUBSIDIOS do sr. A. A. Cortesão apparece, todavia, sob a forma *acadrimar*, menos correcta, e que não tenho ouvido, mas que foi

¹ Tem sido publicadas muitas vezes. Na *Livraria do Porto*, edição da Livraria Chardron, do Porto, tem respectivamente estes n.ºs: 31, 32 e 33, e as datas de 1898, 1901 e 1895.

empregada, para reproduzir a linguagem popular, por Camillo Castello Branco em um passo allí mencionado: «Ella é que não se *acadrimou* a nenhum ó por ora» (*Mysterios de Tufe*, p. 10).

O sr. Cortesão não dá a etymologia d'este vocabulo.

Acadimir deriva do adjectivo *cadimo*, cujo etymo é o arabe *ka-dim* (= velho, e portanto experiente), e que todos os nossos dictionarios consignam, com a significação de *exercitado, destro, astuto*, e ainda *frequentado, habitual*. O *Diccionario Contemporaneo* dá o seguinte exemplo de Bernardes: «E' ladrão mais *cadimo* do que o mais destro cigano», e Moraes cita de varios autores os exemplos: «poetas *cadimos*», «boca *cadima* em mentir», «jogador *cadimo*», «estradas *cadimas*», «esses desmanchos naquelle relogio são mais *cadimos* (= frequentes, usuaes)».

11

Equitoncio por quincunce

Havia em latim a palavra *quincunx*, formada de *quingue* e *uncia*, que tinha a significação geral de cinco duodécimas partes de um todo, e que se empregava especialmente em designações de moedas, pesos e medidas¹. Como moeda, por exemplo, valia $\frac{5}{12}$ do asse, ou $\frac{5}{12}$ *unciae*. Em particular designava tropologicamente a figura formada por objectos dispostos como os cinco pontos de um dado de jogar, isto é, em xadrez. Neste sentido era aquelle vocabulo muito empregado como termo militar e d'agricultura. Assim, *arbores in quincuncem serere* significa plantar arvores em xadrez, na disposição que mostra a figura seguinte, o *quincuncialis ordo*:



Quincunx, que não ocorre em Körtling (LATEINISCH ROMANISCHES WÖRTERBUCH), está representado em francês pela forma *quinconce*, com a ultima accepção que mencionamos, a disposição em xadrez, ou o lugar em que a plantação affecta essa disposição.

Na nossa lingua a 6.^a edição (de 1858) do Diccionario de Moraes consigna a forma *quincunce*, citando uma traducção do francês. Provavelmente a palavra *quincunce* era traducção de *quinconce*, tendo o

¹ Na minha edição das OBRAS DE VIRGILIO, no commentario aos versos 277:280 do 2.^o livro das Georgicas, referindo me ao *quincuncialis ordo* da vinha, dei da palavra *quincunx* uma explicação differente da que dou agora. Na segunda edição, que vai entrar no prelo, modifico o que allí disse a tal respeito.

traductor dado á palavra portuguesa aspecto mais conforme com o vocabulo latino.

Depois apparece em outros dictionarios e em diferentes livros a mesma palavra com a fórma *quinconcio*, que é evidentemente o francês *quinconce* aportuguesado ¹.

Vê-se, pois, que os termos *quincunce* ou *quinconcio* entraram na nossa lingua por intermedio do francês, e não nos vieram portanto directamente do latim *quincunx*. Mas o que é para notar é que, conhecendo os nossos escritores a palavra principalmente por a terem encontrado em livros francezes, a transformam ás vezes de modo singular. Em alguns tratados modernos de agronomia, e até na traducção de «A vinha americana» de Viala e Ravas, pag. 398. occorre ella com a extranha fórma de *equiconcio* ². Uma supposta analogia com os compostos com *equi*, taes como *equivalente*, *equidistante*, etc., fez dar áquella palavra este novo aspecto.

Direi finalmente que entendo que, não nos tendo tal vocabulo vindo directamente do latim, por via popular, nem se havendo ainda generalizado, a fórma que deve preferir-se é *quincunce*, a que melhor representa a palavra latina.

LII

Jambello

Em Tras os-Montes, no concelho de Penaguião, ouvi diferentes vezes empregar a palavra *jambello* para designar um presunto pequeno. Um velho dizia, por exemplo, que lhe haviam roubado toda a carne da salgadeira, deixando-lhe apenas «um reles *jambello*».

E' um diminutivo que deve ter a mesma origem que o francês *jambon*.

IV

Punir = Pagnar

E' frequente o emprego de *punir* como verbo intransitivo na acceção de pagnar por, lutar em defesa de. Ouve-se familiarmente dizer: *elle pune por mim*, isto é, *elle pugna por mim, defende-me*. O DICCIONARIO CONTEMPORANEO apresenta-nos dois exemplos d'esse emprego, extrahidos das obras de Filinto Elysio:

«Que *punisse* pois pela honra e decoro de sua alteza».

«Os que d'essa cidade vinham *punir* pelos seus direitos».

¹ No Novo DICCIONARIO PORTUGUÊS do sr. dr. Candido de Figueiredo estão consignadas as duas fórmas.

² V. tambem Paulo de Moraes, MANUAL DE AGRICULTURA, vol. II, pag. 22, *passim*.

Não se explicará facilmente a evolução de sentido em virtude da qual o verbo *punir*, cuja significação propria era castigar, passaria a ter o valor de pugnar. O dicionario citado parece pretender explicar esta transformação de sentido pela significação intermedia de tomar vingança, desforçar-se; mas tal significação não se pôde dar ao verbo *punir* naquellas phrases, nem conheço caso algum em que a possa ter.

Aventarei uma hypothese.

Antigamente usava-se o verbo *punar* que representa o latim *pugnare*.

Viterbo no seu ELUCIDARIO menciona esse verbo, citando um documento de 1317: «E esto *punade* ora vós de fazer». Nas cantigas de D. Afonso, o Sabio, encontram-se os seguintes versos:

«Quen Santa Maria servir,
non pode no seu ben fallir.
E por que eu gran saber ey
de a servir, servi-la ey,
e quanto poder *punarey*
dos seus miragres descobrir».

Neste exemplo, como no de Viterbo, aquelle verbo tem a significação de esforçar-se, diligenciar, tentar, empregar os meios para conseguir alguma coisa. Com esta acceção também já em latim se empregava *pugnare*, como synonymo de *eniti*, v. g.: *Illud pugna et evitere, ne quid nobis temporis prorogetur* (Cic. Ad familiares, III, 10); *ille tamen pugnat molles evincere somnos* (Ovid. Met. I, 685).

E' provavel que se tenha dado a confusão de *punar* com o verbo *punir* e que este, em virtude d'essa confusão, viesse a ter além da sua significação também a d'aquelle, reunindo assim as acceções dos dois verbos.

Algumas graphias antigas mostram bem como poderia ter-se dado facilmente tal confusão.

O autor do ELUCIDARIO abre o seguinte artigo:

•*Pugnar*. Castigar, do latim *Punio*. Que as justiça o *pugnam*, como acharem que he direito. (Cod. Alf., liv. v, tit. 34, § 10)*.

Neste exemplo, evidentemente, *pugnam* está em vez de *punam* (de *punir*), e assim se deveria pronunciar; mas a reminiscencia da orthographia do verbo *pugnar* deu lugar áquella graphia erronea. O benemerito Viterbo illude-se, portanto, duplamente: dando *pugnar* como infinitivo d'aquella forma *pugnam*, e suppondo-o resultante de *punire*.

Sob o ponto de vista phonetico, *punar* resultou de *pugnare* como *sina* de *signa*, *dino* de *digno*. Cornu menciona ainda a forma *repunar* do CANCIONEIRO GERAL. O composto *repugnare* foi tratado como o simples *pugnare*. Comparem-se ainda formas populares como *inorar* (= ignorar), *senificar* (= significar).

A semelhança de certas fôrmas dos dois verbos era completa. Assim *punas*, *puna*, *punamos*, *punaes*, *punam* tanto poderiam pertencer ao presente do indicativo do verbo *punar*, como a egual tempo do conjunctivo do verbo *punir*.

JULIO MOREIRA.

II

DAR TRES VOLTAS AO PENEDO

Nas minhas *Trad. pop. de Portugal*, § 204, lê-se: «Em Portugal existe a seguinte cantiga popular:

Tres voltas dei ao penedo
Para namorar José:
Namorei-o em tres dias,
Valeu-me a mim a dar ao pé!

à qual o sr. dr. Theophilo Braga faz o seguinte commentario (*Orig. poet. do Christianismo*, p. 134 5): — o culto das pedras phallicas... apparece aqui na ideia de casamento ligado á de uma dança em volta do penedo ou menhir —».

Posteriormente á publicação do meu livro, encontrei factos que confirmam aquella explicação meramente hypothetica. Num artigo intitulado *Le culte des pierres en France*, publicado pelo sr. Paul Sébillot na *Revue de l'Ecole d'Anthropologie*, vol. XII, diz-se a pag. 205: «En Auvergne, sur le plateau du Puy-de-Monton, au-dessus de grottes habitées dans l'antiquité, une statue de la Vierge a remplacé un monument mégalithique appelé la Pierre Fade: antrefois, le jour du mariage, tous les invités formaient une ronde autour, tandis que les éponx en faisaient trois fois le tour en dansant, pour que leur union fût féconde et la femme bonne nourrice».

Semelhantes a este, cita Sébillot outros factos. Resulta d'elles que a nossa canção é o echo um tanto obliterado de um costume antigo.

J. L. DE V.

III

REPARAÇÕES PALEOGRAPHICAS

Ao conferir novamente os documentos que publiquei na *Rev. Lusit.*, VI, 264 e VII, 61 a 65 e 74, encontro algumas faltas leves que me apresso a emendar.

No primeiro dos documentos mencionados, que é datado de Mon-

ção¹, deve emendar-se *Setembro* (linha 2) em *Setembro*; *ano* (l. 12) em *ano*; *Tuy* (l. 15) em *Tuj*; *mãos* (l. 16) em *mãos*; a p. 265 deve-se escrever *posysôn* (l. 3) e não *posysón*; e *del* (l. 8) e não *dele*. Noutras linhas devem-se escrever: *fforên*, *conuên*, *adeãnte* e *Dênis*.

No doc. I. a p. 62, l. 4 escrevi «quinã du mûro (sic) du fundo». Atentando melhor, leio «muñu», palavra que vem a ser *muñu* ou *moinho*.

No doc. II está errado no sumario o anno, na conversão ao nosso systema chronologico, devendo lêr-se 1277 (1315 menos 38) e não 1275. Neste documento desenvolvi a abreviatura latina Pt.^o, também adoptada em português, em Pedro (e não Pero), e Piz em Piriz. O primeiro desenvolvimento é justificavel, mas, quanto ao segundo, inclino-me a que deveria ser Periz.

No III a invocação deverá ser «IN dei nomine amen». Quasi no final deste documento deverá substituir-se *Judices Carie* por *Judices Ferrariæ* e *presuiter* por *presbiter*.

A p. 64 do IV doc. deverá lêr-se: «a quẽ nossa uoz desder (?), des-outro tâto».

No V deve escrever-se Çaatã e não Çaatã.

Chamei ao doc. VI a p. 65, carta de doação, posto que seja formalmente carta de venda (ficticia).

PEDRO A. D'AZEVEDO.

BIBLIOGRAPHIA

I

LIVROS

Novo Diccionario da lingua portuguesa, comprehendendo, alem do vocabulario common aos mais modernos dictionarios da lingua, muito mais de 30.000 vocabulos², por Candido de Figueiredo, 2 vols., Lisboa 1899.

No que toca ao número de vocabulos, este Diccionario é mais

¹ Monção de Riha do Minho, como dizem as *Chronicas d'El-rei D. João de gloriosa memoria*, etc., p. 273 da 1.^a edição, attribuidas a Duarte Nunes do Leão, para a distinguir de *Monzon*, d'outros pontos da península.

² Omitto, por brevidade, o resto do titulo, que é demasiadamente extenso, á maneira de cartaz de espectáculo. Notavel é que logo nelle o auctor empregue duas expressões pouco castigas: *comprehendendo* (duas vezes) e *indicando*, — em vez de *que comprehende* e *que indica*.

rico do que os anteriores, pois o auctor, directa ou indirectamente, colligiu muitos da tradição popular, e introduziu abundantes neologismos, postoque a legitimidade de alguns seja discutivel; tambem elle observa que aproveitou muitos documentos da litteratura nacional, desde os primeiros cancioneiros até á actualidade, mas a busca a que procedeu foi feita ao acaso, sem plano, o que não evita o trabalho de outros investigadores. Colheitas d'estas nunca tem fim; faltam, por ex., no Diccionario os seguintes vocabulos: *acalçar*, *acejar*, *aende*, *aguiheteira*, *albitanea*, *alcadeffe*, *alegra*, *alfu* no sentido de «marco», *alfersa*, *aliface*, *alinhavão*, *alvarinha*, *anninho*, *arimetica*, *atanto*, *avôa*, *bulharim*, *barrato*, *cachôicho*, *cacholeira*, *caçurro*, *cambeiro* no sentido de «louceiro», *chalotas* no sentido de «chinelas», *conchela*, *contador* no sentido de «borla de rosario», *larento*, *obridor*, *orca*, *osso* no sentido de «curso», *peste*, *quintã* e *quinteiro* no sentido de «pateo», *rabêto*, *raivinhas*, *retacos*, *retono*, *romeu*, *rol* no sentido de «orvalho», *sâmenina*, *sangoim* ou *sanguim*, *sarrabal*, *sávora*, *sêitimo*, *sengo*, *senheiro*, *serrado*, *sertanha*, *sessêgo*, *tarôco*, *tarrafol*, *tibar*, *timãozelha*, *tinor* no sentido de «vasilha». E eu podia acrescentar ainda dezenas e dezenas.

Para a introdução dos vocabulos archaicos no seu Diccionario serviu-se, como era natural, do *Elucidario* de Viterbo. Compulsou porém á toa esta obra, e colheu nella numerosos erros. Aqui cito alguns:

entrelhar — Em Viterbo lê-se *antrelhar*; é evidente que no ms. primitivo faltava um til sobre o *i*; devia pois o Sr. Figueiredo escrever *entrelhar*, pois só esta fôrma podia dar a moderna *entrelinhar*. Cfr. o que digo infra, a respeito de *vio*.

jouvêr — O Sr. Figueiredo manda pronunciar *jouvêr*, com *ê*, e dá esta palavra como synonyma de *fazer*, suppondo-a verbo no modo infinitivo. Os textos de Viterbo onde ella apparece são: «hi queria que *jouvessen* os abbades» e «d'onde seus corpos *jouvessen*». A mais elementar análise grammatical mostra que *jouvessen* está no imperf. do conjunctivo, e que portanto *jouver* é o futuro, e que ha-de pronunciar-se *jouvêr*, com *ê*, e não *jovêr*, como o Sr. Figueiredo preceitua. As fôrmas *jouver*, *jouvessa*, *jouvessa* relacionam-se com o pretérito *jouve*, que está para *fazer*, na mesma relação em que *trouve* está para *fazer*. E' pois absurdo *jovêr*.

orgo — Dá *orgo* como synonymo de *orge* «cevada», sem ver que no *Elucidario* neste caso o *g* tem valor de *j*, e que portanto não é *orgo* que devia escrever, mas *orjo*, — do lat. *hordeum*.

ou — Em Viterbo lê-se *ou* por «onde» num doc. do sec. xiv; ha aqui evidentemente erro de *u* por *n*, pois a fôrma *on*, que vem do lat. *un-de*, como o adverbio arch. *en* de *in-de*, encontra-se tambem em asturiano e em provençal.

pegorar — Por motivo analogo áquelle pelo qual escreveu *orgo*, escreveu *pegorar* em vez de *pejorar* = *peiorar*, — do lat. *peiorare*, cujo *i* não podia tornar-se *g* com valor de guttural.

prouguêr — O Sr. Figueiredo manda pronunciar *prouguêr*, sup-

pondo que o verbo está no infinitivo, quando elle, como *jouvé*, que vimos acima, está no futuro do conjunctivo, e soava pois *prouguér*. O infinitivo que lhe corresponde é *prazer*, que vem do lat. *placere*, cujo pret. perf. é *placui*, d'onde veio *prougue*, que tem o mesmo radical que *prouguér*. As outras linguas romanicas apresentam factos parallelos: é assim que em provençal antigo se diz *plac* no perfeito, em hespanhol antigo se diz *plogo*, em italiano antigo *piacqui*. — Tanto em port. como em hesp., este verbo, como o prova a maneira pela qual pl. está representado, não pertence á mais antiga epocha da historia das respectivas linguas ¹.

solaroso — No sentido de «solaçoso», segundo o auctor do *Novo Dicionario*. Effectivamente *solaroso* lê-se em Viterbo. Quem não vê porém que se tomou um *z* por *r*, e que em vez de *solaroso* a bon lição é *solazoso*? O proprio Viterbo remette o leitor para o artigo sobre *solaz*, d'onde *solazoso* deriva.

trouvér — Viterbo diz: «usar, trazer»; e o Sr. Figueiredo repete: «fôrma antiga de trazer». Nada d'isto assim é: *trouver* não é infinitivo, é o fut. do conj. do verbo *trazer*! Temos aqui um erro semelhante ao que se notou a respeito de *jouer* e *prouver*. E' singular que o Sr. Figueiredo confunda de tal modo a morphologia dos verbos ¹!

viliar — Copiado de Viterbo no sentido de «desprezar», «afrontar». Ninguém duvidará todavia que se tomou *t* por *i*, e que aquelle verbo é *viltar*. O Sr. Figueiredo chega mesmo a buscar uma etymologia para esta palavra phantastica, pois diz que *viliar* vem de *vil*! Novo erro, porquanto, se tal verbo existisse, e fosse derivado directamente de *vil*, devia terminar em *-ear*, como *branquear* e outros. — *Viltar* é a fôrma ant. de *aviltar* = *a-viltar*, e vem do lat. *vilitare*.

vinér — O Sr. Figueiredo não só copia a palavra de Viterbo, com a significação que este lhe attribue de «vir», mas procura explicá-la, dizendo que *viner* é metathese de *venir*, do lat. *venire*! Como o doc. citado por Viterbo, em que vem *viner*, é do sec. XIII, bastava possuir a mais modesta noção de phonologia historica para ver que em tal epocha não podia conservar-se o *-n-* de *venire*; logo havemos de admittir que no ms. de que Viterbo se serviu se lia *vinir* ou *venir*, e que tal graphia está por *vñir* ou *vñr*. Diez na *Gramm. des l. rom.*, II, 179, tomou o *viner* de Viterbo por futuro do conjunctivo, mas o texto do *Elucidario* (vol. II, p. 403, 1.^a ed.) «e as partes sobreditas nunca seerem theudas de *viner* a outra demanda» mostra que tal fôrma não está no futuro, mas no presente do infinitivo; se estivesse no fut. do conj., seria perfeitamente acceitavel *viner* = *vñr*. Sem nasalamento, lê-se num doc. do sec. XIII *veir* (em Viterbo, s. v. *pobrador*), onde porém pôde faltar um til; *vñr*, desnasalado, é já frequente no tempo de D. Denis.

¹ Ao corrigir as ultimas provas d'este artigo, reparo que o A. emendou no *Supplemento* o que disse de *prouguér* e *trouger*, lançando porém as culpas a outros lexicographos que elle não soube criticar! — As emendas não vem na secção das erratas, e por isso não se dava facilmente com ellas.

vio — O Sr. Figueiredo diz «*vio* (ant.), o mesmo que *vinho*». Viterbo diz o mesmo, e cita um doc. do secl. xiv. Não pôde considerar-se *vio* como forma viva; *vio* está por *vio*, cujo til escapou ao escriba do ms. de que Viterbo se serviu, ou escapou ao typographo que compôs o *Elucidario*. A evolução foi: *vinu* > *vio* > *vinho*, como *caminu* > *camão* > *caminho*, *molinu* > *mão* > *moinho*. Cfr. *Rev. Lusit.*, iv, 40.

A parte etymologica da obra é muito fraca. O auctor não conhece sufficientemente a historia da lingua para poder apresentar explicações suas com segurança. Bem sei que estes assuntos apresentam muitissimas vezes problemas difficeis de resolver, e que o philologo mais habil tropeça a cada passo; a sciencia já porém tem progredido bastante, e torna-se necessario pelo menos acompanhá-la. Examinemos algumas das etymologias do *Novo Dicionario*.

agulha — Não pôde vir de *acicula*, como lá diz; *acícula* só poderia ter dado **azelha* em português. O etymo de *agulha* é o lat. *acuc'la*; cfr. prov. *agulha*, hesp. *aguja*, fr. ant. *aguille* (mod. *aiguille*) etc.

assaz — Pergunta se provém de *ad + satis* ou de *ad + satiem*. A etymologia *ad + satis* foi a sempre dada. Só eu pela primeira vez demonstrei na *Rev. Lusit.*, ii, 267, que *assaz* provinha de *ad satiem*; pouco custava ao Sr. Candido Figueiredo indicar a fonte da sua informação.

fedelho. — Esta palavra tem varios sentidos, sendo os principaes: «criança», e «thuribulo» (vid. *Elucidario* de Viterbo). O Sr. Figueiredo engloba-os, e, de accôrdo com outros dicionaristas, attribue á palavra como etymo o verbo *feder*. — Por mim, supponho que *fedelho* no sentido de «thuribulo» corresponde a **foeteculum*, de *foetere* (cfr. *gubernaculum*, **vinciculum*, etc.), e no sentido de «criança» corresponde a **feticulus*, diminutivo de *fetus*, que significa «feto», «fruto» «criança» etc. (cf. rumeno *fet* «criança», «rapaz», provençal moderno *fedeto*, «petite brebis», *fedo*, «brebis», «fille chetive», *fedoun* «jeune poulain», «animal», «jeune homme novice», etc., palavras que pertencem á familia de *fetare*; a relação de *fedelho* «criança» com o verbo *feder* é, segundo penso, tardia, e devida á casual coincidência phonetica). Temos pois de distinguir aqui duas palavras, que são, uma a respeito da outra, *formas convergentes*, — para me servir da expressão adoptada pelo Sr. Gonçalves Vianna na *Rev. Lusit.*, ii, 316.

lagoa — Não pôde vir de *lacuna*, como diz. Sobre esta palavra vid. *Estudos de philol. mirandesa*, i, 123.

monge — Não pôde vir de *monachus*, como diz. O lat. *monachus* deu em port. ant. *mogo*, que está por *mógo* < **móngo*: vid. *Rev. Lusit.*, iii, 174 (art. da S.^a D. Carolina Michaëlis). O port. *monge* vem manifestamente do prov. *monge*.

pardelhas — Deduz esta palavra do francês *par + Dieu*. E' evidente o absurdo. *Pardelhas* pertence a uma classe que estudei nos

Estudos de philolog. mirandesa, 1, 309 (euphemismos). A S.^a D. Carolina Michaëlis já se tinha occupado d'ella na *Prática dos tres pastores*, p. 41, obra que o Sr. Figueiredo não cita.

parelho — Deduz esta palavra de *par*. A comparação com o fr. *pareil*, o ital. *parecchio*, o prov. *parelh* etc. mostra que o etymo é *pariculus*.

párvoa — Dá-lhe como etymo a forma *parvo*. E' claro que de *parvo* só podia vir *parva*. Como explicar nessa hypothese o o? Todavia o etymo não apresenta dúvida nenhuma: lat. *parvu*[l]a.

pegureiro — Suppõe esta palavra vinda do lat. *pecuarius*. Mas tal forma só poderia dar **pegueiro*. E o r? Tudo porém se explica pelo lat. *pecorarius*.

pintainho — Diz que esta palavra vem de *pinto*. Ora *pinto*, com o suffixo *-inho*, dava apenas *pintinho*. Se o auctor dominasse as leis geraes da lingua, logo veria que *pintainho* vem de *piutão* (com i accentuado), forma que está para *pinto*, como *frangão* para *frango*. Cfr. *franguinha* (que o Sr. Figueiredo tira do lat. *fringilla*!).

raiva — Não vêm propriamente de *rabies*, como diz, mas sim de **rabia*, pois *-e* latino não dava *-a* em port.; cfr. hesp. *rabia*, ital. *rabbia*.

rodo — Attribute-lhe como etymo o lat. *rutus*; todavia o sentido oppõe-se, pois *rutus* é o partic. de *ruo*, que significa «cahir», «precipitar-se». O instrumento agricola chamado *rodo* tira o seu nome claramente do lat. *rutrum*, cujo *-tr-* aqui deu *-d-*, como em *arado* < *aratum*.

traçar — Como ha-de vir de *tractus*? O auctor não o explica. A phonetica, tanto do português, como dos outros idiomas românicos, mostra porém que devia haver no lat. vulgar **tractiare*. Cfr. **captiare*. Do facto de o auctor citar esta última forma a respeito de *caçar*, e de não lhe ter occorrido **tractiare*, vê-se que elle fez o dictionario sem plano glottologico; o **captiare* de certo o copiou de outro dictionario.

vêrmem — Escreve: «ant.; o mesmo que *verme*. Infl. de *vérminas*. Aqui se vê mais uma vez a falta de plano de que acabo de fallar. Sem dúvida *vêrmem* ou *vérme* é palavra de origem popular; Viterbo cita-a num doc. do sec. xiv. A comparação com o ital. *vermine* e com o hesp. arc. *bierven* leva a inferir que no lat. vulg. houve **verminem*, e que esta palavra se declinou pois **vermen*, *-inis*: cfr. Körtling, *Lat. rom. Wb.*, § 10078 ¹. A nasal de *verme* perdeu-se depois, como em *vime* de *vinde*, e em *pente* de *pentde*; esta ultima palavra e *vinde* ainda agora se usam no povo.

Não vale a pena citar mais factos. O auctor, embara diga no prologo, p. xxv, que consultou as fontes mais auctorizadas, como Diez, Meyer-Lübke e Dozy, não me parece que as estudasse; alem d'isso não

¹ No mesmo caso está o hesp. *lambre*, *nombre* etc., que o Sr. Meyer-Lübke cita quando se occupa do neutro em romãoço: *Gram. der rom. Spr.*, II, § 11.

aproveitou todos os recursos philologicos de que podia dispôr: assim não cita o *Lat.-roman. Wb.* de Körting, cuja 1.^a ed. data de 1891, e é portanto oito annos anterior ao apparecimento do *Novo Diccionario*; não cita os trabalhos da Sr.^a D. Carolina Michaëlis, que lhe teriam poupado mais de uma inexactidão ¹. Para as etymologias contentou-se com seguir geralmente o *Diccionario Manual* do Sr. Adolfo Coelho, que era em verdade pessimo guia.

Ao apresentar etymologias de vocabulos portuguezes, o auctor busca ainda por vezes as d'aquelles de que os portuguezes provêm: por ex., a proposito de *mosca*, diz que o lat. *musca* vem do grego *muia*; a proposito de *nome*, diz que o lat. *nomen* vem do sanscrito *na-man*; a proposito de *nove*, diz que o lat. *novem* vem do sanscr. *navas* (sic): e ainda, num ou noutro caso, vae mais longe, pois diz que o sanscr. *naman* vem de *jua*! Isto não é methodo. Desde o momento que se chegue ao latim, ou a outra lingoa de que a palavra portuguesa provenha, não tem de se ir mais longe; então está-se já nos dominios de outras sciencias, que são respectivamente a Philologia latina, a Philologia grega, etc. Mesmo naquelles limites em que o auctor se espraou, não foi coherente, pois, se umas vezes buscou etymologias ao latim, outras vezes não as buscou. Alem d'isso deu provas de falta de orientação glottologica: de facto, o latim não vem, como affirma, do grego, nem do sanscrito! Essas ideias já ha muito que passaram.

A minha critica podia attingir muitos outros pontos. Todavia, fico por aqui. Apesar do que deixo notado, não negarei que o livro do Sr. Figueiredo, contendo, como contém, numerosos vocabulos novos, seja util; o caso está em consultá-lo com precaução, não confiando demasiado, nem na exactidão de um vocabulo, quando elle for desconhecido, nem nas explicações etymologicas, quando ellas não forem obvias para todos ².

J. L. DE V.

II

VARIA QUAEDAM

—Ueber Personennamen in den Ortsnamen Spaniens und Portugals, por J. Jungfer, Berlin 1902, in-4.^o, 22 pag.—O auctor é professor no Friedrichs-Gymnasium de Berlin. Como elle me diz

¹ A p. 881 do vol. II menciona d'esta Senhora apenas: *Uma obra inédita do condestavel D. Pedro*, e (d'ouvido) *Geschichte der port. Litteratur*,—onde ella não se occupa porém expressamente de etymologias.

² E' possivel que o Sr. Candido de Figueiredo, aproveitando, em nova edição do seu *Diccionario*, as correções que fiz acima, diga: «embora não deva á critica nacional ensinamentos ou correções proveitosas»,—como disse a p. 15 da 2.^a ed. das *Lições practicas*, em que, segundo provei n-*O gralho depennado*, Porto 1894, 3.^a ed., p. 54 66, se tinha utilizado dos factos que citei n-*As Lições de linguagem* do Sr. C. de F. (analyse critica), Porto 1893, 2.^a ed.; mas isso não me importa, porque o intuito da *Revista Lusitana* é servir imparcialmente a sciencia.

em carta, este interessante trabalho extrahi o de uma obra de maior folego¹. Nelle procura principalmente estudar os elementos que na toponymia da Peninsula Iberica provêm de nomes proprios, quer de pessoas, quer de povos: por ex.: iber. *Graccurris*, de Gracchus, cat. *S. Cebriá*, de Cyprianus, port. *Villar de Mouros*, *Bensafrim*, *Bencatel*; para isso consulta os respectivos documentos antigos. O Sr. Jungfer cita tambem a *Revista Lusitana*, e conhece outros trabalhos nacionaes, onde já foram explicados nomes como *Vermoim*, *Recarei*, *Guilhofrei*, *Vairão*, *Sagres*, *Santalha*, *A dos Francos*, etc. Não me parece porém que á phonetica, que constitue a base fundamental d'estes estudos, elle dêsse sempre a devida importancia: assim *Lamêgo* não vem de *Límici*, que tem accentuação diversa (além d'isso ha grande afastamento geographico); *Garcia* não me parece ter nada com *Arctius*; *Pacheco* não pôde derivar-se de *Paciaecus*; a etymologia de *Alemquer* é muito duvidosa.—O gotico *reiks* não significava, como diz, propriamente «rex», mas «Herrscher».

—O Sr. capitão d'engenheiros F. M. Esteves Pereira, que já por mais de uma vez tem honrado a *Revista Lusitana* com a sua collaboração, e que não só é escriptor muito erudito e escrupuloso, mas se occupa, com toda a competencia, e sem nenhum estardalhaço, de assuntos que entre nós raro se vêem tratados, deu ultimamente a lume os seguintes escritos:

a) **Conversão de um rei da India ao Christianismo**, Lisboa 1900, 31 pag. in-8.^o gr. e (*Observações complementares*, 4 pag.). Tradução portugueza do texto ethiopico da homilha do archanjo S. Miguel, attribuida a Severo, arcebispo de Antiochia (sec. vi), na qual vem a historia do mercador Ketson convertido ao christianismo por intervenção de S. Miguel. O Sr. Esteves supõe que esta historia é de origem buddhica, e junta a proposito muitas observações e elementos bibliographicos de valor.

b) **Légende grecque de l'homme de Dieu Saint-Alexis**, Bruxellas 1900, 253 pag. in-8.^o gr. (Extr. dos *Analecta Bollandiana*, t. xix). Edição do texto grego, anterior ao sec. ix, da vida de S. Alexis, do que o Sr. Esteves tinha tambem publicado uma redacção portugueza na *Rev. Lusit.* (vol. i, p. 332). A presente edição baseia-se em um cod. da Bibliotheca do Vaticano, a que elle junta variantes contidas em cod. da Bibliotheca Nacional de Paris e da Bibliotheca Bodleiana de Oxford. Para o seu estudo, o Sr. Esteves serviu-se de

¹ O plano da obra ainda inedita é o seguinte:

I. 1) Nomes Ynaconcos, 2) Ibericos, 3) Celticos, 4) Phenicio-Carthagineses, 5) Greco-Romanos, 6) Germanicos, 7) Arabicos.

II. Nomes Romanicos, dispostos por assuntos: lagoa, constituição do solo, vegetação, reino animal, Igreja, agricultura, commercio, industria, historia. E isto em relação a Castella, Astúrias, Galliza, Catalunha, Portugal etc.

Com relação a Portugal, cf. tambem o que escrevi na *Rev. Lusit.*, III, 224.

photographias dos mss. — E' a este trabalho que se refere o artigo do Sr. Epiphânio Dias cit. na *Rev. Lusit.*, VII, 78.

c) **O santo martyr Barlaam**, Coimbra 1901, 35 pag. in 8.º gr. (Extr. do *Instituto*, vol. XLVIII). Este opusculo contém a trad. port. do texto grego do martyrio do santo martyr Barlaam (cod. n.º 807 da Bibl. do Vaticano), acompanhada de varias considerações historico-litterarias. S. Barlaam, que já no sec. IV era tido com muita veneração pelos christãos do Oriente, crê-se que soffreu o martyrio de receber na palma da mão incenso a arder, a fim de que, com um movimento involuntario d'esta, deixasse cair alguns grãos sobre o altar dos deuses. O Sr. Esteves compara com esta lenda a de Mucio Scaevola, contada por Tito Livio (*Ab Urbe condita*, II, IX-XIII), segundo a qual o jovem romano, deante do Porsenna, rei da Etruria, metteu a mão num braseiro acceso, destinado a sacrificios. Da comparação das duas lendas suppõe o auctor do opusculo que ambas provêm de uma anterior, — d'onde se conclue que S. Barlaam, como tantos outros santos que figuram nos agiologios, nunca existiu. — Não se confunda este *Barlaam* com o que anda noutras lendas associado a Josaph ou Josaphat, lenda cuja origem se tem por buddhica.

d) **O naufrago**, — conto egypcio, Coimbra 1901, 23 pag. in-8.º gr. (Extr. do *Instituto*, vol. XLVIII). Estudo de um conto encontrado em 1881 por W. Golénischeff num papyro do Museu do Eremiterio Imperial de S. Petersburgo. Este conto, que o Sr. Esteves traduz, segundo as versões que d'elle deram o referido Golénischeff, Maspero e Flinders Petrie, tem analogias com a lenda da ida de Ulysses á terra dos Pheácios, contada na *Odysséia*, e com a historia de Sindabad das *Mil e uma noites*; e tambem d'elle se encontra, ao que parece, um echo nos antigos Abexins (Ethiopia). Eis o resumo do conto: um Egypcio, tendo embarcado com destino ás minas do Pharaó, naufragou, e foi ter a uma ilha, cujo senhor era um dragão do desmesurada grandeza, que o tratou com muita benevolencia, lhe predisse o seu regresso á patria, e ao partir lhe deu de presente muitos productos preciosos, do que abundava o pais sujeito ao seu dominio. A ilha suppõe-se ser *Socotórá*, no Oceano Indico. O senhor d'ella diz ser soberano do pais de *Punt*. Esta palavra, segundo o parecer dos egypciologos, decompôr-se-ha em *Pouen-at*, sendo *-at* a terminação feminina, e *Pouen* identico ao lat. *Poeni* e ao gr. *Phoinikes*, vindo pois *Punt* a designar Socotórá e as vizinhas costas da Arabia e da Africa. A proposito falla o Sr. Esteves das modernas investigações archeologicas estrangeiras em Maxona e no Transvaal, onde se encontraram ruinas em que se julga haver a acção dos Phenicios que ali iriam explorar as minas de ouro, — verdadeiros precursores de Cecil Rhodes! Podia o Sr. Esteves citar a este respeito varias noticias portuguezas, — algumas já do sec. XVI: vid. *Boletim da Soc. dos Archeologos do Carmo*, 3.ª série, t. VII, p. 54 sqq. (artigo de G. Pereira). — Todavia alguns eruditos crêem hoje que essas ruinas devem antes attribuir-se aos Arabes (sec. VIII da E. C.) do que aos Phenicios. J. L. DE V.

INDICE

Artigos desenvolvidos:

Pag.

<i>Observações sobre alguns textos lyricos da antiga poesia peninsular—</i> por D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos	1
<i>Dialectos algarvios—</i> por José Joaquim Nunes	33, 104 e 244
<i>Cantigas graphicas—</i> por J. C.	56
<i>Documentos antigos da Beira—</i> por Pedro A. d'Azevedo	59
<i>Uma canção de D. Denis—</i> por O. Nobling	65
<i>Etymologias portuguezas—</i> por J. Leite de Vasconcellos	68
<i>O Guinéense—</i> por M. Marques de Barros	81, 166 e 268
<i>Materiaes para o estudo da paremiographia portuguesa—</i> por Sousa Vi- terbo	97 e 161
<i>Arremessos symbolicos na poesia popular portuguesa—</i> por J. Leite de Vasconcellos	126
<i>Linguagens fronteiriças de Portugal e Hespanha—</i> por J. Leite de Vas- concellos	133
<i>Martyrio dos Santos Martyres de Marrocos (ms.)—</i> por F. M. Esteves Pereira	189
<i>Estudos de philologia gallega—</i> por J. Leite de Vasconcellos	198
<i>Nuevas desquisiones acerca de Juan Alcares Gato—</i> por D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos	241
<i>Tradições portuguezas—</i> por A. Thomás Pires	265
<i>Silva mirandesa—</i> por J. Leite de Vasconcellos	282

Miscellanea:

<i>Tres documentos em portuguez antigo—</i> por Pedro A. d'Azevedo	73
<i>Um dictado topico—</i> por Armando da Silva	75
<i>Proverbios ou sentenças sobre as mulheres—</i> por Pedro A. d'Azevedo	76
<i>Tenção entre D. Affonso Sanchez e Vasco Martins—</i> por J. L. de V.	145
<i>Tradições populares—</i> por A. Thomás Pires	148
<i>Satira á linguagem de Palaçoulo—</i> por J. L. de V.	148
<i>Dizer d'alguem cobras e lagartos—</i> por Eugénio Pacheco e D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos	230
<i>A tia Bâtista—</i> por J. L. de V.	239
<i>Notas philologicas—</i> por Julio Moreira	302
<i>Dar tres voltas ao penedo—</i> por J. L. de V.	306
<i>Reparações paleographicas—</i> por P. A. d'Azevedo	306

Necrologia:

D. Cecília Schmidt Branco	80
-------------------------------------	----

Chronica :

Curso de historia da poesia portugueza em Nova York	80
---	----

Bibliographia:**I. LIVROS :**

<i>Grammatica historica da lingua portugueza</i> , do dr. A. G. Ribeiro de Vasconcellos—por J. L. de V.	149
<i>Novo Dicionario da lingua portugueza</i> , de Candido de Figueiredo—por J. L. de V.	307

II. PERIODICOS:

<i>A Tradição</i> —por J. L. de V.	155
--	-----

III. VARIA QUAE DAM:

<i>L'île de San-Thomé</i> —de Almada Negreiros	78
Trabalhos de Epiphânio Dias	78
<i>Estudos de philologia mirandesa</i> , vol. I e II—de J. L. de V.	78
<i>Esquise d'une dialectologie portugaise</i> —do mesmo	79
<i>Normas orthographicas</i> —de M. de Lemos	79
<i>Estudos praticos da lingua portugueza</i> —de A. F. Barata	79
Trabalhos de D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos	79
<i>Raças e linguas de Moçambique</i> —de A. d'Ornellas	79
<i>As mouras encantadas</i> —de Athaide de Oliveira	79
<i>A giria portugueza</i> —de A. Bessa	80
<i>Portugalia</i>	80 e 158
<i>O Archeologo Português</i>	80
<i>Cantos populares</i> —de A. Thomás Pires	80 e 159
<i>Nações de grammatica galuli</i> —de Alves da Silva	158
<i>Gazeta Illustrada</i>	158
<i>Le Cours Supérieur de Lettres</i> —de Adolfo Coelho	158
<i>Historia da poesia popular</i> —de Th. Braga	158
<i>Costumes de S. Thomé e Príncipe</i> —de Castro e Moraes	159
<i>Refrancisco portuguez</i> —de Sousa Viterbo	160
<i>Einführung in das Studium der rom. Sprachen</i> —de Meyer Lübke	160
<i>Contos tradicionais do Alentejo</i> —de Athaide d'Oliveira	160
<i>Ueber Personennamen</i> —de J. Jungfer	312
Trabalhos de Esteves Pereira	313